INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

# IBN KHALDUN

# OS PROLEGÔMENOS
ou
# FILOSOFIA SOCIAL

TRADUÇÃO INTEGRAL E DIRETA DO ÁRABE

DE

JOSE KHOURY
membro do INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

E

ANGELINA BIERRENBACH KHOURY
Catedrática de Ciências na Escola Normal
Alexandre de Gusmão, desta Capital

COM INTRODUÇÃO POR JAMIL ALMANSUR HADDAD

TOMO PRIMEIRO

Em apêndice a AUTOBIOGRAFIA de IBN KHALDUN, um planisfério e mapas de IDRISSI e um vocabulário árabe-português

EDITORA COMERCIAL SAFADY LIMITADA

SÃO PAULO
1958

OPINIÃO DA IMPRENSA

## A "FILOSOFIA SOCIAL" DE IBN KHALDUN

**Jamil Almansur Haddad**

O casal José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury, deu-se ao trabalho afanoso e quase terrível de, nas suas horas de ócio, verter para o português, diretamente do original árabe, e juntando-lhes prefácio e notas, os **Prolegômenos** de Ibn Khaldun.

Pràticamente, nesta terra ninguém sabe quem é Ibn Khaldun, homem do norte da África, principalmente da Tunísia. Diga de quem se trata, E. F. Gautier no seu "Les Siècles Obscurs du Maghreb": "Único e esmagador, chega mesmo a ser genial. Durante a Idade Média, a história do Magrib seria uma mixórdia indecifrável, sem Ibn Khaldun... Que um homem sòzinho, ou quase sòzinho, possa restituir à humanidade a sua memória, abolida no decorrer de um milênio, e isto para uma porção importante do planêta, eis aí uma grande honra".

Carra de Vaux, no "Les Penseurs de l'Islam" esclarece ainda: "Nunca espírito algum teve concepção mais nítida do que pode ser a Filosofia da História. A psicologia dos povos, as causas de suas variações, o modo de formação e de evolução dos impérios, a diversidade das civilizações, o que as corrompe ou lhes estorva a marcha, são questões que êle apresenta da maneira mais consciente na obra intitulada **"Os Prolegômenos"**.

O "Dictionnaire des Sciences Economiques", 1955, considera-o "o precursor dos economistas". Por sua vez, Baudin: "Surpreendemo-nos ao constatar o rigor do método baseado sôbre a lei da causalidade, e o número de conceitos, novos em seu tempo, que são tratados quatrocentos anos antes de Adam Smith. Ibn Khaldun analisa a divisão do trabalho, a especialização por profissão e ofício... Não exageramos em considerá-lo um grande precursor. Ibn Khaldun admitiu o carácter produtivo dos serviços, coisa que o próprio Smith não chegou a admitir; deve-se-lhe uma teoria a respeito da moeda, do valor, deve-se-lhe, sobretudo, o que constitue a primeira teoria relativa ao "optimum" de população.

Podemos incluir aí uma opinião brasileira (V. de Miranda Reis: "Ensaios de Síntese Sociológica"): "Ibn Khaldun, que foi único, excepcional, verdadeiro fenômeno do século XIV, com uma visão sociológica adiantadíssima, não só relativamente aos seus contemporâneos, mas ainda aos Montesquieus, aos Comtes, e aos aprioristas, unilateralistas atuais dos quais não poucos muito teriam que aprender com êle".

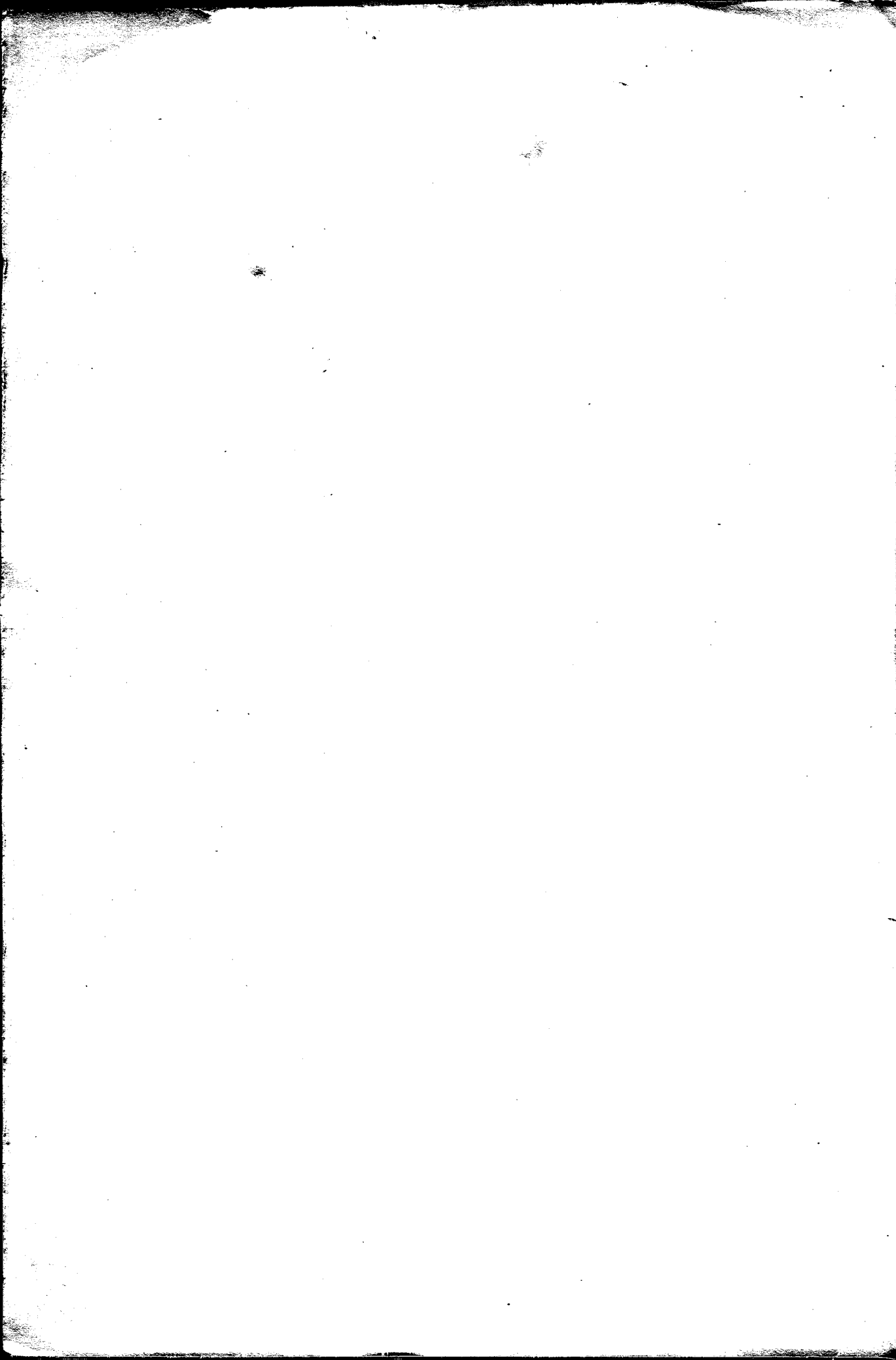
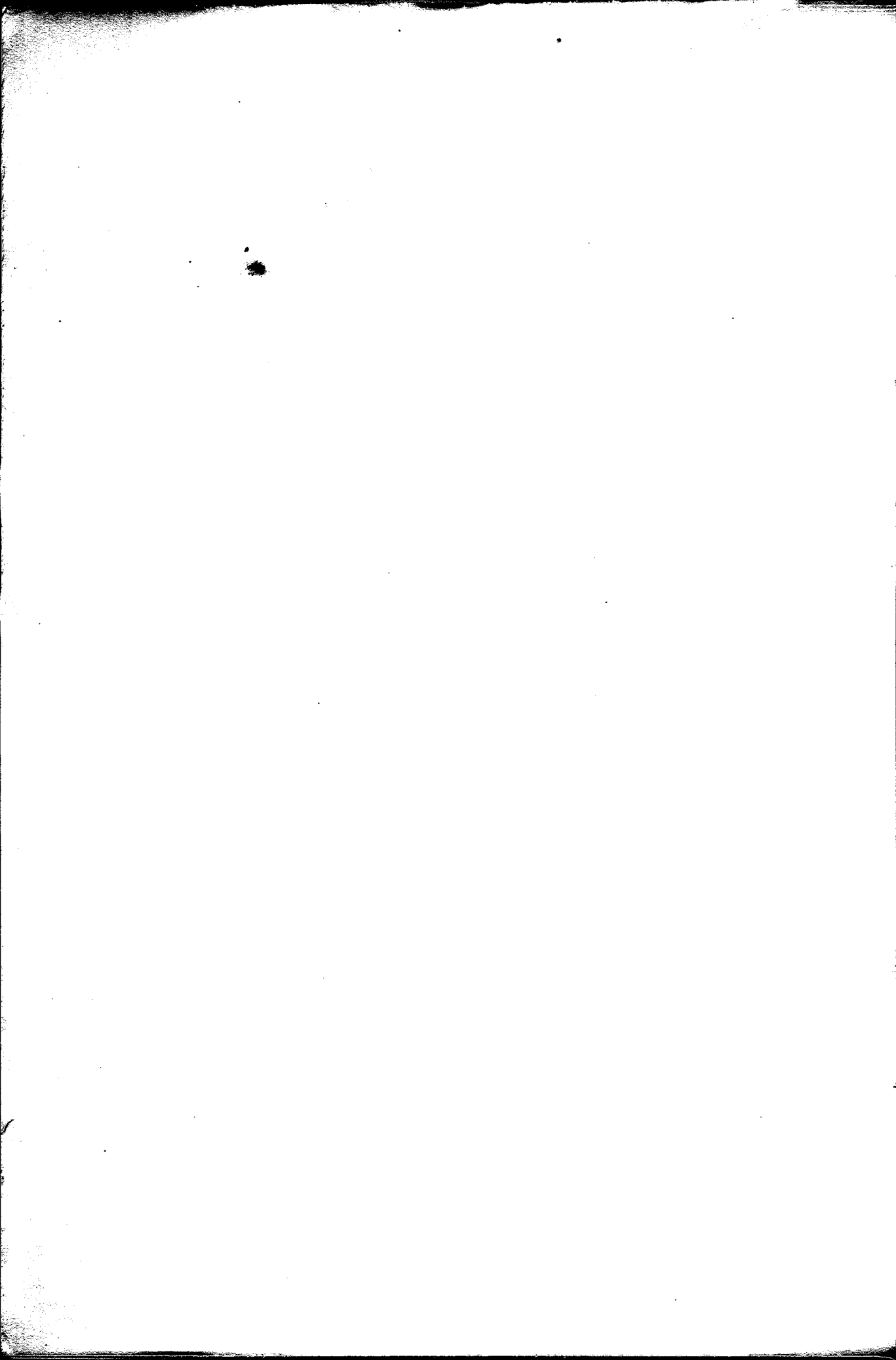
**Os Prolegômenos** aparecerão em nossa língua, em três alentados volumes. Não tenho adjetivos para qualificar o mérito dessa tradução. O mínimo que dela se pode dizer, é que se trata de um acontecimento de primeira grandeza na própria bibliografia universal.

(Paisagem e Memória — "Folha da Manhã" de 10 de julho de 1958)

* * *

**Judas Isgorogota**

Se o aparecimento do genial Ibn Khaldun — o Pai da Sociologia — no século XIV, confirma a tese de que os grandes surtos do pensamento sucedem-se aos períodos de maior esplendor, por isso que o notável historiador do Magrib surgiu em plena decadência do Império árabe ,não menos injustificável deve ser incluí-lo entre aqueles que, vindos da Idade Média, propiciaram ao mundo moderno os primeiros clarões da Renascença.

**(conclui na terceira página da capa)**

# OS PROLEGÔMENOS
ou
# FILOSOFIA SOCIAL

*"Dans une traduction, la faute capitale est d'introduire des élégances qui ne sont pas dans le texte, et qui constituent un apport indiscret de l'interprète... Défiance anvers lui-même, anvers sa propre imagination et son propre tempérament, telle est sa loi."*

F. Robert: L'Humanisme, p. 50.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

# IBN KHALDUN

## OS PROLEGÔMENOS
ou
# FILOSOFIA SOCIAL

TRADUÇÃO INTEGRAL E DIRETA DO ÁRABE

DE

**JOSÉ KHOURY**

membro do INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

E

**ANGELINA BIERRENBACH KHOURY**

Catedrática de Ciências na Escola Normal
Alexandre de Gusmão, desta Capital

COM INTRODUÇÃO POR JAMIL ALMANSUR HADDAD

Em apêndice a AUTOBIOGRAFIA de IBN KHALDUN, um planisfério
e mapas de IDRISSI e um vocabulário árabe-português

TOMO PRIMEIRO

SÃO PAULO
1958

## PROLEGÔMENO AOS PROLEGÔMENOS

*As palavras de apresentação que se me pedem são absolutamente dispensáveis. Sem falsa modéstia, nem legítima, ficam estas considerações assim como rabiscos que um turista distraído deixa no mármore de um monumento venerável.*

*A edição brasileira dos "Prolegômenos" vai romper em nossa terra o debate sôbre o pensamento de Ibn Khaldun. E o nosso pensador é multifacetado. O que seja a sua obra de filosofia da história deverá merecer uma atualização nova, desta vez brasileira. O que seja a sua sociologia (êle não conhecia ainda o nome exato a dar a esta ciência...) é outro assunto de pesquiza. A sua situação de precursor deverá ser estabelecida nos mais diversos territórios do espírito. Há uma série de posibilidades de trabalho que esta versão oferecerá aos estudiosos brasileiros. É de estudar-se o sentido exato de sua atuação no século XIV árabe e universal. A sua aparição na Queda do Império...*

*Figura de decadência? Já se tem observado que grandes surtos do pensamento em vez de coincidirem com momentos de maior esplendor econômico ou de civilização, sucedem--nos. Ibn Khaldun confirma a tese: Não pode ser o vagido inicial do grande império islâmico que se formava. É antes o canto do cisne.*

*Porque os árabes decairam? O que liquidou com o Império Romano? o Britânico? Assunto que antes de ser de*

*Toynbee e de tantos outros foi de Ibn Khaldun. Tema Khalduniano para a meditação de nossos pensadores e que em nossos dias de eclipse do colonialismo adquire cruciante atualidade.*

*E esta tradução? Se existe um problema básico do pensamento filosófico e social brasileiro — apesar de tudo um pouco mais do que nascente — êste é o da busca e publicação de textos fundamentais. Se as grandes obras do pensamento universal, não tiverem que se restringir a uma elite de poliglotas, temos que no problema básico se chamará tradução; e esta, é uma arte que no nosso caso não poderá ser tradução de tradução, às vêzes um aproveitamento de têxto castelhano que nos reproduz através do francês um autor alemão. Ibn Khaldun teve sorte: os tradutores foram diretamente às origens árabes. É porisso que reitero o que já escrevi alhures: trata-se de acontecimento importante da própria bibliografia universal. Acredito que esta edição brasileira esteja em condições de suscitar outras versões ocidentais: o contrário do que sempre se fazia... Desta vez o Brasil é que estará em condições de assumir o papel de foco irradiador do pensamento de Ibn Khaldun, coroado em nosso meio de uma aura de desconhecimento ou de esquecimento, totalmente injusta.*

*Dentro do que estou em condições de observar, tive a alegria de ver que os autores conseguiram excelentemente a fidelidade ao têxto original. E a língua portuguesa em que o têxto arábico ilustre acabou sendo vasado é de primeira ordem.*

*O Instituto Brasileiro de Filosofia, prestigiando a grande tradução dos "Prolegômenos", pondo sob a sua égide êste trabalho pioneiro de José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury, dá uma prova de atualidade, de atuação, de presença das mais altamente meritórias.*

*São Paulo, novembro de 1958*
*Jamil Almansur Haddad*

## PREÂMBULO

Neste momento trágico da História do Mundo, em que as margens outrora plácidas do Mediterrâneo, que embalaram os sonhos dos Sábios, dos Profetas e dos conquistadores, e viram nascer as mais serenas filosofias e se desenrolarem as mais sangrentas batalhas, se acham batidas por um vendaval de reivindicações abrindo novos horizontes e cristalizando novos ideais; neste momento, em que todo o Mundo Árabe e até a própria África do Norte, depois de tantos séculos de letargia, retomam consciência de si, e, sentindo o mesmo latejar de vida, despertam para todos os rejuvenescimentos, nesta hora cheia de apreensão, de dúvida e de esperança, o espírito se nos volta instintivamente para uma das figuras de mais destaque da Terra Moura, e para uma das mais fulgurantes inteligências que conheceram estas terras de antigas civilizações e lhes vislumbraram o futuro: Ibn Khaldun.

Berço, campo de ação e teatro da atividade transbordante de nosso Autor, a África do Norte, e particularmente Tunis, "a Verdejante e bem guardada de Allah", se orgulha de ter dado ao mundo, a par de um Aníbal e de um Santo Agostinho, êste

pioneiro da Sociologia, que se revelou também historiador, filósofo e jurista consumado.

* * *

Bem acima de nossa humilde palavra, ergue-se a opinião de eméritos críticos para dizer seu conceito acêrca do homem e de sua obra, a qual temos agora a honra de apresentar ao público brasileiro, vertida pela primeira vez diretamente do árabe, versão em que, digamos de passagem, o original muito ganhou e aparece nada ter perdido de seu próprio vigor ao passar para a língua de Camões e de Rui, a não ser — desculpem-nos a vaidade — alguns floreios e ouropéis muito em uso na língua do Alcorão.

Citemos alguns, dos mais significativos:

"Entre os historiadores árabes, pelo menos os do Magrib, Ibn Khaldun é único e esmagador, chega mesmo a ser genial. Durante a Idade Média, a história do Magrib seria uma mixórdia indecifrável, sem Ibn Khaldun... Que um homem sòzinho, ou quase sòzinho, possa restituir à Humanidade a sua memória, abolida no decorrer de um milênio, e isto para uma porção importante do planeta, eis aí uma grande honra, ou, em todo o caso, uma "chance excepcional" (1).

"Nunca espírito algum teve concepção mais nítida do que pode ser a Filosofia da História. A psicologia dos povos, as causas de suas variações, o modo de formação e de evolução dos Impérios, a diversidade das Civilizações, o que as corrompe ou lhes estorva a marcha, são questões que êle apresenta da maneira mais consciente na obra intitulada "Os Prolegômenos" (2).

Mais uma citação de autores franceses, que foram — forçoso é reconhecê-lo — os primeiros a

---

(1) E. F. Gautier: *Le Passé de l'Afrique du Nord*, éd. 1937, p. 81.

(2) Barão Carra de Vaux: *Les Penseurs de l'Islam*, T. I, p. 278.

revelar Ibn Khaldun ao mundo e os que mais se empenharam em aprofundar e divulgar a sua obra. No recentíssimo **Dictionnaire Des Sciences Economiques**, 1955, *no artigo consagrado a nosso autor*, lemos o seguinte: "Ibn Khaldun: nascido em 1332 e falecido em 1406: homem de Estado a quem se devem os Prolegômenos que, sem dúvida, fazem dêle o precursor dos economistas". Por sua vez, diz Baudin: "Surpreendemo-nos ao constatar o rigor de método, baseado sôbre a lei da causalidade, e o número de conceitos, novos em seu tempo, que são tratados quatrocentos anos antes de Adam Smith. Ibn Khaldun analisa a divisão do trabalho, a especialização por profissão e ofício... Não exageramos em considerá-lo um grande precursor. (R. E. C. 1947) Ibn Khaldun admitiu o carácter produtivo dos serviços, coisa que o próprio Smith não chegou a admitir; deve-se-lhe uma teoria sôbre a moeda, sôbre o valor, deve-se-lhe sobretudo o que constitui a primeira teoria relativa ao "optimum" de população".

No concêrto universal de louvores enaltecendo as decobertas de um pioneiro da Ciência Social, não podia faltar a voz do Brasil, que, embora afastado dos assuntos orientais, não é indiferente às grandes *causas e está sempre pronto a proclamar o mérito.* Maior e mais alto conceito sôbre nosso Autor não se poderia formar do que o expresso nos seguintes têrmos: "A explicação econômica dos fatos econômicos só começa a ensaiar-se ao fim do Século XIII... sobretudo com Ibn Khaldun, que foi único, excepcional, verdadeiro fenômeno do século XIV, *com uma visão sociológica adiantadíssima, não só* relativamente aos seus contemporâneos, mas ainda aos Montesquieus, aos Comtes, e aos aprioristas, unilateralistas e sobrenaturalistas atuais, dos quais não poucos muito teriam que aprender com êle" (3).

---

(3) V. de Miranda Reis: *Ensaios de Synthese Sociológica*, 2.ª ed. 1935, p. 23.

* * *

Passando para uma outra ordem de idéias, damos a palavra a um reconhecido e autêntico orientalista, cuja opinião julgamos conveniente apresentar, não porque as precedentes tenham deixado de lançar bastante luz sôbre Ibn Khaldun, porquanto não se poderiam desejar nem mais altas, nem mais profundas, mas porque se reveste de um significado verdadeiramente excepcional. O eminente Professor da Universidade de Roma, F. Gabrielli, perfeito conhecedor da língua e da literatura árabes, evidencia ter compreendido muito bem Ibn Khaldun, quando nos alerta sôbre as precauções ou disposições de espírito com que se deve abordar êste fidalgo do Magrib, ao mesmo tempo tão altaneiro e tão fino, para poder entrar na sua intimidade, penetrar-lhe a alma e o pensamento, enfim, para compreendê-lo e fazê-lo compreender. Diz êle: A obra de Ibn Khaldun, única pela originalidade e pela profundeza na historiografia árabe da Idade Média, não é de fácil acesso, mesmo ao especialista. A falta de uma edição crítica, o próprio estilo de Ibn Khaldun... tornam difícil a reconstituição perfeita do texto e a interpretação exata de seu pensamento. A única versão integral da "Muqaddima", feita em francês por De Slane, deveria ser profundamente revista, em especial no que diz respeito à parte técnica sôbre a Civilização Muçulmana. Uma fixação do texto e uma versão exata, com comentário adequado, seriam os trabalhos mais urgentes do arabista, uma obrigação da Cultura Moderna, árabe e européia, para com êste monumento solitário do pensamento medieval islâmico, digno de entrar em comparação com as melhores manifestações do pensamento ocidental, até à Renascença, e mesmo depois" (4).

---

(4) F. Gabrielli: *Storia della Lett. Araba,* Milano, 2.ª ed., p. 290.

Atrevemo-nos a dizer ao sábio Professor e laureado acadêmico que seu desideratum, ao menos parcialmente e no que tange ao texto, foi preenchido, graças ao zêlo, aos esforços e à dedicação dos Orientalistas e dos amigos da Cultura árabe (esta Cultura que marca para sempre os que a amam), particularmente dos Amigos de Ibn Khaldun.

Uma edição crítica da Obra histórica dêste grande escritor acaba de ver a luz nas oficinas de "Dar A-Kitab Al-Lubnani", na Capital do Líbano, sob os cuidados do investigador e eminente Professor Iussef Assad Dagher. Sob todos os pontos de vista, esta edição satisfaz as exigências de fundo e de forma.

Quanto à versão de De Slane (que, aliás, não foi possível achar), cuidados ingentes foram por nós tomados, Deus sabe à custa de quantos sacrifícios, para coletar, por tôda parte, as muitas observações críticas, emendas e correções relacionadas com esta obra monumental, feitas durante quase um século, com o fim de enriquecer o nosso trabalho.

Pelo que acaba de ser dito, a parte que nos toca pessoalmente nesta tradução é mínima. Todo o merecimento e todos os esforços cabem a uma plêiade de Mestres e de Amigos que graciosamente nos quiseram auxiliar, contribuindo com sua grande competência para que possamos oferecer ao Brasil, a nossos filhos brasileiros, uma obra menos indigna dêste grande País, e que não desdoure da cultura das Colônias Libanesa e Síria, que nos permitiu realizar um sonho de quarenta anos.

Pois, há quarenta anos que acalentamos êste sonho e acariciamos a realização de tão grande empreendimento!

Por si só, tal distância revela quão desmedida era nossa ambição e quanto havia de loucura em nosso intento! Quanta obstinação e quanta luta!

O que, por vezes, mais nos apavorava era a idéia de vermos fracassados tantos esforços. E era então que alguma coisa mais forte que a adversidade, as dúvidas e os desalentos surgia para nos dizer que persistissemos: A Grande Nação que nos deu a hospitalidade e onde nasceram nossos filhos bem merece esta prova de dedicação e afeto. Como desistir, então? Porque haviamos de recear, mormente quando sentiamos o Brasil tão de perto, quando a sua presença é tão real em nós, quando nos fala pela voz de uma mulher, de uma esposa, que, ombro a ombro, lado a lado, nas horas de felicidade como nas horas tristes, qualquer que seja o furor da tempestade, não cessa de nos inculcar, no mais fundo da alma, seu dinamismo, uma fé que não conhece limites e uma audácia triunfante?

* * *

Oferecendo Ibn Khaldun ao Brasil, oferecem os Árabes, os Libaneses e os Sírios mais do que uma obra científica de valor histórico incontestável. O que oferecem é algo mais íntimo e que lhes vem do coração. Ibn Khaldun foi para nós que falamos o árabe, um familiar, um amigo conhecido e querido desde os bancos da escola. Desde pequeninos, o admiramos, o frequentamos como escritor elegante, como um modêlo de estilo proposto por nossos mestres a nossas incipientes aspirações literárias. O seu livro era como a nossa Bíblia: liamo-lo com avidez e o decorávamos com gôsto. Pois bem, é esta lembrança de nossa mocidade, é êste amigo de nossa infância que a Colônia se alegra de oferecer ao Brasil. Nós próprios vimos esta alegria se estampar no rosto de todos quantos vinham a ter conhecimento da alviçareira notícia: Ibn Khaldun, brasileiro de língua!

* * *

Se a Colônia se sente honrada com a oferta que faz ao Brasil, não se sente menos feliz ainda

— se é possível — com fazer a mesma oferenda aos próprios filhos, pondo-lhes entre as mãos, ou melhor, restituindo-lhes parte de um legado transmitido por seus maiores.

A mocidade que se ufana de sua origem sírio-libanesa, tão bem integrada na Sociedade e na Cultura brasileira, mocidade tão galhardamente espalhada por todos os caminhos do presente e que galgou muitas posições e das mais eminentes no mundo do pensamento, assim como também no mundo dos negócios, da indústria, da alta finança e da política; esta mocidade tão orgulhosa de sua capacidade realizadora, quando olha para o passado sentir-se-á como que diminuida e, até certo ponto, desencantada, por se ver sem o riquíssimo legado espiritual, intelectual e literário, que sabe ter pertencido a seus antepassados de além-mar. Ora, esta mocidade, ávida de saber, de prestígio e de honrarias, quer aureolar-se de tôdas as glórias. Herdeira que é de duas Civilizações e de duas Culturas, entrou na posse de uma delas ao integrar-se na vida brasileira, enquanto a outra, a que faz jus por sua ascendência oriental, tem-lhe sido negada, ficando as suas arcas avarentamente trancadas.

Mas a rica herança de muitos séculos de saber está aí intacta, pura, genuína . . . E, entretanto, cada vez se torna mais inacessível às novas gerações, que não conhecem o árabe. . . Como não queremos que tão valiosa herança se perca ou se torne sem proveito para as jovens inteligências, escolhemos, nas venerandas arcas dêste tesouro antigo, uma das pérolas mais preciosas. Para ofertá-la a nossos filhos, escolhemos a forma mais elegante que nos foi possível, e a linguagem mais singela e clara. Em tão precioso cofre, que se desejaria fôsse de puro ouro, lavrado com amor e carinho, o avô empenhou tôda sua alma para que os netos o apreciem melhor e o guardem como suave lembrança.

Como lembrança dêle! Como lembrança da Terra onde os Pais nasceram e de onde vem a Luz:
"Ex Oriente Lux!"

* * *

Não podemos encerrar estas páginas sem externarmos nossos sentimentos de profunda gratidão para com a Colônia que tornou possível a vinda à luz desta obra. Todos os nossos agradecimentos se dirigem, em primeiro lugar, às Autoridades Consulares, que tomaram a iniciativa de oferecer às Instituições científicas do País um grande número de exemplares, para nelas perpetuarem a lembrança e o símbolo de nossa amizade. Agradecemos a Sua Ex. O Snr. Cônsul Geral do Líbano em S. Paulo, tão valiosa iniciativa. Sua Excia. o Doutor Jean Hadji-Thomas, inteligência fulgurante, brilhante literato e fino diplomata, tem a paixão dos livros sôbre orientalismo. Ibn Khaldun fica-lhe devendo sua difusão no Brasil.

Por sua vez, S. Excia. o Cônsul Geral da República Árabe Unida, Dr. Abdul-Majid Traboulsy, além de seu encorajamento, teve a amabilidade de indicar-nos o que foi a contribuição do Oriente para a divulgação de Ibn Khaldun, tais como teses de doutorado e outros trabalhos versando sôbre nosso Autor; o que lhe agradecemos penhorados.

* * *

A Coletividade respondeu generosamente ao apêlo dos Chefes. Vendo a emulação de seus membros, dir-se-iam gostosamente empenhados, e de há muito concertados em saldar uma antiga dívida de honra, sòmente esperando a ocasião. No LIVRO DE OURO de IBN KHALDUN poder-se-á ver quanto a nossa querida Colônia se empenha em honrar seu título e sua fama de Mecenas DAS LETRAS E DAS ARTES.

São Paulo, novembro de 1958.
Os Tradutores

# Prefácio do Autor

Em nome de Allah misericordioso e clemente.

Eis o que diz Abd-ur-Ruhman Ibn Muhammad Ibn Khaldun, nativo de Hadramut, pobre servidor de Allah, que pede misericórdia a seu Senhor que já de antemão o cumulou de benefícios. Que Deus Altíssimo lhe dê amparo e sucesso!

Louvoures a Deus, a quem pertencem glória e poderio e que tem em suas mãos os reis e os impérios, e que se reveste de nomes magníficos e atributos excelsos! Ser onisciente para quem nada é oculto do que revela a palavra ou sussurra o silêncio! Ser todo poderoso, a Êle nada resiste e nada escapa, tanto nos céus como na terra! Foi Êle que da terra nos formou soprando-nos a vida, como foi Êle que no-la entregou para fazê-la crescer, formando raças e gerações e nos permite que encontremos nela com facilidade a própria subsistência e o quinhão de cada dia! Contidos, como fomos, primeiro, no seio materno, ou encerrados, depois, em moradias e habitações, à Sua bondade devemos o sustento e a vida! E, enquanto a existência de todos os seres é, dia a dia, votada ao desgaste, e as instituições humanas têm um têrmo inexorável fixado no livro do Destino, o Eterno goza de permanência e estabilidade!

Bênção e paz sôbre o Senhor nosso, Muhammad, o Profeta árabe, cujo nome consta no Pentateuco, como é mencionado no Evangelho (1)! Salve aquêle para cujo nascimento o universo entrou em trabalho antes mesmo que começasse a sucessão dos sábados e dos domingos (2), e antes de existir o espaço que separa Zuhal do Bohemot (3)! Salve aquêle cuja veracidade

---

(1) — Os doutores muçulmanos pretendem (seguindo nisso as pretensões do próprio profeta) que, tanto o Velho Testamento como o Novo, predisseram a vinda de Muhammad. Eis os textos que lhes serviriam de base: "E disse (Moisés): O Senhor veio de Sinai, e nasceu de Seir para nós; apareceu sôbre o monte Farán". (Deut. XXXIII:2). Seir, cadeia de montanhas que se estende do Mar Morto até o Mar Vermelho; é, na opinião dêles, o monte onde Jesus recebeu o Evangelho; Farán, seria a Meca com os montes que a circundam. Pode-se lhes responder que Farán é o deserto que se estende desde o Sinai até os limites meridionais da Palestina, região desértica onde os Israelitas passaram trinta e oito anos. — O segundo versículo seria êste: "De Sião é que vem o resplendor da sua formosura" (Ps. XLIX:2" Segundo a versão siríaca, o texto hebraico significaria: "De Sião é que Deus ostentou uma coroa de glória". Ora, dizem, a coroa, é o reino do Islame, e "glória" é o equivalente de "louvor", que é o sentido de Muhammad, ou o louvado. — No Novo Testamento, encontra-se o seguinte, no Evangelho de S. João (XVI:7): "Se eu não fôr, o Paracleto não virá até vós". Os Muçulmanos pretendem que os Cristãos alteraram o texto dos livros Sagrados, e que, com o intuito de fazerem desaparecer tudo o que se relacionava com a missão de Muhammad, substituiram por "paracletos" a "periclytos" (inclytus, celebris), palavra que é o equivalente de Ahmad ou digno de louvor; ora, no Alcorão, no versículo 6 da S. LXI, dá-se o nome de Ahmad a Muhammad". — Salvo indicação contrária, reproduzimos as anotações de De Slane; quando são reconhecidamente superadas, seguiremos as indicações da Encic. do Islame e de outras fontes autorizadas.

(2) — Crença fundada, entre os Muçulmanos, sôbre estas palavras que a tradição atribui a Muhammad. "Adão era ainda entre o corpo e o espírito, entre a água e o barro, que eu já era profeta". Outra tradição diz: "A primeira coisa que Deus criou foi a minha luz".

(3) — Isto é, o espaço que separa o Planeta Saturno (Zuhal), ou Sétimo Céu, da parte inferior do mundo criado. O têrmo "bohemot" é emprestado à língua hebraica e tem o significado de animal, besta.

foi atestada pela aranha e pela pomba! — Saudações a sua família e a sua Sahaba (4) que, pelo amor que lhe devotaram e o zêlo com que o seguiram, conquistaram fama e glória imortal, e que, para secundar-lhe o esfôrço, tornaram-se tão unidos e coesos, quanto a discórdia lavrava entre os inimigos! Que Allah estenda sôbre todos êles as suas bênçãos durante todo o tempo que durar a prosperidade do Islame, enquanto a Infidelidade assistir impotente ao desfazer dos laços frágeis de sua existência!

Amma Bad: Passemos agora ao nosso assunto.

A História é um dos ramos dos conhecimentos humanos que se transmitem de geração a geração. (Tesouro de ensinamentos), ela atrai estudantes e estudiosos dos países mais longínquos que acodem pressurosos

---

Em árabe é empregado para designar o peixe monstruoso que suporta nas costas as sete terras. Na Cosmografia muçulmana, existem sete céus, sobrepostos, (Cf. Alc. LXV:12), como existem sete terras, das quais, seis são postas sucessivamente em cima da nossa. Deus encarregou um anjo de suportar o pêso destas terras. O anjo fica de pé sôbre o dorso de um touro; o touro é suportado por um peixe ou baleia, chamado Bohemot; a baleia está suportada pela água; a água pelo ar; o ar, pelas trevas. Nenhum ser criado sabe o que sustenta as trevas. É o que relatou o Cadi Chihab Ad-Din Al-Umari na sua Geografia intitulada "Maçalik Al-Absar" "na sua Seção XXIII.ª". Damiri "Hayat ul Hayawan", no artigo "Thaur" e no "Nun"; e Ibn Al-Uardi, relatam as mesmas tradições. O termo Bohemot emprega-se em árabe para designar o fundo de um poço, a profundeza de um abismo; às vêzes, tem sentido de: guerreiro, herói.

(4) — Sahaba, plural de Sahib, amigo; aqui "companheiro de Muhammad". Eis como os doutores muçulmanos definem o têrmo "Sahib: O título de Sahib se aplica a todos os que, acreditando na missão do Profeta, se encontraram com êle e morreram no Islamismo". Nesta definição, preferiu-se empregar o verbo "encontrar", ao que significa "ver", para não excluir da categoria dos "Sahaba" alguns companheiros que eram cegos, tais como Abu Huraîra, Ibn Omm Mactum e outros. Todo muçulmano ortodoxo deve mostrar uma profunda veneração para com os Companheiros. Até o falecimento de Muhammad, seu número ia além de cento e catorze mil.

para ouvirem-lhe as lições. (Objeto de estudo e de meditação dos sábios), a História é ouvida com avidez pelo vulgo (que nela acha deleite e passatempo) grangeando a História ao mesmo tempo a estima dos reis e dos grandes, o aprêço dos homens de estudos e a atenção dos ignorantes (5).

Quanto a sua forma externa, a História apresenta-se qual registro dos acontecimentos que marcaram o curso dos séculos, a sucessão das dinastias e os fatos que testemunharam as gerações passadas. (Ao descrever acontecimentos de tanto vulto e magnitude), a pena dos historiadores se agiganta e o verbo dos mestres se enfeita de figuras e de provérbios. (Tão alta no conceito, tão aprazível na forma), a História é o encanto das assembléias literárias onde as multidões de seus amantes se acotovelam embevecidas. (Mestra incomparável), para tudo dizer, a História nos revela os segredos das revoluções e das transformações por que passam os seres em tôda a Criação. Campo imenso e de horizontes infindos, por onde desfilam num monstruoso tropel impérios, realizações ou derrotas fatais, a História reproduz a vida do homem sôbre a terra, sua marcha para maiores conquistas, para dilatar cada vez mais a arena de suas atividades, até que soe a hora da partida marcada pelo Destino e que desapareça na voragem do tempo e do ocaso.

Vejamos agora os caracteres internos da ciência da História, que são: o exame e a verificação dos fatos, a investigação cuidadosa das causas que os precederam, o conhecimento profundo da maneira como os acontecimentos se sucederam, e como começaram. Pelo que

(5) — Aqui, êste parágrafo foi traduzido livremente. O que está entre parênteses, representa exatamente o que Ibn Khaldun subentendeu, mas não disse textualmente. (Nota dos Tradutores).

se vê, a História, em sua essência, constitui um ramo importante da Filosofia e merece ser colocada entre as Ciências.

Depois do estabelecimento do Islame, historiadores dos mais abalizados abarcaram nas suas investigações todos os fatos dos séculos passados. Vieram, em seguida, os charlatães da literatura e introduziram no meio destas narrações dados incertos e indicações falsas tiradas da própria imaginação ou embelezamentos fantasiados com o auxílio de tradições de fraca autoridade. A maior parte dos autores que escreveram depois limitou-se a encalçar-lhes os passos e caiu nos mesmos erros. Transmitindo-nos os fatos tais como lhes chegaram aos ouvidos, êstes historiadores não se empenharam sequer em indagar a possibilidade e a natureza dos fatos, aprofundando as causas ou levando em consideração as circunstâncias que os rodearam. Jamais vimos narrativa, por mais fabulosa que pareça, mererecer da parte dêles contestação ou repulsa; tornou-se, com efeito, tão raro o talento de verificar, como fraco, em geral, o senso do discernimento, ao passo que o êrro e o equívoco são, para o investigador, companheiros inseparáveis, como o espírito de rotina e de imitação é inato no homem e inerente a sua natureza! Por isso, os diversos ramos do conhecimento humano oferecem um vasto campo cobiçado para suas divagações pelos charlatães, que da própria ignorância recebem a pastagem insalubre e daninha. Mas a verdade é uma potência a que nada resiste, como a mentira é um espírito das trevas que recua quando fulminado pela razão investigadora. O simples narrador relata os fatos ou dita-os; mas, ao crítico cabe penetrá-los e averiguar o que nêles há de autêntico: cabe ao saber, limpar e polir as tabuinhas que levarão gravada a verdade.

Muitos escritores compuzeram crônicas pormenorizadas, compilando e pondo por escrito a História Geral dos povos e das dinastias. Mas, entre êles são poucos os que, desfrutando de grande fama e não menor autoridade, têm, nas suas obras, reproduzido por completo e sem adulteração os informes e pormenores fornecidos pelos antecessores. O número dêstes bons autores não vai além do número dos dedos da mão, ou dos casos gramaticais (6). Tais são Ibn Ishac (7), Tabari (8),

(6) — No texto: o número das três vogais finais indicativas da flexão gramatical.

(7) — Muhammad Ibn Ishac (Abu Abdallah), escritor tradicionalista autor de um Compêndio de Hadiths ou Tradições relativas às expedições de Muhammad e intitulado "Kitab al-Magazi", que foi sua obra fundamental e a principal fonte de informações para Ibn Hicham escrever sua "Sirat al-Raçul", obra essencial para a biografia do Profeta do Islame. Morreu em Bagdá, em 767 de J. C.

(8) — Muhammad Ibn Jarir At-Tabari, nasceu cêrca do ano de 839 de J. C., no Tabaristão. Desde criança, consagrou-se ao estudo, na sua cidade natal primeiro e, depois, nas principais cidades do Oriente. Morreu em Bagdá, em 923. Deixou uma obra científica e literária numerosa e vária. Além das ciências, em que era muito versado, se ocupou de história, de jurisprudência ou Fikh, de exegética, de poesia, de lexicografia, de gramática, de ética, de matemática e de medicina. Grande parte de suas obras não chegou até nós. Temos dêle seu grande "Tafsir" ou Comentário do Alcorão. Foi Tabari quem, pela primeira vez, reuniu documentos numerosos que constituem o fundo da exegética tradicional e onde se abastecem os comentadores ulteriores do Alcorão e que, atualmente, são uma mina preciosa para as pesquizas históricas e críticas da ciência ocidental. A obra mais importante de Tabari é sua História do Mundo (Tarikh al-Ruçul wal Inbiya). Obra gigantesca, em grande parte perdida, mas que, embora mutilada, forma doze volumes e meio da ed. de Leiden. Tabari, que tirou os materiais de sua História de muitas e variadas fontes, quer escritas, quer orais, árabes ou persas, não os utilisou para uma composição contínua e coerente dos fatos históricos; contentou-se de juntar todos os materiais que se achavam ao alcance de sua mão, para nos transmitir os diferentes fatos, muitas vêzes contraditórios, tais como êle mesmo os havia recebido. Também declara não garantir-lhes autenticidade. Mas, é justamente nesta reprodução concienciosa e cheia de contradições do conjunto das tradições que consiste para nossa busca histórica

Ibn Al-Kalbi (9), Muhammad Ibn Omar Al-Uáqidi (10), Saif Ibn Omar Al-Açadi (11), e, enfim, Al-Maçudi (12), assim como poucos outros homens célebres

---

moderna o valor da obra de Tabari, sobretudo quando se trata de reconstruir os acontecimentos dos primeiros tempos do Islame (Cf. EI: Tabari). (Nota dos Tradutores).

(9) — Ibn Al-Kalbi (Abúl Mundir Hicham), de uma família de sábios de Kufa, dedicou-se principalmente aos estudos históricos. Êle e seu pai foram censurados pelos representantes da tradição oficial e acusados de falsários. Mas a crítica moderna tomou partido em favor dos Kalbi, dando-lhes razão para muitas de suas alegações, que tinham descoberto às vêzes, usando de métodos verdadeiramente científicos, como o exame das inscrições. Das 140 obras de Hicham, muito pouco chegou até nós, em manuscritos, como o livro das Genealogias. Seu livro "Dos Ídolos", foi editado em 1914. (Nota dos Tradutores).

(10) — Al-Uáqidi (Muhammad Ibn Omar), autor de um grande número de obras históricas que, na maioria, tratam das conquistas feitas pelos muçulmanos desde o estabelecimento do califado. Nascido em 747 de J. C., em Medina, passou para Bagdá, onde exerceu as funções de cadi e ali morreu em 822/23 de J. C.

(11) — Al-Açadi (Saif Ibn Omar) compôs uma grande obra histórica sôbre as conquistas dos primeiros muçulmanos, uma História das Revoltas e Apostasias das tribos e uma História da Batalha do Camelo. Tabari reproduz com freqüência os relatos dêste historiador.

(12) — Al-Maçudi (Abu'l Haçan Ali Ibn Al-Huçain), historiador e geógrafo árabe e um dos maiores polígrafos do Século IV da H. Nasceu em Bagdá, no fim do III S, da H. Possuido de um ardente desejo de ver e de conhecer, passou sua mocidade e grande parte de sua vida em percorrer os diversos países, como a Pérsia, a Índia, Ceilão, o mar da China, o Zanzibar, Oman, o mar Cáspio, Síria, Palestina, Egito, onde morreu no ano de 956 (E. V). A incessante agitação de sua vida determinou o carácter de sua produção literária, que foi enorme. Espírito brilhante e irrequieto e sempre alerta, observador e inquisidor, se interessa por tudo: as diversas religiões e suas seitas, as filosofias antigas, as doutrinas exóticas, a controvérsia, a poesia, os problemas geográficos, o comércio, a navegação, a história natural, tudo lhe interessa, quer dentro do Islame, quer fora dêle. Sua obra, se ressente da desordem de sua vida, mas constitui uma coleção muito rica de curiosidades onde figuram todos os sistemas e tôdas as ciências de seu tempo. "Os Prados de Ouro" e "o Livro das Advertências" (at-Tanbih wal Ichraf) são as duas obras que chegaram até nós de uma produção literária muito

que souberam erguer-se acima da turba dos autores comuns. A verdade é que nas obras de Al-Maçúdi e de Uáqidi, muita coisa há que merece crítica: asserção fácil de verificar e que geralmente admitem os sábios versados nas Tradições históricas. Esta verdade não impediu uma grande parte de escritores de dar o maior crédito às narrativas dêstes dois autores e seguir-lhes o método de composição. Porque, determinar a falsidade ou a exatidão das informações é obra do crítico inteligente que, em tudo, se refere à balança do próprio critério. Os acontecimentos que ocorrem na sociedade humana apresentam caracteres de uma natureza particular, caracteres que não se devem perder de vista quando se tem por tarefa contar os fatos e reproduzir narrativas e documentos relativos às sociedades passadas.

A maior parte das crônicas deixadas pelos referidos autores são redigidas sôbre um mesmo plano e versam sôbre a História Geral dos Povos. Tal circunstância deve-se atribuir à ocupação de tantos países e reinos pelas duas dinastias islâmicas (13) que floresceram nos dois primeiros séculos do Islamismo, levando ao máximo o poder de fazer conquistas ou abster-se delas.

Como já se disse, alguns dêstes escritores englobaram nas suas narrativas todos os povos e impérios que existiram antes do Islame, compondo em vários volumes a História Universal. Tais foram Al-Maçudi e seus

---

vasta e vária. A Société Asiatique publicou os Prados de Ouro, texto árabe e trad. fr, em 9 volumes. O Tanbih, texto árabe, foi editado por de Goeje, na sua Bibliotheca Geograforum Arabicorum, VIII. A trad. fr., feita pelo B. Carra de Vaux, foi edit. pela Soc. Asiat. de Paris. (Nota dos Tradutores).

(13) — As duas dinastias a que se refere são a dos Omaiya e a dos Abbassidas. A primeira durou de 661 até 750 de J. C. A segunda, a dos Abbassidas de Bagdá, de 750 até 1226. (Nota dos Trad.).

imitadores. Vieram, depois, outros que, abandonando a idéia de uma História Universal, limitaram suas atividades a um círculo mais restrito de pesquisas, e, desistindo de abarcar pontos tão distantes de um campo de tanta magnitude, se contentaram com recolher informações sôbre determinada época. Cada um, cuidando do seu país ou do lugar onde nasceu, escreveu a história dos acontecimentos particulares da sua cidade natal ou da dinastia sob a qual viveu. É o que caracteriza a obra de Ibn Haiyan (14), historiógrafo da Andaluzia e da Dinastia dos Omáiyas neste país, assim como a de Ibn Ar-Rakik (15), historiador da Ifríkia (16) e dos Soberanos de Cairuão.

Os que pretenderam escrever depois, foram simples imitadores: espíritos espessos e de inteligência limitada, sem critério nem discernimento, tiveram por única ambição seguir aquêles em todos seus passos. Guiando-se pelo modêlo anterior, não se aperceberam das modificações que a marcha do tempo imprimiu aos

---

(14) — Ibn Haiyan (Abu Marwan Haiyan Al-Cortubi), foi um dos mais antigos e melhores historiadores da Espanha muçulmana. De sua biografia não se sabe nada, a não ser que nasceu em 987/8 e morreu em 1076 E. V. A lista de seus escritos não compreende menos de 50 títulos, tratando, entre outras coisas, de poesia e de teologia. Compôs duas grandes obras históricas, o "Moctabas fi Tarikh al-Andalus", em 10 volumes, e o "Matín", que não compreendia menos de 60 volumes, todos perdidos. Do Moctabas possuem-se dois Ms., sendo um em Oxford, e um outro em Constantine; (cópias dêstes dois MS. acham-se em Madrid CF.: Pons Boigues: Ensayo bio-Biblio. p. 152). (Nota dos Trad.).

(15) — Ibn Ar-Rakik (Abu Ishac), morreu posteriormente ao ano de 952 de J. C. Escreveu, além da História da Ifríkya, uma notícia genealógica das tribos berberes.

(16) — Para os historiadores árabes a palavra Ifríkya designava sòmente a Mauritânia Oriental. A Tunísia atual, a Tripolitânia e o departamento de Constantine formavam o Reino de Ifríkya, enquanto que o resto da Algéria e o Marrocos atual formavam o Magrib.

acontecimentos, nem das mudanças que operou nos usos e costumes entre povos e nações. Tiraram da História dos séculos passados um aglomerado de narrativas que se podem considerar como vãos simulacros desprovidos de substância, ou, como baínhas vazias de suas lâminas de aço; narrações que o leitor está no dever de aceitar com desconfiança, impossibilitado de saber se são fatos antigos (comprovados), ou se são modernos (e inventados). Porque êstes escritores, ao relatarem os fatos, deixaram de apontar-lhes as causas próprias e não se aprimoraram na escolha das informações, nem na verificação dos pormenores. Reproduzem com exatidão os contos que ocorrem na bôca do povo, seguindo nisto o exemplo de outros escritores que os precederam, deixando em completo olvido a questão das origens e das causas, porque ninguém se havia antecipado a fazer indagações sôbre êste particular, razão que explica também o fato de as páginas de seus livros ficarem alheias a semelhantes questões. Ao contarem a história de uma dinastia, êles reproduzem os acontecimentos numa narrativa uniforme que repete tôdas as informações, tanto as verdadeiras como as falsas, guardando silêncio sôbre a origem da dinastia, os motivos e as circunstâncias que a levaram a desfraldar a bandeira e manifestar seu poder, e sôbre as ocorrências que sustaram a sua marcha e a obrigaram a retroceder. O leitor procura em vão inteirar-se da origem dos acontecimentos, de sua importância e repercussão, e das causas que os geraram, quer simultâneamente, quer sucessivamente; nem sabe levantar o véu que encobre as diferenças ou as analogias que os fatos podem apresentar em relação uns aos outros. Êste assunto será por nós esclarecido nos primeiros capítulos desta obra.

Outros autores, vindos posteriormente, afetaram um excesso tal de brevidade que se limitaram à nomenclatura dos nomes dos reis, sem acompanhá-la de nenhum texto elucidativo sôbre genealogia e história, contentando-se com acrescentar ao nome do rei a soma de anos que governou, indicada por números chamados "gobar" (17). Autores êstes, como Ibn Rachik, na sua obra intitulada "Mizan al-Amal" (18), e outros, nenhuma consideração merecem porque, suprimindo tudo o que poderia ser útil na História, faltaram às boas práticas e às regras cuja observação constitui um dever para o verdadeiro historiador.

Após ler os livros de nossos escritores e sondar as profundezas do passado e do presente, consegui despertar meu espírito e arrancá-lo à apatia e à preguiça, e, ainda que pobre de saber, eu fiz comigo mesmo excelente negócio ao decidir-me a compor esta obra. Escreví, pois, um livro sôbre a História, pelo qual levantei o véu que cobre as origens das nações, dividindo-o em capítulos, consagrados, uns, à exposição dos fatos; e, a considerações gerais, os outros. Cuidei, primeiro, de apontar as causas que tiveram por efeito o nascimento dos Impérios e o estabelecimento da Sociedade, tomando como matéria prima de minhas indagações a História

(17) — Os números chamados "gobar" são sinais particulares e convencionais para a representação dos algarismos árabes, nos antigos manuscritos, e que são diferentes na sua forma, quer da grafia das letras do alfabeto, (que também serviam para representar números), quer da grafia comum dos números. São símbolos que se empregavam como os que se empregam entre nós para designar os pesos e as medidas. Os antigos copistas os preferiam aos algarismos por serem êstes últimos muito compridos e fáceis de deturpar. (Nota dos Tradutores).

(18) — Ibn Rachik (Abu Ali al-Haçan), nativo de Cairuão e autor de muitas obras de filologia, história e poética, morreu em Mazerra, Sicília, em 107 de J. C.

das duas raças que, em nossos dias, habitam o Magrib e povoam suas cidades e províncias. Descreví, nesta obra, as dinastias de longa duração e os impérios efêmeros oriundos daquelas, como também assinalei os príncipes e os guerreiros que seus feitos ilustram. Estas duas raças são os Árabes e os Berberes, únicas nações que ocupam o Magrib, como é do conhecimento de todos. Elas dominam êste país há tantos séculos que dificilmente pode-se imaginar haja época em que não o ocupassem. Fora êstes dois povos, não se conhece outra raça que habite esta região.

Encarei e discuti com grande cuidado as questões condizentes com a matéria dêste livro de maneira a pôr meu trabalho ao alcance tanto dos eruditos como dos homens do mundo. Na sua confecção e na distribuição das matérias, adotei um plano original, elaborei um método novo de escrever a História, escolhendo um caminho que certamente surpreenderá o leitor, e seguindo uma marcha e um sistema inteiramente próprios. Ao tratar do que se relaciona com a formação da Sociedade e o estabelecimento da Civilização, estendi-me, com razão, a descrever tudo o que a Sociedade Humana oferece como circunstâncias características. Apontei as causas dos acontecimentos e mostrei por que caminhos os fundadores dos Impérios entraram. O leitor, não se achando mais na obrigação de crer cegamente nas narrativas tradicionais, poderá agora conhecer melhor a História do passado e ficará habilitado a prever os acontecimentos que poderão surgir no futuro.

Dividi esta minha obra em três Livros, precedidos de uma Introdução ou Prolegômenos, onde consignei considerações sôbre a excelência da ciência histórica, a explanação dos princípios que devem servir-lhe de

regra e um bosquejo dos erros que os historiadores cometem a miudo.

**O Primeiro Livro trata da Organização Social e dos seus resultados,** tais como o império, a soberania, as artes, as ciências, os meios de enriquecer e de ganhar a subsistência. Indiquei, no mesmo livro, as causas que deram origem a estas instituições (19).

**O Segundo Livro é dedicado à História dos Árabes, suas raças e suas dinastias,** desde a origem até nossos dias. Acham-se nêle incluidos alguns outros povos célebres que foram seus contemporâneos e, como êles, fundadores de Impérios e Dinastias. Tais são os Nabateus, os Assírios, os Persas, os Israelitas, os Coptas, os Gregos, os Turcos e os Romanos.

**O Terceiro Livro compreende a História dos Berberes e de seus parentes, os Zanatas,** com longos esclarecimentos sôbre sua origem, suas diversas tribos, os Impérios que fundaram, especialmente (20) no Magrib.

Em seguida a uma viagem feita ao Oriente para melhor me documentar ao contato da luz dos seus mestres, e ao mesmo tempo para cumprir o dever da peregrinação (à Meca), para conformar-me com o exemplo do Profeta, visitando a Cidade Santa e fazendo a Volta Ritual da Caba, tive ocasião de examinar os monumentos, os arquivos e os livros dêstes países. Adquiri, então, o que me tinha faltado, isto é, o conhecimento da História dos Soberanos estrangeiros que tiveram o domínio destas regiões do Oriente, assim como das Dinastias

---

(19) — A parte da obra que leva habitualmente o nome de PROLEGÔMENOS se compõe dos Prolegômenos pròpriamente ditos (ou Introdução) e do I Livro, que trata da organização social.

(20) — Fora do Magrib, os Berberes fundaram, no Egito, o Império dos Fatimitas. Na Espanha, os Ziridas de Granada, os Almoravidas e os Almohades eram também Berberes.

Turcas e dos diversos países por êles conquistados. Acrescentei êstes fatos aos que tinha anteriormente colhido, intercalando-os na História das Nações Muçulmanas da mesma época, e repartindo os outros entre os diversos capítulos consagrados aos príncipes que governaram diversas partes do mundo. Restringindo-me a seguir um mesmo sistema, o de condensar e de abreviar, eu pude evitar muitas dificuldades e alcancei fàcilmente o fim que me tinha proposto. Introduzindo-me pela porta das causas gerais no estudo dos fatos particulares, conseguí abarcar, numa narrativa compreensível, a História do gênero humano. Por isso, êste livro pode ser olhado como o aplainador de tudo que há de mais rebelde entre os princípios filosóficos que se furtam à inteligência, assinalando aos acontecimentos políticos, suas causas e suas raízes de origem, formando, por assim dizer, um tesouro de filosofia e um não menos valioso repertório histórico.

Como compreende a História dos Árabes e dos Berberes, povos que habitam, uns, em casas e, outros, em tendas, e trata dos Grandes Impérios coevos, e como, de outra parte, fornece lições dignas de meditação e exemplos instrutivos quanto às causas primárias dos acontecimentos e dos efeitos dêles resultantes, dei ao Livro o título seguinte: **Livro dos Exemplos Instrutivos e Compêndio das Origens e da História dos Árabes, dos Povos ditos Ajam, dos Berberes e das Grandes Dinastias que lhes foram Contemporâneas** (21).

Tudo o que se relaciona com a origem dos povos, o sincronismo das nações antigas, as causas que fomentaram suas atividades ou as levaram a sofrer mo-

---

(21) — E das Grandes dinastias contemporâneas: o autor designava por êstes têrmos o Grande Império Mongol de Tamerlão.

dificações; tudo o que diz respeito à Organização Social e à Civilização, como a soberania, a religião, a cidade, o domicílio, o poder, o aumento ou o declínio da população, as ciências, as artes, o lucro e o prejuizo, as consequências remotas ou imediatas das revoluções e outros acontecimentos socicis, a vida, seja na sua fase nômade e primitiva, seja na fase citadina, os fatos já transcorridos e os que se devem esperar, tudo abracei nesta obra e de tudo apontei as causas ou dei provas. De modo que se pode considerá-la como compêndio único da História, tendo em vista o número e o valor das informações que lhe abarrotam as páginas, e as doutrinas, antes ocultas ou desconhecidas, e agora expostas ao entendimento de todos.

Confesso, contudo, que, entre os homens de todos os séculos, ninguém como o autor, se acha menos habilitado para alcançar meta tão distante através de um campo tão vasto. Esperançado na generosidade dos homens mais hábeis e mais cultos, peço examinarem com atenção, se não, com benevolência, a obra que apresento, rogando-lhes que, ao encontrarem erros ou falhas, se dignem corrigí-los, tratando-me todavia com indulgência. A mercadoria que ofereço ao público é de pouco valia aos olhos dos sábios. Mas, uma confissão franca tem o poder de desarmar a censura, e deve-se contar com a bondade dos Confrades. Ao terminar, rogo a Deus torne puros os nossos atos perante Sua face. Eu conto com a sua ajuda. **Êle é Excelente Protetor:** (Alcorão III: 167) (22).

---

(22) — O texto dêste Capítulo, como aliás todos os capítulos que servem de introdução às obras até às mais humildes da literatura árabe, devem seguir a praxe de serem escritas em prosa rimada ou saj', o que acarreta o emprêgo de têrmos inúteis, expressões pouco naturais e muitos exemplos de tautologia.

# Introdução

Da excelência da Ciência da História. Estabelecimento dos princípios que a devem reger; apanhado sôbre os erros e descasos a que os historiadores estão expostos; indicação de algumas das causas que produzem habitualmente êsses erros.

A História é uma ciência que se distingue pela nobreza de seu objetivo, pela sua grande utilidade e importância de seus resultados. É ela que nos faz reconhecer os hábitos, a maneira de viver dos povos antigos, as ações e atividades dos Profetas e a administração dos reis. Também, os que procuram instruir-se em contato com os assuntos espirituais e temporais do passado encontram, na História, lições de conduta. Para

(1) — S. de Sacy, o eminente orientalista que revelou Ibn Khaldun ao Ocidente, publicou muitos extratos desta Introdução, com tradução e notas, na sua Chrestomatie Arabe, 2.° éd. t, I, p. 370 e ss. Fizemos uma viagem ao Rio de Janeiro para ver êste texto e tivemos a satisfação de constatar que a nossa fidelidade ao sentido de Ibn Khaldun, por maior que tenha sido, não ultrapassou a dêste excelente arabista! A Biblioteca Nacional do Rio possui dois exemplares desta preciosa obra. A de S. Paulo possui a sua Gramaire Arabe, em dois volumes, com reproduções de diversas caligrafias antigas árabes. (Nota dos Trad.).

chegar-se a tanto, deve-se usar de recursos da mais diversa natureza e conhecimentos dos mais variados e gerais. Não é senão através de um exame atencioso e de uma aplicação profunda que poderemos chegar à verdade e prevenir-nos contra os erros e os equívocos. Com efeito, se o historiador se contentar com reproduzir as narrativas transmitidas por via de tradição, sem consultar as regras aconselhadas pela experiência, os princípios fundamentais da arte de governar, a própria essência da Instituição Social e aquelas circunstâncias que caracterizam a sociedade humana, se não julgar sôbre o que está longe pelo que está ao alcance de seu olhar, se não comparar o passado com o presente, nunca poderá evitar equívocos, caindo em erros, que o arrastam para longe do caminho da verdade. Chega-se muitas vêzes à conclusão de que os historiadores, os comentadores e mesmo os que melhor conheciam as tradições cometeram graves erros, ao contarem os acontecimentos do passado, sòmente porque se limitaram a adotar o processo de acolher indistintamente tôda ordem de narrações sem as estudarem à luz dos princípios gerais que no caso se aplicam, sem as compararem com a narração de fatos análogos, ou fazerem-lhes suportar a prova das regras fornecidas pela lógica e pelo conhecimento da natureza humana, sem, enfim, submetê-las a um atento exame e a uma crítica inteligente. Assim, êles se colocaram fora do alcance da verdade, desviando-se para o descampado do êrro histórico e da imaginação.

Deu-se isto, principalmente, no campo dos números, quando, no curso de uma narração, se tratou de somas de dinheiro ou das fôrças de um exército. É sempre aí que devemos esperar inverdades e indicações extravagantes, pelo que é absolutamente necessário

controlar estas narrações por intermédio de princípios gerais e de regas estipuladas pelo bom senso.

Assim foi que Maçudi e muitos outros historiadores, falando do exército dos Israelitas, disseram que Moisés, ao fazer o recenseamento de sua gente, quando no deserto, depois de passar em revista os homens em estado de carregar armas e com vinte anos ou mais de idade, achou que seus guerreiros ascendiam a mais de seiscentos mil (2). Não indagou o historiador, nesta circunstância, se as terras do Egito e da Síria reunidas seriam bastante vastas para fornecerem um número tão elevado de homens em idade militar. Cada império do mundo mantém, para sua própria defesa, tantos soldados quantos os meios de que dispõe; para isto, cada país suporta grandes encargos, mas não poderia suportar e manter um número de soldados acima de suas possibilidades. É o que comprovam os usos a que estamos habituados e os fatos que se passam sob os nossos olhos. Acrescentemos que exércitos cujo número de soldados se elevasse a uma tal cifra não poderiam combater, levando em conta que o espaço, o campo de batalha, tornar-se-ía, por duas ou três vezes, além da capacidade visual, se não mais ainda! Como então poderiam êstes dois grandes exércitos inimigos combater um com o outro? Como poderia uma das partes voltar com a vitória sem saber uma das suas alas o que se passava na outra? Os fatos de que todos somos testemunhas diárias são suficientes para confirmar estas nossas observações: O passado e o futuro assemelham-se como duas gotas d'água.

Aliás, o império dos Persas superava de muito o

---

(2) — Segundo a Bíblia, eram seiscentos e três mil e quinhentos e cinqüenta (Número I: 46).

dos Israelitas. É o que provam as vitórias de Bakhta-Nassar (Nabucodonozor), o qual, não obstante a grande distância que o separava dêste país, tirou aos Israelitas tôda a soberania e destruiu Jerusalém, sede de sua religião e de seu poderio. Ora, êste homem não era mais do que simples governador de uma das províncias da Pérsia; um sátrapa, digamos, que comandava as fôrças na fronteira ocidental do Império! Notemos ainda que nos dois Iraques, o Khoração, a Transoxiana e as Portas Caspianas, tôdas províncias dêste Império, apresentavam uma área bem superior à da terra dos Israelitas. Entretanto, nunca conseguiram os exércitos da Pérsia reunir, nem de longe, número de homens tão grande como o atribuido aos Israelitas quando do recenseamento. No combate de Cadissiya, em que foi derrotado o mais considerável corpo de exércitos que os Persas jamais reuniram (3), contavam-se cento e vinte mil homens em armas, cada um dos quais tinha seu servente. É fato que atesta Saif Ibn Al-Açadi (4) que diz: "Os exér-

(3) — Certamente o nosso autor jamais ouvira falar dos exércitos de Xerxes, nem lera as aterradoras exclamações do velho Heródoto: "Quantos povos não conduziu Xerxes contra a Grécia! Qual o o curso d'água que não deixaram a sêco os que o procuraram para nêle se desalterar, com exceção dos grandes rios". (Heródoto: VII, 21). Ainda bem que se tinha os grandes rios! Cadissiya, cidade do Iraque, ao sul sudoeste de Cufa, célebre pela batalha que tornou os Árabes senhores do Iraque. Os dados relativos aos exércitos árabes e persas que se defrontavam são variadíssimos, oscilando entre 6.000 e 38.000 homens para os Muçulmanos, e entre 30.000 e 120.000 para os Persas. O cálculo mais acertado seria o de um historiador Armênio quase contemporâneo, que atribui aos primeiros 6 ou 10.000 homens, e para os últimos, 80 mil. Na última fase da batalha, os Árabes receberam reforços vindos da Síria, em número de 6 mil, que decidiram a sorte da batalha, que durava havia quatro dias. As datas mais geralmente aceitas vão de 635 até 637 da E. V., e da Hegira 14 e 16. (Nota dos trad.)

(4) — Cf. nota (11) do Prefácio.

citos Persas (em Cadissiya) passavam de duzentos mil homens, contando os serventes".

Na opinião de Aïcha (5) e de Zuhri (6), "o exército com que o general Persa "Rustam" combateu Sad (7), nas proximidades de Cadissiya, compunha-se de sessenta mil homens, cada qual com seu servente".

Além disso, se o número dos Israelitas houvesse atingido esta alta cifra, o seu território teria grande superfície e seu domínio ter-se-ia estendido para longe. Os governos e os reinados são grandes ou pequenos, segundo o número de soldados que mantêm e de tribos que empregam em sua defesa, conforme veremos na parte dêste Livro que trata dos Impérios. Ora, nesse tempo, o território dos Israelitas, como todo o mundo sabe, não ia, do lado da Síria, além do Jordão e da Palestina, e, do lado do Hijaz, não passava dos cantões de Yatrib e de Khaibar.

Além desta exigüidade de território, há uma outra: Os estudiosos mais doutos encontram apenas três gerações separando Moisés de Israel. Com efeito, Moisés era filho de Amran, filho Tashor, filho de Chait, filho de Lauy (Levi), filho de Jacó, também chamado Israel de Deus. Esta genealogia é fornecida pelo Pentateuco. O espaço de tempo que os separa uns dos outros é indicado por Maçudi da maneira seguinte: "Israel, logo que se transportou para junto de José, entrou

---

(5) — A viuva de Muhammad.

(6) — Al-Zuhri (Ibn Chiab), da tribo dos Coraixitas, célebre tradicionalista e legista, morreu no ano 124 H. (742 de J. C.). Era contado entre os "Tabiun", tendo conhecido e freqüentado muitos dos Sahaba ou Companheiros de Muhammad.

(7) — Rustam é o nome do generalíssimo Persa: caindo prisioneiro entre as mãos dos muçulmanos, pereceu depois em circunstâncias cheias de peripécias. Sad Ibn Abi Waqqas, era o comandante das tropas árabes. (Nota dos Trad.).

no Egito com seus filhos, chefes das doze tribos, e suas crianças, em número de setenta indivíduos. Sua permanência no Egito até o momento em que daí saíram, sob o comando de Moisés, para entrarem no deserto, foi de duzentos e vinte anos, durante os quais sofreram o domínio dos Faraós, reis dos Coptas". Pois bem, é inverossímil que, no espaço de quatro gerações, uma família pudesse crescer tanto.

Se se pretender que exércitos tão numerosos existam sob o reinado de Salomão e de seus sucessores, a questão não é menos absurda. De Salomão a Israel não se contam mais do que onze gerações. Porque Salomão foi filho de David, filho de José, filho de Obed, filho de Buaz, filho de Salmun, filho de Nuhassun, filho de Aminadab, filho de Ram, filho de Hasrun, filho de Pharés, filho de Iahuda, (Judas), filho de Jacó. É claro que, no espaço de onze gerações, a descendência de um só homem não poderia atingir uma cifra tão grande como a citada.

Que êste número seja de algumas centenas acrescentadas de alguns milhares, isso não repugna aceitar; mas, que êle supere êste último muitas dezenas de vêzes, eis o que é difícil de crer. Se alguém pretende julgar o fato e o número aludido, de harmonia com o que estamos presenciando, com o que se vê e se diz agora por todo o mundo, reconhecer-se-á logo que uma tal asserção é falsa e que a tradição que a transmite está errada. Os dados fornecidos pelas crônicas dos Israelitas, a saber, que a guarda de Salomão era formada por doze mil infantes e a sua cavalaria por mil e quatrocentos cavalos ensilhados às portas de seu palácio, é que são autênticos (8). Ora,o reinado de Salomão foi

(8) — Quarenta mil cavalos para os carros (de combate) e doze mil cavalos de sela. (Reis I, C. IV:26; e C.X:26).

a época em que o Império dos Judeus esteve mais florescente e em que seu território atingiu maior extensão.

Estabelecido êste ponto, queremos observar que, quando enumeram as fôrças dos impérios que existiam em sua época ou pouco antes, quando falam sôbre o poderio dos exércitos, quer muçulmanos, quer cristãos; quando se expandem sôbre as quantias arrecadadas dos impostos, sôbre as despesas e gastos dos soberanos e de altas personagens que vivem no luxo, e sôbre os objetos de valor que se encontram nas casas dos ricos, quase tôdas as pessoas comprazem-se, nestes casos, em fornecer números que superam todos os limites que a experiência quotidiana oferece, e acolhem cegamente sugestões que não têm outro fundamento senão o desejo de contar coisas extraordinárias. Consultando os comandantes da administração militar acêrca do número de seus comandados, investigando a posição dos ricos a respeito dos objetos preciosos que possuem e dos privilégios de que gozam, examinando os gastos habituais dos homens que vivem luxuosamente, encontrar-se-á que a realidade é dez vêzes inferior ao que tão enfatuadamente se conta. Mas tudo isso é devido à tendência do espírito para o exagêro, à facilidade com que cada um se permite falar de tudo, ao descaso da crítica, à indiferença do auditório e do público (para com a verdade). Estas as razões porque não se procura mais evitar os erros em que se pode cair de propósito ou por descuido, e porque não se tenta guardar um justo meio na descrição, nem submetê-la a qualquer exame crítico. Pelo contrário, dá-se rédea solta à língua para deixá-la correr no campo da mentira. **Compram-se os discursos frívolos, com o fim de desviar os homens dos caminhos da verdade;** (Alc. XXXI : 5.) e isso, preciso confessá-lo, é negócio muito desvantajoso.

No meio das histórias improváveis que os historiadores acolheram, torna-se necessário citar o que todos contam relativamente aos Tubba', soberanos do Iaman, e da Península Arábica. Pretende-se que êstes príncipes, partindo do Iaman, sede de seu império, levaram a guerra à Ifríkya, para combater os Berberes do Ocidente (Magrib), contra os Turcos, e invadiram o país dos Tibetanos, no Oriente; que Ifríkyos, filho de Kais, filho de Saif, um dos mais poderosos entre seus antigos reis e que vivia na época de Moisés ou pouco antes, empreendeu uma expedição à Ifríkya e fez o massacre dos Berberes. Dizem os mesmos historiadores que foi êle que lhes deu semelhante nome quando, ouvindo-os falar na sua língua bárbara exclamou: "Que será êste linguajar?" (em árabe: bárbara). Dizem mais que daí vem o nome que êsse povo desde então conservou; que o príncipe, partindo do Magrib, deixou muitos corpos de exército que se compunham de tribos Himiyaritas; que tais tribos lá se estabeleceram misturando-se com os primitivos habitantes e que delas descendem os Sanhajas e os Kitamas. Baseados nestas fábulas, Tabari, Al-Jurjani (9), Maçudi, Ibn Al-Kalbi, e Al-Baihaki (10)

(9) — Al-Jurjani (Abu'I-Haçan Ali) doutor do rito chafeíta, foi um dos homens mais sábios do seu tempo; deixou um tratado sôbre genealogia, intitulado Al-Muathac, (O bem documentado), citado por Ibn Khaldun na sua História dos Berberes. Al-Jurjani morreu em Niçapor em 976 de J. C., e segundo outros, em 1001/2.

(10) — Al-Baihaki, (Abu Bacr Ahmad) (994-1066 E. V.) célebre tradicionalista e alfaquih chafeíta. Autor de muitas obras sôbre jurisprudência; uma delas "Kitab As-Sunan Al-Kabir" se acha em autógrafo no Cairo, assim como sua principal obra sôbre ética "Al Jámi'Al-Muçannaf fi Chuab Al-Imam". (Foi objeto de estudos pelos Orientalistas). Outros exemplares desta obra acham-se no Escurial (H. Derembourg: Les mss. ar. de l'Escurial, II, 743,2) e também em Leipzig (Villers, Katalogder isl. u. s, w. Hss. der Univers. zu Leipzig, n.º 319). Cartas endereçadas a autores célebres de seu tempo, foram conservadas por Al-Subki, no seu Tabakat As-Sufiya, III, 3. (Nota dos Trad.).

asseguram que os Sanhaja e os Kitama descendem dos Himiyaritas, hipótese repelida pelos genealogistas do povo Berbere, cuja opinião é bem mais fundamentada.

Continuemos a série das fábulas que correm por conta dêstes historiadores sôbre os Himiyaritas. Segundo Maçudi, Dhul-Adâr, um dos seus reis, posterior a Ifríkyos e contemporâneo de Salomão, levou a guerra ao Magrib e submeteu esta região. Segundo o mesmo autor, Iasser, filho e sucessor de Dhul-Adâr, realizou uma proeza semelhante: caminhou até o Vale das Areias, situado no Magrib, e, não podendo atravessá-lo, por causa da quantidade enorme de areia, regressou. Conta-se também que Assad Abu-Karib, o último rei Tubba' e coetâneo de Iestasb, rei Persa da dinastia dos Kayanios, conquistou Mossul e o Aderbeijão, atacou os Turcos, pondo-os em fuga e, matando grande número dêles, realizou contra êsse povo uma segunda e uma terceira expedição; que, depois, encarregou três dos seus filhos de levarem a guerra pela Pérsia a dentro, no país dos Soghd, povo Turco que habita além do rio Oxus, assim como no país de Rum; que o primeiro dêstes príncipes levou de vencida tôdas as terras que se estendem até Samarcand; que, atravessando o deserto e atingindo o país de Sin (a China), encontrou aí seu segundo irmão, o qual, depois de invadir a Soghdiana, havia chegado à China antes dêle; que, de companhia, devastaram os dois esta região e regressaram carregados de despojos, deixando no Tibete muitas tribos Himiyaritas que aí se encontram ainda hoje; que o terceiro irmão chegou até Constantinopla, voltando depois de pôr cêrco à cidade e de submeter as províncias pertencentes aos Rum (Gregos).

Tôdas estas histórias estão bem longe da verdade, assentadas ùnicamente na imaginação e no êrro e se assemelham perfeitamente às fábulas dos contistas de profissão. Com efeito, o Império dos Tubba' se limitava à Península Arábica, e a capital, sede de seu poderio, era Sabâ, cidade de Iaman. Ora, a Península dos Árabes é circundada pelo mar por seus três lados: ao Sul, pelo Mar Índico; a Leste, pelo Mar da Pérsia, que, destacando-se do Mar da Índia, se prolonga até a cidade de Bassra; ao Ocidente, pelo Mar de Suez, sendo Suez um distrito do Egito. Isto é fácil de verificar com um simples olhar lançado sôbre um mapa. Quem quizer ir do Iaman para o Magrib, não tem outro caminho senão o de Suez, separado do Mar da Síria por uma faixa de terra de apenas duas jornadas de marcha, Ora, é inverossímil que um rei poderoso, acompanhado de um grande exército pudesse seguir êste caminho e atravessar êste país, a menos que o dominasse ou que já lhe pertencesse. Normalmente e segundo a regra habitual, não é possível atravessar país inimigo sem ser molestado. Ora, é preciso não esquecer que, nesta época, os Amalecitas habitavam êste território, que os Cananeus ocupavam a Síria e os Coptas, o Egito. Mais tarde, os Amalecitas apoderaram-se do Egito e os Filhos de Israel conquistaram a Síria. Pois bem, nenhuma tradição diz que os Tubba' travassem alguma guerra com um ou com outro dêstes povos, ou que se tivessem apoderado de alguma parte do seu território. Além do que, é considerável a distância que separa o Iaman do Magrib, sendo, portanto, também enorme a quantidade de víveres e de forragens de que necessita o exército que pretende atravessá-la. Quando

se marcha através um território alheio, é-se obrigado a pilhar cereais e rebanhos, a saquear as localidades por onde se passa, e mesmo assim, mal se consegue o bastante de provisões de forragens. Se se deseja levar, do próprio país, estas coisas essenciais para um exército, não é fácil encontrar a quantidade de bestas de carga para transporte. Assim, para em tais circunstâncias alguém se suprir de víveres, sem combater, necessita de atravessar países que sejam seus ou que acabaram de ser conquistados. Pretender que exércitos numerosos possam passar suas provisões por meios pacíficos e com a boa vontade dos naturais, êste fato por sí seria mais estranho e mais inverossímil ainda.

Isto tudo demonstra quanto são falsas estas histórias, que não passam de fábulas inventadas.

Quanto ao Vale de Areias que era impossível atravessar, ninguém no Magrib ouviu falar dêle, apesar do grande número de caravanas e de exércitos que em todos os tempos e em tôdas as direções percorreram êste país, explorando-lhe as estradas. Não obstante sua extravagância, esta história goza da maior receptividade entre os historiadores.

No tocante à expedição dos Iamanitas nas regiões do Oriente e no país dos Turcos, concordamos em ser o caminho que lá conduz mais vasto que o Istmo de Suez; mas a distância é ainda superior à que leva para o Magrib. E não se esqueça que, antes de alcançar o país dos Turcos, encontram-se as populações da Pérsia e o país dos Gregos, e nunca se ouviu dizer que os Tubba' conquistassem território Persa ou Grego. É verdade que os Tubba' tiveram de combater com os Persas na fronteira do Iraque com a Arábia, entre Bahrain e Híra, território fronteiriço aos dois países. As hostilidades sucederam-se entre o rei do Iaman, DhuL-Adhâr, e Keikáos,

um dos reis persas da dinastia Kaianya, assim como tiveram lugar entre Tubbá, o Pequeno, Abu-Kuraib, e Iestasb, outro rei de Kaianya; e também sabemos de uma guerra dos Iamanitas contra os governadores das províncias persas que tinham dividido entre sí o Império dos Kaianya, além de outra, com os Sassanidas. A julgar pelo curso habitual dos acontecimentos, deve ter-se como impossível que os Tubbá pudessem atravessar a Pérsia de armas na mão para invadirem o país dos Turcos e atacarem o Tibete, sobretudo quando se pensa no número de nações que se encontravam no caminho, na necessidade de se munirem de provisões para si e de forragens para os animais, e isto, sem falar da distância enorme que tinham a percorrer. As narrativas existentes sôbre estas expedições são impossíveis e copletamente fabulosas, mesmo que nos viessem de boa fonte; o que dizer então, uma vez que não têm essa procedência? Quanto à asserção de Ibn Ishac (11), de que o último dos reis Tubbá' levou a guerra ao Oriente, deve entender-se, do Iraque e da Pérsia. Quanto às outras afirmações acêrca do país dos Turcos ou do Tibete, estas não têm nenhuma característica de verdade, como já se disse. Nenhum crédito se deve dar às narrações desta natureza; examinando-as e confrontando-as com as regras do bom senso, chegamos fàcilmente a julgá-las como merecem. **É Deus Quem Dirige os Homens para a Verdade.**

Mais inverossímil que a precedente e que mais ainda parece ser produto da imaginação, é a história que nos contam os comentadores ao explicarem a Surat da "Aurora", nesta parte da palavra de Deus, que diz: Não viste tu de que maneira teu Senhor tratou a "Ad dù

---

(11) — Ibn Ishac, ver nota 7 do Prefácio.

Iram Dhat al-I-mad?" Êles nos apresentam o têrmo "Iram" como sendo de uma cidade ornada de "Imad", isto é, de colunas. Na opinião dêles, Âd, filho de Auss, filho d'Iram, teve dois filhos: Chedid e Chadad, que lhe sucederam no reino. Chedid, ao morrer, deixou o trono para Chadad, que subjugou todos os reis destas regiões. Ouvindo a descrição que lhe faziam do Paraizo, declarou que êle construiria outro igual. E, com efeito, construiu nos desertos de Aden uma cidade, que exigiu trezentos anos de trabalho. Chadad viveu até alcançar novecentos anos de idade. A cidade era imensa; os palacetes, feitos de ouro e de prata, e as colunas, de esmeraldas e de rubís, com árvores de tôda espécie e águas correndo por tôda parte. Terminados os trabalhos, o rei dirigiu-se para a nova cidade acompanhado de seus súditos. Chegados a uma distância de um dia e de uma noite de marcha, foram todos fulminados por Deus, o qual lançou contra êles, do alto do céu, um grito formidável que a todos aniquilou. Esta é a história contada por Tabari, Taalibi (12), Zamakhxari (13) e por outros comentadores, que relatam também esta outra história:

Um dos companheiros do Profeta, chamado Abdalla Ibn Kilaba, saindo à procura de seus camelos desgarrados, descobriu a aludida cidade e voltou trazendo de lá o que podia carregar. O califa Muawia, logo que soube da notícia, mandou vir Abdalla, que lhe contou o que tinha visto. Em seguida, mandou buscar Kab

---

(12) — Taalibi (Abu Ishac) autor de um grande comentário sôbre o texto do Alcorão, e de uma História dos Profetas; faleceu provàvelmente em 1035/36.

(13) — Zamakhxari (Abúl Cacim Muhammad), célebre comentador do Alcorão e autor de muitos tratados de gramática, muito estimados; faleceu em 1143/44 de J. C.

al-Ahbar (14), para interrogá-lo sôbre êste assunto. Kab respondeu: "Eis aí Iram Dhat al-Imâd; deve ser visitada, sob vosso reino, por um muçulmano de tez vermelho clara, pequeno porte, com uma mancha preta acima da sobrancelha e outra no pescoço. Êste homem sairá em busca de camelos". Voltando-se e vendo a Ibn Kilaba, exclamou: "Por Deus! eis justamente o homem que acabo de descrever!"

Desde aquela época, nunca mais se ouviu falar da existência de semelhante cidade, em nenhuma região do mundo. Os desertos de Aden, onde se pretende que a dita cidade fôra construída, se situam no reino do Iaman. Ora, esta província foi sempre habitada e seus caminhos percorridos em tôdas as direções por caravanas e por guias, sem que, todavia, nunca se obtivesse a mínima informação sôbre esta cidade; nenhum narrador, nenhum povo fez qualquer menção a seu respeito. Dizer que ela caiu em ruínas e desapareceu, como desapareceram outros monumentos do passado, seria uma resposta plausível, mas se fosse como os referidos autores a descrevem, tal cidade devia ainda existir.

Na opinião de outros, a cidade de que se trata é Damasco, baseando esta afirmativa sôbre o fato da ocupação desta cidade pelas tribos de Áad. Enfim, levam a extravagância ao ponto de pretender que Iram é invisível e não pode ser vista senão mediante práticas de feitiçaria ou de magia, o que não passa de meras divagações.

Os intérpretes adotaram esta descrição fantástica

(14) — Kab al-Ahbar, grande oráculo dos primitivos Muçulmanos para a história dos tempos antigos, pertencia a uma família judaica do Iaman. Converteu-se ao Islame sob o califado de Omar; morreu em Emèse (Homs) na Síria. A maior parte de suas informações é falsa e fantasiada.

sòmente para justificar a construção gramatical em que as palavras "Dhat al Imad" servem de qualificativo ao têrmo "Iram", e, como êles atribuem ao têrmo "Imad" o sentido de "coluna", segue-se que "Iram" deve ser um edifício. Esta explicação foi-lhes inspirada pela variante de Ibn Az-Zubair (15), segundo o qual pronuncia-se "Aadi Iram", onde o antecedente pede seu complemento no genitivo, não mais levando "tanuin" (16). Apelaram então para êstes contos, que parecem fábulas feitas de propósito ou anedotas para divertir o público. Além disso, "Imad" significa "morões", "postes de tendas"; mas, se lhe quisermos dar o significado de coluna, não seria inverossímil, visto o que se sabe dos Áaditas em geral, os quais tinham a reputação de grandes construtores de prédios e de colunas, e eram dotados de fôrça prodigiosa. Mas nada autoriza a suposição de que, na frase citada, o têrmo em aprêço seja o nome próprio de uma construção situada em tal ou qual lugar. Se se admitir que o primeiro dos dois nomes rege o outro no genitivo, como a leitura d'Ibn Az-Zubair, deve-se ver no caso o modo de relação de anexação que se dá entre o nome de uma tribo e o de um de seus ramos, como no exemplo seguinte: Curaix-Kinana, Elias-Mudar, Rabiat-Nizar. Não há necessidade, portanto, de recorrer a estas suposições absurdas para escorar lendas sem consistência. Longe do livro de Allah a profanação de ser preciso, para explicá-lo, recorrer a fábulas sem sombra de verdade!

---

(15) — Ibn Az-Zubair (Orua), célebre tradicionalista, morreu em 762/63 de J. C.

(16) — Tanuin: têrmo de gramática que consiste num sinal colocado no final dos substantivos que não são determinados pelo artigo, ou por um complemento regido ao genitivo. Os comentadores não estão de acôrdo sôbre o modo de explicar o versículo.

Entre as anedotas suspeitas acolhidas pelos historiadores, inclui-se o que todos contam dos motivos que levaram Harum Ar-Rachid (17) a abater o poderio dos Barmakidas. Quero me referir à aventura de Abbassa, irmã de Ar-Rachid, com Jâfar filho de Iahya, filho de Khalid, cliente e liberto do califa.

Pretendem os cronistas que Ar-Rachid, tendo por Jâfar e por Abbassa uma grande afeição por serem seus companheiros nas bacanais, consentiu contratassem casamento um com outro, com o fim de poder tê-los reunidos em sua sociedade, mas os proibiu de se encontrarem a sós. Abbassa, apaixonando-se por Jâfar, chegou a vê-lo em particular, sem lhe fazer saber quem era. Jâfar, num momento de embriaguez, ao que se diz, teve relação com a princesa e ela ficou grávida. Por via das intrigas, o fato chegou aos ouvidos de Ar-Rachid, que se deixou tomar de cólera excessiva.

A nós repugna atribuir tamanho desregramento a uma princesa por tantos títulos merecedora de consideração, deslise êste incompatível com a religião, a nobreza de origem, a posição privilegiada de Abbassa, nascida do sangue de Abdallah, filho de Abbas. Com efeito, era separada de Abdalla por apenas quatro per-

---

(17) — Harun Ar-Rachid, o mais célebre dos califas abbassidas, nasceu em 763, e, subindo ao trono califal em 786, escolheu seu vizir o Barmakida Iahya Ibn Khalid e confiou-lhe um poder ilimitado. Ao que parece, durante 17 anos consecutivos, Iahya e seus filhos, Al-Fadal e Jáfar, governaram o império como soberanos efetivos. A catástrofe que atingiu os Barmakidas ocorreu em janeiro do ano 803. Depois de um reinado cujo brilho será superado sòmente pelo de seu filho e sucessor Al-Mamum, morreu Harun em 809. Se a História registra certos sintomas de enfraquecimento no poderio muçulmano, desapareceu nas tradições e na lenda de Ar-Rachid, que o celebram como a personificação da fôrça, da justiça e da munificiência árabes. As "Mil e uma noites" imortalizaram a sua memória. (Nota dos Trad.).

sonagens que foram, depois dêle, os mais nobres sustentáculos da fé, e os chefes da religião. Abbassa era filha de Muhammad, dito Al-Mahdi, filho de Abdallah Abu Jâfar Al-Mansur, filho de Muhammad As-Sajâd, filho de Ali, o pai dos califas Abbassidas, filho de Abdallah, chamado o intérprete do Alcorão, filho de Abbas, tio paterno do Profeta; era, pois, filha de califa e irmã de califa; era rodeada de todos os lados pela pompa de um trono agusto; nela se refletiam o brilho do vicariato profético, a glória dos Companheiros e dos tios do Profeta de Deus, do imamato da religião, da luz da revelação e das visitas dos Anjos (a Muhammad). Muito próxima, por seu nascimento de um século em que imperavam ainda tôdas as virtudes características da vida pastoral dos Árabes e tôda a simplicidade primitiva da religião, esta princesa vivia afastada dos hábitos de luxo e das tentações da luxúria. Onde procurar o pudor e a castidade, se estas faltam a Abbassa? Onde a pureza e a virtude se desterradas de sua casa? Como teria ela consentido em ligar seu sangue ao sangue de Jâfar, filho de Iahya, e a manchar sua pureza e a nobreza de seu sangue árabe, unindo-se a um cliente de raça estrangeira, cujo avô, um Persa, tinha sido escravo e cliente vivendo debaixo da autoridade do avô dela, avô êste que era um dos tios do Profeta e um dos mais nobres personagens dos Coraix? Em suma, Jâfar e seus filhos devem a sua fortuna ùnicamente a boa estrela dos Abbassidas que os elegeram seus favorecidos e depositários de sua confiança. Como admitir, pois, que Ar-Rachid, dotado de carácter elevado e de uma legítima soberba, tivesse consentido em dar sua irmã em casamento a um cliente Persa? Quem quizer considerar com imparcialidade estas reflexões e julgar Abassa, segundo o precidimento

que teria a filha do mais poderoso monarca do seu tempo, certamente repelirá a idéia que ela pudesse ter-se entregue a um cliente de sua casa, a um servidor de sua família, e regeitará êste conto qual grosseira mentira. Agora pergunto: O que são os outros príncipes comparados a Abbassa e a Harum Ar-Rachid?

A verdadeira causa da derrocada dos Barmakidas se prende ao procedimento dêstes quando no poder. Abarcando tôda a autoridade, reservaram inteiramente para si tôdas as rendas públicas, a ponto de Ar-Rachid, o califa, se ver reduzido, em certas ocasiões, a pedir alguma soma pouco considerável, sem poder obtê-la. Tiraram-lhe o exercício de seus direitos. Possuiam o poder em comum, de modo que êle não era mais senhor da administração de seu império. A influência dos Barmaki tornou-se enorme, e a sua fama estendeu-se até muito longe. As dignidades do Império, todos os empregos administrativos, os cargos de vizir, de ministro, de comandante militar, de mordomo, os grandes postos de espada e de pena, eram ocupados por altos funcionários escolhidos no meio dos filhos dos Barmakidas ou de suas criaturas, sendo afastada qualquer outra pessoa. Conta-se que na côrte de Ar-Rachid achavam-se vinte e cinco grandes dignatários militares ou civís e que todos eram filhos de Iahya Ibn Khalid. Êles ocupavam êstes cargos com exclusão dos outros cortesãos e repeliam sistemàticamente e com empênho todos os pretendentes, assim como faria quem, no meio de uma multidão, quisesse manter-se em pé, repelindo e empurrando com os ombros e os cotovêlos a massa que o envolvesse. Todo êste poder que desfrutavam era consequência do crédito granjeado outrora pelo pai da família Barmaki junto a Ar-Rachid, cujos negócios tinha conduzido, quando

Harum era ainda príncipe herdeiro e, mais tarde, quando califa. Foi sob a guarda do velho Barmakida que Ar-Rachid cresceu e debaixo de suas asas passou a mocidade. Tal era a ascendência que exercia sôbre o monarca que êste, mesmo quando califa, chamava-o de "pai". Com igual deferência e especial favor tratava a todos os membros desta família. Desviando para sí a influência e o poder, muito confiados em sua posição, êles utilizavam com ostentação seu prestígio sem par. Todos os olhares estavam voltados para êles, tôdas as cabeças se inclinavam na sua presença; sòmente sôbre êles descansavam as esperanças; das regiões mais afastadas, os reis e os emires enviavam-lhes presentes magníficos; de tôdas as partes, as rendas da Receita Pública escoavam-se para seus cofres, enviadas pelos que lhes queriam captar os favores e comprar a benevolência. Por sua vez, os Barmakidas espalhavam, às largas, dons e favores sôbre os partidários da dinastia abbassida e, por laços feitos de ouro e de mercês, prendiam a sí os principais membros desta família; enriqueciam os pobres pertencentes às boas casas; davam a liberdade aos prisioneiros ou resgatavam os cativos. Também os louvores que recebiam (dos poetas) superavam de muito os que eram dirigidos ao próprio califa, seu senhor. Prodigalizavam dons e benefícios aos que faziam apêlo à sua generosidade e em tôdas as províncias como nos arrabaldes das grandes cidades, êles possuiam aldeias e fazendas.

Tudo isso reunido, descontentou os cortesãos, irritou as pessoas chegadas ao príncipe e ofendeu os grandes dignatários do Estado. A inveja e a rivalidade levantaram a máscara, e os escorpiões da calúnia e da delação vieram ferir de morte os Barmakis até no leito

*de repouso que tinham preparado à sombra do trono.* Entre seus delatores mais encarniçados contavam-se os filhos de Cahtaba (18), tios maternos do próprio Jâfar. O ódio que lhes enchia o coração era tão violento que os liames do sangue não puderam aplacá-lo, nem os laços de parentesco foram capazes de retê-lo. A tudo isso vieram-se acrescentar, no espírito do soberano, as sugestões filhas da inveja, o despeito de se ver posto em tutela, o amor próprio ferido, sem esquecer o ódio contido que os Barmakis lhe haviam já antes inspirado, por pequenos traços de presunção, imperceptíveis no começo, mas, que pela perseverança dêstes homens em não mudar de procedimento tão melindroso, tornaram-se afinal atos da mais grave desobediência. Sirva de exemplo o fato que se passou com Iahya, irmão de Muhammad Al-Mahdi, conhecido pelo epíteto de An-Nafs Az-Zakya (Alma Pura), príncipe da família de Ali, e que tinha pegado em armas contra Al-Mansur. Era filho de Abdallah, filho de Haçan, filho de Ali, filho de Abu Talib. Segundo o que nos conta Tabari, Iahya se deixou convencer pelo Barmakida Al-Fadl, filho de Iahya, *a abdicar de seu poder usurpado e a deixar o país* de Dailam, mediante uma carta de salvaguarda escrita do próprio punho de Ar-Rachid e um milhão de peças de ouro. Ar-Rachid entregou o prisioneiro a Jâfar para tê-lo em arresto no seu palácio e debaixo de sua vigilância. Jâfar guardou-o nêste estado um certo tempo, mas logo, por efeito de sua presunção, deu-lhe liberdade, por iniciativa e autoridade próprias, e o deixou seguir. Aparentemente, queria Jâfar, por êste ato, mostrar quanto respeitava o sangue da família do Profeta,

---

**(18) — Cahtaba, filho de Chabib, é célebre na história das guerras que levaram a Casa dos Abbassidas ao trono califal.**

mas na realidade, seu desejo era fazer ver que podia tudo ousar junto ao sultão. Ar-Rachid, a quem o fato tinha sido denunciado, interrogou Jâfar, e êste, vendo que o califa sabia de tudo, confessou que havia relaxado o prisioneiro. Ar-Rachid fingiu aprovar seu procedimento, porém, na realidade, guardou profundo ressentimento. Com semelhante desenvoltura, Jâfar preparou o caminho da própria ruína e a desgraça de sua família, de tal modo que o edifício de seu poderio foi derrubado, o céu de sua glória desmoronou sôbre todos êles, e a terra sumiu-se-lhes debaixo dos pés, arrastando-os como a sua casa, tornando a queda dos Barmakidas exemplo instrutivo através da História. Quem examinar a marcha do Império Abbassida e a conduta, o papel desempenhado pelos Barmakidas, achará nossas ponderações muito fundamentadas, reconhecendo que havia causas reais de sobra capazes de provocar êste acontecimento.

Para corroborar as nossas conclusões sôbre as verdadeiras causas da desgraça dos Barmakidas, veja-se o que relata Ibn Abd Rabbihi (19) acêrca de uma conversação que Daud Ali, tio paterno do avô do autor, teve com Ar-Rachid em relação com esta queda; veja-se também o que diz o mesmo autor, no livro intitulado Al-Ikd, no Capítulo dos Poetas, de outro colóquio havido entre Al-Asmai (20) e Ar-Rachid e Fadl Ibn Iahya, num dos seus entretenimentos familiares. Compreen-

---

(19) — Ibn Abd Rabbihi, nascido em Córdova, celebrizou-se como filólogo e gramático. Como historiador, escreveu o "Ikd", muito estimado, e que se compõe de 30 capítulos, cada qual, tratando de um assunto diferente, leva o nome de uma pedra preciosa; o que justifica o seu título de Ikd ou Colar. Morreu em 328 da H. ou 939/940 da E. V.

(20) — Al-Asmai, (Abd al-Malik Ibn Coraib) célebre filólogo árabe e narrador de anedotas históricas, morreu em 216 H. ou 831/32 E. V.

der-se-á melhor que tal ruína foi consequência da inveja e do ciúme que os Barmakidas atraíram sôbre sí, tanto da parte do califa quanto dos homens da côrte, por se terem apossado de todo o poder.

Há ainda uma coisa que contribuiu sorrateiramente para esta queda. Seus inimigos, entre os cortesãos, se serviam contra êles dos poetas, músicos e cantores, aos quais insinuavam que cantassem, para o califa ouvir, certas palavras capazes de gerar no seu coração um vivo ressentimento. Tais são os versos seguintes:

**Oxalá que Hind cumpra conosco as promessas [que nos fez!**
**E cure nossas almas do que tanto padessem!**
**Oxalá tome uma vez o direito de mandar!**
**Bem fraco é aquêle que não sabe mandar!**

Ar-Rachid, ao ouvir êstes versos, disse: É verdade, por Allah! Bem fraco sou, porque não sei mandar!

Estas insinuações e outras perfídias iguais tiveram o efeito de provocar sua inveja e amor próprio e fazer recair sôbre os Barmakis o pêso de sua vingança. Que Allah nos guarde da violência dos homens e dos golpes da adversidade!

Enfim, para embelezar êste romance, pretendem os citados autores que Ar-Rachid, então, entregou-se ao vinho e se acostumou a embriagar-se com seus companheiros de prazer. Livre-nos Deus de acreditar em semelhantes imputações contra êste príncipe! Como pode um fato desta natureza conciliar-se com o que se sabe do carácter de Ar-Rachid, de sua exatidão em cumprir com todos os deveres da religião, do procedimento exemplar que lhe impunha a dignidade suprema do califado, do esmêro com que escolhia o convívio dos homens distintos, do seu saber e de suas virtudes, da alta

moralidade de seus colóquios com Al-Fadl Ibn Eiâd (21), Ibn As-Sammak (22) e Al-Omari (23), de sua correspondência com Sufian (24), das lágrimas que vertia ao ouvir-lhe as exortações, das preces que dirigia ao céu quando na Meca cumpria a Volta Ritual da Caba; de sua pontualidade em fazer as orações nas horas canônicas e da ânsia de ver apontar a aurora para estar pronto para a oração? Contam nos Tabari e outros historiadores que, diàriamente, Ar-Rachid fazia, nas suas orações, cem "Rak'a" (25) como obra surrerogatória, e que todos os anos organizava, alternadamente, uma expedição contra os infiéis ou uma peregrinação à Meca. Repreendeu severamente, certa vez, a Ibn Abi Mariam, o caturra da côrte, por se ter permitido um gracejo durante a oração. Êle recitava estas palavras: Porque não adorarei eu a quem me criou?, quando Ibn Abi Mariam respondeu: "Porque? Por Allah! não sei!" O califa não pôde resistir ao riso, mas, voltando-se muito irado, disse ao bufão: O Ibn Abi Mariam! mesmo durante a oração? Cuidado, muito cuidado com o Alcorão e a religião! Fora destas duas coisas eu te abandono tudo o mais". Além disto, possuia o príncipe um

---

(21) — Seu verdadeiro nome é Fudail. Começou por ser um ladrão de estrada e acabou morrendo com odor de santidade. Arrependido e devotado à vida contemplativa, tomou lugar de destaque entre os Sufis os mais ilustres. Faleceu no ano 187 H. (803 E. V.). (Nota dos Tradutores).

(22) — Ibn As-Sammak (Abúl Abbas Muhammad) pregador célebre por sua ciência e piedade, faleceu em 183 H. (799 E. V.).

(23) — Al-Omari (Obaid Allah Hafs) neto do califa Omar, é contado entre os tradicionalistas.

(24) — Sufian (Abu Muhammad, Ibn Uayna), célebre tradicionalista e jurisconsulto, morreu na Meca em 198 H. (814).

(25) — Rak'a (ação de se prosternar durante a oração). A oração muçulmana se compõe de um número determinado de prosternações.

grande cabedal de instrução e de simplicidade de costumes, porque era pouco o tempo que o separava de seu avô, Abu Jâfar Al-Mansur, que morreu quando Ar-Rachid era já adolescente. Ora, Abu Jâfar, antes de galgar ao califado e mesmo depois de ocupá-lo, se distinguiu por seu saber e sua piedade. Foi êle quem disse a Malik, para incitá-lo a compor o seu "Muatta" (26). "O Abu Abdallah! Não restam sôbre a superfície da terra homens mais sábios do que eu e tu. Mas eu tenho todo meu tempo absorvido pelos cuidados do califado. Tu, pois, deves compor, para a massa do povo, um livro útil, no qual evitarás o desleixo de Ibn Abbas e o rigorismo de Ibn Omar. Deves torná-lo como uma estrada bem aplainada e fácil de andar para todo o mundo". Malik, por isso, dizia: "Por Allah! naquêle dia, foi Abu Jâfar que me ensinou a arte de compor um livro"!

Al-Mahdi, filho de Al-Mansur e pai de Ar-Rachid, tinha visto seu pai ter escrúpulo de dar roupas novas ao pessoal de sua casa às expensas do Erário Público. Um dia, entrando nos aposentos paternos, encontrou o pai ocupado em lidar com alfaiates e preocupado com remendar as vestes velhas da criadagem. Envergonhado de tanta parcimônia, disse ao pai: "Príncipe dos cren-

(26) — Muatta (ou o Caminho aplainado) é o título de um compêndio de tradições reunidas por Malik Ibn Anas. Foi o primeiro livro dêste gênero pôsto por escrito; até lá contentava-se de transmitir oralmente as tradições relativas a Muhammad. O autor morreu em 179 em Medina após breve doença, com a idade de 85 anos. Malik representa Medina onde foram assentados os fundamentos decisivos do Direito Islâmico. — É no oeste do Mundo muçulmano que a doutrina de Malik tomou maior extensão, suplantando as demais no Magrib e no resto da África.

tes! Eu tomo o encargo de vestir, por êste ano, tôda vossa casa com meus subsídios". — "Aceito!" respondeu Al-Mansur, tendo o cuidado de não desviar o filho de um compromisso tão honroso e poupando o tesouro público de arcar com esta despesa. Como, depois disso, pode ainda supor-se que Ar-Rachid, vivendo pouco tempo após êstes príncipes, educado no meio dos belos exemplos que lhe ofereciam o lar e a família, exemplos que certamente soube aproveitar, como pode supor-se que êle se entregasse ao vício do vinho e tornasse pública esta paixão? Sabe-se, aliás, que, mesmo nos tempos da Jahiliya (do Paganismo), os Árabes nobres se abstinham do vinho, não sendo a parreira planta comum do país, e que muitos consideravam como vício o uso dêste licor. Ora, é sabido como Ar-Rachid e seus pais eram cuidadosos em evitar atos que pudessem parecer censuráveis aos olhos da religião e do mundo; êle tinha formado seu carácter esmerando-se em todos os hábitos de honestidade, em tôdas as qualidades apreciadas, em todos os nobres impulsos do espírito árabe.

Mais uma confirmação disto nos trazem Maçudi e Tabari ao contarem o que se passou com o médico Gabriel, filho de Bakht-Ichue (27). Um peixe tinha sido servido na mesa de Ar-Rachid. O médico proibiu-lhe que o comesse e disse ao mordomo: "Manda levar êste peixe para minha casa". Desconfiado do que se passava, o califa pos-

---

(27) — Gabriel, filho de Bakht-Ichue. A família dos Bakht-Ichue (Servidores de Jesus) era cristã. Durante o espaço de 3 séculos, deu à ciência dez médicos distintos. O último, Gibrail Ibn Ubaid Allah, que morreu em dez de abril 1006 de J. C., foi tão honrado pelos príncipes e os grandes de sua época como o fôra a primeira família. O Bakht-Ichue que tratou de Ar-Rachid, era filho de Jarjis (Gurgis), médico de Al-Mansur. (Nota dos Tradutores).

tou um dos criados para ver se o médico comeria do peixe. Ibn Bakht-Ichue, para justificar seu ato, tomou três pedaços do peixe e colocou cada um numa vasilha diferente. A um dos pedaços, êle ajuntou carne misturada com especiarias, legumes, môlho picante e confeitos. Na segunda vasilha, contendo outro pedaço, despejou água gelada, e na terceira vinho puro. Apontando para o primeiro e o segundo pratos, disse: "Eis aquí o alimento do Príncipe dos crentes: peixe misturado com outros alimentos, ou sem mistura". E, mostrando o terceiro, disse: "Êste é o alimento de Bakht-Ichüe", e entregou tudo ao mordomo. Ar-Rachid, no dia seguinte, ao levantar-se, mandou chamar o médico para repreendê-lo. Então as vasilhas foram trazidas à sua presença; verificou-se que a porção de peixe irrigado com vinho tinha-se misturado com êste formando u'a massa gelatinosa feita de pequenos grumos, enquanto que as duas outras estavam estragadas e espalhavam mau cheiro. O resultado veio justificar, pois, o procedimento do médico. Vê-se pelo mesmo fato, quão avêsso era Ar-Rachid ao uso do vinho, alheamento aliás conhecido dos que viviam na sua intimidade e assistiam a suas refeições.

É bem conhecido que êste príncipe, sabendo que o poeta Abu Nawas (28) se entregava ao vinho, mandou metê-lo na cadeia, onde ficou trancafiado até renunciar ao vício, corrigindo-se.

O que Ar-Rachid usava como bebida, não

(28) — Abu Nawas (Al-Haçan Ibn Hani), um dos maiores poetas árabes (741-810, esta data muito incerta). O centro de sua produção poética se constitui de canções báquicas. Suas poesias eróticas, assim como suas elegias, são repassadas de muito sentimentalismo e de colorido poético, ao lado de muito cinismo e vulgaridade. Suas sátiras são vigorosas, às vêzes brutais. Na velhice, renunciou aos prazeres e dedicou sua arte ao ascetismo, à caça, e às profecias apocalípticas. (Nota dos trad.).

era senão "o nebid" feito de tâmaras, no que seguia a doutrina corrente dos legistas do Iraque (os Hanefitas). São de sobra conhecidas as decisões que os doutores desta escola deixaram sôbre a matéria. Quanto ao vinho puro extraído da uva, não se pode lançar sôbre êste príncipe a pecha de o usar. Ar-Rachid não era homem de cometer um pecado que se reveste da maior gravidade aos olhos dos doutores do Islame.

Aliás, todos os membros desta família estavam ao abrigo da corrupção, que nasce da prodigalidade; êles evitaram, com cuidado, o luxo no vestiário, no adôrno e na mesa, conservando sempre a rudeza da vida nômade e não se afastando da simplicidade religiosa dos primitivos tempos. Não é, pois, lícito crêr que êles, passando os limites do permitido, se entregassem à prevaricação e descambassem em escândalos; Tabari, Maçudi e outros historiadores são concordes em que os Califas que precederam Ar-Rachid, tanto os da Dinastia Omaiya como os da famíla de Al-Abbas, não usavam, ao montarem a cavalo, senão muito pequenos adornos de prata que lhes enfeitavam os cinturões, as espadas, os freios e as selas. Acrescentam os ditos historiadores que Al-Mutaz, filho de Al-Mutawaqil, oitavo sucessor de Al-Rachid, foi o primeiro califa que se serviu de guarnições de ouro. Se tal era seu uso constante no que diz respeito ao vestuário, pode-se crer que a mesma simplicidade reinava em relação às bebidas.

Resta uma última consideração, que torna mais evidente a verdade que se acaba de dizer. É a que ressalta do carácter de tôdas as dinastias durante seu primeiro estágio social, período em que elas conservam ainda intáctos os costumes e a índole austera da vida nômade: assunto que demons-

traremos ao examinarmos a matéria de nosso Livro Primeiro.

O que todos os autores contam de Iahya Ibn Actam (29), cadi e comensal da Al-Mamum, muito se parece com as histórias ou lendas que acabamos de assinalar, ou, pelo menos, delas muito se aproxima. Iahya, nestes contos, é apresentado como concorrente d'Al-Mamum nas suas bebedeiras. Uma noite em que êle ficou embriagado, seus companheiros de mesa enterraram-no debaixo de ramalhetes de flores até que voltou a sí. Recitavam, ao mesmo tempo, versos, onde pretendiam que êle dizia:

**O! Senhor meu! Soberano dos homens todos!**
**A culpa é do escanção. Ao servir,**
**Vendo o meu descaso para com êle,**
**Vingou-se privando-me, como vês,**
**Da razão e da religião!**

Sucede-se com Ibn Actam e Al-Mamum o que ocorre com Ar-Rachid. O que êles bebiam era o nabid, licor que os Hanefitas não consideram proibido; e, em relação à embriaguez, era coisa de que não eram capazes. Os laços que uniam Ibn Actam a Al-Mamun não iam além de uma amizade fundada sôbre a religião, sabido como é que ambos passavam a noite no mesmo aposento. Entre os fatos que atestam o bom carácter e a complacência dêste califa, conta-se que uma noite, acordando, levantou-se e procurou às apalpadelas o vaso de noite, não acendendo a luz para não acordar Iahya Ibn Actam. Sabe-se também que ambos faziam juntos a oração da aurora. Como conciliar tudo isso com os

(29) — Iahya Ibn Actam se caracterizava por seu espírito brilhante e seu conhecimento da lei; mas, era suspeito de maus costumes; faleceu em 856/57.

pretensos deboches de vinho? Demais, conta-se Iahya entre os mais eminentes doutores que nos transmitiram tradições. O imame Ahmad Ibn Hanbal (30) e o cadi Ismail (31) citavam-no com elogio; e Tirmidi (32), no seu compêndio intitulado "Al-Jami", relatou algumas tradições, baseando-se sôbre sua autoridade. O tradicionalista Al-Muzani assegura que Bukhari, num escrito diferente de sua "Soma de Tradições" intitulada "Al-Jamí", citou também a Iahya entre suas autoridades. Ora, atacar o carácter de Iahya seria atacar a autoridade de todos êstes personagens. Os homens de maus costumes atribuem-lhe uma inclinação depravada para com os mancebos. É uma mentira lançada à face de Deus, uma calúnia contra os sábios. Baseam-se, para justificar suas alegações mentirosas, em anedotas apócrifas, em contos inverossímeis, que não passam de invencionices dos próprios inimigos, que não deviam ser poucos, dado o seu grande mérito e a amizade com que o califa o distinguia. Além do que, seu alto pôsto na ciência e na religião deve colocá-lo bem acima destas imputações. Ibn Hanbal, ouvindo falar das suspeitas que envolviam Iahya, não pôde reter esta exclamação: Grande Deus! Grande Deus! Quem ousa dizer tamanha coisa? E pôs um desmentido formal ao aleive invejoso, elogiando Iahya longamente. O cadi Ismail, em face das mesmas balelas a propósito do mesmo personagem, disse: "Deus nos guarde de que a honra de um homem de sua qualidade seja infamada pelas men-

---

(30) — Ahmad Ibn Hanbal, fundador de uma das quatro escolas ortodoxas do Islame, faleceu em 855/56.

(31) — Ismail, filho de Ahmad e neto de Abu Hanifa, desempenhou, em Basra, as funções de cadi, até que foi substituido por Iahya Ibn Actam.

(32) — Termidi (Abu Iça), autor de um dos seis grandes tratados de tradições, morreu em 892/93.

tiras de um malvado ou de um invejoso!" E acrescentou: "Ibn Actam era demais piedoso para com Deus para cair nas infâmias que lhe atribuem. Eu conhecí seus sentimentos mais íntimos e achei nêle um homem compenetrado do temor de Deus. Mas, como era de carácter jovial e amável, serviram-se disto os desafetos para caluniá-lo". — Ibn Haiyan, que o considerava entre os tradicionalistas cuja palavra faz autoridade, disse: "Não se deve prestar atenção às histórias que correm a seu respeito: são mentiras, em grande parte".

Outras anedotas devem ser acrescentadas a esta série de fábulas. — Uma delas é o que narra Ibn Abd Rabbihi, autor do "Ikd", sôbre um "zanbil" ou cestão que teria sido a causa do casamento de Al-Mamun com Burân, filha de Haçan Ibn Sahl, o vizir. Segundo êste conto, Al-Mamum, percorrendo certa noite as ruas de Bagdá, viu um cestão que pendia do terraço de uma casa, ainda com as amarras e os cordões de sêda que o prendiam. Sentando-se dentro e sacudindo os cordões, êstes foram imediatamente postos em movimento e o cestão puxado até uma sala cujo luxo descrevem à vontade: riqueza de tapetes, vasos artisticamente colocados, aspecto encantador, tudo concorrendo para lhe deslumbrar a vista e cativar o espírito. Uma mulher de beleza encantadora, ornada com as graças mais sedutoras, saiu de trás da tapeçaria, veio ao seu encontro, e, depois de cumprimentá-lo, convidou-o para cear. Êle passou a noite tôda a beber vinho em sua companhia, e, ao despertar o dia, voltou ao lugar onde seus amigos tinham ficado à espera. Empolgado da mais viva paixão por esta mulher, pediu-a em casamento ao pai, Ibn Sahl, e casou-se com ela. Agora pergunto: Como conciliar isto com o que sabemos de Al-Mamun, quanto a

sua piedade, seu saber, sua aplicação em seguir a conduta dos Califas ortodoxos, seus ancestrais, em trilhar o mesmo caminho reto traçado pelos quatro primeiros Califas, estas colunas de fé, quanto a suas conferências com os sábios e quanto ao seu afinco em observar nas preces, em suas ordenações, tôdas as regras da lei divina? Como crer que tão grande príncipe cometa atos que ninguém seria capaz de praticar, senão libertinos desavergonhados, como êstes de perambular à noite pelas ruas, entrar de improviso nas casas, passar a noite em conversas de namoro, procedendo da mesma forma que os amorosos beduinos que vêm do deserto? Como, por outro lado, poder conceber que uma aventura destas aconteça com a filha de Haçan Ibn Sahl, senhora de insigne posição e de tão nobre estirpe, com exemplos tão assinalados de virtude e pudor na casa paterna?

Anedotas semelhantes encontram-se com freqüência entre os historiadores. São fábulas que o amor dos deleites proibidos e o desprêzo pelas regras da decência incitam a inventar e a propalar. Seus autores procuram arranjar autoridades e exemplos que sirvam de capa a sua própria libertinagem. Por isso, vemos esta espécie de escritores à cata de anedotas do mesmo gênero, folheando os livros a sua procura. Em verdade, se esta diligência de conhecer os Antigos os incitasse a imitá-los em outra coisa além dos deslises e a seguir-lhes os traços e feitos que mais realçam o seu carácter íntegro e cuja lembrança perdura através dos séculos, **Isso sim, Seria Melhor para Êles se Êles Soubessem.**

Um dia eu estava censurando um emir de sangue real por seu empenho em aprender a música vocal e instrumental, dizendo-lhe: "Isto não é ofício teu e não convém a tua dignidade". — "Como? respondeu êle, o

senhor não vê que Ibrahim Ibn Al-Mahdi era excelente artista e o primeiro cantor de seu tempo?" — "Por Deus! respondí-lhe, porque não tomas por modêlo o pai dêle ou o irmão? Não vês que foi esta paixão pela música que privou Ibrahim da dignidade que sua família desfrutava?" Êle fechou os ouvidos a minhas admoestações e afastou-se.

Entre as narrativas, que não suportam um exame crítico, deve incluir-se a seguinte, que a maior parte dos historiadores se compraz em contar a propósito dos Obaiditas (Fatimitas), Califas que os Chiítas estabeleceram em Cairuão e no Cairo. Pretende-se que êstes príncipes não pertencem à família do Profeta, contéstando sua descendência de Ismail, o Imame, filho de Jâfar As-Sadik. Para estas asserções, tomaram por base, certas histórias forjadas para agradar aos então decaídos Califas Abbassidas, histórias inventadas pelos aduladores que, querendo elogiar os descendentes de Abbas, caluniaram seus rivais, recorrendo a tôda espécie de difamação com requinte de vingança. Indicaremos mais tarde alguns dêstes contos, quando tratarmos da história dos Obaiditas. Os aludidos autores desprezaram por completo a testemunha dos fatos que, mostrando a opinião contrária, contradiz e refuta inteiramente suas afirmações.

Eis o que todos os historiadores relatam sôbre o comêço da dinastia dos Chiítas.

Abu Abdallah, cognominado Al-Muhtacib (33), convenceu os Kitamas (Berberes) a aderirem à causa do "Rida" (ou Aprovado por Allah) pertencente à

(33) — Muhtacib era o magistrado (antigo edil) a quem competia a polícia dos mercados, do trânsito e a fiscalização dos edifícios, etc. Cf mais adeante.

família de Muhammad. A notícia logo se espalhou entre o público e chegou-se a saber que êle visava na realidade, em sua propaganda, a Obaid Allah Al-Mahdi e a seu filho Abul Cacim. Avisados êstes de que foram descobertos e temendo pela vida, os dois príncipes fugiram da sede do califado no Oriente, atravessaram o Egito, deixando Alexandria, disfarçados em trajes característicos de mercadores. Issa Al-Nuchairi, governador do Egito e de Alexandria, sabedor de sua evasão, mandou a cavalaria perseguí-los; mas, graças ao disfarce, êles se esquivaram da vigilância de seus inimigos e alcançaram o Magrib. Sabemos pelos informes dos historiadores que o califa Abbassida Al-Mutadid (34), prescreveu aos Aglabitas, governadores de Ifríkya, e aos Midrar, que comandavam em Sigilmassa, que fechassem o país aos fugitivos, pondo guarda em todos os lugares e que mandassem espiões em seu encalço. El-lassa, senhor Merinida de Sigilmassa, descobrindo que os fugitivos se escondiam na sua cidade, os prendeu para se conciliar com a graça do califa.

Êstes acontecimentos se passavam antes que os Chiítas tirassem a cidade de Cairuão aos Aglabitas. Mais tarde, a causa dos Obaiditas veio a triunfar sucessivamente em Ifríkya, no Magrib, depois no Iaman, em Alexandria, no Egito, na Síria e no Hijaz. De modo que êles dividiram, em porções iguais, com os Abassidas, tôdas as províncias do Império Muçulmano. Chegou mesmo um momento em que os Obaiditas penetraram no território que ficava para os seus rivais e por pouco êles

(34) — Al-Mutadid, Ibn Khaldun deveria dizer Al-Muctafi; o califa Al-Mutadid morreu no ano 289 (902 de J. C.), e Al-Nuchairi que tinha sido nomeado governador do Egito, no ano 292 (905 de J. C.) era ainda ali comandante quando Obaid-Allah passou para o Magrib.

não os susbstituiram no govêrno total do Império. O fato se passou quando o emir Al-Baçassiri, nativo de Dailam e cliente dos Abbassidas, proclamou a autoridade dos Obaiditas em Bagdá e na parte do Iraque que dêste dependia e, apoiado por seus correligionários os Dailamitas, tirou o poder das mãos do Califa abbassida, em conseqüência de um litígio entre êle e os emires da Pérsia. Durante um ano, Al-Baçassiri celebrou a oração pública em nome dos Obaiditas em tôdas as mesquitas do país. Desde então, os Abbassidas continuaram a encontrar embaraços cada vez mais graves, quer por causa da nova posição ocupada pelos Obaiditas, quer pelo Império que acabavam de fundar. De outro lado, nas regiões e países de Além-mar, os Omaiyas andaluzes lançavam anátemas contra os Abbassidas e declaravam-lhes guerra. É de se perguntar agora, como sucessos tamanhos teriam sido obtidos por homens que se atribuissem falsamente uma origem nobre e empregassem a mentira para chegar ao poder. Tenha-se em vista, por exemplo, o que aconteceu com o Karmata, impostor que pretendera tirar sua origem de Muhammad: a seita que quisera formar caiu no aniquilamento; seu partido debandou; a perversidade e a velhacaria de seus adeptos logo foram desmascaradas; todos seus projetos falharam, e êle e seus sectários acabaram provando os frutos amargos de sua conduta. Se os Obaiditas tivessem mentido, ter-se-ia descoberto a verdade, cêdo ou tarde. **"O Homem não Dissimula seu Carácter; Acaba Sempre por ser Descoberto".**

A Dinastia Obaidita manteve-se no poder durante um período de mais ou menos duzentos e seis anos; tornou-se senhora da Estação de

Abrahão, de seu Oratório, da pátria e do túmulo do Profeta, dos lugares que são escôpo e meta dos peregrinos, sítios visitados outrora pelos anjos. Durante todo êste tempo, seus partidários testemunharam-lhes o amor mais vivo, o devotamento mais sincero, com a firme convicção de que tiravam sua origem do Imame Ismail Ibn Jâfar As-Sadik. Mesmo depois da queda dos Obaiditas e da total extinção de seu poderio, seus partidários pegaram muitas vêzes em armas para sustentar a causa e as opiniões religiosas desta família; proclamaram a soberania de seus filhos, atribuindo-lhes direito ao Califado e declarando que seus protegidos obaiditas tiravam êste direito de disposições testamentares dos imames anteriores. Se tivessem a menor dúvida sôbre a veracidade de sua genealogia, êstes partidários não teriam afrontado os maiores perigos para sustentá-los. Aliás, todo inovador é merecedor de fé conquanto não sustente fatos (que não sejam) ambíguos, nem suspeitos e não haja contradição em suas declarações. É de se admirar, pois, que o cadi Abu Bacr Al-Bakilani, chefe dos teólogos (ou mutacallimun) desse acolhida a notícias tão suspeitas e aceitasse opiniões tão mal fundamentadas como estas que acabamos de refutar. Se se justifica o horror que lhe inspiram os princípios dos Chiítas e o desvêlo dêstes mergulhando no abismo dos "Rafidis", esta justa repulsa pela doutrina não deve constituir um impecilho para o reconhecimento da justiça de sua causa: êle poderia muito bem considerar a genealogia obaidita como certa sem supor que a sua descendência de Muhammad os garantiria do castigo devido à infidelidade que professavam. Deus (que Seu nome seja glorificado!) disse a Noé a respeito de seu filho: **"Êle não é de tua família; êle cometeu**

**uma impiedade; não peças o que tu não conheces".** (Alcorão XI:48) — O Profeta, por seu lado, disse numa exortação feita à Fátima: "Minha filha, age por ti mesma; porque eu não serei de nenhuma utilidade para ti junto à Deus!"

O homem que conhece um fato ou que adquire a certeza de coisa de certa importância, tem por obrigação de torná-la pública. **"Deus é verídico e nos dirige no caminho reto".** (Alcorão, XXX:4) Farei, pois, observar que os partidários da família de Alî foram sempre objeto da suspeição dos Abbassidas que os tiveram sempre sob a sua tirânica vigilância. O motivo era que a causa dos Alidas fizera grandes progressos e que seu número tinha se expandido até às mais afastadas regiões para propagar as doutrinas da seita. Em muitas ocasiões, tinham se revoltado contra as autoridades constituidas. De modo que seus chefes viviam escondidos e ficaram quasi desconhecidos. A tal ponto chegou a sua situação que se podia aplicar-lhes o verso do poeta:

**Se perguntas aos homens do dia qual o meu nome, êles não o sabem;**

**Se pedes qual a minha morada, ignoram-na completamente!**

Foi esta a razão pela qual Muhammad, filho de Ismail, terceiro avô de Obaid Allah Al-Mahdi, recebeu o nome de "Al-Mactum" (o Escondido). Êste título foi-lhe dado por seus adeptos, que, de comum acôrdo, aconselharam-lhe de ficar oculto, para escapar às buscas de seus poderosos inimigos. Assim, os afeiçoados à família Abbassida aproveitaram-se da circunstância para infamar a genealogia dos Obaiditas quando êstes resolveram mostrar-se à face do mundo. Queriam

os bajuladores, ao recorrerem a tão miserável expediente, fazer a côrte aos seus patronos, os débeis Califas. Os cortesãos e os generais encarregados de dar combate ao inimigo (Obaidita), adotaram, como armas, estas infâmias (mais faceis de manejar), na esperança de afastarem de si próprios e de seu soberano, a vergonha da incapacidade de se defenderem e rechassarem o povo que lhes arrancou a Síria, o Egito e o Hijaz, isto é, êsses Berberes Kitamitas, partidários dos Obaiditas e estêio de sua causa. Calou tão fundo êste espírito de difamação que os cadis de Bagdá assinaram um documento no qual se declarava que os Obaiditas não pertenciam à prole do Profeta, e, para maior realce da peça, fizeram assinar o documento por certo número de homens notáveis. Contam-se entre êstes o cherif Ar-Rida (35), o irmão dêle, Al-Murtada (36), Ibn Al-Bathawi, os juristas Abu Hamid Al-Asfaraini (37), Al-Caduri (38), As-Saimari (39), Ibn Al-Akfani, Al-Abiurdi (40), Abu Abdalla An-Numãn, chefe jurisconsulto dos Chiítas de Bagdá, e

---

(35) — Ar-Rida (Abúl-Haçan Muhammad), tirava sua origem do "imame" Muça'l-Khádem, descendente de Muhammad. Desfrutava uma reputação considerável em Bagdá, sua cidade natal, onde morreu em 1015. Na opinião de Ibn Al-Athir, o historiador, êste cherif considerava os Obaiditas como pertencentes à família do Profeta.

(36) — Al-Murtada (Abu'l-Haçan Ali), irmão do Ar-Rida, se destacou como teólogo, como poeta e como homem de letras. Morreu em Bagdá em 1044.

(37) — Al-Asfaraini (Abu Hamid Ahmad) doutor da escola chafeíta, professou em Bagdá e morreu nesta cidade em 1037.

(38) — Al-Caduri (Abu'l-Huçain Ahmad), célebre jurisconsulto e doutor do rito chafeíta; morreu em Bagdá, em 1037.

(39) — As-Saimari (Abu'l Cacim Abd Al-Wáhid), doutor da escola chafeíta e autor de diversos tratados de jurisprudência, morreu em 1014.

(40) — Al-Abiurdi (Abu Yacub Yuçuf), doutor chafeíta, morreu no ano 400 H. (1010 E. V.).

muitas outras personalidades notáveis desta cidade. Isto se passou numa reunião solene no ano 402 (1011 E. V.), no reino d'Al-Cadir. A deposição em aprêço não tinha outra base senão falatórios inconsistentes e rumores que corriam na bôca do povo, propalados pelos numerosos servidores da Dinastia abbassida, todos interessados, com razão, em repelir esta genealogia. Os historiadores, por sua vez, deram acolhida a esta declaração, tal como a ouviram ou leram sem se aperceberem de quanto ela era contrária à verdade. Os despachos relativos a Obaid Allah, que o califa Al-Mutadid (41) expedira ao emir Aglabita, comandante de Cairuão, e ao príncipe Midrarita, que governava Sigilmassa, são testemunhos irrecusáveis, uma prova evidente de que a genealogia dos Obaiditas é perfeitamente autêntica (42), tanto mais que Mutadid mostrou-se sempre mais apressado que ninguém em aviltar e desfazer as pretensões dos que reivindicavam qualquer parentesco com o Profeta. Aliás, o Império e o Sultanato são, por assim dizer, como um mercado público, onde todos trazem seus gêneros e mercadorias em matéria de ciências e de arte; aí se vai na esperança de encontrar algum favor dos

---

(41) — Al-Mutadid, cf. p. 49 nota n.º 34.

(42) — A Descrição Topográfica do Cairo, por Al-Macrizi, encerra um capítulo que esclarece melhor o pensamento de Ibn Khaldun. O autor egípcio pretende, como aliás argumenta Ibn Khaldun, que se Al-Mutadid tivesse considerado Obaid-Allah como um impostor, não se teria dado tanta pena para o fazer prender. "Porque, naqueles tempos, os homens não aderiam ao partido de um impostor; não lhe prestavam nenhuma obediência, e só seguiam personagens verdadeiramente descendentes de Alî. Ora, Mutadid concebeu receios com respeito a Obaid-Allah; e, certamente, se o tivesse considerado como impostor, não lhe teria prestado importância alguma". Chamamos a atenção do leitor sôbre o fato que também Al-Macrizi não se apercebeu do anacronismo cometido por Ibn Khaldun, e menos ainda da fragilidade de seus argumentos.

poderes; de tôda parte vêm chegando anedotas e fábulas a respeito de mazelas dos governos, espumas dêste mar que se chama o Poder; o que fôr recebido com agrado pela Côrte é também recebido com agrado pelo comum do povo. Quando o govêrno age com franqueza, deixa a parcialidade, renuncia à corrupção e à fraude; quando segue direito e sem tergiversar o caminho da retidão, então, o ouro puro e a prata de bom quilate, em matéria de ciência, têm um valor real no seu mercado. Mas, se o poder se deixar levar pelos interesses pessoais e pelos preconceitos, se flutuar ao capricho dos intrigantes que se fazem os corretores da injustiça e da bajulação, nêsse caso apenas têm curso mercadorias falsificadas e moedas falsas de erudição. Para se aquilatar do valor real de semelhantes trocas, o juiz esclarecido deve levar dentro de si a balança do exame, a medida da investigação e do retoque.

Um conto do mesmo gênero que os que precedem, se *não mais inverossímil ainda*, é o que conta a gente desafeta à genealogia dos Idrissitas. Pretende-se que Idris II *não era* filho de Idris I, filho de Abdallah, filho de Haçan, filho de Haçan, filho de Alî Ibn Abi Talib (genro do Profeta). Idris II sucedeu a seu pai como soberano do Magrib Al-Aksa. Mas, (as más línguas) teimam com obstinação extrema em levantar suspeitas quanto à legitimidade da criança, que, ao morrer Idris I, não tinha ainda vindo ao mundo. Pretendem que Râched, liberto da família, era o pai dela. Mas como êles são ignorantes! E que Deus os amaldiçoe! Não sabem que Idris I casou-se com uma mulher de família berbere e que, depois de sua entrada no Magrib até a hora de sua morte, se tinha retemperado nos hábitos da vida do deserto, e êstes hábitos são avêssos à reclusão. Entre

êstes Berberes não havia lugares escondidos que permitissem suspeitas. E as mulheres corriam o risco de serem vistas por suas vizinhas e ouvidas pelos vizinhos, porque as casas se tocavam e eram pouco altas e nenhum espaço separava as diversas habitações. Depois da morte do soberano, Râched tomou a seu cargo o serviço de tôdas as mulheres pertencentes à família e estava constantemente sob a vista e sob a vigilância dos amigos e dos partidários dos Idrissitas. Ora, todos os Berberes do Magrib al-Aksa concordaram, depois da morte de Idris I, em reconhecer como soberano a seu filho Idris II. Por um movimento espontâneo e unânime, ofereceram à criança a homenagem de sua obediência, jurando defendê-la à custa do próprio sangue. Para sustentar sua causa afrontaram a morte não recuando mergulhar nos horrores de uma guerra. Eu pergunto: se a menor suspeita tivesse aflorado no seu espírito quanto à origem dêste menino; se um tal rumor, mesmo partindo de um inimigo oculto ou de um falso amigo propenso à maledicência, tivesse chegado aos seus ouvidos, pela menos alguns entre os partidários não teriam renunciado à causa que tinham começado a sustentar? Nada disso, graças a Deus, aconteceu! Por isso, podemos olhar, com desprêzo, para estas fábulas, oriundas, em primeiro lugar, do govêrno Abbassida, cujos chefes tinham encontrado rivais na família de Idris; em segundo lugar, dos Aglabitas administradores de Ifríkya em nome dos Califas de Bagdá. Com efeito, quando Idris I fugiu rumo ao Magrib, depois da batalha de Fakh (43), o califa Al-Hadi transmitiu aos Aglabitas a

(43) — Fakh, localidade situada a três milhas de Medina, e célebre por uma batalha em que morreu Hoçain, filho de Ali, filho de Haçan III, filho de Haçan II, filho de Haçan I, filho de Fátima, filha de Muhammad, e na qual perdeu a vida. Idris escapou do

ordem de estabelecerem postos de vigia em todo êste país para se apoderarem do fugitivo. Estas precauções foram tôdas frustradas. Idris refugiou-se no Magrib, onde estabeleceu sua autoridade como soberano e manifestou suas pretensões ao Califado. Mais tarde, o califa Ar-Rachid descobriu que Uádih, governador de Alexandria e cliente da família abbassida, levado pelo respeito que dedicava à família de Alî tinha cooperado para a evasão de Idris I, ajudando-o a refugiar-se no Magrib. Punindo com a morte êste servidor infiel, o califa enviou A-Chammah, liberto de seu pai, com a ordem de usar de todos os artifícios para matar a Idris. Êste agente, fingindo abraçar a causa de Idris e ter renunciado ao serviço dos seus antigos senhores abbassidas, recebeu boa acolhida. Admitido na intimidade de Idris, aproveitou-se de uma ocasião em que estava a sós com o príncipe, e serviu-lhe um veneno, cujo efeito foi fatal. Os Abbassidas receberam a notícia com júbilo, na convicção de terem cortado o mal pela raiz e aniquilado o partido que os descendentes de Alî tinham formado no Magrib. Mas ignoravam ainda a nova de que a vítima deixara uma mulher grávida. Também, em menos tempo que o necessário para dizer "não e não", o Império Idrissita ergueu-se nas regiões do Magrib. Logo, os amigos desta família se apressaram a manifestar-lhe seu devotamento e restabeleceram a continuidade dinástica proclamando a soberania de Idris, filho de Idris I. O fato constituiu para os Abbassidas um golpe mais doloroso que a ferida aberta por uma frecha. O Império fundado pelos Árabes pendia para o declínio: faltando-lhe a coragem de levar a guerra a um país dis-

campo da batalha, ganhou o Egito e se refugiou no Magrib. (Nota dos Trad.).

tante como o Magrib, reduziu-se a influência d'Ar-Rachid ao emprêgo da traição para envenenar Idris I, que vivia sob a proteção dos Berberes. Incapazes de fazer a guerra por si, os Abbassidas apelaram para os Aglabitas de Ifríkya, pedindo-lhes empregassem todos os meios de fechar uma brecha que oferecia tanto perigo para o Império, e extirpassem o mal que, pela audácia dos Idrissitas, ameaçava o Estado com as mais graves conseqüências, e arrancassem pela raíz a árvore de rebelião antes de se alastrar. Foi da parte de Al-Mamun e de seus sucessores que estas intimações chgaram aos Aglabitas contra os Berberes. Mais do que os Abbassidas, os Aglabitas eram impotentes para lutar contra êstes. Mais ainda, estavam dispostos a imitar os Berberes, repudiando como êles, a autoridade do govêrno abbassida. Porque, nesta época, em Bagdá, os Mamelucos da Guarda Califal, que eram de raça estrangeira, se apoderaram da capital dos Abbassidas e do Império, deixando-se levar até à usurpação; administravam o Império em proveito próprio; davam ordens aos grandes oficiais do Califado, aos arrendatários dos impostos, aos funcionários das diversas administrações, fazendo e desfazendo a seu bel prazer. É o que disse um poeta da época:

**Um Califa, numa gaiola,**
**Entre Uacif e Boga** (44),
**Vem repetindo seus dizeres**
**Tal como o faz o "babaga"** (45).

Os emires Aglabitas, temendo as intrigas e de-

(44) — Nome de dois oficiais da guarda turca do califa. Êste corpo de escravos (é o que significa o têrmo árabe de "mamluc") tinha despojado os califas abbassidas de tôda autoridade.

(45) — Babaga é o nome árabe do papagaio.

núncias de seus inimigos secretos, recorreram a tôda sorte de desculpas. Ora falavam com desprêzo do Magrib e de seus habitantes, ora procuravam amedrontar a Côrte de Bagdá, apresentando como temível a tentativa de Idris, o primeiro a se revoltar nestas regiões, e, como não menos formidável, o poderio alcançado por seus descendentes. Diziam ao govêrno califal que esta família tinha levado sua autoridade além dos limites de seus Estados, e, ao mandarem à Côrte abbassida presentes ou somas provenientes dos impostos, juntavam os Aglabitas moedas cunhadas com a efígie do príncipe Idrissita, para mostrarem quão temível e forte êste se tornara. Assim, exageravam os perigos que correriam se o govêrno abbassida teimasse em obrigá-los a marchar contra os rebeldes, empenhando-se numa luta com êles. "Se formos forçados a esta empreza, diziam, o Império abbassida correrá o risco de receber um golpe mortal". Outras vêzes, empregavam calúnias como estas que acabamos de apontar, para infamar a genealogia de Idris e solapar-lhe a influência, sem se importarem com a veracidade ou falsidade de suas asserções, abrigados contra tôda contestação pela grande distância que os separava de Bagdá e a debilidade mental de que davam mostra os últimos rebentes da Dinastia abbassida que sucederam no trono. Contavam também com a ingenuidade dos Mamelucos, que davam fé a tudo o que se lhes dizia e prestavam ouvido a tôda palavra de mau augúrio. Tal foi o procedimento dos Aglabitas até a sua queda final. Os discursos odiosos que espalhavam a respeito dos Idrissitas impressionavam os ouvidos da multidão, e não faltavam homens afeiçoados à calúnia para recolhê-los e satisfazer a sua paixão difamatória. Como êstes homens, (Que Deus os confunda!)

puderam se afastar assim das vias retas da religião, cujos preceitos estão em perfeita harmonia com o pensamento do legislador divino!

Idris II nasceu no leito de seu pai; ora, **o filho pertence ao leito, diz o legislador** (46). Além do que, é um dogma de fé que a descendência do Profeta está ao abrigo de tôda suspeita como aquela, tendo o Deus Altíssimo afastado dela tôda mácula e favorecendo-a com uma pureza perfeita. Ressalta desta declaração do Alcorão que o dito Idris estava isento de tôda profanação e puro de tôda nódoa. Portanto, quem sustentar uma opinião contrária comete pecado mortal e se precipita na infidelidade (47).

Eu alonguei-me nesta refutação para cerrar a porta a tôda espécie de dúvida e dar um golpe definitivo no espírito de difamação, porque ouvi com meus próprios ouvidos imputações desta natureza saírem da bôca de um homem malvado que empregava tais mentiras como armas contra os descendentes de Idris, querendo, com isso, atingí-los na sua honra genealógica. Pretendia que relatava estas fábulas sôbre a fé de certo historiador do Magrib que certamente tinha perdido a noção do respeito que se deve à prole do Profeta e esquecido o artigo de fé que se refere aos ancestrais desta casa. Aliás, como esta família, objeto de nossa discussão, está ao abrigo de tôda imputação, estas calúnias não conseguem atingí-la, e quem desculpar uma falta quando esta falta não existe, comete uma falta. Quan-

---

(46) — Muhammad disse (e sua palavra é lei): "A criança pertence ao leito". É a mesma máxima que: Is pater est quem nuptiae demonstrant.

(47) — Lê-se no Alcorão: "Deus deseja afastar de vós, tôda mácula, gente da casa" (isto é: membros da família de Muhammad) "e vos assegurar uma pureza perfeita". (Alc. XXXIII:33).

to a mim, eu defendi a honra dos Idrissitas neste mundo, e espero que êles saberão tomar a minha defesa no dia da Decisão.

Saiba o leitor que a maior parte dos que contestam a genealogia dos Idrissitas não passam de invejosos, pertencendo alguns à própria família do Profeta, e outros com pretenções de à ela pertencerem. O homem que se dá como descendente do Profeta reivindica uma nobreza que infunde respeito e admiração às nações e aos povos de tôdas as partes do mundo; por êsse fato, está sujeito a suspeitas e dúvidas. Mas, quando pensamos que os Idrissitas, senhores de Fez e de muitas regiões do Magrib, podem exibir uma genealogia tão famosa, tão clara e certa que, por assim dizer, ninguém pode se gabar de possuir filiação igual, porque transmitida por tradição que vai de raça em raça e de geração em geração; quando sabemos que a casa de Idris, fundador de Fez, se ergue ainda entre as outras casas desta cidade, que sua mesquita continua ocupando o mesmo lugar no meio de um quarteirão muito populoso, que sua espada nua reluz no alto do grande minarete dominando a cidade; quando lembramos os feitos de Idris, que a voz pública revestiu de uma tal certeza e realidade que estas os colocam, podemos dizer, sob a nossa vista e de um modo que excede, de muitos graus, a certeza das tradições mais autênticas; considerando os favores com que Deus cumulou os Idrissitas e a maneira como apoiou a sua ascendência coroando-a com a majestade do trono ocupado pelos seus maiores no Magrib, nós devemos crer depois de tudo isso, que os outros membros da mesma família deviam conformar-se com esta situação privilegiada e deixar os Idrissitas em paz, convencidos os invejosos de que tamanha glória estará

sempre fora de seu alcance e que jamais chegarão sequer à metade da ilustração desfrutada pelos Idrissitas. As mesmas considerações nos levam a crer, com mais razão, que as pessoas pertencentes à nobre linhagem do Profeta, mas que não gozam das vantagens que testemunham em favor dos Idrissitas, devem apressar-se a respeitar a honra dêstes príncipes, mesmo porque a declaração feita por um homem com respeito a sua origem deve ser admitida, enquanto não se possuir base segura para taxá-la de falsa. Visto que uma grande distância separa o certo do suposto e os conhecimentos que o homem aprende com certeza são incomparàvelmente superiores aos do homem que abunda no saber alheio. Se o caluniador sabe, em sua alma e consciência, que esta é a verdade, possa a sua saliva sufocá-lo!

Desejariam muitos, por um sentimento de inveja, tirar aos Idrissitas seu título a esta nobre origem e rebaixá-los ao nível dos homens do povo e de baixo nascimento. Tomados de uma sanha, de uma perfídia que não conhece limites e de uma persistência que nada iguala, difundem calúnias gratuitas e palavras mentirosas. Como justificativa dêste procedimento, dizem que duas opiniões, sendo contrárias, são de valor igual, tal como o que se dá com os julgados baseados sôbre probabilidades. — Alegações miseráveis, tudo isso! Não existe, que saibamos, em todo o Magrib, outro ramo de descendência do Profeta, que, quanto à autenticidade e à evidência da genealogia, possa pôr-se em confronto com os descendentes de Idris cuja origem ascende a Al-Haçan (neto do Profeta). Em nossos dias, os membros desta casa que habitam Fez são os Banu Umrân que têm por avô Iahya Al-Juti, que era filho de Muhammad, filho de Iahya Al-Awâm, filho de Cacim, filho de

Idris, filho de Idris. Êles constituem, nesta cidade, o que resta da família do Profeta e ocupam ainda a mesma casa ancestral. Desfrutam, sôbre todos os habitantes do Magrib, uma proeminência notável, conforme relataremos ao falarmos dos Idrissitas. Umrân, o pai da família, tinha a genealogia seguinte: era filho de Muhammad, filho de Alî, filho de Muhammad, filho de Iahya, filho de Ibrahim, filho de Iahya Al-Juti. Quanto ao "naquib" ou síndico dos descendentes do Profeta que habitam o Magrib, êle é sempre escolhido dentro desta família. O que desempenha agora êste ofício tem por nome Muhammad, filho de Alî, filho de Umrân.

À lista das falsidades e das opiniões insustentáveis deve-se acrescentar o que certos jurisconsultos do Magrib, homens de espírito fraco, adotaram para descrever-nos o imame Al-Mahdi que fundou a dinastia à qual ligou seu nome. Representaram-no como um charlatão que recorria a sortilégios para difundir sua doutrina sôbre a unidade de Deus, ameaçando com a vingança divina aos Almoravidas, então no poder, em castigo de suas iniquidades. Taxaram de mentiras tôdas as declarações feitas pelo Mahdi e repeliram a opinião dos Al-Mohadas, adeptos dêle, que o consideravam descendente do Profeta. A razão por que êstes jurisconsultos trataram Al-Mahdi de mentiroso não tem outro fundamento senão a inveja profunda que nêles produziram os sucessos do reformador. Pensando que deviam encetar uma controvérsia com êle sôbre certos pontos de dogma e discutir certas questões de direito e de religião, que interpretavam a seu modo, se aperceberam de que levava sôbre êles a vantagem de fazer prevalecer sua opinião, de se fazer escutar e de ganhar grande número de partidários para

a sua causa. Cheios de inveja, procuraram difamá-lo atacando sua doutrina e taxando de mentirosas tôdas as suas pretensões. Deve-se acrescentar que os adversários do Mahdi, os reis de Lamtuna (ou Almoravidas), tinham acostumado êstes doutores a atenções e provas de aprêço e respeito que nenhuma outra dinastia lhes tinha tributado, devido à simplicidade de espírito e à devoção que animavam êste povo. Era tal o estado de espírito que predominava naquela época que os legistas gozavam entre êles da mais alta consideração e faziam parte dos conselhos administrativos nos lugares onde residiam, e, quanto maior influência tinham, mais favores recebiam. Tratados desta maneira, tornaram-se os partidários mais devotados do govêrno Almoravida e os adversários mais encarniçados de seus inimigos. Na mesma proporção em que amavam a Dinastia de Lamtuna, detestavam os Al-Mohadas. Jamais puderam perdoar ao Mahdi sua oposição à vontade de seus amos, as críticas que lhes dirigia e as hostilidades que contra êles desencadeou. Como se vê, era um homem cujo carácter pairava muito acima do alcance dêstes indivíduos incapazes de apreciá-lo e muito menos ainda de seguí-lo. O que podiam pensar de um homem que tinha censurado abertamente as faltas do govêrno Almoravida, e que, vendo contrariados seus esfôrços pelos legistas da dinastia, chamou às armas sua própria tribo, marchou em pessoa para a guerra santa e destruiu esta dinastia? Das formidáveis fôrças do Império Almoravida e do poderio que adquiriram, graças ao grande número de suas tropas e de seus partidários, nada resistiu, desmoronando-se tudo até os alicerces. Mahdi, na sua emprêsa, perdeu um grande número de combatentes que se tinham comprometido a morrer por sua cau-

sa, a merecer o favor de Deus e a sacrificar a vida ao triunfo e manutenção da doutrina almohada. Por isso, êste sistema religioso levou de vencida os outros e subsistiu em Andaluzia e no Magrib às crenças das dinastias anteriores. Durante todo êste tempo e até ao instante de sua morte, o Mahdi se distinguiu pela austeridade de sua vida, sua temperança, pela paciência que mostrou na adversidade e por seu total alheamento às coisas dêste mundo. Fortuna, bens, tudo para êle era sem atrativo, não tendo sequer um filho, objeto que todos os corações almejam e que tantas vêzes desejam em vão. Queria bem saber o que êste homem esperava com um tal procedimento, senão o favor divino, êle que nada dêste mundo desejava. Aliás, não fôssem boas as suas intenções, nunca seus intentos se teriam realizado, nem triunfado sua causa. Mas **isso lhe sucedeu de conformidade com a norma seguida por Allah para com seus servidores.** (Alc. X:85).

A obstinação dos inimigos negando a sua ascendência e ligação com o Profeta não se fundamenta sôbre prova alguma, enquanto foi constante a sua afirmação de pertencer a esta família, e nada apareceu que desmentisse a sua asserção. Ora, é princípio reconhecido que a declaração feita por um homem com respeito à própria origem deve ser admitida. Se responderem que o comando de um povo não é jamais exercido senão por um homem da mesma raça, adiantando assim um princípio cuja veracidade será demonstrada na Segunda Seção dêste Livro, responderemos concordando que, com efeito, o Mahdi exerceu o comando supremo sôbre tôdas as tribos de Masmuda, tôdas consentindo em tomá-lo por chefe e prestar-lhe obediência, como a tribo de Herga, da qual fazia parte. Apoiado e seguido

por êstes povos, levou sua causa ao triunfo final, cumprindo a vontade de Deus.

É preciso saber outrossim que a genealogia pela qual Mahdi ligava sua origem a Fátima, filha de Muhammad, não era o único título que lhe dava direito ao comando supremo, nem tampouco a dita genealogia constituia o motivo que levava a multidão a seguí-lo. A origem da emprêsa e a razão de seu grande sucesso tinham sua raíz no sentimento nacional dos Hergas e dos Masmudas, no espírito de tribo que caracterizava o Mahdi e na sua ascendência masmudina. A descendência de Fátima era um fato oculto que passava despercebido à multidão, e apenas reconhecido por êle e por seus parentes que o transmitiam uns aos outros, sucessivamente. O Mahdi tinha-se, por assim dizer, despido desta primeira genealogia para sòmente aparecer com o carácter e o aspecto de um verdadeiro Masmudino. Seus liames com Fátima não podiam trazer nenhum dano à sua nacionalidade pela razão de serem ignorados dos compatriotas. Têm-se exemplos freqüentes de uma genealogia secundária guardando a sua validade, enquanto a genealogia primitiva ficava oculta. Sirva-nos de exemplo a anedota de Arfaja e de Jarir. Tratava-se de dar um chefe à tribo de Bajíla. Arfaja, que, na realidade, pertencia à tribo dos Azd, disputava com Jarir, na presença do califa Omar, a chefia dêste povo, fato que todos os historiadores contam. O exemplo citado faz compreender a justeza de nossa observação. **É Deus quem dirige os homens para a verdade!**

Ao tratarmos tão longamente desta série de erros, pouco faltou para desviarmo-nos do objetivo dêste Livro; era tempo de pararmos. Mas, como calarmos, vendo homens, cuja palavra faz autoridade, e compiladores

de tradições históricas tropeçarem e cairem nestes erros e acreditarem em tão extravagantes opiniões? As informações mentirosas gravaram-se-lhes no espírito e a maioria dos leitores, que se compõe de homens nada criteriosos e pouco dispostos a empregar as regras da crítica, dêles recebe êstes contos igualmente sem reserva e sem reflexão. Tudo isso indo incorporar-se à massa dos conhecimentos adquiridos, transformou a História numa mistura de inverossimilhanças e de erros, que atravancam a mente, deixando o leitor perplexo nas suas conclusões, além de rebaixar o historiador ao nível do contista popular. É preciso, pois, que o historiador conheça os princípios fundamentais da arte de governar, o verdadeiro carácter dos acontecimentos, as diferenças que apresentam as nações, os países e os tempos, no que diz respeito aos costumes, aos usos, à conduta, às opiniões, aos sentimentos religiosos e à tôdas as circunstâncias que exercem qualquer influência sôbre a sociedade. Deve êle saber o que no presente subsiste de tôdas estas contingências para compará-lo com o passado; indicar os pontos de semelhança ou de discordância; dar a razão destas analogias ou divergências, explicar a origem das dinastias e das religiões, indicar a época em que apareceram, as causas que presidiram a seu advento, os fatos delas oriundos e a posição social biográfica dos que contribuiram para seu estabelecimento. Numa palavra, deve conhecer a fundo as causas de cada acontecimento e as fontes de cada informação. Sòmente então estará apto a comparar as narrativas colhidas com os princípios e as regras de que dispõe. Se um fato estiver de acôrdo com êstes princípios e responder a tudo o que exigem, pode considerá-lo autêntico; se não, deve tê-lo por apócrifo e rejeitá-lo.

Foi na suposição do pleno exercício desta atenção escrupulosa pelos historiadores que os antigos tributaram à suas obras a mais alta estima. Muitos sábios, como Tabari, Bukhari e o predecessor dêles, Ibn Ishac, adotaram esta disciplina, enquanto outros, em grande número, não lhe prestaram a mínima atenção; também, êstes últimos, nos seus escritos, demonstraram a cada página sua ignorância do segredo que todo historiador deve conhecer. Os espíritos vulgares e os que são falhos de conhecimentos sólidos, olham com desprêzo as obras históricas; não querem conhecer-lhes o conteúdo, nem fazer delas objeto de estudo, nem demonstrar o mínimo empenho em procurá-las, mesmo a título de curiosidade. Porque nêsses tratados, vê-se, por assim dizer, o rebanho bem tratado confundido com o que nenhum cuidado recebe, a polpa está de mistura com as cascas, e a mentira, incorporada à verdade. **O têrmo de tudo é Allah!** (Alcorão XXXI:25).

As obras históricas encerram mais outro gênero de erros, devido à negligência dos autores em não prestarem atenção às modificações que os tempos e as épocas produzem no estado social. Êste descaso constitui uma verdadeira enfermidade do espírito que pode ficar durante muito tempo oculta e que, para ser diagnosticada, requer uma seqüência de séculos, em virtude de não ser percebida senão por um pequeno número de indivíduos. Com efeito, o estado do mundo e dos povos, seus usos, suas opiniões, não subsistem de maneira uniforme e numa situação invariável. Constituem, ao contrário, uma sucessão de alternativas e uma transposição contínua de um estado para outro. As modificações que se produzem nos indivíduos, nos tempos de pouca duração e nas cidades, afetam também os grandes paí-

ses, as províncias, os longos períodos de tempo e os impérios, **Segundo a norma estabelecida por Allah para seus servidores.** (Alcorão XI:85).

Nos tempos de antanho, povoaram a terra os Persas da primeira raça, os Assírios, os Nabateus, os Tubbá, os Israelitas e os Coptas. Possuia cada uma destas nações caracteres próprios no que se relacionava com suas dinastias, seus impérios, seu modo de governar, suas artes, línguas, idiomas, assim como suas relações de todo gênero com os povos contemporâneos e a maneira de se organizarem socialmente. Os monumentos que deixaram atestam esta variedade. A seguir, vieram os Persas da segunda raça, os Romanos, os Gregos, os Árabes e os Francos. As circunstâncias características das eras anteriores foram-se modificando, os usos antigos dando lugar a outros, uns análogos aos que acabavam de desaparecer, e inteiramente diferentes outros. Mais tarde, apareceu o Islamismo e, com êle, chegaram os Árabes da raça de Mudar; uma nova revolução operou-se em tôdas as circunstâncias que acabamos de enumerar. Introduziram-se usos e costumes que subsistem ainda em grande parte, transmitidos de pais a filhos. Por sua vez, a dominação árabe passou, esgotando-se os dias de sua prosperidade, e, as antigas gerações, que fundaram a glória desta nação e a fôrça do seu Império, deixaram de existir. A autoridade passou para as mãos de povos estrangeiros, tais como os Turcos, no Oriente, os Berberes no Ocidente, os Francos, ao Norte. O desaparecimento do poderio árabe, provocando a queda de outros povos, trouxe como conseqüência um novo estado de coisas em que desapareceram certos usos, cuja existência e carácter nos são hoje desconhecidos. Segundo a opinião geral, a causa que

provoca estas mudanças nos costumes é o empenho de cada povo em imitar os hábitos de seu príncipe, conforme diz o adágio: "Os homens seguem a religião de seus reis". Quando um príncipe ou chefe poderoso adquire a autoridade soberana, não deixa de adotar quase sempre todos os usos de seu predecessor, sem renunciar aos usos de sua própria nação, daí resultando diferirem, em alguns pontos, os costumes da nova dinastia dos usos da que desapareceu. Aconteça mais uma revolução social, a dinastia que se alevanta recorrerá ao mesmo processo de fusão entre os usos antigos e os que lhe são próprios, provocando uma nova forma com alteração mais acentuada nas variações da primeira dinastia. Estas modificações se sucedem aumentando cada vez mais e terminando por uma dissemelhança total. Assim, pois, enquanto se sucederem povos e gerações no exercício da soberania e do império, o seu modo de ser e seus costumes, o organismo social, enfim, estarão sujeitos a modificações na mesma medida que a causa que os provocou.

Sabe-se que o homem é naturalmente levado a basear seus julgamentos sôbre analogias e semelhanças. Êste processo de julgar não está totalmente ao abrigo do êrro, e, se acompanhado de desatenção e de falta de reflexão, perigosamente afasta do propósito e falsea o sentido da investigação. Relatar ou ouvir os acontecimentos passados e esquecer-se das modificações havidas na sociedade humana, para estabelecer um confronto entre êstes fatos passados e as coisas que apreendeu ou testemunhou (no presente), é arriscar-se pela certa a cometer um grave êrro, pela razão que os dois elementos a comparar podem apresentar diferenças notáveis.

Vem classificar-se neste gênero de erros o que os historiadores relatam a respeito de Hajjaj. Contam que seu pai era mestre-escola. Ora, em nossos dias, o ensino é um ofício que se exerce para ganhar a vida e que não convém de modo algum às pessoas cujas famílias fazem parte do poder. O mestre-escola é um ser sem conseqüência, ocupando na sociedade posição inferior e sem realce. Muitos pobres diabos que, para viverem, exercem profissões e ofícios de artesanato, vivem sonhando, que, à semelhança de Hajjaj, poderiam galgar altas posições, para as quais êles não têm nenhuma capacidade, e afigura-se-lhes que tal transformação não seria impossível! Cedendo às sugestões da ambição, procuram ascender às honras; mas a corda que têm na mão se rompe, deixando-os cair no abismo, onde os esperam a ruína e a morte. Êles não compreendem quanto são absurdas pretensões como estas, partindo de gente de sua espécie, de infelizes que devem penar para seu sustento! Mas as coisas não se passavam do mesmo modo no comêço do Islamismo. Naquela época, não se considerava de modo algum o ensino como um ofício. Consistia, sim, em comunicar aos outros as ordens que ouviram da bôca do legislador e instruí-los nos preceitos religiosos que não conheciam: tudo a título de comunicação gratuita. De modo que os homens de alta estirpe e os poderosos chefes de tribos, que combateram para a implantação da religião, eram os mesmos que ensinavam o Alcorão e os preceitos do Profeta. Era, da parte dêles, uma simples comunicação de doutrinas, mas de modo algum, o exercício mercenário de um ensino, porque se tratava do Livro sagrado que Deus mandou a seu Profeta e cujas prescrições deviam servir de regra para cada um se conduzir. O Islamismo, a favor do

qual tinhham combatido até à morte, era a religião que professavam e se gloriavam sòmente êles, entre todos os povos, de a possuirem; por isso é que cuidavam de ensinar suas doutrinas e fazê-las compreender pela nação. Em cumprimento dêste dever, não se deixavam deter pela recriminação do orgulho ou pelas queixas do amor próprio. A prova é que o Profeta mandava os principais dentre seus Companheiros (Sahaba) acompanhar as deputações árabes que se despediam dêle, para ensinar-lhes e aos seus, os preceitos da religião que pregou. Tais missões foram confiadas a dez dêsses Companheiros, e depois, a outros menos importantes. Uma vez sòlidamente estabelecido o Islamismo e bem firmes as suas raízes, outros povos mais distantes foram por sua vez catequizados por êstes primeiros adeptos. Com o correr dos tempos, o ensino e a própria doutrina sofreram modificações. Foi preciso tirar dos textos sagrados regras para aplicá-las à solução de numerosos casos que se apresentavam todos os dias perante os tribunais; de modo que se sentiu a necessidade de um código que colocasse a justiça a salvo dos erros e da arbitrariedade. O conhecimento da lei, tornando-se então aquisição importante, exigiu um ensino regular e metódico, que não tardou em tomar lugar entre as artes e profissões, como veremos no Capítulo consagrado à ciência e ao ensino. Os grandes chefes das tribos, arcando com a responsabilidade de manter o poderio do Império e a autoridade do soberano, deixaram a ciência da lei aos que queriam de boa mente cultivá-la; e foi assim que o ensino se transformou numa destas profissões que se exercem para viver. Desdenhando os homens ricos e os grandes personagens do Estado ocupar-se dêle, passou para as mãos de homens sem consideração,

caíndo ao nível de simples ofício, e ficou exposto ao descaso dos nobres e dos cortesãos. Al-Hajjaj era filho de Yússuf, um dos principais membros da tribo de Thakif. Tôda a gente sabe que êstes chefes thakifitas possuiam o máximo de espírito tribal e de família, sentimento natural aos Árabes, e que, quanto à nobreza de origem, rivalizavam com os Coraixes. O ensino do Alcorão não era, no tempo de Yússuf, o que é hoje, um ofício de que se vive: não tendo sofrido nenhuma mudança desde o aparecimento do Islame, conservava intacto o carácter de sua alta missão.

À lista já longa dos erros na História é preciso ajuntar certas idéias que pessoas de hoje, ao folhearem os livros históricos, fazem dos "Cádis" antigos que iam à frente das tropas e exerciam o comando nas expedições militares. Cegos pela inveja, aspiram a um papel idêntico, imaginando que a profissão de Cádi é, ainda hoje, o que era naqueles tempos. Não lhes sai da mente o exemplo do mordomo Ibn Abi Âmer (48), exercendo a autoridade suprema em substituição do califa

(48) — Ibn Abi Âmer, célebre hajib, o Al-Manzor das crônicas cristãs da Espanha Medieval. Desde sua mocidade concebeu vastas ambições políticas que deviam dominar tôda sua carreira. Acabados seus estudos em Córdova, passou ràpidamente a exercer o ofício de cádi, de intendente, inspetor da Moeda, de tesoureiro, curador de sucessões jacentes, comandante de um corpo de polícia. O califa Hicham, em 976, ao suceder a seu pai, o escolheu para vizir "adjunto", para logo mais, graças a sua habilidade e bons ofícios, o erguer à chefia da administração do Império. Livre dos rivais e competidores, sem nenhum escrúpulo quanto aos meios para chegar a seu fim, reduzindo o califa à reclusão, reorganizou o exército aumentando o número dos mercenários que recrutou a seu sôldo, quer entre os Berberes, quer entre os cristãos, de Leon, de Castilha e de Navarra; tornou-se, não sòmente o senhor todo poderoso dentro do Império, mas também o general temido e vitorioso fora das fronteiras. Tomou para si o título de "Malik carim", nobre rei, e de "Sayied" ou Senhor. **A única coisa que não fêz, foi pronunciar a destituição do Califa, a quem relegou na bela cidade de Az-Zahra.** Êste ditador foi sem

Hicham; nem se esquecem de Ibn Abbad (49), senhor de Sevilha e um dos chefes que dividiram entre si as províncias da Andaluzia Muçulmana. Por ouvirem contar que êstes dois personagens tiveram "Cádis" como pais, imaginam que os "Cádis" daquela época eram como os de hoje e não se dão conta das mudanças que transformaram o exercício dêste cargo no oposto do que era antigamente, fenômeno de que daremos a razão no Capítulo dedicado a êste cargo.

Tanto Ibn Abi Âmer como Ibn Abbad pertenciam a estas tribos árabes que sustentaram o poder dos Omaiyas na Andaluzia, e formavam seus partidários mais devotados, os mais imbuidos de espírito partidário e tribal. Como é sabido, ambos êstes personagens desfrutavam na sua tribo de uma posição considerável; e não foi em conseqüência do cargo de Cádi, tal como o

---

dúvida um dos maiores homens políticos da Andaluzia e do Islame. Morreu em Medina Celi, de volta de uma expedição (a 25.ª!) contra os Cristãos, a 10 de agôsto de 1002. (Nota dos Trad.).

(49) — Ibn Abbad (Abu Amr Abbad Ibn Muh. Ibn Abbad) o mais importante e o mais poderoso soberano da dinastia dos Abbad de Sevilha. No curso de um reinado de 30 anos, (1042-1069) engrandeceu sem cessar o território de seu Estado, fazendo-se o campeão da causa árabe-andaluza contra os Berberes de Espanha, cujo número e poderio cresciam cada vez mais desde a ditadura de Ibn Âmer. Tomando o título de Hajib e o "lacab" honorífico de "Al-Mutadid bil-Lah", mostrou-se um chefe autoritário, tão ambicioso como cruel e sem escrúpulo. Destruindo e anexando uns após outros os pequenos Estados vizinhos, inventou, para avassalar os outros, a lenda de um Hicham II, que dizia ter encontrado e a quem guardava rigorosamente seqüestrado. Convidou êstes príncipes Berberes para um banquete, os fêz asfixiar, a êles, aos filhos e a todo seu séquito. Em verdade esteve prestes a possuir tôda a Espanha muçulmana. A morte veio interromper êste sonho; mais ainda: impedí-lo de assistir ao desmoronamento de um império que sua energia e astúcia construiram poupando-o da suprema humilhação de vê-lo passar às mãos dêstes Berberes, que, na Andaluzia, tinha vencido e quasi aniquilado, e que, logo mais, com os Almohadas saharianos, passariam o Estreito para lhe arrebatarem o reino e o filho. (Nota dos Trad.).

conhecemos hoje, que alcançaram o alto comando e a soberania. Em tempos idos, ocupavam êste pôsto homens influentes e que faziam parte, seja de tribos ao serviço do Império, seja do corpo dos clientes ligados à casa do soberano. Os Cádis desempenhavam então as mesmas funções que, nos dias de hoje, no Magrib, são confiadas aos vizíres; tomavam a frente das tropas quando partiam em campanha no verão e exerciam a alta direção dos negócios de importância sòmente confiados a destacados homens habilitados com meios de execução que provinham da fôrça e prestígio da própria família. Os que ouvem falar dêstes fatos enganam-se, às vêzes, por quererem equiparar uma ordem de coisas a outra completamente diferente.

A maior parte dos que cometem êste gênero de equívoco são, geralmente, muçulmanos andaluzes pouco esclarecidos. É devido êste seu engano à ausência de todo espírito de partido, de classe, entre êles, em conseqüência da ruína do poderio árabe naquele país e da queda da dinastia aí fundada. Mesmo dominados pelos Berberes, os Andaluzes não se deixaram influenciar pelas virtudes que mais caracterizam aquêles, a saber, o espírito tribal e de assistência mútua. O que resultou foi que êstes árabes conservaram suas genealogias árabes, mas perderam a fôrça de coesão e de assistência partidária que conduzem ao poderio e à soberania. Reduzidos à categoria de povos subjugados, avêssos a tôda ajuda mútua, escravos da fôrça, esmagados e humilhados, imaginam (os Andaluzes) que, com o nascimento e um emprêgo no govêrno, ficam aptos a conquistarem um reino e a governarem os homens. Esta pretensão é tão enraizada nêles que até os homens de ocupação humilde e os simples artesãos

sonham com o poder e procuram alcançá-lo. O observador que de perto viu o estado das tribos no Magrib, o espírito de solidariedade que as anima, os Impérios que fundaram e os meios de que se serviram para estabelecer sua dominação, não se deixa cair nestes erros, e dificilmente se engana ao apreciar semelhante matéria.

No mesmo êrro de apreciação laboram certos historiadores ao tratarem de uma dinastia e da seqüência de seus reis. Todo seu trabalho consiste em fornecer o nome do príncipe, a genealogia dêste, o nome do pai, da mãe, de suas múltiplas mulheres, sem esquecer seu título, a gravação que usava no sinete, o nome de seu cádi, de seu mordomo, assim como de seu vizir, orgulhosos, ao exibirem tanta erudição, de seguirem o exemplo dos historiadores das dinastias dos Omaiyas e dos Abbassidas, sem compreenderem o fim que tiveram em vista êstes escritores. Nesses tempos remotos, os cronistas destinavam seus escritos ao uso da família reinante. Os jovens príncipes empenhavam-se em conhecer a história de seus antepassados e seus feitos, para lhes trilharem os passos e se guiarem pelo seu exemplo; mas, sobretudo, sentiam a necessidade de saber como e onde escolher os personagens que deviam tomar os grandes encargos e de confiar a alta administração e outros emprêgos aos descendentes de antigas criaturas da casa real e seus servidores (50). Ora, os cádis contavam-se então entre os que serviam de sustentáculos ao poder e igualavam em dignidade aos vizires, como foi dito. Os historiadores viam-se, pois, na necessidade de entrarem nestes detalhes pormenorizados. Mas, quando os Impé-

(50) --Creaturas da casa real, tradução de صنائع جمع صنيعة que o autor emprega para designar os protegidos da dinastia, gente tirada do nada e afeiçoada a ela em proporção dos benefícios recebidos de seus régios amos. (Nota dos Trad.).

rios estão separados por distâncias consideráveis ou por grandes intervalos de tempo, os leitores procuram sòmente na História dos soberanos os meios de estabelecerem comparação entre as dinastias, com seu poderio e conquistas, e a indicação dos povos que lhes opuseram resistência ou que sucumbiram na luta. Não há, pois, vantagem para um historiador em dar a relação dos filhos de um antigo soberano ou as listas de suas mulheres, de sua chancela com a respectiva gravação, título honorífico, seus vizires, cádis e hajib, mormente se nada sabe nem diz da origem genealógica e de algum feito destas pessoas.

Seguindo passos alheios, os historiadores não resistiram ao espírito de imitação, nem atinaram com os motivos que os antigos historiadores tiveram em vista. Eu estou de acôrdo em que se deva menção especial a certos vizires que deixaram grandes traços na História e a prova de uma ilustração igual à dos próprios soberanos, tais como Al-Hajjaj, os filhos de Muhallab (51), os Barmakidas, os Banu Sahl Ibn Nubakht (52), Kafur (53), ministro dos Ikhchiditas, Ibn Abi Ámer e ou-

---

(51) — Al-Muhallab, general árabe do tempo dos Omaiyas, famoso por suas lutas contra os Kharejitas que destroçou até no Tabaristão, e recebeu como recompensa o govêrno do Khoração. Seus filhos se assinalaram no serviço dos Omaiyas, durante certo tempo; Yazid, filho de Muhallab, revoltou-se contra Yazid II e se apoderou de Kufa. Perseguido e combatido pelas tropas fieis aos Omaiyas, Yazid, filho de Mohalhal, abandonado dos seus, depois de uma batalha encarniçada, morreu após ter resistido heròicamente, assim como seus irmãos. A perseguição exercida por Yazid II contra os Mohalhal foi tal "que quase todos foram aniquilados", ao dizer de Maçudi. (Prairies d'or, t. V, p. 457). (Nota dos Trad.).

(52) — Sahl tinha dois filhos, Al-Fadl e Al-Haçan, que foram ambos vizires do califa Al-Mamum.

(53) — Kafur, nasceu na Núbia ou na Abissíssina, entre 291 H. (904) e 308 H (920) segundo dados das crônicas. Escravo, horrìvelmente feio, tornou-se soberano do Egito e da Síria, e protetor cele-

tros. Não se pode criticar o escritor que nos queira oferecer certo esbôço de suas vidas, com alguns pormenores, já que êstes souberam nivelar-se aos reis.

Uma observação que tem sua utilidade servirá de fecho a êste Capítulo. Sendo a História pròpriamente o relato dos fatos que se referem a uma época ou a um povo, é óbvio que certas noções devem ser esplanadas primeiro no que toca à generalidades de cada país, de cada povo e de cada século, se se quiser uma base sólida para a matéria que se vai expôr e tornar inteligível a que vai ministrar-se. Foi o sistema seguido na composição de certas obras célebres, **"Muruj-al-Zahab"**, por exemplo, em que o autor, Maçudi, descreveu o estado dos povos e países do Oriente e do Ocidente, na época em que escreveu, isto é, no ano 330 da Hejira (941-945 da era cristã). Faz-nos conhecer êste tratado as crenças, os costumes, a natureza dos países, suas montanhas, seus mares, reinos e dinastias, as ramificações da raça árabe e das raças estrangeiras. É por isso que o autor se tornou modêlo e regra para os historiadores, e seu livro, a base de boa parte de informações. Al-Bakri (54), por

---

bérrimo do maior poeta de seu tempo, (Al-Mutanabi); eis o fato que provocou o mais vivo interesse dos historiadores árabes e que deu a Kafur uma celebridade que ultrapassa sua importância. A sua importância histórica reside sòmente no fato de sua resistência ao poderio dos Fatimitas e dos Hamdanitas do Norte da Síria; o que lhe permitiu de se conservar senhor do Egito durante vinte anos. Kafur cultivou as letras, e dizem que compôs, mesmo, poesias. O certo é que tinha a seu serviço muitos sábios, dos quais o mais conhecido é Al-Kindi, que escreveu para o mesmo uma História do Egito. Faleceu em 357 H. (968). (Nota dos Trad.).

(54) — Al-Bakri (Abu Ubaid), cujas obras chegaram até nós (nem tôdas, porém), viveu na segunda metade do Século XI. Além de uma obra sôbre Mahomé, escreveu três outras sôbre filologia; seu Mujam é um tratado de Geografia antiga, em que elucida os nomes de ortografia incerta. Seu "Kitab al-Maçalik wal-Mamalik", que o celebrizou, formava primitivamente muitos volumes, e continha,

sua vez, é um outro historiador que se norteou pelo mesmo sistema ao tratar exclusivamente **"Das Vias e dos Reinados"**, deixando de lado tudo o que não se relacionasse com o assunto. Esta omissão se explica pelo fato de, na época em que escreveu, os diversos povos do mundo terem pouco mudado de território, e, como poucas modificações tinham afetado sua existência, havia sido também pouco alterado o quadro geral apresentado por Maçudi. Mas hoje, quero dizer, no fim do Século VIII H., a situação do Magrib sofreu uma revolução profunda, como está à vista de nós todos. A ordem social foi inteiramente subvertida. As nações berberes, que habitavam a região desde os tempos mais remotos, foram substituídas por tribos árabes que no Século V da H., invadiram o país e, devido ao seu grande número e fôrça, subjugaram as populações, tomaram-lhes o território e dividiram com elas o domínio sôbre outras regiões que conservam ainda.

Ajuntamos a estas perturbações outra que ocorreu pelos meados do Século VIII H, com a devastação causada pela peste conhecida na História com o nome de "Al-Járif" ou Arrasadora, que, estendendo-se pelo Oriente e pelo Ocidente, castigou terrìvelmente as nações, destruiu uma grande parte daquela geração, e apagou os mais belos traços da civilização. Como surgiu no momento em que os Impérios se debatiam num

---

além da descrição de todos os países conhecidos dos muçulmanos do século XI, pormenores importantes sôbre história e etnografia. Também os autores posteriores não deixaram de recorrer a tão boa fonte. O que se conservou desta obra é uma notícia sôbre a África Setentrional (editada e traduzida por De Slane, em 1857, reeditada em 1910); uma descrição do Egito, inferior à de Makrizi; a parte relativa ao Iraque e à Transoxiana, e algumas páginas de uma descrição da Espanha. Fragmentos relativos aos Russos e Slavos foram publicados e traduzidos em S. Petersburgo (1878). (Nota dos Trad.).

período de decadência e se aproximavam do têrmo de sua existência, a epidemia aniquilou-lhes as fôrças, amorteceu-lhes o vigor, diminuindo-lhes o poder a tal ponto que se viram na iminência de uma destruição completa. O cultivo e o amanho da terra cessou por falta de homens; as cidades ficaram vazias; os edifícios caíram em ruínas; os caminhos se apagaram e desapareceram; casas, aldeias, ficaram sem habitantes; as nações e as tribos perderam as fôrças, e todo o país cultivado mudou de aspecto. Devo supor que as regiões do Oriente foram castigadas pelos mesmos males que assolaram o Ocidente: o flagelo há-de ter exercido ali suas devastações em proporção da extensão de cada país e do número de habitantes. Tão grande foi o mal, que me parece ter sido a voz da natureza dando ordem ao mundo para se abater e se humilhar de sua soberba. E o mundo apressou-se a obedecer. **Allah é o único herdeiro do mundo e do que está nêle.**

Quando o universo experimenta uma subversão completa, dir-se-ia que vai mudar de natureza, para receber uma nova criação e se organizar de novo. Por isso, hoje, precisa-se de um historiador que possa aquilatar do estado do mundo, dos países e dos povos, apontar as modificações havidas nos usos e nas crenças e enveredar pelo caminho que Maçudi trilhou tratando dos fatos de seu tempo. Tal como êste autor, aquêle historiador servirá, por sua vez, de exemplo e de guia aos historiadores futuros.

Fornecerei tôdas estas informações na minha obra, tanto quanto me permitir minha estadia no Magrib, relatando-as diretamente e em capítulos especiais ou indicando-as, em ocasiões oportunas, no corpo da narração. Porque a minha intenção é limitar-me à História

do Magrib, de suas tribos, de seus reinos e de suas dinastias. Não quero ocupar-me de outros países, visto me faltarem os conhecimentos necessários que se relacionam com o Oriente e os povos que o habitam, e porque as informações transmitidas por via oral não me bastam. Maçudi pôde encarar êste assunto em tôda sua extensão, porque êle, nas suas freqüentes viagens, percorreu um grande número de países, como êle mesmo declara. Mas, o que é preciso dizer é que êle fala de uma maneira muito sumária dos negócios do Magrib. **Existe um Ser mais sábio que os eruditos** (Alcorão XII:76) A Deus sòmente deve voltar tôda a ciência. O homem é fraco e impotente, e esta incapacidade êle a deve confessar tanto por dever como por necessidade. Para quem se apoiar em Deus, os caminhos nivelar-se-ão e o triunfo coroar-lhe-á as fadigas e as pesquisas. Vamos, pois, empreender com a ajuda de Deus, a realização do plano desta obra. **Allah é quem dirige e quem socorre; é nÊle que se deve ter confiança.**

Falta-nos agora fazer certas observações preliminares sôbre a maneira por nós seguida para exprimir o som de certas letras que não são do domínio da língua árabe e que temos de fazer figurar em nosso livro.

É preciso saber que na pronúncia, as letras, como será explicado mais tarde, exprimem as variedades dos sons que saem da laringe e se produzem pela quebra da voz em contacto com a campainha, com a extremidade da língua, assim como com a garganta, o palato ou os dentes, e também pelos movimentos dos lábios, sendo a variedade de sons devida a estas diversas maneiras de contactos. As letras articuladas oferecem ao ouvido diferenças sensíveis e servem para formar palavras que traduzem idéias. Os sons que são emitidos por

um povo não são sempre idênticos aos emitidos por outro, e uma nação tem letras que faltam às suas vizinhas. As que os Árabes empregam são em número de vinte e oito, como todos sabem. Os Hebreus possuem letras que faltam à nossa língua, que, por sua vez apresenta outras que não tem a língua hebraica. O mesmo acontece com os Francos, os Turcos, os Berberes, e outros povos estrangeiros. Agora, dá-se o seguinte: Escrevendo o árabe, os escritores concordaram em representar o som por meio de letras ou sinais que se distinguem por sua forma. Assim foram inventados os caracteres Alif, ba, jim, ra, ta, etc., até a última das vinte e oito letras. Mas, quando encontravam os Árabes um som articulado que não tinha correspondente no seu alfabeto, não lhe davam nenhuma representação escrita e abstinham-se de indicá-la. Às vêzes, porém, certos copistas, para figurarem um som desta natureza, representavam-no pelo sinal da letra que, em nossa bôca, o precede ou segue imediatamente. Mas êste método está bem longe de indicar com exatidão o som estrangeiro que se quer; ainda mais, recorrer a êste sistema é desviar a letra escrita de seu verdadeiro emprêgo. Pois bem, como a nossa obra é consagrada à História dos Berberes e mais alguns povos que não pertencem à raça dos Árabes, encontraremos com certeza sons que não se podem representar por meio de nosso sistema de escrever, que não tem nenhum sinal convencional correspondente. Tive, pois, que descobrir um meio de sanar esta falta. Não achando satisfatório o sistema de representar um som estrangeiro por um sinal da letra árabe que mais se lhe aproxima na pronúncia, e vendo que êste meio não poderá indicar completamente o valor daquele som, resolvi seguir a regra seguinte: represen-

tar cada som estranho pela combinação das duas letras cuja pronúncia mais se avizinhe dêste som, de modo que o leitor possa chegar à verdadeira pronúncia, procurando o som intermediário representado pelas duas letras. Emprestei esta idéia ao sistema adotado pelos copistas do Alcorão, traçando as letras chamadas de "ichmam" (55). Tomemos, por exemplo, a palavra الصراط as-sirat, estrada (56). Segundo o sistema de leitura corânica ensinado por Khalid, o "sad" deve ser pronunciado com ênfase, som intermediário entre o "sad" e o "zai". Escreveram, pois, um sad e no interior dêle colocaram um zai, para significar um som que fôsse o meio têrmo entre as duas letras. Êste, o sistema que adotei. Querendo representar uma letra cuja pronúncia tem o meio têrmo entre duas letras conhecidas, tal o "gaf" berbere (g duro) que é intermediário entre o "kaf" (K) dos Árabes e o (jim), como se acha no nome de "Bologgim", escrevo primeiro um "Kaf", em seguida um ponto em baixo, por ser êste distintivo de "jim"; ou, então ponho o ponto em cima, quer só, quer duplo, o que faz reconhecer o Kaf como gutural ( ق ). Desta maneira, eu indico que a letra em questão deve ser pronunciada entre o kaf e o jim, ou entre o Kaf e o Qaf. Êste "gaf" é freqüentemente encontrado na língua berbere. Para com as outras letras do mesmo gênero seguí um método análogo. A fim de representar uma letra que não existe e cujo som representa o meio têrmo formado por duas letras de nosso alfabeto, eu combinei estas duas letras juntas, fazendo entender ao

(55) — ICHMAM, isto é, salientar, fazer sentir; porque, ao pronunciar a letra, procura-se fazer perceber alguma coisa do som de uma outra letra diferente.

(56) — A palavra árabe é empréstimo do latim "Strata". (Nota dos Trad.).

**Na linha 9, em lugar de Khalid deve-se ler Khalaf (Ibn Hicham Al-Bazzar), tradicionalista e leitor, isto é, versado nas diveras leituras do texto corânico, que morreu em Bagdá no ano 229 (843 de J. C.)**

leitor que deve pronunciar um som intermédio. Eis tudo o que quis apontar. Se me tivesse limitado a indicar para cada som estrangeiro uma ou outra das letras que em árabe lhe são mais vizinhas, teria alterado então a pronúncia dêsse som com o de uma letra própria da língua árabe, e, desta maneira, alterado o som estrangeiro. Queira, pois, o leitor prestar atenção a estas observações.

# Livro Primeiro (1)

**Da Sociedade Humana e dos fenômenos que apresenta, tais como a Vida Nômade, a Vida Sedentária, a Dominação, a Aquisição, os Meios de se ganhar a subsistência, as Ciências e as Artes; com indicação das Causas que produziram êstes efeitos.**

A História se propõe, como verdadeiro objetivo, fazer-nos compreender o estado social do homem, isto é, a Civilização, e explicar-nos os fenômenos que estão ligados naturalmente com ela, a saber: a vida selvagem, a humanização dos costumes, o espírito de família e de casta, os diversos tipos de superioridade que os povos conseguem obter uns sôbre os outros e que dão origem aos Impérios e às Dinastias, a distinção das classes e dignidades, as ocupações a que os homens dedicam seus trabalhos e seus esforços, tais como as profissões lucrativas, os ofícios de que se vive, as ciências, as artes; enfim, tôdas as modificações que a natureza das coisas pode operar no carácter da Sociedade.

---

(1) — Para a divisão desta obra em Livros, ver o que diz o autor à pág. 12.

Mas, como a mentira se introduz naturalmente nos relatos históricos, é conveniente indicarmos aqui as causas que a produzem.

Apontamos **em primeiro lugar** o **apêgo dos homens a certas opiniões e a certas doutrinas.** Porque, enquanto o espírito se mantiver numa imparcialidade serena, examinará o relato que se lhe oferece e considerá-lo-á com tôda a atenção que a matéria requer, de maneira a aquilatar perfeitamente da falsidade ou da exatidão da informação. Mas, se o espírito se deixar levar pelo afeto a certas pessoas ou a certas doutrinas, dará, sem hesitação, acolhida ao relato que se acha de acôrdo com elas. Inclinação e devotamento dêste gênero são como véus que se antepõem aos olhos da inteligência para impedí-la de ver o que se lhe oferece, esquadrinhar as coisas, examiná-las com atenção, de modo que ela aceita sem embaraço a mentira, para transmití-la depois aos outros.

**A segunda causa** que introduz a mentira na História **é a confiança que se deposita na palavra das pessoas que a contam.** Para reconhecer se estas pessoas são dignas de fé, é preciso recorrer a um exame análogo ao que é chamado "Tadil wa Tajrih" ou "Desaprovação e Justificação" (2).

(2) — Para preencher as funções de testemunha, a pessoa chamada a juizo deve ser possuidora de uma integridade reconhecida ao mesmo tempo que fiel cumpridora de seus deveres de religião. No caso do Cádi ou Juiz suspeitar da moralidade do indivíduo que serve de testemunha ou depõe em juizo, manda secretamente tomar as informações que precisa para dissipar suas dúvidas. Se o resultado desta espécie de inquérito é favorável, o Cádi declara que o testemunho é íntegro: é o que significa o têrmo árabe "tadil" ou justificação. No caso contrário, recusa o testemunho dessa pessoa, a quem imprime uma espécie de descrédito, de deshonra, que é o "tajrih" do árabe. Êste têrmo significa, literalmente, ferir, e, no figurado, ferir

**Uma terceira causa é a ignorância do alvo e dos intentos que tinham em vista os atores dos grandes acontecimentos.** A maior parte dos narradores, não sabendo para que fim foram feitas as coisas por êles observadas ou ouvidas, nos apresenta cada acontecimento segundo seu modo de entender, e, deixando-se enganar pela imaginação, cai no êrro.

**A quarta causa** dos erros é a **facilidade com que o espírito humano acredita estar de posse da verdade,** defeito muito comum que provém, em geral, de um excesso de confiança nas pessoas que transmitiram as informações.

**Como quinta causa** deve-se apontar **a ignorância das relações** que **existem** entre **os acontecimentos e as circunstâncias que os acompanham,** defeito êste que se observa nos historiadores, quando os pormenores de um fato foram deturpados ou intencionalmente manipulados. Êles contam os acontecimentos tais como os compreenderam, sem se aperceberem das modificações que lhes alteraram a exatidão.

**A sexta causa** se prende **à inclinação dos homens para granjear o favor dos personagens ilustres e de alta categoria,** empregando para êsse fim louvores e elogios, embelezando fatos e alardeando nomes. As histórias que contam para o mesmo fim, contaminadas de exagêros e de falsidades, recebem grande publicidade, sem merecê-la. Como os homens são apaixonados pela lisonja e cobiçam os bens dêste mundo, tais como as dig-

---

um homem na sua honra. Os doutores que compilavam as tradições não aceitavam nenhuma delas como autêntica, senão depois de se convencerem da probidade, da veracidade e da piedade de cada uma das autoridades que as transmitiram. Para conseguí-lo, recorriam a demoradas investigações. Designavam êste ramo da ciência religiosa pelos têrmos "Tajrih wa Tàdil": "improbatio et justificatio".

nidades e as riquezas, mostram-se pouco acessíveis às nobres qualidades e avêssos a demonstrarem admiração pelos homens de verdadeiro mérito.

**Uma outra causa,** e que supera em gravidade as demais, é a **ignorância da natureza dos fenômenos que nascem da Civilização.** Tudo o que acontece, seja espontâneamente, seja por efeito de uma influência exterior, possui um carácter próprio, tanto na sua essência quanto nas circunstâncias que o acompanham. Por isso, o homem que reune informações e que conhece de antemão os caracteres que apresentam na realidade os acontecimentos e os fatos, assim como suas causas, está de posse de um meio pelo qual pode controlar tôda espécie de relatos e distinguir a verdade da mentira; êste meio tem mais eficácia que todos os outros.

Acontece muitas vêzes que certos homens, simplesmente por ouvirem dizer, dão guarida a histórias absurdas que transmitem depois a outros, que, por sua vez, as deixam como documento certo para os vindouros. Tal é a narrativa feita por Maçudi relativamente a Alexandre Magno. Conta-nos o ilustre historiador que (o conquistador macedônio), vendo que monstros marinhos o impediam de fundar a cidade de Alexandria, mandou fabricar um cofre de madeira contendo um cofre de vidro. Entrando neste caixão, desceu ao fundo do mar de modo a poder desenhar as figuras dos monstros diabólicos que se lhe apresentassem à vista e reproduzir as suas formas sôbre certos metais. Colocou estas imagens em frente dos edifícios que tinha começado, e, quando os monstros sairam de seus antros e viram as imagens, fugiram, deixando acabar a construção. Tudo isso faz parte de uma longa história, cheia de pormenores, fabulosos e absurdos. Não se pode fabricar um

cofre de vidro capaz de resistir à violência das ondas; em segundo lugar, um rei não empreende voluntàriamente uma tentativa tão perigosa como a citada. Expôr-se desta maneira, seria procurar a própria ruína; o pacto social se partiria e os súditos reunir-se-iam em redor de outro príncipe, sem deixarem ao primeiro o tempo de voltar de sua temerária expedição. Além do mais, gênios e demônios não têm formas, nem figuras que lhes sejam próprias, podendo escolhê-las a seu bel prazer. Quando se conta que possuem uma infinidade de cabeças, tem-se por fim, não dizer a verdade, mas, inspirar horror e mêdo.

Tôdas estas circunstâncias bastam para desacreditar a narração de Maçudi. Um fato, porém, demonstra com a maior evidência possível, o absurdo e a impossibilidade física do que se conta. O homem que mergulhasse debaixo d'água, mesmo dentro de um cofre, sentiria logo uma grande dificuldade na respiração natural, por causa da rarefação do ar, e o seu sôpro não tardaria a se esquentar. Privado de ar fresco, que mantem o equilíbrio entre os pulmão e os espíritos cardíacos (3), morreria incontinenti. Tal é a causa da morte das pessoas fechadas em quartos de banho, cujos respiradouros foram tapados para impedir a entrada do ar frio. Tal é também a causa da morte dos que descem em poços ou subterrâneos de grande profundidade. O ar está alí aquecido pelos miasmas, e os ventos não conseguem penetrar para dissipar estas emanações. De modo que, descendo nestas profundezas, morre-se sem demora. É esta, ainda, a razão por que morre o peixe quando fora d'água: o ar não é mais suficiente para manter o equilíbrio no seu pulmão, cujo

(3) — Literalmente: "o espírito do coração".

calor extremo tem necessidade de ser temperado pelo frescor da água. Sendo quente a atmosfera para onde fôra levado, resultou que, superando o calor os espíritos animais, o peixe sucumbe sùbitamente vítima dêste desequilíbrio. Poder-se-ia explicar da mesma forma a morte de pessoas fulminadas pelo raio.

Ainda, mais uma história absurda relatada por Maçudi. No dizer dêste autor, vê-se na cidade de Roma a imagem de um estorninho, a cuja volta, em certo dia de cada ano, se juntam, em grande número, os outros pássaros da mesma espécie, trazendo cada um uma azeitona. Os frutos chegados desta maneira, diz êle, servem para abastecer os habitantes da quantidade de azeite necessária a seu consumo. Veja-se quanto é estranha esta maneira de se abastecer de azeite, e quanto fora do curso normal das coisas!

Pode-se alinhar entre êstes contos extravagantes o que relata Al-Bakri sôbre a cidade chamada "Dat-al--Abuab" ou Cidade das Portas, cujo perímetro era, segundo êle, de mais de trinta dias de marcha, e as portas, em número de dez mil. Ora, constroem-se cidades sòmente para se ter segurança e defesa, como diremos mais tarde; quanto a esta, estava fora de tôda possibilidade protegê-la com muralhas e fazer dela um refúgio ou uma fortaleza.

Deve-se dizer o mesmo da história contada por Maçudi acêrca da Cidade de Cobre (Madinat-al-Nuhas). É construida inteiramente de cobre e está situada no deserto de Sigilmassa. Muça Ben Nuçair (4), chegou por acaso ao pé dela, ao fazer uma expedição ao Magrib. As portas da cidade estavam fechadas e todos os homens que ousavam escalar os muros chegavam ao

(4) — Conquistador do Magrib e de Espanha.

alto das muralhas, batiam palmas e se precipitavam no interior da cidade, não voltando mais a aparecer. Isto é sòmente uma parte de um conto bastante absurdo, digno de figurar entre as histórias divertidas com que os Cassas (5) distraem o público. O deserto de Sigilmassa foi percorrido em tôdas as direções pelas caravanas e palmilhado pelos guias, sem que nenhum dêstes viajantes chegasse a obter a menor notícia de tão maravilhosa cidade. Além disso, todos os detalhes que se dão a respeito desta praça são absurdos, a julgar pela experiência quotidiana, e inconciliáveis com os processos em uso quando se trata de fundar uma cidade. Empregam-se os metais quando muito na fabricação de vasos e de utensílios domésticos. Mas pretender que se tenha construido uma cidade inteira com êste material é avançar uma asserção evidentemente inverossímil e absurda. As histórias desta espécie são numerosas, mas é fácil descobrir a sua falsidade quando se conhecem os caracteres naturais do sistema social. Conhecer bem êstes caracteres é a melhor maneira e a mais certa para se aquilatar do valor dos relatos e poder distinguir o verdadeiro do falso. Êste exame da conformidade dos fatos com a natureza social, e por conseguinte, de sua possibilidade ou não, precede o exame da credibilidade das pessoas transmissoras do fato, porque não se recorre a êste método da "Justificação" antes de adquirir a certeza que tal notícia em si é

(5) — De fato acha-se esta história nos contos de Mil e uma Noites. "Cassas", têrmo árabe, significando "contadores de histórias" em redor dos quais o povo se reune, nas parças públicas, ou à noite, nas casas particulares. A maior parte dêles, não sabe ler, nem escrever; declamam seus contos "de memória" e por tê-los ouvido de outros contadores de histórias. (Nota dos Trad.).

possível. Quando reconhecidamente impossível, então é inútil recorrer à "Justificação".

Os investigadores da verdade histórica contam, entre os pontos que impugnam a autoridade de um relato, **a impossibilidade do fato** enunciado, seja atendendo ao significado natural das palavras, seja dando-lhe interpretação que a razão repele. Quanto à razão pela qual "Tadil wa Tajrih" é o método empregado para se certificar da veracidade dos relatos judiciais, é que êstes são seguidos de penalidades discricionárias que o legislador deve aplicar sòmente depois de convencido da veracidade dos fatos. Para chegar a esta convicção, êle recorre ao uso da "Justificação", graças ao qual é inteirado da credibilidade e da exatidão ou não das pessoas transmissoras destas informações e, por conseguinte, fica capacitado a impôr a pena. Quanto aos acontecimentos, não se pode considerá-los verdadeiros e autênticos até que se tenha reconhecido a sua semelhança e perfeita conformidade com o que se passa habitualmente no mundo. Para alcançar êste objetivo, é necessário examinar se o fato é possível; eis aí um meio de maior eficácia do que o "Tadil" e que deve precedê-lo. Validade e eficácia das penalidades discricionárias se estabelecem sòmente pela Justificação, enquanto que o valor de uma informação histórica se obtém empregando êste processo conjuntamente com o grau de conformidade que se oferece entre o relato e o que se passa ordinàriamente no mundo.

Bem estabelecido êste ponto, a regra, pois, que se deve seguir para o discernimento da veracidade ou da falsidade dos fatos, regra fundada sôbre a apreciação do possível e do impossível, consiste em examinar a Sociedade humana, isto é, a Civilização, e distinguir

o que é inerente à sua essência e à sua natureza, de um lado, e o que é acidental e sem importância, do outro, e, ao mesmo tempo, reconhecer o que sua natureza não admite ou comporta. Procedendo dêste modo, nós temos uma regra segura de seleção, que nos permite descobrir, entre os relatos, qual o verdadeiro e qual o falso; e, isso, graças a um método demonstrativo que não deixa lugar a dúvidas. Assim, ao ouvirmos contar algum acontecimento que se teria produzido na Sociedade humana, somos habilitados a reconhecer se devemos aceitá-lo como verdadeiro ou rejeitá-lo como falso. Temos, dêste modo, um instrumento apto que nos permite apreciar os fatos com exatidão e que pode servir aos historiógrafos para se guiarem com segurança na sua marcha em busca da verdade.

Tal é a meta que nós nos propusemos alcançar no Primeiro Livro desta Obra. É uma Ciência Nova e **sui generis,** porque tem um objeto próprio, que é a Organização Social e a Civilização, e porque trata, ordenadamente, de muitas questões que servem de explicação para a sucessão dos fenômenos que se produzem no organismo social e que são devidos à mesma essência da Sociedade. Tal é o carácter de tôdas as ciências, tanto as que se apoiam sôbre a autoridade, como as que se fundam sôbre a razão (6).

As matérias de que vamos tratar constituem uma Ciência Nova, notável pela originalidade dos conceitos como pela vastidão de sua utilidade. Fruto de muitas pesquisas e de prolongadas e profundas meditações,

---

(6) — Literal, "quer impostas, quer intelectuais". O autor quer dizer que as matérias de que trata formam uma ciência porque oferecem um objeto especial (maudu), problemas a resolver (maçail), e uma meta a alcançar (gaia): três condições de tôda ciência.

esta Ciência nada tem de comum com a Retórica, que é um ramo da Lógica e que se limita a empregar discursos persuasivos capazes de convencer a multidão a aceitar ou a rejeitar uma opinião. Não deve, tampouco, confundir-se com a Ciência da Administração, cujo objeto é o modo de governar uma família ou uma cidade, de conformidade com as exigências dos bons costumes e da sabedoria, a maneira de conduzir o povo no caminho que o leva a um bom resultado no que diz respeito à conservação da espécie e sua duração. Se a (Ciência Nova) parece oferecer certos traços de semelhança com a Retórica e a Ciência da Administração, apresenta, todavia, maiores diferenças. Além de nova por seu objeto, é espontânea por sua nascença e invenção; porque, não existe, que eu saiba, alguém que tenha composto um tratado especial sôbre esta matéria. Ignoro se se deve atribuir à negligência dos autores o esquecimento de assunto de tamanha importância, o que, aliás, não deve prejudicar a consideração que se lhes deve. Talvez tenham tratado a fundo êste assunto, mas seus livros foram perdidos e nada de seus trabalhos nos chegou às mãos. Com efeito, o número das ciências é muito grande, e não é menor o dos sábios que ilustram as diversas raças humanas; mas, os conhecimentos científicos perdidos e que não chegaram até nós, ultrapassam, e de muito, os que recebemos. Pergunto: "Onde estão as ciências dos Persas, cujos escritos, na época da Conquista, foram destruidos por ordem do Califa Omar? Que foi feito das ciências dos Caldeus, dos Assírios, dos habitantes de Babilônia? Onde estão os resultados e os vestígios deixados pelas ciências entre êstes povos? Onde estão a brilhante cultura dos Coptas e outras gerações de eras mais remotas? Há uma úni-

ca nação, a dos Gregos, cujas produções científicas estão em nosso poder, e isto, graças ao empênho d'Al-Mamun, que as mandou traduzir do idioma original (para o árabe). Êste príncipe pôde levar a cabo semelhante emprêza, porque encontrou grande número de tradutores e gastou muito dinheiro. Quanto aos outros povos, nada conhecemos de suas ciências.

Como tôda a verdade pode ser concebida pela inteligência, assim como ela se harmoniza com a natureza das coisas e como a investigação acêrca dos acidentes (7) das coisas e como a investigação acêrca dos acidente que afetam sua essência é coisa possível de se fazer, resulta destas ilações que o exame de cada verdade e de cada coisa compreensível dá origem a uma ciência particular. Mas, os sábios que cogitam dêstes assuntos parecem talvez ter considerado sòmente o proveito que dêles se poderia tirar. Ora, a Ciência que nos ocupa não oferece vantagem senão para a Ciência da História, como já se observou, e, não obstante a nobreza dos assuntos que apresenta à meditação e ao estudo, as questões relativas a sua essência e circunstâncias próprias, é forçoso confessar que os resultados positivos do Novo Sistema oferecem sòmente fraco atrativo, por se limitarem a simples verificação dos informes. Esta é talvez a razão de terem deixado os sábios de cuidar dêste assunto. Porém, **sòmente Deus o sabe; e a ciência que recebestes em partilha se reduz a pouca coisa.** (Alc. XVII:87).

Êste ramo do conhecimento humano que se tornou para nós, em primeira mão, objeto de exame, oferece problemas que apresentaram antes e acidentalmente

---

(7) — Para os acidentes que afetam a essência, os Árabes, na sua lógica, distinguem seis espécies de acidentes.

aos eruditos, para lhes servirem de argumento em apôio das Ciências que cultivavam; mas, estas questões, por seu objeto e por seu alcance, ingressam na classe das de que se ocupa a nossa Ciência. Por exemplo, os sábios, querendo provar a divina missão dos Profetas, alegam a necessidade, para os homens, de um magistrado que os controle na ajuda mútua que se devem, para poderem existir. Outro exemplo, tirado dos tratados sôbre os princípios fundamentais da Jurisprudência: No capítulo tratando da Linguagem, acha-se enunciado que "os homens necessitam experessar seu pensamento para poderem prestar-se mútuo socôrro e se reunir em sociedade, e que a linguagem é o instrumento mais fácil que podem empregar. "Outro exemplo: Os Juristas, querendo explicar o estabelecimento das leis pela indicação dos motivos que fundamentam sua promulgação, dizem da fornicação, que ela confunde as genealogias e prejudica a espécie; que o homicídio é-lhes também lesivo; que a tirania é prenúncio de ruina para a organização social, cusando maior dano à espécie. Poder-se-iam citar mais exemplos de motivos que levaram o lesgislador a promulgar outras leis e de que todos se fundamentam sôbre a necessidade da conservação da Sociedade. Evidencia-se do que acabamos de expôr, que tôdas estas questões se prendem a circunstâncias que afetam o organismo social. Encontraremos também, aqui e acolá, outras questões do mesmo gênero, que os sábios indicaram, sem tratá-las a fundo.

Na Fábula da Coruja, como relata, o Mubadan (8),

(8) — Mubadan é o plural da palavra persa "mubad" ou sacerdote dos adoradores do fogo. O grande sacerdote levava o título de: mubedi mubedan, sacerdote dos sacerdotes. Os autores árabes tomaram mubedan por um nome ao singular e deram-lhe um plural de forma árabe: muábida.

dirigindo-se a Bahram, filho de Bahram, lhe diz entre outras coisas: "Ó rei! O soberano não chegará ao pináculo do poder senão pela observação da lei, por uma inteira submissão a Deus e pelo exato cumprimento de seus mandamentos e proibições. A lei não pode subsistir sem o soberano; o soberano é forte sòmente por seus soldados; para ter soldados requer-se dinheiro; o dinheiro é fornecido ùnicamente pela agricultura; não há agricultura sem administração justa; a justiça é uma balança posta pelo Senhor no meio dos homens; perto dela, Êle colocou um inspetor que é o rei". — Anuchirwan dizia, sôbre o mesmo assunto: "Sem exército, não há rei; sem dinheiro, não há exército; sem impostos, não há dinheiro; sem agricultura, não há impostos; sem administração justa, não há agricultura; sem retidão na conduta, não há boa administração; sem integridade nos vizires, não pode haver retidão de conduta. O ponto capital é que o rei examine por si próprio a condição de seus súditos e que seja bastante forte para castigá-los, a fim de os poder reger e não ser por êles regido".

O "Tratado de Política", atribuído a Aristóteles e que se acha na mão do público, contêm muitas observações do mesmo gênero, mas que não são apresentadas sob a forma de um estudo completo, acompanhado de argumentos e provas, além de virem de permeio com outras matérias (alheias ao assunto). Nesta obra, o autor menciona as máximas gerais, por nós citadas, do Mubadan e de Anuchirwan. Enfileirou êstes apotegmas dentro de um círculo de fácil compreensão, do qual faz grande elogio, e os apresenta como segue: O mundo é um jardim frutífero cuja cêrca é o govêrno; o govêrno é uma potência que assegura a manutenção da

lei; a lei é uma regra administrativa que à realeza compete fazer observar; a realeza é uma ordem que tem sua fôrça no exército; o exército é um corpo de auxiliares que servem por dinheiro; o dinheiro é um subsídio fornecido pelos súditos; os súditos são servidores protegidos pela justiça; a justiça é uma veste que deve cobrir todo o povo por ser a justiça o que assegura a existência do mundo. Ora, o mundo é um jardim, etc. O autor volta assim ao ccmêço de sua proposição. As oito máximas contidas no aludido círculo, prendem-se tanto à filosofia como à política, ao mesmo tempo que estão ligadas entre si, o final de uma dependendo do comêço da outra, de modo a formarem um círculo sem fim. Envaideceu-se muito Aristóteles ao descobrir esta combinação de sentenças e demonstrou-lhe pomposamente as vantagens (9).

O leitor que queira examinar o Capítulo em que tratamos das vantagens que oferecem a realeza e os governos dinásticos, e que o tenha percorrido com a atenção que a matéria requer, achará o desenvolvimento destas máximas e uma completa exposição do seu alcance: exposição simples, detalhada, apoiada nos esclarecimentos e provas mais cabíveis e satisfatórias. Devido sòmente à graça divina é que nós adquirimos êstes conhecimentos, e não os devemos nem aos ensinamentos de Aristóteles, nem às lições de nenhum Mubadan.

---

(9) — Procurar-se-ia em vão êste passo na "Política" ou nas "Econômicas" de Aristóteles. Ibn Khaldum o teria tirado, provàvelmente, de alguma obra apócrifa, como existiam tantas entre as mãos dos autores árabes, aceitas como sendo traduções de escritos deixados pelos Gregos.

Nos escritos de Ibn al-Mucaffá (10) e nas Epístolas em que expõe os princípios da política, achamos grande número de questões idênticas à matéria por nós tratada, com a diferença, porém, de que, no aludido autor, faltam as provas que esteiam a nossa obra. As máximas dêste gênero são introduzidas nos discursos do grande escritor como ornato de retórica, sem outro fim que não seja o de produzir efeito.

Outro autor, o Cadi Abu Bacr At-Tortuchi (11) volteou em redor do assunto, no seu "Siraj al-Moluk", volume disposto em capítulos que oferecem muita analogia com os capítulos e os problemas que estudamos. Mas a caça que tinha em mira escapou-lhe, por não a haver atingido de flanco e as questões e problemas ficaram sem provas, nem solução. Contentou-se em consagrar a cada assunto um capítulo particular, e, visando apenas o deleite do leitor, acumulou anedotas e histórias, relatou diversas sentenças atribuídas aos sábios da Pérsia, tais como Buzurjomhir e o Mübadan, assim como aos filósofos da Índia, sem se esquecer de muitas outras máximas de Daniel, Hermes, e outros grandes homens. Mas não chegou a tirar o véu que cobre a verdade, nem dissipou, por argumentos tirados da própria natureza das coisas, as trevas que envolviam o assunto.

---

(10) — Ibn Al-Mucaffá (Abu Amr), autor árabe de origem persa, traduziu do pehlevi o livro de "Calila e Dimna" e o "Livro dos Senhores". Devem-lhe as Letras árabes grande produção literária de valor, como a Pérola Única, e outros escritos menores sôbre a Ética e a Arte de Escrever. Morreu supliciado em 757 E, V. (Nota dos Trad.).

(11) — At-Tortuchi (Abu Bacr Muhammad), nasceu em Tortoza, Andaluzia, cêrca de 1059 E V. Viajou pelo Oriente e morreu em Alexandria, em 1129. Seu livro "Siraj al-Moluk" é uma espécie de Manual para o uso dos soberanos, contendo grande número de anedotas instrutivas, distribuidas em 62 capítulos. Dozy reproduziu algumas delas na 2.ª edição de suas "Recherches sur l'histoire et la litter. de l'Espagne", etc. II, pp. 254 e ss.

Serviu a sua obra para transmitir-nos as idéias dos outros, contendo sòmente exortações que mais parecem prédicas. O autor, rodeando o alvo, e sem poder descobrí-lo, não compreendeu bem o que queria fazer e não tratou de nenhuma questão a fundo.

É, pois, com razão que diziamos, que foi uma inspiração divina que nos conduziu para esta emprêsa, fazendo-nos encontrar uma Ciência que nos tornou o depositário de seus segredos e seu intérprete mais fiel (12). Se nos foi possível tratar a fundo e com amplitude as questões que com ela se relacionam, se conseguimos reconhecer os diversos aspectos e tendências desta Ciência, de maneira a distinguí-la das outras, devemos isso ao favor e orientação divinos. Se, ao enumerar os caracteres distintivos desta Ciência, omitimos alguns dêles, ao leitor sagaz cabe corrigir a falta, reservando para nós apenas o mérito de termos aberto o caminho e mostrado a estrada. **Allah dirige com sua luz os que Êle quer** (Alc. XXIV:35).

Vamos agora expôr, neste Primeiro Livro, tudo o que pode ocorrer para o Gênero Humano no seu estado social: os diversos caracteres da Civilização, a soberania, os meios de lucro, as ciências, as artes, e isso por métodos demonstrativos, indicando como se deve proceder na verificação dos conhecimentos espalhados nas

---

(12) — O Copista ou talvez o próprio autor, deveria ter escrito: علّمنا سِنّ بكره وجعلنا جُهَينة خبره, isto é "que nos facultou conhecer a idade de seu camelo, e nos tornou o Johaina de sua história". São dois provérbios, dos quais, o primeiro é menos conhecido, mas que se acha explicado no comentário das "Macamat" de Hariri, edição de S. de Sacy, t. II, p. 95 (da 2.ª ed.). A segunda expressão lembra um provérbio muito conhecido: As notícias verdadeiras estão com Johaina. Os copistas alteraram o texto a tal ponto que o deixaram ininteligível. Na ed. Boulac, a palavra سِن بكره, foi alterada por بين نكرة que não oferece sentido algum.

altas e baixas camadas da Sociedade, métodos que certamente servirão para dissipar muitas ilusões e fixar muitas incertezas.

O homem se distingue de todos os seres vivos por atributos que lhe são próprios. Entre êstes devem ser apontados os seguintes:

1.° As Ciências e as Artes, que são produto da reflexão, faculdade que distingue o homem e o alça acima de tôdas as criaturas.

2.° A necessidade de uma autoridade que possa reprimir seus extravios, de um govêrno com poder para contê-lo. De todos os animais, só o homem não pode existir sem esta autoridade. Se coisa semelhante, como asseguram, se acha entre as abelhas e os gafanhotos, isto, entre tais insetos, resulta do instinto e não da reflexão, nem da meditação.

3.° A Indústria e o Trabalho que fornecem ao homem os diversos meios de viver. Com efeito, ao submeter os homens à necessidade de conservar a vida e manter a sua existência, Deus os encaminhou para buscarem o que lhes é necessário. Deus Altíssimo disse: **Allah deu a todos os seres uma natureza especial e em seguida os dirigiu.** (Alc. XX:52).

4.° Al-Umrán, isto é, a sociabilidade, o sentimento que leva os homens a morarem juntos, seja em cidades, seja debaixo de tendas. O que os induz a isso é sua inclinação para a sociabilidade e a exigência da suas necessidades, porque a natureza os move a se ajudarem mùtuamente na procura de sua subsistência, como será explicado mais tarde.

5.° e 6.° Estado Social. Tem dois aspectos: a vida nômade e a vida em morada fixa. A primeira, é a que levam nas planícies, nas montanhas, vivendo debaixo

de tendas, os Nômades que, para seus rebanhos, procuram as pastagens situadas nos desertos ou nos limites da região arenosa. A segunda é o gênero de vida que se passa nas capitais, nas cidades, nas aldêias e nos burgos, onde o homem se recolhe para atender à própria segurança e proteger-se com as muralhas. Em tôdas estas circunstâncias, o Estado Social sofre modificações essenciais nascidas da mesma reunião dos indivíduos em sociedade. É necessário, pois, que êste Primeiro Livro, de conformidade com a natureza das matérias nêle tratadas, seja dividido em seis partes.

I. **Da Sociedade em geral; das variedades da Raça Humana e dos Países por ela ocupados.**
II. **Da Organização Social entre os Nômades; das Tribos e dos Povos semi-selvagens.**
III. **Do govêrno Dinástico; do Califado; da Realeza; das Dignidades que necessàriamente os acompanham.**
IV. **Dos Caracteres da Organização Social resultantes da vida em morada fixa, e da Influência que exercem as Cidades e as Províncias.**
V. **Das Profissões e dos diversos meios de se procurar a Subsìstência e de se fazer fortuna.**
VI. **Das Ciências e dos meios de as adquirir e de se instruir.**

Coloquei a Vida Nômade antes da Vida em Morada Fixa, porque, na ordem cronológica, ela de fato precedeu tôdas as formas que a vida podia tomar. Mais adiante, achar-se-á a demonstração desta verdade. Obedecendo ao mesmo imperativo, falei da Realeza antes de falar das Cidades e das Províncias. A colocação que dei aos Meios de se procurar a Subsistência compreende-se perfeitamente, sabendo-se constituirem

êles um estado de coisas absolutamente necessário e exigido pela própria natureza, enquanto o estudo das Ciências é o resultado de uma organização aperfeiçoada, ou de uma Civilização que produziu necessidades fictícias. Ora, o que é nescessário por natureza deve passar antes do supérfluo e do que constitui artigo de luxo. Tratei num mesmo Capítulo das Profissões e dos Meios de ganhar a vida, porque uns e outros têm certas relações entre si, sobretudo quando considerados como produto da Civilização, constituindo êste ponto matéria de um Capítulo especial.

# PRIMEIRA PARTE

## Do Estado Social em Geral

### PRIMEIRO DISCURSO PRELIMINAR

O objeto dêste Discurso Preliminar é demonstrar que a reunião dos homens em sociedade é coisa necessária. É o que os Filósofos expressaram pela máxima seguinte: "O Homem é, por natureza, citadino", querendo dizer que o homem não pode prescindir da "Sociedade", têrmo que êles, na sua língua, expressam por "Cidade" (1). A palavra "Umran" exprime a mesma idéia. Vejamos a demonstração da máxima citada.

---

(1) — Ibn Khaldun, falando dos Filósofos, recorda e certamente reproduz o famoso aforismo de Aristóteles: o homem é, por natureza, um animal político (zôon politikon) e vai até ao ponto de reproduzir a etimologia de "politikòn" que é "polis",, cidade. Civilização tem construção etimológica idêntica, civitas, traduzindo polis e politeia. Quanto ao têrmo árabe "Umran", procede do mesmo conceito. É o nome verbal de "ammara" que significa sucessivamente: construir, edificar uma casa, habitar um país; cultivá-lo; torná-lo próspero; dotá-lo de meios de viver para uma população numerosa. Na língua de Ibn Khaldun, "Umran" traduz a mesma idéia geral de politeia de Aristóteles e abrange, ao mesmo tempo, diversos fenômenos sociais que as línguas europeias de hoje designam por têrmos especiais: Sociedade, Sociologia, Organização política, Organização Social, Civilização, etc. (Nota dos Trad.).

Deus Todo-Poderoso criou o homem e lhe deu uma forma que não pode subsistir sem alimento. Quis Êle que o homem fôsse levado à procura dêste alimento por um impulso inato ao mesmo tempo que o dotou de capacidade para esta busca. Mas, as fôrças de um indivíduo isolado seriam insuficientes para a obtenção da quantidade de alimentos de que necessita, e não bastaria para procurar-lhe tudo o que precisa para a sua subsistência. Admitamos, por suposição mais moderada, que o homem obtenha bastante trigo para se alimentar durante um dia; não poderia utilizá-lo senão depois de uma série de manipulações, devendo o grão passar pela moagem, amassadura, cozimento. Cada uma destas operações exige utensílios e instrumentos que não poderiam ser confeccionados sem o concurso de diversas artes, tais como a de ferreiro, a de carpiteiro, a de oleiro. Suponhamos mesmo que o homem coma o grão in natura, sem submetê-lo a modificação alguma. Mesmo assim, para obter êste grão, deve recorrer a trabalhos mais numerosos ainda, como semeadura, colheita e debulha para extração do grão da espiga. Cada uma destas operações exige mais instrumentos e modos de proceder do que os requeridos na primeira hipótese. Ora, é evidente a impossibilidade de um só indivíduo executar essas operações tôdas ou, até, uma parte delas. Precisa absolutamente das fôrças de um grande número de seus semelhantes para procurar o alimento necessário para si e para os seus, e esta ajuda mútua assegura, assim, a subsistência de um número de indivíduos muito mais considerável. O mesmo ocorre quanto à defesa da vida, cada homem necessitando do amparo dos indivíduos de sua espécie. Com efeito, quando Deus Altíssimo criou os animais atribuindo-lhes

as fôrças necessárias, deu a um grande número dêles uma fôrça superior à que deu ao homem. O cavalo, por exemplo, é sem dúvida muito mais forte que o homem; do mesmo modo que o burro e o touro, sem se falar das fôrças do leão e do elefante, que sobrepujam prodigiosamente às do homem.

Como é da natureza dos animais estarem sempre em guerra uns com os outros, Deus dotou-os, a todos, de um órgão destinado especialmente a repelir seus inimigos. Quanto ao homem, em vez disso, deu-lhe a inteligência e a mão. A mão, obedecendo à inteligência, está sempre pronta a trabalhar nas artes, e as artes fornecem ao homem os instrumentos que substituem, nêle, os membros dados aos animais para a sua defesa. Assim, temos as lanças, que substituem os chifres, que servem para atacar; as espadas, que, como as garras, servem para ferir; temos escudos, para prestarem o serviço que, nos animais, prestam as péles duras e grossas; Sem falar de outros objetos cuja enumeração pode ver-se no Livro de Galeno, "Sôbre o uso dos Membros" (2). Um homem isolado não seria capaz de resistir à fôrça de um só animal, sobretudo da classe dos carnívoros, e ficaria na impossibilidade de o repelir. Por outro lado, não possui meios suficientes para fabricar as diversas armas ofensivas, tais e tão numerosos e diversos os instrumentos de que precisa na difícil arte de confeccioná-las. Em tôdas estas circunstâncias, o homem se vê na necessidade de recorrer à ajuda dos semelhantes; e, enquanto lhe faltar êste concurso, não poderá procurar sua alimentação e prover a seu sustento. Deus assim o de-

---

(2) — É o Tratado intitulado "Perikreías tón Anthrópou sómati morion". Foi traduzido para o árabe por Hubaich, e melhorada sua tradução por Hunain Ibn Ishac, durante o reinado de Al-Mamun (813-833 E. V.).

cidiu, impondo ao homem a necessidade de comer para poder viver. Os homens não poderiam tão pouco se defender sem o recurso das armas: seriam prêsas indefesas das feras; uma morte prematura seria o fim de sua existência, e a espécie humana desapareceria. Mas, enquanto existir entre os homens a disposição do auxílio mútuo e da cooperação, o alimento e as armas não lhe faltarão. É o meio com que Deus cumpre o próprio desígnio, no que diz respeito à conservação e duração da espécie humana. A conclusão a tirar é que os homens são obrigados a viver em sociedade, visto que, sem ela, não poderiam assegurar a própria existência, nem cumprir a vontade divina que os colocou no mundo para povoá-lo e serem os detentores de Seus poderes. Eis aí o que constitui o "Umran", objeto da Ciência de que nos ocupamos.

No que precede, estabeleceu-se, por assim dizer, que o "Umran" ou a Organização Social, é realmente o objeto do ramo da Ciência de que vamos tratar. Isto não constitui, porém, uma obrigação para quem trata de um ramo qualquer dos conhecimentos, visto que, segundo as regras da Lógica, quem tratar de uma Ciência, não é obrigado a demonstrar senão o que propõe, como sendo de fato o objeto dessa Ciência (3). A coisa não

---

(3) — Segundo os lógicos árabes, o objeto (maudu), que traduz o grego "Hypokeimenon", de uma ciência é a coisa cujos acidentes, afetando uma essência, formam a matéria de um tratado especial. O objeto da geometria é a quantidade; o da medicina, é o corpo humano; o da astronomia, são os corpos celestes. Ora, a geometria, a medicina, a astronomia não estão na obrigação de demonstrar que a quantidade, o corpo humano, os corpos celestes são objetos de suas ciências respectivas. O mesmo sucede com o historiador que escolhe a Sociedade ou "umran" por objeto de seus estudos. O autor poderia ter acrescentado que não se é obrigado a definir o objeto de uma Ciência. Aristóteles disse: Chamam-se princípios próprios, cuja existência se admite sem demonstração, as coisas nas quais a Ciência

é de todo proibida e se coloca entre os atos facultativos, se não meritórios. **Allah é quem ajuda os homens por sua graça.**

Realizada a reunião dos homens em Sociedade, do modo por nós indicado, e tendo a espécie humana povoado o Mundo, uma nova necessidade se faz sentir, a de um contrôle poderoso que os projeta uns dos outros, por ser o homem, como animal, inclinado, por natureza, à hostilidade e à violência. As armas que lhe servem para repelir a agressão das feras não são suficientes para defendê-lo contra seus semelhantes, visto que todos têm armas iguais à sua disposição. É preciso, pois, recorrer a outro meio de defesa contra as agressões mútuas. Não se poderia encontrar êste moderador entre as outras espécies de animais, porque estas estão longe de possuirem, em gráu igual, a percepção e a inspiração do homem. Por isso, é necessário encontrá-lo entre os próprios homens, e que êsse moderador tenha a mão firme, uma fôrça e uma autoridade assás fortes para impedí-los de se agredirem uns aos outros. Eis o que constitui a soberania. Por estas observações, vê-se que a soberania é instituição peculiar ao homem, conforme a sua natureza, e que êste não pode subsistir sem ela. A crer nos filósofos, encontrar-se-ia esta instituição entre certas espécies de animais, como as abelhas e os gafanhotos, que teriam uma espécie de autoridade superior, submissão e apêgo a um chefe da mesma espécie, mas diferente pela forma e maior tamanho do corpo. Mas, nos seres diferentes do homem, a coisa existe em conseqüência de sua organização primitiva e

---

acha as propriedades essenciais que estuda. Assim, a aritmética admite sem demonstração as unidades, e a geometria, os pontos e as linhas, aceitando sem demonstração a existência e a definição dessas coisas. (Derniers Analytiques: liv. I, Ch. x-).

da direção divina, e não é produto da reflexão, nem da intenção de se procurar uma administração regular. **Allah deu a todos os seres uma natureza especial, e, em seguida, os dirigiu.** (Alc. XX:52).

Os filósofos encarecem demasiado êste argumento quando, querendo estabelecer, por meio de provas ùnicamente baseadas na razão, a existência da faculdade profética, demonstrám que esta pertence ao homem como sendo inerente a sua natureza. Levando o argumento a seu limite extremo, demonstram que os homens precisam de uma autoridade capaz de os controlar; que esta autoridade não poderia existir sem uma lei mandada por Deus e conferida a um indivíduo da espécie humana especialmente favorecido pela Providência, de tal modo que estas suas atribuições especiais provoquem a aquiescência à sua missão e a obediência à sua autoridade até que achasse o poder sua plenitude no "enviado", e a fôrça coercitiva ficasse plenamente aceita, sem oposição nem alteração na lei que veio trazer.

Esta conclusão não é regularmente deduzida, como é fácil de ver, porque, sem o profetismo, a existência humana estaria assegurada, podendo o magistrado promulgar leis de sua própria iniciativa, porquanto o laço social ou político que o sustenta seria suficiente para lhe fornecer os meios de constranger os homens a obedecerem-lhe e marcharem no caminho por êle traçado.

Os homens que possuem livros revelados e os que seguem os ensinamentos dos Profetas são pouco numerosos comparados com os pagãos; êstes, não têm revelação escrita e formam a maior parte da população do mundo. Não obstante, tiveram dinastias, deixaram mo-

numentos de sua potência e, com mais razão, existiram. Ainda em nossos dias, possuem impérios tanto em regiões localizadas ao Norte quanto nas bandas do Sul. Seu estado não é, pois, o de homens deixados a si mesmos e sem chefes para os guiarem, estado êste que, aliás, não poderia existir. Vê-se aí quanto é falho o argumento dos que querem demonstrar a necessidade da faculdade profética por provas tiradas da razão. As funções de profeta se limitam a prescrever leis, como reconheceram os antigos doutores (do Islamismo). **Um concurso eficaz, uma direção certa sòmente se acham em Allah!**

## SEGUNDO DISCURSO PRELIMINAR

### TRATANDO DA PARTE HABITADA DA TERRA, DOS PRINCIPAIS MARES, DOS GRANDES RIOS E DOS CLIMAS

Nos livros dos filósofos que fizeram do Universo a matéria de seus estudos, lemos que a Terra tem uma forma esférica mergulhando no elemento líquido sôbre o qual parece flutuar como um bago de uva boiando na água. Em certas partes da sua superfície, o mar retirou-se deixando a sêco seu lugar, quando Deus quis formar os animais, que deviam ali viver, e povoar esta parte pela raça humana, que constituiu sua mandatária sôbre o resto da criação. Concluem certas pessoas, do expôsto, que a água se acha por baixo da Terra, o que é um êrro. O verdadeiro baixo da Terra é o ponto central de sua esfera, para o qual tudo se dirige em razão da gravidade. Os outros lados da Terra, assim como o Mar que os circunda, formam a parte superior. Quando se diz, falando de uma porção da Terra, que ela está em baixo, isto quer

dizer que esta porção está assim, relativamente a uma outra parte do mundo.

A parte da Terra que a água deixou a descoberto ocupa metade da superfície do globo. De forma circular, está rodeada de todos os lados pelo elemento líquido, isto é, por um Mar chamado "Muhit" ou Circundante. Chamam-no de Lublaia(1), palavra em que o L se pronuncia com ênfase. Chama-se também "Okeanos". Ambos os nomes são estrangeiros. Enfim, chamam-no de Mar Verde e de Mar Negro. A Terra deixada a sêco, para servir de habitação, contém lugares desertos, sendo maior a parte não habitada do que aquela onde vivem as populações. Os desertos são mais numerosos ao Meio-dia do que ao Norte. A região habitada se estende mais para o Norte e apresenta uma superfície de forma convexa. Do lado do Meio-dia, toca com o Equador, e do lado Norte, há um Círculo da esfera, além do qual estão as montanhas que a separam do elemento líquido, e, entre o Mar e as montanhas, ergueu-se a barreira de Gog(2). As montanhas estendem-se oblìquamente para o Oriente, tendo, dêste modo, como do lado do Ocidente, por limites o elemento úmido, cortando em dois segmentos o Círculo que envolve a Terra habitável(3).

---

(1) — Esta palavra, que os livros editados reproduzem diversamente, pode ser, conforme à pontuação das letras árabes, uma alteração do grego "Pelagos", ou pode representar "Latlante", o Atlântico. O geógrafo Al-Bacri, na sua descrição da África Setentrional, p. 214 da trad. fr. e pág. 109 do Texto árabe, faz menção do Monte Atlas dizendo: No Oceano em face de Tanger e do Monte chamado Atlante, acham-se as Ilhas Afortunadas, isto é, Felizes". O nome de Atlas, pois, era conhecido dos Árabes. (Nota dos Trad.).

(2) — Gog e Magog, dois povos que se situam entre as figuras dominantes da escatologia bíblica e muçulmana. Tanto a Bíblia como as fontes árabes os colocam no Nordeste do Mundo donde se precipitariam, nos derradeiros dias, para devastarem o Mundo, até serem aniquilados por sua vez na Terra de Israel. Ver outros pormenores mais adeante, em Ibn Khaldun, no Clima VI. (Nota dos Trad.).

(3) — Ver no fim dêste I vol. a reprodução do Planisfério de Idrissi (*).

(*) — Idrissi escreveu sua célebre Geografia, Nuzhat al-Muchtac, na côrte de Rogério II, rei de Sicília, a quem dedicou a obra apeli-

A parte descoberta da Terra ocupa, ao que dizem, mais ou menos, metade do Globo, sendo que a parte habitada ocupa sòmente a quarta parte e se divide em sete Climas. O Equador se estende do Ocidente para o Oriente e divide a Terra em duas metades. Atravessando a Terra na sua parte mais oblonga, forma o maior dos Círculos que envolvem o Globo, do mesmo modo que o Zodíaco e a Linha do Equinóxio são os maiores Círculos da Esfera Celeste.

O Zodíaco divide-se em 360 graus; um grau da superfície da Terra mede 25 parasangas; a parasanga compõe-se de 12 mil côvados, formando 3 milhas, porque a milha mede 4 mil côvados de comprimento; o côvado se divide em 24 polegadas; a polegada tem por medida 6 grãos de cevada postos lado a lado, dorso contra ventre.

A Linha equinoxial está no mesmo plano do Equador; entre ela e cada um dos dois Polos há 90 graus. A parte habitada do Globo estende-se desde o Equador até 74 graus de Latitude Norte. Além disto, tudo é deserto e sem habitantes, por causa do frio intenso e do gêlo. A parte da Terra situada ao Sul do Equador é também deserta(4), devido, nêste caso, ao calor que nela impera, como mais tarde será explicado.

Os autores que fizeram a descrição da parte habitável do mundo, indicando seus limites, as cidades que contêm, os centros populosos, pormenorizando montanhas, rios, desertos e areias, tanto os antigos, por exemplo, Ptolomeu, no seu Tratado sôbre Geografia, como, depois dêle, os modernos, entre os quais Idrissi, autor do Livro de Rogério, dividiram o aludido espaço de terra em sete porções, a que chamaram os Sete Climas. Assinalaram, para cada Clima, limites ideais que partem de Leste para Oeste. Todos os Climas têm a mesma largura, mas diferem pelo comprimento, sendo o pri-

---

dando-a de "Rogeri" ou Livro de Rogério, em homenagem ao rei que foi o instigador dêste "verdadeiro monumento erguido à Geografia", na frase de Reinaud. As edições árabes de Ibn Khaldun desfiguram o nome do Rei normando pondo Zjar, em lugar de Rojar. (Nota dos Trad.).

(4) — Mais adeante o autor reconhece que esta parte é também habitada. Ver pág. 125 e ss.

meiro mais longo que o segundo, êste, mais que o terceiro, o terceiro mais que o quarto, e assim por diante, até o sétimo, que é o mais curto de todos, em razão da forma circular do Globo e da porção de terra que as águas deixaram a descoberto. Os Geógrafos dividem cada um dos sete Climas em dez partes ou seções que se seguem umas às outras, do Poente ao Oriente, formando cada uma a matéria de um Capítulo à parte em que serão expostas suas marcas distintivas e os caracteres dos povos que as habitam.

Os mesmos autores fazem menção de um braço do Oceano Circundante que se acha no IV Clima, partindo do lado do Ocidente. É conhecido pelo nome de Mar de Rum, (o Mediterrâneo). Começa num estreito entre Tânger e Tarifa, que tem a largura aproximada de doze milhas e a que se dá o nome de "Zucac" ou passagem estreita. De lá, o Mar se estende para o Levante e adquire gradativamente uma largura de seiscentas milhas. Termina na extremidade oriental da quarta parte do IV Clima, à distância de onze mil cento e sessenta parasangas do lugar onde nasce(5). Sôbre suas margens orientais, estende-se o litoral da Síria; banha ao Sul as costas do Magrib, a partir de Tânger, e vai costeando sucessivamente a Ifríkya, o território de Barca (a Cirenáica)

(5) — Em virtude de cálculos engenhosos, mas aprioristicos, Ptolomeu e os antigos geógrafos, que estavam longe de conhecer as dimenções exatas da Terra no seu comprimento, e menos ainda na sua largura, puseram como princípio que a quarta parte habitável da Terra devia ter de comprimento o dôbro de sua largura. Todos os outros dados positivos de Ptolomeu foram baseados sôbre êste fundamento. Contrariando a opinião de Marino de Tiro, autoridade que geralmente aproveitava para muitas das suas conclusões, Ptolomeu achou exagerado o comprimento de 225 graus que êste dava à Terra, e os reduziu, a custo de muita engenhosidade e de cálculo, a 180. Conhecendo vagamente a extremidade oriental da Ásia, e ignorando totalmente o Japão e a Coréia, o geógrafo alexandrino foi obrigado a exagerar a extensão do Mediterrâneo, para o Ocidente, e as regiões da Pérsia e da Índia, para o Oriente. O Mediterrâneo conservou 20 Graus, isto é, quinhentas léguas a mais que sua extensão normal. Foram o Padre Riccioli e sobretudo G. Delisle, e d'Anville que fizeram o Mediterrâneo voltar a suas verdadeiras dimensões. Cf, Reinaud: Introduction à la Géographie d'Aboulféda, § III, p. CCLXXIII e ss. (Nota dos Trad).

e as terras de Alexandria. O Mar de Rum tem por limites, ao Norte, as costas do Império Bizantino; em seguida, as de Veneza, o país de Roma, as costas da França e as de Andaluzia até Tarifa, situada sôbre o Estreito, em frente de Tânger. Dão a êste Mar diversos nomes, como Mar Romano, Mar da Síria, ou de Cham. Numerosas ilhas estão disseminadas nas suas águas, entre as quais, contando as maiores, Creta, Chipre, Sicília, Maiorca, Sardenha e Dênia(6); tôdas estas Ilhas são habitadas.

Segundo os mesmos geógrafos, do Mar de Rum saem dois outros, atravessando ambos um estreito e dirigindo-se para o Norte. O primeiro estreito está situado perto de Consantinopla, e, tal é a sua exiguidade que, no lugar em que comunica com o mar, se pode atirar uma flecha de uma margem para outra. Depois de percorrer o espaço de três dias de navegação (no Mar de Mármara), o estreito atinge Constantinopla, e, tomando uma largura de quatro milhas, se prolonga pelo espaço de sessenta milhas (sic), recebendo o nome de Canal de Constantinopla. Saindo de lá por uma abertura de seis milhas de largura, forma o que se chama o Mar de Nitoch(7), que se estende para o Oriente, banha a província de Heraclea e termina no país dos Khazares, a mil e trezentas milhas do ponto de partida. As margens dêste Mar são habitadas por povos Gregos, Turcos, Burgares (Búlgaros) e Russos.

O segundo Mar que sai do Mar Romano através de um estreito é o chamado Mar de Veneza. Começando à altura da Grécia, toma a direção Norte, e, chegando à altura de Sant'Ângelo (Monte Santo Ângelo), encurva-se na direção do Ocidente para alcançar o território de Veneza e termi-

(6) — Dênia não é uma ilha; mas, no ano 405 H. (1014 - 1015 e. v.) depois da queda da dinastia omaiya, esta cidade da Andaluzia formou, com as Ilhas Baleares um reino independente, chamado Reino de Dênia.

(7) — Nitoch é o "Pontos" dos Antigos, sendo o "p" e o "n", em árabe, representados por um simples ponto; estando em cima representa o "n", e em baixo, representa o "b", não existindo "p" no alfabeto árabe. É devido a esta confusão entre as 2 letras que Nitoch entrou na Geografia árabe e suplantou por completo o verdadeiro nome: "Pontos". (Nota dos Trad.).

nar perto de Ancália (Aquiléa), com mil e cem milhas(8), a contar de seu ponto de partida. As suas margens são habitadas pelos Venezianos, Gregos e outros povos. Êste mar tem o nome de Canal de Veneza.

Segundo os autores citados, um vasto Mar (o Oceano Índico) destaca-se do Mar Circundante, do lado do Oriente, a 13 graus ao Norte do Equador, e se inclina para o Sul até atingir o Primeiro Clima. Penetrando nêste Clima, dirige-se para o Ocidente até chegar à 5.ª parte dêste Clima, banhando a Abissínia, o país dos Zanj (Zanguebar), indo terminar em Bab-al-Mandib, localidade desta última região e situada a quatro mil e cincoenta parasangas do lugar em que dito mar começou. Tem diversos nomes, como Mar da China, Mar da Índia e Mar da Abissínia. Nas suas margens, do lado do Sul, encontram-se as regiões dos Zanj e de Berbera, citada esta última por Imrú ul Cais nas suas poesias(9). Não se deve confundir êste último povo com os Berberes, raça organizada em tribos e que habita o Magrib. Em seguida, êste Mar passa sucessivamente perto da cidade de Macdachu (Mogadoxo), do país de Sofala, da região de Uak-Uak(10) e outros povos, além dos quais não existem senão desertos e vastas solidões. Sôbre êste Mar, na região onde começa, do lado do Norte, situa-se a China, depois a Índia, o Sind, o litoral do Iaman, que compreende Al-Ahcaf(11), Zabid e outros lu-

---

(8) — Se o autor tivesse escrito 420 milhas, estaria mais perto da verdade.

(9) — Região Somália, antigamente conhecida como o País dos Aromatas. Situada ao Sul de Aden, serviu aos geógrafos árabes para denominar êste de Golfo de Bárbara. É citado pelo poeta ante-islâmico Imrú ul Cais, como nome de país que fornecia excelentes cavalos para o Correio Imperial, como forneceu para o "Barid" dos Árabes. O verso é عَلَى كُلِّ مَقْصُوصِ الذُّنَابَا مُعَاوِدٍ بَرِيدَ السُّرَى بِاللَّيْلِ مِنْ خَيْلِ بَرْبَرَا "Sôbre cavalos, com caudas curtas, acostumados às cavalgadas noturnas, cavalos de Bárbara". (Nota dos Trad.).

(10) — Ilhas cujas árvores produzem frutos que, ao que dizem, se parecem com cabeças humanas e que soltariam gritos de "uak-uak". Poderiam ser identificadas com as Ilhas Seychelles.

(11) — Ahcaf, em árabe, significa Colinas de areia; aqui designa o vasto deserto de areia ocupando a parte sudeste da Península Arábica.

gares, e em seguida, o país dos Zanj, na extremidade dêste Mar, e, finalmente, a região dos Baja(12).

Na opinião dos mesmos geógrafos, existem duas ramificações, originando-se ambas no Mar Abexim. Uma delas, que começa na extremidade dêste Oceano, próxima de Bab-al-Mandib, muito estreita primeiro, vai-se alargando em seguida, ao dirigir-se para o Norte com ligeira inclinação para Oeste, indo acabar na cidade de Kolzom (Clysma ou Suez), situada na 5.ª parte do II Clima, terminando assim a mil e quatrocentas milhas do ponto de partida. Dão-se-lhe os nomes de Mar de Kolzom e Mar de Suez. De sua extremidade até a cidade de Fostat (Velho Cairo), no Egito, contam-se três jornadas. Nas suas margens orientais, vêem-se as costas do Iaman, o Hijaz, Jida, Midian, Ayla e Faran, situada na extremidade meridional. Do lado do Poente, estão as margens do Saíyd ou Alto Egito, Aydab, Suakin, Zaila, acabando nos países dos Baja, que são vizinhos do lugar onde êste Mar começa. A sua extremidade oposta, perto de Kolzom, acha-se em frente de Al--Arich, situada, esta, nas margens do Mar de Rum. A distância de seis jornadas, mais ou menos, separa êstes dois pontos. Muitos soberanos, antes e depois do Islame, tentaram abrir êste Istmo, sem todavia conseguí-lo.

O segundo Mar, que se destaca do Mar Abexim, se denomina Al-Khalij Al-Akhdar, (Canal Verde) e começa entre a região do Sind e os Ahcaf do Iaman. Dirigindo-se para o Norte, encurva ligeiramente para o Poente e acaba em Obola, uma das cidades marítimas da região de Basra, situada na 6.ª parte do II Clima. Nêstes confins, o Mar está a quatrocentas e quarenta parasangas do ponto de início. Dá-se-lhe o nome de Mar de Fars ou Pérsico. Do lado do Oriente, percorre o litoral de Send, do Mikrán, de Fars e de Obola, onde termina. Do lado ocidental, o mar se prolonga pelas costas de Bahrain, de Yamama, Oman, Chihr e dos Ahcaf, onde começa. A Península Arábica, situada entre o Mar de Fars e de Kolzom, é como uma terra que penetra no Mar, sem se deixar envolver inteiramente por êle. É limitada, ao Sul,

(12) — Quatremère identificou os Baja como os antigos Blemmyes, povo etiope que Strabo representa como sendo nômade e pacífico. (Nota dos Trad).

pelo Mar da Abissínia, ao Poente, pelo de Kolzom e ao Oriente pelo Mar de Fars. Confina com a parte do Iraque que separa Basra da Síria e que tem a extensão de mil e quinhentas milhas. Situam-se alí as cidades de Kufa, Cadissiya, Bagdá, Iwan-Kisra (Ctesifonte) e Hira. Nas terras situadas além desta região, habitam os Turcos, os Khazares e outros povos estranhos à raça árabe. Na Península Arábica, ao lado ocidental, achamos o Hijaz; no Oriente, as províncias de Yamama, Bahrain e o Oman; do lado do Meio-Dia, o país de Iaman e as margens do Mar Abexim.

Ao Norte desta parte do Mundo Habitado, isto é, no país de Dailam, acha-se um Mar completamente isolado e que não comunica com nenhum outro: é o Mar de Jorján ou Mar de Tabaristão (Mar Cáspio). Seu comprimento é de mil milhas, e sua largura, de seiscentas. As províncias de Aderbeijão e do Dailam limitam-no ao Poente; as dos Turcos e de Kharezm, ao Oriente; o Tabaristão, ao Sul; os países dos Khazares e dos Alanos, ao Norte.

Eis aí os mais célebres Mares que os Geógrafos mencionam.

Os mesmos nos dizem que a parte habitável do mundo é regada por um grande número de rios, entre os quais os mais notáveis são: o Nilo, o Eufrates, o Tigre, e o Rio de Balkh, chamado Jaihun. O Nilo tem seu nascedouro numa grande montanha situada a dezesseis graus além do Equador e sob o Meridiano que atravessa a 4.ª parte do Primeiro Clima. É chamada a Montanha de Comr, e não se conhece no mundo outra mais elevada (13). Nascem desta montanha numerosas correntes; algumas delas vão desaguar num lago situado naquelas paragens, enquanto outros, despejam suas águas num outro lago. Destas duas bacias saem diversos rios que, todos, lançam suas águas num só lago situado perto do Equador, a dez jornadas de marcha da Montanha (14). Dêste lago saem dois rios, um dos quais toma a direção Norte e atravessa a Núbia e o Egito. Depois de ultrapassar as regiões do Cairo,

---

(13) — A leitura mais comum é Camar; Monte da Lua. Cf, Reinaud: Introduction. CCCXVI. (Nota dos Trad.).

(14) — O autor acaba de dizer que a Montanha estava a 16 graus ao Sul do Equador, o que equivale a 48 jornadas, no mínimo.

se subdivide em diversos ramos todos de igual grandeza, levando o mesmo nome de Khalij ou Canal e desaguando todos no Mar de Rum, perto de Alexandria. É êste o chamado Nilo do Egito. Sôbre sua margem oriental, estende-se o Saíyd, achando-se os Oasis na margem ocidental. O outro rio (que nasce do dito lago), se dirige para o Poente e corre nesta mesma direção até desaguar no Oceano Circundante. É o Nilo dos Negros, em cujas margens habitam todos os povos de côr.

O Eufrates nasce na Armênia, na 6.ª parte do V Clima. Correndo na direção Sul, atravessa o território grego, passando perto de Malatia, Manbij, Siffin, Racca e Kufa, e, alcançando depois os pântanos que separam Basra de Wacit, vai se lançar no Mar Abexim(15). Durante seu percurso recebe o tributo de grande número de grossas ribeiras. Entre o Eufrates e o Tigre, na parte superior dêste último, está situada a Península de Mossul(16), separada da Síria pelas duas margens do Eufrates, e do Aderbeijão, pelas duas do Tigre.

Quanto ao Jaihun (ou Oxus), tem suas nascentes perto da cidade de Balkh, na 8.ª parte do III Clima. Formado de um grande número de nascedouros, recebe durante seu percurso as águas de numerosas e grandes ribeiras, e, dirigindo-se do Sul para o Norte, atravessa a província de Khoração, penetra no território de Kharizm, situado na 8.ª parte do V Clima; vai despejar suas águas no Lago de Al-Jorjaniya (lago Aral), sôbre o qual está situada a cidade do mesmo nome(17). O comprimento desta bacia é de um mês de marcha, e sua largura é de outro tanto. Recebe também as águas do rio chamado Rio de Fargana e Rio de Chach (o Sihun ou Yaxartes de Ptolomeu), que vem do país dos Turcos. Sôbre a margem ocidental do Jaihun, estendem-se o Khoração e o Kharizm; a Leste, se acham as províncias de Bokhara, de Termid e de Samarcand. Na outra parte dêste país,

(15) — O mais acertado é dizer Mar de Fars.

(16) — Península de Mossul é a Mesopotâmia, que os Árabes, mesmo hoje, chamam de Jazirat ou Ilha.

(17) — Não se deve confundir Jorjaniya com Jorjan: a primeira cidade é situada sôbre o Aral, e a segunda, sôbre o Mar Cáspio.

estão as regiões dos Turcos, a de Fargana, a dos Khorlokhia(18) e de outras nações bárbaras. Tôdas estas informações foram tiradas do Livro de Ptolomeu e da obra do Cherif Al-Idrissi, intitulada Livro de Rogério. Ambos os tratados geográficos apresentam Mapas representando tudo o que o Mundo Habitável contem, como montanhas, mares e rios, e dão sôbre cada uma destas matérias, notícias numerosas de mais para serem reproduzidas aqui. Porque, como aliás o leitor sabe, ao empreendermos nossa Obra, tivemos em vista o Magrib, país dos Berberes, assim como os territórios do Oriente, habitados por Árabes. *É Allah quem socorre e ajuda.*

## SUPLEMENTO AO SEGUNDO DISCURSO PRELIMINAR

### PORQUE O QUARTO SETENTRIONAL DA TERRA CONTÉM MAIOR POPULAÇÃO QUE O QUARTO MERIDIONAL

Sabido é, pelo testemunho dos olhos e por uma seqüência ininterrupta de informações, que o I e o II Climas do Mundo Habitável são menos povoados que os Climas seguintes, que suas partes habitadas são separadas umas das outras por solidões, desertos e areias; que, enfim, do lado do Oriente, se acha o Mar Índico (que contribui ainda para estreitar mais as terras sêcas). As nações e os povos que ocupam êstes dois Climas não são numerosos, dando-se o mesmo com as cidades e vilas. Carácter diferente apresentam o terceiro, quarto e os Climas restantes. Alí, os desertos são raros, as arêias poucas vêzes se vêem ou nunca aparecem. As nações

(18) — Khorlokhia: povo Turco que habitava ao Sul e Sudeste das regiões banhadas pelo Oxus e o Yaxartes. Os Khorlokh exerceram nos séculos IX e X a supremacia sôbre as tribos turcas, e, durante um certo tempo, foram senhores de uma grande parte da Ásia. (Reinaud: Introduction: CXLIII e CLI). (Nota dos Trad.).

e os povos que os habitam, se assemelham por seu número e grande multidão a um oceano prestes a transbordar. Suas cidades e capitais são em número infinito. Observa-se uma população mais densa entre o III Clima e o VI. Quanto ao Sul, é completamente deserto. Deve-se êste fenômeno, segundo muitos filósofos, ao excesso de calor e ao fato de o sol, nesta região, se afastar muito pouco do Zenite.

Vamos esclarecer esta doutrina por um raciocínio demonstrativo, que servirá ao mesmo tempo para explicar porque, na parte setentrional do Hemisfério, a população é muito numerosa, desde os III e IV Climas até aos V e VII (1).

Nos países em que os dois Polos da Terra, o Ártico e o Antártico, se acham simultâneamente no horizonte, tem-se um grande Círculo que corta o Globo em duas metades. Êste Círculo, o maior de todos os que se estendem de Oeste para Leste, é chamado Equador. Segundo o princípio estabelecido em nosso Capítulo sôbre a Astronomia, a Esfera Superior faz todos os dias uma revolução do Oriente para o Ocidente, arrastando com ela nêste movimento tôdas as outras esferas que encerra. Tal movimento está provado pelo testemunho de nossa vista. Já dissemos também que cada astro(2), na sua esfera, possui um movimento oposto ao precedente e que se faz de Ocidente para Oriente. O tempo destas revoluções difere, para os astros, segundo a rapidez ou a lentidão de sua marcha. Todos os espaços percorridos por êstes astros nas respectivas esferas ficam situados dentro de um grande Círculo, que corta a Esfera Superior em duas metades. Êste grande Círculo é o que se chama a Eclíptica e que se divide em doze Signos. Achar-se-á, em lugar apropriado, a explicação de como o Equador corta a Eclíptica em dois pontos opostos, a saber: no comêço de Áries e no da Lira ou Balança. Assim, o Círculo Equinoxial divide os Signos em duas classes, compondo-se a primeira dos Signos que se afastam dêste Círculo para o Norte; a segunda, dos que partem do mesmo Círculo em direção austral. A primeira classe compreende a

(1) — Porque não falou do VI?

(2) — Astro, aqui, designa o sol, a lua e os outros planetas.

série de Signos desde o começo de Áries até o fim da Virgem(3). A segunda, compreende os outros, desde o começo da Balança até o fim de Peixe.

Quando os dois Polos se acham no horizonte, o que acontece para certa região da Terra(4), tem-se sôbre a superfície do globo uma linha única que se situa no plano do Equador celeste e que vai do Oriente para o Ocidente. Ésta linha se chama Equador. Segundo relatam os doutos nêste ofício, constatou-se, por meio de observações astronômicas, que esta linha marca o começo do Primeiro dos Sete Climas(5), e que tem ao Norte as partes do Mundo Habitado. Nestas partes do Norte, o Polo Setentrional de 64 graus, indica o limite onde termina a porção habitável da terra, isto é, o fim do VII Clima. Quando o Polo atinge 90 graus, distância que o separa do Equador, está no zenite. O Equador se confunde, então, com o horizonte; seis dos Signos do Zodíaco, a saber, os do Norte, ficam acima do horizonte, ficando os outros seis, os do Sul, abaixo dêle. Desde 64º até 90º, a Terra é desabitada, porque o calor e o frio não coincidem alí em épocas bastante próximas para poderem combinar-se, o que impede a produção. Abaixo do Equador, o sol está no zenite quando entra no signo de Áries ou no da Balança; em seguida, afasta-se até alcançar o começo de Câncer ou de Capricórnio, atingindo, então, seu maior afastamento do Equador (ou Declinação), que não passa de 24 Graus. Enquanto o Polo Setentrional se eleva acima do horizonte, o Equdor se afasta do zenite na mesma proporção, e o Polo Austral se abaixa outro tanto sob o horizonte. Assim, nestas mudanças de posição, os espaços angulares percorridos pelos três pontos, são iguais. Éste

(3) — No texto árabe, Virgo foi substituido por "Sunbula", espiga. (Nota dos Trad.).

(4) — O texto árabe foi aqui alterado: deve-se substituir por "certa região da Terra" a palavra "jami" "tôdas as regiões da terra". Porque sòmente nos países situados sob o Equador se pode ter os dois Polos sôbre o horizonte.

(5) — Não precisava recorrer às observações astronómicas para se estabelecer que o I Clima começava no Equador. Alguns astrónomos tinham decidido que assim seria.

espaço é chamado pelos astrónomos(6) Latitude de um lugar (Ard-al-Balad). Quando o Equador se afasta do zenite para o Sul, os Signos Setentrionais do Zodíaco elevam-se gradativamente sôbre o horizonte, até que o máximo desta elevação seja alcançado pelo comêço de Câncer. Durante êste período, os Signos Meridionais afastam-se gradativamente abaixo do horizonte, atingindo seu máximo de abaixamento quando no comêço de Capricórnio. É devida a êste fenômeno a maneira oposta com que os Signos se afastam do Equador, uns a sua direita e outros a sua esquerda, como dissemos(7).

À medida que o Polo Norte(8) se eleva, o Signo Setentrional mais distante do Equador Celeste, isto é, o comêço de Câncer, se aproxima do zenite até alcançá-lo; isso ocorre para as regiões cuja latitude seja de 24 graus, tais como o Hijaz e as regiões vizinhas. A distância angular é igual à declinação do comêço de Câncer no momento em que o Equador é perpendicular ao horizonte. Em conseqüência da elevação do Polo Setentrional, Câncer se acha elevado do zenite.

Quando a elevação do Polo passa de 24 graus, o Sol estando no Signo do Capricórnio, afasta-se ainda mais ao zenite; abaixa-se para o horizonte quando o Polo alcança uma elevação de 64 graus. A medida da baixa do Sol é também de 64 graus, o mesmo acontecendo com a deslocação do Polo Meridional abaixo do horizonte. Nos países onde o Polo Setentrional atinge esta elevação, tôda a produção cessa, porque o frio e a geada são extremamente fortes, ficando longo tempo sem sentir-se a influência do calor. Além disso, quando o Sol está no zenite ou a pouca distância dêste ponto, os raios que envia à Terra caem perpendicularmente sôbre

(6) — O têrmo "Ahl-al-Mawakit" traduzido aqui por astrónomos, significa: os que regulam o tempo (da oração). Nas mesquitas das grandes cidades, encarregavam-se certas pessoas, que deviam possuir conhecimentos astronómicos, tanto de dar a orientação exata da Meca, como a hora certa da oração ritual. (Nota dos Trad.).

(7) — Quando os Signos setentrionais estão acima do horizonte, os Signos meridionais estão abaixo dêle; e à medida que o comêço de Câncer se apróxima do zenite, o comêço de Capricórnio se afasta do horizonte na direção de nadir.

(8) — No original árabe lê-se "horizonte" que aqui não significa nada, porque não se abaixa nem se levanta, sendo "polo" o certo.

ela, enquanto que aos outros lugares que não têm o Sol no zenite os raios chegam fazendo um ângulo obtuso ou agudo. Quando os raios caem no sentido perpendicular, a luz possui uma grande intensidade e se espalha para longe. Sucede o fenômeno contrário, se os raios formam ângulos agudos ou obtusos. Sendo assim, nas localidades com o Sol no zenite ou perto dêle, o calor é mais intenso que nas regiões mais afastadas, visto ser a luz a causa do calor e do aquecimento. Para os países situados abaixo do Equador, o Sol passa no zenite duas vêzes por ano; dando-se êste fenômeno quando está no Signo de Áries ou da Balança. Quando o Sol se afasta do zenite dêstes lugares, a distância que percorre não é considerável, e, ao chegar ao têrmo de sua declinação, marcando assim o comêço de Câncer de um lado, e do outro, o de Capricórnio, retorna com tanta rapidez que não dá tempo ao calor de moderar-se. Seus raios caem a prumo sôbre esta zona tórrida durante um tempo bastante longo, para não dizer constantemente. O ar está abrasado por um calor que se tornou excessivo. O mesmo fenômeno se produz nas regiões que se situam além do Equador até a latitude de 24 graus (Sul). Estas regiões têm o Sol no zenite duas vêzes por ano e sofrem assim os efeitos do ardor dos raios solares(9) quase com a mesma intensidade que as regiões situadas abaixo do Equador. Êste calor excessivo resseca a atmosfera rarefazendo-a até ao ponto de impedir a reprodução dos sêres. A razão é que o desaparecimento das águas e dos vapores úmidos prejudica a formação dos minerais, das plantas e dos animais e a produção, que não se pode dar sem umidade. Quando o comêço de Câncer se afasta para o Sul do zenite, o que ocorre nas latitudes que passam de 25 graus Norte, o Sol se acha afastado do zenite e o calor então adquire uma temperatura média ou quase média e temperada. A produção dos sêres toma aí alento, e um crescimento gradual se produz até que o frio se deixe sentir em conseqüência da diminuição da luz, e por atingirem os raios solares obliquamente a Terra. O poder reprodutivo diminue e se altera; mas, a modificação

(9) — Literalmente: os raios batendo continuamente sôbre o horizonte. É lastimável que o autor, falando de astronomia esférica, empregue o têrmo "ifk" para significar tanto horizonte como região.

que se opera neste poder (vital) pelo calor é muito maior do que a produzida pela intensidade do frio, sendo a ação do calor no ressecamento mais pronta que a do frio pelo congelamento. Esta é a razão pela qual o I e o II Climas têm uma população pouco numerosa, enquanto o III, o IV e o V possuem uma população média, graças ao calor moderado resultante da diminuição da luz. No VI e VII Climas a população é muito numerosa, o que se deve atribuir ao descréscimo do calor e à propriedade que possui o frio de não prejudicar, no começo, a faculdade de reprodução, no que se diferencia do calor. Com efeito, o ressecamento não pode se fazer nestes últimos Climas, senão quando o frio é extremo, em conseqüência da secura que se declara então nêles, o que acontece além do VII Clima.

Tais são os fenômenos que explicam porque no Quarto Setentrional do Mundo, a população é mais numerosa e mais densa. *Allah o sabe mais do que nós.*

De conformidade com êstes raciocínios, os filósofos conjeturaram que os lugares localizados sob o Equador, como as regiões que se estendem além, são completamente desérticos. Mas, foi-lhes respondido que, de acôrdo com testemunhos de viajantes e uma seqüência ininterrupta de informações, é certo que estas regiões são habitadas. Como responder a esta objeção? É evidente que êstes filósofos não quizeram negar, de modo absoluto, que estas regiões fossem habitadas, mas que apenas se deixaram levar pela argumentação a admitir que nelas a faculdade produtiva perdia-se por excesso de calor, e que (teòricamente) a existência de uma população seria lá impossível, ou quase impossível, o que é verdade. Na opinião de Averroés, a região equaterial é temperada, e as regiões situadas além e mais para o Sul, estão nas mesmas condições que os países da zona norte do Equador, devendo-se, pois, encontrar populações nas partes da região austral correspondentes às habitadas da região boreal. Esta sua asserção não poderia ser refutada pela objeção de que a faculdade produtiva perder-se-ia nelas, mas, sim, pelo argumento de que o elemento úmido (o Oceano) cobre a Terra dêste lado e avança até um ponto, cujo limite correspondente do lado Norte, compreende a região que possui a faculdade produtiva. Ora, sendo impossível a existência

de uma atmosfera temperada (nas regiões austrais) porque cobertas pelo Oceano, deve-se em conseqüência, negar as conclusões que se queiram tirar. Com efeito, a população tem tendência a aumentar de um modo regular; mas, para tanto, deve achar-se nas condições do possível e não do impossível. Quanto á opinião dos que dizem que a região equatorial é inabitável, está ela em contradição com as informações que até nós chegaram. *Sòmente Allah sabe o que está certo.*

Nós vamos traçar um Planisfério semelhante ao que Idrissi inseriu no seu Livro de Rogério, cuja descrição daremos em seguida(10).

---

(10) — Como nenhuma edição árabe traz êste Planisfério, vamos reproduzí-lo segundo uma reprodução em escala reduzida, feita por Konrad Miller na sua obra "Mappae Arabicae". Lembramos ao Leitor que nos Mapas árabes o Norte se encontra na parte inferior. Ver, em apêndice no fim dêste volume, a descrição detalhada com que Ibn Khaldun acompanhou o dito Mapa, texto que no original faz parte do corpo do Livro e que transferimos para o final do volume, para maior comodidade de quem se interessar pela Geografia antiga. Para dar uma idéia da cartografia dos Árabes, reproduziremos, além do Mapa grande de Idrissi, um Mapa parcial da Sicília tal como aparece na 2.ª divisão do V Clima, tomando-o da obra de A. Amari e C. Schiaparelli. Porque Idrissi não se contentou com escrever o Livro de Rogério ou Nuzhat al-Muchtac, em verdade, a mais extensa obra geográfica dos Árabes. "Em 1154, sôbre uma mesa de prata, Idrissi desenhou um grande Mapa mundial, que nos representa a terceira fase da cartografia árabe. Nela abandona as formas geométricas do Atlas do Islame, sem todavia voltar completamente ao método de Ptolomeu, que tinha encontrado um continuador no Al-Khuarizmi, isto é, o de utilizar a latitude e a longitude de cada lugar para construir com êstes dados o Mapa. Idrissi trata de dar uma representação fiel das costas, do curso dos rios, da localização das cidades, dos lagos, das ilhas, das montanhas. E se não explicitamente, utiliza parcialmente o método de Ptolomeu, e em algumas partes da margem de seu Grande Mapa encontramos indicados os Graus. Em êste Mapa, Idrissi divide a Terra habitada em sete Climas, divisão que tinha sido adotada por muitos geógrafos... Cada Clima está dividido em dez partes, por meio de linhas paralelas, correspondentes aos meridianos. Obtinha-se assim uma espécie de projeção que se assemelhava à que logo se denominará a de Mercatori. Dêste modo, a Terra habitada compreende 70 partes, e, tendo perdido o desenho original, são as reproduções dêstes 70 Mapas parciais, que nos ficaram em diferentes edições e números. K. Miller, nos seus Mappae Ara-

## TERCEIRO DISCURSO PRELIMINAR

DOS CLIMAS COM TEMPERATURA MÉDIA; DOS CLIMAS QUE SE AFASTAM DA MÉDIA; DA INFLUÊNCIA QUE A ATMOEFERA EXERCE SÔBRE A TEZ HUMANA, ASSIM COMO SÔBRE O ESTADO GERAL DO HOMEM

Acabámos de expor que a porção habitável da Terra começa no meio do espaço deixado a descoberto pelo Mar e que se estende para o Norte; as regiões do Sul, ressentem-se do excesso de calor, e as do Norte, de excesso de frio, para serem habitáveis. Como estas duas extremidades da Terra diferem completamente, no que diz respeito ao calor e ao frio, os caracteres que as distinguem devem modificar-se de modo gradativo até o meio do Mundo habitável, onde atingem seu têrmo médio. O IV Clima, pois, é o mais temperado; o III e o V, por confinarem com o IV, gozam mais ou menos de uma temperatura moderada. No VI e no II Climas, que se avizinham dêstes últimos, a temperatura se afasta consideràvelmente do têrmo médio, para dêle se distanciar ainda mais nos Climas Primeiro e Sétimo. Eis o motivo porque, nas Ciências, nas Artes, nos edifícios, nos trajes, na alimentação, nas frutas, nos animais e o resto que se produz nestes três Climas do meio, tudo é temperado, (não tendo nada de exagerado). Êste justo meio encontra-se nos corpos dos homens que habitam estas regiões; na sua tez, nas suas disposições naturais, e em tudo a que lhes diz respeito(1). Observa-se a mesma moderação nas suas habitações, nos trajes, na alimen-

---

bicae, publicou as fotografias e as transcrições dos mapas parciais de Idrissi, tanto do Mapa Grande como do Pequeno, assim como um mapa de conjunto em côres de 92x200 cm.". (A. Mieli: O Mundo Islâmico, ed, Espasa Calpe, p. 159. e ss. (Nota dos Trad.).

(1) — Na edição árabe do Cairo, p. 69, existe mais êste trecho: "Até mesmo nas coisas da religião e no que se relaciona com a profecia. A maior parte das religiões e as mais importantes se acham nestas regiões (temperadas). Ao que saibamos, nenhum profeta surgiu nas zonas do extremo Sul, nem no extremo Norte, trazendo alguma missão profética. A razão é que Allah manda os profetas e

tação e nos ofícios que exercem. Constroem altas casas com pedra que enfeitam com arte; rivalizam uns com os outros na fabricação de instrumentos, móveis e utensílios; e, graças a esta emulação e luta, chegam êles até à perfeição. Nas suas mãos acham-se os diversos metais, como o ouro, a prata, o ferro, o chumbo e o estanho. Nas suas relações comerciais, é corrente o uso dos dois metais preciosos. Em todo seu procedimento evitam os extremos. Tais são os habitantes do Magrib, da Síria, dos dois Iraques, do Sind, da China. Deve-se dizer o mesmo dos habitantes da Andaluzia e dos povos seus vizinhos, como os Francos, o Galícios, e dos outros povos que vivem no meio dêstes, ou dêles se avizinham nestas regiões temperadas. De todos os países, são o Iraque e a Síria os que desfrutam, por sua posição central, de clima mais feliz.

Nos Climas situados fora da zona temperada, como são o primeiro, o II, o VI e o VII, o estado dos habitantes se afasta do justo meio; suas casas são construidas com caniço ou feitas de barro; seu alimento é o milho (ou o sorgo), ou feito de ervas; suas roupas, de fôlhas de árvore que lhes cobrem o corpo, ou de peles. Mas, a maior parte dêles anda absolutamente nua. As frutas que produzem estas regiões, os temperos que se usam, são de uma natureza estranha e pouco comum. Nenhum uso fazem dos dois metais preciosos como meio de câmbio; mas, empregam o cobre, ou o ferro, ou ainda as peles, aos quais assinam valor monetário. Além disso, seus costumes muito se assemelham aos usos dos animais brutos. Conta-se que os Negros que ocupam o Primeiro Clima moram em cavernas no meio de florestas pantanosas, alimentando-se de ervas, vivendo em isolamento selvagem e devorando-se uns aos outros. Pode-se dizer o mesmo dos Esclavões. Êstes costumes bárbaros devem-se ao fato de tais povos, vivendo em regiões muito afastadas da zona temperada, se tornaram, pela constituição e pelo carácter, semelhantes às feras; e,

---

apóstolos àquelas de suas criaturas que são mais perfeitas entre sua espécie, tanto no físico como no moral. Allah disse: "Fôstes vós a mais perfeita obra da criação que se possa oferecer aos homens". Exige-se, pois, perfeição completa para que a adesão à missão divina seja também prefeita. (Nota dos Trad.).

quanto mais seus hábitos se parecem com os dos animais, tanto mais perdem as qualidades distintivas do homem.

A mesma verificação com respeito aos princípios religiosos. As populações das zonas afastadas ignoram o que seja a missão de um profeta, e não obedecem a lei alguma, com exceção de um pequeno número delas que habita nas vizinhanças dos países temperados. Nesta condição estão os Abexins que habitam não muito longe do Yaman. Antes do advento do Islamismo, professavam a religião cristã e a conservaram até nosso dias. Tais são os habitantes de Mali, de Gogo e de Takrur, que, ocupando um país vizinho do Magrib, professam o Islamismo, que abraçaram, ao que se diz, no século VII da Hegira (S. XIII da E. V.). Tais são os povos cristãos que habitam os países do Norte e que pertencem à raça dos Esclavões, à dos Francos ou à dos Turcos. Quanto aos outros povos que ocupam êstes Climas afastados, tanto ao Norte como ao Sul, não conhecem nenhuma religião, não possuem instrução, e, em tudo o que lhes diz respeito, mais parecem feras do que homens. *E Allah cria o que vós não sabeis.* (Alc. XVI:8).

Não se pode objetar ao que acabo de dizer, alegando que o Iaman, o Hadramut, os Ahcaf, as regiões do Hojaz e as partes da Península Arábica que se lhes avizinham, estão situadas no Primeiro e no II Climas, (e, não obstante, têm profeta e obedecem à Lei Divina). Esta Península está circundada pelo Mar por três lados, como já se disse, de modo que a umidade dêste elemento influi sôbre a umidade do ar e diminui a secura extrema que o calor produz. A umidade do Mar, pois, estabelece nêstes países uma espécie de temperatura média.

Alguns genealogistas, que não possuem nenhum conhecimento de História Natural, pretendem que os Negros, raça descendente de Cham, filho de Noé, receberam por carácter distintivo a côr preta da péle, em conseqüência da maldição lançada contra seu ancestral pelo pai dêste, maldição que deu como resultado a alteração da côr de Cham e a sujeição de sua posterioridade. Mas, a maldição de Cham por seu pai Noé está contada no Pentateuco, e êste livro não se refere à côr preta, declarando Noé, sòmente, que os descendentes de

Cham serão escravos dos filhos de seus irmãos. A opinião sustentada pelos que deram a Cham esta côr preta demonstra o pouco valor que dão à natureza do calor e do frio e à influência que êstes exercem sôbre a atmosfera, assim como sôbre os animais que nascem neste meio. Se a côr preta é geral para os habitante do I e do II Climas, isto provém da combinação do ar com o calor excessivo que reina no Meio-Dia. Com efeito, o Sol passa pelo zenite, nesta região, duas vezes por ano e em intervalos bastante curtos; guarda, mesmo, a posição vertical quase durante tôdas as estações, resultando disso uma luz muito viva e um calor quase ininterrupto. Êste excesso de calor comunicou à pele uma côr preta como é a dos habitantes destas regiões.

Nos dois Climas setentrionais, o VI e o VII, que correspondem ao II e ao I, os habitantes todos têm a tez branca, porque o ar misturou-se com o frio extremo que reina do lado do Norte. Nesta região, o Sol fica quase sempre perto do horizonte visual, não se elevando jamais até o zenite, e nunca mesmo se avizinhando dêle. Do que resulta que, sendo o calor muito fraco e o frio muito intenso, a tez dos habitantes é branca, quando não é pálida ou descorada. O frio excessivo produz ainda outro efeito: os olhos adquirem uma côr azul, a pele se cobre de manchas avermelhadas e os cabelos tornam-se loiros.

Os três Climas intermediários, isto é, o III, o IV e o V gozam, em alto grau, de uma temperatura amena formada por uma justa e proporcionada mistura de frio e de calor. O IV é o mais favorecido neste ponto por ocupar a posição intermediária, como já se disse. Por isso, vê-se nos costumes dos habitantes e na constituição de seus corpos êste equilíbrio harmonioso que resulta da natureza da atmosfera em que vivem. Contíguos a êste IV Clima, o Quinto e o Terceiro se colocam imediatamente depois dêle quanto a estas vantagens, e se não têm, como o Quarto, uma posição perfeitamente central, e um dêles se inclina para o Sul, onde reina o calor, e o outro, para o Norte, onde domina o frio, tal afastamento em nenhum dêles é levado ao extremo.

Quanto aos quatro Climas restantes, afastam-se muito do justo meio, quer no físico, quer no moral de seus habi-

tantes. O I e II Climas apresentam como característicos o calor e a côr preta; enquanto o frio e a côr branca caracterizam o Sexto e o Sétimo. Deu-se o nome de Abexins, de Zanj, de Sudões (pretos) aos povos do Meio-Dia que habitam o I e o II Climas, denominações empregadas indiferentemente para designarem todo o povo cuja côr é alterada por qualquer dosagem de preto. Não é menos certo, porém, que o nome de Abexim deve aplicar-se exclusivamente ao povo que habita em frente de Meca e do Iaman, e que o de Zanj pertence especialmente aos que habitam em face do Mar Índico. Não receberam êstes nomes por tirarem sua origem de um homem de côr preta, seja êle Cham ou qualquer outro. Porque vemos Negros habitantes do Meio-Dia, depois de se estabelecerem no IV Clima, que possui u'a temperatura média, e no VII, onde tudo adquire a côr branca, deixarem uma posteridade que, com o correr do tempo, tomou uma tez branca. Verificamos também, de outra parte, quando homens do Norte ou do IV Clima, deixando seu país, vêm habitar o Meio-Dia, a pele de seus descendentes adquire a côr preta: prova de que a côr depende do temperamento do ar. Ibn Cina (Avicena), no seu Tratado de Medicina, escrito em verso (e conhecido pelo nome de Arjuzat) diz o seguinte:

*Reina, no país dos Zanj, um calor que modificou os corpos;*
*De modo que sua pele se revestiu de preto.*
*Aos Esclavões, revestiu de uma côr branca*
*E a sua pele tornou macia e lisa.*

Os povos do Norte não receberam nomes que tenham relação com a tez. Porque o branco, sendo a côr dos homens cuja língua serviu para dar estas denominações, não constituia, para êles, carácter bastante destacado que chamasse a atenção ao se tratar da formação de nomes próprios. Tinham a côr branca como coisa perfeitamente conveniente e à qual se tinham acostumado. Reparamos que os povos do Norte são designados por uma grande variedade de nomes, tais como

Turcos, Esclavões, Togargar(2), Khazares, Alanos, uma porção de nações de Francos, os Gog, os Magog, todos, povos muito numerosos e distintos uns dos outros.

Os habitantes dos Climas do Centro são dotados de um carácter de mesura e de conveniência que se nota no seu físico e no seu moral, no modo de proceder e em tôdas as circunstâncias naturalmente atinentes a seu estado social, isto é, meios de vida, habitação, artes, ciências, altos comandos e império. São êstes os povos que receberam profetas; entre êles, acham estabelecidas realeza, dinastias, leis, ciências, cidades, capitais, culturas e plantações, belas artes, enfim, tudo o que depende de um estado de existência bem regrada. Os povos que habitaram êstes Climas e cuja história nos é conhecida são os Árabes, os Romanos, os Persas, os Israelitas, os Gregos, as populações do Sind e as da China.

Os genealogistas, ao observarem que cada uma destas raças se diferenciava das outras por seu aspecto e por outros sinais particulares, supuseram que deviam êstes traços característicos à sua origem. Por isso, consideravam como descendentes de Cham todos os habitantes do Sul que têm a pele preta, e, não sabendo como explicar a razão desta côr, se apegaram a uma doutrina que não resiste a exame (como já vimos). Declararam também que a totalidade ou a maior parte dos habitantes do Norte, descende de Jafet, como reconheceram descenderem de Sem todos os povos bem organizados, isto é, os que habitam os Climas do centro, cultivam as Ciências e as Artes e possuem uma religião, leis, govêrno regular e soberano. Esta opinião, embora conforme à verdade no que diz respeito à origem das raças, não deve ser admitida sem restrição; não representando senão o simples enunciado de um fato, ela não prova que os povos do Meio-Dia receberam o nome de Negros ou de Abexins por descenderem de Cham,

---

(2) — Em outros autores tem outra ortografia: Tagazgaz, como nos "Prados de Ouro", de Maçudi sem que se possa dizer qual a verdadeira. Segundo êste último autor, trata-se da mais poderosa das tribos turcas; professavam o manicheismo, e seu rei era o quarto rei do mundo em poderio; davam-lhe o título de Rei das Feras bravias e dos Cavalos. (Maçudi; Prados de Ouro. I; 288,358). (Nota dos Trad.).

o Negro. Foram êstes escritores induzidos em êrro por uma falsa suposição, a de crer que cada povo deve à sua origem os caracteres que o distinguem, asserção que não é sempre exata. Porque, não obstante certos povos e certas raças se distinguirem o bastante por sua origem, como é o caso dos Árabes, dos Israelitas e dos Persas, encontram-se outros, os Zanj, os Abexins, os Esclavões e os Negros, que devem esta distinção, não apenas à raça, mas também aos traços de suas figuras e às regiões que habitam. Outros povos se distinguem, não sòmente por sua origem, mas por certos usos adquiridos e por sinais característicos, tais são os Árabes. A distinção pode ainda fazer-se examinando o estado de cada povo, seu carácter e as qualidades que lhe são próprias. É incorrer em êrro, pois, dizer de uma maneira geral, que tal povo de tal região, seja do Norte, seja do Sul, é descendente de tal ou qual epônimo antigo pelo simples fato de terem observado neste povo os traços, a côr, a maneira de pensar ou os sinais particulares que se encontravam naquêle personagem. Cometem semelhantes erros os que desconhecem a natureza dos seres e dos países e os que não sabem que todos êstes caracteres se transformam na sucessão das gerações e não se mantêm inalteráveis. *Tal é a regra que Allah traçou para suas criaturas, e tu não serás capaz de modificar a regra que Allah estabeleceu.* (Alc. XXXIII:62).

## QUARTO DISCURSO PRELIMINAR

### DA INFLUÊNCIA DO AR SÔBRE O CARÁCTER DO HOMEM E SEUS COSTUMES

Todos nós temos observado que o carácter predominante dos Negros é, em geral, a leviandade, a petulância e uma viva alegria. Assim, vêmo-los entregarem-se à dansa de acôrdo com todos os ritmos e em tôdas as ocasiões. De modo que gozam, em tôda parte, da reputação de foliões inveterados e levianos. A verdadeira causa dêste fenômeno é esta: Segundo

um princípio bem estabelecido nos livros de filosofia; a alegria e o prazer resultam naturalmente da dilatação e da expansão dos espíritos animais, enquanto que a tristeza procede de uma causa contrária, que consiste na contração e na condensação dêstes mesmos espíritos. Constatou-se que o calor dilata o ar e o vapor, e os rarefaz, aumentando-lhes o volume. É o motivo por que o homem embriagado experimenta uma sensação inexprimível de alegria e de prazer. A causa é que o calor natural que a fôrça do vinho comunica à alma, misturando-se com os vapores do espírito, dilata êste espírito produzindo nêle a sensação característica da alegria. Constatamos o mesmo fenômeno nos que querem dar-se o prazer de um banho (quente). Ao respirarem o vapor aquecido, o calor da atmosfera penetra até os espíritos e os aquece, resultando para êles uma sensação de prazer que muitas vêzes se manifesta por cantos alegres.

Como os Negros habitam um Clima quente e o calor predomina no temperamento dêstes homens, e como, segundo o princípio de seu ser, o calor de seus espíritos deve ser proporcional ao calor de seus corpos e de seu Clima, resulta disso que os espíritos dos Negros, comparados aos dos povos do IV Clima, são extremamente esquentados, dilatam-se com mais facilidade, sentem com mais rapidez alegria e prazer, experimentando um grau mais elevado de expansão: tudo, coisas que provocam a despreocupação e o estouvamento.

O carácter dos povos que habitam os países marítimos é um pouco semelhante ao dêstes. Como o ar que respiram os praianos é muito quente, sob a influência da luz e dos raios solares que a superfície do mar reflete, a parte que lhes cabe nos sentimentos de alegria e de leviandade de espírito, que resultam do calor, é mais forte do que a oferecida pelas planícies altas e as montanhas frígidas. Encontraremos alguns dêstes traços entre os povos que habitam o Jarid(1), região do II Clima: são inclinados à alegria, pelo calor intenso da região e da atmosfera. O calor atinge alí elevado grau de

(1) — Província da região Sul da Tunísia; tem por nome também Bilad al Jarid.

intensidade por ser a região situada muito para o Meio-Dia, longe das altas planícies e das terras de cultura.

Quanto aos habitantes do Egito, país que está na mesma altitude que o Jarid, pode-se observar com que facilidade êles se entregam aos folguedos, à despreocupação e à imprevidência. A tanto chegâram, que não fazem nenhuma espécie de provisões de víveres nem para um ano, nem para um mês, precisando comprar diàriamente no mercado tudo o que comem. A cidade de Fêz, no Magrib, oferece um exemplo em tudo contrário aos precedentes. Rodeado êste centro urbano de planaltos muito frios, os seus habitantes apresentam-se sisudos e cabisbaixos, como homens acabrunhados e abatidos pela tristeza, e, pode-se julgar, por isso, quanto são dominados pelo espírito de previdência. Tanto isso é verdade que o indivíduo, entre êles, põe de lado como reserva uma provisão de trigo que seria suficiente para muitos anos, e, antes mesmo de tocar nesta reserva, vai cada manhã ao mercado comprar sua alimentação para êsse dia.

Se prosseguirmos nestas observações nos outros Climas e países, acharemos em tôda parte, que as qualidades do ar exercem uma grande influência sôbre as qualidade do homem. *Allah é o criador e o ser que tudo sabe* (Alc. XXXVI:81).

Maçudi tentou investigar a causa que, nos Negros, produz esta leviandade de espírito, êste estouvamento e íntima propensão à alegria. Para solução, trouxe apenas uma palavra de Galeno e de Yacub Ibn Ishac Al-Kindi (2) segundo a qual a causa dêste carácter é certa fraqueza do cérebro, que produziria certa fraqueza da inteligência. Esta explicação é sem valor e não prova coisa alguma.

---

(2) — Al-Kindi, alcunhado "o filósofo dos Árabes" celebrizou-se como médico e tradutor de obras gregas, que se empenhou de introduzir no Islame. Como astrólogo, foi considerado pela Idade Média ocidental como um dos 9 Juizes (Judices) da Astrologia, que lhe deve, não sòmente cálculos fantasistas, mas cálculos e medidas astronómicos exatos. Poucas de suas obras chegaram até nós em árabe, havendo em maior número em tradução latina de Gerardo de Cremona. Cf: El p. 1078 do t. II. Ibn Abi Usaibia. 1:206. Ibn Al-Kifti, p. 240 (Nota dos Trad.). Ver também p. 77, nota 53, nesta obra.

## QUINTO DISCURSO PRELIMINAR

DAS INFLUÊNCIAS DIVERSAS QUE A ABUNDÂNCIA E A PENÚRIA EXERCEM SÔBRE A SOCIEDADE HUMANA, E, DAS MARCAS QUE DEIXAM NO FÍSICO E NO MORAL DO HOMEM

Os climas temperados não são todos igualmente férteis, nem seus habitantes vivem todos na abastança. Algumas das populações dêstes Climas vivem com abundância de cereais, de condimentos, de trigo e de frutas, devido à pujança da vegetação, à boa qualidade do solo e ao grande progresso feito pela Civilização; enquanto em outros lugares, não acham os habitantes senão um terreno queimado pelo calor e impróprio para a germinação das sementes e das plantas. Tais povos, submetidos a uma vida de privações são as tribos do Hijaz e do Iaman e as tribos de Sanhaja, que se velam o rosto (Mulathamun). Estas últimas ocupam as regiões do Magrib e as terras arenosas que separam o país Berbere das regiões dos Negros. Os cereais e os condimentos faltam totalmente aos Povos Velados, cujo único alimento se limita ao leite e à carne de seus rebanhos. As tribos de raça árabe que percorrem regiões desérticas estão nas mesmas condições. Sem dúvida, podem tirar dos "Tell" ou planaltos do Magrib os cereais e os condimentos de que necessitam; mas, não os encontram na ocasião propícia, por causa da vigilância das tropas que guardam a fronteira (1). Não possuindo bastante dinheiro para fazerem grandes compras, podendo apenas adquirir o estritamente necessário, estão longe de ter com que viver na abundância. Quase sempre vê-mo-las adstritas ao uso do leite, alimento que, para elas, substitui perfeitamente

(1) — As tribos do deserto, com a chegada da estação estival, procuram invadir as regiões dos planaltos no Magrib, e as planícies de cultura na Síria e na Mesopotâmia, para apascentarem seus rebanhos. As guardas são postas para impedir a sua entrada antes da colheita e do recolhimento dos cereais, o que foi muitas vêzes motivo para sangrentos encontros entre tropas e Beduinos. (Nota dos Trad).

o trigo. Pois bem; êstes homens, habitantes do deserto, a quem faltam inteiramente os cereais e os condimentos, superam, em qualidades físicas e morais, os habitantes do Tell, que vivem na abundância. A sua tez é mais fresca, seu corpo mais sadio e bem proporcionado. São dotados de maior igualdade de carácter e de inteligência mais viva, quando se trata de bem apanhar e compreender o que se lhes ensina. É o que a experiência demonstra a respeito de cada um dos dois povos acima mencionados. Não há dúvida, uma grande diferença existe entre os Árabes nômades e os Berberes, entre as Tribos Veladas e os habitantes do Tell. Quem quiser verificar o fato reconhecerá a veracidade de nossa constatação.

Ao que me parece, êste fenômeno prende-se à seguinte causa:

O excesso de alimentação e os princípios úmidos, que existem nos alimentos, provocam no corpo, secreções supérfluas e perniciosas que produzem gordura excessiva e uma abundância de humores nocivos e corrompidos, o que provoca uma alteração na tez e tira às formas do corpo sua beleza, sobrecarregando-o de carnes. Êstes princípios úmidos obscurecem o espírito e a inteligência por efeito dos vapores perniciosos que enviam ao cérebro, donde resultam o entorpecimento do espírito, a indolência e um grave distúrbio do estado normal. Reconhece-se quanto é justa esta nossa observação, examinando os animais que habitam desertos e terrenos estéreis. Que se comparem, por exemplo, os veados, os antílopes, os avestruzes, as girafas, os onagros e os bois silvestres com os animais da mesma espécie que habitam o Tell, as planícies férteis e as gordas pastagens. Que diferença enorme entre uns e outros no que diz respeito ao polido da pele, ao brilho da côr, às formas do corpo, à justa proporção dos membros e à vivacidade de compreensão! A gazela é irmã da cabra; a girafa é irmã do camelo; o asno e o boi selvagens são idênticos ao asno e ao boi domésticos. Que diferença, porém, separa um do outro! A causa disto reside em que a fertilidade do Tell provocou no corpo dos animais domésticos secreções supérfluas e nocivas, humores putrefatos cuja influência nefasta lhes prejudica as formas, enquanto a fome

contribuiu para produzir, nos animais do deserto, a beleza do corpo e a elegância dos movimentos.

Há de se reconhecer que os mesmos efeitos devem reproduzir-se no homem. Os habitantes das regiões em que se vive na abastança e que abundam em cereais, em rebanhos, condimentos e frutas, têm a reputação de possuirem um espírito pesado e o corpo grosseiramente feito. Que se comparem os Berberes, que têm trigo e condimentos em abundância, com os povos da mesma raça que, como os Masmuda, os habitantes de Sous e os Gomara, levam uma vida de privações e só contam, para sua alimentação, com avëia (ou sorgo)! Como inteligência, como beleza de corpo, êstes últimos são muito superiores aos primeiros. Chega-se à mesma conclusão ao comparar os povos do Magrib, que possuem em geral abundância de trigo e de condimentos, com os habitantes da Andaluzia, a quem falta totalmente a manteiga e cujo principal alimento é o sorgo (dora). Achamos nos Andaluzes uma vivacidade de espírito, uma agilidade e ligeireza de corpo, uma aptidão a instruir-se, que em vão se procurariam nos Magribinos. Constata-se a mesma relação de divergência (física e moral), em quase todo o Magrib, entre os habitantes dos campos e os habitantes das cidades. Os citadinos têm a sua disposição tantos condimentos como os camponeses; como êles vivem na abundância; mas, submetem seus alimentos a certo apresto e preparos que, pelo cozimento e adição de outros ingredientes que os amolecem, tiram-lhes as qualidades grosseiras e atenuam a sua consistência. Alimentam-se habitualmente de carne de carneiro e de galinha, e, não se preocupam com a manteiga, que acham insípida. Isto faz que seus alimentos contenham poucos elementos úmidos, e, em conseqüência, não tragam para o corpo senão uma quantidade mínima de humores supérfluos e nocivos, dando como resultado, para o corpo dos citadinos, uma delicadeza que não têm os dos camponeses, por causa da vida mais dura que êstes levam. Acontece o mesmo com os povos do deserto, acostumados como estão a suportar a fome e as privações. Não apresentam seus corpos nenhum traço de humores, quer espessos, quer subtis. Nos países onde predomina a abundância, a religião e o espírito de devoção ressentem-se de sua influência. Entre a

gente do campo e da cidade, os que levam uma vida frugal, os que padecem fome e se privam de prazeres, são mais religiosos, mais inclinados à vida devota que os homens que vivem na opulência e no luxo. Nas capitais e nas grandes cidades encontra-se pouca gente religiosa, porque, nestas grandes aglomerações, impera geralmente uma insensibilidade de coração e um espírito de indiferença provenientes do uso muito abundante da carne, dos condimentos e da farinha, razão pela qual os homens devotos e austeros se encontram principalmente entre os habitantes do campo, acostumados à vida frugal.

Dentro da mesma cidade, reconhece-se que varia a influência da alimentação segundo o grau de luxo e de abundância. Vê-se, não sòmente na população citadina, mas também na dos campos, que os homens acostumados a viverem na riqueza e entregues aos prazeres são os primeiros a sucumbir à morte que os anos de sêca trazem com as privações. É o fenômeno que se observa entre os Berberes do Magrib, os habitantes da cidade de Fêz e os do Cairo, ao que me foi contado. Não acontece a mesma coisa com os Árabes moradores dos desertos e solidões, nem com a população que habita os Países das Palmeiras, cujo único alimento são as tâmaras; nem com os atuais habitantes de Ifríkya, que se alimentam quase exclusivamente de aveia e de azeite; nem com os Andaluzes, que se nutrem principalmente de (dora) e de azeitonas. A sêca e a penúria não fazem a êstes mal como àquêles, que vivem na opulência; a mortandade causada pela fome não é tão considerável entre êles; digo mais, mortandade (provocada pela sêca) não existe entre êles, fenômeno que posso explicar, ao que me parece, pelo motivo seguinte. Entre os homens que vivem na abundância e que estão acostumados ao uso dos condimentos e sobretudo da manteiga, os intestinos adquirem uma quantidade de umidade superior à umidade normal e que acaba por se tornar excessiva. Ora, quando êstes homens se acham, contra seus hábitos, reduzidos a viverem com uma pequena quantidade de alimentos, sem condimentos, e uma quantidade reduzida de alimentos grosseiros, coisas com que não estavam habituados, então, os intestinos não tardam em secar, endurecem e se contraem.

Mas, o intestino é um orgão frágil e conta-se entre os que, uma vez ofendidos, provocam a morte. Sendo assim, compreende-se porque as doenças fàcilmente se declaram nêle, produzindo u'a morte certa. Os que, pois, morrem vitimados pela sêca e pela penúria, perecem menos em conseqüência de uma fome atual do que por efeito desta abundância de alimentação a que se tinha anteriormente acostumado. Para os que estão habituados ao consumo do leite, dispensando o uso da manteiga e dos condimentos, a umidade natural permanece no seu estado normal, sem nenhum acréscimo. Porque, de todos os alimentos que são naturais ao homem, o leite é, seguramente, o mais sadío; por isso, a gente do deserto não se ressente nos seus intestinos nem da secura, nem da alteração que provoca a mudança de regime e escapa quase à morte que uma alimentação farta e o excesso de tempero provocam entre os outros homens.

Todos os casos até aqui expostos podem ser reduzidos a a um só princípio: é apenas devido ao hábito que cada um se acostuma a certos alimentos ou adquire a faculdade de deixá-los. Quem tomar muitas vêzes um alimento que convém à saúde, se, por acaso acontecesse dever renunciar sùbitamente ao mesmo ou substituí-lo por outro, ficaria doente. Para tanto, não é necessário que o novo alimento seja falho de qualidades nutritivas ou que faça parte da classe dos venenos, ou dos sucos acres de certas plantas ou, enfim, daquelas matérias que apresentam caráter extremamente anormal(2). Mas, tudo o que pode nutrir o corpo e lhe seja conveniente torna-se, pelo uso, um alimento suficiente. Assim, quando um homem quer substituir pelo leite e pelos legumes a sua comida quotidiana, que consistia em trigo e em cereais,

---

(2) — "Sucos acres de certas plantas". O autor dá a estas plantas o nome genérico de "Iatu" cujo significado, segundo o Camus, é o seguinte: Tôda planta cujo suco leitoso é purgativo e causticante e ataca a péle. Conhecem-se sete variedades que cita. Das sete, o Suplément aux Dict. Arabes, de Dozy, sem aliás fazer menção de "Iatu", identificou uma como sendo "Euphorbia Pityusa" e a outra, "Euph, lathyris", e uma terceira como sendo "Leontopetalon", dando como equivalente a primeira à "esula", a outra à "epurga" e à 3.ª à ciclamen. Aos mais entendidos, melhor identificação. (Nota dos Tradutores).

e se habituou a esta mudança, as novas substâncias tornam-se para êle um alimento suficiente, e, pode-se assegurar que doravante não lhe farão falta as que deixou de usar. O mesmo acontece com o homem que se habituou a suportar a fome e a privar-se de alimentos, como fazem, ao que se diz, alguns homens devotos ao se imporem certas mortificações. Sôbre êste assunto, temos ouvido histórias extraordinárias, a que dificilmente se daria crédito, se não fosse incontestável a sua autenticidade.

Os fatos aludidos são frutos do hábito. Porque, ao indivíduo acostumado a u'a coisa qualquer, esta torna-se essencial para êle e como se fosse uma segunda natureza, visto que a natureza do homem é suscetível de modificações várias. Que êle se habitue gradativamente e por princípio de devoção a suportar a fome, a abstinência tornar-se-á, para o mesmo, uma prática comum e de todo natural.

Os médicos enganam-se quando pretendem que é a fome que faz morrer: isto nunca acontece, a menos que bruscamente se prive o homem de tôda espécie de alimento. Neste caso, os intestinos se fecham completamente e provocam uma enfermidade que pode trazer a morte. Mas, quando a coisa se faz gradativamente e alguém queira, por espírito religioso, abster-se pouco a pouco da alimentação como fazem os Soufis(3), não se deve recear a morte. A mesma gradação é

(3) — O autor dedica ao Soufismo, um capítulo especial no Livro III, onde estuda esta "Ciência islâmica". Daremos, entretanto, algumas informações sôbre os Soufis. O Soufismo é um movimento espiritual, ascético e místico, que nasceu da carência, no Islame oficial, de vida interior, e da predominância, no seu seio, do elemento jurídico que não podia satisfazer certas almas que aspiravam à perfeição. Foram estas aspirações para uma "ascenção espiritual" que deram origem à disciplina mística chamada "Tassauof" ou Soufismo. O têrmo tem por etimologia "Souf" tecido feito de lã, que os mais antigos Soufis costumavam trajar, a exemplo dos monges cristãos da Síria e do Iraque. Tem como sinônimo "Fakir", pobre, e "Darwich", mendigo. No Oriente, como no Ocidente, as coletividades soufis têm seus conventos chamados: ribat, khanaka, záwia, onde ministram a doutrina e formam discípulos. Seus lugares de reuniões são célebres pelas práticas de certos exercícios espirituais que vão desde a exortação e recitação do Alcorão e ladainhas até aos

também essencial quando se pretende a esta prática do jejum, porque é certamente arriscar a vida voltar sùbitamente e sem transição à alimentação anterior. Para voltar ao ponto de partida é preciso seguir uma norma gradual, como se procedeu para deixar de comer. Temos visto homens suportarem uma abstinência completa durante quarenta dias consecutivos e mais ainda.

No reinado do Sultão Abul-Haçan(4) e na presença de nossos professôres foram trazidas perante o príncipe duas mulheres, nativas, uma de Algezira, e a outra de Ronda. Fazia dois anos que ambas tinham renunciado a tôda alimentação, e, como o fato se havia espalhado com rumor, as autoridades quiseram submetê-las à prova. O fato resultou verídico, e, as duas mulheres continuaram seu jejum até à morte. — Entre nossos antigos condiscípulos, vimos muitos que se contentavam, para sua inteira alimentação, com leite de cabra, que a certa hora do dia, ou na hora do almoço, iam mamar na têta do animal. Durante quinze anos, seguiram êste regime, e houve muitos outros que lhes imitaram o exemplo. É um fato que não se pode contestar.

Convém saber que a fome é, de tôda maneira, mais favorável ao homem do que uma superalimentação, conquanto possa êle acostumar-se à abstinência e contentar-se com pouca comida. Como foi dito, a fome exerce sôbre o espírito e sôbre o corpo, uma influência salutar, servindo para esclarecer um e para conservar a saúde no outro. Pode-se avaliar quanto isso é verdade considerando os efeitos que os alimentos produzem no corpo. Temos visto que, se os homens adotam como alimento a carne de grossos animais, seus descendentes tomam as qualidades dêstes animais. A coisa é evidente se se compararem os habitantes das cidades com os dos campos. Os que se alimentam da carne e do leite de camelo, experimentam no seu carácter a influência dêstes alimentos e adquirem a paciência, a moderação, a fôrça necessária para

---

cantos e as dansas furibundas e às brutais mecerações. Ao lado de muito ascetismo e jejuns prolongados, muitos Soufis se entregam a muita licença e a uma vida escandalosa. (Nota dos Trad.).

(4) — Sultão Merinida (1331-1351).

carregar fardos, qualidades que são o quinhão natural dêstes animais, tornando-se seu intestino semelhante aos intestinos dos camelos, e, como êles, adquirindo saúde e vigor. Não se observa nêles nem fraquesa, nem preguiça; e até os alimentos que são nocivos a outros, não lhes acarretam nenhum efeito mau. Bebem para soltar o ventre os sucos das plantas leitosas e acres, tais como o coloquinto crú, o diriás(5) e o eufórbio, sem os mascar e sem que seus intestinos se ressintam de mal algum. Todavia, se os habitantes das cidades, habituados como estão a comidas delicadas e tendo os intestinos sensíveis e finos, tomassem êstes medicamentos, a toxidez destas plantas os mataria incontinenti.

Mais uma prova atestando a influência dos alimentos sôbre o corpo: Segundo dizem os agricultores — e sua opinião é confirmada pela experiência — se às galinhas, como alimento, se derem cereais misturados ao excremento de camelo, pondo os ovos a chocar, obter-se-á uma ninhada de pintinhos de tamanho extraordinário. Pode-se até dispensar o cozimento do grão; é suficiente misturar o excremento com os ovos postos a chocar, porque os pintos sairão tão grandes como os primeiros. Os casos dêste gênero formam uma lista bastante longa.

Quando vemos estas influências que exercem os alimentos sôbre os corpos, devemos convencer-nos de que a fome deve produzir outras, já que entre duas coisas contrárias existe uma relação constante de influência ou de não influência. A abstinência tem por efeito desembaraçar o corpo de superfluidades nocivas e de humores que afetam igualmente o corpo e o espírito; a alimentação influi na existência do corpo. *Allah envolve tudo por seu saber!*

---

(5) — Diriás: Thapsia asclepium.

## SEXTO DISCURSO PRELIMINAR

### TRATANDO DOS HOMENS QUE, SEJA POR DISPOSIÇÃO INATA, SEJA POR TREINO OU DISCIPLINA, CHEGAM A PERCEBER O MUNDO INVISÍVEL; COM OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SÔBRE A NATUREZA DA REVELAÇÃO

Dentro da espécie humana, Deus Altíssimo escolheu certos indivíduos a quem concedeu o privilégio de conversarem com Êle. Criando-os para O conhecerem e colocando-os como intermediários perante suas criaturas e servos, encarregou êstes poucos privilegiados de ensinar aos homens quais seus interesses verdadeiros, e, guiando-os com zêlo, prezervá-los do fogo do inferno seguindo o caminho da verdade. Além dos conhecimentos que lhes transmite e das maravilhas que ao mundo anuncia por sua bôca, Êle dá-lhes a faculdade de predizerem o que deve acontecer e indicarem os acontecimentos velados ao resto dos mortais. Como sòmente Deus tem conhecimento destas coisas, serve-se do ministério de certos homens de escol, que por si mesmos são incapazes de conhecê-las, para fazer um tal gênero de comunicação. O Profeta diz: "Quanto a mim, apenas sei o que Allah me ensinou". As predições dêstes homens têm a verdade como carácter distintivo e essencial, o que o leitor terá ocasião de verificar quando tratarmos da verdadeira natureza do Profetismo.

Caracteriza os indivíduos desta classe um sinal distintivo: no momento em que recebem a revelação divina, êles se acham completamente alheios a tudo o mais que os envolve, fazendo ouvir gemidos surdos. Ao vê-los assim, dir-se-ia que cairam em síncope ou que desmaiaram, quando não é uma coisa nem outra. Na realidade, estão absortos no reino espiritual que acabam de encontrar. Isto acontece com êles em virtude de uma potência perceptiva que lhes é própria e que é diferente de tôda a percepção. Não tardará que esta potência desça até à percepção das coisas compreensíveis aos mortais, percepção que chega, quer por meio de sussurro de palavras que só êles compreendem, quer sob a figura de pessoa portadora

de mensagem da parte de Deus. O êxtase é momentâneo e passa, mas a mente conserva o teor do que lhe foi dito.

Interrogado sôbre a natureza da revelação que recebia, o Profeta disse: "Às vêzes, ela me vem como o tilintar de um sino, o que é muito cansativo para mim; e, quando acaba e me deixa, eu já retive o que me foi dito. Outras vêzes, o anjo toma a forma humana para me falar, e eu guardo o que êle me diz". Quando neste estado, era prêso de dores indizíveis e deixava escapar gemidos abafados. Nos livros das Tradições (Hadith), encontramos os seguintes pormenores: O Profeta tratava, como uma doença, certa dor que sentia em seguida às revelações que recebia (1). Aycha, mulher de Muhammad, dizia: Certa vez, a revelação chegou-lhe num dia excessivamente frio, e, quando terminou, a sua fronte estava banhada de suor. No próprio Alcorão, Deus Altíssimo diz: Nós vamos dirigir-te uma palavra opressiva (Alc. LXXIII:5).

Foi devido ao estado em que ficavam os profetas, ao receberem a revelação, que os politeistas os tratavam de loucos, dizendo: "É um homem sujeito a visões". "Êle tem um demônio familiar". Ao emitirem semelhante juizo, foram enganados pelas circunstâncias exteriores que acompanhavam o êxtase, e *aquêle a quem Allah quer enganar não acha guia* (Alc. XIII:33).

Reconhecem-se ainda êstes personagens favorecidos por Deus por seu procedimento virtuoso, que os caracterizava antes de receberem a revelação; pela sua viva inteligência e pelo cuidado que demonstravam em não cometerem atos condenáveis, e em evitarem tôda espécie de desonra. Eis aí um conjunto de qualidades que se designam pelo têrmo de "Ismat". Dir-se-ia que todo profeta é dotado, por natureza,

---

(1) A tradição diz: "Quando uma revelação descia (do céu sôbre êle) era tomado de uma cefalalgia, e, para aliviá-la, aplicava sôbre a cabeça um cataplasma de hinna (Lawsonia inermis). Esta tradição relativa ao Profeta é relatada por Soyuti na sua Grande Coleção de Hadith. O mesmo grave doutor nos diz que o anjo Gabriel detestava o cheiro das plantas hortaliças, e que Muhammad, não comia nem alho, nem cebola, nem alho porró porque os anjos vinham visitá-lo, não querendo que os mesmos fossem incomodados com isso". São estas as visitas a que se refere o Hadith seguinte, p. 146. (Nota dos Trad.).

de uma aversão às coisas repreensíveis e de uma viva atenção para evitá-las. Pode-se mesmo afirmar que as coisas condenáveis repugnam à natureza dos profetas.

Lê-se no Sahih (d'Al-Bukhari) que, quando da construção da Caba, Muhammad, ainda muito jovem, achava-se alí em companhia de seu tio Al-Abbas. Ao levar a Pedra Negra(2) (para colocá-la no devido lugar, no novo edifício), Muhammad teve que servir-se de sua capa, com o que se descobriu pondo a nu parte de seu corpo, o que lhe motivou a perda dos sentidos, voltando a si sòmente depois que lhe cobriram o corpo. Convidado a um banquete de bodas onde não faltavam os divertimentos, caiu num sono profundo, acordando só com o levantar do sol, de modo que não tomou parte na festa. Evitou esta tentação, graças a uma disposição natural dada por Deus. Com os tempos, chegou ao ponto de se abster de alimentos que podiam ser desagradáveis ao próximo; jamais tocou em cebola ou alho. Ao perguntarem-lhe a razão, respondia: "Muitas vêzes tenho que me entreter com pessoas diferentes daquelas com quem tendes o hábito de falar". Vejam-se as indicações que dá a sua mulher, Khadija, no momento em que o Profeta recebia inesperadamente a primeira revelação. Querendo saber o que de fato se passava com êle, disse-lhe: "Coloca-me entre ti e tua capa". Mal acabou de fazê-lo, o mensageiro (celeste) afastou-se. "Com certeza, disse ela então, êle não é um demônio; certamente é um anjo", querendo significar que os anjos não se aproximam das mulheres. Perguntou ela ainda: "Quando o anjo vem visitar-te, qual o traje de que êle gosta? — O branco e o verde, respondeu Muhammad. — "Certamente que é um anjo", disse ela. Por estas palavras, Khadija lembrava que o verde e o branco são cores próprias de tudo que é bom e dos anjos, enquanto que o preto convém sòmente ao que é mau e aos demônios. Poderiamos citar muitos outros traços semelhantes.

Um outro sinal que caracteriza as pessoas inspiradas é seu zêlo em recomendar aos homens a oração, a esmola, a

---

(2) — A Pedra Negra, engastada num dos ângulos externos da Caba, é objeto de grande veneração para os Muçulmanos. (Nota dos Tradutores).

pureza dos costumes e outras obras de religião. Khadija, tendo visto o Profeta assim proceder, ficou convencida da veracidade de sua missão. Procede da mesma origem a convicção de Abu Bacr. Ambos, para se certificarem da veracidade da missão de Muhammad, nunca procuraram outra prova senão a tirada da conduta do Profeta e de seu carácter. Lemos no Sahih que Heráclio, ao receber a mensagem em que o Profeta o convidava a abraçar o Islame, mandou vir a Abu Sufian e os outros Coraixitas de passagem na sua cidade, para interrogá-los sôbre Muhammad. Entre outras coisas, perguntou o que (o novo reformador) os mandava fazer. Respondeu Abu Sufian: "Êle nos recomenda a oração, a esmola, a liberalidade e a pureza dos costumes". Acabando suas indagações, o Imperador Bizantino disse, concluindo: "Se isto for verdade, não há dúvida que Muhammad é profeta e sua dominação estender-se-á sôbre tudo o que tenho agora debaixo de meus pés"! A pureza de costumes a que alude Heráclio (3), é o sinônimo de "Ismat" (ou cuidado de evitar o pecado). Vê-se por aí que êste príncipe achava que o procedimento virtuoso de Muhammad, o seu zêlo em propagar a religião e a sua piedade bastavam para demonstrar a veracidade de sua missão. Para crer, Heráclio não pedia milagres. O que prova que a virtude e o zêlo, relativamente à religião, constituem sinais para reconhecer os homens que possuem o dom da profecia.

O alto conceito que êles desfrutam entre seus compatriotas, é outro sinal que serve para distinguí-los. Lê-se no Sahih: "Deus nunca mandou aos homens um profeta que não dispusesse de forte apôio por parte de seu povo" ou, segundo outra versão: "que não tivesse bastante fortuna entre os seus". Esta última lição é fornecida por Al-Hákim(4), numa correção ao texto do Sahih de Al-Bukhari e ao de Muslim. O Sahih nos ensina que, no interrogatório feito por

---

(3) — Quem falou da pureza dos costumes foi Abu Sufian.

(4) — O Imame Abu Abdallah Muhammad Al- Hakim, nativo de Niçapor, era um doutor do rito chafeíta. Sôbre as Tradições, compôs 2 livros: Al-Mustadrac, exame crítico dos dois Sahih, de Bukhari e de Muslim; o outro, intitulado "Al-Iklil", a Coroa. Morreu em 1014 ou 1015.

Heráclio a Abu Sufian, o príncipe perguntou-lhe: "Que caso fazem de Muhammad, entre vós? — É tido em alta consideração", respondeu o Coraixita. — "De certo! exclamou Heráclio; os profetas recebem sua missão quando cercados pela estima de seus compatriotas", isto é, quando têm um partido bastante forte para protegê-los contra as violências dos infiéis, e para apoiá-los, até que tenham cumprido sua missão e satisfeito a Deus lutando até o final triunfo da religião e do partido que a professa.

Outro sinal, são as manifestações que vêm confirmar a veracidade dos convidados. Consistem em ações acima do poder humano e, com razão, são chamados "Mujizat", isto é, coisas que desafiam o poder do homem. Não pertencem à categoria das coisas que Deus pôs ao alcance do homem, mas sim, a um domínio fora da influência de suas fôrças.

Existe uma divergência de opinião quanto à maneira como os milagres se operam, quanto à natureza da prova que fornecem a favor da veracidade dos profetas. Os filósofos chamados "Mutacallimun" (5), com base na doutrina que ensina existir sòmente um agente livre, sustentam que os

(5) — Mutacallimun: de "Calám", linguagem, discurso; por extensão: linguagem divina, revelada, dogma. Mutacallim: o que se dedica ao estudo do dogma. Os Mutacallim pertencem de fato a uma escola de filosofia estritamente ortodoxa. Nasceu esta em contraposição à filosofia peripatética (neo) seguida por muitos no Islame Medieval e ilustrada por Averroés e Avicena, entre outros. Como as novas teorias e os brilhantes paralogismos dêstes espíritos de escol se voltavam contra o Alcorão, surgiu uma tendência contrária, o Calam, que estabelece a união entre a razão e a fé, esclarecendo uma pela outra. Compara-se êste movimento com a Escolástica cristã, que também nasceu de semelhante harmonização, que o Doutor Angélico realizou na sua imortal Suma. Escolástica e Calam foram buscar na própria filosofia, luz e argumentos que fundamentam as abstratas excursões da teologia no campo do absoluto. Não é raro apresentarem ambas soluções idênticas, apoiando-se sôbre idênticos argumentos, sendo o mais admirável servir-se a nossa Escolástica, e muitas vêzes, das armas que lhe oferecem os mais sábios defensores do dogma mahometano. (Cf, A. Palacios: Algazel, passim) Em suma, se, algum dia, existiu uma filosofia muçulmana, esta não é outra senão a representada pelo Calam e os Mutacallimun. Em Apêndice, daremos a sua teoria e explicações sôbre o Milagre. (Nota dos Trad.).

milagres se operam pelo poder de Deus, e que papel algum cabe ao profeta no seu processo. Segundo os "Mutazilli (6) as ações do homem são efeitos da própria vontade, mas, os milagres não entram na categoria dos atos humanos. Os dois partidos estão de acôrdo em que a parte do profeta se limita a anunciar (7) o milagre com a permissão de Deus. É o que se chama "tahaddi" (8).

O que se entende por Tahaddi é o seguinte: O profeta declara que um milagre vai realizar-se para demonstração da veracidade da doutrina anunciada por êle. O milagre se opera; sua realização equivale perfeitamente a uma declaração verbal pela qual Deus dá a segurança de que o enviado é verídico. Para demonstração ou constatação da verdade, uma prova desta natureza é decisiva. Resulta destas ilações que um milagre autêntico consiste num acontecimento sobre-

---

(6) — Os Mutazili, do verbo "itazala" separar-se, afastar-se. Dizem que Haçan, fundador da Escola de Basra, de tendências cadaritas, tinha um discípulo chamado Uásil-Ibn-Ata, que se atreveu a ensinar certas doutrinas que divergiam das do mestre, que, ao ouví-las, exclamou: Itazala. O mais certo porém, é que o germe dêste partido se prende ao "Calam", cujos mais antigos adeptos são conhecidos professarem as doutrinas mutazili. O título de Livres-Pensadores do Islame sòmente se justifica quando aplicado aos seguidores desta doutrina na sua fase final. Um dos méritos dos Mutazilitas é que foram êles os primeiros no Islame que alargaram as fontes do conhecimento religioso para ali introduzir um elemento precioso, até então severamente excluído, a razão. Alguns dos representantes mais célebres dos Mutazili professaram mesmo que "a primeira condição do conhecimento é a dúvida". "Cinqüenta dúvidas valem mais que uma certeza", etc., etc. Para maiores esclarecimentos ver: Goldzihr: Le Dogme et la Loi de l'Islam, Paris, 1920, p. 80 ss.

(7) — O contexto árabe exige aqui: anunciar e produzir o milagre.

(8) — Tahaddi: é mais complexo ainda que "anunciar prèviamente e produzir um milagre", que é o sentido mais comum nos assuntos teológicos. Às vêzes, mesmo entre teólogos, além dêste significado, traduz também o anúncio de um milagre acompanhado de um desafio para os infiéeis produzirem milagre igual. Em outros passos, o verbo Thahadda toma o sentido de: rivalizar, como v. g. Muhammad rivalizou com os maiores oradores árabes, mesmo por meio da menor das "surat" do Alcorão. (Nota dos Trad.).

natural reunido a seu anúncio prévio; faz, pois, parte do milagre, ou, em outros têrmos, e adotando a expressão dos teólogos dogmáticos ou Mutacallim: "O anúncio prévio é sua qualidade específica e única, por ser realmente a parte essencial do milagre". Êste anúncio preliminar é o que distingue um milagre de um prodígio (9) feito por um favorito de Deus, ou do sortilégio mágico. Estas duas últimas manifestações não têm necessàriamente como fim provar a veracidade de um indivíduo; e se o Tahaddi os acompanhar, isso será devido a um simples acaso. Se o homem que operou certo prodígio o anunciou com antecedência, servirá êste prodígio tanto mais para demonstrar a santidade dêste indivíduo, mas, não para provar que seja profeta. O Mestre Abu Ishac(10), assim como outros Doutores que examinaram o assunto, não admite que num prodígio possa haver um fato sobrenatural. Com esta restrição querem impedir que um prodígio acompanhado de anúncio prévio conduza a uma confusão entre a qualidade de "ualí" ou "favorecido" e a de "enviado" ou profeta.

Seguindo a nossa exposição, o leitor terá compreendido a diferença existente entre estas classes de manifestações e reconhecido fàcilmente que o anúncio feito de antemão de um prodígio realizado por um dos favorecidos de Deus não tem o mesmo resultado que o anúncio antecipado de um milagre operado por um profeta. O que resulta é que a opinião do Mestre citado, tal como nos foi transmitida, não seria autêntica; em todo o caso, não deixa de ser ambigua. Talvez êste doutor quisesse sòmente negar que as coisas sobrenaturais feitas pelos favorecidos de Deus sejam da mesma natureza que os operados pelos profetas, baseando-se no princí-

---

(9) — Karama, favor divino, têrmo com que os doutores muçulmanos designam as coisas extraordinárias ou sobrenaturais feitas por um uali ou favorito ou favorecido por Deus, enquanto que empregam o de "mujizat", coisa que passa o poder humano, para aplicá-lo às feitas por um profeta. Nesta tradução, o têrmo Karama, é sempre traduzido por prodígio, reservando o de milagre para Mujizat.

(10) — Abu Ishac Ibrahim al-Isfaraini, célebre doutor do rito chafeita e autor de uma grande obra sôbre teologia dogmática, era nativo de Isfarain, no Khoração; morreu em Niçapor,no ano 1027 de J. C. Nas obras escolásticas, é designado pelo título de Ostad, isto é, Mestre.

pio de que cada uma destas duas classes de homens tem, como atribuição própria, uma categoria especial de fatos extraordinários (11).

Quanto aos Mutazilli, négam a possibilidade de um prodígio ser operado por um "ualí", dizendo que os fatos extraordinários (sobrenaturais) não pertencem à categoria dos atos do homem, por serem seus atos ordinários; não podendo, pois, o extraordinário ser feito por êle. Não há diferença, para êles, entre prodígio e milagre, não entrando ambos na categoria dos atos humanos. É absurdo crer, dizem, que alguma coisa dêste gênero possa ser operada por um impostor, com o fim de enganar o mundo.

Segundo os Achari (12), o essencial num milagre é servir de confirmação à veracidade de um profeta e guiar os homens no caminho do bem. Milagre que se produzisse sem êste carácter, não seria prova, mas impecilho; a boa direção desejada seria êrro, e transformaria a verdade em autêntica mentira. O milagre que se fizésse fora dêste objetivo serviria para impossibilitar o reconhecimento da verdade e para falseá-la como para desnortear os atributos da alma e contrariá-los. Admitir, pois, a possibilidade de um fato que leva a resultados absurdos é cometer um absurdo, o que torna o fato em questão inadmissível. Do mesmo modo argumentam os Mutazili, para chegarem à mesma conclusão. Dado que a prova

(11) — Embora justa a conclusão do Autor, o seu raciocínio está mal conduzido; deveria ter argumentado do modo seguinte: Um prodígio acompanhado de um anúncio prévio não se distingue de um milagre se não por seu feito moral. Ora, antes de se conhecer êste resultado, poder-se-ia tomá-lo por um milagre, porque possui todos os caracteres do milagre. O Mestre, dizem, resolveu a dificuldade sustentando que nenhum prodígio contém fato algum sobrenatural. Mas esta doutrina é absurda, por consistir o prodígio essencialmente num fato sobrenatural. Por isso, é impossível crer que o Mestre tenha jamais enunciado semelhante asserção.

(12) — Al Achari (Abul Hassan Ali), fundador de uma escola teológica e de um rito que levam seu nome, morreu em E. V. (935). A Al Achari deve-se a introdução da dialética nas discussões teológicas, pois, foi êle o fundador do Calam, a Escolástica ortodoxa, graças à qual conseguiu lutar contra os Mutazili e outras seitas. Dos 300 escritos que deixou, poucos nos chegaram. O célebre Algazali foi um dos adeptos da escola achari. (Nota dos Trad.).

que daria um milagre feito por um impostor ou devido a magia seria uma ilusão, e, como tal, esta manifestação, em vez de dirigir os homens serviria para desviá-los, prova dêste gênero constitui uma demonstração que não é obra de Deus.

Quanto aos filósofos (13), sustentam êles que os fatos sobrenaturais são próprios atos do profeta, mesmo quando fora do domínio de seu poder. Serve-lhes de fundamento o princípio da obrigação essencial das causas produzirem necessàriamente seus efeitos. Os acontecimentos, dizem, procedem uns dos outros devido a condições imutáveis e causas secundárias que se prendem finalmente ao ser necessário agindo por essência e não por vontade. Professam também que a alma dotada de faculdade profética possui qualidades próprias, sendo uma delas a produção de acontecimentos sobrenaturais em virtude do poder do próprio profeta e devido à obediência que os elementos lhe devem para a formação dêstes acontecimentos. O profeta, segundo êles, possui a faculdade de poder agir sôbre as diversas categorias dos seres, tôdas as vêzes que a êles se dirige querendo combiná-los. Êle tem esta faculdade, de Deus. O profeta pode operar um acontecimento sobrenatural, com anúncio prévio ou sem êle, e o próprio acontecimento é, então, o que demonstra a veracidade de sua missão, pelo fato de provar seu poder de agir sôbre as diversas classes das coisas existentes, como faculdade inerente ao dom de profecia e não como substituindo uma declaração verbal e divina de autenticidade. Também, para êles, o ato sobrenatural não constitui prova cabal e de valor absoluto, como consideram os Mutacalim. Como tão pouco consideram

(13) — Os filósofos aqui designados são os que seguem Aristóteles e a escola peripatética, interpretados pelos comentaristas da escola de Alexandria. Seja por simulação prudente, seja por sincera convicção, o peripatismo muçulmano, embora prescindindo da fé, não renegou, em público e à luz do dia a religião oficial. Às vêzes, para o que não podiam negar frontalmente, recorriam à interpretação alegórica; assim, por exemplo, a ressurreição dos mortos, de que fala o Alcorão, significa para êles, "que a morte da ignorância termina pela vida da ciência". As mais das vêzes, dão a suas negações bases metafísicas, como esta reproduzida pelo Autor e tirada de Avicena e combatida por Algazali no seu "Tahafot Al Falacifa". (Nota dos Trad.).

o anúncio prévio parte integrante do milagre, nem diferencial entre o verdadeiro milagre e o que é efeito de magia ou prodígio. O que constitui verdadeira distinção entre o milagre e um ato de magia é, declaram êles, que o profeta foi formado e constituido por Deus para a prática das boas obras e uma repulsa inata para o mal, ao contrário de quem pratica a magia, que só pode agir no sentido do mal: tudo o que faz é nocivo ou tende a sê-lo. Para distinguir-se um milagre de qualquer prodígio feito por um "Uali", ensinam que os atos sobrenaturais de um profeta possuem um carácter todo particular, como por exemplo, subir ao céu, atravessar os corpos sólidos, fazer um defunto voltar à vida, conversar com os anjos, voar nos ares, etc. Os atos de um "Uali" são de um carácter muito inferior a êstes, como por exemplo, fazer muito de pouco, predizer certos acontecimentos, etc, atos que estão, como se vê, muito abaixo do poder de um profeta. O profeta pode fazer os mesmos prodígios que fazem os favoritos de Deus, mas êstes são incapazes de operarem milagres da natureza dos que fazem os profetas. Esta doutrina está em conformidade com o que ensinam os Sufis nos tratados consagrados à exposição de sua doutrina, como é confirmada pelo que êles aprendem nos seus estados estáticos.

Depois de reproduzir estas opiniões, diremos ao leitor: Saiba que o milagre maior, o mais refulgente, o mais peremptório é o nobre Alcorão, que o nosso profeta recebeu do céu. Com efeito, a maior parte das manifestações sobrenaturais não se produzem simultâneamente com as revelações comunicadas aos profetas. Para testemunharem a veracidade de uma revelação, devem apresentar-se depois dela. Enquanto que o Alcorão é, não só uma revelação, mas um milagre extraordinário. Êste livro traz dentro de si a prova de sua inspiração e não necessita de nenhuma prova extrínseca, tal como milagres trazidos para apoiar uma revelação divina. Êle é a sua mesma prova mais clara, sendo simultâneamente prova e coisa provada. É esta a idéia que o Profeta quis expressar quando disse: Cada profeta recebeu sinais evidentes que inspiram a convicção aos homens; mais do que isso, o que me foi dado, é uma revelação. Por isso, espero que, no dia da Ressurreição, terei um séquito (de fiéis) mais nume-

roso que qualquer outro profeta. Querendo dizer com isso que um milagre tão evidente, tão convincente, como o Alcorão, livro que é por natureza a mesma revelação, deve levar a convicção a muitos espíritos, de tal modo que o número dos crentes ficará enorme. Eis o que quis significar por séquito.

Vamos agora expôr a verdadeira natureza do profetismo, de conformidade com os ensinamentos dos doutos mais exatos. Explicaremos, em seguida, a natureza do vaticínio e dos sonhos; depois, falaremos do que são os adivinhos ou Arraf; assim como trataremos de outras matérias pertencentes ao domínio do Mundo Invisível. Ao começar o nosso discurso, pedimos a Deus que nos guie, assim como nossos leitores.

## I — O PROFETISMO

Se contemplarmos êste mundo e as criaturas que encerra, descobriremos que nêle reina uma ordem perfeita, um sistema regular, uma ligação de causas e de efeitos, uma conexão ligando entre si as diversas categorias dos seres e presidindo à transformação de certos seres em outros. É uma seqüência de maravilhas que nunca se acaba e cujos limites não se podem indicar.

Começaremos pelo Mundo sensível e material, falando primeiro do Mundo Visível, o Mundo dos elementos.

Os elementos elevam-se gradativamente do estado de terra ao estado d'água, depois ao estado de ar, depois ao de fogo, ligando-se assim uns aos outros. Cada um dêles possui uma disposição ou aptidão para se transformar no elemento imediatamente superior ou inferior, transformação que, às vêzes, se realiza efetivamente. O elemento superior é, por natureza, mais subtil e diluido que o elemento imediatamente inferior a êle; o mais leve dos elementos tem por limite o Mundo das Esferas. A união das Esferas entre si forma outra gradação que os sentidos não podem perceber senão por seus movimentos. Êstes movimentos foram suficientes para permitir aos homens descobrirem a extensão e a posição de cada Esfera e reconhecerem também que além delas existem seres exercendo sôbre as Esferas as influências que se percebem.

Olhamos, em seguida, para o Mundo Sublunar ou Alam at-Takuin (mundo no qual os seres foram formados com matéria preexistente). Desenrola-se nêle o espetáculo de uma graduação admirável, em que vemos primeiro os minerais, aos quais se sucedem as plantas e os animais. A categoria dos minerais confina por uma de suas extremidades com o comêço da categoria das plantas, onde se acham as ervas daninhas e os vegetais que não têm sementes. A extremidade da categoria das plantas que inclui a palmeira e a parreira está em contato com a categoria de animais que compreende os caramujos e as conchas, seres que possuem um sentido único, o tato. Falando das diversas categorias de seres, a palavra "confinar", ou ter contato, emprega-se para significar que o limite extremo de cada classe, em virtude de uma constituição inata e misteriosa, está disposta a confundir-se com o limite onde começa a classe seguinte. O mundo animal é muito extenso e compreende um grande número de espécies. Na hierarquia das criaturas, o homem ocupa o último escalão, como ser dotado de reflexão e de previdência. Ocupando esta posição, o homem se acha colocado numa categoria superior à dos macacos, animais que reúnem à destreza a compreensão, mas que, na ação, não se alçam nem até à previdência, nem à reflexão. Estas faculdades aparecem apenas no comêço da categoria seguinte, que é a categoria do homem. O que somos capazes de perceber acaba neste limite.

Nas diversas categorias dos seres, observamos uma variedade de efeitos produzidos por influências externas. O mundo Sensível é submetido à influência do movimento das Esferas e dos elementos. O Mundo Sublunar está influenciado pelo movimento do crescimento e da maturação. Todos êstes fenômenos indicam a existência de um agente cuja naturea é diferente da natureza dos corpos e que é, por conseguinte, um agente espiritual. Êste agente está em contato com todos os seres dêste mundo, cujas categorias, ligadas entre si, acham-se ligadas à existência dêste agente. Chama-se alma perceptiva e fonte de movimento. Acima dela, deve necessàriamente existir algum ser com o qual ela está

em contato e que lhe comunica as faculdades de percepção e do movimento. Êste ser superior tem por qualidades essenciais a perceção pura e a inteligência sem mistura. É o mundo dos Anjos. Donde resulta necessàriamente que existe na alma do homem uma predisposição para despir-se da natureza humana, a fim de revestir-se da natureza dos anjos e colocar-se realmente na categoria dêles. Isso acontece certas vêzes e num espaço de tempo tão curto como o pestanejar. Mas para chegar-se a tanto é preciso que a alma tenha dado à sua essência espiritual uma perfeição real. Voltaremos mais adiante a tratar dêste assunto. De momento, daremos os esclarecimentos seguintes. A alma está em contato com as categorias que confinam com a sua, assim como é da natureza dos seres dispostos por classes. Para ela, êste contato se realiza por dois lados, um superior e outro inferior. Pelo lado inferior, comunica com o corpo, por cujo intermédio ela adquire as percepções apanhadas pelos sentidos, graças às quais será apta a tornar-se uma inteligência em ato. Pelo lado superior, comunica com a categoria dos anjos, que a capacita a receber os conhecimentos fornecidos pela ciência divina e os do mundo invisível. Com efeito, o conhecimento dos acontecimentos existe nas inteligências angélicas sem depender do tempo. Tudo o que acabámos de dizer está em harmonia com a exposição já feita relativamente à ordem rigorosa que reina no universo, ordem que se estabeleceu pelo contato mútuo dos seres por meio de suas naturezas e de suas faculdades.

A alma humana, tal como acabámos de descrever, é invisível aos sentidos mas suas influências evidenciam-se no corpo. Pode-se dizer que o corpo e suas partes, combinadas ou isoladas, são instrumentos postos a serviço da alma e de suas faculdades. Como partes ativas (ou operantes) pode-se indicar a mão que serve para apanhar, os pés para andar, a língua para falar, e o corpo operando movimento geral por esforços alternados. Do mesmo modo que as *faculdades* da *alma perceptiva* estão dispostas numa ordem regular elevando-se até à faculdade superior, isto é, a *alma racional,*

chamada também "falante" ou Nática (14), assim também *as faculdades* (*do sentido exterior*) que informam os órgãos corporais da vista, da audição, etc., elevam-se até ao nível do *Senso Interior* (15).

A primeira destas faculdades apreensivas internas é a *sensibilidade* que percebe as impressões recebidas pela vista, ouvido, tato, etc. Estas percepções chegam-lhe simultâneamente, sem produzirem qualquer confusão, o que a distingue completamente dos sentidos externos. Ela transmite estas impressões à imaginação, faculdade que produz na alma com exatidão a forma dos objetos percebidos pelos sentidos, forma desprovida da matéria extrínseca. O instrumento que serve para as operações destas duas faculdades é o ventrículo do cérebro que ocupa a parte frontal da cabeça; localiza-se na parte anterior a sensação e, na parte posterior, a imaginação. A imaginação eleva-se depois até ao nível da *faculdade estimativa* e ao nível da *faculdade memorativa* (ou retentiva). A estimativa serve para perceber as espécies imateriais que

---

(14) — An-Nafs Annática, é a tradução fiel de "logikê psykhe" dos filósofos gregos. Visto que em árabe ela comporta o sentido de "falante", como aliás o têrmo grego, Gazalli dá à "natica" a seguinte explicação: Chamam-na de "falante", sem dúvida por ser a língua o fruto externo mais próprio da razão, mesmo que não se possa chamá-la "falante" em ato, senão e sòmente em potência. (Gazalli: Tahafot Al Falasifat, pág. 71, ed. Cairo, 1319). Para os Gregos: o mesmo têrmo "logos" significa: palavra e razão. (Nota dos Trad.).

(15) — Senso interior, ou Muchtarac, ou senso comum é assim definido por Gazalli: Das três Faculdades apreensivas internas, é a faculdade que, localizada na parte anterior do cérebro, conserva as imagens dos objetos percebidos pelos olhos, mesmo depois de fechadas as pálpebras. Além disso, ela conserva impressas as espécies de tudo o que se conhece pelos cinco sentidos. Enquanto reune estas espécies, chama-se sentido comum ou Al Hiss al Muchtarac. A necessidade de admitir esta função do senso comum é evidente. Quem vê, pela primeira vez, mel branco e gosta dêle, sente sua doçura. Não fosse o sentido comum, resultaria que, na segunda vez, não poderia perceber a doçura do mel branco, senão provando-o como da vez anterior. Mas certamente não é preciso prová-lo, porque, no sujeito, surge um juizo que decide que "êste branco é o doce". Logo, deve forçosamente haver no sujeito um juiz perante o qual se apresentaram as duas coisas, a côr e a doçura, para êle inferir da existência de uma delas à existência da outra. (Ibid, p. 70). (Nota dos Trad.).

não necessitam de um corpo para existir e que por acidente (*per accidens*) podem encontrar-se num corpo (16). Assim, ela percebe, por exemplo, a *hostilidade de Zaid,* a *franqueza de Amr,* a *ternura do pai,* a *voracidade do lobo.* A *faculdade memorativa ou retentiva* retém e guarda, como num depósito, tôdas as percepções materiais e imateriais para quando precisar. O instrumento que serve estas duas faculdades situa-se no ventrículo posterior do cérebro, servindo a parte posterior a estimativa e a parte anterior a retentiva ou memória. Tôdas esas faculdades elevam-se em seguida, ao nível da *faculdade refletiva,* a qual tem por instrumento o ventrículo central do cérebro. Da faculdade refletiva parte o movimento para a meditação e a tendência da alma para se tornar *intelecto puro.* Esta situação deixa a alma numa agitação contínua, procurada por ela por inclinação própria, com o fim de libertar-se da fôrça que a retém ao mundo sensível e evadir-se da disposição que a liga à natureza humana. Sua aspiração é tornar-se de fato uma *inteligência pura,* para se assimilar à *Companhia sublime espiritual,* e se colocar na hierarquia inferior dos seres espirituais, por meio da faculdade de adquirir percepções sem o intermédio dos instrumentos corporais. Esta é a meta de todos seus movimentos e o objeto de todos seus desejos. Uma vez despida da natureza humana que a encobria, passa ela, mediante a espiritualidade, à *Esfera superior,* que é a Esfera dos anjos. Alcança esta esfera, não por causa de algum direito, mas porque Deus, ao criá-la, lhe deu a tendência natural para chegar a esta Esfera.

Encarando as almas humanas sob êste ponto de vista, reconhece-se que podem ser divididas em três classes. A primeira é, por natureza, fraca de mais para atingir a percepção

---

(16) — A doutrina dos filósofos árabes mais adeantados ensina que só o ser é o produto imediato de Deus e em relação imediata e direta com Êle. Êste ser é a primeira inteligência, o primeiro motor das estrêlas fixas. O céu, ser incorruptível, simples, todo em ato e movido por uma alma, é o mais nobre dos seres animados. Encerra muitas órbitas, dotada cada uma de sua inteligência. As inteligências das esféras são os anjos hierarquicamente subordinados. (Cf, Renan: Averroès et l'Averroïsme, 2.º ed., p. 116 e ss.). É esta reunião de inteligências que Ibn Khaldun quer designar pela expressão "Al Mala'ul A'la" "A Companhia Sublime".

espiritual; contenta-se com se agitar até conseguir chegar ao limite inferior, às percepções que se encontram no domínio dos sentidos e da imaginação. É capaz mesmo de combinar, seguindo um sistema bastante restrito de regras combinadas numa seqüência particular, as noções reais (proposições), que lhe fornecem a faculdade estimativa ou a memorativa(17). Por meio desta operação, adquire conceitos e noções afirmativas (18), os únicos conhecimentos que a reflexão é capaz de fornecer enquanto estiver esta faculdade dentro do limite do corpo. Todos êstes conhecimentos pertencem à faculdade imaginativa e se confinam dentro de limites muito estreitos. Com efeito, a alma como as da classe que estamos descrevendo, pode elevar-se do ponto de partida até ao comêço da categoria que lhe é imediatamente superior, sem possuir a fôrça de passar êste limite. Se, com isso, seus esforços são mal dirigidos, nada que valha fará. Eis, pois, o têrmo que geralmente pode alcançar a percepção humana, enquanto ainda influenciada pelo corpo. Os sábios aí param, não podendo ir além.

As almas da segunda classe são levadas, por um movimento de reflexão e em virtude de uma disposição natural, para o intelecto espiritual, enveredando para as percepções que se podem adquirir sem precisar do instrumento do corpo. Para estas almas, o campo da percepção estende-se muito para além de onde começa o mundo espiritual, ponto em que se detém a faculdade perceptiva das almas da classe precedente. Chegadas nesta região, percorrem o *campo da contemplação interior,* no qual tudo é êxtase e cujo comêço e fim são simultâneos. É êste o ponto aonde chega a *faculdade*

---

(17) — O autor se refere ao silogismo.

(18) — Em árabe العلوم التصويرية والتصديقية . Segundo os lógicos, todos os nossos conhecimentos se classificam em duas classes, uma composta de simples apreensões ou conceitos, a outra, de afirmações ou julgamentos. Exemplo de conceito: Deus, o homem, eterno; a afirmação é: Deus é eterno, o homem não é eterno. "O conceito, dizem, é a existência da imagem de uma coisa no entendimento; a afirmação é um conceito unido a um julgamento". Mais simplesmente: os conceitos são as simples idéias e as afirmações são as proposições.

*perceptiva dos favoritos de Deus (Ualí)*, êsses homens em quem Deus incutiu a ciência infusa e os conhecimentos (divinos). As pessoas predestinadas à felicidade eterna são favorecidas da mesma percepção enquanto estiverem no "barzakh" (19).

As almas da terceira categoria são criadas com a faculdade de poder libertar-se inteiramente da natureza humana, de sua corporeidade e de sua espiritualidade, para elevar-se até à *natureza angelical da Esfera superior,* onde efetivamente se tornam anjos, mas sòmente durante um instante curtíssimo. Durante êste momento, percebem elas a Companhia sublime (dos Anjos) na Esfera que lhes é própria e entendem, no breve instante que lhes é dado, as palavras da alma universal e a voz da divindade. Tais são as almas dos profetas a quem Deus concedeu a faculdade de se libertarem da natureza humana durante um curto lapso de tempo. É neste estado (de liberação e de enlevo) que recebem a revelação, tendo-os criado Deus com êste dom natural que os predispõe para tal mister. Foi com o propósito de desempecilhá-los dos obstáculos e impedimentos com que os cerca o corpo, enquanto revestidos da condição humana, que Deus infundiu na natureza dos profetas uma pureza de costumes, um sentimento de retidão, que os realçam até a espiritualidade, ao mesmo tempo que incutiu no seu carácter um espírito de religião que os retém para sempre neste caminho e os conduz para o objeto de seus desejos. Por semelhante gênero de liberação (que exime a alma da influência do corpo), êstes homens se dirigem à vontade para o mundo espiritual, favor que devem, não aos próprios méritos, nem a meios artificiais, mas apenas ao carácter inato nêles, incutido pelo Criador. Despindo-se dos farrapos da humanidade, dirigem-se para a Companhia sublime a fim de receberem

---

(19) — Barzakh, literalmente, significa o que separa duas coisas, como o tempo que medeia entre a morte e a ressurreição, como o túmulo que separa êste mundo do outro. No texto, designa uma região no espaço, porque os muçulmanos dizem de um defunto "Êle entrou no BARZAKH". Jurjani define Barzakh: O mundo ideal, isto é, o que separa os corpos espessos do mundo, dos espíritos puros. Em outros têrmos: êste mundo, do outro. (Tarifat: barzakh). (Nota dos Trad.).

dela a sua mensagem. Voltam descendo para o domínio da natureza humana, carregando seu precioso depósito que trazem como uma revelação vinda do alto para ser comunicada aos homens, no meio de influências humanas. A revelação chega-lhes, às vezes, como o murmúrio de um discorrer confuso; o profeta apanha o sentido do que ouve, e, mal cessou o murmúrio, aprendeu-o de cor e compreendeu a mensagem. Outras vêzes, o anjo encarregado da mensagem aparece sob a fisionomia de um homem que fala, e o profeta retem na sua memória o que lhe foi comunicado. A comunicação feita pelo anjo, a volta do profeta ao domínio humano e o ato de compreender o que acaba de lhe ser revelado, tudo isso se passa num segundo de tempo, mais rápido que um abrir e fechar de olhos. Porque êstes acontecimentos se passam fora do tempo e simultâneamente. É devido ao fato de as revelações se produzirem com rapidez que tomam em árabe o nome de "uahi", de "uahia", verbo que nesta língua significa "apressar".

Façamos observar que a primeira maneira de comunicar uma mensagem divina e que consiste em um murmúrio, é empregada sòmente para com personagens da posição de profeta, sem incumbência de funções de apóstolo. É um princípio considerado como fundamental.

A segunda maneira, em que um anjo se apresenta sob a forma de um homem que fala, convém à posição dos que são ao mesmo tempo profetas e apóstolos, sendo, por conseguinte, mais perfeita do que a primeira. A idéia que aqui apresentamos acha-se na narração em que nosso Profeta deu explicações a Al-Harith Ibn Hicham. Quando êste perguntou como a revelação chegava até êle, Muhammad respondeu: Vem a mim, às vêzes, como um murmúrio ou como o barulho de um sino: o que me causa grande cansaço; e quando ela me deixa, eu guardo na memória o que me disse. Outras vezes, o anjo toma a forma de um homem que vem falar comigo; neste caso, eu guardo o que êle me disse. A primeira maneira parecia-lhe muito cansativa, porque, nêste contato com o mundo espiritual, era pela primeira vez que a potência nêle passava para o ato. É o motivo por que sentiu certa opressão, e porque, quando voltou para o domínio da humanidade, não recebeu as comunicações divinas senão por via auditiva e oral,

já que a primeira maneira lhe causava grandes sofrimentos. Quando se recebem revelações por mais de uma vez, suporta-se com maior facilidade o contato do mundo espiritual, e voltando sôbre o terreno da natureza humana, conserva-se a lembrança de tôdas as comunicações recebidas, sobretudo da parte mais clara delas, isto é, daquilo que se viu.

Na explicação dada pelo profeta, observa-se um grande subtileza de expressão. Para o primeiro caso, êle emprega o verbo "guardar", dandо-lhe, a forma do pretérito "uaáit"; no outro, repete o mesmo verbo sob a forma do presente "aí". أعي Querendo figurar por meio da palavra as duas maneiras de receber a revelação, compara a primeira a um murmúrio, o que é muito diferente de um discurso, como todos sabem. Acrescenta que o ato de compreender a revelação e de confiá-la à memória tinha lugar depois de cessar êste barulho. Para marcar seu término e cessação, emprega o pretérito do verbo, o que faz com razão, pois que é esta a forma que se exige para marcar o que passou. Descrevendo o segundo modo, o profeta nos representa o anjo sob a forma de um homem que fala; à medida que ouvia seu discurso, o aprendia de cor, empregando muito acertadamente o verbo no presente, forma que indica que a ação pode continuar.

Qualquer que seja a maneira de um profeta receber a revelação, experimenta êle uma sensação de dor e de opressão, fato que Allah reconhece por estas palavras do Alcorão: "Vamos dirigir-te uma palavra opressiva". (Alc. LXXIII:5). Conta-nos Aicha que um cansaço extremo era um dos sofrimentos que acometiam Muhammad quando recebia uma revelação; disse mais: "Uma revelação baixou sôbre êle um dia em que fazia muito frio; quando a revelação terminou, a sua fronte estava banhada de suor". À mesma causa deve-se atribuir o que sabemos do alheamento de espírito que se notava nêle e dos gemidos que soltava enquanto permanecia êste estado. Explica-se o fenômeno lembrando um princípio já por nós estabelecido, a saber, que durante a revelação, a alma do profeta se substrai da natureza humana para se elevar até ao domínio angelical, onde escuta a palavra da alma (universal). Ora, um sentimento de dor deve-se produzir tôdas as vêzes que uma essência abandona seu estado essen-

cial e o deixa para sair de sua esfera e elevar-se até uma outra superior. É o que significa a sufocação que descreveu Muhammad, falando da primeira época da revelação. "Êle me sufocou, disse, ao ponto que não aguentei mais a dor, e depois, deixando-me, disse: Anuncia! Lê! — Não sei ler! respondi". Aconteceu isso por três vêzes, como refere a tradição. Sofrendo uma opressão, gradativamente acostuma-se ao sofrimento, de modo que a dor pareça leve, comparada ao que era primeiro. Isto vem explicar também por que os passos do Alcorão, tanto as Surat como os versículos, que foram revelados ao profeta quando ainda na Meca, eram mais curtos que os recebidos mais tarde em Medina.

Veja-se, por exemplo, o que se conta sôbre a maneira como foi revelada a Surat *"Bara'at"* ou *"Imunidade"* (S: IX) durante a expedição de Tabuk (20). Recebeu-a o Profeta em grande parte ou na totalidade, quando viajava montado na sua camela. Antes disso e quando ainda em Meca, não recebia senão comunicações breves, compostas de algumas Surat curtas (incluidas agora no Al Mufassal) (21) e que lhe eram comunicadas parceladamente e por fragmentos, recebendo hoje um, outro mais tarde e, ainda depois, outro. O último versículo que recebeu em Medina, chamado *"Ad-Din"* (*ou A Religião*) (22) é de um comprimento considerável. Antes desta época, recebia na Meca versículos (muito breves) como os que compõem as seguintes Surat: o *Misericordioso*(23). *Al-Dariat, Al Mudathir, a Manhã, O Coágulo,* etc. Temos neste fato um meio de distinguirmos quais as Surat e

---

(20) — Tabuk, cidade da fronteira bizantina com a Arábia, que Mahomet conquistou e que logo abandonou, no ano 9 da H., ou da 630 E. V. Para o que é da Surat do Alcorão, nós preferimos traduzir por "Imunidade" o que os outros traduzem por "Renúncia", por condizer mais com o texto que fala de "imunidade... em virtude de um pacto". Esta Surat é uma das mais compridas do Alcorão: tem 130 versículos (Nota dos Trad.).

(21) — Nome que se dá à parte do Alc. que começa na 49.ª Surat e acaba com a última, com 65 surat.

(22) — É o 5.º versículo da 5.ª Surat intitulada Ad Din ou Al Maida. (Nota dos Trad.).

(23) — É a LV; Ad Dariat é a LI; Al Mudathir, a LXXIV; A Manhã, a XCIII; O Coágulo, a XCVI (Nota dos Trad.).

os versículos que foram revelados em Meca e quais os que o foram em Medina. *É Allah quem dirige para a verdade.*

Termina aqui o sumário de nosso estudo sôbre o profetismo.

## II — DA ADIVINHAÇÃO OU AL KAHANAT

A adivinhação é também uma faculdade que pertence à alma humana. Com efeito, de tudo o que acabámos de expor resulta que a alma humana é levada, por uma disposição natural, a libertar-se da humanidade para se poder elevar a um estado superior, que é a espiritualidade. Dissemos que isso acontecia, não devido aos méritos adquiridos, como não se deve também esta faculdade nem à percepção dos sentidos, nem ao esfôrço da imaginação, nem a atos materiais, sejam êstes palavras ou movimentos, nem tão pouco a qualquer outro meio material. Aquilo é ùnicamente uma operação da alma, que, em conseqüência de uma disposição inata, se despe da natureza humana para se vestir da dos anjos, por um instante mais rápido que um pestanejar. Sendo assim e pertencendo esta disposição realmente à alma humana, deve-se admitir, fazendo uma distinção racional, que existe no mundo uma outra classe de homens, a qual, comparada com a dos profetas, é como a imperfeição posta em confronto com seu oposto, isto é, a perfeição. Com efeito, não empregar meios para alcançar a percepção do mundo espiritual é inteiramente o oposto do ato contrário, que é empregar meios que o alcancem. Há, pois, uma grande diferença entre êstes dois casos contrários. Em conseqüência disso, pela diferenciação dos seres e sua classificação em categorias, sabemos que êste mundo contém uma classe de homens tão bem organizados por natureza que sua potência intelectual se deixa agitar sob a ação da faculdade cogitativa aliada à vontade intelectual, tôdas as vêzes que esta potência é impulsionada pelo desejo de penetrar no mundo espiritual. Mas, muito fraca por si própria para conseguir alcançá-lo, ela recorre aos meios secundários, que pertencem, uns, ao domínio dos sentidos, e, ao domínio da imaginação, outros. Entre êstes meios, nós

assinalamos os corpos transparentes, os ossos de animais, os discursos cadenciados, os presságios tirados pelos áugures quer das aves, quer dos quadrúpedes. Aqui, nestes casos, é a faculdade sensitiva ou é a imaginação que intervêm para auxiliar a alma na sua tentativa de se libertar do mundo sensível e lhe servem de companheiras durante sua evasão. A fôrça (ou potência) que nesta classe de homens os leva ao grau de percepção suscetível de ser lançado por semelhantes meios, é o que se chama adivinhação. Ora, nestes homens, a alma está por sua natureza, colocada numa posição de inferioridade que não lhe permite alcançar a perfeição; ela compreende menos fàcilmente os universais que os particulares e prende-se a êstes de preferência aos primeiros. É a razão por que a potência imaginativa existe nesta classe em tôda a sua fôrça, e, como os particulares se acham prontos e presentes na alma, a imaginação reproduz-lhes as formas e faz as vêzes de um espelho em que a alma não se cansa de olhar.

O adivinho não pode atingir de uma maneira completa a percepção das coisas intelectuais, porque a revelação que recebe vem-lhe do demônio. Para alcançar o mais alto grau de inspiração de que é capaz, deve recorrer o emprêgo de certas fórmulas e frases que se distinguem por uma cadência e um paralelismo particular (24). Recorre a êste meio (rítmico e cantado) para subtrair a alma às influências dos sentidos e lhe dar bastante fôrça para se pôr em contato imperfeito (com o mundo espiritual). Esta agitação de espírito, conjuntamente com o recurso dos outros meios extrínsecos supracitados, provocam no seu coração idéias que êste órgão exprime por intermédio da língua. As palavras que então pronuncia são, umas vêzes, verdadeiras, outras vêzes, falsas. A razão é que o adivinho, precisando completar e preencher a insuficiência de seu natural imperfeito, serve-se de meios estranhos à sua faculdade perceptiva e que não se harmo-

(24) — Tanto os Árabes como grande parte dos povos antigos acreditavam no poder do ritmo. "Carmen", para os primitivos Romanos, designava uma fórmula rítmica notadamente mágica. (Nota dos Trad.).

nizam com ela de modo algum. Por isso, a verdade e o êrro se apresentam igualmente ao espírito do adivinho e a sua palavra não pode ser objeto de confiança e de fé. Às vêzes, recorre a simples suposições e conjeturas, na esperança de encontrar, como êle diz, a verdade, mas, na realidade, para enganar os que recorrem a seu ofício.

Àquêles que, para excitar o espírito, recorrem ao emprêgo da cadência ou "saj" aplica-se o nome de *Adivinho ou Cáhin,* cujo plural é *Cuhán,* por ocuparem uma posição mais elevada entre os homens desta classe. O Profeta disse, ao ouvir um certo canto de guerra: "Ei-lo, o "saj" dos Adivinhos!", indicando, pela determinação do genitivo, que o uso do "saj" é peculiar aos adivinhos. Interrogando, certa vez, a Ibn Sayiad (25), e querendo dêle saber, por uma declaração espontânea, qual a natureza da inspiração que recebia, êste respondeu: Ora me traz coisas verdadeiras, ora me traz mentiras. — Então atalhou o Profeta, o que recebes é muito embrulhado! Por estas palavras, dava a entender que o profetismo tem a verdade como carácter distintivo e que a falsidade não poderia nêle entrar de modo algum. Consiste efetivamente o profetismo no contato do espírito do profeta com a Companhia sublime, sem necessidade de guia para conduzí-lo e sem recurso de qualquer meio extrínseco. Ora, já que o adivinho ao exercer a adivinhação, é obrigado, por sua natural incapacidade ao uso dos meios extrínsecos fornecidos pela imaginação, meios que influem na faculdade perceptiva e se misturam às percepções que deseja atingir, resulta que êle recebe, dêste lado, impressões completamente falsas (porque imaginárias), as quais portanto, não se poderiam considerar como profetismo.

Já indicámos que o grau mais alto de adivinhação alcança-se pelo uso de fórmulas cadenciadas, que é o mais ativo dos meios que a vista e o ouvido possam fornecer, e cuja simplicidade mostra a grande facilidade com que o espírito pode pôr-se em contato com o mundo espiritual e nêle colher per-

---

(25) — Ibn Sayiad, célebre adivinho, que os muçulmanos apelidaram de "Dajjal", o Anticristo, começou por se dedicar ao profetismo e acabou convertendo-se ao islame. Morreu cêrca dos anos 682/3 J. C.

cepções, o que lhe permite sair, em certa medida, de sua impotência natural.

Pretende-se que a faculdade de adivinhação não existe mais desde que veio o Profeta. Pretende-se, mesmo, que ela tinha sido interrompida pouco antes da missão de Muhammad, devido à ação das estrêlas cadentes que os anjos lançaram contra os demônios, que estavam à escuta às portas do céu, para impedí-los de saber o que lá se passava, como consta do Alcorão (Surat XV:18). Ora, dizem, desde que as novas do céu não podem chegar ao conhecimento dos adivinhos senão por intermédio dos demônios, a faculdade de adivinhar deixou de existir desde aquela época. Êste argumento não é concludente. Os adivinhos têm êstes conhecimentos não sòmente por intermédio dos demônios, mas também por si próprios, como já se demonstrou. Acrescentemos que o aludido versículo do Alcorão indica que os demônios foram impedidos só de recolher uma das notícias celestes: a que dizia respeito à missão do Profeta. Quanto às restantes nada impediu êstes espíritos de recolhê-las. Por outro lado, a faculdade divinatória, mesmo que tivesse sido suspensa por pouco tempo antes da missão de Muhammad, podreia ter voltado mais tarde à sua atividade anterior. Isto é tanto mais provável, quanto é certo que todos os meios de se adquirir percepções do mundo espiritual perdem sua fôrça enquanto durarem as missões proféticas; aquêles meios se apagam, então, do mesmo modo que as estrêlas e os candeeiros perdem sua luz em presença do sol. Na verdade, o profetismo é o grande luminar, perante o qual os outros luminares se velam ou desaparecem.

Alguns filósofos ensinaram, relativamente à faculdade divinatória, que existia ela realmente antes da vinda do Profeta mas cessou quando de sua chegada. Segundo êles, reproduziu-se o mesmo fato sempre que um profeta apareceu neste mundo. A manifestação profética, dizem, deve ser necessàriamente precedida de uma posição de astros que motive êste acontecimento. Cada vez que a posição (dos astros) é perfeita, a faculdade profética, cuja manifestação próxima ela anuncia, deve ser também perfeita. Se, nesta posição, houver certa imperfeição, o mesmo defeito deve-se achar na

natureza da faculdade que resulta desta posição. Reconhece-se que se trata aqui dos adivinhos como já os descrevemos). Ora, acrescentam êles, antes que uma posição perfeita possa produzir-se, posições imperfeitas devem precedê-la, o que traz como resultado o aparecimento de um ou mais adivinhos, como a posição perfeita, sendo uma só, traz um profeta perfeito. Se as posições que indicam fatos desta natureza deixam de acontecer, nenhum dos resultados terá também lugar. Isto é baseado sôbre princípio que uma posição imperfeita dos astros exerce influência imperfeita. Mas estas teorias não são geralmente aceitas. É possível que a posição perfeita não chegue a exercer sua influência, senão em casos excepcionais e que uma posição imperfeita não traga nenhum resultado, ao contrário da afirmação dos filósofos de que traz resultados imperfeitos.

Todos os adivinhos de um profeta sabiam da veracidade da sua palavra e compreendiam o alcance demonstrativo de seus milagres; êles participavam num certo grau da natureza profética, do mesmo modo que todos os homens participam da faculdade de obterem revelações por meio de sonhos. Mas, neste ponto, as percepções intelectuais são mais numerosas nos adivinhos. Quando êstes se negavam a confessar que o Porfeta era verídico e se deixavam levar a desmentí-lo, seu procedimento era simplesmente devido às sugestões do amor próprio e da ambição frustrada, que os levam a crer que esta faculdade devia pertencer-lhes. Caíam, assim, na obstinação, como caiu Omaiya Ibn Abi Salt, que esperava ser profeta. O mesmo aconteceu com Ibn Saiyad, com Muçaylima, e outros. Mas quando o triunfo da verdadeira religião pôs fim a seus vãos desejos, os adivinhos aderiram a ela, como fizeram Tulayha Al Açadi e Karib Ibn Al Assuad. A sinceridade de sua conversão está atestada pela bravura que mostraram quando das primeiras conquistas do Islamismo (26).

---

(26) — Tulayha e Muçaylima, contemporâneos e rivais de Mahomet, receberam seus nomes no diminutivo, por parte dos Muçulmanos, por se terem revoltado e combatido a nova religião. Muçaylima representou gravíssimo perigo no Leste da Península, para o Islame nascente. Foram necessárias a habilidade do maior general árabe, Khalid Ibn Al-Walid, e muitas encarniçadas batalhas, para

## III — DA VISÃO ESPIRITUAL OU AL-RUIA

A *visão espiritual* é o ato pelo qual a alma racional percebe, na sua essência espiritual e por um instante de tempo, as formas dos acontecimentos. Sendo espiritual por natureza, a alma deve conter estas formas em ato como soi acontecer com tôdas as essências espirituais. Para alcançar a espiritualidade, a alma deve despir-se da matéria e desembaraçar-se das percepções recebidas por meio do corpo. Pode conseguir isso, durante um instante, por meio do sono, como vamos explicar. Tendo recolhido então as noções que procurava relativamente aos acontecimentos futuros, a alma reproduz êstes conhecimentos no domínio da percepção. Se forem estas noções fracas e pouco claras, procura ela reforçá-las e completá-las, dando-lhes uma imagem clara e uma semelhança na imaginação. Para compreender o sentido destas imagens, é preciso recorrer à interpretação. Às vêzes, estas noções são tão vivas que a alma não necessitava de figurá-las na imaginação. Nêste caso, o recurso de uma interpretação torna-se supérfluo, por não terem as percepções sido afetadas pela imaginação, nem alternadas por uma reprodução figurada. A alma desfruta dêste poder de percepção instantânea e passageira por ser uma essência espiritual em ato, porém apta a se aperfeiçoar pela influência e pelas percepções do corpo. Continua êste aperfeiçoamento até que sua essência se torne intelecto puro e sua existência adquira a perfeição em ato. Atingido êste grau de perfeição e tendo então ficado

---

vencê-lo no ano da H. 12. Tulayha foi chefe e adivinho dos Banu Açade, e outras tribos do Centro da Arábia. Grande número de seus partidários, negando-se a aceitar o Islame, foram queimados vivos. Convertido ao novo credo, teve uma carreira militar brilhante. Parece ter realizado o tipo perfeito do chefe de tribo, acrescentando a sua qualidade contestada de adivinho às reais qualidades de poeta, de orador e de guerreiro. Quanto a Omaiya Ibn Abi Salt, foi um poeta cujas relações com Mahomet não foram das mais amistosas, ao contrário das suas aspirações religiosas, que parecem ter encontrado no Alcorão um éco não só para as idéias mas também para a expressão. Karib Ibn Al-Assuad, chefe da tribo de Thakif, comandou a defesa da cidade de Taif contra Muhammad, e acabou convertendo-se ao Islamismo. (Nota dos Trad).

uma essência espiritual, consegue ter percepções sem o instrumento do corpo. Mas a posição que ela vem a ocupar entre os seres espirituais é inferior à dos anjos, habitantes da Esfera Sublime, que não devem a perfeição de sua essência nem à percepções corporais, nem a outra coisa. A disposição que se acaba de descrever acha-se na alma enquanto estiver contida no corpo, sendo ela de duas espécies: uma particular aos favoritos de Deus; a outra, mais comum, pertence à generalidade dos homens. A *visão espiritual* (*ou os sonhos*) faz parte da segunda espécie.

Passamos agora ao gênero de sonhos próprios dos profetas. Êstes personagens possuem uma disposição que lhes permite despirem-se da natureza humana para alcançar a natureza angélica, a mais alta das naturezas espirituais. Manifesta-se muitas vêzes nêles esta disposição, quando ainda no estado de êxtase proveniente da revelação e ao entrarem no domínio das sensações corporais. As percepções recolhidas neste estado pelo profeta se parecem com as que se percebem no estado de sono. Mas o estado de sono é inferior ao de que estamos tratando.

Foi devido a esta semelhança que o legislador (Muhammad) disse: O sonho é uma das quarenta e seis partes do profetismo, ou, como diz uma outra versão, das quarenta e três; e, segundo outra, das setenta. Nenhum dêstes números significa uma quantidade determinada, mas apenas que os graus do profetismo são numerosos. Em apôio a esta afirmação, basta lembrar que, para os Árabes do deserto, o número setenta equivale a muito. Alguns dos que adotam o número quarenta e seis interpretam-no dizendo: Durante os seis primeiros meses da missão de Muhammad, quer dizer, durante meio ano, a revelação vinha-lhe sòmente por meio de sonho; e, a duração total de sua missão, tanto em Meca como em Medina, foi vinte e três anos. Ora, dizem, a metade de um ano forma a quadragésima sexta parte de vinte e seis anos. — Esta explicação é tirada de muito longe para merecer um exame; e, ainda que verdadeira em relação ao nosso Profeta, como poderá sê-lo para os outros profetas, cuja missão se ignora quanto tempo durou? Além disso: é verdade que

se indica qual a relação entre os dois períodos, o da visão espiritual e o de seu profetismo; mas nada se diz sôbre o valor da visão por sonhos e do profetismo real.

Se o leitor compreendeu bem o alcance de nossas observações ficará convencido de que esta fração numérica quer significar simplesmene que existe uma relação entre a disposição primitiva e comum a todos os homens e a disposição menos freqüente e especial da classe dos profetas que a devem à *sua* natureza. A disposição mais fraca, dizíamos, é comum a todos os homens; mas ela encontra grande número de obstáculos que a impedem de agir. São os sentidos exteriores. Por isso, o Criador deu ao homem uma faculdade natural, qual é o sono, por cujo intermédio êle afasta o véu dos sentidos. A alma, então, afastados êstes, pode alcançar os conhecimentos que deseja colher no mundo da verdade; podendo, de vez enquando, lançar nêle um olhar e achar o que está procurando. Eis a razão por que o legislador colocou os sonhos entre os prognósticos. "Em matéria de profetismo, diz êle, nada restou fora dos prognósticos". Quando se lhe perguntou o que entendia por êste têrmo, respondeu: "É a visão santa, que o homem santo vê ou ela se mostra a êle".

Resta agora explicar como o véu dos sentidos pode ser afastado por meio do sono. A alma racional não pode compreender nem agir senão mediante o espírito vital do corpo, vapor leve que reside no ventrículo esquerdo do coração. É o que lemos nos tratados sôbre anatomia de Galeno e de outros médicos. Êste vapor, mandado junto com o sangue às veias e às artérias, produz a sensação, os movimentos e as outras funções do corpo. A sua parte mais sutil eleva-se até ao cérebro, temperando-lhe a natureza fria e animando-lhe as faculdades interiores, de modo que possam exercer plenamente sua ação. A alma racional não pode perceber nem agir sem o auxílio dêste espírito vital, ao qual, aliás, ela se acha intimamente ligada. Esta ligação íntima é resultante do princípio que rege a formação dos seres, a saber: "O sutil não faz impressão sôbre o espesso". Ora, sendo êste espírito vital a mais ténue e sutil das matérias que compõem o corpo, está sujeito, como matéria que é, às impressões da essência que dela difere pela ausência de corporeidade, isto é, a alma ra-

cional, que passa a operar sôbre o corpo através de sua atuação sôbre o espírito vital. Já fizemos observar que, na alma, a percepção se faz de duas maneiras: pelos meios externos, que são os cinco sentidos, e pelos meios internos, que são as faculdades do cérebro. Êstes dois gêneros de percepção causam perturbações na alma e impedem-na de perceber as essências espirituais situadas na Esfera superior, não obstante ter recebido da natureza a disposição necessária para alcançá-la Os sentidos externos, por serem corporais por natureza, são suscetíveis de fraqueza e de frouxidão causadas pelo cansaço e pela lassidão, e, quando mantidos em atividade durante muito tempo, acabam perturbando o espírito. Deus, pois, criou, nos sentidos, a necessidade de repousar, para que sua operação perceptiva possa recomeçar com tôda a vitalidade. Isto se opera por um movimento do espírito vital que, afastando-se dos sentidos exteriores, se volta para o sentido interno. O esfriamento do corpo durante a noite contribui para esta mudança; o calor natural deixa então o exterior do corpo para se transportar às profundezas do interior, e aquilo a que êle serve de veículo, que é o espírito vital, se transporta ali com êle. Eis porque o sonho, entre os homens, ocorre sempre durante o sono. O espírito, livrando-se dos sentidos externos, se recolhe junto às faculdades internas; a alma, desembaraçada das preocupações e dos obstáculos que lhe opõem os sentidos, volta-se para as imagens conservadas na memória, combina-as, descombina-as e dá-lhes outras formas que lhe oferece a imaginação. Estas são quase sempre formas habituais e costumeiras, visto a alma não se ter libertado de suas percepções costumadas senão há pouco tempo. Ela leva estas formas (ou idéias) até ao sentido interno, faculdade esta que ajunta as percepções colhidas pelos cinco sentidos, e que recebe êste novo depósito como se lhe viesse por via dos sentidos.

Às vêzes, a alma se volta, durante um só instante, para sua essência espiritual, volta rápida que não se opera sem encontrar resistência por parte das faculdades internas. Consegue, então, em virtude de sua organização natural, captar as percepções por meio de sua espiritualidade. Depois de

recolher algumas das formas (idéias) que tinham aderido à sua essência, transmite-as à imaginação, a qual as reproduz tais como são, ou as imita, por meio de emblemas, feitos nos moldes que costuma usar. As formas produzidas por imitação não serão compreendidas sem o auxílio da interpretação. Consistindo o ato da alma em compor e decompor as formas conservadas na memória, antes de ter colhido percepções (mais nítidas) pelo golpe de vista rápido que lançou (sôbre sua própria essência), êste ato produz o que se costuma chamar *"sonhos confusos"* "adgath ahlam". Lê-se no Sahih que o Profeta disse: "Existem três espécies de visões: uma delas vem de Deus, a outra, do anjo, e a terceira, de Satanás". Esta classificação está de acôrdo com as explicações que acabámos de dar. A visão clara é de Deus; a visão, cuja forma a imaginação imita e que necessita de interpretação, vem do anjo; os sonhos confusos, são obras de Satã, sendo completamente falsos, por terem por autor o pai de tôda a falsidade. As observações que expusemos são suficientes para fazer conhecer qual a verdadeira natureza da *Ru'ia ou Visão espiritual.*

A faculdade que produz e provoca as visões durante o sono, sendo uma das que são peculiares à alma, existe em todos os homens sem exceção. Não se encontra um só homem que não tenha sonhado com alguma coisa cuja veracidade reconheceu ao acordar, adquirindo a certeza de que a alma pode alcançar o mundo invisível durante o sono. Ora, se isto se dá no estado de sono, nada impede que a mesma coisa aconteça em outros estados que não o sono, porque, se é verdade que a faculdade perceptiva é uma só, não o é menos que suas qualidades podem aplicar-se a todos os estados da alma.

É raro entrarem os homens nêste estado por movimento próprio e pela potência inata com que a natureza os dotou. São levados para êste estado, quando, impulsionados êles pelo desejo de certa coisa, a alma consegue, durante o sono, ver essa coisa ràpidamente, sem intenção premeditada de vê-la. No livro intitulado *Al-Gayat,* como em outros tratados compostos por pessoas que praticam um certo gênero de exer-

cícios espirituais (27), acham-se alguns nomes, pronunciados por um homem no momento de dormir, que produzem no sono uma visão que lhe anuncia o que desejava saber. Os que professam esta doutrina chamam a êste sortilégio *"halumía"*. Maslama se refere a um dêstes encantos no *Kitab al Gayat* e o chama: halumia da natureza perfeita. Consiste no seguinte: Quando uma pessoa que está no ponto de adormecer, depois de terminar suas reflexões secretas e ter dado ao pensamento uma direção conveniente, deve pronunciar estas palavras bárbaras: maghi, badan, iassuad, uagdas, hisufna, gades; em seguida, formula mentalmente o que deseja saber. Chegado o sono, o véu desaparece e deixa ver o segrêdo. Conta-se que um homem empregou êste meio, depois de ter mortificado o corpo durante alguns dias, e que uma pessoa lhe apareceu e disse: Eu sou tua natureza perfeita. Então, interrogando o fantasma, obteve dêle as informações que procurava. Eu mesmo empreguei também estas palavras e, pouco depois, um espetáculo maravilhoso me revelou certas coisas que desejava saber e que me interessavam pessoalmente. Mas, tudo isso não prova que se possa ter uma visão quando se quer; êstes encantos se limitam apenas a dispor a alma para a visão espiritual. Se a disposição for bem acentuada

---

(27) — "Gayat al Hakim" ou Mira do Filósofo é um dos compêndios mais completos em língua árabe sôbre a magia, os sortilégios, a pedra filosofal, etc. Seu autor é Maslama al Majariti (Abu'l Cacim) natural de Madrid. Era astrônomo, matemático, astrólogo, adivinho e escritor enciclopédico. Na opinião de Leclerc, "foi o maior homem da Espanha sábia". Hist, Med. Ar. Ti, p. 423. Muitas das suas obras foram traduzidas para o latim. Em 1252, Afonso, o Sábio, mandou traduzir Al Gayat dando lhe o título de Picatrix. É autor também de uma outra obra, Rutbat ul Hakim, título que Casiri traduz por Graduz Sapientis, MS conservado na Bib. do Escurial, e um outra na Bib. Nat. de Paris, (ancien fonds arabe, N.° 973). Pelas referências de Ibn Khaldun ao gênero de obras a que se dedicou Maslama, êste espírito de escol que demonstrou grande dedicação às ciências positivas, não desdenhou, nas horas vagas, ocupar-se de "fazer baixar as fôrças superiores" para aproveitá-las em práticas vulgares de bruxaria. Não se sabe exatamente quando morreu. Casiri e Leclerc apontam o ano 1007, Sarton afirma que foi antes desta data; Sanchez Pérez y Millás, dão 1004, como mais provável. (Nota dos Trad.).

e profunda, torna mais provável o conhecimento desejado. Mas, por mais que se trabalhe no aperfeiçoamento desta disposição (28), jamais se poderá estar seguro de provocar, de fato, o resultado. O poder que se tem de se pôr em condição de receber uma coisa é muito diferente do poder de obtê-la de fato. Ciente disto, saberá o leitor compreender não sòmente êste como outros princípios semelhantes que encontrará. *Allah é o ser sapiente e que de tudo tem experiência.*

## IV — O ANÚNCIO DOS ACONTECIMENTOS FUTUROS; DIVERSOS GÊNEROS DE VIDENTES

Dentro da espécie humana, encontram-se pessoas que anunciam os acontecimentos futuros, faculdade que as distingue dos outros homens. Para chegarem ao exercício dêste talento, não carecem de recorrer a meios artificiais, nem à influência dos astros, nem a qualquer outro meio. Foi demonstrado, nas páginas anteriores, que a potência perceptiva dêstes homens depende inteiramente de uma certa aptidão nêles inata. O mesmo acontece com os chamados "Arrafa" (ou Sabedores) e os que olham nos corpos refletores (lit. diáfanos) como os espelhos e as cubas contendo água. Pode-se incluir na mesma categoria os arúspices, que inspecionam o coração, o fígado e os ossos de animais; os áugures que observam os sinais fornecidos pelo vôo das aves e pela direção dos animais selvagem; os que lançam ao chão quer pedras, quer grãos de trigo, quer caroços, e tiram previsões da posição formada. É incontestável que tais faculdades existem

---

(28) — Falando de "**Riadat**" e de "**Ahl a Ridat**" o autor se refere ao treino, à disciplina do exercício corporal, moral e mental para domar as paixões. No livro de Jurjani "A Tarifat "Riadat" é assim definida: A disciplina que se impõe às faculdades da alma para afastá-las das fraquezas da natureza e das paixões. No livro Kholaçat a Suluk encontramos mais ampla explicação: "Ela consiste na assiduidade às orações e aos jejuns, na resguarda durante tôdas as horas do dia e da noite contra o que leva ao pecado e merece censura, e na privação do sono e das freqüentações mundanas. (Nota dos Tradutores).

entre os homens e ninguém pode negá-las. Acrescentemos a esta lista *os possessos,* gente cuja bôca pronuncia palavras postas nela por um ser do mundo invisível e que servem de informações. Podemos mencionar ainda as pessoas que, na iminência de adormecer ou de morrer, *falam das coisas do mundo invisível.* Citemos também *os Sufis,* homens que possuem conhecimentos futuros por via da "Caramat" (ou Carisma).

Vamos tratar agora das diversas maneiras de obter estas percepções. Começaremos pela *adivinhação,* discutindo as outras em seguida. Mas, antes de abordar o assunto, apresentaremos algumas observações que esclarecem como a alma, em cada classe das pessoas em questão, adquire a disposição que lhe permite recolher as percepções no mundo invisível.

A alma é, como já se disse, uma essência espiritual que existe em potência, o que a distingue do resto dos seres espirituais. Ela passa da potência ao ato mediante a ação do corpo e das circunstâncias que podem afetar o corpo: o que é um fato que todo o mundo pode reconhecer. Ora, o que existe em potência é composto de matéria e de forma. A forma que torna completa a existência da alma consiste em perceptividade e em intelecto. A alma existe primeiro em potência, com uma disposição que lhe facilita a percepção e lhe permite receber as formas quer universais, quer particulares. Em seguida, seu crescimento e sua existência em ato aperfeiçoam-se pela cooperação do corpo que a acostuma a receber as percepções obtidas pelos sentidos. A alma não deixa de perceber e de adquirir noções gerais, e, como estas formas que ela recolhe se intelectualizam umas após outras, acaba por adquirir ela mesma uma forma em ato composta de percepções e de intelecto. Enquanto a sua essência vai se aperfeiçoando dêste modo, ela fica como uma matéria à qual a percepção fornece sucessivamente diversas formas. Eis porque as crianças, na sua primeira idade, estão incapacitadas de exercer a faculdade perceptiva, embora inata; mesmo assim, não podem servir-se dela, nem no estado de sono, nem quando lhes ocorre uma revelação, nem em qualquer outra circunstância. Com efeito, quer a forma da alma, quer sua essência real composta de percepções de intelecto, não são

completas nesta idade, como são insipientes suas aptidões para receber os universais. Mais tarde, quando sua essência se tornar perfeita *em ato*, a alma, enquanto unida ao corpo, achar-se-á munida de duas espécies de percepções: uma, que se faz pelo instrumento do corpo, transmite-lhe percepções corporais; a outra, recebe-as por meio da própria essência. A alma se acha excluida desta segunda espécie de percepção enquanto estiver sujeita ao corpo e distraída pelas preocupações trazidas pelos sentidos. Os sentidos atraem a alma sem cessar para o mundo exterior por ser predisposição natural dela ocupar-se de percepções corporais. Todavia, às vêzes, desvia-se do mundo exterior para mergulhar no interior e, então, o véu do corpo é levantado durante um instante de tempo. Êste fato ocorre seja por meio de uma faculdade comum a todos os homens, como o sono, por exemplo, seja graças a uma faculdade própria de certos indivíduos, como o talento da adivinhação, ou o de prognosticar por meio de lançamento de pedras, ou ainda a habilidade adquirida por exercícios espirituais semelhantes aos que praticam os Sufis. Desvencilhada das influências extrínsecas, a alma volta-se para as essências que estão acima dela e que fazem parte da Companhia Sublime, Esfera esta realmente em contato com a dela, como já foi indicado. Estas essências são espirituais, porque são percepção pura e inteligência *em ato* e, como tais, possuem as formas dos seres com sua verdadeira natureza, como já se disse. Algumas destas formas aparecem de uma maneira bastante clara para permitir à alma conhecê-las. A alma as transmite à imaginação para confeccioná-las nos moldes habituais a seu proceder. Em seguida, retomando estas formas despidas de tôda mistura extrínseca, ou formadas nos moldes que lhes deu a imaginação, a alma as reconduz ao domínio dos sentidos e as faz conhecer. Eis, pois, em que consiste a disposição que leva a alma a recolher percepções no mundo invisível.

(Depois desta explanação), voltemos ao nosso assunto e tratemos dos diversos *gêneros de adivinhação*.

Os que olham nos corpos diáfanos, como espelhos, cubetas cheias de água e os líquidos; os que inspecionam o coração, o fígado e os ossos dos animais; os que conjeturam pelo lan-

çar das pedras ou caroços, tôda esta gente pertence à categoria dos adivinhos; mas, devido à imperfeição radical de sua natureza, vêm ocupando uma posição inferior.

Para apartar o véu dos sentidos, o verdadeiro adivinho não despende grandes esforços enquanto que os outros, para alcançar seu objetivo, precisam concentrar em um só sentido tôdas as suas percepções. Como a vista é o mais nobre, dão-lhe a preferência, e, fixando o olhar num objeto de superfície unida, o consideram com atenção e demoradamente até perceber nêle o que anuncia. Alguns acreditam que a imagem percebida dêste modo se imprime na superfície do espêlho; mas é um engano. O adivinho olha fixamente esta superfície, até que desaparece e que uma cortina semelhante a uma neblina, venha interpor-se entre êle e o espêlho. Sôbre esta cortina se reproduzem as formas que se desejam ver, e isto permite fornecer as indicações, quer afirmativas, quer negativas, que lhe pedem, contando as percepções que recebe. Os adivinhos, enquanto neste estado, não percebem o que se vê realmente no espelho, nem o próprio espelho. É uma outra espécie de percepção que nasce nêles, que se desenvolve e opera, não por meio da vista, mas por meio da alma. É verdade que, para êles, as percepções da alma se parecem com as dos sentidos ao ponto de iludí-los, como é sabido. A mesma coisa acontece com os que consultam o coração, ou fígado de animais ou que olham para a água em cubetas, etc. Temos visto alguns dêstes indivíduos impedirem a ação dos sentidos por emprêgo de simples fumigação, recorrendo em seguida a encantações para pôr a alma na disposição favorável; feito isto, contam o que perceberam. Estas formas, dizem êles, deixam ver-se no ar e representam personagens; como se mostram também por meio de emblemas e de sinais e, sob estas figuras, ensinam aos adivinhos o que procuram saber. Os indivíduos desta classe furtam-se à influência dos sentidos muito menos que os da classe anterior. O Universo é cheio de maravilhas.

Chama-se **ZAJR** ou augúrio às predições que fazem certos homens, que, depois de ver o vôo de uma ave ou a direção que tomou algum quadrúpede, se à esquerda, se à direita, e, depois de longamente meditar, anunciam acontecimentos

futuros. Esta faculdade existe na alma e tem por objeto refletir e conjeturar (acêrca das coisas futuras), baseando-se nas indicações que lhe ofereceu a vista ou o ouvido. Como sua influência procede da imaginação e é muito forte, como já foi demonstrado, o áugure excita a imaginação e a leva a esforçar-se, servindo-se do que viu ou ouviu, para chegar a certo resultado, tal como aconteceu com a ação da potência imaginativa durante o sono e o letargo dos sentidos. Neste caso, a imaginação recolhe as percepções obtidas pela vista no estado de vigília e junta-as às percebidas pela inteligência, resultando daí a visão espiritual.

No caso dos DEMENTES, a alma acha-se numa dependência fraca para com o corpo, em conseqüência, geralmente, da imperfeição de seu temperamento e da fraqueza de seus espíritos animais. Alienada pela dôr de sua imperfeição e pela doença de que é atacada, a alma sobrenada, por assim dizer, por cima dos sentidos, sem mergulhar nêles. Às vêzes, um outro espírito, de natureza satânica, obriga a alma a reencetar seu comércio com o corpo, e ela, sendo muito frágil para resistir-lhe, se debate, dando mostras de loucura. Tomada dêstes acessos, seja porque a imperfeição de seu temperamento age sôbre a enfermidade do corpo, seja porque a molestam os espíritos satânicos, por estar ainda na dependência do corpo, a alma se evade fugindo à influência dos sentidos para lançar um olhar momentâneo ao seu microcosmo. Recebendo então a impressão de algumas formas, entrega-as à operação plástica da imaginação. Enquanto a alma está neste estado, a imaginação fala pela bôca do demente sem que êle queira articular uma palavra sequer. As percepções recolhidas pelos homens de tôdas estas classes oferecem uma mistura de verdades e de ilusões; mesmo que se furtem à influência dos sentidos, não podem pôr-se em contato com o Mundo Espiritual, a menos que empreguem o recurso das formas extrínsecas, que é o processo necessário, como já foi estabelecido. Eis a razão porque as suas percepções são uma mistura de falsidades.

Quanto aos ARRAFA, (Sabedores), procuram obter percepções espirituais sem terem o meio de pôr sua alma em contato com o Munndo Invisível. Concentrando a faculdade de refle-

xão sôbre a coisa que procuram saber, recorrem a suposições e conjeturas, partindo da opinião de que possuem um comêço de contato e de percepção com o Mundo Espiritual, tal como o imaginam, quando na realidade, não têm dêle qualquer conhecimento.

Vamos proceder a uma indicação sumária dos fatos históricos que se relacionam com o assunto dêste capítulo.

Maçudi, no seu *"Muruj Al-Dhahab"*, referiu-se a estas matérias, mas não as apreciou com exatidão, nem acêrto. De seu modo de se expressar, vê-se que, pouco versado neste gênero de conhecimento, reproduziu indiferentemente a opinião dos conhecedores como a dos ignorantes.

As diversas maneiras de se obterem percepções do Mundo Espiritual, foram sempre objeto de aspirações da espécie humana. Os antigos Árabes recorriam aos adivinhos tôdas as vêzes que queriam conhecer acontecimentos futuros. Quando entre êles surgia alguma contestação ou litígio, procuravam um adivinho, que decidia qual o direito segundo as percepções que recolhia no Mundo Invisível. As obras de literatura árabe nos oferecem muitos fatos desta ordem. Nos tempos da Jahilyat (ou anteislâmicos) ilustraram-se dois indivíduos por seus dons de adivinhos: um com o nome de Chiq, e o outro sob o nome de Satih. Pertencia o primeiro à tribo de Anmar Ibn Nizar, e o segundo à de Mazin Ibn Gassan. O corpo de Satih podia dobrar-se e enrolar-se como se enrola um tecido, não possuindo ossatura em todo o corpo a não ser no crânio. Entre os contos que correm a seu respeito, é notável a maneira como deram interpretação ao sonho de Rabia Ibn Nassr, a quem anunciaram que o Iaman, depois de ser conquistado pelos Abexins, passaria para o domínio do povo árabe descendente de Mudar. Vaticinaram ainda a aparição de Muhammad entre os Coraixitas como profeta. Indicamos também o sonho de Mobadan, interpretado por Satih. Cosroés (rei da Pérsia) tinha encarregado Abd Al-Masih de procurar Satih e êste anunciou-lhe a vinda do Profeta e a queda do Império Persa.

Na antiga Arábia havia grande número de ARRAFA (ou SAPIENTES) que os poetas mencionaram nos seus versos. Um dêstes diz:

*Eu dizia ao Arrafa de Yamama: Cura-me!*
*Se tu o fazes, és médico de verdade.*

Um outro assim canta: *Propuz ao Arrafa de Yamama e ao de Najd aceitar suas condições, fôsse o que fôsse, em troca de minha cura. Ambos me responderam: Allah que te cure! Por Deus! nada podemos contra o que encerram tuas costelas!*

O Arrafa de Yamama, a quem alude o verso, chamava-se Ribah Ibn Ajla, e o de Najd, Al-Ablac Al-Assadi.

Podem-se contar entre as percepções espirituais certas palavras que escapam ao homem prestes a adormecer, que têm relação com as coisas que deseja conhecer. Por estas palavras chega êle a saber, de um modo satisfatório, o segrêdo que procurava decifrar. Ocorre êste fenômeno no momento em que se deixa o estado de vigília para entrar no sono, momento êste em que a vontade deixou de atuar sôbre a faculdade da palavra. Naquele instante, o homem fala por um impulso inato, chegando até a ouvir o que está balbuciando. — Palavras parecidas escapam, às vêzes, aos homens a quem se acaba de cortar a cabeça ou a quem se esquarteja. Temos ouvido contar que certos tiranos mandavam tirar da prisão e executar homens detidos, querendo saber, ouvindo as últimas palavras de suas vítimas, qual seria seu próprio destino. As respostas que obtinham, os enchiam de espanto. Maslama, na sua obra intitulada *"Al Gayat"* referiu-se a um processo dêste gênero. Diz êle: "Um homem, pôsto dentro de um grande jarro cheio de óleo de gergelim, é mantido dentro do jarro durante quarenta dias (e quarenta noites), e, neste tempo, alimentado de figos e de nozes. No fim de quarenta dias, tôda a carne do corpo desapareceu, nada ficando intato, excetuadas as veias e as suturas do crânio. Retirado, então, do jarro, e pôsto a enxugar sob a ação do ar, respondeu às perguntas que lhe fizeram, indicando os resultados que deviam ter os negócios, quer particulares, quer públicos e gerais. Entre as práticas abomináveis que se permitem os mágicos, esta é a mais execrável, a qual citamos para lembrar quantas maravilhas encerra o microcosmo humano.

Homens há que se dedicam aos exercícios espirituais com a esperança de obterem a percepção do Mundo Invisível do modo seguinte: Tentam procurar para si próprios uma morte

fictícia, esforçando-se destruir tôdas as faculdades do corpo, ao mesmo tempo que trabalham para fazer desaparecer da alma os traços das nódoas deixadas nela por estas faculdades; em seguida, procuram alimentar a alma pela prática do DIKR (29) e aumentar-lhe a fôrça e ajudar seu desenvolvimento, o que se consegue sòmente ao cabo de muita concentração de espírito e pela fome. Porque, sabe-se de modo positivo que pela morte as sensações do corpo desaparecem, assim como o véu que estendiam na frente da alma. Então esta tomava conhecimento da própria essência e do Mundo Invisível, do qual ela faz realmente parte. Os homens a quem aludimos acreditam, por méritos adquiridos, chegar, quando ainda em vida, a um resultado igual ao alcançado depois da morte, isto é, pôr a alma em estado de conhecer as coisas do Mundo Invisível.

Podem-se incluir nesta classe os homens que se adestram, por meio de práticas mágicas, para obter a faculdade de verem as coisas ocultas e a liberdade de agirem no mundo dos seres. São ordinàriamente homens dos Climas que se avizinham do Norte ou do Sul. Encontram-se sobretudo na Índia, onde são chamados "JOGUI". Possuem muitos livros que tratam do assunto e dos diversos modos de se fazerem êstes exercícios. A respeito dêstes JOGUI contam-se histórias surpreendentes.

Quanto aos exercícios que praticam os SUFIS, são puramente religiosos e isentos de tôdas as más intenções dos que acabámos de citar. Seu objetivo é levar a alma ao recolhimento e voltar todos os pensamentos para Deus, para que ela possa provar as delícias do conhecimento divino e da identificação com a divindade. Além do recolhimento e da fome, empregam, nos seus exercícios, a meditação, que dá ao espírito a direção conveniente. Com efeito, nutrida pela medi-

---

(29) — Ibn Khaldun falou já de Riadat, e aqui, de Dikr que falta explicar; O Dikr não é apenas um ato interior de meditação; é também uma cerimônia, às vêzes muito barulhenta, que reúne numerosas pessoas: Derwiches, Fakires e tôda sorte de adeptos para recitarem o Alcorão e especialmente psalmodiarem alternativamente a fórmula: La Ilaha Illa Lah, assim como outras invocações e jaculatórias. Êstes exercícios são acompanhados de música, de cantos, de danças e de outros exercícios verdadeiramente frenéticos, e de contorções. (Nota dos Trad.).

tação, a alma se aproxima do conhecimento de Deus, enquato que a alma avêssa à meditação é de natureza satânica. Não é em conseqüência de um propósito preconcebido, mas por um acaso fortuito, que os SUFIS chegam a conhecer o mundo invisível e obtêm a faculdade de deixarem a alma vaguear nêle. Os que procuram êstes favores com premeditação imprimem à própria alma uma direção que não é de Deus. Procurar com intenção formal, a faculdade de vaguear pelo Mundo Invisível e contemplá-lo constitui uma falta enorme e um verdadeiro ato de politeismo (*Chirk*) (30). A êste propósito, um místico disse: Quem buscar o conhecimento por causa do próprio conhecimento, declara-se por êste (contra Deus) (31). O que procuram os verdadeiros Sufis é ùnicamente dirigir-se para o Ser adorável, e tudo o que lhes pode suceder neste estado, acontece fortuitamente e sem premeditação de sua parte. Em geral, procuram mesmo furtar-se a estas marcas do favor divino e desviam delas sua atenção, por procurarem Deus por si mesmo, sem nenhum outro motivo. Sabe-se, porém, que êstes favores lhes são dados. Os Sufis dão os nomes de "FIRAÇA" (fisionomia) e de KACHF (32) aos conhecimentos do Mundo Invisível e aos discursos que lhes chegam então aos ouvidos; enquanto que chamam de "KARAMAT" ou favor à faculdade de vaguear pelo mundo espiritual. Em tudo isso, nada há de repreensível, nem por que censurá-los, não obstante a opinião em contrário do mestre Abu Ishac Al Iasfaraini (33), de Muhammad Ibn Abi Zaid (34),

---

(30) — Chirk do verbo Charaka: associar, associar a Deus outra divindade. Os que professám o Chirk são Muchrikun: Associadores, politeistas.

(31) — Expressão obscura, enigmática; deve significar que quem procurar o conhecimento da natureza divina por causa dos prazeres e vantagens mundanos, mostra sua preferência pelo mundo, desprezando a Deus.

(32) — Kachf: ação de levantar o véu, descobrir, revelar. Na linguagem mística: mostrar o que tem por trás do véu do mundo sensível às formas ocultas e realidades em atos ou desejos.

(33) — Ver p. 150, nota 12.

(34) — Abu Muhammad Abd Allah Ibn Abi Zaid, nativo de Cairuão, é autor de um célebre tratado de jurisprudência Malikita. Morreu en 390 H., ou 1000 da E. V.

da Meca, e de outros doutores. Queriam êstes evitar que certas marcas do favor divino fôssem confundidas com os milagres. Fácil é, entretanto, evitar êste equívoco, aplicando o princípio estabelecido pelos doutores da teologia escolástica (Al Mutacallimun), em virtude do qual todo o milagre é acompanhado de um anúncio prévio (TAHADDI), ao passo que não o são os sinais do favor divino.

Lê-se no *Sahih* que o Profeta disse aos Companheiros: *"Existem entre vós inspirados, e Omar é dêste número"*. Sabemos que muitas vêzes os Companheiros tiveram a ocasião de reconhecer a verdade destas palavras. Como exemplo, citamos a exclamação do próprio Omar, dizendo: "Ó Sária! Para a colina!" Durante as primeiras conquistas do Islame, Sária, filho de Zunaim, comandava no Iraque um corpo de tropas muçulmanas. Numa batalha que se travou entre êle e os infiéis, pensava dar ordem para retirada, quando perto dêle havia uma colina onde podia refugiar-se. Omar, que estava em Medina fazendo naquele momento uma prédica, viu por intuição o que se passava e exclamou: O Sária! Para a Colina! Sária ouviu a ordem no lugar em que estava e viu perto de si uma pessoa com a figura de Omar. A anedota é muito conhecida.

Conta-se um fato parecido do Califa Abu Bacr. Quando no leito de morte deu os últimos conselhos a sua filha Aicha e passou a falar-lhe de algumas cargas de tâmaras com que a queria presentear e que estavam ainda pendentes das árvores do pomar. Recomendou que se fizesse a colheita imediata destas frutas para impedir que caissem na mão dos outros herdeiros. Durante a conversa, o pai fez esta observação: Os herdeiros são teu irmão e tuas duas irmãs. — Como pode ser isso? disse Aicha. Tenho uma única irmã, que é Asma! Quem é a outra? Êle respondeu: É a criança que está no seio de minha mulher Bint Khárija; é uma menina, vejo isso daqui! Quando nasceu, era de fato uma menina. Esta anedota acha-se relatada no *"Muatta"*, no capítulo intitulado: *Das doações ilegais*.

Os Companheiros, os homens santos que vieram depois e as pessoas que os tomaram por modêlo, distinguiram-se por traços dêste gênero. É verdade que os Sufis pretendem que

esta qualidade intuitiva aparece raramente durante a vigência de uma missão profética. A razão que dão é que o *aspirante* (murid) a êste estado, não conserva êste dom ou favor divino quando se acha na presença do Profeta, (isto é, de seu túmulo). Chegam até a dizer que o aspirante a Sufi, logo ao chegar a Medina, a cidade do Profeta, perde o grau de espiritualidade até alí alcançado, para sòmente o recuperar quando deixar a cidade. *Queira Allah nos dirigir por sua graça e nos conduzir até à verdade.*

Ao lado dos ASPIRANTES ao grau de Sufi, podemos colocar os IDIOTAS, gente cujo espírito é turvo e que mais parecem possessos do que seres racionais. Não obstante sua enfermidade, chegam às mesmas estações de êxtase que alcançam os "Uali" (ou Favoritos de Deus), e aos mesmos estados de exaltação espiritual que os homens mais santos (35). Isto é evidente para todo o indivíduo capaz de os compreender, ou seja, para todo aquêle que já experimentou prazeres espirituais. Possuem esta faculdade, embora não sejam obrigados a cumprir nenhum dever religioso. Quando falam do Mundo Invisível, relatam às vêzes fatos surpreendentes, porque não os contém nenhuma espécie de consideração; falam à vontade e fornecem informações maravilhosas.

Negam-se certos legistas a admitir que os *idiotas* possam alcançar qualquer estado estático, porque, dizem, o dever para êles deixou de ser obrigação, e o favor de Deus, neste caso, não pode ser obtido senão mediante as práticas de devoção. Esta opinião é certamente errônea, sendo a faculdade em questão uma das graças que Deus concede a quem quiser (Alc.: V:59), e, para a obtenção dêste favor, não é necessário recorrer à devoção ou a qualquer outro meio. Com efeito, a alma humana é imperecível, e Deus pode dar a todo o homem marcas especiais de sua bondade. Nos idiotas, a alma inteli-

---

(35) — Em árabe "Siddikin", o compilador do **"Dictionary of the technical termus used in the sciences of the Musulmans"**, define do seguinte modo o "tasdic": "Estação de santidade em que se acham os Sufis desta classe. É um grau de santidade mais elevado que o de Uali, mas inferior ao de profeta, com o qual se avizinha imediatamente; o homem que transpôs êste grau logo se acha no do profetismo; entre êle e o profetismo não há grau intermediário".

gente não deixou de existir nem sofreu alterações profundas como nos dementes; nada, pois, lhes falta senão a razão, única faculdade pela qual o homem é submetido aos imperativos do dever. A razão, qualidade distintiva da alma, compõe-se de conhecimentos que o homem não pode dispensar e que lhe permitem apreciar as coisas no seu justo valor, conhecer os meios de se assegurar a existência e procurar-se uma posição conveniente no mundo. Somos, pois, levados a crer que o homem capaz de pensar nos meios de sua subsistência neste mundo, não tem nenhuma desculpa para se subtrair às obrigações da religião, se pretender a uma bôa acolhida no outro. A pessoa falha desta qualidade não está, por isso, desprovida d'alma nem da consciência da própria individualidade. Para ela, a individualidade existe, mas não possui a razão, faculdade que impõe deveres e que consiste no conhecimento dos meios a serem empregados para subsistir. O que se acaba de expor não apresenta nada de absurdo, porque Deus, ao escolher um de seus servidores, com o fim de comunicar-lhe o conhecimento (a felicidade perfeita), não leva em conta como é que êsse homem cumpre com seus deveres.

Estabelecido êste ponto, devo chamar a atenção do leitor para a confusão que habitualmente se estabelece entre *os idiotas e os dementes,* gente cuja alma racional foi alterada e que se tornou semelhante à dos animais brutos. Todavia, existem sinais que distinguem as duas espécies aludidas. Em primeiro lugar, acha-se nos *idiotas* uma inclinação invariável para a meditação e a devoção, mesmo quando não seguem nestas práticas o modo prescrito pela lei e embora não os atinja nenhuma prescrição legal, como já se demonstrou. Quanto aos *dementes,* é o contrário que acontece; nêles, não encontramos nenhum índice de semelhante inclinação. Em segundo lugar, os idiotas são idiotas em conseqüência de sua constituição natural e nascem neste estado; enquanto que, aos dementes, a loucura lhes sobreveio mais tarde, em conseqüência de acidentes naturais que afetaram o corpo. Quando isso lhes aconteceu, uma alteração danosa afetou a alma racional e tirou-lhes tôda a orientação e finalidade para seus atos. Em terceiro lugar, os idiotas procuram a sociedade dos homens e chegam a prestar-lhes serviços úteis umas vêzes,

prejudiciais outras, não esperando licença para tanto, porque êles não se submetem a nenhum dever. Os dementes, pelo contrário, aborrecem a sociedade e se afastam do comércio de seus semelhantes. — O assunto que se acaba de tratar, nos leva a um outro que precisamos encarar. *Allah é quem guia para a verdade.*

Pretendem certas pessoas que neste mundo existem meios, graças aos quais a alma pode obter percepções do Mundo Espiritual, mesmo quando não desvencilhada ainda da influência dos sentidos. São os ASTRÓLOGOS. Professam que os astros fornecem indicações; que, com suas diversas posições na Esfera celeste, os astros trazem necessàriamente certos resultados; que as estrêlas agem sôbre os elementos e que, por seus
ção que impera sôbre a atmosfera. (Na nossa opinião), estas
aspectos recíprocos, misturam suas naturezas numa combina-
pessoas nada podem saber do Mundo Invisível; o que fazem são conjeturas e suposições com base na idéia de que os astros exercem influência. Quanto ao que êles ensinam, a saber, que, à fôrça de experiências o observador pode chegar a reconhecer na atmosfera uma combinação destas influências e indicar em que proporções ela se reparte entre tôdas as individualidades dêste mundo, esta doutrina é a que professou Ptolomeu. Mais tarde, teremos tempo para demonstrar a inutilidade desta ciência, que, quando muito, não passa de um amontoado de conjeturas e de suposições e que, afinal de contas, não tem ligação alguma com o gênero de conhecimentos que acabamos de expor.

Não podemos colocar, na mesma categoria de conhecimentos, a prática de certos homens da classe baixa do povo. Querendo descobrir os acontecimentos futuros, ou ocultos, inventaram uma arte que chamam de *figuração na areia* (*Geomancia*) *ou Khat ar Raml,* indicando a matéria sôbre a qual êles operam. Eis em que consiste a Geomancia: Formam na areia pontos dispostos sôbre quatro fileiras e fazendo figuras diferentes entre si, segundo são duplos ou simples, ou sendo tôdas figuras duplas ou tôdas simples. Além destas filas de quatro, põe-se um ponto simples no meio de um duplo em cada uma das quatro fileiras: o que fornece quatro figuras mais. Êste ponto simples, pôsto duas vêzes em

cada combinação, fornece seis figuras. Empregado três vêzes, dá origem a quatro figuras. Temos assim dezesseis figuras, cada uma com um nome particular e divididas em duas classes, as *félizes* e as *infelizes,* tal como os Astrólogos dividem os astros. Pretende-se que cada uma destas figuras possui uma casa correspondente no mundo natural. Sendo assim, devemos supor que as ditas casas representam os doze signos do Zodíaco e os quatro pontos cardeais. Além de sua casa, cada figura tem sua significação boa ou má, assim como designa também, e de uma maneira especial, uma certa parte do mundo dos elementos. De conformidade com êstes dados, estabeleceu-se uma arte que copia a Astrologia Judiciária, seguindo-lhe os princípios, mas que dela difere sob um ponto de vista. Na Astrologia, na opinião de Ptolomeu, todo juizo deve basear-se sôbre dados fornecidos pela natureza; enquanto que a Geomancia se baseia sòmente sôbre suposições e noções aleatórias, das quais nenhuma pode servir de argumento.

Todos os que praticam a Geomancia pretendem dar à sua arte uma origem sobrenatural que a ligaria ao Profetismo antigo. Alguns atribuem sua invenção a Idris (Enoch), ou a Daniel, atribuições estas que se reclamam para tôdas as artes. Outros asseguram que a Geomancia foi autorizada pela lei divina, sendo prova disto a frase do Profeta: *"Havia um profeta que traçava linhas; quem se parecer com aquilo que traçou, é êle mesmo"*. Esta tradição não indica de modo algum que a arte de traçar linhas na areia, ou Geomancia, seja autorizada pela lei, embora o pretendam espíritos de pouca cultura jurídica. Significa apenas que certo profeta traçava linhas e que ao traçá-las recebia revelação. Porque não é impossível que, entre os profetas, alguns tenham tido êste hábito. As palavras "Quem se parecer com o traçado, aquêle é" significam, "escrever como êste profeta é escrever direito", porque seu modo de traçar linhas tinha por apoio a revelação que então recebia. Agora, se, para se obter a percepção do Mundo Espiritual, se julgasse bastante traçar linhas, sem o concurso de uma revelação concomitante, isso seria, sem dúvida, lançar mão de um meio que não traz resultado algum. Tal é o sentido da tradição, segundo nosso entender.

Os Geomantes que pretendem a descoberta dos segredos do Mundo Invisível, tomam um pedaço de papel, e um punhado de areia ou de farinha, e traçam sôbre o mesmo quatro fileiras, alguns pontos, ao acaso e sem contar. Esta operação repete-se por quatro vêzes, o que dá dezesseis fileiras de pontos. Em seguida, suprimem os pontos de dois em dois, pondo de lado o ponto simples ou o ponto duplo que ficou no fim de cada fileira (colocando êstes pontos sôbre a mesma linha, uns debaixo de outros, sem lhes modificar a ordem). O operador obtém, dêste modo, quatro figuras postas umas ao lado das outras sôbre a mesma linha. Destas, forma mais quatro figuras novas pela confrontação dos pontos de cada fileira com os correspondentes nas figuras vizinhas, tendo em conta os pontos simples ou duplos (36). Pode assim o geomante alinhar oito figuras. Cada par de figuras fornece uma outra que se põe em baixo delas: obtém-se confrontando os pontos simples de cada fileira destas figuras com os pontos correspondentes que se acham nas outras. Nascem daí quatro novas figuras, que se colocam embaixo das precedentes. Estas quatro produzem mais duas, que se colocam como as precedentes. Destas, obtém-se uma décima quinta figura, a qual, posta em relação com a primeira de tôdas, fornece uma figura que perfaz o número de dezesseis. Completas as figuras, procede-se ao exame do que se acabou de traçar, tendo em consideração, para cada figura, o que ela presagia, felicidade ou infelicidade; e pronuncia-se o julgamento, em conformidade com a essência da figura, seu aspecto, sua influência, seu temperamento, o objeto que ela indica entre as diversas espécies de seres, etc. Êstes julgamentos se processam de um modo bastante estranho.

A prática da Geomancia muito se espalhou em todo o mundo civilizado; muitos foram os autores que lhe dedicaram

---

(36) — Damos a seguir a regra desta operação: estando um ponto simples sôbre a mesma linha horizontal com outro ponto simples ou um ponto duplo, equivale a um ponto simples; dois pontos duplos dão um ponto. Emprega-se também uma outra regra que fornece um resultado diferente e estabelece que dois pontos semelhantes dão um ponto duplo, e dois pontos diferentes, valem um ponto simples.

suas obras, e muitos personagens devem a esta arte sua grande reputação, quer nos tempos antigos, quer nos modernos. Porém, é fácil ver como êste modo de se formar um juízo é arbitrário e fantástico. O leitor, pois, não deve perder de vista esta verdade: que nenhum meio artificial é capaz de produzir o conhecimento dos mistérios ocultos do Mundo Invisível. Não estão ao alcance de ninguém, com excepção de alguns privilegiados que, em virtude de uma disposição inata, são dotados do poder de locomoção fora do mundo sensível e de penetrar no Mundo espiritual.

O modo de operar praticado pelos geomantes mereceu-lhes, por parte dos Astrólogos, o apelido de "Zuhariun" ou Servidores de Venus. A razão do apelido é, segundo dizem, que uma grande analogia existe entre seu modo de operar e a maneira de se reconhecerem as indicações com que, dizem, êste planeta guia para o conhecimento das coisas ocultas o homem que recorre aos nascimentos como base de suas operações. As pessoas que cultivam a Geomancia, ou qualquer outra arte da mesma natureza, as que inspecionam pontos, ossos ou outros objetos, com o fito de subtrair a alma às influências dos sentidos exteriores, e permitir-lhe lançar um golpe de vista rápido sôbre o mundo dos seres invisíveis, podem ser colocadas na mesma classe das que pretendem descobrir as coisas ocultas lançando pedras, examinando o coração do animal, ou fixando o olhar num espelho. Em todo o caso, esta gente, que recorre a tais processos para descobrir os segredos do invisível, nada diz e nada faz que preste.

A disposição inata que permite a certas pessoas perceberem as coisas do Mundo Invisível reconhece-se do seguinte modo: Quando estas pessoas voltam seu espírito para a descoberta dos acontecimentos futuros, observa-se que, no momento de deixarem seu estado habitual, experimentam, por assim dizer, uma contração e uma relaxação "dos nervos" e começam a desvencilhar-se da influência dos sentidos. Êstes sintomas variam de intensidade, conforme estiver a faculdade mais ou menos desenvolvida no indivíduo. As pessoas nas quais não se manifesta esta agitação são incapazes de obter qualquer percepção do Mundo Espiritual, e, se praticam suas artes, é sòmente para dar vazão às próprias mentiras.

Encontra-se uma classe de homens que, recorrendo a um sistema de regras, procuram descobrir o que está oculto. Êste sistema não tem nenhuma analogia com o primeiro, de que já se falou e que diz respeito às percepções espirituais da alma. Difere também da arte de formar conjeturas pelo estudo das influências que Ptolomeu pretende existirem nos astros. Não se pode mesmo compará-lo ao sistema de conjeturas e de hipóteses que é tão do agrado dos "Arrafats". Trata-se simplesmente de trapaças que se usam para impressionar os espíritos fracos. Não teria feito eu nenhuma menção dêste sistema, se não fôsse para dar certa satisfação a espíritos altamente conceituados, mostrando-lhes o que dizem os autores sôbre o assunto.

Entre os aludidos sistemas, encontra-se uma espécie de cálculo "hiçab", ao qual se deu o nome de "HIÇAB AN-NIM" (37). Trata-se dêste cálculo no fim de *"Kitab As-Siaça"* (Tratado da Política) atribuido a Aristóteles. Recorre-se a tal sistema quando dois reis vão entrar em guerra e se deseja saber qual será o vencedor. O modo de fazer esta operação é o seguinte: Adicionam-se os valores numéricos das letras que compõem o nome de cada rei; são valores convencionais atribuidos às letras do alfabeto, que vão desde a unidade até mil e são classificados por unidades, dezenas, centenas e milhares. Feita a adição ou soma, subtraem-se nove de cada soma, tantas vezes quantas são precisas para se obterem dois restos menores que nove.

Comparando-se êstes restos, se um dêles fôr maior que o outro, e se ambos fôrem números pares ou números ímpares, o rei cujo nome forneceu o resto menor é que sairá vitorioso. Se um dos restos fôr um número par e outro ímpar, vencerá o rei cujo número forneceu o resto maior. Se os dois restantes fôrem iguais, sendo números pares, terá a vitória, o rei que foi agredido, e, se fôrem iguais e ímpares, o rei atacante. No mesmo livro citado, encontram-se dois versos que se

(37) — Hadji Khalfa, na sua vasta Bibliografia, não menciona êste gênero de cálculo; nem sei que significado dar a "Nim" na expressão: hiçab an-nim.: os Dicionários a desconhecem. Dozy, no seu Suplément, se contenta de repetir o conceito geral aludido por Ibn Khaldun, sem dar outra explicação. (Nota dos Trad.).

referem a esta operação e que são muito conhecidos. Ei-los:

*Nos pares e nos ímpares, é o menor número que triunfa;*
*Sendo um par e outro ímpar, o maior será vencedor.*
*O atacado terá a vitória, se os dois números iguais forem pares;*
*Se ímpares, triunfará quem atacar.*

Mais tarde, os amadores desta arte inventaram um sistema que ainda hoje continua em uso. Dá êle a conhecer o que sobra da soma dos números representados por letras, depois que subtrair desta soma o maior múltiplo de nove (38). Juntam-se numa palavra as letras que indicam as unidades das quatro primeiras ordens (39); começando pelo *alif* ا que tem o valor de uma unidade simples; depois vem o *ia'* ي , que é a unidade da segunda ordem, isto é, dez; depois, o *qâf* ق , que é a unidade das centenas e equivale a cem; depois temos o *xin* ش , que é o equivalente de mil unidades desta ordem. Nenhuma letra por si só designa o número superior a mil, visto que o *xin*, para os Magrebinos, representa a última letra do alfabeto.

Colocadas estas quatro letras segundo a ordem que ocupam na numeração, obtém-se uma palavra de quatro letras que se escreve *aiqx* ايقش . Em seguida, procede-se da mesma maneira com as segundas das três primeiras ordens, sem se preocupar com a segunda ordem dos milhares, visto que mil tem por representante a última letra do alfabeto (e por isso não há letras para representar nem o segundo têrmo, nem o terceiro da série dos milhares). De igual modo se faz com as três letras que indicam as segundas de cada ordem: o *ba* ب , segunda simples; o *kaf* ك , segunda da segunda ordem e equivalente a vinte; o *ra* ر , segunda da ordem das centenas, equivalendo a duzentos. Estas letras, dispostas

(38) — A subtração do maior múltiplo de um número se diz em árabe "Tarh". Esta operação é feita pràticamente por meio de divisão, e desempenha papel de importância na aritmética dos Árabes, Cf. a "Aritmética d'Alkalçadi", p. 20. A tradução dêste Tratado foi feita por Woepcke e publicada em Roma, em 1859.

(39) — Os números da primeira ordem ou categoria são os nove primeiros; os da 2.ª ordem, são as dezenas; os da 3.ª, as centenas, e os da 4.ª, os milhares.

em ordem, formam uma palavra triliteral *bkr* بكر . De harmonia com o mesmo processo, tomando as letras que representam as terceiras de cada classe numérica, forma-se a palavra *jls* جلس . Vai-se fazendo assim com as outras classes, até acabarem tôdas as letras do alfabeto. Obtêm-se, dêste modo, nove grupos de letras contendo as dez unidades de cada ordem. Êstes grupos são os seguintes: O primeiro, *aiqx* ايقش ; o segundo, *bkr* بكر ; o terceiro, *jls* جلس ; o quarto, *dmt* دمت ; o quinto, *hnth* هنث ; o sexto, *uskh* وصخ ; o sétimo, *za'dh* زعذ ; oitavo, *hfd* حفظ e nono, *tdgh* طضغ . Estas palavras são colocadas por ordem numérica e cada uma delas é precedida de um número indicando esta ordem: a palavra *aiqx* tem o número 1, *bkr* o número 2, *jls* o número 3 e assim por diante, até *tdgh* طضغ , que tem o número 9. Para proceder à divisão por 9 da soma dos valores numéricos atribuidos às letras que compõem um nome próprio, procura-se cada letra dêste nome na série dos grupos formados e troca-se esta letra pelo número da ordem que representa neste grupo. Faz-se então a soma dos números com que se acabou de trocar as letras do nome. Se a soma dêstes números passar de 9, tomado uma ou mais vêzes, guarda-se a sobra; caso contrário, conserva-se a soma tal qual. Depois de operar do mesmo modo com o outro nome, comparam-se os dois resultados, do modo que se indicou. O segredo dêste método é fácil de descobrir. O resto, que se obtém para todos os *"nós"* (40) formados pelos números, depois da extração do maior múltiplo de 9, é sempre uma (das oito primeiras unidades). O autor do sistema nada fez, pois, senão agrupar os *nós* da mesma espécie com o fito de poder representar cada grupo por uma das unidades. Em vista disso, não há diferença entre 2,20 ou 200; todos êstes *nós* podem ser designados

---

(40) — Nó, como se verá mais abaixo, serve para Ibn Khaldun, para designar os dez primeiros números e também seus produtos, quando multiplicados pelas diversas potências de dez. Isso está perfeitamente de acôrdo com a indicação dada pelo Al-Maridini: As ordens elementares dos números são três: unidades, dezenas e centenas, cada uma das quais compreende nove "nós". Cf: M. Woepcke, **"Introduction de l'Arithmétique indienne en Occident"**, p. 67. Rome, 1859.

por 2. Igualmente 3,30 ou 300 são representados por 3. Os números postos segundo a ordem natural (frente de cada um dos grupos de letras) servem sòmente para representar êstes *nós*. As letras de cada grupo indicam as espécies de *nós* como unidades, dezenas, centenas e milhares. O número que marca cada um dêstes grupos substitui cada uma das letras que formam o grupo, pouco importa que a letra represente unidade, dezena, centena ou milhar. Toma-se, pois, o número que acompanha o grupo em vez de cada uma das letras que o constituem; adicionam-se êstes números e procede-se, até ao final da operação, como se indicou.

Tal é o sistema geralmente praticado desde os tempos antigos. Mas, na opinião de alguns de meus mestres, no verdadeiro sistema, as palavras ou os grupos de letras acima transcritos devem ser substituidos por outros, conservando-se a mesma ordem. A operação faz-se, de igual modo, por subtração de 9. Os novos grupos de letras por êles propostos são: 1.º *arb* ارب ; 2.º *isqk* يسقك ; 3.º *jzlt* جزلط ; 4.º *mdus* مدوس ; 5.º *hf* هف ; 6.º *thdn* تحذن · 7.º *gax* غش ; 8.º *kha'* خع ; 9.º *tddh* تضظ . Estas nove palavras são numeradas segundo a ordem normal dos números. Uns são trilíteros, outros bilíteros, havendo alguns quadrilíteros. Vê-se que nenhum princípio presidiu a seu agrupamento; nós os reproduzimos aqui tais como os recebemos de nossos mestres. *"Temos êstes grupos,* disseram-me, *de Abul Abbas Ibn Al Banna, o maior mestre que jamais o Ocidente possuiu em matéria de Astrologia, Magia natural e na Ciência que trata das virtudes ocultas das letras do alfabeto"* (41). Declararam que, segundo a opinião abalizada dêste homem, quando se procedesse ao gênero de cálculo chamado *"Hiçab An-Nim"*, chegar-se-ia com mais segurança à verdade, utilizando os novos grupos para a subtração do maior múltiplo do número, do que recorrendo aos outros grupos do grupo *"Aiqx"*. *Allah*

---

(41) — Ibn al-Banna (Abul Abbas) (1256-1323) célebre matemático espanhol que deixou um grande número de obras sôbre Tradições, Lógica, Teologia e Matemática, sendo a mais famosa delas a intitulada: **Talkhis ou Exposição das operações de cálculo.** Cf: Fr. Vera: **La Matematica de los Musulmanos españoles**, p. 191 (Edit. Nova, B. Aires). (Nota dos Trad.).

*sòmente sabe se isso é verdade!*

Todos êstes sistemas de descobrir os segredos do Mundo Invisível não têm nenhuma base real e não se fundam em demonstração alguma. Segundo os críticos mais exatos, o livro que trata dêste cálculo ou *Hiçab An-Nim,* não é da autoria de Aristóteles, e contém opiniões que não têm aparência de verdade. Disto, o leitor inteligente terá provas convincentes, ao folhar a obra em questão.

Pretende-se possuir ainda mais um sistema artificial que permite o conhecimento das coisas do *Mundo Invisível.*

É o *"Zayarja Al-Alam"* ou *"Quadro Circular do Mundo".* Atribui-se sua invenção a Abul Abbas As-Sibti, nativo de Ceuta e um dos Sufis mais em destaque no Magrib. No fim do século V da H. achava-se As-Sibti na cidade de Marrocos quando Yacub Al-Mansur, soberano dos Almohadas, ocupava o trono. A construção desta *Zayarja* ou *Quadro Circular* (42) é de um engenho extraordinário. Muitos personagens altamente colocados gostam de consultá-la para tentar obter, do Mundo Invisível, conhecimentos que poderiam ser-lhes úteis. Recorrem estas pessoas ilustres a tais processos enigmáticos esperando que, desvendando-lhes os segredos, possam chegar a seu fim. A figura sôbre a qual operam tem o formato de um grande círculo que envolve outros círculos concêntricos, alguns dos quais se relacionam com as Esferas celestes, e os outros se referem quer aos Elementos, quer às coisas sublunares, quer aos seres espirituais, aos acontecimentos de tôda espécie e a diversos conhecimentos. As divisões de cada círculo são as mesmas que as da Esfera que o círculo representa. Os Signos do Zodíaco, a indicação dos quatro Elementos, etc., acham-se representados. As linhas que formam cada divisão prolongam-se até ao centro e são chamadas *cordas* ou (raios) (43). Sôbre cada raio ou corda acha-se inscrita uma série de letras, tendo cada uma delas seu valor numérico, e pertencendo outras ao gênero empregado na escrituração do Registro, isto é, as siglas que os funcionários da

---

(42) — Ou a Esfera.

(43) — O autor emprega o têrmo "corda" impròpriamente, visto em geometria "corda" ser uma linha reta que corta a circunferência em dois pontos, sem passar pelo centro.

contabilidade e de outras administrações magrebinas usam para designar os números. Nota-se também, no dito quadro, o emprego de cifras pertencentes ao tipo chamado *"gubar"*. No interior da *Zayarja,* entre os círculos concêntricos, estão colocados os nomes das ciências e os diversos seres. Do lado de fora dos círculos, vê-se uma figura contendo um grande número de casas, separadas umas das outras por linhas verticais e horizontais. O quadro apresenta, na direção de sua altura, cinqüenta e cinco casas, e, no sentido da largura, cento e trinta e uma casas. Das casas que ocupam a beira do quadro, umas estão vazias, outras, cheias; entre estas, algumas contêm números, e outras, letras. A regra que presidiu à distribuição dos caracteres nas casas é-nos desconhecida, assim como é desconhecida a razão por que certas casas devem ser cheias e as outras vazias. Em redor de *Zayarja,* enquadrando-a, acham-se versos pertencentes ao metro chamado *"Tawil"*, com rima em *"la"*. O poema indica a maneira de operar sôbre o quadro quando se quer obter uma resposta à pergunta que interessa resolver. Mas tal é a ausência de clareza e a falta de precisão nos dados fornecidos, que o quadro torna-se um verdadeiro enigma. Na margem do quadro vê-se um verso composto por *Malik Ibn Wuhaib,* um dos mais hábeis adivinhos das terras do Ocidente, que floresceu na dinastia dos Almoravidas, e fazia parte do corpo dos Ulemas da cidade de Sevilha (44). O verso é êste:

> *Questão magna propuseste;*
> *Guarda-te, porém, das dúvidas extravagantes.*
> *Solução exata requer ingente trabalho.*

Servem-se sempre dêste verso quando se recorre ao sistema de *Zayarja,* seja da espécie acima descrita, seja de qualquer outra, para obter uma resposta a qualquer questão

---

(44) — Abu Abd Allah Malik Ibn Wuhaib, teólogo, sufi, cabalista e astrólogo, se achava na côrte do soberano almohada, Ali Ibn Yussuf, quando o Mahdi dos Almohadas ali se apresentou para sustentar uma discussão com os legistas da cidade de Marrocos. Isso se deu no ano 515 H., 1121/22, de J. C. (Histoire des Bèrbères. t. II. p. 169). Nascido em Ceuta, morreu em Marrocos, depois de distribuir todos os seus bens aos pobres. Tem-se dêle uma obra intitulada: **Golpe de vista sôbre os principais Sufis.**

dada. Para alcançar a resposta, põe-se a pergunta por escrito, tendo o cuidado de decompor as palavras em letras isoladas. Em seguida, procura-se nas Tábuas Astronômicas o signo do Zodíaco e o grau dêste signo sôbre o horizonte (isto é, seu Ascendente) no momento da operação. Consultando então a Zayarja, procura-se o raio formando o limite inicial do signo, que é o ascendente; segue-se o dito raio até ao centro do círculo, e daí até à circunferência, em frente do lugar onde o signo ascendente se acha marcado; copiam-se tôdas as letras inscritas sôbre êste raio, desde o começo até ao fim; tomam-se também as cifras numéricas traçadas entre estas letras e transforamam-se em letras de conformidade com a regra de calcular, chamada *Hiçab Al Jummal* (45). Às vêzes, devem-se converter em dezenas as unidades obtidas por êste sistema, ou mudar as dezenas em centenas, e vice-versa, mas sempre de harmonia com as regras estabelecidas para o uso da *Zayarja*. O resultado é colocado ao lado das letras que compõem a questão. Passa-se então ao raio que marca o limite do terceiro signo do zodíaco e, começando desde o signo que é o ascendente, copiam-se tôdas as letras e cifras inscritas sôbre êste raio desde sua extremidade até ao centro do círculo, ponto em que se pára, sem chegar à circunferência. As cifras ali encontradas trocam-se por letras, segundo o processo já indicado, colocando-as em seguida ao lado das anteriores. Acabada esta operação, toma-se por chave de tôda a operação o verso de Malik Ibn Wuhaib, e, depois de o decompor em letras isoladas, são também estas postas de lado. Em seguida, multiplica-se o número do grau que forma o ascendente por um número chamado *"Ass"* (46) do signo.

(45) — Hiçab Al-Jummal: sistema de calcular que consiste em representar cifras indianas por letras do alfabeto, e vice-versa. A título de curiosidade, daremos as dez primeiras letras do alfabeto árabe oriental e seu valor numérico: A equivale a 1; B, 2; T, 400; TH, 500; G, 4; H, 8; KH, 600; D, 4; DH, 700; R, 200, etc.

(46) — "Ass" significa base, fundação, alicerce; que procede da mesma raiz. Em álgebra, designa o expoente de uma potência; mas aqui, na operação sôbre uma Zayarja, indica o número de graus compreendidos entre o final do último signo do zodíaco e o grau do signo que forma o ascendente no momento da operação. Esta distância angular mede-se em sentido contrário à ordem dos signos.

Para a obtenção dêste *"Ass"* deve-se contar para trás, partindo do final da série dos signos: processo oposto ao empregado nos cálculos ordinários que toma por ponto de partida o comêço da série. O produto assim obtido é multiplicado por um fator chamado *"o grande Ass"* e o *"Daur fundamental"*. Colocam-se os resultados nas casas do quadro, de acôrdo com as regras que regem a marcha da operação e determinam o número de vêzes de se empregar o *"Daur"*. De conformidade com estas regras, tiram-se do quadro certas letras, das quais se suprime uma parte, colocando o restante na frente das que formam o verso de Ibn Wuhaib. Colocam-se também algumas destas letras entre as que formavam as palavras da questão, às quais se tinham juntado outras. Eliminam-se desta série de letras as que estão postas em lugares marcados por números chamados "Daur" (47). Vejamos como: passa-se sôbre tantas letras quantas unidades há no Daur, e, chegando à última unidade do Daur, toma-se a letra que lhe corresponde, e põe-se de lado; em seguida, continua-se a operação até ao fim da série das letras. Repete-se esta operação empregando-se muitos outros Daur destinados ao mesmo uso. As letras isoladas, assim obtidas, colocam-se juntas; elas produzem certo número de palavras que forma um verso, cuja rima e metro são os mesmos que os do verso que serve de chave, da autoria de Ibn Wuhaib. Trataremos de tôdas estas operações na parte consagrada às Ciências, no Capítulo onde se indica como se deve usar da *Zayarja.*

Temos visto pessoas eminentes mostrarem inclinação (para não dizer afobação) para a prática desta arte, tal o seu desejo de desvendar os segredos do Mundo Invisível. Acre-

---

(47) — A palavra "Daur" significa circuito, período. Em astronomia,emprega-se para designar o espaço de tempo que leva um ponto qualquer do céu para completar uma revolução inteira em redor da terra. O Daur de um planeta é sua órbita ou o tempo que ocupa desde seu ponto de partida para voltar no mesmo lugar. Na operação sôbre a Zayarja, chama-se Daur certo número de algarismos servindo de guias na escolha das letras que devem entrar na composição das palavras da resposta. De Slane prometeu reproduzir uma cópia litografada de uma Zayarja, e não cumpriu sua promessa. Temos em mãos uma Zayarja que nos veio do Cairo; hesitamos em reproduzí-la devido suas proporções.

ditam firmemente que a ocorrência de estar a resposta de acôrdo com a pergunta é razão suficiente para que os acontecimentos sejam também conformes de fato com a resposta. A convicção dêles é mal fundamentada; e o leitor já sabe, pelas nossas explicações anteriores, que não se podem conhecer os segredos do Invisível recorrendo a meios artificiais. É verdade que certa relação existe na Zayarja entre as perguntas e as respostas obtidas por ela, no sentido que as respostas são inteligíveis e respondem às perguntas, tal como se faz numa conversa. É verdade, também, que a resposta é obtida do seguinte modo: Procede-se a uma seleção no conjunto das letras que formam as palavras da questão e as dos raios do quadro; colocam-se os produtos de certos fatores nas casas do quadro, donde se tiram depois algumas letras; põe-se de lado e à parte, certas letras, ao fazer várias seleções por meio dos *Daur*, e, em seguida, tudo isso é colocado em frente das letras que formam o verso de Malik.

Mas tudo isso não apresenta nada de extraordinário. Um homem inteligente que examinasse as relações que ligam entre si as diversas partes da operação, chegaria a descobrir o segredo que encobrem, porque as relações mútuas das coisas fornecem ao espírito o meio de obter o conhecimento do desconhecido e servem-lhe de caminho para conduzí-lo até êle. A faculdade de perceber as relações entre as coisas encontra-se mais nas pessoas acostumadas aos exercícios espirituais, cuja prática assídua aumenta a potência do raciocínio, acrescentando nova fôrça à sua faculdade de reflexão. É um fato cuja explicação já demos mais duma vez. A ideia à qual nos estamos referindo (e que diz respeito à influência dos exercícios espirituais) teve como resultado levar todo o mundo a atribuir a invenção da *Zayarja* a certos homens que tinham purificado a alma por meio dêstes exercícios. Assim, a *Zayarja* de que se acabou de falar é atribuída a As-Sibti (que era Sufi). Tenho visto uma outra que foi ideada, ao que dizem, por *Sahl Ibn Abdallah,* e, confesso, que se trata de fato de uma obra extraordinária, uma maravilha, cuja explicação embaraçaria o espírito. Para explicar como a Zayarja de As-Sibti fornece uma resposta em forma de verso, eu inclino-me a supor, que o fato de usar o verso de Ibn Wuhaib como tipo,

influi sôbre a resposta, comunicando-lhe o mesmo metro e a mesma rima. Em confirmação desta minha opinião, direi que, vendo operar (sôbre Zayarja) sem tomar êste verso como tipo, constatei que a resposta não vinha versificada. Esclareceremos o assunto no devido lugar.

Muita gente se recusa de admitir que se trata de uma operação séria, capaz de fornecer uma resposta ao que se pergunta, e nega que seja uma operação real, taxando-a de sugestão proveniente da fantasia e da imaginação. A acreditar no que dizem, o homem que opera sôbre uma Zayarja já tem as letras de um verso que compôs como entendeu; êle insere as letras do verso entre as letras da questão e as dos raios; em seguida, opera ao acaso e sem obedecer a qualquer regra, para no fim acabar reproduzindo o verso prefabricado, fazendo crer que o obteve segundo um processo regular. Uma operação feita nestas condições seria um inútil jôgo de imaginação e um embuste. Fazer uma suposição destas é confessar-se incapaz de perceber as relações que há entre os seres e os conhecimentos e de ver quanto as operações da percepção diferem da inteligência. Aliás, a inteligência é levada a negar tudo o que ultrapassa sua capacidade de compreender. Basta-nos, para responder aos detratores, dizer que observem, de visu, a prática destas operações para se convencerem quanto ela é diferente da suposição que imaginaram. O que nos foi dado constatar é que estas operações feitas segundo a mesma marcha metódica são um verdadeiro sistema de regras. Qualquer espírito dotado de penetração e capaz de atenção não terá a menor dúvida acêrca dêste ponto.

Um exemplo tirado das matemáticas esclarecerá melhor o assunto. Com efeito, a Aritmética, Ciência cujos resultados são a própria evidência, apresenta muitos problemas que a inteligência não chega a compreender com facilidade, por oferecerem relações que são difíceis de apreender, ocultando-se assim à observação. O que deve então acontecer com uma arte como a Zayarja, cuja natureza é tão extraordinária e que está ligada a seu objeto por laços tão obscuros? Vamos citar um exemplo destas dificuldades como prova de nossa observação. Toma-se uma apreciável quantidade de Dirham (moedas de prata), e, ao lado de cada peça destas, colocam-se três "*Fo-*

*lus"* (48) moedas de cobre). Com a soma dos Folus compra-se um pássaro, e com a soma dos Dirham, compram-se muitos outros pássaros ao mesmo preço que o primeiro. Pergunta-se agora: Quantos pássaros foram comprados? A resposta é: Nove. Com efeito, sabe-se que em cada Dirham há 24 Fals; e que três Dirham formam a oitava parte de um Dirham. Ora, sendo cada unidade formada de 8 oitavos, devemos supor que ao fazer a compra reunimos o oitavo de cada Dirham aos oitavos dos outros Dirham e que cada uma destas somas é o preço de um pássaro. Temos, pois, que comprar com os Dirham só oito pássaros, número que é o dos oitavos que compõem a unidade; acrescentemos o pássaro comprado primeiro com a soma dos Folus, e teremos, ao todo, nove pássaros, comprados todos ao mesmo preço (49).

Vê-se, pelo exemplo citado, como a resposta está contida implìcitamente na pergunta e como se obtém pelo conhecimento das relações ocultas que existe entre as quantidades indicadas pela questão. Quando uma questão desta natureza se apresenta pela primeira vez, logo se nos afigura pertencer a uma categoria cuja solução se prende ao Mundo Invisível. Mas é o conhecimento exato das relações mútuas das coisas que nos permite chegar ao desconhecido pelo conhecido. Isto é verdade sobretudo no que se relaciona com os fatos que nos apresentam o Mundo visível e as Ciências. Mas, quando se trata dos acontecimentos futuros, são segredos cujo conhecimento certo é impossível de conseguir, porque ignoramos suas causas e não dispomos de noções exatas a respeito dêles.

Segundo o que acabamos de expor, compreender-se-á como pelo processo usado na Zayarja, se chega a obter uma resposta por meio das palavras que formam a questão, e cujo segrêdo, afinal, se reduz ao seguinte: levar as mesmas palavras que formam a questão a aparecer em formas e combinações diferentes e em ordem diversa de letras para dar a resposta. Para quem percebe esta ligação entre as letras da pergunta

---

(48) — Fals, falous. moeda de cobre; empréstimo do latim Obulus.

(49) — O autor poderia ter resolvido êste problema de uma maneira muito mais simples, dizendo: Se 3 dividido por 3 dá 1, 24 dividido pelo mesmo número dará 8; ora, 8 e 1 fazem 9.

e as da resposta, tudo se esclarece, e o que era misterioso torna-se claro. Os homens que reconhecem estas relações e que empregam as regras de que já falámos, obtêm com facilidade a solução que procuram. Cada resposta da Zayarja, olhada sob um outro ponto de vista, oferece, pela posição e combinação de suas palavras, um dos caracteres que tôda a resposta comporta, isto é, uma negação ou uma afirmação. Sob o primeiro ponto de vista, a resposta tem um outro carácter; suas indicações entram na classe das predições e de sua concordância com os acontecimentos. Mas isso das coisas futuras nunca se chegará a conhecer pelo emprêgo dos processos dêste gênero. Ainda mais, aos homens é vedado recorrerem a tais meios para alcançar semelhante fim. Deus se reserva para si o conhecimento do futuro. *Allah sabe e vós não sabeis.* (Alc. II:213).

# SEGUNDA PARTE

## Do Estado Social Entre os Nômades, os Homens Semi-Selvagens e os que se Organizam em Tribos

### I CAPÍTULO

### A VIDA NÔMADE E A VIDA SEDENTÁRIA SÃO ESTADOS IGUALMENTE CONFORMES À NATUREZA

As dessemelhanças que se observam entre os usos e as instituições dos diversos povos prendem-se ao modo como cada um dêles costuma prover a sua subsistência, visto que os homens se reuniram em sociedade sòmente para se ajudarem mùtuamente na aquisição dos meios de viver. Começando por procurar de início o exclusivamente necessário (1), ten-
ruri: indispensável; haji: necessário; kamali: perfeito.
tam, mais tarde, satisfazer certas necessidades fictícias, para, em seguida, desfrutarem uma vida de abundância. Entregam-se uns à agricultura, plantando e semeando a terra; ocupam-se outros da criação de certos animais, tais como carneiros,

---

(1) — Os têrmos empregados pelo autor são os seguintes: do-

bois, abêlhas, bicho-da-sêda, etc., com o fim de que se multipliquem e lhes aufiram maior proveito. Os que se dedicam a estas duas classes de trabalho são obrigados a residir nos campos, porque as cidades não lhes oferecem terras para semear, nem área para cultivar, nem pastagens indispensáveis aos rebanhos. Forçados pela necessidade de morar em campinas desérticas, agrupam-se em sociedade para se ajudarem mùtuamente e procurarem as únicas coisas que seu modo de viver e seu meio social tornam indispensáveis. Alimento, abrigo suficiente, meios de se aquecerem, eis o que necessitam, limitando-se ao estritamente necessário para o sustento quotidiano. Ter o suficiente e nada mais: é a aspiração que domina a existência primitiva desta gente, dada sua incapacidade de maior aquisição. Mais tarde, quando novas e melhores condições os [illegible] com mais amplos recursos para se porem a salvo da penúria, começam então a desfrutar do sossêgo e fortuna. Combinando mais seu esfôrço, trabalham para a aquisição de algo além do necessário. Acumulam víveres, procuram vestuário mais rico, edificam maiores habitações, fundam aldeias e cidades condignas de seu progresso social e ao mesmo tempo capazes de protegê-los contra as tentativas dos inimigos. O bem estar e a abundância introduzem hábitos de luxo, que não tardam em tomar grande incremento para se transformarem num requinte de elegância que se manifesta no preparo dos alimentos, na suntuosidade da cozinha, no esmêro do traje e na escolha das vestes de tôda a espécie, seja de sêda e de brocado, seja de outros tecidos de valor. Casas e palacetes recebem então maior altura, e, construidos com solidez e adornados com gôsto, demonstram como a disposição para as artes passa da potência para o ato e chega até à perfeição. Castelos e muralhas erguem-se em profusão, com seus pátios adornados de chafarizes e águas murmurantes, os aposentos decorados com extremo cuidado. Os objetos de uso quotidiano são aperfeiçoados, tais como roupas, leitos, louças, utensílios de cozinha, etc. Eis que êstes homens tornaram-se citadinos (Hadar). A palavra (hadar) significa "os presentes", os que residem em cidades; e tais são, de fato, os habitantes das cidades e das vilas. Entre êles, uns exercem um ofício para viver; outros se ocupam de

comércio, e, pelos grandes lucros que dêle retiram, passam à riqueza e bem-estar. Os habitantes dos campos, livres da preocupação da pobreza, vivem à altura de seus recursos.

Do expôsto, evidencia-se que a vida dos campos e a das cidades são dois estados igualmente conformes à natureza: são naturais e necessários.

## II CAPÍTULO

### A EXISTÊNCIA DA RAÇA NÔMADE ÁRABE É UM FATO SOCIAL PERFEITAMENTE NATURAL

No Capítulo precedente dissemos que os habitantes dos campos mantêm a sua subsistência de maneira conforme à natureza. Dados à agricultura ou à criação de rebanhos, se contentam com o estritamente necessário em questão de comida, de habitação, de vestuário, enfim, de tôdas as coisas que se ligam com os hábitos da vida. Não almejam mais do que isso, não procurando os meios de satisfazer necessidades fictícias, nem de chegar até à abundância. No referente à habitação, moram quer debaixo de tendas que confeccionam com pêlo de cabra ou de camelo, quer em choças feitas de ramagem de árvores, quer em cabanas feitas com pedras não lavradas, ou de barro. Não dão a seus casebres grandes alturas, por não terem outra finalidade senão a de lhes servirem de abrigo (contra o sol e as intempéries). Às vêzes, refugiam-se em grutas e cavernas. Os poucos alimentos com que se nutrem, não exigem grandes aprestos e condimentos: crus ou levemente tratados, quando não assados, servem apenas para lhes matar a fome.

Superior ao dos Nômades é o estado dos povos Agricultores. Não condizendo a vida nômade e errante com as necessidades de seu estado, os que vivem do manuseio da terra, lavrando-a e semeando-a, são inclinados a maior estabilidade. Fixam residência em aldeias e burgos, na proximidade de

pastagens (1) e em regiões montanhosas.

Tal é o gênero de vida que leva a maior parte dos Berberes e outros povos que pertencem à raça dos Beduínos árabes. Os que vivem do produto que lhes fornecem seus rebanhos de carneiros e de bois levam habitualmente a vida nômade e errante, precisando movimentar-se à procura incessante de pastagens e de água para o gado; o que torna esta mudança de lugar, além de benéfica, necessária. Designam-se êstes povos pelo nome de "Chauia", pastores, porque se ocupam de carneiros "chat" e de bois. Não se aventuram até muito longe, nos desertos afastados, por faltarem alí boas pastagens. Entram nesta classe os Berberes, os Esclavões, os Turcos e seus irmãos, os Turcomanos.

As povoações que devem sua subsistência à criação de camelos são mais forçadas ao nomadismo que os outros pastores, e, mais do que êstes, são obrigados a embrenhar-se mais fundo no deserto devido à insuficiência das altas planícies em fornecer alimento bastante para seus rebanhos. Os camelos têm necessidade de comer fôlhas e rebentos dos arbustos do deserto, de beber suas águas salobras, e trasladar-se, conforme as estações, nas diferentes partes das regiões desérticas, para evitar, de um lado, o frio do inverno, e, de outro, aproveitar a clemência da temperatura e achar nas suas areias quentes lugar propício para suas crias. Porque todos sabem que, desde nascer até desmamar, o camelo é o animal mais difícil de se criar e o que tem mais necessidade de calor. É êste o motivo que obriga os pastores de camelos a percorrerem grandes distâncias com seus rebanhos à cata de pastagens. Às vêzes, rechaçados das planícies altas pelas tropas em guarda nos pontos de acesso destas terras, são obrigados a refugiarem-se

---

(1) — Na ed. de Boulac existe o têrmo "madaxir" que trazem também os Ms. Como é um têrmo magrebino ou andaluz, as outras edições orientais trocaram-no por "Madar". Madaxir é plural de "madxar", da raiz "dixr": deixar à solta os animais fora do curral e num lugar pertencente a tôda a aldeia para êste fim. Na Revista Al-Andalus, t. II, p. 226, fala-se da etimologia de "Alixares" e de sua procedência de "dixar". Quanto a "Madar" significa "terra arável", terra revolvida. Devemos avisar o leitor que nesta parte e em outros capítulos dêste Livro, Ibn Khaldun entende por Árabes, os Árabes Nômades. (Nota dos Trad.).

no fundo do deserto para escaparem ao justo castigo que lhes mereceram incursões calamitosas anteriores. Vivendo em solidões, perseguidos e indomáveis, tornaram-se os mais bravios dos homens, considerados pelos habitantes das cidades como verdadeiras feras, impossível de domesticar ou saciar. Tais são os Beduínos árabes e outros povos que se parecem com êles pelos costumes, como os Berberes nômades, os Zanatas da Mauritânia Ocidental, os Kurdos, os Turcomanos e os Turcos dos países do Oriente. Os Beduínos árabes, entretanto, estão mais acostumados à vida do deserto e fazem percursos mais longos que as restantes raças nômades, por cuidarem exclusivamente de camelos, enquanto as outras raças tratam também e ao mesmo tempo que de camelos, de rebanhos de carneiros e de bois.

Pelo exposto, conclui-se, pois, que a existência da raça beduína árabe é um fato conforme à natureza, devendo nècessàriamente verificar-se no decurso do fenômeno social.

## III CAPÍTULO

### O NOMADISMO, ESTADO SOCIAL ANTERIOR À VIDA CITADINA. O DESERTO, BERÇO DA CIVILIZAÇÃO. AS CIDADES DEVEM-LHE SUAS ORIGENS E POPULAÇÕES

Dissemos, no Capítulo que precede, que os Beduínos nômades, de parcos recursos, limitavam-se ao estritamente necessário, no que se refere aos hábitos de vida, incapacitados de se proverem de melhores recursos. Sucede o contrário com os que fixaram residência nas cidades, cuja preocupação é satisfazer as necessidades oriundas do luxo e de aperfeiçoar tudo o que se relaciona com seu estado e modo de viver. É inegável que a procura do indispensável e do fundamental precedeu a possibilidade de satisfazer a misteres fictícios, ads-

tringindo-se o homem ao necessário, antes de chegar à abundância. O necessário é, por assim dizer, a raiz onde a abundância toma pé e brota. Assim, o Nomadismo, primeira aspiração do homem, precedeu à vida das cidades e é anterior a tôda Civilização. Ultrapassou o Nomadismo, primeira aspide se assegurar plenamente das coisas mais necessárias à sua vida e de ir gradativamente conquistando mais confôrto e aperfeiçoamento social. A rudeza da vida nômade existiu, pois, antes dos requintes da vida sedentária. Por isso, vemos que a vida das cidades, o facínio da civilização, constitui a suprema aspiração do Beduíno, que êle procura alcançar como a coroação de seus esforços. Quando o Nômade atinge o grau de bem-estar que lhe proporciona a residência na cidade, entrega-se à doçura de viver, deixando-se levar pela corrente da Civilização. É o que acontece com tôdas as tribos nômades, ao contrário do que se passa com o homem da cidade; êste não tem inclinação para a vida dos campos, salvo motivo de fôrça que o obrigue a tanto, ou incapacidade de ter os meios de viver na cidade. Mais um fato servirá para demonstrar que a vida dos campos antecedeu a vida citadina e lhe deu origem. Se se procedesse a uma ampla informação e se se perguntasse aos habitantes de qualquer grande cidade qual a sua procedência e origem, achar-se-ia que a maior parte descende de alguma família originária de qualquer das aldeias dos arredores, ou dos campos vizinhos. Depois de enriquecerem nos campos, os avós vieram fixar residência na cidade para desfrutar nela a tranquilidade e o bem-estar que se lhes oferecia. O exemplo que citamos vem ilustrar o que temos dito da vida sedentária, que é posterior à vida errante dos Nômades, servindo-lhes esta de tronco onde a Civilização nasceu e desabrochou. Pedimos ao leitor que medite sôbre a importância dêste fato.

Devemos acrescentar que a mesma disparidade que existe entre as tribos e seus hábitos de vida, existe também, entre as cidades e seus usos e costumes. Assim como há tribos poderosas ao lado de outras fracas e pouco numerosas, também existem cidades maiores e mais adiantadas em progresso social.

De nossas observações, conclui-se que o Nomadismo é um

estado social que se antecipou à aglomeração em cidades; que as cidades são-lhe tributárias de sua origem. Sabido é que o confôrto, bem-estar e abastança são coisas que se adquirem gradativamente, depois de situação precária em que se vive adstrito ao mínimo necessário. *Allah é o mais sábio.*

## IV CAPÍTULO

### OS NÔMADES E A GENTE DO CAMPO SÃO MENOS CORROMPIDOS QUE OS HABITANTES DA CIDADE

No momento de ser criada, a alma nasce com a disposição de receber as impressões, boas ou más, que lhe podem sobrevir. O Profeta disse: *"Tôdas as crianças nascem com o mesmo natural; se, depois, se tornam Judias, ou Cristãs, ou Magas (adorando o fogo), a culpa será dos pais e das mães"*. Quanto mais a alma se habitua a uma ou a outra das duas qualidades (o bem ou o mal), tanto ela se afasta da outra e maior trabalho terá para readquirí-la. O homem inclinado para o bem e cuja alma foi educada na prática da virtude, afasta-se do mal e acha o caminho do vício difícil de palmilhar. O mesmo se pode dizer do homem que se tornou ruim pela prática habitual do mal (o qual não poderia andar no caminho do bem). Ora, os habitantes das cidades, ocupados habitualmente com seus prazeres e entregues aos hábitos do luxo, procuram os bens dêste mundo transitório e abandonam-se às paixões. Sua alma corrompe-se pelas qualidades más que adquire em grande número, e, à medida que se vai pervertendo, mais ela, na mesma proporção, se afasta da estrada da virtude. Acontece até que êstes citadinos esquecem todo o decôro e decência no seu modo de proceder. Encontram-se muitos que se servem de expressões grosseiras e desonestas em extremo nas assembléias e perante os homens de destaque; e não se abstêm de proferir tais impropérios, nem na presença de suas mulheres. Acostumadas a dizer obscenidades e a uma conduta descarada,

são impermeáveis a qualquer sentimento de modéstia ou de pudor.

Os habitantes dos campos procuram, êles também, os bens dêste mundo, mas seus desejos se limitam ao que é absolutamente necessário; não almejam os prazeres que as riquezas facultam, nem procuram os meios de saciar a concupiscência, ou aumentar seus prazeres. Os hábitos que regulam seu procedimento são tão simples como sua vida. Poder-se-ia achar, nos seus atos e no seu carácter, muita coisa repreensível; mas êstes defeitos parecem de pouca gravidade se comparados com os costumes vigentes nas cidades. Postos ao lado dêstes, se aproximam mais do natural primitivo do homem, e suas almas estão menos expostas a receberem as marcas que os maus hábitos deixam atraz de si. Isso evidencia que, para corrigí-los e conduzí-los ao bom caminho, ter-se-á menos trabalho que com os habitantes das cidades. Mais adiante, teremos ocasião de demonstrar que a vida sedentária é o têrmo onde a civilização acaba e se corrompe; é neste ponto de sua trajetória que o mal se apossa de tôdas as suas fôrças e que o bem não encontra onde residir.

O que precede é bastante para demonstrar que a gente dos campos é mais inclinada à virtude que os habitantes das cidades. *Allah ama aos que o temem.* (Alc. IX:4).

Não se deve opor a esta doutrina uma passagem de Al-Hajjaj, referida por Al-Bukhari no seu Tratado de Tradições. Êste chefe de Thakif, chegando a saber que Salama Ibn Al-Akwa tinha ido habitar o deserto, interpelou-o nestes têrmos: "Tu retornaste sôbre teus passos! *Tu te arabizaste"!* — "Nada disso, lhe respondeu Salama; o Profeta me tinha autorizado a viver no deserto". Para compreender o alcance desta anedota, é preciso saber que, no comêço do Islamismo, o Profeta tinha imposto a seus partidários residentes em Meca o dever de emigrar e de seguí-lo por onde êle fôsse, para lhe darem ajuda e proteção. A ordem de emigrar não se dirigia aos Árabes nômades, que habitavam o deserto, porque êstes não demonstravam tanto zêlo e ardor à causa do Profeta como os da Meca; assim, os emigrados agradeciam a Deus tê-los poupado da desgraça de habitar o deserto, com o que o honroso dever de emigrar não lhes teria sido impôsto. Segundo

uma tradição relatada por Sad Ibn Abi Wakás, o Profeta teria dito, durante a doença que o acometeu na Meca: "Grande Deus! Permite a meus Companheiros que realizem sua emigração, e não deixes que voltem *sôbre seus passos!*" isto é: Faz que fiquem em Medina e que não se afastem dela; e impede que descuidem do dever de emigrar que começaram a cumprir. A frase tem o mesmo significado de, quando, em qualquer outro empreendimento, alguém se volta sôbre seus passos, isto é, deixa de fazê-lo. Dizem que êste dever de emigrar era especial, não obrigando senão os habitantes da Meca antes da tomada desta cidade, porque, até esta data, a emigração era necessária, dado o pequeno número dos Muçulmanos. Mas, depois da conquista da cidade, quando o número dos crentes aumentou, o Islame se tornou poderoso e Deus reservou para si o privilégio de proteger seu Profeta, essa prescrição deixou de ser obrigatória. "Nada de emigração depois da conquista (da Meca)", — tais foram as ordens do próprio Profeta. Segundo outros, o dever de emigrar cessou para os que abraçaram o Islamismo depois da tomada da Meca; outros sustentam que a obrigação não atingia os muçulmanos que abandonaram Meca antes de ser tomada; mas, todos estão de acôrdo em que deixou de existir depois da morte do Profeta, época em que se dispersaram os Companheiros pelos diversos países. Desde então, nada ficou desta prescrição, exceto a vantagem que se retira de uma estadia em Medina: o que se pode considerar tão meritório como uma emigração.

Voltamos ao assunto de Al-Hajjaj. Ao dizer a Salama: "Tu retornaste sôbre teus passos"! e ao queixar-se de Salama se ter "arabizado", queria dizer que o mesmo se havia tornado como os Árabes Beduínos, gente que pouco se incomodava de emigrar por causa de religião. Ao responder-lhe, Salama objeta que nenhuma das duas alegações o atinge, visto o próprio Profeta lhe ter permitido residir no deserto. Nêste caso, a permissão era especial, como eram especiais as relativas aos testemunhos de Khozaima e do cabrito de Abu Burda (1).

---

(1) — Para a prova de um fato perante a justiça muçulmana, é imprescindível a deposição de duas testemunhas. Muhammad, num

Pode-se também supor que Al-Hajjaj lamentasse sòmente que Salama deixasse Medina, não ignorando que esta prescrição tinha deixado de existir desde a morte do Profeta. Neste caso, a resposta de Salama fazia subentender que quis aproveitar-se da permissão, que não lhe teria sido dada sem um motivo que só êle conhecia. Em todo o caso, as palavras citadas não provam nada de desabonador a respeito da vida nômade, ou a "arabização", como Al-Hajjaj a denominou. Tôda a gente reconhece o dever de emigrar, prescrito para atender à segurança e à proteção do Profeta e de sua causa, não continha nenhuma repreensão aos que levavam esta vida. Lamentar que um indivíduo se tenha subtraido a um dever para estabelecer-se no deserto, não significa que a vida do deserto seja repreensível.

---

negócio que lhe dizia respeito, declarou que o testemunho de Khozaima Ibn Thabit era suficiente. "Só o depoimento de Khozaima, seja a favor, seja contra, é suficiente", disse. Foi a razão por que Khozaima foi chamado "Dhul Chihadatain", o homem com duplo testemunho. Quanto a Abu Burda, lemos no **Muatta** o seguinte: Abu Burda sacrificou sua vítima antes que o Profeta sacrificasse a sua; e o Profeta ordenou-lhe que sacrificasse de novo. "Não acho o que sacrificar, disse Abu Burda, a não ser um cabrito". — Não tens senão um cabrito? Podes sacrificá-lo, disse o Profeta. — Segundo Al-Bukhari, o diálogo teria prosseguido assim: Sacrifica-o, disse o Profeta; mas doravante semelhante coisa não será permitida a mais ninguém. O Profeta disse: Aquêle que sacrifica antes da oração, sacrifica para si mesmo; quem sacrifica depois da oração cumpre com um dever religioso e se conforma com o ritual dos muçulmanos. — Destas tradições, duas conclusões podem ser tiradas: 1.º que, por um caso excepcional, Abu Burda, tendo sacrificado antes da oração, obteve permissão de reparar seu êrro por um sacrifício oferecido depois da oração; 2.º que Abu Burda foi autorizado, por um favor especial, a trocar a vítima ordinária (ou seja um carneiro) por um cabrito. Acrescentamos que houve dois Companheiros de Muhammad com êste nome de Abu Burda. O da anedota era Abu Burda Niar; o outro era Amer.

# V CAPÍTULO

## OS MORADORES DOS CAMPOS SÃO MAIS CORAJOSOS QUE OS QUE MORAM NAS CIDADES

Os habitantes das cidades, recostadas no leito da tranqüilidade e do repouso, mergulham nas delícias da opulência a saborear os prazeres da vida, deixando a seu governador ou a seu comandante o cuidado de lhes proteger a vida e os bens. Assegurados contra qualquer perigo pela presença de uma tropa que tem por cargo defendê-los, cercados de muralhas, defendidos por fortificações contra tôda tentativa inimiga vinda do exterior, não se alarmam por nada, como não gostam de alarmar ninguém (1). Livres de qualquer preocupação, vivendo numa segurança perfeita, renunciam ao uso das armas, que descuidaram de há muito, deixando após si uma posteridade igualmente avêssa aos engenhos de guerra. Parecendo-se com as mulheres e as crianças, que descarregam o fardo das preocupações sôbre o pai de família, vivem num estado de indolência que se tornou uma segunda natureza.

Os que vivem de Nomadismo, são forçados a um gênero de vida completamente diversa. Vivendo isolados longe das aglomerações urbanas, entregues aos hábitos selvagens adquiridos nas vastas planícies desérticas, evitam a vizinhança das tropas postas pelo governador para guarda da fronteira, e recusam com altivez abrigar-se atrás de muralhas e portas, e se julgam bastante fortes para garantir a própria defesa; jamais confiam a outrem o cuidado de os defender, e, sempre de armas em punho, demonstram, nas suas expedições, uma vigilância extrema. Seus olhares perscrutam todos os pontos do horizonte, vasculhando todos os caminhos. Jamais se en-

---

(1) — Esta tradução é puramente conjetural; sendo o texto o seguinte: لا ينفر لهم صيدٌ isto é; para êle nenhuma caça corre-lhe pela frente (no sentido de aparecer). O que pode significar que não caça, ou que não faz a guerra a ninguém. Não se encontra esta locução nos Provérbios de Maidani.

tregam ao sono, senão durante curtos momentos nas reuniões da tarde, ou em viagem, quando montados nos seus camelos, mas, o ouvido sempre alerta para apanhar o menor ruido suspeito. Largados sòzinhos nas solidões desérticas, orgulhosos de sua pujança, confiam em si, e mostram por sua conduta que a audácia e a bravura tornaram-se para êles como uma segunda natureza. Ao primeiro sinal de alerta, ao primeiro grito de alarme, arrojam-se no meio do perigo, confiantes na própria coragem. Os citadinos, por mais que freqüentem os nômades, seja para conviverem (temporàriamente) com êles, seja para a acompanhá-los em suas expedições guerreiras, estão a cargo dêles, incapazes de algo fazer por si mesmos, como é fácil de constatar por seus próprios olhos. Ignoram a posição dos lugares e dos bebedouros, e, não sabem onde levam os atalhos do deserto. Esta ignorância é proveniente de que o carácter do homem depende dos usos e hábitos, e não da natureza e do temperamento. As coisas a que se acostumaram dão-lhes novas faculdades, uma segunda natureza que se substitui à natureza inata. Aprofundando êste princípio, estudando os homens, reconhecer-se-á que é quase sempre verdadeiro. *Allah criou o que quis; êle é o Criador, o Sábio.* (Alc. XV:86).

## VI CAPÍTULO

### A SUJEIÇÃO ÀS AUTORIDADES CONSTITUIDAS É PREJUDICIAL À CORAGEM DOS CITADINOS, INIBINDO-OS DE SE DEFENDEREM POR SI

Ninguém é senhor absoluto de suas ações, com exceção de um pequeno número de chefes que comandam aos outros homens. Quase sempre se acha o homem na dependência de outro homem, o que leva necessàriamente a um ou a outro dos dois resultados que vamos apontar. Se a autoridade se

distingue pela brandura e pela justiça, se não deixa pesar muito sua fôrça e seu poder coercitivo, os que lhe estão sujeitos deixam transparecer certa independência que se regula pelo grau de sua coragem. Pensando serem livres de todo o contrôle, mostram uma presunção que se tornou para êles uma segundo natureza e não conhecem outra coisa. Ao contrário, se a autoridade se apoia sôbre a fôrça e a violência, os súditos perdem sua energia e seu espírito de resistência, porque a opressão embota as almas, como desmonstraremos mais tarde. Omar (o segundo califa) proibiu a Saad de se conduzir com violência para com seus subordinados, e eis em que ocasião: quando da batalha de Cadessiya, (um dos oficiais) chamado Zahra Ibn Hawia pôs-se em perseguição (do general Persa) Al-Jalinos, e, depois de matá-lo, o despojou de sua roupa e armas. Saad o repreendeu de ter perseguido o inimigo sem a devida autorização, e tirou-lhe o rico despôjo, que valia, ao que dizem, setenta e cinco mil moedas de ouro. Saad escreveu em seguida ao Califa para justificar seu procedimento. Como resposta, recebeu a seguinte mensagem: "Ousaste tratar desta maneira a um homem que já afrontou os fogos da guerra, enquanto que tu tens muito que fazer para poder distinguir-te. Pretendes, pois, quebrantar-lhe a coragem e, assim, indispô-lo contra nós. Devolve-lhe os despojos". Debaixo de um govêrno que se mantém pela violência, os súditos perdem a coragem; castigados sem poderem resistir, decaem num estado de humilhação que lhes alquebra a energia. Se o soberano trabalha para reformar os costumes e dar instrução ao povo, se encetar esta reforma promovendo a instrução desde a infância de seus governados, isso deverá causar certa impressão no espírito e no procedimento dos súditos. Um povo educado desde a infância no temor e na submissão, não se jacta de sua independência. Por isso é que nós encontramos entre os Árabes semi-selvagens e afeiçoados à vida errante um grau de bravura muio superior ao de que são capazes os homens policiados por leis. As pessoas que, desde a infância, viveram sob o contrôle de uma autoridade que procura formar-lhes o carácter e ensinar-lhes as artes, as ciências e as práticas da religião formarão um povo, que, assim educado, perde muito de sua energia e não tenta quase nunca resistir

a uma opressão. Tomamos por exemplo os jovens que estudam o Alcorão e que, querendo assistir às aulas dadas por professôres hábeis e sábios catedráticos, freqüentam assembléias onde tudo inspira recolhimento e respeito. O leitor, que terá compreendido o alcance de nossas observações, isto é, que o contrôle de uma autoridade superior enfraquece a energia dos povos, abster-se-se-á certamente de negar a sua justeza. Nem objetará a nossa asserção o exemplo dos Companheiros do Profeta, os quais, ao mesmo tempo que se conformavam com as prescrições da religião e da lei, conservavam sempre a sua fôrça d'alma e sobrepujavam em bravura a todos os demais. Não se pode prevalecer dêste argumento, porque o legislador, quando comunicou a verdadeira religião aos muçulmanos, não recorreu a outro contrôle senão ao dos seus próprios corações, fortemente impressionados ainda pelas promessas e ameaças contidas no Alcorão. A sua submissão ao Profeta não era resultado de um ensino sistemático, de uma instrução científica; era oriunda da religião e dos preceitos orais que tinham recebido. Êles se conformaram com empênho com sua doutrina, porque a fé e a crença nos dogmas da religião se haviam enraizado profundamente nos seus corações. A energia de seu carácter tinha ficado intacta, não tendo jamais sofrido o dano que uma educação regular e a autoridade de um govêrno estabelecido poderiam ter-lhe causado. O Califa Omar dizia: *"Aquêle que a lei divina não corrigiu, Deus não o corrigirá"*; querendo mostrar, por estas palavras, quanto êle preferia, à coerção, que cada um fôsse seu próprio monitor (plasmado pela lei), ao mesmo tempo que externava a convicção de que o legislador sabia mais do que ninguém o que melhor convinha à felicidade dos homens. Tendo o enfraquecimento progressivo do sentimento religioso tornado necessário o emprêgo dos meios coercitivos, o conhecimento da lei divina ficou uma ciência que se devia adquirir pelo estudo; adotou-se de bom grado a vida das cidades, e se tomou o costume de obedecer às ordens do magistrado. Assim se perdeu o espírito de independência que foi afrouxando, como se vê, diante da influência da autoridade e da educação; e os homens, então, se deixaram guiar por uma autoridade que está fora dêles mesmos. A lei divina não produz êste efeito, por-

que sua fôrça diretora reside em nós mesmos. Por isso é que uma administração presidida por um príncipe e um sistema de educação regulamentado com método, contam-se entre as causas que contribuem para tirar aos habitantes das cidades a sua coragem e sua energia, sobretudo aos que, desde a infância até à velhice, tiveram que se submeter a estas influências opressivas. As coisas se apresentam de maneira completamente diversa para os habitantes do deserto, que vivem fora de tôda a autoridade de soberano e não se ocupam de estudos. Abu Muhammad Ibn Abi Zaid tinha bem esta idéia sôbre a influência das escolas quando inseriu esta passagem na sua obra intitulada: *Guia dos Preceptores e dos Estudantes* (1): "O mestre que quer forçar uma criança a aprender a lição não lhe deve aplicar mais que três golpes de correia". Relata êle esta palavra do Profeta baseando-se sôbre a autoridade do Cadi Churaih (2). Com o apôio da mesma tradição, conta o que aconteceu com o Profeta por ocasião da primeira revelação que Deus lhe mandou, quando o anjo lhe apertou o pescoço por três vêzes (3). Mas êste cotêjo, além de aleatório, nada prova no caso presente, porque o ato de apertar o pescoço nenhuma relação tem com as práticas ordinárias de educação. *Allah é o ser judicioso e que sabe tudo.* (Alc. VI:18).

---

(1) — Esta obra citada por Ibn Khaldun não se acha mencionada no Dicionário Bibliográfico de Haji Khalfa.

(2) — Churaih (Abu Omaiya Al-Kindi), um dos Tabi', isto é, discípulo dos Companheiros de Muhammad. Foi nomeado por Omar como Cádi (juiz) de Kufa; faleceu no ano da H. 87/706 E. V.

(3) — Êste episódio é assim narrado por Al-Bukhari: O Profeta contou que, estando na gruta do Monte Hira, viu aproximar-se um anjo que lhe ordenou que lêsse. Tendo respondido que não sabia ler, o anjo tomou-o pela garganta e apertou-a ao ponto de sufocá-lo. Por três vêzes o anjo deu-lhe a mesma ordem, por três vêzes o Profeta deu a mesma resposta, e por três vêzes o anjo lhe apertou o pescoço. Então o mensageiro celeste disse-lhe: **Lê, em nome de teu Senhor, que tudo criou, e criou o homem de sangue coagulado". —** Estas palavras, que fazem parte do Alcorão (Sourat XCVI), foram as primeiras que Muhammad recebeu do céu, de acôrdo com a maioria dos Tradicionalistas.

## VII CAPÍTULO

### A APTIDÃO DE VIVER NO DESERTO EXISTE SÒMENTE ENTRE AS TRIBOS ANIMADAS DE UM FORTE ESPÍRITO DE CLÃ

Deus implantou o bem e o mal na naureza do homem, conforme o disse no Alcorão: *"Nós o dirigimos nos dois sentidos (o bem e o mal)... A perversidade e a verdade chegam à alma humana por inspiração de Allah"*. (Alc. XCI:8). De tôdas as qualidades, o homem contrai as do mal com maior facilidade e pressa, sobretudo quando habituado aos prazeres da vida e quando não se deixa controlar pela religião. Tal é a disposição de todos os homens, excetuando um pequeno número que Deus favoreceu com sua graça. Entre os homens, o mal se manifesta sob muitas formas, das quais as mais evidentes são a injustiça e o ódio. Quem fixar o olhar sôbre o bem alheio não tardará em meter sôbre êle a mão, a menos que uma autoridade superior venha impedí-lo. Sobra de razão tinha o poeta quando dizia:

*A perversidade é uma disposição natural da alma humana;*
*Se se achar um homem avêsso ao mal e de coração puro,*
*Talvez êste não seja perverso.*

Nas grandes e nas pequenas cidades, a inimizade recíproca entre os habitantes, não tem conseqüências graves; o govêrno e os magistrados estão presentes para impedir as violências, mantendo a seu serviço subordinados responsáveis pela manutenção da ordem. A fôrça material e a autoridade do sultão são suficientes para conter as más paixões, com exceção, todavia, da tirania do chefe. Se a cidade possuir inimigos de fora, há para defendê-la um cinturão de muralhas, quer quando os habitantes se entregam ao sono, à noite, para descansar, quer quando são muito fracos para se defenderem, de dia. Além disso, dispõe para sua defesa de um corpo de tropas mantido pelo govêrno e sempre pronto a combater.

Entre as tribos do deserto, as hostilidades acabam pela intervenção de seus velhos e chefes, que são acatados por todos e por quem se tem o maior respeito. Para a proteção dos acampamentos contra os inimigos externos, cada tribo dispõe de uma tropa de escol composta de seus melhores guerreiros e dos jovens mais assinalados por sua bravura. Mas êste pequeno grupo jamais seria bastante forte para rechaçar ataques, não fôsse êle animado de duas fôrças: o espírito de família (todos são ligados pelos liames do sangue) e o espírito de Clã. Eis justamente o que torna as tropas compostas de Árabes do deserto tão fortes e tão temíveis. Uma única idéia os impulsiona a todos, a de proteger sua família e sua tribo. Êste apêgo aos seus, tão extraordinário nestes nômades, Deus o implantou no coração de todos os homens, que, em graus diferentes, sustentam seus parentes e mostram certa dedicação aos que lhes estão ligados pelo sangue. Sob a influência dêstes sentimentos, sustentam-se uns aos outros, prestam-se ajuda mútua e se fazem respeitar e temer pelos inimigos. Veja-se, por exemplo, o que se conta no Alcorão a respeito dos irmãos de José. Disseram a seu pai: *Somos uma "usba" (bando unido); seríamos muito infelizes se o lobo chegasse a comer José.* (Alc. XII:12). Estas palavras significavam que a "Assabia" ou espírito de clã ou de família, exclui e repele tôda vilania contra cada um dos confrades. Quanto aos indivíduos isolados, sem liames de sangue que os unam e agrupem, pouca inclinação os anima para socorrer seus camaradas nas horas do perigo. Nos dias em que as calamidades da guerra obscurecem o céu, cada um se esquiva, cheio de terror, procurando a própria salvação, sem a menor vergonha de abandonar à sua sorte os companheiros. Também, gente desta espécie não poderia habitar o deserto; seria a prêsa de qualquer horda que quisesse devorá-la. Para se manter ali e viver, é preciso ter os meios de se guardar e defender. Quando se compreende isso, quando, para se poder estabelecer e sobreviver num deserto, qualquer tribo precisa de todo seu espírito tribal e de tôda a sua união e fôrça, reconhecer-se-á que o mesmo deve acontecer com os homens que se apresentam em qualidade de profeta e dos que pretendem fundar um império ou estabelecer uma seita. Para

alcançar seu fim, devem empregar a fôrça das armas (1), para vencer o espírito de oposição, que forma um dos caracteres da raça humana. Ora, para combater, precisa-se de partidários animados de *"Assabia"*, êste espírito de grupo a que aludimos neste Capítulo. É um princípio que não se deve perder de vista quando dêle se fizer aplicação, nos Capítulos que se seguem. *Que Deus nos proporcione acertar!*

## VIII CAPÍTULO

### O ESPÍRITO TRIBAL OU DE CLÃ É POSSÍVEL SÒMENTE ENTRE GENTE LIGADA POR LIAMES DE SANGUE OU COISA SEMELHANTE

Os liames de sangue constituem uma fôrça que quase a totalidade dos homens reconhece por um sentimento natural. Devido a êstes vínculos, preocupamo-nos com o estado dos parentes e dos familiares, tôdas as vêzes que padecem injustiça ou correm risco de vida. O mal que se faz a qualquer de nossos parentes, uma ofensa que se lhe dirige, nos parecem outros tantos agravos feitos a nós mesmos; de tal maneira o sentimos que desejaríamos protegê-lo interpondo--nos entre êle e o perigo que o ameaça. Desde que existem os homens, êste sentimento sempre existiu nos seus corações. Quando duas pessoas se prestam socôrro mútuo e são parentes muito chegados, é evidente que são os liames do sangue que manifestam sua influência neste modo de agir. A evidência do parentesco exige esta manifestação de solidariedade. Se dois indivíduos não são ligados por um parentesco muito estreito, podem esquecer seus deveres até certo ponto; mas, como êles sabem que seu parentesco é geralmente conhecido, prestam-se socôrro um ao outro, para evitar a

(1) — Nosso autor esqueceu-se do Fundador da Religião Cristã, contrário ao emprêgo da fôrça.

desonra a que acreditariam expor-se agindo mal com alguém que todos sabem ser seu parente mais ou menos próximo. Os clientes e os aliados (hilf) de um grande personagem podem contar-se entre os seus parentes; o patrão e o cliente estão sempre prontos a se protegerem um ao outro, movidos pelo sentimento de indignação que nos empolga quando vemos maltratar nosso vizinho, nosso parente, nosso amigo. Com efeito, os laços de clientela são quase tão fortes como os do sangue. Estas observações ajudam a compreender melhor o pensamento do Profeta quando disse: "Aprendei o bastante de vossas genealogias para saberdes quais vossos parentes próximos". Estas palavras nos indicam que o verdadeiro parentesco consiste nesta união dos corações a que obrigam os laços de sangue e que impulsiona o homem a acudir em defesa de quem pediu socôrro; de outra maneira, o parentesco não tem senão um valor imaginário e nada oferece de real. Para ser útil, deve ligar estas afeições e unir os corações. Se esta união fôr evidente, leva as almas à ardente simpatia que lhes é natural. O parentesco, cuja existência só é atestada por uma antiga lembrança, não oferece nenhuma vantagem; perde mesmo aquela importância que a opinião lhe assinala. O homem que se preocupa com liames tão frágeis e remotos entrega-se a uma lide gratuita e inútil, deixando-se levar a uma ociosidade desaprovada por lei. Estas últimas considerações farão compreender o sentido da máxima popular: *"A Genealogia é uma ciência sem utilidade e cuja ignorância não prejudica"*. O ditado significa que as relações de parentesco, quando deixam de ser manifestas e precisam de estudos e de pesquisas, perdem até o valor que a opinião pública lhes dá; e, logo que êstes laços deixam de despertar os sentimentos de simpatia e de devotamento que o espírito tribal ou de grupo provoca, tornam-se completamente inúteis.

## IX CAPÍTULO

### A PUREZA DE RAÇA ENCONTRA-SE SÒMENTE ENTRE OS ÁRABES NÔMADES E OUTROS POVOS MEIO SELVAGENS QUE HABITAM OS DESERTOS

A pureza de raça existe entre os povos nômades porque, padecendo penúria e privações, habitam regiões estéreis e ingratas, gênero de vida que a sorte lhes impôs e que a necessidade os obrigou a adotar. Para procurarem os meios de subsistir, dedicam-se aos cuidados de seus camelos, tendo por única ocupação procurar-lhes pastagens e fazê-los multiplicarem-se. Forçados, adotaram esta vida selvagem do deserto, porque esta região, como a isso já se aludiu, é a única que oferece a êstes animais arbustos próprios para seu alimento, e lugares arenosos onde possam dar cria. Embora o deserto seja um lugar de penúria e de fome, êstes povos acabam por se acostumar, e ali nasce uma nova geração para a qual ,suportar o jejum e as privações, torna-se uma segunda natureza. Nenhum indivíduo pertencente a uma outra raça deseja compartilhar sua sorte e sujeitar-se a semelhante vida. Mesmo que pudessem fazê-lo, os nômades não trocariam de estado para fugir à miserável sorte, mesmo que achassem uma ocasião propícia. O seu isolamento é, pois, uma garantia segura contra a corrupção do sangue que resulta das alianças contraidas com estrangeiros. Entre êles, a raça se conserva na sua pureza, tal como se vê nas tribos descendentes de Mudar: os Coraix, os Kinana, os Thakif, os Bani Assad, os Hodail e seus vizinhos da tribo dos Khoza'a. Com efeito, êstes povos levam uma vida de privações e habitam um país falho de cereais e de gado. Uma grande distância separa seu território das regiões férteis da Síria e do Iraque; não são próximos dos países produtores de trigo e fornecedores de condimentos que melhoram o gôsto dos alimentos. Assim isolados, sua raça conservou-se pura e sem suspeita de cruzamento.

Os Árabes estabelecidos nos planaltos, regiões que oferecem ricas pastagens aos rebanhos e fornecem tudo o que é aprazível à vida, deixaram corromper a pureza de sua raça por matrimônios contraídos com famílias estrangeiras. Tal se apresenta o caso dos Lakhm, dos Jodhan, dos Ghassan, dos Tay, dos Coda'at, dos Ayad, e de outras tribos descendentes de Himyar e de Kahlán. Tôda a gente conhece as controvérsias havidas relativamente à nobreza de suas grandes famílias e que foram motivadas por casamentos com estrangeiras e pelo pouco cuidado que demonstravam em conservar suas listas genealógicas. O que temos dito sôbre a pureza da raça aplica-se apenas aos Árabes do deserto. O Califa Omar dizia: *"Aprendei as vossas genealogias e não sejais como os Nabateus da Babilônia; quando se lhes pergunta: Qual é tua origem? — Respondem: Sou filho de tal aldeia"!*

Os Árabes estabelecidos nos países férteis e possuindo gordas pastagens, achavam-se em contato com muitos outros povos, acorridos, como êles, à chamada da terra ubérrima, o que deu como resultado uma grande mistura de raças e de sangue. Também, desde o comêço do Islám, começou-se a designar as tribos pelo nome dos países que ocupavam. Dizia-se, por exemplo, o "Jund" (ou colônia militar) de Kinnisrin, o Jund de Damasco, o Jund de Awassim (para designar as tribos que ocupavam êstes lugares). O mesmo uso propagou-se na Andaluzia. Isso, porém, não significa que os Árabes tenham renunciado ao hábito de se qualificarem pelo nome da tribo a que pertenciam. Tomavam sòmente um sobrenome a mais, para fornecer a seus Emires um meio de mais fàcilmente os distinguirem pela localização. Mais tarde, misturaram-se com os habitantes das cidades, gente na sua maioria de raça estrangeira, acabando os Árabes por perder, dêste modo, tôda a pureza de sangue. Desde então, os laços de família afrouxaram entre êles a ponto de deixarem perder o espírito nacional, única vantagem que existe nos laços de parentesco. As próprias tribos se extinguiram em seguida, e, com seu aniquilamento, desapareceu todo o espírito tribal. No deserto, ao contrário, as coisas ficaram como eram. *Allah é o herdeiro da Terra e de tudo o que ela leva na sua superfície.*

## X CAPÍTULO

### COMO OCORRE A CONFUSÃO DAS GENEALOGIAS, E COMO OS NOMES PATRONÍMICOS DAS TRIBOS PERDEM SUA EXATIDÃO

Um indivíduo pertencendo a uma tribo pode querer pertencer a uma outra, seja por ter inclinação para com esta, seja porque nela ingresse na qualidade de cliente ou de "Halif" ou aliado. Ou mesmo, pode refugiar-se numa tribo para evitar o castigo devido a algum delito por êle cometido no seio da própria tribo. Adotando então o nome patronímico comum de seus novos hóspedes, é contado como membro da tribo. Tem sua parte nos privilégios e nos cargos que esta aliança comporta, sôbre tudo que tange aos direitos de proteção, à aplicação da pena de talião e ao pagamento do preço do sangue. Gozando das vantagens que aufere o parentesco, êle é, por assim dizer, o parente de seus protetores. Pouco importa em que tribo o homem tenha nascido; na realidade pertence à tribo que acabou de escolher, cuja sorte quer partilhar e cujos regulamentos quer observar. Uma vez incorporado à tribo, procura esquecer que pertencera outrora a uma outra tribo, e o consegue depois de algum tempo, quando os que tinham conhecimento de sua antiga origem já deixaram de existir. Sua verdadeira origem constitui um segrêdo sòmente conhecido de poucas pessoas. Foi dêste modo que os patronímicos nunca deixaram de se transferir de uma família para outra. Tanto antes como depois do Islão, entre os Árabes como entre os estrangeiros, viram-se sempre indivíduos afiliarem-se a outras tribos que não eram as suas. Que o leitor queira lembrar-se das discussões levantadas a propósito dos Mundiritas e de outras famílias, e terá um exemplo do que acabamos de dizer. Citaremos agora um outro: tendo o Califa Omar designado Arfaja Ibn Harthama para o comando da tribo de Bajila, as pessoas que compunham esta tribo

pediram-lhe que revogasse esta nomeação: "Arfaja, diziam, não passa entre nós de um *"lazik"* (isto é, um intruso), um encostado, um membro parasito; dai-nos Jarir por chefe"! Arfaja, interrogado por Omar, respondeu nestes têrmos: "Êles têm razão, Príncipe dos crentes; eu sou da tribo de Azd; mas, tendo matado um dos meus parentes, fugi e refugiei-me entre esta gente, e entre êles fiquei". Veja, o leitor, pois, como Arfaja se filiou aos Bajilitas, assimilando-se-lhes, adotando seu patronímico e entrosando-se na sua vida e costumes de tal maneira que chegou ao ponto de se candidatar e ser nomeado chefe da tribo que o adotou. Se um pequeno número dentre êles não tivesse tido conhecimento de sua (verdadeira) origem, ou se êles a tivessem esquecido, a lembrança dêste fato ter-se-ia perdido com o tempo, e Arfaja teria efetivamente passado por Bajilita. Basta prestar atenção a esta anedota para se aquilatar de seu alcance. Assim, *é por êstes meios ocultos que Deus age sôbre suas criaturas.* Numerosos fatos desta natureza se produzem ainda em nossos dias, o mesmo acontecendo durante todos os séculos passados.

## XI CAPÍTULO

### O DIREITO DE COMANDAR NÃO SAI NUNCA DO CÍRCULO TRIBAL, FICANDO ENTRE AS MÃOS DA FAMÍLIA QUE CONTAR COM MAIOR APOIO DE PARTIDÁRIOS

Cada tribo, cada ramo de tribo, não forma senão um só corpo, porque os membros que a compõem descendem de um mesmo avô; ela compreende grupos cujos componentes se mantêm mais fortemente coesos do que aquêles cuja agregação forma a tribo. Tais são os parentes próximos, a gente da mesma casa, os irmãos nascidos dos mesmos pais. O

parentesco íntimo comunica, à união de seus membros e ao apêgo mútuo que se dedicam, muito mais fôrça que o dos primos e primos segundos. Pela sua união com todos os outros membros da tribo, com que estão ligados pela comunidade de origem, podem sempre contar com a sua proteção, e com o socôrro mútuo dos indivíduos que pertencem ao seu mesmo ramo. É verdade que dêste últimos recebem um apoio mais eficaz que dos primeiros, por lhes estarem mais chegados pelos laços do sangue. O direito de comandar (a tôda a tribo) não reside em cada um dos ramos; pertence a uma só família. Para exercer o comando é necessário ser forte; portanto, esta família deve sobrepujar tôdas as demais em poderio e espírito de grupo. Sem êste requisito, não poderia ela dominar as outras, nem fazer respeitar as próprias ordens. Vê-se por aí por que razão o comando deve permanecer na mesma família; porque, passando às mãos de uma outra mais fraca, perderia a autoridade sua fôrça. O comando pode transportar-se de um ramo de família dominante para um outro, mas sempre para o que tiver mais fôrça. Isso acontece pela influência natural do poder, como acabámos de explicar. Com efeito, a reunião dos homens em sociedade e o espírito de clã, podem ser considerados como os elementos constituitivos do temperamento do corpo político. Em um ser qualquer, o temperamento será mau se os elementos de que se compõe estiverem em equilíbrio; é preciso que um dos elementos predomine para que a constituição do ser seja perfeita. Eis por que a fôrça constitui uma das condições essenciais para a manutenção do espírito de clã. Portanto, o comando nunca sai da família que o exerce, como começámos por dizer no início dêste Capítulo.

# XII CAPÍTULO

## ENTRE OS POVOS ANIMADOS DE UM MESMO ESPÍRITO DE CLÃ, O COMANDO NÃO PODERIA PERTENCER A UM ESTRANGEIRO

Para alcançar o comando, é preciso ser poderoso; para ser poderoso, é necessário ter o apoio de um partido forte e coeso; portanto, para fazer prevalecer a sua autoridade, é absolutamente imprescindível a decidida cooperação de um corpo devotado de correligionários para vencer sucessivamente todos os partidos que tentassem resistir. Quando o chefe é bastante forte para dominá-los, êsses se submetem e se apressam a obedecer. Em regra geral, o estrangeiro que se filia a uma tribo e que lhe toma o patronímico, nunca terá a mesma simpatia e o mesmo apoio que os membros desta tribo consagram uns aos outros. A seus olhos, é sempre considerado um simples parasito, um encostado, um *"lazik"*, que, quando muito, poderia contar com a proteção que se dá aos aliados e aos clientes. Isso não atrai para êle, de modo algum, a fôrça bastante para se fazer obedecer. A supor mesmo que um tal homem se tenha perfeitamente incorporado à tribo, que tenha conseguido fazer esquecer sua origem, que se tenha em tudo assimilado a seus protetores e que tenha adotado seu comum patronímico, seria isso bastante para êle chegar ao comando? — Antes de se juntar à tribo, nem êle, nem alguém de seus antepassados, possuira êsse comando. A chefia de um povo perpetua-se no seio da família que se assegurou de sua posse, graças ao apoio dos partidários. Quanto ao estrangeiro que se introduz numa tribo, não poderia fazer esquecer sua origem; lembrar-se-á sempre que foi recebido como filiado, e isto seria bastante para excluí-lo do comando supremo. Inútil perguntar como poderia transmití-lo a seus descendentes, êle que nunca cessou de ser dependente da tribo. Como teria podido adquirir o comando, herança que se lega a quem de

direito, aos descendentes daquêle que, primeiro, se apoderou dêle com o auxílio dos amigos e dos correligionários?.

Muitos chefes de tribos e de partidos pretendem atribuir-se uma origem diferente da sua, para ligar sua genealogia à de outra família que se ilustrou pela bravura, pela generosidade ou por qualquer outra qualidade de que se pode ufanar. Deixam-se levar a adotar um nome patronímico ornado de tão grandes atrativos; procuram em seguida justificar suas pretensões e demonstrar que pertencem realmente a esta família e que têm a mesma ascendência ilustre. Eis um falso passo de cuja gravidade não se aquilata. Um chefe que recorre a êste ardil, fere a própria dignidade e mancha a própria nobreza da raça. Mesmo em nossos dias vemos numerosos exemplos destas insensatas pretensões. Citemos primeiro os Zanata, que pretendem, todos, uma origem árabe. Depois, os Ulad-Rabab, apelidados de Hijazi (os do Hijaz), que formam uma sub-divisão dos Bani Amir, ramo da grande tribo de Zogba, pretendem pertencer à tribo de Cherid, ramo da de Sulaim, e afirmam que seu maioral introduziu-se no meio dos Bani Amir na qualidade de carpinteiro, e fabricava, para o uso da tribo, albardas para os camelos. Conseguindo incorporar-se na tribo, acabou por ser o seu chefe, recebendo então o apelido de Hijazi ou o homem do Hijaz (1). Os descendentes de Abd-al-Cawi, filho de Al-Abbas, que formam uma família muito distinta da tribo dos Tujin, pretendem recuar sua genealogia até Al-Abbas, filho de Abd-Al-Mutalib, filho de Athia e pai de Abd-Al-Cawi, com o nome Al-Abbas (tio do Profeta). Confundindo o nome de seu avô, Al-Abbas, filho de Athia e pai de Abd-Al-Cawi, com o nome Al-Abbas tio do Profeta), êles se atribuem uma origem das mais ilustres. Nunca se ouviu contar, porém, que algum membro da família do (célebre) Abbas (tio do Profeta), tenha entrado na Mauritânia, país que, desde o advento da dinastia (Abbassida), ficou sob o domínio dos descendentes de Ali, isto é, dos Idrissitas e dos Fatimitas, inimigos jurados da família de Al-Abbas. Por que acaso um abbassida teria podido chegar às mãos dos Alidas? Vejamos agora o caso dos Bani Zayán, príncipes

(1) — O têrmo "hijazi", entre outras significações, tem a de "fabricante de pelas" para camelos.

da tribo dos Abd Al-Wad, soberanos de Tlemcen. Por saberem que um dos seus antepassados se chamava Al-Cassim, logo pretenderam a ascendência de Al-Cassim, o Idrissita. Na sua língua bárbara e zanatina, designam-se entre si por *"Ait el-Cassim"*, o que equivale ao árabe "filho de Al-Cassim", convencidos de que êste Al-Cassim era filho de Idris, ou filho de Muhammad e neto de Idris. Tudo o que pode ser verdadeiro nisso, se reduz a pouca coisa! Um príncipe de nome Al-Cassim teria fugido de seus Estados para refugiar-se entre os Abd-Al-Wad, mas, como teria chegado ao comando de uma tribo independente, que vivia retirada no deserto? O nome de Al-Cassim que originou êste êrro, é um nome muito comum entre os descendentes de Idris. Os Bani Zayán acreditaram reconhecer nêle o nome de seu antepassado, mas uma tal origem não era necessária a sua glória. Deviam sua ilustração e o Império que fundaram ao poderoso espírito de clã que tão fortemente impera na sua tribo. Aspirar à descendência de Ali, de Abbas ou de qualquer outro ilustre personagem, não lhes daria mais brilho e nenhuma vantagem. Autores desta filiação, foram os cortezãos e os bajuladores da dinastia dos Zayán, dando a esta lenda uma publicidade cujo desmentido exige muito trabalho. Contaram-me que Yagmoracem, filho Zayán e fundador do Império, repeliu esta falsa filiação, quando lhe foi porposta. *"Não!* disse êle na sua língua zanatina, a única que falava, *não acredito nisso! Devemos a nossas espadas, e não a semelhante origem, nossa fortuna e nosso Império! Ser descendente de Idris pode ser vantagem para a outra vida; isso sòmente a Deus compete"!* Em seguida, voltou as costas ao bajulador que lhe veio sugerir a idéia. Citemos ainda o exemplo dos Bani Saad, família que fornece chefes aos Banu Yazid, ramo da tribo de Zogba. Pretendem dever sua origem a Abu Bacr, o Verídico (sôgro de Muhammad, primeiro Califa). — Acrescentemos a esta lista os Bani Salama, chefes dos Idlelten, tribo dos Tujin, que querem ligar sua genealogia (berbere) com a dos árabes Solaim. Os Duauida, chefes da tribo dos Riah, pretendem a descendência dos Barmakis. — Contaram-me que, no Oriente, os Bani Muhanna, emires da tribo de Tay, pretendem ter origem idêntica.

Poderiamos citar inúmeros exemplos destas pretensões ineptas. Tôdas estas famílias exercem o comando supremo nas respectivas tribos, fato que por si só é suficiente para derrubar semelhantes pretensões, conforme o que estabelecemos; mais ainda, demonstra que o sangue destas famílias, conservou-se puro, e que elas sobrepujam tôdas as outras por seu espírito de classe. O leitor que queira pesar estas observações não se deixará induzir em êrro.

Não se deve incluir nesta lista o Mahdí dos Almohadas, embora se tenha dado por um descendente de Alí. Não fazia parte da família que exercia o comando na tribo dos Herga, mas, tornou-se chefe dêste povo, depois que se ilustrou por seu saber e por seu zêlo pela religião, e fez aderir à sua causa todos os ramos da grande tribo dos Masmuda. Por outro lado, pertencia a uma família que ocupava uma condição mediana entre os Herga.

## XIII CAPÍTULO

### ENTRE OS POVOS ANIMADOS DE UM FORTE ESPÍRITO DE CLÃ, A NOBREZA E A ILUSTRAÇÃO TÊM UMA EXISTÊNCIA REAL E FUNDAMENTADA; ENQUANTO NAS OUTRAS, NÃO APRESENTAM MAIS QUE A APARÊNCIA

São as belas qualidades que procuram a nobreza e a ilustração. Pelo têrmo "bait"(1) entendemos uma família que

(1) — Como o vocábulo **"bait"**, casa, tornou-se sinônimo de **"alta antiguidade, ilustração,** título senhoril, atestado, não de "vingt quartiers de noblesse" mas de um autêntico patriciado", o sábio professor da Universidade de St. Joseph, (Beirut) Padre Lammens, no-lo demonstra num magistral estudo sôbre **"O Culto dos Betilos na antiga Arábia".** Aponta-nos o sentido primitivo das fórmulas tão freqüen-

conta entre seus antepassados muitos homens de posição elevada e de certa celebridade, de tal modo que êste prestígio se reflete sôbre seus descendentes pela consideração de que gozam no meio da tribo, ainda cheia da veneração que êles souberam nela infundir, e de admiração pelas qualidades que os enobreceram. O homem nasce e propaga sua espécie; por isso, o compararam a uma mina (que contém e produz coisas preciosas). O Profeta disse: *"Os homens se parecem com as minas: os que eram os melhores antes do Islame, continuam tais sob o Islamismo, contanto que compreendam (a verdade da religião)"*. Nós empregamos o têrmo *"Hasab", ilustração* (2) para indicar uma ascendência ilustre. Já foi demonstrado que a vantagem real de uma nobre origem é possuir um grupo de amigos com cuja simpatia e dedicação se pode contar. Uma família que soube impor-se ao respeito e ao temor por sua coesão e espírito de classe, uma família que se compõe de indivíduos que pertencem a uma raça cujo sangue é puro e cuja reputação é intacta, coloca-se, por esta confraternidade de sentimentos, numa posição muito vantajosa e obtém maiores sucessos. Se contar, além disso, entre seus antepassados, grande número de personagens ilustres, exercerá uma in-

---

tes nos autores antigos, como estas: tal grupo herdou do "bait"; esta família tinha a guarda do "bait"; ao prestígio do "bait" juntaram o do número, e inúmeras outras similares. Em épocas remotas, os Árabes designavam por "bait" o túmulo do chefe, sôbre o qual o transeunte depositava uma pedra em homenagem. Mais tarde, os chefes, nas suas expedições guerreiras, "mobilisavam os "fetiches" e os simulacros da divindade do clã, que deviam presidir tôdas as operações da guerra. Ao lado da tenda familiar, o chefe armava e montava guarda a uma outra tenda, tabernáculo, santuário móvel, que abrigava o bétilo ou a efígie da divindade. Êste pavilhão, ocupava o lugar de honra nos acampamentos, e se tornava "tavu" ou haram, asilo. Aos nobres ou Achraf cabia a guarda e não a posse do tabernáculo e o bétilo que continha. Durante longas gerações, os velhos chefes, antes de morrer, aos mais dignos de seus filhos, remetiam-lhes em sinal de supremacia, o símbolo sagrado, o bait e o bétilo. (Lammens: L'Arabie occidentale avant l'Hégire, 1928, pp 1929 et passim). (Nota dos Trad.).

(2) — O têrmo "Hasab" significa pròpriamente "consideração", mas Ibn Khaldun o emprega neste capítulo e em muitos outros lugares desta obra como equivalente de Charaf (nobreza).

fluência ainda maior. Assim, a ilustração e a nobreza existem sòmente nas famílias poderosas e unidas. Uma família é mais ou menos considerada, segundo a fôrça de seu espírito de classe; e, chega até à ilustração, à medida que se impõe ao respeito.

Nas cidades, os habitantes vivem cada um por seu lado, e não possuem senão uma nobreza de convenção, não obstante pensarem o contrário e procurarem dar a suas pretensões uma tintura de probalidade. Alí, é homem respeitável quem tiver por avós gente de bem, que freqüente os homens virtuosos e que procure, na medida do possível, a paz e tranqüilidade. Isto difere muito do espírito de classe que é segredo das famílias verdadeiramente nobres e de ilustre linhagem. É por simples metáfora que se reconhece por nobre uma família estabelecida numa cidade e que teria tido na sua genealogia uma série de antepassados habituados a seguirem a trilha da virtude. Isto não é nobreza que provoca uma consideração real. Uma família chega ao primeiro grau da ilustração, graças a seu espírito de classe e às belas qualidades que demonstra; mas, tão logo deixe extinguir estas nobres qualidades, contraindo os hábitos da vida sedentária, perderá sua consideração. Ao estabelecer-se na cidade, mistura-se com a gente do povo, ao mesmo tempo que imagina que a nobreza lhe ficou intacta. Julga estar ainda ao mesmo nível das casas ilustres cujos membros estão prontos a acudir uns aos outros, movidos pelo forte espírito de grupo de que são possuidos. Mas, (fora de seu meio natural) esta família, perdendo todo o espírito de grupo, perde também o direito à nobreza. Muitos citadinos que passaram a infância debaixo da tenda, quer entre Árabes nômades, quer entre povoações de outra raça, deixam-se tentar por estas sugestões do amor próprio e se afiguram nobres. É entre os Israelitas notadamente que êste sentimento é profundamente enraizado. Pertencem à família mais ilustre da terra; contam entre seus ascendentes todos os Profetas e todos os Apóstolos, a começar por Abraão, até Moisés, que foi fundador de sua lei. O espírito de clã tinha sido muito forte entre êles, e chegaram a possuir um grande Império, que Deus lhes havia prometido. Mais tarde, porém, perderam tudo. Decaídos de sua alta posição, saturados de

humilhações, padeceram os castigos com que Deus os tinha ameaçado, e, exilados, dispersos por tôda a terra, ficaram, desde séculos, na servidão e na infidelidade. Não obstante tudo isso, não deixam de se aferrar a esta opinião da alta nobreza de sua raça. Ouvimo-los dizer: "Fulano é descendente de Aarão; sicrano é da posteridade de Josué; beltrano é da linhagem de Caleb; êste outro pertence à tribo de Judá", e isto, depois de terem perdido todo espírito de corpo e vivido na degradação durante tantos séculos. Estas loucas pretensões à nobreza existem, não sòmente entre os Judeus, mas ambém, entre um grande número de citadinos pertencentes a outras raças, cujas famílias não têm entre si o mínimo espírito de grupo.

Devemos apontar aqui um êrro de Abul Walid Ibn (Averroés). No *Tratado de Retórica,* que faz parte do "Comentário Médio" que compôs sôbre a "Ciência Primeira"(3), fala da ilustração e diz que uma família nobre é a que está estabelecida desde muito tempo numa cidade; mas a verdade que

(3) — Na ed. de Boulac o texto diz: Kitab al Muallim al Awal; nos MS, lê-se: "Kitab al Ilm al-Awal". Esta última leitura é a melhor. Trata-se do conjunto completo dos Tratados que compõem o Organon de Aristóteles, assim como do **"Tratado da Lógica"**, ciência à qual êle liga a Retórica e a Poética. A Retórica e a Poética fazem sempre parte das obras lógicas na classificação dos Sírios e dos Árabes). — Na biblioteca de Florença acha-se um exemplar do **Comentário Médio (talkhis) sôbre o Organon** ,devido a Averroés. (Cf. Renan: Averroés et l'Averroïsme, p. 82, 2.º ed. A passagem de Averroés a que alude Ibn Khaldun neste parágrafo, se refere provàvelmente ao texto seguinte da **Retórica** de Aristóteles: Um indivíduo é nobre, pelos homens ou pelas mulheres, quando êle descende legìtimamente de uns e de outros e quando seus primeiros autores se fizeram conhecer por sua virtude, suas riquezas, ou por qualquer outra coisa que os homens honram, e quando também sua família contou um grande número de personagens ilustres, homens e mulheres, jovens e velhos. (Liv. I, Cap. 5). Temos de Averroés uma paráfrase da **Retórica,** vertida para o latim e impressa pelas Juntas, tômo II; mas não contém nada que corresponda a esta passagem do Stagirita. Parece haver alguma lacuna de algumas linhas. Na tradução árabe da Retórica, sôbre a qual Averroés trabalhou, a palavra "eugeneia" era provàvelmente traduzida por **"hasab", consideração.** Em todo o caso, a refutação de Ibn Khaldun estende-se tanto a Aristóteles como ao comentador árabe.

acabámos de expor escapou-lhe. Gostaria de saber qual a vantagem que uma família pode retirar do fato de uma longa estadia numa cidade, quando falha dêste espírito de corpo que lhe assegura o respeito e a obediência? O autor a que nos referimos faz certamente consistir a ilustração no grande número dos antepassados. Acrescentarei que a Retórica (que lhe serve de tema para seu comentário) tem apenas em vista convencer os homens que se queira atrair para sua opinião, isto é, as pessoas detentoras do poder; enquanto que os que não são tidos em nenhuma consideração, não podem exercer nenhuma influência, e, não se procura mesmo exercer qualquer influência sôbre esta gente. A esta categoria, pertencem os citadinos, habituados à vida das cidades. Mas, como Averroés tinha passado sua mocidade numa cidade e no meio de um povo que não conservava já o mínimo espírito de classe e que não conhecia dêste nem a natureza nem os efeitos, o (ilustre) escritor continuou apegado à opinião comum, no que diz respeito à nobreza e à consideração que se lhe deve, admitindo o que todo o mundo admite, que estas vantagens se devem ao grande número de antepassados, esquecendo-se de aprofundar a natureza do espírito de classe e a influência que exerce sôbre os homens. *Allah é o mais sábio de todos.*

## XIV CAPÍTULO

### NOS CLIENTES E OUTROS BENEFICIÁRIOS DAS FAMÍLIAS DE AUTÊNTICA NOBREZA, ILUSTRAÇÃO E NOBREZA DEVEM-SE À REPUTAÇÃO DOS PATRONOS E NÃO À PRÓPRIA ORIGEM

Acabámos de apontar que a nobreza real e com fundamento é exclusivamente apanágio das grandes casas cujos membros são animados de espírito de classe. Uma família que admite estranhos no seu seio, que liberta seus escravos e

favorece seus clientes, forma para si partidários devotados. Assemelhando-se êstes, pelos sentimentos e pelos hábitos, aos membros da família, participam do mesmo espírito de classe que ficou, por assim dizer, o dêles e que os torna filhos da mesma casa. Por isso, o Profeta disse: *"O cliente de uma família é membro desta família; seja êle cliente por alforria, ou por adoção, ou por convenção e compromisso, êste direito lhe pertence"*. Ao incorporar-se numa outra família, a nobreza da família de origem não se conta mais por nada, por diferirem os interesses da família em que ingressou dos da família originária. Assim, o estrangeiro que se filia a uma tribo esquece os liames de parentesco e os sentimentos que o prendiam à sua, para tornar-se efetivamente membro da casa que o quiz acolher. Se o cliente ou o protegido conta muitas gerações de antepassados filiados à mesma casa, participa êle da nobreza de seu patrono, mas nunca na mesma medida que os membros natos da família. Tal é o caso de todos os clientes e servidores de tôdas as famílias soberanas; devem sua nobreza à condição de clientes, aos cargos que exerciam junto do príncipe e ao número de antepassados que estiveram ao serviço da casa senhoril.

Vejamos, por exemplo, os Turcos que estiveram ao serviço dos Abbassidas; vejamos ainda os outros que os antecederam, como os Barmakis, e os Banu Nubakht, famílias que forneceram à dinastia seus vizires. Dedicados ao serviço desta ilustre casa de Abbas, alcançaram o cúmulo das honras e da consideração, cobrindo-se de glória e de real prestígio, por motivo de sua ligação íntima com a dinastia reinante pelos laços de clientela. Jafar, o Barmaki, filho de Iahya Ibn Khalid, chegou ao mais alto grau da nobreza e da ilustração, não devido a sua origem persa, mas por ser cliente do Califa Harun Al-Rachid. É assim que, em tôdas as famílias principescas, os clientes e os familiares logram a nobreza e a consideração. Se pertencerem por nascimento a uma família estrangeira, apressam-se em esquecer sua origem, em repudiá-la, não fazendo mais caso algum nem da antiguidade de sua família, nem de sua nobreza. O que êles agora apreciam é a espécie de parentesco que a condição de cliente ou de protegido esta-

tabelece entre êles e a sua nova família, cientes de que o parentesco é o elemento essencial do espírito de grupo, e que as grandes casas devem a êste espírito sua consistência e sua ilustração. Também, a nobreza e a ilustração se comunicam do patrono ao cliente; o edifício de glória erguido pelo patrão torna-se dêle também. Uma origem ilustre de nada serve aos clientes de uma casa soberana; é sòmente a sua condição de clientes, de protegidos, de alunos da família, que devem tôdas as suas honrarias. Poderiam, por sua origem, desfrutar na terra natal as vantagens que resultam do espírito de classe e do exercício do poder; mas, se êste espírito vier a se apagar, e se entrarem numa outra família, quer como clientes, quer como protegidos, é da nova família que tiram suas vantagens, por ter esta conservado seu espírito de classe, enquanto a outra o perdeu. Estas observações podem aplicar-se aos Barmakis. Sabe-se que pertenciam a uma família Persa, que tinha a seu cargo o serviço de um templo onde se adorava o fogo. Quando entraram ao serviço dos Abbassidas e ficaram seus clientes, ninguém prestava atenção à sua nobre origem, mas testemunhava-se-lhes a mais alta consideração por serem clientes e protegidos da família do Califa.

Acabamos de indicar qual é a verdadeira nobreza. Qualquer outra não passa de uma vã ilusão capaz de iludir os espíritos mal orientados. Aliás, os fatos estão aí a demonstrar que a razão está de nosso lado. *O mais nobre dentre vós é aos olhos do Senhor quem mais o teme.* (Alc. XLIX:13).

## XV CAPÍTULO

### A NOBREZA DE UMA FAMÍLIA ATINGE SEU PONTO CULMINANTE DEPOIS DE QUATRO GERAÇÕES (1)

O Mundo formado dos quatro Elementos e tudo o que encerra como criaturas, é suscetível de corrupção, tanto na

(1) — A palavra "Nihayat" significa: têrmo, ou o mais alto grau,

sua essência como nos seus acidentes (2). Também as coisas e os seres das diversas categorias, tais como os minerais, as plantas e todos os animais, sem excetuar o homem, se transformam e se corrompem a olhos vistos. Acontece o mesmo com os fenômenos que o Mundo oferece à nossa observação. Vê-se isto principalmente no homem: as ciências, assim como as artes e tôdas as coisas desta natureza, nascem para desaparecerem em seguida. A nobreza e a ilustração, meros acidentes da vida humana, padecem inevitàvelmente da mesma sorte e acometimento. Entre os homens não se acha um só cuja nobreza ascenda, através de uma série ininterrupta de antepassados, até Adão. Exceptuamos todavia o nosso Profeta, que recebera esta distinção como marca de honra e para que a verdadeira nobreza fosse conservada no mundo. O estado que precede o de nobreza pode ser designado pelo têrmo de "exclusão", o que significa: estar posto fora do comando e das honras e ser privado de atenções e de consideração. Nós entendemos com isso que a existência da nobreza e da ilustração é precedida por sua não existência, assim como acontece para tudo o que tiver começo. A nobreza chega a seu têrmo passando por quatro gerações sucessivas, conforme vamos explicar.

O homem que fundou a glória da família sabe bem por que meios chegou a tanto; também conserva êle sempre intactas as qualidades que lhe proporcionaram a ilustração e que a mantém. O filho, sucedendo ao pai, aprende dêste como se deve conduzir; mas, não o sabe de uma maneira completa; quem ouve contar um fato não o compreende tão bem como a testemunha que o viu. O neto sucede ao comando e se contenta com seguir os traços do predecessor, tomando-o por

---

como também: desfêcho, perfeição. O autor não distinguiu sempre êstes dois últimos significados. Aqui, como nos capítulos seguintes, emprega êle os vocábulos: nihayae, gayat, kamal, umas vêzes para significar "completar", dar os últimos retoques, outras vêzes para dizer extinguir-se, deixar de existir. Esta confusão reveste seus argumentos de algo capcioso e falso.

(2) — Na ed. de Boulac consta: hiatat al sirr fihi, isto é: para que o seu segredo fosse guardado. No MS. de Paris há "Charafia", nobreza, o que tem mais sentido.

modêlo único. Mas êle não faz as coisas tão bem como seu predecessor, visto o simples imitador ficar sempre abaixo de quem trabalha com esfôrço. O bisneto, sucedendo por sua vez e deixando o caminho seguido por seus maiorais, não conserva mais nada das nobres qualidades que serviram de fundamento à ilustração de sua família; êle se atreve mesmo a desprezá-las, imaginando que seus antepassados alcançaram a glória sem se dar ao mínimo trabalho ou esfôrço. Afigurando-se que foi só pelo fato do nascimento que êles possuiram o poderio desde sempre e necessàriamente, deixa-se iludir pelos sinais de respeito que lhe manifestam, e não quer conceber que sua família tenha chegado ao poder devido a sua fôrça de coesão e às nobres qualidades que possuia. Desconhecendo a origem da grandeza dos seus maiores, desconhece-lhes as causas verdadeiras, atribuindo ao nascimento o poder que exerciam. Assim iludido, êle se coloca, por sua soberbia, numa posição que o isola dos partidários e dos guerreiros cujo espírito de classe é o sustentáculo da dinastia. Acostumado desde a infância a dar-lhes ordens, fica convencido da própria superioridade, e nem lhe passa pela cabeça que esta obediência tenha sido motivada pelas grandes qualidades exercitadas por seus predecessores para domar todos os espíritos e ganhar os corações. Suas tropas, indispostas pela falta de consideração que lhes demonstra, começam por lhe faltar ao respeito; em seguida, indo mais longe, mostram-lhe desprêzo; para depois tratarem de substituí-lo por um outro chefe, que tomam num ramo da mesma família. Agindo dêste modo, as tropas mostram que a família dominante impõe sempre seu espírito de classe, fato êsse já por nós assinalado. Mas o indivíduo que escolhem é aquêle cujo carácter lhes é mais conveniente. Então o novo ramo favorecido prospera ràpidamente, enquanto o outro fenece, acabando por perecer.

Isto dá-se com tôdas as famílias e dinastias, tanto as que governam as tribos, como aquelas outras cujos chefes ocupam grandes comandos, como, também, entre os povos de um espírito de coesão bem pronunciado. Quanto às famílias estabelecidas nas cidades, a decadência se apodera delas e seu antigo lugar é preenchido por famílias colaterais. *Se Allah quisesse, Êle vos faria desaparecer e vos substituiria por nova*

*geração; para Êle isso nenhuma dificuldade constituiria.* (Alc. IV:132).

A tese de que a nobreza de uma família subsiste durante o período de quatro gerações é geralmente certa, ainda mesmo que certas casas tenham decaído e desaparecido antes de deixarem rebentos da quarta geração. Outras tiveram uma quinta ou sexta geração, mas já estavam em decadência e prestes a desaparecer. Formulou-se a condição de quatro gerações, por compreender êste número o fundador, o conservador, o imitador e o destrutor. E, com efeito, não poderia ser menos. Nos elogios e nos panegíricos, encontramos êste número de quatro servindo para indicar o mais alto grau de nobreza de uma família. Nosso Profeta disse: *"O nobre, filho de nobre, filho de nobre, filho de nobre, é José, filho de Jacob, filho de Isaac, filho de Abraão"*. Êste texto indica claramente que José atingiu o grau mais alto da nobreza. No Pentateuco acha-se uma passagem que significa o seguinte: *"Eu sou teu Senhor; sou poderoso e zeloso; eu me vingo das culpas dos pais castigando os filhos até à terceira e à quarta geração"* (3). Isso demonstra também que, na genealogia de uma família, quatro gerações são suficientes para locupletá-la de nobreza e de consideração. Lêmos no *Kitab Al-Agani,* no Capítulo em que conta a história de Úayf-al-Qawafi (4), que Kisra Nuschi-

---

(3) — O equivalente dêste têrmo não se acha no texto hebraico do versículo citado por Ibn Khaldun. Falta igualmente no texto samaritano, na versão dos Setenta, na tradução árabe de Saadia, na tradução árabe de Alexandria, na tradução árabe do Pentateuco publicada por Erpenius, e nas três outras traduções árabes existentes na Biblioteca Nacional de Paris. Sòmente a Vulgata fornece êste texto aqui reproduzido. Isso leva De Slane a pensar que Ibn Khaldun possuia uma tradução árabe do Pentateuco feita sôbre o texto da Vulgata. (Nota dos Trad.).

(4) — Úayf, filho de Moawia, filho de Hisn, pertencia a uma das mais nobres famílias da Arábia. Apelidaram-no de Úayf-al--Qawafi, isto é: o pequeno Auf das Rimas, porque, nos seus versos, se vangloriou de achar com facilidade boas e ricas rimas. Eis um de seus versos:

سأكذِب مَن قد كان يزعم انني اذا قُلتُ قَولاً لا اجيد القوافيا

"Desmentirei quem pretender que, nos meus versos, não sei escolher

ruan perguntou ao Núman (seu filarco árabe) se, entre as tribos árabes, existiam algumas que ultrapassavam as outras pela ilustração. Recebendo uma resposta afirmativa do príncipe árabe, o rei persa indagou em que consistia esta ilustração. Núman respondeu-lhe nestes têrmos: Uma tribo é já nobre por ter tido como chefes sucessivos o pai, o filho, e o neto; passando o comando para o bisneto, nada falta para a ilustração desta tribo". No caso, era à própria tribo que êle se referia. O rei, ordenando que se fizessem indagações a êste respeito, chegou a saber que as únicas famílias que gozavam dêste privilégio eram: a de Hodaifa Ibn Badr Al-Fizari, da tribo de Caïs; a de Hajib Ibn Zorara, da tribo de Tamim; a de Dul Jiddain, da família de Chaiban; e enfim a de Al-Acháth Ibn Caïs, da tribo de Kinda. Kosroés, mandou vir à sua presença êstes chefes e todos os que lhes serviam de séquito habitual, e encarregou uma assembléia de juizes de apreciar seus direitos respetivos. Hodaifa foi o primeiro a se apresentar; Al-Acháth foi o segundo, visto seu parentesco com Núman; depois dêle, foram sucessivamente introduzidos Bastam Ibn Caïs, o Chaibanita; Hajib Ibn Zarara e Caïs Ibn Asim. Todos êstes chefes pronunciaram discursos muito elegantes, e o Rei (dos Reis) declarou que cada um dêles era um verdadeiro senhor digno da alta posição que ocupava. A ilustração destas famílias tornou-se proverbial entre os Árabes, não sendo sobrepujada senão pela nobreza dos Banu Hachim (5). Acrescentaram a esta lista, os Banu Al-Dubian, família que formava um ramo de grande tribo Yamanita, cujo tronco ancestral era Al-Harith Ibn Ka'b.

De tôdas estas indicações resulta que quatro gerações completam a nobreza de uma família. Aliás, é *Allah quem mais sabe.*

---

as melhores rimas". Êste poeta foi contemporâneo de Al-Hajjaj Ibn Iussuf; cf, Kitab Al-Agani, Tomo 17, p. 105 ss, edição de Boulac. (Nota dos Trad.).

(5) — A família a que pertencia Muhammad. Hachim era seu bisavô.

## XVI CAPÍTULO

### AS TRIBOS SEMI-SELVAGENS SÃO MAIS CAPACITADAS QUE OS OUTROS POVOS PARA FAZER CONQUISTAS

Visto que a vida do deserto inspira e incute mais coragem que a vida das cidades, como se viu no Terceiro Discurso Preliminar (1), os povos semi-selvagens devem ser mais valentes e corajosos que os outros. Com efeito, possuem êles todos os meios de que se precisa quando se trata de fazer conquistas e despojar os outros povos. Todavia, o carácter de tôda tribo (nômade) se transforma com o tempo. Quando estas tribos se estabelecem nos terrenos férteis dos planaltos e se deixam entregar à vida de fartura e de moleza, que estas regiões lhes proporcionam, então, a sua coragem esmorece à medida que se vai enfraquecendo e diminuindo sua ferocidade e a rudeza de seus costumes adquiridos com seu convívio no deserto. Comparai os animais selvagens com os animais domésticos; reparai como os bois selvagens e os onagros perdem seu carácter feroz e violento quando já acostumados à sociedade dos homens e a uma alimentação abundante. A mudança se nota até nos seus movimentos e na côr de seu pêlo. Os povos selvagens mudam igualmente de carácter quando amansados por um estado de civilização mais avançado. Esta modificação está na natural disposição do homem, que se deixa moldar pela fôrça do hábito. As conquistas efectuam-se pela audácia e pela bravura; e todo o povo habituado à vida nômade e à rudeza de costumes que se adquirem no deserto, fàcilmente chegará a vencer um outro povo mais civilizado, mesmo que êste lhe seja igual em número e possua igual fôrça e espírito de grupo. Reparai o que aconteceu com as tribos árabes descendentes de Mudar, quando vieram pelejar contra os

---

(1) — O autor se refere certamente ao Capítulo V da Parte I, e não ao II Discurso Preliminar. (Nota dos Trad.).

*Himyaritas* e os *Kalanitas* (2), povos que, antes delas, tinham chegado a fundar Impérios e que viviam na abundância. Olhai como elas subjugaram os povos de *Rabi'a*, estabelecidos nas ricas planícies do Iraque. Tendo permanecido nos seus desertos enquanto que os *Rabi'a* e outras tribos foram viver na abastança naquelas regiões afortunadas, investiram contra êstes com tanto vigor e denôdo que sòmente a vida nômade poderia comunicar-lhes, acabando por despojá-los de tôdas suas possessões. A mesma reserva de energia guardaram os *Banu Tay*, os *Banu Amir Ibn Sa'sa'a* e, mais tarde, os *Banu Sulaim Ibn Mansur*. Quando da partida dos Mudaritas e das tribos do Iaman, êles se conservaram nos seus desertos e não tiveram nenhuma parte das vantagens temporais que os referidos povos tiveram de suas conquistas. Mas a vida do deserto conservou nêles o espírito tribal e os preservou contra a influência debilitante do luxo; também, tornaram-se mais poderosos que os Mudaritas, arrebatando-lhes a soberania (3). Tôda a tribo árabe que desfruta de bem-estar e vive na abundância, com exclusão da outras tribos, está sujeita à mesma sorte e destino. Quando os dois partidos se equivalem pelo número e pela fôrça, quem estiver mais acostumado à vida nômade, deixando temperar a alma e o corpo pelo deserto, terá a vitória na mão. *É a norma que Deus traçou para suas criaturas.*

---

(2) — Trata-se da conquista do Iaman pelas tribos Mudaritas no ano XI da Hegira.

(3) — Primeiro, na própria Arábia, onde se aliaram ao partido dos Carmatas; depois, no Magrib ou Mauritânia. Na sua História dos Berberes (Cf, Tomo I da trad. fr. feita por De Slane), Ibn Khaldun dedicou muitos capítulos a estas tribos, principalmente no que se refere a seu estabelecimento e conquista do norte africano. Na edição árabe, e raríssima, de Boulac, os Tomos VI e VII estão dedicados às tribos árabes que penetraram no Magrib. (Nota dos Trad.).

# XVII CAPÍTULO

## O ESPÍRITO DE CLÃ OU DE GRUPO CONDUZ À POSSE DA SOBERANIA

Temos já dito que o espírito de clã ou de grupo é o meio pelo qual os homens garantem a defesa mútua, rechaçam o inimigo, se desforram das ofensas e realizam os projetos que necessitam esfôrço comum. Qualquer sociedade de homens tem necessidade de um chefe para manter nela a ordem e impedir que uns agridam aos outros. A premência que há de um tal moderador resulta da própria natureza da espécie humana. Êste chefe deve ter um partido forte em que se apoie; do conrário, faltar-lhe-ía a fôrça para dominar os espíritos. O poder que exerce a soberania, autoridade muito superior à de um chefe de tribo, não possuindo êste senão fôrça moral, pode convencer os seus de acompanhá-lo, mas, não tem o poder de constrangê-lo a executar suas ordens. O soberano domina seus súditos e os obriga a respeitar-lhe as vontades pela fôrça de que dispõe. Se o chefe de um povo acerta em se fazer obedecer quando manda, entra no caminho da dominação e do uso do constrangimento, caminho que não mais abandona, tão grande é o atrativo do poder sôbre os homens. Para chegar ao que almeja, recorre ao mesmo grupo de subordinados cuja ajuda lhe assegurou a obediência de seu povo. Vê-se, pois, que a soberania é o têrmo a que leva o espírito de grupo e de clã. Numa grande tribo constituída de numerosas grandes famílias, cada uma com seus interesses particulares, é de necessidade que uma delas sobrepuje as outras por seu espírito familial e reúna as outras num só feixe. Tôda a tribo, então, forma um só partido. De outro modo, lavra a desunião no seio da comunidade, resultando daí contestações e disputas. *"Se Deus não refreasse os homens uns contra os outros, a terra, certamente, estaria perdida"*. (Alc. II:252). Um povo cujo chefe chegou a dominá-lo valendo-se do apoio do partido que o sustenta no poder,

êste povo se deixa levar, por um movimento natural, a dominar outra gente que lhe é estranha e que tem seu próprio espírito de clã. Se o povo que se pretende atacar fôr igual em fôrça ao atacante, e possuir os mesmos meios de defesa e de resistência, êstes povos tornam-se rivais e antagonistas, ficando cada um senhor de seu território. Isso acontece com tôdas as tribos e com todos os povos da terra. A tribo que consegue dominar outra ou fazer-se por ela obedecer, a absorve no seu seio e aumenta assim as próprias fôrças. Olha, então, para meta mais alta e, tomada de uma ânsia de conquista e de dominação, atinge um grau de poderio que a coloca em estado de lutar contra a dinastia reinante. Se esta dinastia está começando a decair e não pode contar com a dedicação dos chefes do partido que a apoia, sucumbe na luta, deixando ao vencedor a posse do império. Ao contrário, se esta tribo, depois de adquirir tôda a sua fôrça, se achar em frente de uma dinastia que não sente ainda as injúrias da caducidade e que tem necessidade de se apoiar sôbre gente dotada de espírito de classe, entra então ao serviço desta família para serví-la e ajudá-la em tôdas suas emprêsas. Então forma-se, abaixo do poder soberano, um novo poder. Foi o que aconteceu com as tropas turcas que entraram ao serviço da dinastia dos Abbassidas; o mesmo caso se reproduzindo com os Sanhaja e os Zanata, que combateram contra os Kitama (principais sustentáculos da dinastia Fatimita). Um outro exemplo nos é oferecido pelos Banu Hamdán (soberanos de Alepo e Norte da Síria), que combateram igualmente contra os Chiitas (Fatimitas do Egito) e os Abbassidas (de Bagdá). Tudo isso serve para demonstrar que o espírito de clã conduz à conquista do império. A tribo em que domina êste espírito se apodera da autoridade suprema, quer por meio de conquista, quer entrando ao serviço da dinastia reinante. Tudo depende do estado das coisas no momento. Uma tribo, que se torna forte, ao encontrar obstáculos que a impedem de alcançar seu objetivo, deve ficar na posição que ocupa e esperar que Deus queira cumprir sua vontade.

## XVIII CAPÍTULO

### UMA TRIBO ENTREGUE AOS PRAZERES DO LUXO TORNA-SE INCAPAZ DE FUNDAR UM IMPÉRIO

Uma tribo que logrou certa potência por seu espírito de grupo chega sempre a atingir certo gráu de abastança correspondente ao progresso de sua autoridade. Chegando ao mesmo nível que os povos que vivem no desafôgo e bem-estar, como êles goza também das comodidades da vida; entra ao serviço do império e, à medida que adquire mais poderio, mais cresce seu apetite dos prazeres materiais. Quando a dinastia reinante possui bastante fôrça para tirar aos rivais a esperança de arrebatar-lhe o poder, êstes aquietam-se, resignando-se a suportar-lhe a autoridade. Conformados, contentam-se com os favores que o govêrno lhes autorga, satisfazendo-se com certa porção dos impostos com que os quer gratificar. Desde então, não mais nutrem a veleidade de lutar contra a dinastia ou de munir-se de meios para derrubá-la. Sua única preocupação é manter-se na abastança, ganhar dinheiro e levar uma vida agradável e de sossêgo à sombra da dinastia. Ostentam atitudes de grandeza, edificam palácios, trajam vestimentas riquíssimas e de grande variedade. À medida que se lhes avolumam as riquezas e aumenta o bem-estar, com mais afinco procuram o luxo e com mais ardor se entregam aos gozos que a fortuna proporciona. Perdem, assim, os hábitos de austeridade da vida nômade, não conservando nem o espírito tribal nem a bravura que os distinguia outrora, pensando sòmente em saciar-se dos bens com que Deus os cumulou. Seus filhos e netos criam-se e crescem no seio da opulência. Altivos demais para se servirem a si próprios e tratar dos próprios afazeres, aborrecem todo o trabalho capaz de lhes conservar o espírito de grupo e de união tribal. Êste estado de indolência e de descuido torna-se nêles como uma segunda natureza, que se transmite à nova geração, e assim

por diante, até o espírito de classe se extinguir entre êles, anunciando-lhes a ruína. Quanto mais entregues aos hábitos do luxo, mais afastados se vêem da potência soberana e mais céleres correm para sua ruína. Com efeito, o luxo e os prazeres aniquilam completamente o espírito de grupo que conduz à soberania. A tribo que o perdeu, não tem fôrça para atacar seus vizinhos; não sabe nem defender-se, nem proteger seus amigos; sem fôrça nem apoio, tornou-se a prêsa fácil de qualquer outro povo. Tudo isso demonstra que o luxo, desde que introduzido numa tribo, (aniquila-lhe as fôrças), e a impede de fundar qualquer império. *Allah outorga a soberania a quem êle quer.* (Alc. II:248).

## XIX CAPÍTULO

### UMA TRIBO QUE VIVE NO AVILTAMENTO E NA SUJEIÇÃO É INCAPAZ DE FUNDAR UM IMPÉRIO

Nada como o aviltamento e a sujeição para quebrantar as energias de uma tribo, aniquilando nela todo o espírito de grupo. Significa mesmo tal degradação o desaparecimento total dêste espírito. Não podendo livrar-se dêste aviltamento, não tem mais coragem de se defender, e, com mais razão fica impossibilitada de resistir aos inimigos ou de os atacar. Sirva-nos de exemplo a pusilanimidade dos Israelitas quando o profeta Moisés os chamou para a conquista da Síria, anunciando-lhes que o Senhor, de antemão, lhes tinha assegurado o sucesso das armas. Responderam-lhe: *"É um povo de gigantes que habita êste país, e nós sòmente nêle entraremos quando êle sair!"* (Alc. V:25 e ss). Com isso queriam dizer: Até que Deus os faça sair por um ato de seu poder e sem nenhuma participação de nossa parte; seria isso um de teus grandes milagres, ó Moisés! Quanto mais o Profeta os conclamava, mais se obstinavam na sua desobediência: *"Ide, tu e teu Senhor, e combatei por nós!"* (Alc. V:27). Para esta

gente se expressar desta maneira, quanto deveriam estar penetrados de sua própria fraqueza! e quanto se reconheciam incapazes de atacar qualquer inimigo ou de resistir-lhe! É justamente isso que a passagem do Alcorão quis sublinhar e ressaltar, assim como as explicações tradicionais que os comentadores recolheram. Esta falta de coragem era o resultado da vida de servidão a que foi êste povo submetido durante séculos; tinha ficado bastante tempo sob o jugo egípcio para perder completamente todo espírito de corpo. Aliás, Israel não acreditava sinceramente na sua religião. Quando Moisés anunciou aos judeus que a Síria lhes pertenceria, assim como o reino dos Amalecitas, cuja Capital se chamava Jericó; quando receberam a segurança de que êste povo lhes seria entregue como prêsa segundo ordem de Deus, recuaram perante a emprêsa, profundamente convictos de que, depois de uma vida passada nas humilhações como êles passaram, não seriam capazes de atacar o inimigo. Tiveram a ousadia, mesmo de escarnecer das palavras de seu Profeta e de resistir às suas ordens. Também, Deus impôs-lhes o castigo de extraviá-los, isto é, de deixálos vaguear durante quarenta anos no deserto que separa o Egito da Síria. (Cf. Alc. V:29 e ss). Foi-lhes impossível, durante êste longo tempo, retirarem-se numa cidade ou fixarem-se num lugar habitado, (escorraçados), de um lado, pelas fôrças dos Amalecitas, e, de outro, pelo poderio dos Coptas do Egito, e, impossibilitados de combaterem uns e outros. Os versículos que acabámos de citar têm um alcance fácil de se compreender: o castigo pelo extravio visava dar cabo de tôda a população saída da opressão, da humilhação a que, à fôrça, tinha sido submetida em terra do Egito, população sem energia, que se tinha resignado à degradação e que tinha perdido o sentimento da independência. Para substituir esta geração, precisava-se de uma outra, criada no deserto, desconhecendo a humilhação e ignorando a dominação de uma dinastia estrangeira e o jugo do despotismo. Devido a esta disposição da Providência, um novo espírito de grupo nasceu entre os Israelitas, que os tornou aptos a atacar e a vencer. Tudo isso demonstra que, para deixar extinguir-se uma geração e substituí-la por outra, é preciso, pelo menos, um período de quarenta anos. Glória

ao Ser sábio e prudente! — O que acabamos de expor fornece a prova cabal da importância extrema que se deve ligar ao espírito de grupo: o sentimento que impele à resistência, a rechaçar o inimigo, a proteger os amigos, a vingar as injúrias. Povo falho dêste espírito é povo incapaz de qualquer coisa que valha.

## XX CAPÍTULO

### UMA TRIBO SE AVILTA QUANDO CONSENTE EM PAGAR TRIBUTOS E CONTRIBUIÇÕES

Uma tribo jamais consente em pagar impostos enquanto não se resignar às humilhações. Os impostos e as contribuições são um fardo vergonhoso, que repugna aos espíritos altivos. Todo o povo que prefere pagar um tributo a afrontar a morte, perdeu muito dêste espírito de grupo que leva a combater seus inimigos e a fazer valer os próprios direitos. Se fôr êste espírito fraco demais para combater contra a opressão, como poderia êle levar a tribo a resistir aos ataques e lavar as injúrias? Um tal povo já se condenou à degradação, aceitando-a; é isto suficiente para impedí-lo de fundar um império, como já se observou. Lemos no SAHIH d'Al-Bukhari, no *Capítulo da Agricultura,* que o Profeta, ao cair seu olhar sôbre uma rêlha de arado numa casa de certo adepto seu, medinês, pronunciou estas palavras: *"Estas coisas não penetram numa casa sem que o aviltamento penetre ao mesmo tempo na alma dos seus donos"* (1). Prova evidente de

(1) — Ver na II Parte, Cap. "Agricultura, meio de subsistência": Al-Bukhari entende que as palavras do Profeta devem ser entendidas como uma advertência contra "um abuso", um apêgo demasiado à agricultura, que êle insere debaixo do título seguinte: "Das conseqüências que se devem temer quando se ocupar em demasia de instrumentos agrícolas, ultrapassando os limites que se devem respeitar" Cf. II Parte Cap. 8.

que os tributos degradam os povos. Acrescentamos que esta humilhação traz consigo os hábitos de fraude e de dolo que nascem sob um poder coercitivo. Ainda no SAHIH lemos que o Profeta exclamou certa vez: *"Deus nos guarde dos impostos"!* Quando se lhe perguntou porque assim exclamava, respondeu: *"O homem que paga um imposto fala e diz mentiras; promete para não cumprir"*. Tôdas as vêzes que se vê uma tribo submetendo-se ao regime do imposto e levando ao pescoço o laço da servidão, tem-se a certeza de que jamais esta tribo chegará a fundar um império. As indicações que precedem chegam para refutar a asserção de que os Zanata do Magrib eram um povo de pastores (chawia) que pagava imposto para a dinastia reinante. Eis aí um êrro cuja falsidade salta aos olhos. Se êste povo tivesse sido tributário, jamais teria conseguido alçar seus chefes sôbre o trono, nem fundar um império. Considerai as palavras que Chahr Beraz, rei de Al-Bab, dirigiu ao general Abd-Al-Rahman Ibn Rabi'a, que tinha vindo para atacá-lo: Depois de se comprometer a servir ao general árabe mediante uma anistia para seu povo, disse: "Desde hoje estou na conta dos vossos; dou-vos a mão; nossos sentimentos serão idênticos aos vossos. Sêde bem-vindos! e que a bênção de Deus repouse sôbre vós e sôbre nós! Em lugar de capitação, dar-vos-emos o apoio de nossas armas e nosso concurso devotado. Mas poupai-nos a humilhação de pagar um tributo; vós nos tirareis a fôrça de combater vossos inimigos". As observações que acabámos de expor bastam para o leitor inteligente.

## XXI CAPÍTULO

### UMA DAS CARACTERÍSTICAS DA SOBERANIA É A DISTINÇÃO DEVIDA ÀS NOBRES QUALIDADES; SEM VIRTUDES NÃO SE CHEGA AO PODER

Temos dito que a soberania é, para o homem, uma instituição natural. O homem é levado mais para o bem que para o mal; deve esta inclinação a uma disposição inata e à influência de suas faculdades racionais e intelectuais. Derivam as suas más qualidades de sua natureza animal; mas, como homem racional, é inclinado para o bem. É óbvio que as belas qualidades existentes no homem têm grande relação com a faculdade de governar e de administrar, porque existe uma relação íntima entre o bem e o direito de comandar. Temos já dito que a glória e o poderio, para serem reais, devem enraizar-se no espírito de tribo e de família, e devem desabrochar em nobres qualidades, que tornariam perfeitos esta glória e êste poderio. Como a soberania é o têrmo a que conduz o espírito de grupo, é o têrmo também onde chegam as influências secundárias, isto é, as nobres qualidades que lhes servem de complemento. Sem estas qualidades complementares, seria o espírito de grupo semelhante a um homem a quem se tivessem cortado braços e pernas, ou parecido com êste outro que comparecesse no meio do povo em estado de nudez absoluta. Uma casa ilustre que conservasse o espírito de grupo sem se distinguir, sem se destacar por suas qualidades dignas de louvor, não gozaria de nenhuma consideração. Que dizer então de igual família que exercesse a soberania, têrmo e fim supremo a que teriam alçado o poderio e a fama? A soberania, mais que nenhuma outra coisa, precisa de virtudes à sua altura.

Aliás, o comando e a soberania foram instituidos para proteção dos homens, para representar sôbre a terra a autoridade de Deus, cumprindo suas determinações. Ora, o Senhor,

em tôdas as suas decisões, tem em vista o bem de suas criaturas e sua felicidade, fato cuja prova suficiente é a própria lei divina. As decisões que trazem o mal são provenientes da ignorância e do demônio, que procura sempre contrariar o poder e os desígnios de Deus. É Deus que é o autor, não só do bem, mas também do mal, repartindo ambos segundo sua vontade, e não existe outro agente fora dêle. Um homem com partido bastante forte para assegurar-lhe o poderio e que demonstra possuir as virtudes que se exigem dos homens que governam os outros, segundo as leis de Deus, é digno de representar a Providência sôbre a terra e de garantir a felicidade dos mortais. O argumento que aqui apresentamos é melhor que o precedente e se oferece sob uma forma mais clara.

Resulta do que acabámos de expor que, se um homem tiver por sustentáculo um partido muito poderoso, as nobres qualidades de que der prova demonstrarão sua aptidão para fundar um império. Se examinarmos a história dos chefes dos partidos que subjugaram povos e conquistaram reinos, acharemos sempre nêles o desejo de se ilustrar pelas qualidades mais louváveis. Mostram-se generosos, cheios de indulgência pelas faltas alheias, sempre prontos a acudir aos fracos, a acolher os hóspedes, a desafogar os opirmidos e a fornecer aos pobres o que lhes falta. Vêmo-los prodigalizar o dinheiro em defesa de sua honra e para glória da religião. Cheios de deferência e de consideração para com os sábios (ulema), que são os alicerces da fé, norteiam-se, em tudo, de conformidade com as prescrições dêstes doutores; depositam uma grande confiança nos homens religiosos, e acreditam que a presença dos devotos e suas orações trazem a felicidade; são cheios de modéstia na presença dos velhos, e os tratam com deferência e profundo respeito; estão sempre prontos a atender a queixas e reclamações, a administrar a justiça, não a denegando aos fracos nem aos próprios adversários; dando generosamente seu dinheiro para socorrer os infelizes, atendendo às súplicas dos oprimidos, conformando-se com as prescrições da lei divina, cumprindo com todos os deveres da religião, que êles sustentam de tôdas as maneiras, abstendo-se de tôda a fraude, embustes, perfídia e de todos

os atos que implicam má fé. A êste (quadro) poderíamos acrescentar ainda outros traços. Mas bastam êstes para que se reconheça nêles a imagem dos homens feitos para o comando, não apenas do próprio povo, mas do mundo. Esta disposição feliz, vem-lhes da parte de Deus e é maior ou menor segundo a fôrça de seu patriotismo e a grandeza de sua ambição. A soberania não lhes chega às mãos por acaso ou devido a um jôgo de fortuna. De todos os bens e de tôdas as dignidades, sòmente ela convém melhor ao espírito que anima êstes homens de escol. Mostra isso que Deus lhes tinha destinado o império e os havia conduzido até êle. De um lado, quando Deus quer derrubar um império, leva seus chefes a cometerem desatinos e ações condenáveis, contraindo hábitos ignóbeis e seguindo caminhos errados. Então, a dinastia reinante perde tôdas as virtudes que a tinham tornado digna de comandar, cai na decadência e acaba por perder o império. Uma outra família toma-lhe o lugar no poder; e lembra, por sua presença, que Deus tirou aos que governavam antes dela os bens e o império com que gratificou a esta: *"E nós, quando quisemos destruir uma cidade, dirigimos nossa ordens aos que antes governavam e que viviam no luxo, e êles se apressaram a cometer abominações; assim se justificou a nossa sentença, e nós destruimos a cidade desde os alicerces"*. (Alc. XVII:17). Se o leitor quiser buscar exemplos na história dos povos antigos, encontrará o bastante para demonstrar a exatidão de nossa asserção. *"Deus cria o que lhe agrada e escolhe a seu bel prazer"*. (Alc. XXVIII:68). As qualidades que são o aperfeiçoamento do carácter do homem e que as tribos dotadas de espírito de corpo procuram no chefe, revelam-se no esmêro dêste em honrar os sábios, os homens santos, os descendentes do Profeta, as pessoas de respeito, os mercadores de diversas classes e os estrangeiros, tratando cada indivíduo conforme seu mérito. É, pois, devido a um sentimento natural que as famílias e as tribos animadas dêste espírito se apressam em honrar a gente que as iguala em nobreza ou que rivaliza com elas pelo poder de família e pela extenção da fama. Estas provas de respeito assemelham-se entre si gerâlmente pelo desejo de ilustração, ou pelo receio de ofender a família da pessoa que se acabou de receber,

ou ainda na esperança de obter dela trato igualmente honroso quando se der a ocasião disso.

Quanto às pessoas que não possuem família para se fazerem respeitar, e das quais não se espera retirar para si alguma vantagem, devem evidentemente todo trato honroso, que se lhes tributa, ao amor próprio da família que as acolhe: esta quer adquirir uma boa reputação, demonstrar possuir as qualidades perfeitas, e, dêste modo, aproximar-se o mais possível do fim almejado, que é a dominação universal. Ter atenções para com seus iguais e seus competidores constitui um dever para quem quiser dirigir as relações existentes entre as tribos e a própria. Honrar os estrangeiros que se recebem e que se destacam por seus méritos e por seu talento indica que se possui tudo o que é preciso para comandar uma grande nação. Um chefe poderoso trata com bondade os homens distintos pela santidade de sua vida, porque quer mostrar seu respeito pela religião; recebe êle com demonstrações de honra os sábios doutores, porque tem necessidade de aprender da bôca dêles os preceitos da lei; dá bom acolhimento aos mercadores para os encorajar e deixar o povo usufruir das vantagens que o comércio proporciona; proteje os estrangeiros por generosidade, ou levado por motivos particulares para atraí-los; trata, enfim, todos os homens segundo as regras da equidade e da justiça. A tribo que assim procede, movida pelo espírito de grupo, mostra-se digna de exercer uma dominação extensa, que é a autoridade suprema. Deus permitiu que se manifestem por êstes sinais externos as nobres qualidades das tribos. Também quando quer Êle retirar de um povo o poder e o império, começa por privá-lo do gôsto de honrar as pessoas pertencentes às classes que se acabou de enumerar. Tôdas as vêzes que se vê um povo repudiar hábitos tão nobres, pode-se assegurar que suas boas qualidades começam a decair e deve-se esperar a sua ruína para breve. *"Quando Allah deseja o mal para um povo, nada pode contrariar seus desígnios.* (Alc. XIII:12).

## XXII CAPÍTULO

### OS POVOS MENOS CIVILIZADOS FAZEM CONQUISTAS MAIS EXTENSAS

Dissemos algures que as nações meio-selvagens estão dotadas de tudo o que precisam para conquistar e dominar. Tais povos chegam a subjugar os outros, porque são bastante fortes para fazer-lhes a guerra, tão fortes que o resto dos homens os considera como feras. Assim são tidos os Árabes (Nômades), os Zanata e outra gente que leva a mesma vida, como os Turcos, os Turcomanos e as tribos de rosto velado (os Almoravidas) da grande família Sanhaja. Raças pouco civilizadas, não possuindo território onde possam viver na abundância, nada tendo que as ligue ao torrão natal, consideram tôdas as regiões da terra igualmente boas. Não satisfeitas de mandar no que lhes pertence e de avassalar os vizinhos, com facilidade transpõem fronteiras, invadem países limítrofes e subjugam seus habitantes. Aqui vem a propósito uma anedota do Califa Omar. Proclamado chefe supremo dos Muçulmanos, levantou-se para fazer uma arenga à assembléia e incitar os crentes à conquista do Iraque. "O Hijaz, disse, não é um lugar de habitação; mal convem a pastagem do gado; sem rebanhos, não se pode ninguém manter. Onde estão os Leitores do Alcorão? Onde estão os que emigraram em defesa da fé? Porque ficar aqui? Porque não correr até longe, atrás do que Deus vos prometeu? Ide, percorrei a terra! Deus vo-la prometeu como vossa herança! No seu livro disse: *"Farei isso para erguer a vossa religião acima de tôdas as outras, e o farei malgrado os infiéis!"* (Alc.: IX:33). Vejamos os antigos Árabes, os Tubba' do Iaman e os Himyaritas; dizem que uma vez passaram do Iaman até à Mauritânia, e, uma outra vez, foram para o Iraque e a Índia. Fora da raça árabe, não se encontra nenhum outro povo que tenha jamais feito tamanhas incursões. Reparai ainda nos Povos Velados (os Almoravidas); querendo fundar um império, invadiram a Mauritânia e estenderam seu domínio desde o primeiro Clima

até ao quinto; de um lado, viam seus lugares de percurso confinarem com os Países dos Negros; do outro, tinham sob suas ordens os reinos muçulmanos da Andaluzia. Entre êstes confins, tudo lhes obedecia. Temos aí uma amostra do que podem os povos meio-selvagens: fundam impérios de uma extensão enorme e fazem sentir sua autoridade a grande distância do país que foi o berço do seu poderio. *"Foi Allah quem determinou a sucessão das noites e dos dias"*. (Alc. LXXIII:20).

## XXIII CAPÍTULO

### TÔDAS AS VÊZES QUE A AUTORIDADE SOBERANA ESCAPA DAS MÃOS DE UM POVO, PASSA PARA AS DE UM OUTRO DA MESMA RAÇA, CONTANTO QUE ÊSTE ÚLTIMO TENHA CONSERVADO O ESPÍRITO TRIBAL

Um povo que submeteu outros povos e que fundou um império pela fôrça das armas, deve possuir chefes para governá-lo e manter o trono. Esta vantagem não poderia caber a todos, visto que o grande número de concorrentes dá lugar a rivalidades sem número e provocaria invejas impedindo muitos ambiciosos de chegar ao poder. O chefe designado para administrar o Estado, deixando-se logo depois entregue aos prazeres, vê-se mergulhar no luxo; trata seus correligionários como se fossem escravos e os obriga a esgotarem suas fôrças no serviço do govêrno. As famílias que se viram excluídas do poder e que não tiveram nenhuma parte no comando, gozam da proteção da família reinante e, resguardando-se de sua corrupção, desfrutam de seu prestígio, ligadas a ela pelos laços do sangue. Mantidos longe das seduções do luxo, garantem-se contra a decrepitude, enquanto a família reinante sofre os ataques do tempo, perde seu vigor e cai na

senilidade. Os cuidados que dedica aos negócios do império alquebrantam-lhe as fôrças. Falha de energia, torna-se o joguete da fortuna, porque, enervada pelos prazeres, esgota suas fôrças no luxo e sua fibra nos gozos materiais. Ei-la chegada ao têrmo de sua dominação administrativa e de seu progresso na civilização da vida sedentária, norma de existência natural para a espécie humana.

*"Tal o bicho-da-sêda que, tecendo a própria mortalha, vitimado pelo infortúnio, jaz no centro do que devia ser sua glória".*

As famílias excluidas do comando, conservam durante êste tempo o espírito de corpo e guardam intacta a superioridade de que sempre deram prova. Conscientes das suas fôrças, visam ao poder, do qual tinham sido afastadas por parentes mais poderosos, quando, sentindo sua inferioridade, se abstiveram de entrar com êles numa luta prematura. Uma vez tornada evidente a incapacidade dos primeiros, apressam-se a apoderar-se da autoridade suprema, para logo mais passarem pelos mesmos fenômenos sociais que os primeiros, depois que, como êles, tenham afastado do poder seus parentes longínquos. A soberania, todavia, continua ficando na família reinante, até que a família esgote tôdas as suas fôrças, ou que não tenha mais colaterais para substituí-la. *"Tal é o caminho que Deus traçou para a vida dêste mundo; quanto ao que diz respeito à outra, teu Senhor a reservou para os piedosos".* (Alc. XLIII:34). Considerai o que se passou com os antigos povos: a dinastia dos Aaditas sucumbe e seus irmãos, os Thamuditas, os substituem no poder. Desaparecendo êstes, sucedem-lhes seus irmão, os Amalecitas. Os Himyaritas, irmãos dos últimos, herdam em seguida a soberania. Dos Hymiarytas passa o poder para os Tubba', depois para os Dou (1), vindo mais tarde a cair nas mãos da raça dos Mudaritas (que acabava de abraçar o Islamismo). Na Pérsia, as coisas se passaram do mesmo modo. Depois da queda da dinastia dos Caiânios, o poder se transmitiu aos Sassanidas e ficou em suas mãos até que Deus quis que fosse

(1) — Os Dou: Dou era o título que distinguia os Reis Himyaritas; Dou Nuas, por ex.

derrubado pelo Islão. Por outro lado, o império dos Gregos cai sob o domínio de seus irmãos, os Romanos. Entre os Berberes da Mauritânia, os mesmos fatos se reproduzem. Depois da queda de suas primeiras dinastias, a dos Megrawa (em Tlemcen), e a de Kitama (no Cairuão), a autoridade passou para as mãos dos Masmuda (os Almohadas), depois para os povos de Zanata, que florescem ainda (os Abd-Ul-Uad, de Tlemcen (2), e os Merinidas, do Marrocos). *Tal a regra que Deus observa com suas criaturas e seus servidores.* Tôdas estas transformações dependem do espírito de grupo que anima cada povo e cuja intensidade e vigor varia segundo sa raças. A soberania desgasta-se no luxo; é o luxo que a derruba. Teremos mais adiante a oportunidade de demonstrar êste princípio. Uma dinastia que sucumbe deixa seu lugar a uma outra família à mesma ligada pelos laços de sangue e pelo mesmo espírito de classe, família esta que, por meio dêste sentimento patriótico, já estabeleceu sua ascendência e impôs a todos os outros partidos submissão e obediência. Quando da queda de uma dinastia, seu espírito de grupo reaparece na raça que mais se lhe avizinha pelos liames do sangue; e reaparece tanto mais forte, quanto mais íntimo fôr o parentesco e vice-versa. Mas, se vier uma revolução para implantar uma religião em lugar de outra, ou para aniquilar a civilização ou produzir qualquer outro efeito desejado por Deus, então a autoridade escapa das mãos da raça dominante para ficar pertencendo ao povo indicado pelos desígnios divinos. Assim, as tribos descendentes de Mudar subjugaram nações, derrubaram tronos, arrebataram aos povos estranhos à autoridade, depois que Deus as tinha condenado à inação durante séculos.

(2) — Cf, Histoire des Berbères, t. III, 227 e ss.

## XXIV CAPÍTULO

### O POVO VENCIDO PROCURA SEMPRE IMITAR O VENCEDOR COPIANDO-LHE OS EMBLEMAS, OS MODOS, OS TRAJES E SEGUINDO-LHE AS OPINIÕES

Os homens olham sempre como um ser superior quem os subjugou e dominou. Penetrados de um temor reverencial para com êle, vêem-no envolto em tôdas as perfeições, ou, pelo menos, lhas atribuem, para não adimitirem que a escravidão foi devida a meios ordinários. Prolongando-se, esta ilusão torna-se certeza. Começam então a adotar os usos e costumes do senhor e mestre, e procuram parecer-se com êle em todos os pontos. Assim procedem quer levados por espírito de imitação, quer por imaginarem que o povo vencedor deve sua superioridade, não a sua pujança, nem a seu espírito de grupo, mas aos usos e práticas que lhes são peculiares e que o distinguem e diferenciam. Esta maneira de se dissimular a própria inferioridade se prende ao sentimento que acabámos de apontar. É a razão pela qual, em tôda a parte, os povos vencidos procuram assemelhar-se a seus senhores pelos trajes, pelas equipagens, pelas armas e por todos os usos da vida. Reparai como os filhos se modelam pelos pais, por considerá-los seres sem defeito. Veja-se, em tôdas as partes da terra, como as populações se comprazem em envergar trajes militares, tão grande é sua admiração pela superioridade das milícias e das tropas do sultão. O mesmo acontece com todo o povo que, morando na proximidade de um outro, por pouco que lhe sinta a proeminência, adquire o hábito de imitá-lo em alta escala. Em nossos dias, vê-se isso entre os Muçulmanos da Andaluzia, em conseqüência de suas relações com os povos da Galiza (os Cristãos de Leão e de Castela). Parecem-se-lhes pelo modo de trajar e de se adornarem; adotaram-lhes a maior parte de seus usos, ao ponto

de enfeitar as paredes de suas casas e de seus palacetes com quadros. Ao constatar o fato, o filósofo reconhece nisso um indício de superioridade. Seja lá como Deus quiser! Êstes fenômenos demonstram a veracidade da máxima popular: *Cada povo segue a religião de seu rei.* Com efeito, o rei domina sôbre seus súditos, e êstes o tomam por um modêlo tão perfeito que se esforçam por imitá-lo em tudo. É do mesmo modo que as crianças procuram imitar os pais, e os alunos a seus mestres. *Allah é o ser sapiente e prudente.*

## XXV CAPÍTULO

### UM POVO VENCIDO E SUBJUGADO PERECE RÀPIDAMENTE

Quando um povo se deixou despojar de sua independência, atravessa um estado de abatimento que o deixa à mercê do vencedor, tornando-se mero instrumento nas suas mãos, escravo que lhe deve o alimento. Perde gradativamente a esperança de uma sorte melhor. Ora, é evidente que a propagação da espécie e o aumento da população dependem da fôrça e da atividade que a esperança comunica a tôdas as faculdades do corpo. Quando as almas se entorpecem na servidão e perdem não só a esperança mas até os motivos de esperar, o espírito nacional se apaga sob o domínio do estrangeiro, a civilização recua, cessa a atividade que impulsiona os trabalhos lucrativos; o povo, alquebrado pela opressão, não mais tem a fôrça de se defender, tornando-se escravo de cada conquistador e a prêsa de qualquer ambicioso. É esta a sorte que deve padecer, seja êle fundador de império que chegou ao têrmo de sua marcha, seja um outro que não tenha feito ainda coisa alguma. O estado de servidão leva, se não me engano, a um outro resultado. O homem é senhor de sua pessoa, graças ao poder que Deus lhe delegou. Se deixar arrebatar a própria autoridade e desviar do fim elevado que lhe

foi atribuido, entrega-se de tal modo à indolência e à preguiça, que não mais procura os meios de satisfazer as exigências da fome e da sêde. Eis aí um fato cujos similares não faltam em qualquer classe da espécie humana. Igual transformação nota-se, ao que dizem, entre os animais carnívoros: não se acasalam quando em cativeiro. Um povo escravizado continua perdendo sua energia e enfraquece até desaparecer da face da terra. Aliás, a existência eterna só pertence a Deus. Consideremos, por exemplo, a raça Persa, cuja numerosa população enchia outrora um país imenso. Quando a Pérsia perdeu seus exércitos ao combater contra os Árabes, conservava ainda uma população enorme. Relatam os cronistas que Saad (Ibn Abi Waqas, o general muçulmano), quando ordenou fizessem o desmembramento da população que habitava além de Al-Madain (1), soube que havia cento e trinta e sete mil indivíduos, dos quais trinta e sete mil chefes de família. Depois que a raça persa fôra vencida pelos Árabes e obrigada a suportar-lhe o domínio, não se conservou senão por pouco tempo, acabando por desaparecer sem deixar traço de sua existência (2). Não se pode atribuir seu aniquilamento ao novo govêrno nem à opressão de que fôsse vítima: sabe-se muito bem quanto era equitativa a administração muçulmana. A verdadeira causa residia na natureza mesma do homem, que, forçado a curvar-se diante de um senhor, despojado de sua independência, perdia tôda a energia. É verdade que a maior parte dos Negros acostuma-se com facilidade à servidão; mas esta disposição resulta, como já se disse, de uma inferioridade orgânica que os apróxima dos brutos. Outros homens puderam consentir em sujeitar-se à servidão, mas foram levados a isso pela esperança das honrarias, das riquezas e do poderio. Tais foram os Turcos, entrando no

(1) — Al-Madain (As Cidades), grupo de cidades situado a cêrca de 30 km ao Sudeste de Bagdá, sôbre as duas margens do Tigre; compreendia sete cidades, entre as quais as mais célebres eram Seleucia e Ctesifonte. A conquista de Al-Madain pelos Árabes notabilizou-se não só por brilhantes feitos de guerra, mas também pela imensidade e riqueza dos despojos que se elevaram à soma de 900 milhões de dirham. Foi conquistada em 639 da E, V. (N. dos Trad.).

(2) — É inútil apontar quanto exagêro e inexatidão há nesta asserção do autor.

serviço dos Califas de Bagdá ou dos Fatimitas, no Oriente; tais os Galizianos e os Francos, que serviram nas fileiras dos governos muçulmanos da Andaluzia. Observando que os soberanos dêstes países lhes testemunhavam habitualmente grande preferência, não desdenharam fazer-se seus servidores e seus escravos, movidos pela esperança de chegar ao poderio e às honras, pelo favor do govêrno.

## XXVI CAPÍTULO

### NÃO PODEM OS ÁRABES ESTABELECER SUA DOMINAÇÃO A NÃO SER SÔBRE TERRAS DE PLANÍCIES

O natural bravio dos Árabes os tornou uma raça de salteadores e de bandidos. Tôdas as vêzes que podem arrebatar uma prêsa sem correr perigo ou sustentar luta, não trepidam em tomá-la e apressam-se a embrenhar-se na parte do deserto onde apascentam seus rebanhos. Nunca marcham contra um inimigo para combatê-lo abertamente, a menos que o cuidado de sua própria defesa os obrigue a tanto. Encontrando, nas suas expedições, lugares fortificados, ou localidades de difícil acometimento, desistem do ataque e voltam para seus acampamentos, procurando prêsas mais fáceis. As tribos (berberes) abrigam-se dos seus insultos, isolando-se nas montanhas íngremes, donde desafiam o espírito devastador dos Árabes. Com efeito, êstes não se atreveriam a atacá-los: teriam que galgar colinas abrutas, enveredar por caminhos impraticáveis e expor-se aos maiores perigos. É inteiramente outra a situação na planície. Quando não há tropas para guardá-la, e se o govêrno estabelecido mostrar fraqueza, as planícies tornam-se prêsa dos Árabes, um repasto para a sua cobiça. Sendo fácil o acesso e não encontrando resistência, êstes nômades renovam suas correrias, entregando-se à pilhagem e aos atos de devastação, até que os habitantes se resignem a aceitá-los por seus senhores. A posse destas infe-

lizes regiões passa de uma tribo para outra, contribuindo a anarquia administrativa para a desorganização e empobrecimento da terra, até que todo o vestígio de civilização dela desapareça. *Só Deus tem poder sôbre suas criaturas; só Êle é poderoso e único Senhor.*

## XXVII CAPÍTULO

### TODO O PAÍS CONQUISTADO PELOS BEDUÍNOS É LOGO ARRUINADO

Os usos e costumes da vida nômade fizeram dos Árabes nômades um povo rude e bravio. A rudez dos costumes transformou-se nêles numa segunda natureza, num estado em que se comprazem, por assegurar-lhes liberdade e independência. Tal disposição opõe-se ao progresso da civilização. Transladar-se de um lugar para outro, calcorrear os desertos, correr de pilhagem em pilhagem, foi, desde séculos, a sua habitual ocupação. Tanto a vida sedentária favorece o progresso da civilização, quanto a vida nômade lhe é contrária e prejudicial. Se os Árabes necessitarem de uma pedra para servir de apoio a suas marmitas, danificam um edifício a fim de retirar a pedra destinada a êsse mister (tão passageiro); se precisarem de madeira para seus piquetes ou esteios de tendas, deitam abaixo um telhado para se utilizarem apenas de alguns pedaços. Pela própria natureza de seu gênero de vida, são hostis a tudo que é edifício, e levantar uma casa constitui o primeiro passo da civilização. Tais são, em geral, os Árabes nômades. Acrescentemos que, dada a sua disposição natural, estão sempre prontos a arrebatar, pela fôrça, o bem alheio, a procurar a subsistência com as armas na mão — "à sombra de suas lanças", como êles dizem — e a saquear sem medida nem discrição tudo o que existe nas mãos dos outros. Tôdas as vêzes que lançam os olhares sôbre um belo rebanho, sôbre uma alfaia, ou utensílio qualquer, tiram-no à fôrça. Se, pela

conquista de uma província ou pela fundação de uma dinastia, se puserem em estado de saciar sua rapacidade, todos os regulamentos que servem de proteção e de resguardo às propriedades e riquezas dos habitantes, se tornam inúteis. Sob sua dominação, a ruína invade tudo. Impõem aos que exercem profissões e aos artesões corvéias que, além de lhes causar perda de tempo, são consideradas pelos mandantes, como sem valor, não merecendo nenhuma retribuição. Ora, o exercício das artes e dos ofícios é a verdadeira fonte da riqueza, como demonstraremos mais tarde. Se as profissões manuais encontram impecilhos e deixam de ser protegidas e aproveitadas, perde-se a esperança do lucro e renuncia-se ao trabalho; a ordem estabelecida perturba-se e a civilização recua. Acrescente-se que os Árabes não têm o traquejo na arte de governar; não procuram impedir o crime; nem cuidam da segurança pública; seu único empenho é arrancar de seus súditos o dinheiro, seja por violência, seja por avanias e exações. Conseguido seu intento, nenhum outro cuidado os preocupa. Pôr ordem na administração do Estado, promover o bem-estar do povo que subjugaram, e reprimir os crimes, castigando os malfeitores, são atribuições em que nem sequer pensam. Seguindo hábitos que sempre prevaleceram entre os nômades, substituem as penas e castigos corporais por multas, para tirar mais proveito e avolumar suas arrecadações e rendas. Ora, simples multas, não bastam para impedir o crime e reprimir as tentativas dos malfeitores. Ao contrário, multas encorajam a gente mal intencionada, que considera as penas pecuniárias como de nenhuma importância, contanto que efectivem seus intentos criminosos. Tão mal administrados, os súditos de uma tribo árabe podem ser considerados na conta dos que não têm govêrno, tal a anarquia e a desordem reinante. Tal estado de coisas destrói a população e arruina a prosperidade. Dissemos, no comêço desta Primeira Parte do Livro, que o govêrno monárquico é uma prerrogativa que se coaduna de uma maneira especial com a natureza humana, sem a qual a sociedade e mesmo os indivíduos não têm senão uma existência muito precária. Acrescentamos ainda que os nômades são ávidos do poder e que a muito custo, entre êles, se encontrará um só que consinta entregar a outrem

a autoridade: um Árabe que exercesse o comando nunca o cederia nem a seu pai, nem a seu irmão, nem ao chefe de sua família. Se consentisse, seria a contra gôsto e por vergonha. Também se multiplicam os chefes entre êles e os príncipes, e todos êstes personagens se vão alternando nos cargos administrativos e nos postos de arrecadação dos impostos, vexando uma raça vencida. É o bastante para arruinar a civilização. O Califa Abd Al-Malik (Ibn Marwan) (1) perguntou um dia a um Árabe do deserto em que estado tinha deixado Al-Hajjaj, pensando provocar um elogio dêste homem de Estado, cuja excelente administração tinha trazido a prosperidade à província que governava. O Beduíno respondeu nestes têrmos: *Quando o deixei, só se prejudicava a si mesmo* (2). Vejamos todos os países que os Árabes conquistaram desde os séculos mais remotos: a civilização desapareceu dêles, assim como a população; até o próprio solo parece ter mudado de natureza. No seu país de origem, o Iaman, todos os centros de população estão abandonados, com exceção de alguma grande cidade. O Iraque árabe, sofreu a mesma ruína, e tôdas as belas culturas com que os Persas lhe cobriram as terras desapareceram. Em nossos dias, a Síria está arruinada; a Ifríkia e o Magrib (3) padecem ainda das devastações cometidas pelos Árabes. No quinto século da H. os Banu Hilal e os Sulaim (4) invadiram estas províncias e durante três séculos e meio obstinaram-se em devastá-las, reduzindo-as à mesma sorte miserável que as outras, a tal ponto que suas planícies tornaram-se desertas até hoje. Antes desta invasão, tôda a zona que se estende dos países dos Negros até ao Mediterrâneo era habitada: os vestígios de sua antiga civilização, os escombros dos edifícios e dos monumentos, as ruínas das cidades e das aldéias fi-

---

(1) — O Califa Abd Al-Malik, da dinastia dos Omaiya (685--705). Al Hajjaj foi governador do Iraque durante 20 anos.

(2) — O Beduíno queria dizer que Hajjaj não se aproveitava de sua posição para se enriquecer à custa do povo.

(3) — Ifríkia, êste país corresponde agora a Trípoli, Tunísia e à região de Constantina.

(4) — Na História dos Berberes T. Ip. 28 e ss Ibn Khaldun fala longamente das devastações das tribos de Hilal e de Sulaim, na África do Norte. Um romance-epopéia popularizou os Banu Hilal entre os povos de língua árabe.

caram sendo testemunhas (da grandeza do passado). *Allah é herdeiro da Terra e de tudo o que ela sustenta; Êle é o melhor dos herdeiros.* (Alc. XXI:89).

## XXVIII CAPÍTULO

### DE TODOS OS POVOS, OS BEDUÍNOS SÃO OS MENOS CAPAZES DE FUNDAR UM IMPÉRIO, A MENOS QUE RECEBAM DE UM PROFETA OU DE UM SANTO UM IMPULSO RELIGIOSO MAIS OU MENOS FORTE

De todos os povos da terra, os Árabes são os menos dispostos à subordinação. Levando uma vida quase selvagem, adquirem uma rudez de costumes, uma altivez, uma arrogância e um complexo de inveja e de rivalidade que os indispõe contra tôda a autoridade. Também a concórdia e a harmonia são coisa rara dentro de uma tribo. Ao aceitarem a crença religiosa que lhes ensina um profeta ou um santo, a fôrça coercitiva, que os deve manter no caminho reto, acha-se então no seu próprio coração (trazido pela fé); seu espírito altaneiro e ciumento abranda-se, tornando-os mais accessíveis à concórdia e à obediência. Opera-se esta transformação sob a ação da religião, que faz desaparecer seus hábitos grosseiros, seu carácter insolente e lhes afasta do coração a inveja e o ciume. Se o profeta ou o santo que os convida a sustentar a causa de Deus, a trocar seus hábitos censuráveis por usos dignos de louvor, a combinar seus esforços para o triunfo da verdade, pertence à mesma tribo que êles, a unanimidade mais completa se estabelece entre êles e os torna capazes de empreenderem conquistas e de fundarem um império. Aliás, os Árabes sobrepujaram os outros povos, ao se apressarem a receber a verdadeira doutrina, seguindo o bom caminho. Devem-no à simplicidade de sua natureza, que não se deixou corromper pelos maus costumes nem contaminar por qua-

lidades desprezíveis. Não se lhes pode, mesmo, censurar o carácter selvagem; êste natural bravio os dispunha para o bem. Inato nas suas almas e instintivo, jamais contraiu a imoralidade ou a deslealdade cujas marcas tão fàcilmente se imprimem na alma. O Profeta disse: *"Todos os homens nascem com um bom natural"*, palavras que já tivemos ocasião de citar.

## XXIX CAPÍTULO

### DE TODOS OS POVOS, OS ÁRABES SÃO OS MENOS CAPAZES DE GOVERNAR UM IMPÉRIO

De todos os povos, são os Árabes os que mais lidam com o nomadismo e os que mais se entranharam nos hábitos que êste cria; são, de todos, os que mais se aprofundam penetrando nas solidões desérticas, e, acostumados a viver na miséria e a sofrer privações, com facilidade dispensam os cereais e outros produtos dos países de cultura. Independentes e bravios, sòmente contam consigo mesmos e dificilmente se curvam perante uma autoridade. Caso o seu chefe precise de seus serviços, é quase sempre para se utilizar, contra um inimigo, do espírito tribal que os anima. Na ocorrência, deve não lhes melindrar a altivez e evitar constrangê-los, para não lançar a desunião no seio da comunidade, prejudicando-lhe o espírito de classe, o que poderia provocar a própria ruína e a da tribo.

Num império, as coisas se passam de maneira diferente. O rei ou o sultão deve recorrer à fôrça e ao constrangimento para a manutenção da ordem e da administração. Sem coerção, não há boa administração nos governos monárquicos. No que se refere aos Árabes, como já se disse, sua natural inclinação os leva a despojar os outros, apossando-se de seus haveres; é êste o seu maior empenho. Quanto aos cuidados que devem despender para a boa marcha dos negócios pú-

blicos e a manutenção da boa ordem e segurança entre os súditos, são coisas que não entram em suas preocupações. Ao subjugar um povo, pensam ùnicamente em enriquecer, despojando os vencidos, descurando-se dos mais elementares deveres da administração. Para aumentarem os proveitos que tiram do país conquistado, recorrem habitualmente ao sistema de trocar castigos e penas corporais por multas que cobram em espécie. Esta medida não impede os delitos; muito ao contrário, um homem com ganas de cometer um crime, não é o medo da multa que o desarmará, pois o dinheiro seria pouca coisa para êle, comparado às vantagens da satisfação do crime cometido. Também sob a dominação dos Árabes os delitos vão-se multiplicando; a devastação propaga-se em tôda a parte; os habitantes, abandonados, por assim dizer, a si mesmos, atacam-se e pilham-se uns aos outros; a prosperidade do país, não mais podendo manter-se e sustentar-se, depressa entra em colapso e se aniquila. Isto é próprio da anarquia; é o destino dos povos abandonados a si mesmos. Tôdas estas causas que se enumeraram afastam o espírito árabe das normas que a boa administração do Estado requer. Para levar êstes filhos do deserto a se compenetrarem do espírito administrativo e da arte de governar, é necessário que a influência da religião lhes modifique o carácter e extirpe a indolência. Tendo dentro de si um sentimento que os controla, trabalham para manter os súditos em ordem, contendo-os uns pelos outros. Vejamo-los na época em que fundaram um império sob a influência do Islamismo. Conformando-se com as prescrições da lei (divina), entregaram-se aos cuidados do govêrno, empregando todos os meios físicos e morais capazes de fomentar os progressos da civilização. Como os primeiros Califas seguiram as mesmas normas, o império dos Árabes tornou-se uma enorme potência. Rostam (1), quando viu os soldados muçulmanos reunirem-se para a oração pública, exclamou: *"Olhem Omar, que me mata de raiva! ensinou aos cachorros a civilização"* (2)!

Com o correr dos tempos, algumas tribos se desligaram

---

(1) — É o nome do Generalíssimo do exército Persa, feito mais tarde prisioneiro, na batalha de Cadissiya.

(2) Literal. "Olhem Omar que está a me comer o fígado!".

do império, rejeitaram a religião, descuidaram a arte de governar. De volta aos desertos, isoladas nas solidões, esqueceram-se dos liames de sangue que as uniam à causa do império (que seus avós tinham sustentado). Durante muito tempo, insubmissas, esqueceram também como se deve implantar a justiça entre os homens e o que é ser equitativo para com os outros. Retornando à barbárie antiga, mal se lembravam do significado da palavra "Império". Sabiam, quando, muito, que o Califa era o chefe e que pertencia à mesma raça que elas. Quando desapareceram os últimos traços do poderio dos Califas, o poder escapou das mãos dos Árabes e passou para as de uma raça estrangeira. Desde aquela época, continuaram em seus desertos, sem terem a menor idéia do que seja um reino ou uma administração política, não conhecendo, a maior parte, que seus antepassados foram fundadores de impérios. Entretanto, nenhum povo da terra forneceu tantas dinastias como a raça árabe. Reinos como o dos Aaditas, dos Thamudas, dos Amalecitas, dos Himyaritas e dos Tubba', são disso prova evidente. O império dos Árabes da raça de Mudar apareceu com o nascimento do Islamismo e manteve-se com as dinastias dos Omaiyas e dos Abbassidas. Absorvidos pela política e pelos cuidados materiais, esqueceram-se da religião e acabaram perdendo a lembrança do poderoso império fundado por êles. Recairam nos antigos hábitos nômades inveterados; se, porém, acontecer apoderarem-se de algum reino fraco e decadente, como ocorreu no Magrib de nossos dias, o objeto e o fim de tal cometimento é a ruína do país conquistado e a destruição de sua cultura e civilização. *Deus entrega o poder a quem Êle quiser.*

# XXX CAPÍTULO

## AS TRIBOS E POVOAÇÕES AGRÍCOLAS SITUADAS NOS CAMPOS SUBMETEM-SE À AUTORIDADE DOS HABITANTES DAS CIDADES (1)

A condição social da vida dos campos é inferior à dos habitantes das cidades e das capitais. Todos os objetos de primeira necessidade encontram-se entre êstes últimos e faltam, as mais das vêzes entre os camponeses. Tendo as terras para cultivar, os cultivadores não acham nos campos os diversos instrumentos agrícolas, nem lhes oferecem os meios que facilitam o amanho da terra. Instrumentos e outros meios estão em estrita dependência das artes e ofícios, que não existem nos campos. Não se encontra ali nem carpinteiro, nem alfaiate, nem ferreiro. Tôdas as artes que preenchem as primeiras necessidades da vida e que fornecem à agricultura os objetos mais indispensáveis não existem fora das cidades. Os camponeses não possuem moedas de ouro ou de prata, mas, têm o equivalente no produto de suas terras e de seus rebanhos. O leite não lhes falta, nem a lã, nem o pêlo de cabra e de camelo, nem as peles, nem muitas outras coisas que fazem falta aos habitantes das cidades. Trocam estas matérias pelos dirhams e os dinares (dos cidadãos). Fazemos, todavia, observar que o camponês precisa do citadino quando quer obter os objetos de primeira necessidade,

---

(1) — Diz De Slane: "Relendo êste trecho, fui chocado pela falsidade do raciocínio do autor, e pensei ter-me enganado na tradução; mas, o êrro provem realmente do autor. Creio que o amor da antítese o levou a descambar, porque, de fato, para tudo o que fôr indispensável à vida, o citadino está na dependência do homem do campo!. Cremos, porém, que Ibn Khaldun, está com a razão, por se referir ao homem do campo do Magrib, paupérrimo, e, explorado e sujeito às incursões dos Nômades, no seu tempo. De Slane se refere ao homem do campo, sobretudo europeu, que tem outro trem de vida. (Nota dos Trad.).

enquanto que êste pode dispensar a procura do camponês tôdas as vêzes que se recusar a procurar as coisas de utilidade secundária, ou que podem contribuir para o seu bem-estar. Um povo que continua a habiatr os campos, que não chegou a fundar um império, nem a conquistar cidades, não pode dispensar os préstimos e serviços da população urbana. Deve trabalhar para os homens da cidade, conformar-se com os regulamentos e requisições da administração urbana. Se fôr a cidade comandada por um rei, a gente dos campos curva-se perante a autoridade do monarca. Não tendo rei, a cidade é governada ou por um chefe ou por uma espécie de conselho formado por cidadãos que exercem o poder sôbre os demais, não existindo cidade sem poder constituido, sem o qual seria subvertida a sua organização social. O chefe determina que os habitantes dos campos lhe obedeçam e lhe prestem serviço. A submissão a êle pode ser voluntária ou forçada. No primeiro caso, é obtida por dinheiro e pela entrega dêstes objétos de primeira necessidade que só êles podem fornecer. Um povo de camponeses, cujos serviços são assim comprados, está votado a um progresso contínuo. No segundo caso, o chefe da cidade, se fôr poderoso, emprega a fôrça armada contra os insubmissos (camponeses), ou trabalha por semear a discórdia entre êles, procurando formar um partido (que lhe seja favorável), graças ao qual pode chegar a dominá-los todos. Então, submetem-se, para evitarem a destruição de suas propriedades. Mesmo que quisessem abandonar a localidade para instalar-se numa outra, não poderiam realizar seus projetos, por acharem certamente esta outra já ocupada por uma povoação de nômades que estão bem decididos a guardá-la. Impossibilitados de achar outro refúgio, resignam-se a ficar e submetem-se à autoridade da cidade, não achando outro meio senão obedecer e ficar na sua dependência. *Allah é o supremo mestre das criaturas; é Senhor único e único ser adorável.*

# TERCEIRA PARTE

## Das Dinastias — Da Realeza — Do Califado — Hierarquia das Dignidades no Sultanato ou Govêrno Temporal

### I CAPíTULO

### ESTABELECER SUA DOMINAÇÃO E FUNDAR UMA DINASTIA SÃO COISAS POSSíVEIS SÒMENTE QUANDO SE CONTA COM O APOIO DO PRÓPRIO POVO E COM O ESPíRITO TRIBAL QUE O EMPOLGA

Na primeira parte dêste Livro, estabelecemos como princípio que um povo não poderia efetivar conquistas, nem mesmo defender-se, a não ser unido sob o impulso de um espírito de grupo ou tribal, todo feito de simpatia e devotamento, arrebatando cada indivíduo em particular e com o risco da própria vida, a salvar a vida dos seus irmãos. Podemos agora acrescentar outras considerações: a dignidade do soberano é tão nobre como atraente. Graças a ela, procuram-se os prazeres mundanos, tudo o que pode satisfazer os sentidos e encantar o espírito. Quem se colocar tão alto é quase sempre objeto de inveja; êle, por sua vez raramente abre mão de posição tão cobiçada, exceto quando obrigado pela fôrça. A rivalidade que a inveja suscita traduz-se

por lutas que fàcilmente redundam em guerras, combates e ruína do trono. Mas nada disso acontece senão por efeito do espírito de grupo. Eis aí uma questão que a grande maioria dos indivíduos (sujeitos a uma autoridade soberana) não chega a compreender. Nem pensam em semelhantes coisas, esquecidos que estão da maneira como seu império se fundou e devido a tão profunda modificação que um sedentarismo prolongado operou em seus espíritos, marcando-os, geração após geração, no carácter e educação. Sôbre as origens da dinastia que os governa e sôbre a maneira como Deus operou para trazê-la ao poder sua ignorância é completa. Vêem uma soberania bem assentada, uma autoridade que se faz obedecer e que mantem a ordem no Estado, sem precisar do apoio que o espírito de família ou de tribo poderia fornecer-lhe. Não sabem como seu império tomou consistência, nem a que circunstâncias deve suas origens; como não sabem das dificuldades que seus antepassados souberam vencer antes de chegarem à soberania. É própria, principalmente dos Muçulmanos da Andaluzia esta ignorância do espírito de grupo, por não estarem mais, desde muito tempo, em condição de avaliar quanto pesa tal espírito nos destinos de uma dinastia. Desde a devastação de suas províncias e extinção das suas tribos e famílias, perderam, com o solo, até a lembrança dêste nobre sentimento, que é "o nervo" dos Impérios.

## II CAPÍTULO

### UMA DINASTIA, DEPOIS DE SÒLIDAMENTE ESTABELECIDA, DEIXA DE SE FIRMAR NO PARTIDO QUE A LEVOU AO PODER

Um soberano que acaba de fundar um grande império, defronta-se com uma emprêsa bem difícil: a de levar todos os espíritos à submissão. Para alcançar tal objetivo, deve agir contra os do próprio partido com o mesmo vigor que em-

pregaria para subjugar um povo estrangeiro. Sem o recurso da fôrça, não poderia reduzir à obediência homens que, até ali, não tinham o hábito de obedecer. Mais tarde, quando bem firme e assentada a autoridade do império, quando o alto comando se tiver fixado, como uma herança, na mesma família e durante muitas gerações e através das diversas vicissitudes da fortuna, o povo esquece como a dinastia se estabeleceu. Habituado a ver a mesma família exercendo o poder, acaba por se convencer como se fôsse artigo de fé, que deve obedecer sempre e combater por esta família com o mesmo denôdo com que defenderia a religião. Chegado a êste ponto, o chefe não mais necessita de um forte partido para sustentá-lo, visto que a obediência se tornou como um dever imposto por Deus e que ninguém pretende afastar-se dêle. Em seguida, serve-lhe a primeira oportunidade para colocar, nos livros de doutrina, logo depois dos dogmas da fé, o dogma do "Imamato", ou a obrigação de reconhecer ao soberano a qualidade de chefe espiritual e temporal. A partir dêsse momento, a autoridade do príncipe e do império têm por apoio os numerosos libertos e clientes da família reinante, a gente que viveu sob a proteção da casa real e à sombra de seu poderio. Ou então apoia-se em bandos armados pertencentes a uma outra raça e que admite na sua clientela. Disso temos um exemplo na história dos Abbassidas. Sob o reino de Al-Mutacém e de seu filho Al-Uathik, o espírito nacional dos Árabes quase desapareceu, e os Califas não puderam firmar seu poderio senão recorrendo ao auxílio de seus clientes persas, turcos, dailamitas, seljukitas, e outros. Êstes estrangeiros acabaram por apossar-se das províncias do império e não deixaram ao Califa nada mais, além do território de Bagdá. Depois, os Dailamitas marcharam sôbre esta cidade, tomaram-na e guardaram o Califa sob tutela. Não durou muito a usurpação; os Seljukitas arrebataram-lhes o poder, para logo o perderem, com a vinda dos Tártaros, que mataram o Califa e fizeram desaparecer até os últimos traços do império.

Análoga sorte tiveram os Sanhaja, no Magrib. Desde, o século V da Hegira, e já antes, o espírito de grupo que tinha animado êste povo, quase se extinguira. Nada lhes restava

do vasto império de outrora, a não ser Al-Mahdiya, Bajaya (Bougie) Al-Cala (1) e algumas praças fortes da Ifríkya. Seus soberanos tiveram mesmo de enfrentar o cêrco nestes seus refúgios, ao mesmo tempo que ostentavam as honras da realeza. Mas, enfim, Deus permitiu que esta dinastia desaparecesse. Os Almohadas, apoiados no espírito de grupo que dominava então as tribos masmudinas, destruiram completamente o reino dos Sanhaja.

Na Andaluzia, a dinastia dos Omaiyas sucumbiu logo que lhe faltou o apoio dos Árabes, cujo devotamento tinha obtido à fôrça. Os chefes das cidades e governadores de províncias se revoltaram, lançando por terra o espírito de obediência, e, acometendo contra o império, dividiram entre si seus membros esparsos. Cada um na sua província arrogou-se a autoridade suprema, tomando ares de soberano. Sabedores de como os chefes estrangeiros, que serviam os governos abbassidas, se comportavam com os Califas, usurparam os títulos e os emblemas da soberania, na certeza de que ninguém ousaria opor-se a suas pretensões ou repreendê-los por ambições tão desmedidas. Porque a Andaluzia de então não possuia mais o espírito de grupo e não era mais um país onde se pudesse acalentar êste espírito. Semelhante estado de coisas foi-se prolongando, e piorando sempre, dando razão ao poeta Ibn Charif (2) para dizer:

*Causa-me náuseas, nas terras da Andaluzia, tão grande número de nomes de Mutacém e de Mutadid;*

*Títulos imperiais mal empregados: tal gato que se incha para dar-se aparência de leão.*

Para sustentar sua autoridade recorreram a seus libertos, a seus clientes, aos servidores cuja gratidão fôra captada por largos benefícios; apelaram até para a gente de além mar: os Berberes, os Zanata e outros aventureiros que acorreram da Mauritânia. Seguiram nisso o mesmo sistema que os

(1) — Al-Cala, chamada também Al-Cal'a dos Beni Hammad, situada a uma jornada ao Nordeste de Al-Macila.

(2) — Ibn Charif, de Cairuão, morreu em 460 da H. (1067/68 da E. V.). Ibn Khallikan atribui êstes versos ao Vizir Ibn Ammar, e diz que lhe custaram a vida.

últimos Omaiyas tinham adotado, quando a potência árabe se havia debilitado no país e Ibn Abi Amer (Al-Mansur) se apossou da administração do império. Em muitas partes da Andaluzia, êstes usurpadores fundaram impérios consideráveis, iguais ao império cujas províncias se tinham repartido. Ocupavam êles ainda o poder, quando os Almoravidas da tribo de Lamtuna, povo cujo espírito de grupo era então poderoso, atravessaram o estreito, os despojaram e derrubaram do poder. Os chefetes andaluzes não tinham fôrça para se defenderem, por lhes faltar o espírito de raça, que serve de fundamento e amparo aos impérios. Tortuchi (1) imaginou que, em todos os tempos, a fôrça dos impérios consistia ùnicamente em corpos de tropas recebendo soldos mensais. É o que êle diz no seu "Siraj al-Muluk". A sua teoria não explica como os grandes impérios de outrora fundaram sua autoridade. É sòmente exata em relação às dinastias modernas, cuja autoridade já se acha bem estabelecida, e cujo govêrno pertence a uma única família, acostumada desde longo tempo ao manejo do comando. O autor citado tinha visto apenas dinastias já decadentes, que haviam esgotado os favores da fortuna, e que se tinham mantido, primeiro, pelo devotamento de suas criaturas e de seus clientes, e depois, apoiando-se sôbre tropas mercenárias. O que o dito autor tinha visto eram ùnicamente pequenos impérios formados depois da queda dos Omaiyas, quando os Árabes da Andaluzia tinham perdido o sentimento da nacionalidade, e cada governador ou chefe de cidade ou de província se declarara independente. Êle viveu em Saragoça, durante o reino de Al-Mustain Ibn Hud e de Al-Mudaffar, filho de Al-Mustain. Ora, êstes príncipes não podiam apoiar-se no espírito nacional da raça árabe, porque esta tinha-se corroído pelo luxo, fazia três séculos. Tortuchi só via um príncipe revestido da autoridade suprema, com exclusão dos outros membros da família, e uma dinastia habituada ao comando desde a origem do império, numa época em que os últimos vestígios do espírito de tribo ainda subsistiam. A autoridade de semelhante soberano é admitida sem contestação, enquan-

(1) — Ver a pág. 99, nota 11.

to apoiada por fôrças com sôldo. O escritor, pois, falou do assunto de uma maneira muito absoluta, não prestando atenção ao estado de coisas tal como se apresenta quando do estabelecimento da dinastia. Nos seus começos, uma dinastia não se funda sem o concurso de um povo animado de forte espírito de grupo. Que o leitor queira tomar em consideração o princípio que acabamos de expor, a fim de desvendar uma destas vias secretas pelas quais dirige a Providência os negócios dêste mundo. *Allah dá a soberania a quem quer.*

## III CAPÍTULO

### PERSONAGENS PERTENCENTES À FAMÍLIA REAL PODEM, ÀS VÊZES, FUNDAR UM IMPÉRIO SEM O CONCURSO DE SEU PRÓPRIO POVO

Ocorre semelhante caso quando o partido, que tinha sustentado a família real, colocando-a no poder, já conseguiu subjugar um grande número de povos. Nas províncias situadas nas fronteiras do império, os chefes a quem esta família confiou os comandos, guardam-lhe sempre um profundo sentimento de devoção. Também, quando um príncipe desta ilustre casa, devido às circunstâncias, se vê forçado a refugiar-se no meio dêles e a deixar a sede de seu poder, reúnem-se à volta dêle para o proteger e sustentar-lhe a causa. Confiantes no prestígio da dinastia, no passado, e esperançosos da sua boa estrêla, no presente, supondo que saberá arrebatar o poder aos parentes competidores (1), ajudam-no a fundar sua autoridade sôbre uma base sólida, não pensando em dividir o poder com êle. Dedicam-se à causa de seu prote-

(1) — Parentes, pode significar os que lhe tiraram o trono, como os que êle quer derrubar. O têrmo "ISS", ao pl. Aiás, é empregado pelo autor com o significado de: parente de um soberano, príncipe de uma família real.

gido, porque a auréola da soberania o envolve a êle e aos seus, e porque têm como artigo de fé que uma obediência completa lhes é devida. Se intentassem dividir a autoridade com êle ou exercê-la com sua exclusão, perderiam a causa que deveriam defender, o que, para êles, seria uma monstruosidade (2). Foi dêste modo que os Idrissitas fundaram seu império no Magrib Al-Acsa e os Fatimitas estabeleceram o domínio na Ifríkya e no Egito. Êstes descendentes de Alí Ibn Abi Talib (genro de Muhammad) abandonaram o Oriente para se refugiarem nas províncias ocidentais mais afastadas da sede do Califado, onde conseguiram arrebatar o poder das mãos dos Abbassidas. Isto aconteceu depois que a soberania passou das mãos dos descendentes de Abd Manaf, os Omaiyas, para a família de Hachim. Refugiados no longínquo Magrib, os Idrissitas e os Fatimitas pegaram em armas contra os Abbassidas e juntaram sob suas bandeiras os povos berberes destas regiões. Os Aurebas e os Maguila abraçaram a causa dos Idrissitas; os Kitama, os Sanhaja e os Houra se juntaram aos Obaiditas (Fatimitas). Com o apoio dêstes bandos, os descendentes da família de Ali, conseguiram fundar dinastias e subtrair o Magrib da suzerania dos Abbassidas. Mais tarde, arrebataram a Ifríkya das mãos da mesma família. E, à medida que recuava o domínio abbassida, os Fatimitas iam se expandindo, acabando por se estender ao Egito, à Síria e ao Hijaz. O império achava-se dividido entre as duas dinastias rivais. Os Berberes, que tinham estabelecido e apoiado o império fatimita, não deixaram de testemunhar-lhes um devotamento sem limites, tendo por única ambição desempenhar cargos honoríficos na sua côrte. Mostraram, dêste modo, que se inclinavam perante o prestígio que o exercício da soberania conferia aos descendentes de Hachim (3), assim

---

(2) — Literal. "Porque a terra seria sacudida por um terremoto", figura empregada para significar as graves conseqüências de um ato, sua enormidade.

(3) — Tanto os descendentes de Alî (ou Alidas) como os descendentes de Abbas (Abbassidas) descendem de Hachim, fundador da família dos Hachimitas. A afirmação da tradição segundo a qual Muhammad pertencia a esta família é confirmada por muitas poesias antigas; o que é menos certo é que Hachim teria sido pròpriamente avô do Profeta. Cf. Enc. de l'Islam, art. Hachim. (N. dos Trad.).

como perante a fama e a celebridade que os Coraixitas e as tribos mudaritas grangearam subjugando os outros povos. Com efeito, a soberania conservou-se na linhagem de Hachim até à completa ruína do Império dos Árabes. *Allah decide, e sua decisão não tem apêlo.* (Alc. XIII:41).

## IV CAPÍTULO

### OS GRANDES IMPÉRIOS DEVEM SUA FUNDAÇÃO À RELIGIÃO, QUER ENSINADA POR UM PROFETA, QUER POR UM PROPAGADOR DA VERDADE

Fundam-se os impérios pela conquista; para conquistar requer-se a fôrça que se esteia num partido animado de um espírito de grupo e orientado para um mesmo fim. É óbvio que a união das vontades e dos corações só pode realizar-se pelo poder de Deus e no intuito de manter sua religião. Deus mesmo disse: *"Tu dispenderás tôdas as riquezas do mundo antes que possas unir os corações"*. (Alc. VIII:64). O versículo citado deixa entender que os homens, ao entregarem seus corações às vãs paixões e à cobiça, tornam-se invejosos uns dos outros, estraçalhando-se entre si. Ao contrário, quando os corações se voltam para a verdade e renegam o mundo e suas vaidades à procura de Deus, esta orientação para o bem os unifica, e com ela desaparecem as invejas, extinguem-se as discórdias; os homens auxiliam-se mùtuamente com maior dedicação; a união os torna mais fortes; a boa causa estende o círculo de seus prosélitos e se propaga, e acaba por formar um grande império. Mais abaixo voltaremos a desenvolver o assunto.

# V CAPÍTULO

## UMA DINASTIA QUE COMEÇA SUA CARREIRA APOIANDO-SE NA RELIGIÃO AUMENTA A FÔRÇA DO ESPÍRITO DO GRUPO QUE A AJUDA A ESTABELECER-SE

A religião, como já tivemos ocasião de dizer, é uma têmpera da alma que faz desaparecer os sentimentos de inveja e de rivalidade que imperam entre os povos animados por um forte espírito de grupo. Ela orienta todos os corações na mesma direção, que é a verdade. Quando algum povo assim orientado resolve ocupar-se de seus interesses, nada pode resistir-lhe: agindo em conjunto e com harmonia perfeita, visando sempre e todos o mesmo fim, arriscam-se à morte para chegarem a seu objetivo. Os habitantes do império que êste povo procuraria conquistar podem ser muito mais numerosos que seus adversários, mas, são formados de diversos partidos antagônicos, cada um dêles trabalhando loucamente para seus interesses privados, e obstinados covardemente em se aniquilarem uns aos outros. Mesmo superiores em número ao povo atacante, são incapazes de lhe resistir. Vencidos, não tendo fibra para vencer nem para sobreviver, ràpidamente se extinguem, como consequência inevitável da dissolução de seus costumes e da sua degradação. Foi assim que, nos primeiros tempos do Islamismo, os Árabes realizaram suas grandes conquistas. O exército muçulmano, constituído apenas de trinta e poucos mil guerreiros, combateu e venceu em Cadissya, tôdas as fôrças da Pérsia; em Yarmuk o mesmo exército mediu-se com as tropas ali reunidas por Heráclio, e cujo número, a crer nos cálculos de Uakidi, se elevava a quatrocentos mil homens. Nestas duas batalhas, nada resistiu ao ímpeto dos Árabes, que puseram o inimigo em fuga e se apossaram de seus despojos. Vemos repetirem-se

os mesmos fatos quando os Lamtuna (os Almoravidas) e os Almohadas fundaram seus impérios. No Magrib de então havia muitas tribos bastante fortes em número e em espírito de grupo para resistir aos invasores e até para vencê-los. Mas tinham por adversários povos cujo espírito de grupo, temperado na fé religiosa, adquirira mais vigor e mais união inspirada pelo mesmo ideal religioso, que lhes ensinava a despresar a morte e os tornava invencíveis. Observa-se o fenômeno contrário quando, desaparecendo o impulso religioso com o enfraquecimento da fé, a nação se acha também enfraquecida e perturbada em seus negócios, tornando-se incapaz de enfrentar qualquer outra dotada do duplo espírito de grupo e de fervor religioso. Uma dinastia pode manter na obediência povos tão fortes como ela, e mesmo mais fortes, contanto que os tenha subjugado depois de duplicar as próprias fôrças com o espírito e o impulso religioso. Ela os avassala mesmo quando lhes é inferior em espírito de grupo, ainda que seja menos imbuida dos hábitos da vida nômade. É notável o exemplo do que aconteceu com os Zanata. Os Zanata estavam mais entrosados nos hábitos da vida nômade que os Masmuda (os Almohadas), excedendo-os mesmo pela aspereza de seus costumes meio selvagens. Mas os Masmuda combatiam por sua religião sob o comando do Al-Mahdi, e, inflamados de fanatismo pela nova religião, seu espírito de clã achou-se outro tanto duplicado. Também, os Zanata sucumbiram primeiro e foram forçados a prestar obediência ao govêrno Almohada, embora mais fortes que seus adversários, quer por seu espírito tribal, quer por seu entrosamento na vida rude do deserto. Mas, desde que deixou o sentimento religioso de impulsionar o vencedor, os Zanata se sublevaram em todo o império, e acabaram por arrebatar-lhes o poder.

# VI CAPÍTULO

## UM EMPREENDIMENTO QUE VISA AO TRIUNFO DE UM PRINCÍPIO RELIGIOSO NÃO PODERÁ VENCER SEM O CONCURSO DE UM PARTIDO FORTE QUE O SUSTENTE

Tivemos já ocasião de lembrar que para chamar os homens à adesão a qualquer empreendimento de certa importância, deve-se contar com o apoio de um partido forte. Esteia-se a afirmação na tradição já citada: *"Nunca Deus manda aos homens um profeta, a menos que o mensageiro enviado conte com quem o defenda no seio do seu povo"* (1). Se as coisas se passam assim com os profetas, homens mais aptos a executarem coisas extraordinárias, não deve causar admiração que certos indivíduos, sem serem profetas e sem contarem com o apoio de qualquer partido, tentam em vão efetuar conquistas, de todo fora da ordem comum. Vejamos por exemplo, a tentativa de Ibn Cassi, chefe dos Sufis da Andaluzia, e autor de um livro de devoção, intitulado *"Khal'-al-Na' lain"* (Descalçar As Duas Sandálias). Pegando em armas, arvorou-se em pregador da verdade e deu a seus partidários o nome de "Al-Muridin" (Os Aspirantes(2). Deu-se

---

(1) — Traduzo "min'a" em lugar de "manfa'at".

(2) — Al-Muridim (em lugar de Al-Murabitim). Todos os MS. e as edições impressas trazem "Al-Murabitin" isto é: marabutos, Al-Muravidas: estranha denominação para um partido que combatia a autoridade dos Al-Moravidas. Mais adiante, o mesmo nome se repete; e um dos MS, da Bibl. Nacional de Paris está erradamente escrito Al-Murididin, alteração sem dúvida de Al-Muridin, isto é: os aspirants. O Snr R. Dozy, nas suas "Notices sur quelques manuscrits arabes, p. 199, diz que Abul Casim Ahmad Ibn al-Huçain foi um dos primeiros chefes que se valeram da queda iminente do Império almoravida para pegar em armas e se declarar independente. Para seus partidários deu o nome de Al-Muridin. Estas indicações se encontram na biografia de Ibn Cassi, extraida da obra de Ibn al-Abar, intitulada: **Al-Hullal As-Saiyarat.**

êste levante pouco antes da pregação do Mahdi (dos Almohadas). A aventura teve algum sucesso no comêço: os Lamtuna deixaram-se vencer pelos Almohadas, e a Andaluzia não contava mais com nenhum partido, com nenhuma tribo para enfrentá-lo. Mas, apenas os Almohadas tinham acabado de submeter a África setentrional, logo Ibn Cassi lhes ofereceu sua submissão. Do castelo de Arcoch (Los Arcos), praça forte onde se tinha instalado, mandou-lhes um ato de homenagem e apressou-se a entregar-lhes a sua fortaleza. Também foi êle o primeiro partidário que os Almohadas encontraram na Andaluzia. A revolta de Ibn Cassi foi chamada: *Rebelião dos Aspirantes.*

Podem-se classfiicar nesta categoria as tentativas de muitos indivíduos fazendo parte alguns dêles da classe baixa, e outros do corpo dos legistas, que pegaram em armas com a intenção de suprimir os abusos e reformar os costumes. Para conseguir seu intento e merecer o favor de Deus, muitas pessoas entregues à vida devota e às práticas religiosas rebelam-se contra o govêrno tirânico de seus Emires. Reunindo uma turba de partidários e de aventureiros vindos da mais baixa escória da população, andam a comandar o bem e a proibir o mal. Longe está de saber a maior parte dêles que corre para sua perdição, sucumbindo na emprêsa, sem merecer o favor divino (pelo triunfo de sua causa); porque Deus não lhes tinha prescrito o dever de reformar os costumes; Êle não dá esta incumbência senão aos homens com o poder de cumprí-lo. O Profeta disse: "Se dentre vós alguém observar abusos, que os faça desaparecer com a mão; não o podendo com a mão, que use a palavra; e, se fôr a língua insuficiente, que o faça com o coração". A potência dos reis e dos impérios não pode ser abalada nem derrubada senão por um homem que tenha por apoio uma poderosa tribo ou um povo animado de um forte espírito de grupo. Puderam os profetas cumprir sua missão, porque se esteavam sôbre o devotamento da própria tribo e contavam com o apoio de sua família. Foram êstes os profetas que alcançaram sucesso com a ajuda de Deus. Se Deus quisesse, poderia tê-los apoiado com as fôrças do universo inteiro; mas, na sua alta sabedoria, não quis modificar em nada a marcha normal dos acon-

tecimentos. Um homem pode ter tôda a aptidão necessária para preencher o ofício de reformador; mas, se lhe faltar o apoio de um poderoso partido, arrisca a própria vida. Se se reveste da máscara da religião com o fim de se alçar a uma posição no mundo, bem merece a frustração de seus designios e a perda da vida. Não poderia fazer triunfar a causa de Deus sem sua aprovação e assistência, sem serví-lo com um coração devotado e sem ter o zêlo necessário para a felicidade dos verdadeiros crentes. Eis aí uma verdade que nenhum homem razoável pode contestar.

O primeiro movimento dêste gênero que houve no império muçulmano, deu-se em Bagdá, quando da guerra civil em que Dahir matou Al-Amin. Al-Mamun, que se achava na ocasião no Khoração, tardava muito em vir para o Iraque; depois de certas hesitações, designou como seu sucessor no Califado a Ali Ibn Muça Arrida, um descendente de Al-Huçain (neto de Muhammad). Os outros membros da família abbassida desaprovaram clamorosamente a escolha, decidindo pegar em armas; repudiaram a autoridade de Al-Mamun e colocaram no trono a Ibrahim, filho de Mahdi. Enquanto Bagdá era assim prêsa da sedição, o populacho, os salteadores e a soldadesca lançaram-se sôbre os pacíficos citadinos e homens de bem; desvalijaram os viajantes e venderam ostensivamente nas ruas os frutos de suas rapinagens. Como os magistrados não podiam impedir o escândalo, nem intervir em favor das pessoas vítimas dos latrocínios, todos os homens piedosos e a gente de bem combinaram os meios de pôr um paradeiro às rapinagens. Um certo "derwiche" de nome "Khalid" apareceu então na cidade de Bagdá e intimou a população a ajudá-lo a restabelecer a ordem. Muitos responderam a seu apêlo; combateram os bandidos, venceram-nos e castigaram-nos com a maior severidade. Pouco tempo depois, um homem da mesma cidade, chamado Abu Hatim Sahl Ibn Salama Al-Ansari, mostrou-se com um Alcorão dependurado no pescoço e intimou o povo a pôr fim aos abusos, a restabelecer a ordem e a seguir as prescrições do Livro de Deus e o exemplo do Profeta. Apoiado pelos Hachimitas (os Abbassidas e os Alidas) de tôda a categoria e posição, instalou-se no palácio dos Tahir, organizou escritórios de recrutamento,

e, percorrendo a cidade, castigou os malfeitores que roubavam os transeuntes e proibiu a quem quer que fôsse pagar aos ladrões direitos de salvo-conduto. Tendo Khalid, o derwiche, declarado que não atribuia de maneira nenhuma ao sultão as desagradáveis ocorrências, Sahl respondeu-lhe: "Eu, porém, lutarei contra todo aquêle que agir contra as prescrições do Alcorão e da Sunna, pouco me importando que seja êle sultão ou qualquer outro". Passou-se isso no ano 201 (816 de J. C.). Vencido pelas tropas que Ibrahim, filho de Mahdi, enviou contra êle, o derwiche caiu-lhes entre as mãos e teve muita dificuldade em evadir-se. Um instante foi suficiente para arruinar-lhe o poder.

Com o correr dos tempos, muitos indivíduos de espírito exaltado seguiram o mesmo procedimento; empreenderam manter a verdade, sem se lembrarem de que deveriam apoiar-se sôbre um partido poderoso, não prevendo o que lhes aconteceria sem esta precaução. Para com gente desta espécie, é preciso empregar meios suasórios, no caso de se tratar de espíritos desequilibrados. Provocando sedições, merecem a morte ou pelo menos severos castigos; ou então, que se ridicularizem aos olhos do público e se tratem como truões (3).

Certos homens quiseram passar por serem *O Fatimita Esperado* (4), ou por anjos mensageiros encarregados de conclamar o povo a aderir à causa dêste personagem. Mas nenhum dêles sabia exatamente quem era êste *Fatimita* e qual seria a sua missão. A maior parte dêsses indivíduos era gente de espírito fraco, ou loucos, ou então impostores que procuravam, com semelhantes pretensões, alcançar o comando, que

(3) — "As-Safa'in". Esta palavra, que é plural de Safa', designava pròpriamente esta classe de parasitos que, de bom grado, recebiam palmadas e pontapés, com a condição de, ao mesmo tempo, serem gratificados com um bom almoço. A mesma classe existia entre os Romanos; Plauto, nos seus "Cativos", lhes chama PLAGIPATIDAE, armazém de pescoções e pontapés. (Nota dos Trad.).

(4) — Isto é, o décimo segundo Imame, ou o Mahdi, que desapareceu do mundo quando ainda pequeno e que deve aparecer mais tarde para fazer triunfar a justiça. No Tomo II desta Obra, acha-se um longo capítulo "Sôbre o Fatimita esperado e o que dizem os homens a seu respeito, e como desvendar o seu mistério".

era o objeto de sua cobiça. Não dispondo de nenhum meio comum para chegar ao poder, recorriam a êste embuste, sem preverem a desventura que os esperava, nem as fatais conseqüências de sua revolta e impostura. Foi assim que, no começo dêste século (o oitavo da H.), um indivíduo de nome Atueizari (5), que praticava o Sufismo, apareceu na província de Sus e se instalou na Mesquita de Massa, lugarejo situado à beira do Mar Atlântico. Dando-se pelo *Fatimita esperado,* seduziu a gente do povo, cujo espírito fôra alertado por profecias anunciando que o personagem ia fazer sua aparição e que faria da aludida mesquita seu quartel general. De modo que juntou ao redor de si uma multidão de Berberes, que acudiram precipitando-se ao seu encontro como as borboletas ao encontro da luz de um candeeiro. Os chefes berberes acabaram por se convencer de que esta tentativa de rebelião, poderia tomar uma extenção desmedida; e Omar Ibn es-Sakciui (6), um dos que entre êlse comandava

---

(5) — Atueizari: liter, o pequeno homem de Tuzer, cidade da planície tuniziana.

(6) — Sôbre êste chefe dos Masmudas, Ibn Khaldun dá uma descrição das mais vivas, assim como do país dos Sakciua. "A montanha que habitam forma o cima mais alto do Atlas e oferece-lhes um asilo inviolável por seus castelos inexpugnáveis, seus rochedos sobranceiros e seus picos altíssimos. De uma altura vertiginosa, a montanha com a fronte toca a abóbada celeste e esconde num véu de neves a sua testa coroada de estrêlas. Seus flancos servem de covis às tempestades; seus ouvidos escutam os discursos do céu; seu cume domina o Oceano; seu dorso serve de apoio ao deserto de Sus, e no seu seio descansam as outras montanhas de Daren". Eis agora o retrato de Omar, que era apelidado pela tribo, O Aguellid, isto é, o Sultão: Apaixonado pelos estudos, tinha adquirido um vasto fundo de saber e formado uma grande coleção de livros e de coletâneas poéticas. Conhecia de cor os princípios de jurisprudência e parte de suas explanações; dizem mesmo que pôde recitar de cor a obra intitulada **Al-Mudauana** (um dos mais antigos tratados do direito malikita). Gostava também de filosofia, cujas diversas partes tinha estudado, e tinha-se ocupado com ardor das ciências que dela derivam, tais como a alquimia, a fantasmagoria e a magia branca. Conhecia as leis religiosas dos antigos e os livros sagrados dos Israelitas. Comprazia-se a tal ponto na sociedade dos Rabinos, que sua ortodoxia foi posta em dúvida, e foi acusado de querer abandonar sua religião. "História ber, II. (Nota dos Trad.).

tôdas as tribos dos Masmuda, mandou emissários que assassinaram o impostor na sua cama.

Na mesma época, um outro intrigante de nome Al-Abbas apareceu entre os Gomara (7), querendo passar também pelo *Fatimita Esperado.* Como os imbecis e os cabeças esquentadas desta tribo, se apressaram a responder ao seu apêlo, viu-se de repente com bastante fôrça para investir contra a cidade de Badis e a tomou de assalto. Mas, quarenta dias depois do início de sua aventura, teve a mesma sorte que os aventureiros anteriores, e perdeu a vida.

Poderíamos citar um grande número de exemplos destas loucas tentativas. Todos êstes casos patenteiam com que facilidade muitos se deixam assim iludir por ignorarem quanto o apoio de um partido poderoso é necessário para o sucesso de uma emprêsa desta natureza. Quem se atrever a lançar-se nela com o único desígnio de enganar o povo, merece, sem dúvida alguma, além da derrota, um castigo igual a seu crime. *É êste o castigo que Allah reservou para os injustos.*

## VII CAPÍTULO

### UMA DINASTIA NÃO PODE ESTENDER SUA AUTORIDADE SENÃO SÔBRE UM LIMITADO NÚMERO DE REINOS E REGIÕES

A razão desta afirmação está no fato de os partidários da dinastia, o povo que a estabeleceu e que a sustenta, deverem repartir-se por bandos nos diversos reinos e múltiplas

(7) — Tribo berbere do Rif marroquino. "Os Gomara habitam as montanhas do Rif, região ribeirinha do Mediterrâneo, seu país mede cinco jornadas de comprimento, desde Ghassaça, ao norte das planícies do Magrib, até Tânger, e compreende as cidades citadas e outras como Nokur, Badis, Tikisas, Tetawin (Tetouan), Ceuta, e Al-Casar. "Ibid II, p. 134". (Nota dos Trad.).

fortalezas de que se apossaram. Precisam ocupar o país, para poder protegê-lo contra o inimigo e fazer respeitar a autoridade do govêrno central. Entre as suas atribuições, êstes destacamentos têm por missão arrecadar os impostos e conter os vencidos. Ora, o que pode acontecer a um império que disseminou suas fôrças desta maneira, é esgotar seus meios de ação, e os limites exteriores das províncias conquistadas tornarem-se as fronteiras de seu território, marcando o máximo de extensão que foi capaz de atingir. Se pretendesse o soberano alargar suas possessões, não teria as tropas suficientes para a guarda de tudo e daria assim aos Estados vizinhos uma ocasião favorável para o atacarem. O temor que lhes inspirava primeiro, não os deteria mais, e suas tentativas audaciosas trariam desprestígio para a sua autoridade. Se as fôrças do império forem muito numerosas, se se tomar o cuidado de não as enfraquecer repartindo-as por destacamentos nas praças fortes e ao longo da fronteira, o império achar-se-á com meios de se apoderar das regiões que ficam para além de seus limites, e de expandir-se na proporção de sua capacidade.

O fato se prende à natureza mesmo das coisas. O espírito de grupo é uma potência natural; cada potência produz resultados próprios, graças aos quais se faz reconhecer. É inegável que uma dinastia é muito mais poderosa na sede de seu govêrno que nas extremidades e nas fronteiras de seu império. Se ela esgotou sua autoridade alcançando a fronteira, não poderá levá-la mais longe. É assim que acontece com os raios solares que se enfraquecem à medida que se afastam de um ponto central, o mesmo acontecendo com as ondulações circulares que se estendem na superfície da água agitada por algum movimento. Logo que o império é atingido pelos primeiros impactos da senilidade e da decrepitude, restringe suas fronteiras conservando sua capital e continua dominando a extensão do próprio território, até ao momento em que deve sucumbir, perecendo conforme os desígnios de Deus, e perdendo mesmo a sua capital. Uma dinastia que se deixa despojar da sede de seu poderio, em vão guardará as províncias fronteiriças, desmoronando-se tudo com a queda do seu centro (vital), pois que a capital

outra coisa não é senão o coração do império. Como o coração de qualquer animal, é ela que transmite a vitalidade a todos os membros do corpo; atingido e paralizado o coração, a vida abandona as extremidades (e o todo).

Sirva-nos de exemplo a Pérsia. Tão depressa as fôrças muçulmanas se apoderaram de Al-Madain, capital do império, todo o poderio dos Persas foi aniquilado, apesar de as províncias fronteiriças continuarem sob o poder de Yesdeguird, o que não lhe serviu de nada. Sucedeu o contrário com a dominação dos Gregos na Síria. Quando so Muçulmanos lhes tiraram êste país, os Rum se retiraram na direção de Constantinopla, capital de seu império, e a perda da Síria não afetou em nada seu poderio, que se conserva até que Deus queira permitir-lhe a queda (1). Outro exemplo é o dos Árabes e o que lhes ocorreu nos primeiros tempos do Islamismo. Como eram muito numerosos, apoderaram-se com facilidade dos países limítrofes, caindo-lhes nas mãos a Síria, o Iraque e o Egito. Então, levaram suas armas mais longe e invadiram o Sind, a Abissínia, a Ifríkya e o Magrib, para depois penetrarem na Andaluzia. Dividindo-se em bandos, para ocupar êstes reinos e guardar estas fronteiras extensas, acabaram por esgotar suas fôrças e se acharam na impossibilidade de empreender novas conquistas. Também, o Islamismo parou de progredir, não indo mais longe. Chegada a êste limite extremo, a dominação muçulmana começou um movimento retrógrado que deve continuar até que Deus permita a ruína dêste império. Tal foi a sorte dos Estados formados desde o estabelecimento do Islamismo. Quer tenham tido à sua disposição muitas tropas quer poucas, uma vez que estas se dispersaram pelas províncias, tais Estados não mais puderam efetuar conquistas.

(1) — O Império bizantino continuava existindo no tempo de Ibn Khaldun; a tomada de Constantinopla pelos Turcos, só se efetuando em 1453. (Nota dos Trad.).

## VIII CAPÍTULO

### A GRANDEZA DE UM IMPÉRIO, SUA EXTENSÃO E DURABILIDADE ESTÃO EM RELAÇÃO DIRETA COM O NÚMERO DOS QUE O FUNDARAM

É com o apoio de um corpo poderoso que se chega a fundar um Império. Êste corpo compõe-se de tropas que se destacam para os diversos Estados e províncias que constituem o Império, formando ali guarnição. Quanto mais numerosos forem a tribo e o povo que fundaram o Império, tanto mais forte é êste último, e mais províncias e territórios entram sob seu domínio. Nós temos um exemplo disso no Império Islâmico. Quando Deus fez ingressar os Árabes na religião (que Muhammad veio pregar), o número dos Muçulmanos que tomaram parte na expedição de Tabuk, a última empreendida pelo Profeta, chegava a cento e vinte mil, entre tropas a cavalo e gente a pé. Dêstes guerreiros, uns pertenciam à grande tribo de Mudar, outros, à de Kahtan. É preciso acrescentar a esta massa de gente alguns outros que abraçaram o Islamismo no espaço de tempo que medeia entre esta expedição e a morte do Profeta. Quando os Árabes se puseram em marcha para conquistarem impérios, nenhuma fortaleza, nenhum país, por muito protegido que fôsse, pôde resistir-lhes. Avassalaram o território dos Persas e o dos Gregos, dois povos que então formavam as mais poderosas nações do mundo. Atacaram os Turcos no Oriente, os Francos e os Berberes no Ocidente e os Godos na Andaluzia. Marchando desde o Hijaz até o Extremo-Sus, e desde o Iaman até os Turcos, na região mais recuada do Norte, estenderam sua dominação através os Sete Climas. Vejamos depois o exemplo dos Sanhaja e o Império dos Zirida, que fundaram, assim como o dos Almohadas, comparando-os com o que fundaram os Fatimitas ante dêles. Como a tribo dos Kitama, a que estabeleceu os Fatimitas no trono, era

mais numerosa que as tribos de Sanhaja e dos Masmuda (Almohadas), superou a ambas pela extensão do império que fundou. A Ifríkya, o Magrib, a Síria, o Hijaz submeteram-se a seu poderio. Vemos em seguida surgir o Império dos Zanata. Êste povo, desde o começo de sua carreira, menos numeroso que os Masmuda, era-lhes inferior também em extensão de território, e por isso formou um Império de menores dimensões. Verifica-se o mesmo fato, considerando o estado dos Zanata, do Magrib, dos Merinidas, em Marrocos, e dos Banu Abd al-Uad, em Tlemcen. Quando os Merinidas começaram suas conquistas, eram mais numerosos que os Banu Abd al-Uad; também os superaram pela potência e extensão de suas possessões; venceram-nos mesmo em muitas ocasiões. Assegura-se que os Merinidas dispunham no comêço de três mil homens de guerra, enquanto que os Banu Abd al-Uad tinham sòmente mil. É verdade que êstes números aumentaram mais tarde com o progresso do bem-estar geral e com a multidão de partidários que se lhes juntaram. Do que precede conclui-se que a extensão de um império e seu poderio estão em relação direta com o número dos que o fundaram. A mesma proporção preside ao que se refere a sua duração. A duração de tudo o que teve começo, depende da fôrça da têmpera de cada ser; ora, a têmpera dos Impérios, é o espírito de grupo. Quanto mais forte é êste espírito, mais se distingue o Império pelo vigor de sua têmpera e por sua resistência aos ultrages do tempo. É nas massas numerosas que o espírito de grupo melhor se desenvolve, como já dissemos.

O que se acabou de dizer prende-se a uma causa real. Quando um Império começa a perder sua extensão, é pelas fronteiras que êste retraimento se inicia. Se fôr composto de um grande número de províncias, suas fronteiras achar-se-ão muito afastadas da capital e terão uma vasta extensão. Cada perda de território se faz num certo tempo. Se as províncias forem muitas, estas épocas de diminuição e aleijamento serão numerosas e levarão mais tempo, já que cada província tem certo tempo para se manter e enfraquecer. Por conseguinte, um Império constituido de muitas províncias, terá grande duração.

Vejamos, por exemplo, como o Império dos Árabes mu-

çulmanos durou mais que qualquer outro. Não falamos aqui sòmente da dinastia dos Abbassidas, que residia no centro mesmo do Império, mas também da dos Omaiyas que estava retirada na Andaluzia; ambas as dinastias tinham durado até o começo do V.º da H. Os Fatimitas se mantiveram durante cerca de duzentos e oitenta anos. A dinastia dos Sanhaja, que dependia do Império Fatimita, desde a época em que Muiz Adaula investiu Bologuin Ibn Ziri no govêrno de Ifríkya, manteve-se do ano 358 H até ao ano 557 H, época em que os Almohadas lhes tiraram Cala e Bajaia (Bougie). O Império Almohada (Hafsida) de nossos dias já subsistiu mais de duzentos e setenta anos. Assim a duração dos Impérios está em relação direta com o número dos guerreiros que os fundaram. *Regra que Allah mesmo seguiu ao dirigir suas criaturas.* (Alc. XL:85).

## IX CAPÍTULO

### UM IMPÉRIO DIFÌCILMENTE SE ESTABELECE NUM PAÍS OCUPADO POR NUMEROSAS E DIVERSAS TRIBOS

Provém a dificuldade da diversidade de opiniões e de sentimentos que lavra entre êstes povos. Cada opinião, cada sentimento, acha um partido para sustentá-lo; assim, as revoltas são muito freqüentes contra a autoridade do novo poder que acaba de se formar. Vão seria, para o Império, o apoio de seus partidários, porque os povos recem-submetidos têm também seu espírito de grupo, e cada povo está convencido de possuir fôrça bastante para continuar independente. Vejamos, por exemplo, o que se passou em Ifríkya e no Magrib desde o começo do Islamismo até nossos dias. A população destas regiões é composta de Berberes, povo organizado em tribos, cada uma delas animada de um vivo espírito de grupo. Ibn

Abi Sarh os venceu uma primeira vez, assim como aos Francos (que estavam com êles). Mas esta derrota não teve nenhuma conseqüência: tomaram o hábito de se revoltarem e de apostasiar quantas vêzes queriam. A cada instante se alçavam em revolta sem se deixarem conter pelos castigos que lhes infligiam os exércitos muçulmanos. Quando o Islamismo tomou pé entre êles, recaíram nos seus hábitos de rebelião e abraçaram as opiniões religiosas dos Kharejitas. "Os Berberes, diz Ibn Abi Zaid (1), renegaram até doze vêzes o Islã, que não se estabeleceu definitivamente no seu coração senão depois da administração de Muça Ibn Moçair". O Califa Omar, querendo designar êste estado de coisas e de espírito, dizia que a Ifríkya semeava a discórdia no coração dos seus habitantes(2), querendo dizer com isso que esta região da terra era cheia de tribos e povoados diversos; o que levava os habitantes à desobediência e à insubordinação. No Iraque, em igual época, assim como na Síria, não existia semelhante estado de coisas. Um dêstes países tinha as tropas persas para guardá-lo, e o outro, tropas gregas. Êstes exércitos eram uma mistura de gente de tôda a espécie, habituada à vida das cidades. Ao investirem os Muçulmanos contra êstes países, conquistaram-nos (com facilidade) e não houve mais nem resistência nem revolta que se temesse. No Magrib, ao contrário, inúmeras eram as tribos dos Berberes, tôdas adstritas à vida nômade e enrijecidas por ela, tendo, cada qual, para sustentá-la um vivíssimo espírito de clã. Cada vez que uma destas povoações vinha a esmorecer ou se estinguia, uma outra tomava seu lugar, adotando seus hábitos de revolta e de apostasia. Também muito tiveram que trabalhar os Árabes e durante muito tempo, antes de poderem firmar a autoridade do Império muslímico na Ifríkya e no Magrib.

---

(1) — Deve-se ler aqui Yazid (em lugar de Zaid) que seria então Abu Muhamad Ayub Ibn Abi Yazid, filho do célebre Abu Yazid que fez uma guerra encarniçada à dinastia dos Fatimitas, e que era muito versado no conhecimento das genealogias berberes. Esteve durante certo tempo na côrte de Cordoba, quando alí mandava o célebre ministro Ibn Abi Amir, chamado Al-Mansur. Cf. p. 73, nota 48).

(2) — Tem-se aqui uma espécie de trocadilho etimológico resultante da semelhança existente, em árabe, entre Ifríkya e "farraca", isto é, ação de dividir.

Na Síria, antigamente, os Israelitas encontraram tribos compostas de Filisteus, de Cananeus, de descendentes de Esaú, de Midianitas, de descendentes de Lot (ou Moabitas), de Edomitas, de Arameus, de Amalecitas, de Gergeus e de Nabateus; êstes últimos ocupando territórios do lado da Mesopotâmia e de Mossul. Era imenso o número destas tribos, assim como a diversidade de sentimentos e de interesses. Os Israelitas, por isso, experimentaram grandes dificuldades antes de poderem estabelecer seu domínio sôbre êste país e fundar ali um império. A sua autoridade muitas vêzes foi abalada por revoltas e êles mesmos deixaram-se contaminar pelo espírito de desordem que animava seus súditos. Muitas vêzes também se alçaram em rebeldia contra seus reis, e não tiveram nunca um império sòlidamente estabelecido. Vencidos pelos Persas, primeiro, e depois, pelos Gregos, acabaram por ser subjugados e dispersos pelos Romanos.

Totalmente inverso é o que ocorre com os países falhos de espírito de grupo. Fàcilmente se chega a fundar nêles um império; o soberano sempre vive tranqüilo, porque raras são as agitações e as revoltas. Império nestas condições não tem necessidade de uma multidão de partidários, desde que domine o espírito de grupo. É o quadro social em que se movem o Egito e a Síria de nossos dias; não há nestes países nem tribos, nem povoações organizadas em bandos; poder-se-ia crer até que êste País de Scham nunca fôra antes o viveiro das tribos. O sultão do Egito vive numa tranqüilidade perfeita, tão raro é o espírito de revolta ou de fação. Sòmente se encontram ali um soberano socegado e súditos obedientes. O govêrno entregue nas mãos de um príncipe de origem turca e sustentado por bandos de Mamluk (3) pertencentes à mesma raça, passa de um soberano para outro, de uma família para

(3) — Os Mamluk, como indica o nome árabe, (ser comprado, ser propriedade de alguém) deram uma dinastia de soberanos que governou o Egito e a Síria, desde o fim da dominação dos Ayubitas estabelecida por Saladino até à conquista do Egito pelos Turcos. (1250-1517). Eram antigos escravos que faziam parte da guarda dos Sultões e dos Emires, e, devido a suas qualidades de valor e, certas vêzes, de inteligência, foram libertos. Foi no Egito que mais medraram, formando um Estado fortemente militarizado, feudal, com características próprias, que deixou nas páginas da História, ao lado

outra. Acha-se ali também um Califa que intitulam de "o Abbassida", e que descende dos Califas de Bagdá (4).

Em nossos dias vê-se o mesmo estado de coisas na Andaluzia, país governado por Ibn Al-Ahmar. Quando a dinastia dêste príncipe começou a se estabelecer, não era muito forte e não dispunha de muitas tropas. Os Banu'l Ahmar pertencem a uma das famílias árabes que serviram no tempo os Omaiyas e das quais resta apenas reduzíssimo número. Quando foi derrubado o govêrno dos Árabes na Andaluzia e os Berberes de Lamtuna (Almoravidas) e os Almohadas conquistaram sucessivamente êste país, os Muçulmanos andaluzes foram tão oprimidos e maltratados pelos vencedores, que seus corações se encheram de ódio e de indignação. Na época em que o govêrno dos Almohadas caminhava para a ruína, os Cid ou príncipes (5) desta dinastia cederam ao rei cristão grande número de fortalezas, na esperança de obterem do mesmo, em troca, ajuda militar que lhes facultasse empreender a reconquista de Marrocos, capital do império (6). Tôdas as antigas famílias árabes que tinham ficado na Andaluzia e que conservavam seu espírito de grupo reuniram-se na ocasião. Pouco dispostas por sua origem a residir em

---

de muitas manchas de sangue, certo brilho nas letras, e esplendor duradouro nos monumentos. A organização militar dos Mamluk passou ao serviço dos Turcos Otomanos; Bonaparte os encontrou ao desembarcar no solo egípcio em 1798, e os desbaratou, entrando muitos dêles a seu serviço. Mehemet-Ali, em 1811, acabou com a corporação, massacrando os últimos Mamluk. (Nota dos Trad.).

(4) — Depois da tomada de Bagdá pelos Mongóis de Hulagu, um descendente do último Califa, menino de 15 anos, apareceu em Damasco. O Sultão Bibars (1260-1277) convidou-o e acolheu-o dando-lhe residência no Cairo, que passou então a ser a nova residência dos Califas. O Califa, perdendo tôda a autoridade, sem poder, sem dinheiro e sem influência, mantido em custódia, servia para legitimar o poder dos Mamluk, como servirá mais tarde, para legitimar a soberania dos Sultões de Istambul, que viriam a lhe suceder no Califado. (Nota dos Trad.).

(5) — Cid, em árabe "sayed", que os Magrebinos pronunciam "Sid" = Cid, isto é: chefe.

(6) — Al-Hadrat, capital, residência do sultão. Os Merinidas tinham tirado aos Almohadas sua capital, Marakech, e as províncias que dela dependem.

cidades e a morar em casas fixas, tinham-se dedicado à vida militar e serviam nas milícias do império. Ibn Houd (rei de Saragoça), Ibn Al-Ahmar (o Nasrida, rei de Granada) e Ibn Mardanix (chefe da Andaluzia Oriental) (7) pertenciam cada um a uma destas famílias. O primeiro, apoderando-se do comando, mandou proclamar, na Andaluzia, a autoridade espiritual do Califa de Bagdá; levantou o povo contra os Almohadas, cuja soberania acabava de repudiar, e logrou expulsá-los do país. Depois, foi Ibn Al-Ahmar que aspirou ao poder. Seguindo o exemplo de Ibn Houd, ordenou que a oração pública fôsse pronunciada em nome de Ibn Abi Hafs, chefe almohada e soberano de Ifríkya. Para apoderar-se do poder, não precisou senão de um partido muito pequeno, composto dos membros de sua família, conhecidos com o nome de *Ruaça* (reis ou chefes). Podia dispensar-se de um corpo mais numeroso, porque o espírito de tribo mal existia entre as populações do país. Alí também não havia senão um soberano e seus súditos. Mais tarde, pegou em armas contra o rei cristão, e depois que granjeou a amizade dos príncipes de Zanata, que tinham atravessado o Estreito para se refugiarem nos seus Estados, formou com os mesmos um corpo de tropas, ao qual confiou a defesa de suas fortalezas e de suas fronteiras (8). O soberano zanatino merinida que reinava

(7) — Ibn Mandarix: êste nome não é nem árabe, nem berbere; de Slane pergunta se não será alguma alteração de Martinus. Dozy afirma que deriva de Martines; Codera, de Mardonius, no que não está muito longe de Ibn Khalikan, que lhe atribui uma etimologia pouco limpa, no que é encorajado pelo nome "Coprônimo", dada a um Basileus de Bizâncio. Em todo o caso a conduta do príncipe desmentia sua ascendência árabe. Sua prática constante era aliar-se continuadamente com os chefes cristãos seus vizinhos, de Aragão, de Castela e de Barcelona, e procurava estreitar amizade com os mais distantes. Gostava de vestir-se como os cristãos, usava as mesmas armas que êles usavam, aparelhava seus cavalos como êles e apreciava falar a língua que êles falavam. Suas tropas eram compostas de Castelhanos, de Navarros e de Catalões, para quem tinha contruído casernas e aberto cantinas, com grande escândalo dos bons Muçulmanos. Morreu em 1172, na véspera de cair Múrcia na mão dos Almohadas.

(8) — Ibn Khaldun dedicou muitos Capítulos ao corpo **Dos Voluntários Da Fé,** cujos oficiais e a maior parte da tropa se compunham

no Magrib tinha acariciado a esperança de se apoderar da Andaluzia; mas o corpo de refugiados secundou Ibn Al-Ahmar; com dedicação e o apoiou até conseguir restabelecer seus negócios, conciliar os espíritos e ficar seguro contra qualquer ataque. A autoridade permaneceu dentro de sua família.

Não se deve crer que Ibn Al-Ahmar tenha podido fundar um império sem que fôsse apoiado por um partido animado de certo espírito de grupo. Quando começou sua carreira, tinha já um partido, bastante fraco, é verdade, mas suficiente para a execução de seus projetos. Com efeito, o espírito social e de tribo não era muito forte na Andaluzia; êste príncipe não necessitava, pois, de grande número de partidários para conquistar o país. *Sòmente Allah pode dispensar a ajuda de suas criaturas.*

## X CAPÍTULO

### NUM IMPÉRIO, O SOBERANO É NATURALMENTE LEVADO A CONCENTRAR EM SI TÔDA A AUTORIDADE (1)

Começamos pelo espírito de autocracia. É devido ao espírito social ou de grupo que se fundam os impérios, como já se disse. Ora, um povo animado de um vivo sentimento

---

de refugiados Merinidas e Abdel-Uaditas. Cf. Hist. Des Berbers, t. IV, p. 459 e ss. Na ed. árabe de Boulac os mesmos fatos referidos são contados no Vol. VII, p. 366 e ss. Traduzimos por "Voluntários da Fé" a expressão árabe "Al Mutauya min al Guzat Al Mujahidin". É com a História dêstes Voluntários da Fé ou da Guerra Santa contra os Cristãos da Andaluzia que Ibn Khaldun termina sua História Universal, e começa sua Autobiografia. (Nota dos Trad.).

(1) — Na ed. de Boulac e em alguns MS, êste capítulo é formado por três capítulos muito curtos, que preferimos, reunir num só.

de dignidade compõe-se de um grande número de tribos , das quais uma, por ser a mais forte, domina tôdas, a ponto de as unir, absorvendo-as. É dêste modo que se formam associações aptas a avassalar os outros povos e a conquistar os impérios. Como esclarecimento dêste princípio, faremos observar que o espírito social numa tribo é como o temperamento nos seres criados. O temperamento é uma mistura dos quatro elementos, como já foi por nós exposto algures. Ora, uma composição de elementos que se neutralizam não poderia formar um temperamento; para que se produza êste efeito, é de absoluta necessidade que um dos elementos predomine sôbre os outros. O mesmo deve acontecer com o número de famílias reunidas em tribo e animadas de um mesmo espírito de comunidade: uma destas famllias deve ser bastante forte para manter unidas as outras, dar-lhes coesão, absorvê-las, combiná-las em um só corpo, e concentrar em si mesma todos os sentimentos patrióticos que animam cada uma. O espírito social, levado dêste modo ao ponto de maior intensidade, não se acha senão nas famílias que possuem o hábito do comando. Numa casa semelhante, é preciso que um dos membros tenha o poder de impor suas vontades aos outros; êste indivíduo deve à superioridade de seu nascimento a vantagem de comandar, como chefe, tôdas as famílias da federação. Como a altivez e a arrogância são sentimentos naturais à espécie humana, o chefe de um povo não consente nunca em repartir seu poder com um outro, nem lhe permite comandar ou administrar. Desenvolve-se, assim, o amor próprio, sentimento que está na natureza do homem. Estabelecido isso, ficam estabelecidos também os princípios de governar que se tornam indispensáveis. O chefe, por exemplo, deve ser único, porque se fôssem muitos, criar-se-iam condições muito prejudiciais à sociedade. *E se houvesse no céu e sôbre a terra muitos deuses, estas duas regiões teriam já perecido.* (Alc. XXI:22).

Um chefe supremo reprime a ambição das famílias colocadas sob as suas ordens; dobra a audácia e a petulância dos outros chefes, tirando-lhes qualquer esperança de compartilhar de seu poder. Refreia o ardor das outras famílias que aspiram ao comando, impedindo-as de o alcançar, reservando

para si, na medida do possível, tôda a autoridade e não deixando para ninguém mais a mínima parcela. Guardando para si todo o poder jamais consente em dividí-lo. O fundador do império possui tôda a autoridade; seu sucessor provàvelmente virá a perder uma parte, ou então será o terceiro da dinastia. Isso depende do espírito de independência, que domina seus súditos, e de seus meios de resistência. O que acabámos de dizer se aplica a todos os Impérios; é uma *lei observada por Allah para com suas criaturas.*

Passamos às causas que trazem os hábitos do luxo. Um povo que venceu outro e que arrebatou a autoridade soberana aos que a exerciam, acha-se na posse do que tinham de melhor em matéria de luxo e de bem-estar. Multiplicando-se seus requintes de civilização, abandona a vida rude e grosseira que tinha levado até aí, procurando desfrutar do refinamento e de todos os prazeres que fazem o encanto da existência. Adotando os usos do povo que acaba de subjugar, começa logo a experimentar necessidades do que antes considerava supérfluo; deixa-se entregar às delícias da vida e a uma ostentação excessiva de luxo na mesa, nos trajes, no mobiliário e nos utensílios. Rivalizam os indivíduos em possuir as coisas mais belas, procurando sobrepujar os povos vizinhos pela excelência da cozinha, a riqueza das vestes e a elegância das montarias. O procedimento dos pais servirá de exemplo a seus descendentes e a corrida para o luxo continuará até ao fim do império. O grau de refinamento que alcançaram está em proporção com a extensão do seu domínio; o luxo se mede e é determinado pela grandeza do império como também pela fôrça e pelos hábitos do povo que suplantaram.

Quanto ao amor da indolência e à apatia, diremos que um povo ùnicamente, por meio de conquistas, logra possuir um império. Os trabalhos e sacrifícios consentidos em vista do triunfo final, são amplamente compensados pela vitória das armas e pela posse do poder. Atingido êste fim, esmorecem os esforços, como disse o poeta:

*Admiro o capricho da fortuna, que se esforça de me separar da bem-amada; mas, uma vez unidos, cessam seus esforços!*

Depois da aquisição do poder, renunciam os vencedores aos esforços e às fadigas que se tinham voluntàriamente imposto, procurando o descanso, a tranqüilidade e o repouso. A sua preocupação é deliciarem-se com os frutos da soberania, construirem muitos edifícios, belas casas e vestirem-se ricamente. Erguem palacetes, canalizam águas, plantam jardins e entregam-se às delícias da existência. Preferindo o descanso às fadigas, ocupam-se sòmente dos ricos adornos, das iguarias esquisitas, de baixelas e de tapetes. Embevecidos com êste gênero de vida, transmitem-no a seus descendentes. O luxo vai crescendo entre êles até que Deus manifeste sua vontade definitiva.

## XI CAPÍTULO

### O IMPÉRIO, UMA VEZ ADQUIRIDA SUA FORMA NATURAL PELO ESTABELECIMENTO DA AUTOCRACIA E PELO LUXO, CAMINHA PARA A DECADÊNCIA

O princípio enunciado pode ser demonstrado de muitas maneiras. Em primeiro lugar, o estabelecimento do império engendra necessàriamente o da autocracia. Durante todo o tempo que as famílias componentes da tribo participam do poder, trabalham em conjunto para sua sobrevivência, e o seu desejo de vencer e seu ardor na conservação do mesmo, servem de freio contra a insubordinação e o orgulho, animando-as tôdas a procurarem glória e fama. Para elevarem êste edifício de sua grandeza, afrontam a morte com alegria, e preferem-na à desonra. Se um membro da tribo lograr apoderar-se da suma autoridade, o mesmo se encarrega de reprimir a insubordinação dos outros, refreando suas ambições, atribuindo a si próprio os despojos em prejuízo dos demais. Começa, então, a arrefercer, nestes, a ambição da glória; esmorece-lhes a coragem e passam a habituarem-se ao abaixa-

mento e à submissão. A geração que vier a suceder-lhes, tendo sido criada na degredação, se afigura que o sôldo com que o sultão a gratifica é a justa retribuição dos serviços que lhe presta, sustentando-o pelas armas e protegendo o território do império. E não pode compreender as coisas de outro modo. Nesta raça decadente, raramente se vê um indivíduo aceitando um sôldo com a idéia de que isto o obriga a arriscar a vida. Assim o império se enfraquece, e com a perda das fôrças que lhe proporcionava o espírito comunitário, encaminha-se para a decadência e para a decrepitude.

Em segundo lugar, é da natureza das coisas que o luxo paulatinamente se introduza num império, conforme nossa anterior exposição. Os hábitos do fausto radicam-se cada vez mais nas famílias e na sociedade; os gastos excedem o que se recebe em sôldo, os rendimentos tornam-se escassos, morrem os pobres de indigência, dissipam os ricos seus emolumentos em gastos suntuários, e êste estado de coisas vai piorando, de geração em geração, até que os subsídios, de insuficientes, se tornam nulos. Começam então, a sentir-se os latejos da necessidade; o sultão ordena que se reserve os meios pecuniários para os gastos das expedições militares, e, impossibilitados os militares de fazê-lo, castiga-os, toma-lhes, na totalidade ou em maioria, os rendimentos que lhes são atribuídos, ou os dá aos seus e aos protegidos, o que impossibilita os oficiais de cumprirem suas obrigações, e contribui para o enfraquecimento do próprio senhor do império.

Além disso, quando o luxo penetrou profundamente numa nação e os subsídios se tornam insuficientes, o chefe do Estado, isto é, o sultão, vê-se forçado a aumentá-los, para livrar seus funcionários de embaraços e reparar as brechas feitas na sua fortuna. Mas, o impôsto produz uma soma fixa que não se pode aumentar ou diminuir, como também o aumento que se desejaria dar-lhe pelo lançamento de impostos extraordinários tem um limite intransponível. Querendo consagrar os rendimentos do Estado ao sôldo das tropas, e desejando aumentar êste sôldo com o fim de remediar os embaraços em que caíram os militares arrastados pelos hábitos do luxo e pelos gastos, começar-se-á por diminuir o número das tropas.

Concedido o aumento, o luxo faz novos progressos, novo aumento torna-se necessário e o número de tropas continua a diminuir. Repete-se o fenômeno uma terceira e quarta vez, até que o exército, reduzido e minguado, torna-se insuficiente para a guarda do país. Evidenciando assim a sua fraqueza, o império encoraja as nações vizinhas, ou mesmo as tribos e povoações a êle sumbmetidas, a atacá-lo. Até que esgotado, acaba por desaparecer, com a permissão de Deus, cuja vontade marcou semelhante destino a tudo o que criou.

Acrescentemos que o luxo corrompe o povo, levando os espíritos para o mal e para a depravação, como já explicámos ao tratar da vida sedentária. Perde, então, as nobres qualidades que marcam uma raça com o signo do comando, ao mesmo tempo que se deixa dominar pelos vícios pronunciadores de movimentos retorgrados que têm por desfecho a ruína do Estado. Tal a sorte que Deus reserva a tôdas as criaturas. O império que se arrasta na decadência vê desaparecer sua prosperidade, e periòdicamente, e cada vez mais, é acometido dos ataques da decrepitude, até tombar liquidado.

Em terceiro lugar, um império, sente-se levado naturalmente a estimar a tranqüilidade e o repouso. Como acontece com todos os hábitos, a indolência torna-se para o povo como uma segunda natureza. A geração seguinte, educada no meio da abundância e do luxo, está longe dos costumes rudes e grosseiros que se adquirem na vida nômade; perde a bravura que se arremessa para as conquistas; esquece os hábitos de rapinagem e de assaltos, e não sabe mais viajar nos desertos, nem como se orientar nos lugares êrmos. Tal povo só difere da ralé e do populacho pela fineza do espírito e pelo vestuário; e, incapacitando-se para a guarda do país, perde suas qualidades de energia e de vigor. Todo êste desmoronamento das qualidades viris se repercute no império, já coberto dos andrajos da senectude. Tomando os súditos maior gôsto pela voluptuosidade, novos hábitos de luxo os vitimam na vida sedentária, deliciando-se cada vez mais no ócio, na indolência e tornando-se efeminados; continuam-se afundando (nas águas voluptuosas), e mais se afastam da simplicidade da vida nômade e atiram longe de si as asperezas dos costumes do deserto; perdem a coragem marcial com que tinham prote-

gido o império, e tornam-se um tal pêso para o govêrno que precisariam êles mesmos de tropas que os protegessem. O leitor achará bastantes exemplos iguais ao descrito, em tôdas as histórias das dinastias; consulte êsses volumes e certamente concordará em nos dar razão.

Certas vêzes acontece que, num império já atacado de debilidade que provém do ócio e dos hábitos de luxo, o soberano resolve tomar partidários e defensores entre povos alheios. Escolhe homens acostumados a levar uma vida rude e forma um corpo de milícias mais aguerridas que as antigas tropas, e bem mais capazes de aguentar as fadigas da guerra, a fome e as privações. Remedeia êle, assim, com jeito, a decrepitude que acometeu o império. No Oriente, aconteceu isso com o império dos Turcos (Mamluk), em que a maior parte do exército se compunha de dependentes e de clientes dos chefes. O sultão escolhe, entre os escravos que se importam para o país (1), um certo número de homens para fazer dêles

(1) — A propósito desta "importação" de escravos, tomamos a liberdade de reproduzir algumas informações de uma das mais notáveis descrições de viagem, feita por Pero Tafur, em 1435-1439. Kafca, sôbre o Mar Negro, era o principal mercado fornecedor de escravos brancos: "Kafca... es el imperio de los Tartaros, pero la ciudad es de Genoveses", onde se cometiam "grandes travessuras... ansi como vender padre a hijo o hermano á hermana"... é aun dizen que este vender de los hijos non es pecado, porque es un fruto que Dios les da de que pueden aprovechar, y áun, que alla donde van, les fará Dios más merced que alí. Aqui se venden más esclavos e esclavas que en todo otro que queda del mundo, e aqui tiene el soldan de Babylonia sus factores y mercan alli, y lievan a Babylonia, y estos son los que dixe mamalucos". "Los mamalucos, que acá llamamos elches renegados... son los que el Sodan faze comprar por sus dineros en el mar Mayor y en todas las provincias donde los xpianos se venden; y como los traen alli, tornanlos moros e mostranles la ley e a cavalgar y jugar con el arco;... Non puede ser soldan, nin almirante, nin aver honor alguna nin oficio si, non es destes renegados, nin puede cavalgar en cavallo moro de natura sin que mueran por ello". (Pero Tafur: Andanças y viajes, da "Coleccion de Libros espanoles raros o curiosos", t. VIII, pp. 161 e 80, ed. 1874). Além da região da Criméia, levas de escravos eram trazidas do Cáucaso e do Mar Cáspio e de muitas outras regiões; mas os mais apreciados eram os Tártaros, por se distinguirem dos demais por sua boa fé, seu porte marcial e por sua fidelidade a seu amo: "Se entre

cavaleiros e *infantes*. Estas novas tropas são mais valentes e mais experimenadas nas fadigas que as anteriores compostas dos filhos dos Mamluk, que se tinham educado no meio dos prazeres e do poder, sob a égide da soberania.

O mesmo fato se repete na Ifríkya. O sultão Almohada escolhe geralmente suas tropas entre as tribos de Zanata e dos Árabes; contrata-os todos os dias, em grande número, para seu serviço, deixando de lado os Almohadas, povo enervado pelo luxo. Desta maneira, recebe o império nova vida e se garante contra as injúrias da decrepitude. *Allah é o herdeiro da Terra e de tudo o que ela encerra.*

---

êllos ay tartaro, embra o macho, vale um tercio más que los otros; porque se falla de cierto que nunca tártaro fizo trayicion á su senor". (Ibid, p. 162). Além dêstes escravos comprados, o Egito recebeia de vez em quando grupos numerosos de Mongóis livres. O Sultão Bibars, em 1263, recebeu, com tôdas as honras militares, três numerosos destacamentos que incorporou nas suas milícias. Kotboga, em 1296, recebeu tôda uma tribo, de mais de dez mil tendas, chefiadas pelo genro do próprio Hulagu, imperador de todos os Mongóis. Recebidos no Cairo com as maiores honras, foram também incorporados, recebendo alguns dos seus chefes o título de emir. Calcula-se em dois mil escravos os que os mercadores forneciam para o Egito, por ano, sendo a maior parte dêles Mongóis, Gregos, Albaneses, Esclavões, Búlgaros e Sérvios. No Oriente como no Ocidente, êstes mercadores de escravos eram poderosos capitalistas que, no império dos Mamlucos, tinham uma importância extrema; alguns mesmo, se intitulavam de fornecedores da côrte. Carlos Magno e os Papas combateram êste tráfico, que continuou durante a Idade Média e até à época atual a abastecer o Oriente, para suas casernas, seus haréns, e seus palácios. Os Judeus eram os habituais intermediários dêste negócio lucrativo. Catalões, Franceses do Meio Dia, piratas de tôdas as nações forneciam escravos para o Egito. Os Vênetos iam buscar escravos dentro de Roma. Os Genoveses, como se viu, exploravam todo o Mar Negro, mas seu principal mercado esclavagista era Kafca, na Criméia, donde partiu a grande peste negra de 1348, que devastou tôda a bacia do Mediterrâneo, abalando tão profundamente o Oriente como o Ocidente, e que Ibn Khaldun chamou de "Peste Arrasadora", como já se viu no Prefácio. (Nota dos Trad.).

## XII CAPÍTULO

### OS IMPÉRIOS, TAL COMO OS INDIVÍDUOS, TÊM VIDA PRÓPRIA

É doutrina corrente, entre os médicos e os astrólogos, que a vida natural do homem é de cento e vinte anos, dos que êstes últimos chamam de *grandes anos lunares*. Em cada raça humana, a vida está sujeita a variações, sendo determinada sua variação pelas *Conjunções* (dos corpos celestes) (1). Por vêzes, ela ultrapassa êste número de anos e outras vêzes não os alcança; assim, alguns homens nascidos sob certas conjunções vivem até aos cem anos, outros até aos cinqüenta, e outros até aos noventa ou setenta. Segundo os observadores (dos corpos celestes), tudo isso depende das indicações fornecidas pelas Conjunções. Para a raça atual dos homens, a duração da vida é de sessenta ou setenta anos, como achamos mencionado numa das palavras atribuidas ao Profeta. A vida natural do homem, cuja duração é de cento e vinte anos, raramente se prolonga além dêses limites, dependendo isso de certas *posições extraordinárias* da Esfera celeste. Temos um exemplo disso em Noé, assim como também num pequeno número de Aditas e de Thamuditas. A duração da vida dos impérios varia igualmente sob a influência das Conjunções, mas, em geral, não ultrapassa três gerações. A vida de uma geração tem a mesma duração que a vida média de um homem, a saber, quarenta anos, período em que o crescimento do corpo chegou a seu têrmo. Deus disse: *"Quando alcançou a maturidade e chegou aos quarenta anos, etc."* (2). Eis porque dissemos que a vida de uma geração é igual à idade média do homem, sendo nossa asserção justificada por êsse passo da sabedoria divina que fixou em quarenta anos

(1) — No II Tomo, o autor dedicou longo estudo sôbre "a Astrologia", verdadeiro repertório de têrmos técnicos. (Nota dos Trad.).

(2) — Alc. XLVI:14.

o espaço de tempo que os Israelitas deviam passar no deserto. Êste têrmo foi escolhido para que desapareça do mundo a geração que então vivia, tomando seu lugar uma outra que não conhecia a humilhação da escravatura. Foi o que nos levou a considerar o período de quarenta anos como idade média do homem, sendo igual à vida de uma geração.

Dissemos que a duração de um império não ultrapassa ordinàriamente três gerações. Com efeito, a primeira geração conserva seu carácter de povo nômade, os rudes hábitos da vida selvagem, a sobriedade, a valentia, a paixão da rapinagem e o hábito de compartilhar da glória comum; por isso, o espírito de tribo nesta geração conserva-se vigoroso; suas espadas estão sempre afiadas, sua vizinhança é temível, e os outros homens se deixam fácil e prontamente vencer por suas armas. A posse de um império e o bem-estar que se lhe segue influem sôbre a segunda geração; os hábitos da vida nômade logo são suplantados pelos usos da vida sedentária; a penúria transformou-se em abastança e riqueza, e a comunidade da glória e da autoridade é substituída pela autocracia. Um só indivíduo exerce a autoridade tôda; o povo, indolente demais para tentar conquistá-la, troca o amor da dominação pelo aviltamento e pela submissão. O espírito de grupo que o anima enfraquece numa certa medida; percebe-se, todavia, que esta geração, não obstante seu abaixamento, conserva ainda uma parte considerável dêsse espírito, que herdou da geração anterior, da qual conheceu os costumes, a altivez, o amor da glória, seu ardor em rechaçar o inimigo, como e porque lhe é necessário defender-se, qualidades estas que não poderia perder inteiramente. Espera, mesmo, um dia retomá-las tôdas, e pensa que talvez não as tenha perdido, continuando na sua posse integral.

Quando chegar a terceira geração, esta esqueceu já completamente a vida nômade e os costumes agrestes do deserto; desconhece o que sejam as doçuras da glória e o valor do espírito de comunidade, habituada como está à dominação de um senhor e mergulhada no luxo e em tôdas as delícias da vida. Homens desta espécie tornam-se um fardo para o império; à semelhança das mulheres e das crianças, necessitam de uma proteção; o espírito social apagou-se nêles, e falta-

-lhes a coragem de se defenderem, de rechaçarem o inimigo ou de o atacarem; contudo, procuram iludir o público por seu aparato militar, pelos trajes, pelos ares de exímios cavaleiros e perfeitos conhecedores da arte de montar, quando, na sua maioria, são mais patifes que uma mulher, ao montarem um cavalo e ao tratarem de combater; e, quando atacados, são incapazes de se defender. O soberano vê-se obrigado a apoiar-se em estrangeiros de reconhecido valor, e chama, para junto de si, libertos e clientes em número suficiente para a defesa do país. Êste estado de coisas perdura até que Deus permita que o império se desmorone com tudo o que dêle depende. Isto demonstra que, no espaço de três gerações, chegam os impérios à decrepitude, completam o ciclo de sua evolução, mudando completamente de natureza. Na quarta geração, a ilustração com que o país se abrilhantára desaparece completamente, conforme já demonstrámos. Dizíamos nessa altura que uma tribo deve sua glória e sua distinção a quatro gerações de ilustres avoengos, e, desta nossa asserção, demos uma prova tirada da natureza das coisas, prova cabal fundamentada em princípios, que estabelecemos em nossos discursos preliminares. Ao examiná-los, o leitor não deixará de reconhecer a sua justeza, suposto que não esteja prevenido contra êles.

A duração das três gerações é de cento e vinte anos, como também já se observou, e as dinastias, de fato, se mantêm durante êste espaço de tempo. É um têrmo aproximativo que, na realidade, pode dar-se mais cêdo ou mais tarde. Se a existência do império se prolongar além dêle, deve-se isso a que ninguém pensou em atacá-lo, caso êste puramente acidental visto a decrepitude chegar sempre, mesmo não existindo qualquer ameaça. Que um inimigo se aproxime, e o império será incapaz de lhe resistir. Enfim, soa a hora de sua queda, hora que ninguém poderia adiantar ou retardar. Donde se conclui que os impérios, como os indivíduos, têm uma existência que lhes é própria; crescem, chegam à idade madura, depois declinam. Compreende-se agora a justeza da sentença popular consignando aos impérios a duração de cem anos.

O leitor que tiver apreciado nossas observações, estará de posse de uma regra com a qual poderá conhecer quantos

avós se acham numa corrente genealógica abrangendo um certo intervalo de tempo, contanto que saiba o número de anos compreendidos neste intervalo. Esta regra serve para elucidar em caso de dúvida quanto ao número exato dos antepassados. Para cada centena de anos, devem contar-se três gerações; estabelecida esta proporção, se o número de antepassados se acha de acôrdo com o número dado pela árvore genealógica, podem ter-se como exatas as indicações que a árvore fornece. Se o cálculo fornecer uma geração a menos que a árvore, isso prova que um nome a mais foi intercalado na lista genealógica. Ao contrário, se o cálculo fornecer um avô a mais, deve-se concluir que desapareceu um nome da lista. Pode-se recorrer ao mesmo processo para obter o número dos anos, sabendo com certeza o dos avós. *Allah regula a duração das noites e dos dias.*

## XIII CAPÍTULO

### COMO OS IMPÉRIOS PASSAM DA VIDA NÔMADE PARA A CIVILIZAÇÃO

Esta transformação produz-se necessàriamente em todos os impérios. Com efeito, a faculdade de fazer conquistas e chegar à soberania tem sua origem no espírito de grupo e no que dêle resulta, como o emprêgo da fôrça aliado aos hábitos de rapina. Tôdas estas causas não poderiam produzir seus plenos efeitos, senão entre um povo nômade; e note-se que o novo império passa por um período durante o qual os conquistadores conservam ainda, durante certo tempo, os usos da vida errante, chegando só depois o bem-estar e a abundância. Uma das caracterísicas mais evidentes da vida sedentária, é a pressa com que se empenha em variar os prazeres e em cultivar as artes que se desenvolvem nos diversos caminhos e nas diversas modalida-

des que o luxo se compraz em seguir. Preocupa-se com a cozinha, os trajes, as casas, os tapetes, os utensílios e tôda a sorte de mobiliário digno de uma bela moradia. Para que cada uma destas coisas se torne boa e apreciada, é necessário o concurso de muitas artes. Um gênero de luxo chama outro; as artes se multiplicam segundo a variedade das fantasias que levam os espíritos para a voluptuosidade, e para os enlevos do luxo em tôdas suas modalidades e sob tôdas as formas. Os hábitos da vida sedentária suplantam, no império, os da vida nômade, do mesmo modo que, necessàriamente, a abundância sobrevém à posse de um império e se expande no meio de seus funcionários e adeptos. No novo Estado, os conquistadores tomam por modêlo os hábitos da vida sedentária do povo que acaba de ser vencido: têm sob os seus olhos todos os usos dêstes e, em geral, se comprazem em adotá-los. Vejamos, por exemplo, o que sucedeu com os Árabes no tempo de suas primeiras conquistas. Na época, venceram os Persas, bateram os Gregos, e levaram para o cativeiro seus filhos e filhas. Mas, até esta altura, não possuiam ainda nenhum hábito da vida sedentária. Conta-se que tomaram por couros os pãesinhos finos que se lhes ofereciam, e, quando acharam nos armazéns de Cosroes uma quantidade de cânfora, misturaram-na como sal na massa que lhes servia para fazer o pão. Mas depois que submeteram os habitantes dêstes países, tomaram muitos dêles para seu serviço, utilizando-se dos misteres que exerciam, e escolheram os mais aptos em tôdas as ocupações da vida. Foi graças aos vencidos que aprenderam os detalhes da administração doméstica. Postos no meio da abundância, entregaram-se aos prazeres com um ardor extremo e, entrando no período do luxo desenfreado e marchando a passa rápido no rítmo da vida sedentária e de seus refinamentos, aprimoraram-se na posse do que havia de melhor em questão de comestíveis, de bebidas, de vestuário, de alojamento, de armas, de cavalariças, de utensílios, de música, de móveis e de artigos de cozinha. O seu amor ao luxo excedeu todos os limites, exibindo-se aparatosamente nas bodas, nos festejos e nos banquetes. Deslumbra o que Tabari, Maçudi e outros historiadores contam a

respeito do casamento de Al-Mamun, o Califa, com Buran, filha de Al-Haçan Ibn Sahl. Embarcando Al-Mamun num barco em Fam Assilh (1) para ir pedir a Al-Haçan a mão de sua filha, êste cumulou de presentes as pessoas que compunham o cortejo califal. Quando do casamento, gastou somas enormes e Al-Mamun deu a Buran um dóte magnífico. Durante o banquete dos esponsais, Al-Haçan distribuiu riquíssimos presentes aos servidores de Al-Mamun: em frente aos de primeira categoria espalhou bolas feitas de almíscar contendo cada uma delas um documento com o nome de uma fazenda ou algum outro imóvel. Apanhando as bolas, cada convidado achou-se possuidor da propriedade com que a sorte e a fortuna o gratificaram. Aos convidados de segunda categoria, distribuiu muitas *"badras"* de ouro. Uma *"badra"* se compõe de dez mil dinares. Os da terceira classe receberam cada um uma *"badra"* de dirham, em prata. Tudo isso, sem contar as somas enormes que gastou todo o tempo que o Mamun esteve sob sua hospitalidade. Na noite em que a noiva foi conduzida ao pé do Califa, êste a presenteou com mil rubis, como dote nupcial; grandes castiçais feitos de âmbar cinzento, pesando cada um cem mann — cada mann pesando uma libra e três quartos — iluminavam a sala. O colchão da cama era de tecido de ouro, bordado de pérolas e de rubis. Ao vê-lo, Mamun exclamou: Dir-se-ia que o amaldiçoado Abu Nawas (2) tinha isto sob a vista quando compôs seu verso sôbre o vinho:

*Grandes e pequenas bôlhas crepitantes se formam na superfície, tal cascalho rutilante de pérolas num campo de ouro.*

Para a noite dos festejos das bodas, tinha-se juntado, nas dependências da cozinha, uma quantidade de lenha enorme; três vezes por dia, durante o espaço de um ano, foram trazidas cento e quarenta cargas de burro. Tôda esta lenha foi quei-

---

(1) — Fam Assilh, situado a meio caminho entre Bagdá e Bássora. Êste canal parece ter ligado, em tempos, o Tigre e o Eufrates; a casa de Ibn Sahl situava-se no lugar onde êste curso d'água fazia junção com o Tigre.

(2) — Abu-Nawas, cf. p. 42, nota 28.

mada numa única noite (3); queimaram-se ainda fôlhas de palmeira embebidas em azeite. Al-Haçan tinha dado ordem aos barqueiros de terem suas embarcações sempre prontas para transportar, pelo Tigre, desde Bagdá até o palácio imperial, situado em Medinat Al-Mamun, as pessoas que deviam assistir à festa. Reuniram-se com êste propósito trinta mil barcas, e levou-se um dia inteiro a transportar-se tôda esta multidão. E quantas outras coisas semelhantes fizeram e que temos de silenciar! Semelhante luxo ostentou, em Toledo, Al-Mamun, filho de Dul-Nun, ao celebrar seu casamento. O historiador Ibn Hayan o menciona, assim como Ibn Bassam, na sua *Dhakhira* (4). Ora, êstes Árabes, no primeiro período de sua dominação, conheciam sòmente os usos do deserto e não tinham possobilidade de fazer nada de semelhante. Com sua vida simples e grosseira, faltavam-lhes os meios e os artistas para apresentarem festas tão luxuosas. Conta-se que Al-Hajjaj, querendo celebrar a circuncisão de um de seus filhos, mandou chamar um *dihcan* (5) para aprender dêle como os Persas celebravam suas festas. "Queres tu dizer-me, — perguntou-lhes Hajjaj — como era a mais bonita festa que já viste? — Certamente, senhor! — respondeu o *Dihcan*. Um dos *marzeban* de Cosroés deu um grande banquete aos Persas. Viam-se pratos de ouro sôbre bandejas de pratas; cada bandeja, contendo quatro pratos, era carregada por quatro jovens escravos. Quatro convivas cercavam cada mesa. Acabado o banquete e prontos os convivas para se retirarem, Cosroés mandou atrás de cada um dêles a mesa, os pratos e os escravos que os tinham servido, — Garçon, disse Hajjaj, — mata os camelos e dá de comer a êste mundo (à moda árabe)!" Êle sentiu muito bem quanto estas magnificências estavam acima de suas posses. Mencionamos aqui os presen-

---

(3) — Aqui o Autor esqueceu-se do que tanto recomendou: que se devia desconfiar dos algarismos e dos contos para impressionar.

(4) — Ibn Bassam, historiador biográfico e autor da obra intitulada "Al-Dakhira fi Mahacin Ahl Al-Jazirat". **(O tesouro contendo os Belos Traços de Carácter dos Habitantes da Península Andaluza).** Morreu em 1147/48 E. V. — Ibn Hayan, faleceu em 1076.

(5) — Dihcan, grande proprietário de terras, representante de antiga e nobre família persa.

tes feitos pelos Omaiyas. Cada presente consistia ordinàriamente de camelos, conforme usam os Árabes Beduínos. Sob a dinastia dos Abassidas, dos Fatimitas e de seus sucessores, os dons se tornarem mais suntuosos, como todos sabem; êstes príncipes enviavam a seus amigos cargas de ouro, fardos de adornos e de vestes, assim como lhes mandavam cavalos ricamente ajaezados.

Os Kitama desconheciam os hábitos de luxo na época em que tiveram lutas com os Aglabitas; no Egito, os Banu Toghj (6) tinham hábitos muito simples; os Lamtuna (Almoravidas) não possuiam uma civilização mais adiantada quando atacaram as pequenas dinastias que governavam a Andaluzia; o mesmo sucedeu com os Almohadas, quando combateram contra os Almoravidas. É assim que as coisas se passam sempre.

Os usos da vida sedentária transmitem-se, da dinastia que precede à que lhe tomou o lugar. Os Persas comunicaram seus hábitos de luxo aos Omaiyas e aos Abbassidas. Os Omaiyas da Andaluzia transmitiram seus usos de vida sedentária e de civilização aos soberanos almohadas e zanatinos do Magrib, e êstes os conservaram até hoje. Os hábitos da vida em moradia fixa transmitiram-se aos Dailamitas, passando depois para os Turcos Seljukidas, em seguida para o Turcos e Mamluk do Egito, depois para os Tártaros do Iraque arábico e do Iraque pérsico. Quanto mais poderosa é uma dinastia, tanto mais se desenvolvem nela os usos da vida sedentária. Com efeito, êstes usos nascem do luxo; o luxo segue-se à posse das riquezas e ao bem-estar, que se adquirem pela conquista de um reino e estão sempre em proporção com a extensão dos países submetidos à autoridade do govêrno. O luxo, pois, está em relação direta com a grandeza do império. Examinai detidamente êste princípio e compreendei-lhe o significado; achá-lo-eis exato no que se refere aos impérios e à civilização. *Allah é o herdeiro da Terra e de tudo que ela contém.*

---

(6) — Os Banu Toghj são os Ikhchiditas.

## XIV CAPÍTULO

### A ABUNDÂNCIA, FATOR DE FÔRÇA NO IMPÉRIOS INCIPIENTES

Numa tribo que alcançou bastante poderio para fundar um império que lhe possibilite viver no bem-estar, o número dos nascimentos toma grande incremento, os laços de parentesco se multiplicam e o corpo dos guerreiros torna-se mais considerável; cresce o número dos libertos e dos clientes. A nova geração, educada no seio da opulência, contribui para engrossar a fôrça armada, visto que então o número das tropas aumenta com a população. Quando vierem a extinguir-se a primeira e a segunda gerações, o império se ressente dos primeiros ataques da velhice; clientes e libertos são incapazes de sustentá-lo ou de manter a ordem, por não terem parte alguma nos negócis públicos. Ao contrário, ter-se-ão tornado um fardo pesado para a nação. Aliás, quando deperece a raiz da árvore, os ramos, não podendo mais sustentar-se, caem e morrem. Jamais a potência de um império fica invariável. Vejamos, por exemplo, o que sucedeu com o primeiro império fundado pelos Árabes muçulmanos. Êste povo, como já se disse, formava, no tempo de Muhammad e de seus primeiros sucessores (ou Califas), uma população de cêrca de cento e vinte mil homens, uns da estirpe de Mudar e outros, da de Cahtan. Quando a prosperidade do império atingiu sua maior culminância, o exército aumentou com o desenvolvimento do bem-estar geral, vindo a ser o dôbro com a soma de clientes e de libertos que os califas tinham a seu serviço. Conta-se que, quando da tomada de Amuryia, por Motacim (1), êste príncipe tinha no seu campo novecentos mil homens. Não se afasta muito da verdade quem admitir a exetidão desta cifra, pensando no grande número de tropas

(1) — É o antigo Amorium, na Galatia (Asia Menor), província fronteiriça entre o Império Árabe e o de Bizâncio.

que o govêrno empregava então na guarda das fronteiras mais próximas e nas mais afastadas, que se estendiam desde o Oriente até ao Ocidente. É preciso ajuntar a isso o corpo das milícias encarregado de sustentar o trono, o dos libertos e dos clientes. "No reino de Al-Mamun, diz Maçudi, procedeu-se ao recenseamento dos membros de uma só famíila, a dos Abbassidas, com o fim de atribuir a cada um sua pensão, e achou-se que ela se compunha de trinta mil indivíduos, tanto homens como mulheres". Eis aí um exemplo de como uma família pode aumentar em menos de duzentos anos. Tamanho desenvolvimento provém da prosperidade do império e da abundância desfrutada durante muitas gerações; porque os Árabes, quando das suas primeiras conquistas, estavam longe de ser numerosos. *Allah, o criador, tudo sabe.*

## XV CAPÍTULO

### INDICAÇÃO DAS FASES POR QUE PASSAM OS IMPÉRIOS; DAS MODIFICAÇÕES QUE SE PRODUZEM NOS COSTUMES E NOS CARACTERES DA POPULAÇÃO

Todo o império passa por diversas fases e seu estado é modificado por diversos fatores. Estas transformações influem sôbre o carácter dos que sustentam o império, comunicando-lhes sentimentos que antes não conheciam. Com efeito, o carácter de um povo depende naturalmente da posição social em que se acha. As fases ou modificações que se operam no estado dos impérios podem, geralmente, reduzir-se a cinco. Na primeira, a tribo entrou na posse do que mais desejava, resistiu aos ataques, repeliu os inimigos, conquistou um império e apoderou-se do poder da dinastia que o tinha na mão antes dela. Durante esta fase, o soberano reparte a autoridade com os membros da tribo; êle os associa a seu poderio e tarabalha com êles para o recolhimento dos im-

postos e proteção do território do império. O soberano não se atribui exclusivamente nenhuma vantagem, porque o espírito de comunidade, que levou o povo até à vitória, e que ainda se mantém, obriga a limitar sua ambição. Na segunda fase, o soberano usurpa tôda a autoridade, tirando-a do povo e repelindo as tentativas dos que querem compartilhar com êle do poder. Todo o tempo que dura esta fase, ocupa-se êle em ganhar, por meio de benefícios e de presentes, o apoio dos homens de influência, em fazer criaturas suas, em atrair numerosos clientes e partidários, com vista a poder reprimir o espírito de insubordinação que começou a lavrar no seio de sua tribo e dos parentes. Embora tôda esta gente descenda do mesmo tronco que êle e tenha tido sua parte no poder e contribuido para a ascenção à soberania, acaba por excluí-los de tôda a autoridade, da qual os mantém afastados, a fim de rezervá-la para si próprio. É certo que a alta posição que adquiriu dá à sua família uma influência excepcional; mas vê-se na necessidade de conter a ambição de seus parentes (mais afastados), mesmo pelo emprêgo da fôrça. Esta tarefa é muitas vêzes mais difícil do que a de seus precursores, cujos esforços se concentraram na conquista do império. Êstes não combateram senão contra estranhos e tinham-se assegurado da ajuda de todo o seu povo, então animado do mesmo espírito de grupo, enquanto que agora o soberano deve combater seus parentes sem ter outros auxiliares além de um pequeno número de estranhos. Tem, pois pela frente, grandes dificuldades a vencer para conseguir realizar seus desígnios. A terceira fase se caracteriza pelo ócio e a vida tranqüila. O soberano desfruta agora da recompensa de seus esforços; dono do império, pode com tôda a liberdade, entregar-se à paixão que leva os homens à procura das riquezas, à ânsia de eternizar a própria existência por monumentos duradouros e criam para si alta reputação. Dedica seus esforços aos meios mais eficazes para recolher o impôsto, à exata verificação das rendas e das despesas, a inteirar-se perfeitamente dos gastos e empregar seu dinheiro com previdência. Manda construir vastos edifícios, grandes estaleiros, casernas, grandes cidades, monumentos enormes. Cumula de presentes os chefes de tribo e os grandes persona-

gens estrangeiros que vêm cumprimentá-lo; distribui seus favores entre os que os merecem, prodigalizando o ouro e as honrarias entre suas criaturas e servidores. Tem cuidado (especial) em passar em revista suas tropas e em pagar-lhes pontualmente, em cada mês lunar, um sôldo conveniente. Vêem-se também logo, nos dias de festa, os bons resultados desta conduta: uniformes, equipamentos, armas, tudo aparece em excelente estado. Pelo garbo e brilho de seus soldados, excita a admiração das nações amigas e impõe respeito aos que nutrem sentimentos hostis para com êle. Durante esta fase, o chefe do Estado exerce uma autoridade absoluta e age segundo as próprias inspirações. Até agora trabalhou apenas em vista da glória comum e para traçar um caminho que seus sucessores devem trilhar. A quarta fase é um período de contentamento e de tranquilidade. O soberano mostra-se satisfeito com a glória que lhe foi transmitida; vive em paz com os príncipes dignos de igualá-lo ou capazes de rivalizar com êle em poderio. Com uma atenção escrupulosa, imita o procedimento de seus predecessores, e, convencido da grande habilidade e afinco com que trabalharam para a glória da nação, julga que se perderia se deixasse de seguir-lhes o exemplo. A quinta fase caracteriza-se pela prodigalidade e pelo esbanjamento. Gasta o soberano, em festas e em prazeres, os tesouros amontoados por seus predecessores; grande parte destas riquezas é distribuída a seus cortesãos a título de honorários, empregando o restante em manter o brilho de suas recepções e em cercar-se de falsos amigos e de intrigantes (1), a quem entrega cargos que êles são incapazes de preencher e nos quais não sabem como hão de agir. Ofende o amor próprio dos chefes da nação; melindra as pessoas que devem sua fortuna a seus predecessores, e, assim, faz dêles inimigos que esperam o momento oportuno para atraiçoá-lo. Arruína o espírito do exército, gastando em prazeres o dinheiro que devia servir para o sôldo; nunca se entretem com os soldados, nunca os interroga sôbre suas necessidades. Desta maneira,

(1) — O autor emprega aqui uma metáfora que significa: "O viço das plantas nascidas do estêrco: tendo belo aspecto, mas não presta".

solapa o edifício erguido por seus antepassados. O império não tarda em caminhar para a decadência e começa a ser acometido do mal que o deve derrubar e que não admite cura. Enfim, a dinastia sucumbe ao fim de uma agonia cujos pormenores mais adiante descreveremos. *Allah é o melhor dos herdeiros.*

## XVI CAPÍTULO

### A GRANDEZA DOS MONUMENTOS DE UMA DINASTIA ESTÁ NA RELAÇÃO DIRETA DE SUA PUJANÇA INICIAL

Os monumentos deixados por uma dinastia devem sua origem ao poderio que esta dinastia possui na época de seu estabelecimento. Quanto maior fôr êste poderio, tanto maiores e mais vastos serão os edifícios e templos. Dizemos que existe uma relação íntima entre a suntuosidade dos monumentos e o poder da dinastia nascente. Com efeito, é preciso, para terminá-los, o concurso de uma multidão de operários; é necessário juntar muita gente para auxiliar o serviço e executá-lo. Se o império possuir uma vasta extensão e compreender muitas províncias com população numerosa, pode-se retirar de tôdas as partes do país um número imenso de trabalhadores. Sòmente com semelhante recurso, se chega a erguer tão grandes monumentos. Deve-se pensar nas construções deixadas pelos Aditas e os Thamuditas e não esquecer o que dêles conta o Alcorão. Ainda se vê erguer-se, (em Ctesifonte), o palácio de Cosroés (Iwân Kisra), que oferece uma prova viva da potência dos Persas. Sabe-se da resolução de abater tão grandioso monumento, veleidade esta que teve Harun Ar-Rachid que, depois de hesitar um pouco, chegou mesmo a dar início à demolição. Mas, por lhe faltarem os recursos, desistiu do intento. Sabe-se que se passou, a êste

respeito, entre êle e Iahya Ibn Khalid, o Bamaki (1). O exemplo referido nos demonstra que uma dinastia é capaz, às vêzes, de edificar o que uma outra é incapaz de construir, quando desfazer é muito mais fácil que edificar. Mede-se por aí a diferença que há entre os dois impérios! Veja-se ainda o Palácio de Al-Walid, em Damasco, como também a mesquita fundada em Córdova pelos Omaiyas, e a ponte que cruza o rio desta cidade. Mencionamos o aqueduto de Cartago, cujas arcadas suportavam a canalização de água que abastecia a cidade. Indicamos também os antigos monumentos de Cherchel, na Mauritânia, assim como as Pirâmides do Egito, como muitas outras construções antigas que se acham ainda em pé. Provam êstes edifícios que as dinastias não se parecem tôdas, sendo umas fortes e outras fracas. Para a construção dêstes monumentos e templos, os antigos empregavam o recurso da mecânica e utilizavam-se de grande aglomeração de operários. Devemos acautelar-nos com a opinião do vulgo que pretende que os homens destas eras remotas eram dotados de corpo e membros muito maiores que os nossos. Entre o tamanho dos antigos e o tamanho dos modernos, há muito menos diferença que entre os monumentos deixados pelos primeiros e os edifícios construídos pelos povos de nossa época. A falsa idéia a que aludimos deu, todavia, origem a muitas fábulas extravagantes: escreveram-se, a respeito dos Aditas, dos Thamuditas, dos Amelekitas e dos Cananeus, histórias de uma falsidade espantosa. Uma das mais extravagantes é a de Og, filho de Enac, um dos Amalekitas, que os filhos de Israel combateram na Síria. Segundo êstes contadores de histórias, Og era tão grande que apanhava peixes no mar e os apresentava ao sol para assar. Conheciam tão mal a natureza dos corpos celestes como a constituição do corpo humano, ignorando que o calor é a luz, e que a luz, na vizinhança da terra, é mais intensa que em qualquer outro lugar. O fenômeno é devido à refração dos raios solares, que, em contato com a terra, voltam-se ao encontro dos outros, aumentando-lhes o calor. Uma vez ultrapassado o limite até

---

(1) — Ibn Khaldun conta esta anedota no Cap. IV da IV parte desta obra.

onde os raios refletidos podem alcançar, desaparece o calor; nas regiões que as nuvens percorrem, domina o frio. Quanto ao sol, não é nem quente nem frio, é um corpo simples, luminoso, sem temperamento distintivo, — Na opinião dos mesmos indivíduos, Og, filho de Enac, pertencia à nação amalekita, ou à nação cananéia, raças que se tornaram prêsas dos Israelitas quando conquistaram a Síria. Ora, o tamanho dos Israelitas era então mais ou menos como o nosso: é o que demonstram as portas de Jerusalém. É possível que estas portas fossem abatidas e reconstruidas, mas nunca se modificou sua forma e suas dimensões. Como era possível, pois, que o tamanho de Og, tivesse excedido a tal ponto o tamanho de seus contemporâneos? O que provoca êse êrro de apreciação é a admiração que se sente diante da grandeza dos monumentos deixados pelos antigos. Não sabendo que as dinastias de antanho dispunham da faculade de juntarem mão de obra em grande número, e de se servirem de maquinaria na construção dos grandes edifícios, atribuiu-se êste resultado às fôrças enormes que um tamanho gigantesco teria dado aos antigos povos. Porém, a coisa está muito longe de ser assim.

Maçudi, apoiado na autoridade de certo filósofo grego, relata, uma opinião desta natureza, mas, na realidade, é sem fundamento e arbitrária. Dizem que na época da Criação, o corpo humano era, por natureza tão vigoroso como perfeito. Graças a esta perfeição, os homens viviam até uma idade muito provecta, sendo os corpos dotados de uma grande fôrça. Em seu conceito, a morte sobrevém em conseqüência da desagregação das fôrças naturais, quanto mais intensas forem estas fôrças, tanto mais longa será a vida. No começo do mundo, a existência humana tinha seu máximo de longevidade, assim como o corpo gozava de tôda a sua perfeição. Estas vantagens diminuiram gradativamente, com o enfraquecimento da matéria constituinte, motivo por que agora se acham no estado de diminuição em que os vemos. Tal diminuição, dizem, deve continuar até à época da desorganização geral e da ruína do Universo. Vê-se quão fantástica é esta opinião, e quanto é falha de provas naturais e de demonstração racional. Temos sob a vista, para que os possamos examinar, as habitações dos antigos, as portas de suas cidades, as

ruas, as casas em que moravam, os templos, seus pátios e residências, tais como as moradas que os Thamuditas lavraram nos rochedos. Vemos alí casas bastante pequenas e portas muito estreitas. O próprio Profeta nos ensina que estas excavações serviam de moradia aos Thamuditas. Ordenou que se lançasse fora a massa de pão que se tinha feito com a água desta localidade, proibiu que alguém se servisse dessa água, que devia ser derramada no chão. "Não penetreis nas moradas de gente que fez mal a si mesma, ou melhor, entrai nelas chorando, para que não proveis da infelicidade que a castigou". As observações que precedem aplicam-se igualmente aos monumenos dos Aditas, da Síria, do Egito e de tôdas as regiões da terra, desde o Oriente até ao Ocidente. O que temos dito é a expressão da verdade.

Podem-se contar, entre as lembranças que atestam o poderio das antigas dinastias, as descrições dos festejos e dos casamentos. Que se recorde o que acabámos de contar a respeito de Buran, o banquete dado por Hajjaj e a magnificência de Ibn Dhi-Yazan (2). Uma outra classe de documentos, deixados pelos antigos, são as indicações detalhando as dádivas e presentes que os príncipes prodigalizavam entre si. O valor dêstes presentes régios está em relação direta com a grandeza de seu império, fenômeno que se observa mesmo nos impérios que se aproximam da decadência. Mede-se a generosidade dos príncipes pela potência e extenção dos impérios. Estas generosas inspirações não os abandonam, até o momento da destruição de seu poderio. Consideremos, por exemplo, a fidalguia com que Ibn Dhi-Yazan tratou a deputação dos Coraixitas vindos à sua côrte; presenteou-os com muitas libras de ouro e de prata, mimando a cada um com dez jovens escravas e dez escravos e uma bolsinha de âmbar, decuplando o presente para Abd Al-Mutalab (3). E, todavia,

---

(2) — Mais adiante conta o autor a anedota a que alude.

(3) — No Livro das Canções, vol. XVI, p. 77, diz: dez escravos, dez escravas, cem camelos, duas vestimentas de honra, cinco libras de ouro, dez libras de prata, uma "bexiga" cheia de âmbar, recebendo Abd Al-Mutalab, de tudo, dez vêzes mais. Traduzo "kirch" por "bexiga" por ser o mais empregado para êstes perfumes preciosos como o almíscar do Tibete ou do Tonkin, e também para o "âmbar cinzento".

êsse reino compunha-se ùnicamente da capital do Iaman, (Sana), e estava na dependência dos Persas. Mas foi levado a tanta generosidade por uma nobre disposição inata e pelo exemplo de seus maiores, os Tubba', senhores que foram de um grande reino, que tinham subjugado os habitantes dos dois Iraques, da Índia e da Mauritânia. — Destacaram-se também por sua generosidade os Sanhaja de Ifríkya (4): cada vez que chegava à sua côrte uma deputação de chefes de Zanata, presenteavam a cada um dêsses emires com muitas cargas de dinheiro, muitos volumes de tecidos e um grande número de bêstas de carga muito bem ensinadas. A crônica de Ibn Arrakik está cheia de anedotas dêste gênero. Não se deve esquecer a maneira como os Barmakis prodigalizavam dádivas e gratificações. Querendo ajudar a um pobre, não se contentavam com lhe oferecer o suficiente para se sustentar durante seis horas ou um dia; davam-lhe uma propriedade, um lugar na administração ou lhe forneciam com que vivesse na abundância durante o resto de seus dias. Os livros estão cheios de traços da generosidade que deu aos Barmakis tanta ilustração e fama. O valor destas dádivas estava na razão do esplendor do império. — À lista das generosidade podemos acrescentar a de Jauhar, o Esclavão, secretário de Estado e chefe do exército fatimita. Quando deixou Cairuão para marchar à conquista do Egito, carregou consigo mil cargas de ouro e de prata. Ora, nada de semelhante poderia se fazer com as dinastias de hoje. Um documento escrito do próprio punho de Ahmad Ibn Muhammad Ibn Abd Al-Hamid contém a indicação de tôdas as contribuições tributárias que as províncias do Império abbassida enviavam para o Tesouro Público, sob o reinado de Al-Mamun. Extraí da obra intitulada *"Jirab al-Daula"* (*Saco de provisões do Estado*), a dita relação que vai transcrita na íntegra.

(4) — O autor refere-se aos Príncipes Ziridas que governaram o Magrib em nome dos Fatimitas do Egito.

## OBRIGAÇÕES DAS PROVÍNCIAS DO IMPÉRIO

O Sawad, 27.780.000 dirhem; mais, em contribuições diversas, 14.800.000 dirhem;
200 capas de Najran, 240 libras de terra sigilada (bolo de Armênia).
Kaskar, 11.600.000 dirhem.
Distritos do Tigre, 20.800.000 dirhem.
Holuan, 4.800.000 dirhem.
Ahuaz, 25.000 dirhem; 30.000 libres de açúcar.
Fars 27.000.000 dirhem; 30.000 frascos de água de rosas; 20.000 libras de passas sêcas e pretas.
Kerman, 4.200.000 dirhem; 500 peças de tecidos do Iaman; 20.000 libras de tâmaras; 1.000 libras de cuminho.
Mekran, 400.000 dirhem.
Sind e os países limítrofes, 11.500.000 dirhem; 150 libras de pau de áloes da Índia.
Sigistan, 4.000.000 dirhem; 300 peças de fazenda de sêda listrada de diversas côres; 20.000 libras de açúcar refinado.
Khoração, 28.000.000 dirhem; 1.000 barras de prata; 4.000 bêstas de carga; 1.000 escravos; 27.000 túnicas; 3.000 libras de mirabálano.
Jurjan, 12.000.000 dirhem; 1.000 peças de sêda.
Cumis, 1.500.000 dirhem; 1.00 barras de prata.
Tabaristão, Ruian, Nihawand, 6.300.000 dirhem; 600 tapêtes de Tabaristão; 200 vestes; 500 túnicas; 300 toalhas; 300 taças de prata.
Ray, 12.000.000 dirhem; 204000 libras de mel.
Hamadan, 11.800.000 dirhem; 1.000 libras de arrôbe de romãs; 12.000 libras de mel.
A região situada entre Basra e Kufa, 10.000.000 dirhem.
Macebeda e Riban, 4.000.000 dirhem.
Chahrazur, 6.000.000 dirhem.
Mosul e dependências, 24 milhões de dirhem; 20.000 libras de mel branco.
Mesopotâmia e os distritos do Eufrates, que lhe são subordi-

nados, 34.000.000 dirhem; mil escravos; 12.000 odres; 10 falcões; 20 vestes;

Armênia, 13.000.000 dirhem; 20 tapêtes da espécie chamada Mahfura; 580 libras de "zocum"; 10.000 libras de "Mai surmahi" (5); 10.000 libras de peixinhos em salmouras; 200 burros; 30 falcões.

Kinnisrin, 420.000 dinares; 1.000 cargas de azeite.

Damasco, 420.000 dinares.

Território de Jordão, 96.000 dinares.

Palestina, 310.000 dinares; 300.000 libras de azeite de oliveira.

Egito, 2.920.000 dinares.

Barca (Cirenáica), 1.000.000 dirhem.

Ifríkya, 13.000.000 dirhem; 120 tapetes.

Iaman, 370.000 dinares, sem contar os tecidos.

Hijaz, 300.000 dinares.

Quanto à Andaluzia, diremos, baseados na autoridade dos historiadores mais dignos de crédito, que, quando morreu An-Nasser Abd'ul-Rahman oitavo soberano da dinastia omaiya, o que tomou o título de Califa, acharam nos aposentos onde guardava seus tesouros, cinco milhões de dinares, massa de ouro esta que pesava quinhentos quintais. Li numa história de Harun Ar-Rachid que, durante seu reinado, uma soma de sete mil e quinhentos quintais de ouro em moedas entrou nas suas arcas, em cada ano.

Passamos ao Império dos Fatimitas. Li no livro de Ibn Khallikan, no artigo dedicado a Al-Afdal, filho do Generalíssimo Badr Al-Jamali, militar que tinha pôsto em tutela os Califas Fatimitas, que, no seu cofre, logo que foi assassinado, se encontraram seiscentos milhões de dinares (6), duzentos e cinqüenta alqueires de dirhem, sem contar as pedras preciosas, as pérolas, os tecidos, as roupas, as selas, as liteiras, que se achavam em quantidade enorme. — Quanto aos Impérios de nossos dias, o mais poderoso é o dos Turcos, no Egito. Achava-se em tôda a sua pujança durante o reinado

(5) — Não se sabe o que seja êste "mai".

(6) — Aqui também o autor devia ter cautela com estas somas fantásticas, porque tal soma equivaleria nada menos a SEIS MIL MILHÕES DE FRANCOS OURO!

de An-Nasser Muhammad, filho de Calaun. Quando êste príncipe subiu ao trono, foi posto sob tutela pelos emires Bibars (Jachneguir) e Selar. Bibars chegou, mesmo a depô-lo; apossou-se do trono e tomou Selar como seu lugar-tenente. Mas An-Nasser conseguiu enfim arrebatar-lhe o poder das mãos. Certo tempo depois, apoderou-se dos tesouros de Selar, que tinha caído em desgraça. Eu vi o inventário de suas riquezas e extraí os artigos seguintes:

Quatro libras e meia de rubis indianos e de rubis alhetes (balais);

Dezenove libras de esmeraldas, trezentos grandes diamantes e olhos-de-gato; duas libras de pedras finas de diversas espécies, para engastar em anéis;

Mil cento e cinqüenta pérolas de forma redonda e de diversos pesos, desde o grão até o Mithcal (7);

Um milhão e quatrocentos mil dinares em ouro amoedado;

Um repuxo de água jorrando de uma bacia em ouro fundido;

Uma quantidade incalculável de bolsas cheias de ouro, encontradas num esconderijo feito entre duas paredes;

Dois milhões e setenta e um mil dirhem;

Quatro quintais de artigos de joalheria.

A quantidade de fazendas, de arneses, de cavalos e de burros se achava na mesma proporção, assim como o produto dos domínios, os rebanhos, os escravos, as filhas de escravos e os imóveis.

Depois, os Banu Mirin fundaram um império no Magrib al-Acsa, (Marrocos atual). Achei na biblioeca dêstes príncipes um documento escrito pelo punho do grande tesoureiro, Hassun Ibn Al-Buac, que nos informa que, por ocasião da morte do Sultão Abu Said, o Tesouro Imperial continha mais de setecentos quintais de dinares em ouro, e que o restante de sua propriedade pessoal estava na mesma proporção. Seu filho e sucessor, o Sultão Abul Haçan, era mais rico ainda. Quando se apoderou de Tlemcen, encontrou no tesouro de Abu Tachefin, o Abdel-Uadita, soberano desta cidade, mais

(7) — O mithcal pesava aproximadamente um dracma e meio.

de trezentos quintais de ouro em lingote e ouro amoedado, sem contar os outros objetos de valor que havia em quantidade. — Passemos aos Almohadas (Hafsidas), soberanos de Ifríkya. Abu Iahya Abu Bacr, príncipe que tive ocasião de encontrar e que era o nono soberano desta dinastia, tendo pôsto em desgraça seu general em chefe, Muhammad Ibn Al-Hakim, tirou-lhe quarenta quintais de dinares em ouro e um alqueire de pérolas finas e de pedrarias; quando foi saqueado o palácio onde o general residia, o povo levou uma quantidade enorme de tapêtes e de outros artigos. Encontrava-me no Egito durante o reinado do Sultão Malik Ad-Dahir Barcuc. Tendo êste príncipe destituido seu mordomo, emir Mahmud, ordenou que fôsse entregue à tortura para que se lhe arrancassem as riquezas. O oficial encarregado desta operação me assegurou que tinha tirado do prisioneiro a soma de um milhão e seiscentos mil dinares, e que se havia apossado de uma elevadíssima quantidade de tecidos, de arneses, de gado, de produtos agrícolas, de cavalos e de burros.

Tudo isso deve constituir objeto de consideração ao ver-se quanto diferem as nações umas das outras relativamente à sua grandeza e poderio. O homem que negasse a possibilidade de um fato porque o não testemunhou "de visu", ou porque nada de parecido ocorrera no seu tempo, seria incapaz de conhecer as coisas possíveis. A maior parte das pessoas de categoria olha com incredulidade tôdas as anedotas dêste gênero que se contam das antigas dinastias. Essas pessoas fazem mal, ignorando quão variável é a natureza do organismo social e que tudo o que existe está sujeito a variações. Quem compreende só os mais simples dêstes fenômenos, ou mesmo os de uma ordem mediana, não poderá entender os de ordem mais elevada. Vejamos o que se conta dos Abbassidas, dos Omaiyas e dos Fatimitas. Comparemos os fatos cuja realidade não admite dúvida, com o que observamos nas dinastias que existem em nossos dias, as quais são muito menos consideráveis que aquelas. Reconheceremos que a diferença entre os Impérios depende de seu poderio primitivo e da população de suas províncias. Uma conclusão se impõe: Os monumentos de um império estão sempre em relação com sua potência primitiva, conforme temos dito. Não se devem

considerar como falsas tôdas estas anedotas, porque, na maioria das vêzes, se relacionam com fatos tão manifestos e notórios que somos obrigados a aceitá-los, enquanto que outras vêzes se classificam entre as narrações mais conhecidas e mais autênticas. Temos sob a nossa vista os monumentos deixados por estas dinastias. Estudai a história dos Impérios, reparei se foram poderosos ou fracos, grandes ou pequenos; em seguida, fazei a comparação de vossas observações com a anedota bastante curiosa que vamos contar, (e julgai depois se não tínhamos razão).

Durante o reinado do Sultão merinida Abu Inan (8), um membro do corpo dos Cheiques de Tanger, chamado Ibn Batuta, reapareceu no Magrib. Cerca de vinte anos antes, tinha ido para o Oriente, percorrendo o Iraque, o Iaman, e a Índia. Durante estas viagens, visitou Delhi, capital do soberano da Índia, o Sultão Muhammad Chah, (e foi apresentado ao rei Firuz Juh) (9); êste príncipe o acolheu com bondade e confiou-lhe o cargo de grande cádi do rito malikita. Voltando para o Magrib, Ibn Batuta foi recebido pelo Sultão Abu Inan. Pondo-se a contar as maravilhas que vira nas suas peregrinações através dos diversos impérios do mundo, falava principalmente do Império das Índias e contava, a respeito do sultão dêste país, anedotas que enchiam de admiração todo o auditório. Dizia, por exemplo que o soberano da Índia, tôdas as vêzes que resolvia empreender um campanha, mandava fazer um recenseamento dos habitantes da capital, homens, mulheres e crianças, e distribuia, em seguida, a todos, às expensas de sua caixa particular, o dinheiro necessário para sua subsistência durante seis meses. Voltando da expedição, entrava na capital no meio de uma multidão

(8) — Sultão merinida (1348-1358). Foi êste sultão de Marrocos que designou seu próprio secretário Ibn Jozay para "recolher da própria bôca do viajante e do que ficou dos seus apontamentos, para redigir as Viagens de Ibn Batutas, "empreendimento que terminou antes de três meses". Ibn Jozay sobreviveu sòmente oito meses a êste trabalho, morrendo em 1353. Quanto a Ibn Batuta, prolongou suas andanças e carreira até o ano da H. 779/1377-1378. (N. dos Trad.).

(9) — Esta adição da edição de Boulac não se acha nos outros MS, e não se justifica, uma vez que não consta da edição das Viagens de Ibn Batuta sob os auspícios da Société Asiatique.

imensa. Os habitantes saiam em massa ao seu encontro, e acompanhavam-no durante todo o percurso. Viam-se a abrir o cortejo, muitas balistas carregadas sôbre elefantes, e por meio destas máquinas, lançavam-se bolsas cheias de moedas de ouro e de prata, e isso durava até que o sultão penetrasse no seu palácio. Os cortesãos merinidas, falando entre si destas histórias estranhas, diziam, em voz baixa, que o viajante contava mentiras. Um dia, encontrei-me com o célebre vizir Fares Ibn Uadar, e, falando destas histórias, dei-lhe a entender que eu também partilhava da opinião pública a respeito das fantasias do autor. "Guarda-te de considerar como falsas as anedotas extraordinárias que se contam de outras nações; não deves desmentir um fato pela simples razão de não tê-lo testemunhado. Se persistes neste método, serás como o filho do vizir que viveu na cadeia desde seu nascimento. Vou-te contar a história. "Certo vizir foi encarcerado por ordem do sultão, e ali ficou muitos anos com seu filho. O menino, tendo chegado à idade da razão, perguntou ao pai: que carne lhes traziam para comer. O pai respondeu que era de carneiro, e descreveu como era êste animal. — Querido pai, disse-lhe o filho, isso deve ser parecido com um rato, não é? — O! disse o pai; há uma grande diferença entre um carneiro e um rato! O mesmo diálogo se repetia quando lhes serviam carne de vaca ou de camelo. O rapaz, tendo visto sòmente ratos na cadeia, e não conhecendo outros, acreditava serem ratos todos os animais".

Isso acontece muitas vêzes aos homens que pretendem falar de coisas novas; deixam-se influenciar tão fàcilmente por suas prevenções, a respeito dos fatos extraordinários, como pela mania de exagerá-los, com o fito de torná-los mais surpreendentes, como já notámos no comêço dêste livro. É por isso que devemos procurar os princípios das coisas e precaver-nos contra as primeiras impressões. À luz dos princípios, poder-se-á distinguir, esteados no bom senso e num espírito reto, o que entra ou não nos domínios do possível como também se reconhecerá como verdadeira tôda a história que não ultrapasse os limites do possível. Por esta palavra não entendemos a possibilidade absoluta, noção puramente intelectual, cujo domínio é imenso e não contém nenhum limite para a

contingência dos acontecimentos. O possível de que falamos é o que depende da natureza das coisas. Quando se tiver reconhecido o princípio de uma coisa, sua espécie, o que a diferencia das outras coisas, sua grandeza e sua fôrça, poder-se-á partir dêstes dados para fundamentar um juízo sôbre tudo o que se relaciona com essa coisa. Se ela não cabe na esfera do possível, não deve acolher-se. *Dize*: *Senhor! aumenta o meu saber*. (Alc. XX"113).

## XVII CAPÍTULO

### O SOBERANO, QUANDO EM LUTA COM SUA PRÓPRIA TRIBO OU COM MEMBROS DE SUA FAMÍLIA, PROCURA O APOIO DE SEUS LIBERTOS OU CLIENTES

Deve o soberano a sua autoridade aos esforços conjugados de sua tribo, como por nós foi exposto. É com a ajuda dos homens da própria tribo que êle consegue manter seu poder em pé e reprimir as revoltas. Entre êles, escolhe os vizires, os preceptores e os governadores das províncias, para os recompensar de o terem ajudado na sua carreira de conquistas, de se haverem interessado por seus projetos, e também, porque, em todos os negócios importantes têm os mesmos interesses que êle. Tal o estado das coisas durante o tempo em que o império está na primeira fase de sua existência. Na segunda fase, o soberano manifesta intenções despóticas; tira aos membros da tribo a autoridade que exerciam e repele-os quando tentam reavê-la. Como êste modo de agir apenas serve para lhe criar verdadeiros inimigos, vê-se obrigado a procurar amigos fora do círculo familiar. Confia a estrangeiros o cuidado de sua defesa e administração de seus Estados. Êstes estranhos depressa conseguem desfrutar do favor especial do soberana; vão voluntà-

riamente à morte para o proteger contra as tentativas de sua tribo, sempre pronta a tomar-lhe o poder e reconquistar a alta e antiga posição que tinha ocupado. Seguros assim de tôda a confiança do príncipe, angariam, cada vez mais, novos favores e maiores honrarias. Os empregos, reservados, até aí, aos membros da tribo, os grandes comandos, os cargos de vizir, de general em chefe, de recebedor de impostos, são distribuidos todos a êstes estrangeiros. O soberano dá-lhes, mesmo, permissão de tomarem títulos honoríficos que, antes, tinha reservado para si próprio. Estas pessoas tornaram-se, com efeito, os favoritos mais íntimos do príncipe, seus amigos mais sinceros e mais devotados. Semelhante estado de coisas é prenúncio do declínio do império e da aproximação da lenta enfermidade que deve privar a tribo de seu espírito de união, que foi o sentimento que a conduziu à conquista do reino. A hostilidade que o sultão monstra para com os grandes personagens de seu país, os vexames com que os oprime, acabam por torná-lo odioso; êstes não esperam senão uma ocasião favorável para se desforrarem, e seu desgôsto e ressentimento prejudicam fatalmente o império, constituindo um mal que não admite cura. Com efeito, a perturbação que se operou nos espíritos e nos costumes é tão profunda que se propaga às gerações futuras, até que o império deixe de existir. Olhemos para a dinastia dos Omaiyas do Oriente. Êstes príncipes faziam-se auxiliar, nas suas guerras e na administração de suas províncias, pelos grandes chefes árabes, tais como Amr, filho de Saad Ibn Abi Wacás; Obaid Allah, filho de Ziád Ibn Abi Sufian; Al-Hajjaj, filho de Yussuf; Al-Muhallab, filho de Abu Sofra; Khalid, filho de Abd Allah Al-Casri, Ibn Hubaira, Muça Ibn Nuçair; Billal, filho de Abu Burda, filho de Abu Muça Al-Achari, e Nasr, filho de Sayar. Depois, os Califas apodereraram-se de tôda a autoridade e refrearam a ambição dos Árabes, que tinham uma predileção notável pelos comandos. O que aconteceu então foi o seguinte: o vizirato passou para as mãos de estrangeiros e serviçais do soberano, tais como os Barmakis, os Banu Sahl Ibn Nubakht e os Banu Tahir; em seguida, passou para os Buidas e os libertos turcos, como Boga, Wassif, Atamech, Bakiak, Ibn Tulun, e seus filhos.

Assim, esta gente, que nada tinha feito para o estabelecimento e glória do Império, viu-se com todo o poder nas mãos. *É a norma que Allah estabeleceu no seu procedimento com os homens.*

## XVIII CAPÍTULO

### DA CONDIÇÃO DOS LIBERTOS E DOS CLIENTES NUM IMPÉRIO

Nos impérios, grande diferença existe entre os novos clientes e os de data mais antiga, no que se refere aos laços que os prendem ao soberano. O sentimento que leva cada pessoa a defender-se e a vencer faz parte do espírito de comunidade, e só atinge seu máximo de fôrça quando impulsionado pela influência dos laços de sangue e de parentesco. É esta influência que infunde a disposição de correr em socorro dos parentes e famílias e de negar todo o concurso aos estranhos. Mas a familiaridade e a intimidade que nasceu das relações entre o senhor e o escravo, ou o juramento que liga o cliente a seu patrão, podem também desempenhar o mesmo papel que o espírito de grupo e substituí-lo. Embora as relações de parentesco sejam estabelecidas pela natureza, possuem apenas uma importância convencional, enquanto que o verdadeiro apêgo resulta de um sentimento real, fundado no hábito de se ver, de estar em companhia, de trabalhar junto; nasce do convívio dos que foram criados juntos, dos que se amamentaram do mesmo seio materno, dos que cresceram como companheiros inseparáveis em tôda as circunstâncias da vida e da morte.

Esta fraternidade dispõe os homens para se ajudarem mùtuamente e para se sustentarem uns aos outros, como se observa por tôda a parte. Vejamos, por exemplo, o que produzem os favores. Quem os dá e quem os recebe ligam-se entre si por laços de um gênero particular, laços que substituem os

do sangue, e que consolidam a união das duas partes. Assim, os liames do sangue podem vir a faltar, mas suas vantagens podem ser conseguidas por outros meios e outros laços. Se o apêgo e a união que existe entre uma tribo e seus clientes se formou antes que a tribo se apoderasse de um império, as suas raízes tornar-se-ão mais fundas e mais fortes, demonstrando sentimento de solidariedade mais sincero e merecendo mais confiança do que se tivesse nascido depois da vitória. E isto, por dois motivos, que passamos a considerar.

1.º — Antes desta ocorrência, os membros da tribo e seus clientes participam igualmente da mesma fortuna; bem pouca gente estabelece, nessa altura, uma distinção entre os liames de clientela e os de sangue; consideram-se os clientes como sendo parentes e irmãos. Mas, depois do estabelecimento do império, as dignidades e honrarias ficam sendo apanágio do senhor e de seus parentes, com exclusão dos novos clientes, dos libertos e apaniguados do soberano. Para comandar e governar, é necessário estabelecer uma distinção e uma hierarquia entre as dignidades do império e as classes da nação. Desde então os clientes (recentemente admitidos) achar-se-ão colocados no mesmo nível que os estrangeiros; os laços que os unem ao senhor são muito fracos, e seu devotamento é pouco seguro; também desfrutam menor consideração que os clientes de antiga data.

2.º — Se a tribo atraiu a si clientes antes que se fundasse seu império, o soberano e seus ministros ignoram habitualmente esta ligação, dado o longo tempo que se passou desde aquela ocorrência. Crê-se ordinàriamente que tal união que os liga é devida aos liames do parentesco, crença que serve para fortalecer o espírito de grupo, entre êles. Se a admissão dos clientes se efetuar depois da fundação do império, o fato é geralmente conhecido, visto ser recente; também todo o mundo percebe que espécie de liame os liga e que êstes liames são de adesão e não de sangue. O espírito de tribo torna-se mais fraco entre os novos clientes do que entre os de antiga data. Examinando detidamente a História, encontrar-se-ão exemplos dêste fato em todos os impérios e em tôdas as nações gover-

nadas por um só chefe. Os que se fazem admitir dentro de uma tribo antes do estabelecimento de seu império, mostram um grande devotamento ao chefe que lhes prestou êste serviço; chegados a êle pela afeição viva que lhe têm, consideram-se como seus filhos, seus irmãos, seus parentes. Os clientes que se põem sob a autoridade de um chefe já chegado ao supremo comando de um império mostram-se muito menos devotados, muito menos apegados a seu patrão. Eis aí um fato que salta aos olhos. Quando o império se acha na última fase de sua existência, o soberano procura cercar-se de estranhos; mas êstes homens não conseguem grangear uma consideração igual à de que desfrutam os antigos clientes filiados à tribo antes do estabelecimento do império. Deve-se isso a duas causas: Sua introdução na tribo é demasiado recente para ser esquecida; e o império está prestes a sucumbir; também, participando de sua decadência, vêem-se humilhados e privados de tôda a consideração. O que leva o sultão a torná-los seus adeptos e serviçais, preferindo-os aos antigos clientes e libertos, é a arrogância com que êstes últimos o tratam e a audácia de olhá-lo do mesmo modo que os seus parentes e os membros de sua tribo. As famílias dos antigos clientes, incorporadas à tribo de longa data, criadas pelos cuidados do príncipe ou de seus antepassados, postas no mesmo nível social que as casas mais ilustres do império, habituam-se a tratar o soberano com uma familiaridade chocante e uma insolência extrema; e em virtude disso que êle acaba por afastá-las de sua pessoa e tomar estranhos para seu serviço. Como é recente a época em que os escolheu não chegam êstes a desfrutar da consideração pública e a esquecer seu carácter de estrangeiros. Tal fenômeno se observa em todos os impérios que se aproximam do fim. Para designar os antigos clientes, empregam-se comumente os têrmos "uali" e "saní'a"; quanto aos novos, dá-se-lhes a designação de "khadam" ou "a'wan". *Allah é o Uali dos verdadeiros crentes.* (Alc. III:61).

## XIX CAPÍTULO

### DO QUE SUCEDE A UM IMPÉRIO QUANDO O SULTÃO É PÔSTO SOB TUTELA E IMPOSSIBILITADO DE EXERCER A SOBERANIA

Tão cedo a soberania se firme em determinado ramo da tribo que concorreu para a formação do império, e se estabeleça no seio de certa família dêste ramo, (os detentores do poder) querem guardá-lo todo para si e impedem que os outros membros da tribo tenham parte nêle. Seus filhos, criados no exercício dos altos comandos, herdam a sua autoridade e transmitem-na, depois, uns aos outros. Todavia, acontece algumas vêzes que um vizir ambicioso, ou algum dos cortesãos, consegue dominar o soberano. Isto dá-se, geralmente, quando uma criança ou um príncipe de carácter fraco foi designado por seu pai, ou por seus amigos e parentes, como herdeiro do poder soberano. Tomando posse do trono, o jovem príncipe mostra-se incapaz de governar. Então, seu tutor, personagem escolhido habitualmente entre os vizires ou os cortezãos de seu pai, ou ainda entre os clientes do sultão ou da tribo, toma conta do govêrno do império com a declaração de o transmitir ao príncipe tão logo êste se mostre capaz de desempenhar o cargo. Armando-se da tutela e sob o pretêxto de zêlo pelo Estado, toma conta de todos os negócios do império, até que o povo se acostuma a considerá-lo como único no poder. Chegado a esta culminância, sua ambição é conservá-la. Perverte o príncipe, mantendo-o numa reclusão completa e acostumando-o a provar todos os prazeres que o luxo pode fornecer. Permite ao jovem príncipe revolver-se nas volúpias, para tirar-lhe todo o pensamento de se ocupar dos negócios do Estado, e acaba por mantê-lo sob o seu domínio. O sultão, acostumado aos prazeres, julga que o dever de um soberano se limita a sentar-se num trono, a receber de seus oficiais o juramento de fidelidade, a ouvir chamarem-no de "Vossa Ma-

gestade" (1), a ficar fechado e viver no meio de mulheres. Quanto ao direito de ligar e desligar, de mandar e proibir, dirigir os negócios do império e vigiar o estado do exército, do tesouro e das fortalezas, acha natural que tudo isso pertença ao vizir, e, abandona-lhe tudo. O ministro consolida assim sua posição, toma um ascendente cada vez maior no comando e na dominação e acaba por exercer um poder absoluto, que transmite a seus filhos ou a seus parentes. Foi êste o caminho que trilharam os Buidas, os Turcos, quando ao serviço dos Califas, Kafur Al-Ikhchidi e outros. Isso no Oriente. Mansur Ibn Abi Amir apoderou-se igualmente do govêrno, na Andaluzia. Às vêzes, o soberano que é guardado sob tutela e a quem se não deixa qualquer influência procura desembaraçar-se da rede onde está cativo, e tenta alcançar o comando que lhe pertence de direito. Esforça-se por punir o usurpador, seja por assassinato, seja por destituição. Mas estas tentativas raramente são bem sucedidas: uma vez que o poder tenha caído nas mãos dos vizires e dos cortesãos, ali fica para sempre. O sequestro do sultão é um acidente social produzido habitualmente pelo progresso do luxo. Os filhos do soberano, tendo passado nos prazeres a mocidade, esquecem fàcilmente sua dignidade de homens, e, acostumados a viver na sociedade das nutrizes e das aias, adquirem, ao crescer, uma moleza d'alma que os torna incapazes de assumir o poder, não chegando mesmo a saber qual a diferença entre comandar e obedecer. Saisfeitos com a pompa de que são cercados, não têm outra preocupação que não seja a de variar seus prazeres, nada mais perturbando seus cérebros infantis. O fenômeno social referido ocorre quando a família imperial, havendo tirado tôda a autoridade ao resto da nação, a reservou para si, o que facilita sobremodo aos libertos e clientes do sultão envolvê-lo e dominar-lhe o espírito. É um acontecimento necessário na vida dos impérios, como já se observou. A apatia do soberano e a ambição de sua camarilha, eis aí duas moléstias de que, raramente, se salva um império. *Allah dá o poder a quem quer.* (Alc. II:248).

---

(1) — Traduzo assim o têrmo "Tamuil": chamar de meu senhor, meu amo; de "Maula"

## XX CAPÍTULO

### AO PÔR UM SULTÃO SOB TUTELA, O MINISTRO EVITA INVESTIR-SE DOS TÍTULOS E ATRIBUTOS PRÓPRIOS DA REALEZA

Desde o estabelecimento do império, os antepassados do soberano reinante exerciam a autoridade soberana (que lhe transmitiram). Deviam a suprema magistratura e a sua posse, ao sentimento de nacionalidade que animava sua família, ao patriotismo que a distinguia e que lhe angariou o devotamento de tôda a nação, que a acompanhou em tôdas as suas empresas. Oriunda do mesmo espírito nacional, a forte têmpera que lhe deu, de início, o comando e a soberania perdura na sua posteridade e garante a duração do império. Se o alto funcionário que consegue ter o soberano sob sua dependência e tutela contar com um forte partido no seio da família detentora do poder, ou no meio do corpo dos clientes e dos libertos, êste partido, pouco habituado ao comando, deixar-se-á arrastar na trilha dos poderosos e confundir-se-á com êles. O ministro, ao tomar conta do poder, não deixa perceber seu desejo de se apoderar do trono, contenta-se com as vantagens de que desfruta na realeza, isto é, no poder de ordenar e de proibir, ligar e desligar, decidir e revogar. Agindo desta maneira, leva os grandes do império a crer que êle se norteia pelas instruções que o soberano lhe transmite do gabinete reservado à magestade real e através do cortinado (1), e que o vizir continua a ser o simples executor das ordens do prín-

(1) — Hijab, cortina, ou porta, que separava o aposento reservado ao califa ou sultão. Hájib, era o alto funcionário ou mesmo o ministro engarregado da guarda dêste cortinado e que recebia diretamente as ordens emanadas do soberano; hijaba, ofício dêste ministro que devia tomar tanta importância nas côrtes principescas do Oriente e do Ocidente. Cr. na II Parte o importante capítulo dedicado pelo autor à Hijaba e ao Hajib.

cipe. Embora revestido de tôda a autoridade, evita usurpar os sinais, os emblemas e os títulos da soberania, para que não suspeitem de suas intenções ambiciosas. O cortinado que desde o começo do império escondia o sultão e seus antecessores da vista do público serve também para esconder as usurpações do ministro, e para fazer crer ao público que êste poderoso funcionário não é senão o simples lugar-tenente do príncipe. Se deixar escapar o menor sinal que revele seus íntimos e verdadeiros desígnios, a família real e todos os partidos existentes no país, mostrar-se-ão indignados com suas pretensões e audácia, e se empenharão em arrancar-lhe o poder. A primeira suspeita, está certo de encontrar a morte, porque não adquiriu ainda bastante autoridade para impor, a seus adversários, obediência e submissão. Tal foi a sorte de Abdu'l-Rahman Ibn Abi Ámir que tivera a ambição real, revestindo-se do título de Califa. Sem se satisfazer com o poder absoluto que seu pai e seus irmãos tinham exercido, desconhecendo as vantagens que resultam de uma situação tão privilegiada como é a de dispor de todos os atributos do poder, menos do título califal, pediu a seu soberano que lhe transmitisse o califado. Esta insolência indignou tanto os Maruanidas e outros Coraixitas da Andaluzia, que alçaram ao trono a Muhammad Ibn Abd Al-Jabbar Ibn An-Nacer, primo do Califa Hicham, e marcharam contra os partidários do ministro. Resultou disso a ruína do partido amerida (2) e a morte do Al-Moayiad, príncipe proclamado califa por êste e que foi substituído por um outro membro da família real. Os Omaiyas, ocupando outra vez o trono, conservaram a suprema magistratura até que o império desapareceu.

(2) — O partido que sustentava o vizir Ibn Ámir e seus filhos.

## XXI CAPÍTULO

### DA REALEZA, SUA NATUREZA E SUAS ESPÉCIES

A realeza é uma instituição conforme ao natural do homem. Temos dito que a reunião dos homens em sociedade é que assegura a vida e a existência da espécie humana. Para procurarem os alimentos e as coisas de primeira necessidade, precisam de cooperação e assistência mútua. A necessidade os habitua ao negócio e, às vêzes, os arrebata a tirar, à fôrça, os objetos que lhes são indispensáveis. Cada homem levanta a mão para a coisa que cobiça e procura arrancá-la ao vizinho, tanto a violência e a inimizade são paixões inerentes à natureza de todos os animais. A vítima, tomada de indignação e de cólera, resiste com tôdas as suas fôrças à tentativa do agressor. A contestação gera um conflito, que se transforma em combate geniralizado, provocando efusão de sangue e a morte de muitos indivíduos, o que redundaria no aniquilameno da espécie humana. Se a violência, a inimizade e a cobiça são naturais no homem, não é menos natural nêle o sentimento que o leva a defender seus bens, sentimento que o Criador reservou para o ser humano. Os homens, pois, não podem viver sem um chefe que os impeça de se atacarem uns aos outros. Para conter a turba, é preciso um moderador, um governador, isto é, um rei forte, que disponha de grande poderio; isto o exige a própria natureza do homem. Êste moderador não teria nenhuma influência sem o apoio de um partido forte, dispondo de uma grande autoridade porque, como já foi demonstrado, para resistir aos ataques e repelir os adversários, êle deve ser sustentado por um grupo de amigos numerosos e devotados. A realeza, pois, é uma nobre instituição; solicitada de tôda a parte, invejada por muitos, tem necessidade de muitos defensores, e, para ser útil a todos, precisa da fôrça da cooperação. Ora, entre os diversos povos, os partidos são mais ou menos poderosos; e, cada partido, não pode dominar senão o povo no meio do qual se formou. Não é, pois, a todos

os partidos que a realeza pode caber; ela pertence, de fato, ao chefe que soube impor ao povo a obediência, arrecadar os impostos, proteger as fronteiras de seus Estados, ter representação diplomática e exercer, sem nenhum contrôle, a autoridade soberana. Tal é a verdadeira Realeza segundo o conceito geralmente admitido. O chefe que, devido à fraqueza de seu partido, fôr incapaz de preencher um ou outro dêstes requisitos, só pode ser um rei incompleto. Tais foram, na maioria, os soberanos berberes enquanto os Aglabitas reinavam em Cairuão; tais foram os soberanos dos povos asiáticos (Ajam) na época em que os Abbassidas acabavam de instalar-se no trono. O príncipe que não dispõe de um partido assaz forte para dominar todos os outros, a quem faltam meios de castigar seus inimigos, ou que se acha na dependência de um outro soberano, não passa de um rei incompleto. Nesta categoria entram os emires das províncias e os governadores dos países que constituem o reino. Nós podemos ver um grande número dêles, nos impérios que possuem grande extensão; quero referir-me às províncias afastadas, que existem em cada império, onde se acham povos administrados por reis que prestam obediência a uma autoridade central. Tais foram os reis sanhajinos (os Ziridas) sob os Fatimitas; assim foram os reis zanatinos (os Mikhnaça, os Migrawa, e os Ifrenidas), que reconheciam, umas vêzes, a autoridade dos Omaiyadas andaluzes, outras vêzes, a dos Fatimitas; assim foram os príncipes persas sob a dominação abbassida, os emires e os reis berberes, que, antes do Islamismo, obedeciam aos Francos; assim foram os reis das províncias persas sob a dominação de Alexandre e de seu povo, os Gregos. Poderíamos citar muitos outros exemplos. Ao examiná-los com a atenção devida, achará o leitor que temos razão. *Allah tem domínio sôbre seus servidores.* (Alc. VI:18).

# XXII CAPÍTULO

## UMA SEVERIDADE EXCESSIVA É ORDINÀRIAMENTE PREJUDICIAL AO IMPÉRIO

Não é a pessoa do rei, nem seu aspecto, nem sua formosura, nem seu belo porte, nem seu grande saber, nem a elegância de sua caligrafia, nem mesmo a penetração de seu espírito que são úteis ao povo. São, antes, as relações que existem entre êle e seus súditos que lhes são úteis e que mais lhes importam. Com efeito, o têrmo *"sultão"* implica uma certa relação, um laço que prende duas coisas correlatas. O *sultão* é, na realidade, o *dono, o possuidor do rebanho, aquêle que apascenta* e cuida de tudo o que lhe diz respeito. O sultão, pois, é quem possui súditos, e os súditos são os que têm um sultão. A qualidade que lhe é própria, quanto às relações com êles, é a de *"posse", propriedade, (mulk, malakat)*, e isto significa que êle é o dono, o senhor. Se a posse fôr boa, assim como suas conseqüências, o soberano possui tôdas as qualidades que se podem desejar. Enquanto continuar boa e bemfazeja, tôda a vantagem reverte sôbre os súditos; nociva e malfazeja, prejudica os súditos e pode causar-lhes a ruína. A boa posse é, portanto, o equivalente de doçura e de bondade. Quando um sultão se mostra violento, pronto a punir, apressado a inquerir das culpas de seus súditos e a ocupar-se de suas menores faltas, o povo receoso e acabrunhado, procura garantir-se, contra a severidade do príncipe, pela mentira, pelo dolo, e pelo embuste. O que não deixa de ter sua influência sôbre o carácter geral dos súditos torna-se uma segunda natureza, perdendo assim sua retidão natural e as belas qualidades natas. Às vêzes, ressentidos, abandonam o sultão na hora em que está prestes a travar uma batalha ou em que se empenha em rechaçar um inimigo. Então, indispostos os corações, a defesa do país torna-se imperfeita. Outras vêzes, conspiram contra êle e o assassinam. Êste acontecimento lança o Estado na desordem e deixa o império exposto às invasões.

Se, ao contrário, o seu reino tirânico se prolongar, o patriotismo da nação enfraquecerá, as fronteiras, sem defensores, estarão abertas aos insultos dos inimigos. O soberano que governa seus súditos com doçura e os trata com indulgência ganha sua confiança e atrai seu amor; cercam-no de devoção, prestam-lhe sua ajuda contra os inimigos, e sua autoridade é prestigiada em tôda a parte. O bom gênio do príncipe manifesta-se na sua bondade de que usa no trato de seu povo e no zêlo com que cuida de sua defesa. A essência da soberania é a proteção dos súditos. A doçura e a bondade do sultão aparecem na indulgência com que os trata e no empênho de lhes assegurar os meios de subsistência; é a melhor maneira de grangear sua afeição. Agora, é preciso saber que um príncipe dotado de um espírito vivo e sagaz é pouco inclinado à doçura. Esta qualidade é, habitualmente, própria do monarca bonacheirão e despreocupado. O menor dos defeitos de um soberano dotado de viva inteligência é impor a seus súditos tarefas e empreendimentos acima de suas fôrças; porque as suas miradas alcançam muito além do que os súditos podem fazer, e quando começa uma emprêsa, crê e pensa adivinhar, por sua perspicácia, as conseqüências remotas do que empreende. Sua administração é, pois, nociva ao povo. Disse o Profeta: "Regulai vossa marcha pelo passo do mais fraco entre vós".

A respeito dêste assunto, chamamos a atenção para o fato de a lei não exigir do administrador uma grande penetração de espírito. A máxima citada foi baseada sôbre o que aconteceu a Ziad, filho de Aby Sufian, quando o Califa Omar o privou do govêrno do Iraque. "Ó Príncipe dos crentes! — disse-lhe Ziad. Foi devido a alguma incapacidade ou por malversão que me destituiste? — Nem por uma, nem por outra, respondeu Omar; mas não quero que tua alta inteligência seja um fardo para o povo". Daí tirou-se a conclusão de que um governador não devia destacar-se por excesso de inteligência e de penetração, como foi o caso de Ziad e Amr Ibn Al-Aci. Estas qualidades levam a governar de um modo tirânico e implicam sobrecarregar o povo com imposições que êste não pode suportar. *Allah é o melhor dos senhores.*

Do que precede evidencia-se que, num administrador, uma penetração muito viva de espírito constitui um defeito. É um excesso de inteligência, tal como a idiotice é um excesso de apatia. Ora, no que constitui as qualidades do homem, os extremos são igualmente condenáveis; só o justo meio, que é a virtude, merece louvores. Assim, a generosidade ocupa o justo meio entre a prodigalidade e a avareza; a coragem se coloca entre a temeridade e a covardia. Por isso é que, de um homem cuja inteligência é fora do comum, se diz, atribuindo-lhe qualidades diabólicas: É um demônio; é um endiabrado, e outras expressões similares. *Allah cria o que quer.*

## XXIII CAPÍTULO

### SÔBRE A DIGNIDADE DE CALIFA E A DE IMAME

O carácter verdadeiro do império é ser uma reunião de homens produzida pela natureza das coisas e que se tornou necessária devido ao espírito de dominação e de fôrça proveniente do apetite irascível de animalidade. Uma vez estabelecido o império, as ordens do soberano muitas vêzes se afastam da eqüidade, tornando-se prejudiciais a seu povo. Impõe-lhe, muitas vêzes, cargos acima de suas fôrças, e isso com o intuito de adiantar seus planos ou simplesmente para satisfazer as próprias paixões. É verdade que esta maneira de proceder varia de soberano para soberano, conforme a diversidade de seus intentos e projetos. Em todos os casos, dificilmente se presta o povo à submissão; depois de murmurar, começa a desobedecer, o que o leva à revolta e à luta declarada. Então, o príncipe vê-se obrigado de adotar um código de leis que os súditos aceitam e cujas prescrições consentem em respeitar. O fato ocorreu para os Persas, como ocorreu para outros povos. Uma dinastia que não recoresse a êste meio não poderia concluir seus projetos, nem firmar sua dominação em bases sólidas. *Tal é a lei que Deus esta-*

*beleceu*. Se êste código foi constituido pelos sábios, os grandes homens de responsabilidade, oferece um sistema de leis que se fundam sôbre a razão. Se emana de Deus, que o terá feito promulgar por meio de um legislador divinamente inspirado, constitui uma seqüência de regulamentos fundados na religião, vantajosos para o homem, não só nêste mundo, mas também no outro. Porque o homem não foi criado sòmente para esta vida, a qual, feita de vaidades e de ilusão, termina com a morte. Deus disse: *"Pensais vós que foi por simples capricho que Nós vos criámos?"* (Alc. XXIII:17). O homem foi pôsto no mundo para praticar a religião, que o deve conduzir à felicidade, na vida futura, por *via de Deus, senhor do que está nos Céus e sôbre a Terra.* (Alc. XIII:53). Os homens receberam diversos códigos de leis reveladas, com o fim de os dirigirem para a verdade e servirem para fixar seus deveres em tudo que diz respeito a seus semelhantes e à religião. A realeza, instituição oriunda naturalmente da reunião dos homens em sociedade, achou também nêles prescrições que a regem, e que lhe deram um carácter religioso, para que tôdas as instituições humanas fôssem colocadas sob a direção da lei divina. Aos olhos desta lei, a opressão, o emprêgo da fôrça brutal, os ultrajes cometidos sob o domínio de uma ira desenfreada, são atos tirânicos, lesivos e repreensíveis. As leis que emanam da sabedoria humana, desaprovam também semelhantes atos. Mas, o que estas leis prescrevem em contradição com a lei divina, merece condenação. Com efeito, é o mesmo que experimentar ver sem a ajuda da luz de Deus, e *aquêle a quem Deus negou sua luz, nas trevas permanece.* (Alc. XXIV:40). O legislador inspirado sabe melhor que ninguém o que convém à felicidade dos homens, porque conhece o que lhes é velado, isto é, as coisas da outra vida, Aliás, as obras de cada indivíduo, seja rei ou súdito, tôdas se apresentarão diante dêle no dia do juízo: *"São vossos atos que apresentar-se-ão na frente de vós"*, disse o Profeta. As leis de origem humana visam sòmente o bem-estar dos homens neste baixo mundo; *conhecem o exterior dêste mundo,* (Alc. XXX:6), mas, as leis de origem divina, asseguram-lhes a felicidade no outro. As leis emanadas de Deus impõem ao soberano a obrigação de levar os homens a obser-

varem o que nelas está prescrito relativamente a seus interesses neste mundo e no outro. Para fazer executar esta prescrição é preciso um profeta, ou um homem que ocupe o lugar de um profeta: tais são os Califas. O leitor compreende agora a natureza do *Califado*. Vê que a *Realeza* pura é uma instituição conforme a natureza humana, e que obriga a comunidade a trabalhar para executar os projetos e satisfazer as paixões do soberano. Reconhece que o govêrno regido por leis tem por fim dirigir e orientar a comunidade segundo os preceitos da razão, para que o povo desfrute dos bens dêste mundo e se garanta contra o que lhe pode ser prejudicial. Sabe o benévolo leitor que o califado dirige os homens segundo a lei divina, para assegurar-lhes a felicidade da outra vida; porque, aos bens dêste mundo, o legislador inspirado os considera na dependência e através do prisma da vida futura. O Califa é, pois, na realidade, o lugar-tenente do legislador inspirado, encarregado de manter a religião e de se servir dela para o govêrno do mundo. Mais tarde, ao voltarmos a tratar dêstes assuntos, terá o leitor oportunidade de aprofundá-los e de melhor compreendê-los. *"O sapiente, o prudente, é Allah!"*

## XXIV CAPÍTULO

### DA DIVERGÊNCIA DE OPINIÕES ACÊRCA DA DIGNIDADE DO CALIFA E DOS SEUS REQUISITOS

Temos dito que esta dignidade não é, na realidade, senão uma tenência, uma substituição. O que dela se acha revestido, substitui o legislador inspirado, toma o seu lugar, sendo encarregado de manter a religião, e, por êste meio, governar o mundo. Tal ofício é designado indiferentemente pelos têrmos *"khilafat"* ou califado, tenência; *"imamat"*, imamato ou chefia. Dá-se a quem ocupa o cargo o título de Califa e o de

Imame; foi intitulado também de Sultão, nos últimos séculos, quando havia muitos califas contemporâneos. Muitas nações afastadas umas das outras, não achando ninguém com tôdas as qualidades requeridas para ser califa, viam-se obrigadas a conferir esta dignidade a qualquer um que tomasse conta do poder.

Deu-se ao Califa o título de "Imame" (o que está na frente, na dianteira), porque o compararam ao imame que dirige a oração pública, e cujos movimentos são imitados por todos os presentes. Daí provém o emprêgo do têrmo *"Grande Imamato"* referido à qualidade de califa. Adotou-se primeiro o têrmo "califa", porque êste chefe substitui o Profeta perante seu povo. Pode-se dizer "califa" sem nenhum determinativo, ou também "califa do Profeta de Deus". Mas isso deu lugar a uma controvérsia. Os que admitiam esta última forma apoiavam-se no fato que Deus tinha concedido aos homens a intendência universal (sôbre tôdas as criaturas). Êle disse, por exemplo: *"Eu vou instituir um lugar-tenente sôbre a terra"*. (Alc. II:28). Disse também: *"Êle vos instituiu como seus lugares-tenentes sôbre a terra"*. (Alc. VI:165). A maioria dos doutores nega-se a empregar êste título, declarando que o versículo não se aplica ao caso. Fundamentam sua objeção na palavra de Abu Bacr, que proibiu aos Muçulmanos chamá-lo de lugar-tenente de Deus: "Não sou lugar-tenente de Deus; mas sim, do Apóstolo de Deus". Argumentam mais dizendo o seguinte: "Só quem estiver ausente, pode ter um substituto. Quem está sempre presente não tem necessidade do mesmo".

O estabelecimento de um imame é coisa obrigatória; a lei, que se funda no acôrdo unânime dos companheiros do Profeta e de seus discípulos, (os Sahaba e os Tabiun) declarou tal necessidade. Logo depois da morte do Profeta, seus companheiros (Sahaba) apressaram-se a prestar juramento de fidelidade a Abu Bacr, confiando-lhe a direção de todos os negócios. O exemplo dos Sahaba foi seguido durante os séculos seguintes, de modo que os homens não mais ficaram abandonados a si mesmos. Êste acôrdo geral (dos povos muslímicos) fornece uma prova, a mais, da necessidade de um imame. Alguns doutores sustentam que esta necessidade se

compreende pelo simples raciocínio e que o acôrdo geral referido é o resultado de um juízo fundado sôbre a razão. "A simples razão, dizem, é suficiente para demonstrar a necesidade do imamato. Os homens estão na necessidade de viverem em sociedade; mantendo-se isolados uns dos outros, não poderiam existir. Mas a reunião dos homens em sociedade e a diversidade de seus interesses produzem choques e conflitos, e, enquanto não houver um moderador para os conter, estas disputas degeneram em combates. Um tal estado de coisas ameaça a existência da espécie inteira. Ora, é óbvio que a conservação da espécie é um dos principais fins da lei divina". Êste raciocínio é idêntico ao que empregavam os Filósofos, quando queriam demonstrar que a faculdade do profetismo existe necessàriamente na espécie humana, e já apontei a fraqueza de semelhante argumento. Não admito o princípio que declara que o estabelecimento de um moderador a quem todo o povo se deve submeter com confiança e resignação seja ordenado pela lei divina. Esta premissa é falsa. O moderador pode derivar sua autoridade da ascendência que a posse do império lhe deu, ou das fôrças sôbre as quais se apoia. Que diriam êstes doutores, se se tratasse de um povo tal como os Majus (os piratas normandos) que não receberam uma lei revelada, ou outro povo que não fôsse visitado por quem lhe comunicasse a religião? Embora sem lei divina nem mensageiro, que lhes ensinasse os preceitos divinos, êstes povos possuem chefes que os governam. Pode-se responder à sua argumentação de outra maneira. Para evitar os conflitos, basta cada indivíduo estar convencido de que a injustiça lhe é proibida pela razão. Quando êles dizem que não há contestações em tal país, porque seus habitantes têm uma lei divina, e que em tal outro, elas não se produzem porque possue um imame, o seu argumento não tem valor algum: alguns chefes poderosos bastariam, tão bem como um imame, para manter a ordem. O povo mesmo o poderia fazer, se todos concordassem em evitar as contestações e em não se prejudicarem mùtuamente. A conclusão, pois, que êstes doutores tiram das premissas — que não são certas — também não encerra qualquer valor. Aliás, o seu argumento se reduz a isto: *O que faz compreender a necessidade de um Imame, é a lei,* isto é, o acôrdo geral do que falámos acima.

Certas pessoas professam, a respeito do "Imamato", uma opinião tôda particular. Nem a lei, nem a razão demonstram a necessidade de uma tal função. Certos Mutazilitas obstinados, certos Kharijitas e outros indivíduos, professaram esta doutrina. Em seu entender, a única obrigação do imame é executar as prescrições da lei; ora, se o povo se puser de acôrdo para seguir as regras da justiça e executar a lei de Deus, o estabelecimento de um imame torna-se desnecessário, porque, então, pode-se muito bem dispensar tal chefe. Para refutar esta opinião, seria suficiente o acôrdo geral de todos os povos muçulmanos; mas, os homens que a professavam tinham tanto ódio à soberania e aos abusos a ela inerentes, como a ambição, o espírito de dominação, a cobiça dos bens dêste mundo, que preferiram partilhar o princípio da inutilidade do imamato. Foram levados tanto mais fàcilmente a rejeitar esta instituição quanto é certo que achavam na lei grande número de passagens vituperando êstes abusos e aquêles que os praticavam. Todavia, nós devemos fazer observar que a lei não condena a soberania, nem quem a exerce; o que desaprova são os abusos que ela ocasiona, como a tirania, a injustiça e a sensualidade. Ninguém põe em dúvida que a lei reprova os vícios que nascem da soberania, do mesmo modo que enaltece a justiça, a moderação, o zêlo de manter as prescrições da religião e defendê-la. Todavia, estas virtudes podem também resultar da soberania, e a lei lhes assina uma recompensa. Claro está, pois, que a lei não condena a soberania em si, mas sim determinadas coisas que dela derivam. A lei não procura abolir a soberania. Do mesmo modo que, censurando o apetite irascível e de concupiscência nos seres responsáveis, não pretende suprimir estas paixões, que, em dada ocasião, podem ter resultados úteis; procura sòmente dar-lhes uma boa direção. David e Salomão possuiam um reino sem igual; soberanos insignes, eram também profetas prediletos de Deus. Diríamos a estas pessoas: "A soberania vos repugna porque, em vossa opinião, a considerais inútil. Mas esta alegação não vos conduz a nenhum objetivo prático, porquanto admitindo o que todo o mundo admite, isto é, que se devem observar as prescrições da lei, deveis admitir também que, para chegar a tanto, é necessário recorrer à fôrça

e que a fôrça deve apoiar-se sôbre um partido cujo espírito de grupo seja bem pronunciado. Mas, o espírito de grupo conduz à soberania, e eis fundada a realeza. Suponhamos, por outro lado, que se tenha negligenciado estabelecer um "imamato", objeto principal de vossa aversão, os companheiros do Profeta e os seus discípulos foram unânimes em considerar esta instituição como necessária; donde resulta que a obrigação de ter um imame é imposta a tôda comunidade, e cabe aos homens que estão no comando escolher um indivíduo e instalá-lo nesta função. Todo o povo está na obrigação de lhe obedecer, porque Deus disse: *"Obedecei a Deus e a seu Profeta e aos que dentre vosso povo exercem o comando".* (Alc. IV:62).

"Não é permitida a existência de dois imames conjuntamente": tal é a opinião da quase totalidade dos doutores da lei, opinião que se baseia no sentido literal de certas tradições que acharam agasalho no *Sahih de Moslim* (1), no capítulo que trata do direito de comandar (imara). Outros legistas, entretanto, pensam que esta regra não se aplica senão a um só país ou a dois países limítrofes; mas, quando existe uma tal distância entre as províncias que a autoridade do imame estabelecido numa não possa fazer-se sentir na outra, declaram ser lícito estabelecer, na mais afastada, um segundo imame, para cuidar das necessidades da comunidade. Entre os doutores de fama que emitiram esta opinião, conta-se o *Ostad* (2) Abu Ishac Al-Isfaraini, chefe de todos os teólogos dogmáticos. O Imame dos dois Santuários (3) parece aprovar a mesma doutrina na sua obra intitulada *"Al-Irchad"* (A boa Direção). Os doutores da Andaluzia e do Magrib pendem para o mesmo lado. Os legistas andaluzes estavam em grande número quando prestaram juramento de fidelidade a An-Nasser Abd Ar-Rahman, da família Omaiya e o intitula-

---

(1) — Moslim Ibn Al-Hajjaj, autor de uma das 6 Coletâneas de Tradições autênticas; morreu no ano 261 da H. (874/75 de J. C.).

(2) — Veja a pág. 150, nota 10.

(3) É Abul Maali Abd al-Malic; foi um dos mais sábios doutores da escola Chafeita. Morreu em Nisapor em 1083. Foi apelidado assim por ter passado um tempo considerável em Medina e na Meca, os dois grandes Santuários do Islame. **Irchad** foi editado e traduzido para o francês por Luciani, 1938. (Nota dos Trad.).

ram de *Emir dos crentes,* assim como a seus descendentes. Êste título, que constitui uma das marcas da dignidade de califa, como se verá adiante, foi tomado depois pelos soberanos almohadas do Magrib. A opinião dos que justificam a nomeação de dois imames é repelida por certos legistas como sendo contrária ao acôrdo geral dos antigos doutores. A objeção nos parece fraca. Se fôsse unânime esta opinião dos antigos, o *Ostad* Abu Ishac e o Imame Al-Haramain, duas sumidades que conheciam tão bem as doutrinas fundadas sôbre o acôrdo unânime, teriam cuidado de não as contradizer. Não é menos verdade, outrossim, que Mazari (4) e Nawaui (5), tentaram refutar o Imame Al-Haramain, tomando por base o sentido literal das tradições já citadas. Em tempos mais próximos de nós, alguns doutores procuraram provar, de maneira diferente, que a existência de dois imames simultâneos é ilegal. Dizem que cada imame seria capaz de contrariar os desígnios do outro, e citam, a êste propósito, o passo do livro revelado, onde Deus diz. *"Se houvesse nos céus e sôbre a terra outras divindades além de Deus, arruinar-se-iam".* (Alc. XXI:22). A aplicação dêste versículo não é adequada. Contém uma prova inteligível que Deus apresenta a nossa consoderação: querendo levar os homens a professarem sua unidade, dogma que deviam crer, Êle lhes oferece uma prova fundada sôbre a razão e capaz de fortalecer tal convicção. Mas aqui, trata-se do imamato, e nós buscamos um texto que proíba o estabelecimento de dois imames, e que possa constituir uma proibição legal e absoluta. Ora, um texto não poderia servir de prova na questão pendente, a menos que fôsse precedida de uma introdução assim concebida: Considerando que a multiplicidade dos imames é nociva e prejudicial, etc. Assim a prova seria boa, e a proibição seria legal, por nos devermos todos abster do mal.

---

(4) — Al-Mazari (Abu Muhammad Al-Mazari, é nativo de Mazzara, na Sicília), era tradicionalista e doutor de escola de Malik. Morreu em Mahdia, na Província de Túnis, no ano 53 H ou 1141 de J. C.

(5) — Nawaui (Abu Zakaria Iahya) doutor da escola Chafeita, destacava-se pela santidade de sua vida e por sua erudição. Entre o grande número de obras que escreveu, o seu livro intitulado **"Tahdib al-Isma"**, foi editado por Wustenfeld. Morreu em 1277/78.

As *qualidades* que se exigem de um imame são em número de quatro: o saber, a probidade, a competência e o uso dos sentidos e dos membros que influem sôbre a atividade do espírito e do corpo. Acrescentou-se ainda uma quinta condição, a de pertencer por nascimento à tribo de Coraix, necessidade que foi posta em dúvida. O saber evidentemente é necessário, porque é necessário conhecer a fundo e executar as ordenações de Deus; a nomeação de um imame ignorante da lei não é válida. Entretanto, só o saber não é suficiente; deve-se possuir a capacidade de julgar por si mesmo, considerando como grave defeito remeter-se sempre à opinião alheia; e o imame deve ser perfeito, no que diz respeito às qualidades morais, como em todo o resto. A probidade é indispensável, por ser o imamato uma dignidade religiosa, e por ter o imame sob sua autoridade e vigilância todos os funcionários nos quais a probidade é exigida como condição imprescindível para o exercício do cargo. Eis aí uma fortíssima razão para que se exija o mesmo do imame. Êste, perde sua qualidade de probo quando abusa dos próprios órgãos para praticar atos repreensíveis ou contrários à lei. Quanto a saber se perde a probidade quando introduz novidades nas crenças religiosas, a questão é indecisa. A aptidão ou compotência de um imame é a sua coragem de fazer cumprir as penas legais e de se apresentar nos combates; é a sua previdência na guerra, sua habilidade em arrebatar o povo para a peleja; é seu conhecimento do espírito nacional e dos meandros das intrigas; é a fôrça d'alma com que enfrenta as fadigas do govêrno, tudo com o fim de poder condignamente cumprir seus deveres, que são: defender a religião, combater o inimigo, manter os regulamentos de Deus, reger o mundo e trabalhar para o bem público.

Num imame, todos *os órgãos dos sentidos e todos os membros do corpo* devem ser isentos de imperfeição e de impotência. A loucura, a privação da vista, a surdez, o mutismo, são outros tantos motivos para excluirem do imamato. O que prejudica a atividade do corpo, constitui também um impedimento, como a falta das duas mãos ou das duas pernas. Exige-se de um imame que tenha os sentidos, todos os membros em bom estado; a falta de um membro ou a de um sentido

prejudicaria suas funções e o imepediria de desempenhar o cargo para o qual foi chamado. A falta de uma só mão ou de uma só perna, ou tôda outra imperfeição (que não prejudica a atividade do corpo), mas, que ofende o olhar, é suficiente também para excluir do imamato; é absolutamente necessário que o imame seja sem defeito; é uma das condições que êle deve satisfazer. Como inibição no mesmo grau que a falta de um membro, considera-se todo o defeito que prive o imame da faculdade de agir. Esta impotência pode se revestir, de dois aspectos distintos: O primeiro, a incapacidade de agir resulta do cativeiro, de uma fôrça maior, ou de qualquer outro impedimento dêste gênero. A regra que exige imperiosamente que o corpo do imame seja sem defeito aplica-se igualmente a êste caso. No segundo, um dos servidores do imame tê-lo-ia sob tutela e o dominaria, sem que houvesse luta ou revolta. Se, ao examinar o modo de proceder dêste guardião, se evidencia que êle age seguindo os preceitos da religião, o imame pode ser conservado no seu ofício. Se a conduta geral do tutor é repreensível, os muçulmanos devem socorrer-se de alguém capaz de tirar-lhe a autoridade usurpada, e de pôr o imame em estado de cumprir com seus deveres de califa.

A condição de ser descendente de Coraix foi adotada durante a jornada chamada de "A-Sakifa" (6), pelos Companheiros do Profeta. Os Ansar, naquêle dia, queriam reconhecer por imame a Saad Ibn Abada: "Daqui por diante, uma vez escolher-se-á um emir dentre nós, e outra vez, escolher-se-á um emir de Coraix". À pretensão dos Medinezes, os Emigrados opuseram esta palavra do Profeta: "Os imames devem ser da tribo de Coraix". Depois acrescentaram: "O Profeta nos recomendou que praticássemos o bem a quem praticasse o bem convosco, e que perdoássemos as ofensas que recebêssemos de vós. Ora, se vós fôsseis bastante fortes para comandar aos outros, o Profeta não nos teria feito esta recomendação". Os Ansar (Medinezes) deixaram-se convencer e desistiram do

(6) — Reunião dita do Vestíbulo em que se deliberou, entre Ansar e Muhajir, dar um sucessor ao Profeta (falecido dias antes, em 8 de junho 632 E. V.). Foi devido à sugestão de Omar que se escolheu a Abu Bacr como Califa.

intento de levar Saad ao imamato. Acha-se também no *Sahih* uma palavra do Profeta assim concebida: "A autoridade não sairá desta tribo de Coraix". Esta tribo debilitou-se em seguida sob a influência do bem-estar e das riquezas; e, esgotando suas fôrças a combater pelo império nas diversas partes do mundo, perdeu por fim seu espírito de grupo, tornou-se incapaz de sustentar o califado e deixou arrebatar o poder pelos estrangeiros.

Muitos doutores, embora hábeis investigadores da verdade, deixaram-se enganar pelo fato que acabamos de assinalar, e foram levados a negar fôsse necessária a qualidade de Coraixita para o imamato. Alegam também, para sua negativa, outros textos do Profeta, que interpretam ao pé da letra, como êstes: "Escutai e obedecei, mesmo quando se vos der por chefe um Abissínio, escravo e babão!" Esta recomendação não fornece nenhuma prova que possa aplicar-se ao caso; é uma exortação que se apresenta sob a forma de um exemplo e de uma suposição, para fazer melhor sentir a necessidade da obediência. Citam ainda esta palavra de Omar: "Se Sálem, o liberto de Abu Hudaifa, estivesse ainda vivo, eu, de bom grado, confiar-lhe-ia esta dignidade, a menos que tivesse alguma suspeita contra êle!" Palavras que nada provam. Todo o mundo sabe que a opinião de um só dos Companheiros do Profeta não faz autoridade. Citam, ainda, esta máxima: "O liberto faz parte da família que lhe deu a liberdade", e acrescentam que Sálem, tornando-se liberto de Coraix, tinha participado do espírito de grupo que animava esta tribo. A condição de ser Coraixita, dizem, não tem outro significado. Omar, para quem o papel do Califado se revestia da maior importância, imaginava que as condições requeridas para um imame não mais se encontrariam; pensou, então, em Sálem, que lhe parecia reuní-las tôdas, inclusive a de ser Coraixita por direito de alforria. Ora, a alforria comunica ao cliente o espírito de grupo que anima a tribo que lhe deu a liberdade. Voltaremos ao assunto logo mais. Nada faltava a Sálem, salvo a vantagem de descender desta tribo; mas, na opinião de Omar, podia muito bem dispensar esta ascendência, porque a única vantagem que aufere o nascer de uma família é adquirir o espírito de grupo que a anima; ora, Sálem tinha adquirido

o espírito coraixita pelo fato de sua libertação. Omar, sempre animado do maior zêlo para com o povo muçulmano, quisera confiar o govêrno da nação a um homem acima de tôda a repreensão e livre de todo o vício de inibição.

Observando que a tribo de Coraix perdeu todo o espírito de grupo devido a seu esgotamento, e que os príncipes da Pérsia tinham os Califas sob sua dominação, declarou o cádi Abu Bacr Al-Bakilani que a condição de nascer coraixita não era essencial. Neste ponto a sua opinião concordou com a dos Kharijitas, porque notou o estado lastimável a que estavam reduzidos os Califas do tempo. Mas, a grande maioria dos doutores persistiu, entretanto, em considerar esta questão como nceessária, em declarar que era preciso sempre entregar o imamato a um Coraixita, mesmo quando êste homem não tivesse o poder necessário para reger os negócios do povo muçulmano. Para refutar êstes doutores, chamava-se a atenção dos mesmos sôbre a própria declaração, a qual prejudicava a condição de ser apto, qualidade que dá ao imame o poder de governador. Com efeito, com o espírito de grupo que acaba de se extinguir dentro de um povo, desaparece também a sua potência, e então a condição de aptidão não mais poderá ser preenchida. Entretanto, se não se respeitar esta condição, acabar-se-á por descuidar das do saber e de religião; acabando mesmo por não ligar qualquer importância às outras condições. Um tal resultado estaria em completa oposição com o sentir unânime dos antigos doutores.

Resta-nos agora determinar por que motivo se adotou a condição da ascendência coraixita, para ser imame, a fim de que o leitor possa reconhecer a verdade no meio dêste emaranhado de opiniões. Começaremos dizendo que cada prescrição da lei norteia-se por um fim determinado e encerra (implìcitamente) um sábio pensamento, que motivou sua promulgação. Procurando inteirar-nos dos motivos que fizeram impor como condição a ascendência coraixita, investigando qual o fim que tinha o legislador em vista ao dar-lhe sua aprovação, não nos contentaremos com descobrir que um dos motivos era chamar sôbre o imamato o favor divino, por intermédio do Profeta, da mesma ascendência coraixita. É a opinião que todos admitem. Quanto a nós, ao mesmo tempo

que admitimos que haja mediação do Profeta no caso, e que a bênção divina seja dada, diremos, todavia, que semelhante favor não poderia constituir objetivo de uma lei, e todos os nossos leitores estão disto convencidos. Era preciso, pois, que ao estabelecer a necessidade de nascer Coraixita para preencher as atribuições de um imame, o legislador procurasse proporcionar ao povo uma vantagem, vantagem esta que constituiu motivo da promulgação da lei. Depois de muito indagar para a descoberta desta vantagem, evidenciou-se a nossos olhos que a condição de ser coraixita tinha por motivo a alta importância que decorre do espírito de grupo, dêste sentimento que leva cada tribo a proteger os próprios amigos, a combater os inimigos, e que, implantado no coração do imame, proporciona-lhe os meios de pôr têrmo às disputas e conflitos que poderiam dividir a nação. Desta maneira, ganha o imame a confiança do povo, e granjeia os corações dos súditos, prendendo-os pelos laços do afeto. Ora, os Coraixitas formavam a tribo mais nobre, a mais antiga e a mais poderosa da raça de Mudar. Por seu número, seu espírito de grupo e sua origem ilustre, se fazia respeitar por tôdas as outras famílias da estirpe de Mudar. Reconhecia-lhes estas vantagens o povo árabe e se curvava perante seu poderio. Outra, que não Coraix, fôsse a tribo que revestisse o alto comando, e o espírito de oposição e de independência, inveterado nos Árabes, teria gerado a discórdia e implantado a desunião no meio da nação. Entre as tribos de descendência mudarita, nenhuma, fora a de Coraix, teria sido capaz de pôr um paradeiro a estas dissenções, mesmo que tivesse recorrido à fôrça das armas, e então, a grande comunidade muçulmana, prêsa das facções, ter-se-ia arriscado a desaparecer. O legislador, temendo semelhante catástrofe, quis preservar a harmonia entre as tribos e impedir as rivalidades e as lutas. Assegurando a união e o sentimento de nacionalidade entre tôdas estas povoações, tornou muito mais fácil a defesa do império. Ao confiar o comando à tribo de Coraix, afastou o perigo que temia, por ser esta tribo bastante poderosa para se impor ao resto dos Árabes e os dirigir à vontade. Enquanto estivesse encarregada de manter a ordem e impedir as revoltas, não seriam de temer nem a desobediência das tribos, nem as suas dissensões. Eis

o motivo que determinou o legislador a exigir, para quem revestisse as atribuições de imame, o nascimento coraixita. Sabia êle que esta tribo, animada de um vivo sentimento patriótico, era capaz, e melhor que qualquer outra, de manter a concórdia entre as tribos e de as organizar em nação. A harmonia que reinava no meio dos Coraixitas, acabaria por se estabelecer entre tôdas as outras da mesma estirpe que ela porque descendiam do Mudar. Então o resto do povo árabe apressar-se-ia a obedecer, os povos estrangeiros não tardariam a se submeterem à nação muçulmana, e as armas árabes iriam avassalar os países mais distantes. O que efetivamente aconteceu na época em que os Muçulmanos se empenharam na carreira das conquistas, prolongando-se sob a dinastia dos Omaiyas e a dos Abbassidas, até à queda do Califado e à ruína do partido árabe. Qualquer um que tenha estudado a história dêste povo sabe até que ponto excediam os Coraixitas às outras tribos Mudaritas em número e em poder; chegaria à mesma conclusão, mesmo se examinasse sòmente a história dos Coraixitas. Muitos escritores ocuparam-se do assunto, e Ibn Ishac dedicou-lhe muitas páginas do seu *Kitab As-Siar* (7).

Quando se evidencia que a condição de ser Coraixita tivera por objetivo pôr têrmo às dissensões reinantes entre os Árabes, valendo-se do espírito de grupo e de dominação que prevalecia entre os Coraix, quando se lembra o princípio de que o legislador nunca estabelece leis sòmente para um povo, ou para uma só época, reconhecer-se-á que esta questão pode considerar-se englobada na aptidão. Também foi o motivo que nos levou a considerá-la e tratá-la como tal. Quanto ao motivo que levou a adotar a condição de nascer Coraixita, damos-lhe a aplicação mais vasta, declarando que o indivíduo encarregado dos interesses da nação muçulmana deve pertencer a uma família que, por meio de seu espírito de grupo, tenha a proeminência sôbre seus contemporâneos, podendo assim fazer-se obedecer por outras famílias e uní-las para a defesa da nação. É verdade que sua autoridade não poderia estender-se, como a dos

(7) — Veja-se supra página 6, nota 7.

Coraix, sôbre tôdas as partes do mundo. Os Coraixitas tiveram que sustentar uma causa de geral interesse: combatendo para implantar o Islamismo, obtiveram o apoio patriótico de tôda a raça árabe, e, assim, puderam subjugar as outras nações. Em nossos dias ainda, é preciso, em cada região do mundo, para governar, um homem que tenha à sua disposição um partido poderoso. Ao leitor que tivesse procurado desvendar quais os desígnios secretos de Deus ao estabelecer o Califado, sem dúvida, o que acabamos de assinalar não teria passado despercebido. Deus instituiu os Califas, que O deviam substituir no govêrno do povo, encarregando-os de dirigirem seus servidores para o que lhes fôsse vantajoso e de afastá-los de tudo o que lhes fôsse nocivo. Endereçou aos Califas a ordem formal de executarem esta tarefa; e é óbvio que não se prescreva uma tarefa para alguém que não tenha a fôrça de cumprí-la. Cabe aqui uma observação feita por Ibn Al-Khatib (8) falando das mulheres: "Em muitas prescrições da lei, disse, Deus — refere-se às mulheres depois de se referir aos homens — não as designa expressamente, mas implìcitamente, e isso, por não possuirem elas o direito de comandar e por estarem sob a autoridade dos homens. No que diz respeito aos deveres de religião, o caso é diferente, porque ali, cada qual é capaz de agir por si; e por isso, a lei (ao prescrever às mulheres êstes deveres) dirige-se a elas diretamente". O que se observa em nossos dias é demonstração viva de nossas observações. Ninguém é capaz de governar um povo ou uma raça de homens se não possuir o poder de tê-los curvados sob sua dominação; e a lei divina raramente se acha em contradição com os fatos que são conformes à natureza das coisas.

---

(8) — Ibn al- Khatib, Abu Abd Allah, é melhor conhecido pelo título de Fakhr Ad-Din Ar-Razi, um dos mais importantes chefes da escola Chafeita. Distinguiu-se como teólogo, metafísico e filósofo, e compôs grande número de obras. Morreu em Herat, em 1210 E. V.

## XXV CAPÍTULO

### DOUTRINA DOS HETERODOXOS CHIITAS SÔBRE O IMAMATO

O têrmo "chi'a" significa na linguagem comum, "companheiros" ou "seguidores"; mas, na terminologia especial dos legistas e teólogos dogmáticos, quer antigos, quer modernos, emprega-se para determinar os partidários de Ali e de seus descendentes. Os Chiitas estão de acôrdo em declarar que a nomeação de um imame não entra na categoria das coisas ordinárias que se abandonam à decisão do povo; que o imamato é a coluna da religião e a base do islamismo; que o Profeta não deve deixá-lo ao acaso; que não tem o direito de deixar a escolha do imame à comunidade muçulmana; que seu dever o obriga a indicar um; que o imame é impecável em absoluto; que Ali foi a pessoa designada pelo Profeta para preencher as funções de imame. Êles esteiam estas diversas opiniões em certos textos que receberam por via da tradição, e que interpretam de harmonia com sua doutrina, textos desconhecidos dos homens mais versados na crítica das tradições relacionadas com o Profeta, e ignorados pelos doutores que transmitiram o conhecimento perfeito da lei.

Para dizer a verdade, a maior parte de suas asserções é controvertida, ou então a via de sua transmissão é justamente suspeita, ou tem um sentido inatacável, mas diferente da perversa interpretação que lhe desejam dar. Segundo os Chiitas, êstes textos podem dividir-se em duas categorias: os de sentido claro e os de sentido velado. Como exemplo de texto claro, citam esta palavra do Profeta: "Quem me tiver por senhor, terá também por senhor a Ali". Assim, dizem, o direito de senhorio não pertence, de maneira absoluta e geral, senão a Ali. Tal é o motivo por que dizia Omar a êste último: "Eis que tu ficastes sendo o senhor de todos os Muçulmanos, homens e mulheres". Relatam, ainda, esta frase do Profeta:

"O melhor juíz entre vós é Ali". Ora, dizem, o imamato seria destituido de qualquer importância se não incluisse o direito de julgar segundo os mandamentos de Deus. Esta idéia é o que exprimem as palavras *"Revestidos da autoridade"* que se acham na ordem seguinte, emanada de Deus: *"Obedecei a Deus, obedecei ao Profeta e aos que, dentre vós, se acham revestidos da autoridade"*. (Alc. IV:62). A autoridade referida é o direito de julgar e de decidir. Assim, no dia da Sakifa, quando surgiu a questão do imamato, Ali foi o único árbitro (1).

Citam um outro dêstes textos claros: *"Quem se comprometer a me ficar fiel, mesmo com o risco de perder a vida, será meu mandatário encarregado do exercício da autoridade depois de mim"*. Ora, é sabido que ninguém tomou êste compromisso, além de Ali.

Como exemplo de indicação cujo sentido é oculto, relatam que o Profeta, depois de receber do céu a Surat da *Renúncia* ou *Bura'at* (2) durante a festa (da peregrinação que se celebrava na Meca), havia encarregado a Abu Bacr de comunicar seu conteúdo aos Árabes idólatras, quando recebeu nova mensagem mandando-o confiar esta incumbência a um dos parentes mais próximos ou a qualquer outro membro de sua família. Cumprindo a ordem, encarregou a Ali de levar a Surat aos infiéis e de lhes dar a conhecer o que continha. "Isso, dizem, é a prova de que Ali tinha obtido a preferência". Aliás, o Profeta, que se saiba, jamais colocara Ali sob as ordens de quem quer que fôsse, enquanto que Abu Bacr e Omar tinham partido em duas expedições, uma sob a chefia de Osama, filho de Zaid, e a outra, de Amr, filho de Aci". Tudo isso constitui aos olhos dos Chiitas argumentos suficientes para provar que Ali foi designado para ser califa, com exclusão de qualquer outro. Dêstes textos, alguns são desconhecidos (dos Muçulmanos ortodoxos), e os restantes não se prestam à interpretação que lhes pretendem dar.

---

(1) — Segundo o relato ortodoxo dos fatos, Ali, tinha-se fechado neste dia em casa de Fátima, e não assistiu à discussão que houve na Sakifa.

(2) — Ou da Excomunhão. Por êste Surat, o IX do Alcorão, Muhammad pôs os Árabes idólatras ou Muchrikun fora da lei.

Alguns dêstes sectários acreditam mesmo que cada um dêstes textos e das indicações citadas demonstram que Ali fôra designado como imame, direta e pessoalmente, e que seus sucessores foram também designados do mesmo modo. São os *"Imamitas"*: seita que professa essa crença e rejeita (como ilegítimo) o imamato dos dois *"Cheiques"* (Omar e Abu Bacr), por não terem deixado a Ali o supremo comando e não lhe terem prestado o juramento de fidelidade, conforme exigiam os textos referidos. Atacam êstes sectários o direito dos citados califas ao imamato, poupando ao leitor o relato das invectivas que os mais exaltados do partido lançam contra êles: invectivas que os Chiitas desaprovaram tanto como nós.

Outros Chiitas pretendem que os textos referidos apontam Ali por suas qualidades distintivas, e não de uma maneira direta e pessoal; mas seus contemporâneos foram incapazes de compreender êstes sinais e qual o indivíduo que os reunia em si. São os *Zaiditas*: não rejeitam os dois *Cheiques*, não fazem nenhuma dificuldade para os reconhecer como imames; mas, na sua opinião, Ali tinha mais direito que ambos ao imamato, resumindo sua doutrina, como segue: "O imamato do *preferido* é válido, mesmo que o *preferível* exista".

Divergem os Chiitas entre si acêrca dos indivíduos a quem cabia o direito ao imamato, e a quem devia sucessivamente passar depois da morte de Ali. Ensinam alguns que, devido a uma determinação especial de Ali, o imamato transmitiu-se sucessivamente aos filhos de Fátima (Al-Haçan e Al-Huçain), opinião que mais tarde voltaremos a encarar. Os partidários desta doutrina são chamados de *"Imami"*, porque professam como artigo de fé que o *imame* deve ser conhecido e que deve ser normalmente designado por seu predecessor. Tal é a base de sua doutrina. — Uma outra destas seitas professa que deve passar o imamato para os descendentes de Fátima, mas com a condição de os chefes chiitas fazerem a escolha da pessoa que, entre êles, deve exercer o cargo. — Outros exigem que o imame seja sábio, acostumado a uma vida de austeridade, generoso, homem de coragem e pronto a fazer valer seus direitos com *as armas na mão*. Chamam-nos de *"Zaïdi"*, de Zaid, filho de Ali, filho de

Al-Huçain o Sibt (o neto de Muhammad) (3). Zaid, numa discussão com seu irmão Muhammad Al-Bakir, sustentava que o imame era obrigado a fazer prevalecer sua causa *pela fôrça das armas.* Al-Bakir objetou-lhe que, segundo êste princípio, o pai de ambos, Zain Al-Abidin, não foi imame, porque nunca pegou em armas, nem nunca pensou em fazê-lo. Censurou-o também por ter aprendido de Uacil Ibn Ata'(4) a doutrina dos Mutazili. Os "Imami" tiveram uma controvérsia com Zaid a respeito do imamato dos dois Cheiques. Zaid, tendo-o declarado válido, não negou o direito dêstes ao ofício. Os "Imami" repudiaram sua autoridade e deixaram de contar Zaid entre os imames. Por esta razão, foram chamados Rafiditas (recusantes).

Outros Chiitas fazem passar o imamato de Ali para um ou outro de seus filhos, os dois "sibt" ou netos; por não estarem de acôrdo neste ponto. Em seguida, atribuem-no a Muhammad, filho de Ali e de Al-Hanifiya, irmão dos precedentes; depois, aos filhos dêste último. Chamam-nos de *Kayçani,* do nome de Kayçan, liberto do filho de Al-Hanifiya.

Entre tôdas estas seitas, imperou uma grande diversidade de opiniões, que é inútil enumerar, com mêdo de sermos prolixos.

A uma destas seitas, chamou-se de *"Gulat"* (extravagantes, extremistas), por ensinar, com desprêzo da razão e da religião, a divindade do imame. "É um homem, dizem, dotado dos atributos divinos". Ou então proclamam: "É um indi-

---

(3) — "Sibt", em árabe, significa "neto nascido da filha", do mesmo que "Hafid" designa o "neto nascido do filho". Al-Haçan e Al-Huçain eram "sibt" de Muhammad, por serem filhos de sua filha Fátima. Os Chiitas parecem empregar o têrmo "sibt" no sentido de "imame". Zain Al-Abidin (Ali Ibn Al-Huçain) ou "Ornamento dos Adoradores de Deus", é assim chamado por sua grande piedade. Depois que seu pai, Huçain Ibn Ali, teve morte trágica no dia de Karbala (680), o jovem Ali foi salvo de igual morte e recebido pelo próprio Yazid, o Califa que o mandou para Medina. Esta bondade de Yazid foi retribuida pelo jovem Ali que se recusou de acompanhar os Medinezes na sua revolta contra o Califa. Ali morreu em 92 ou 710/11 da E. V. (ou em 94, segundo outros).

(4) — Uacil Ibn Ata', fundador da seita dos Mutazilitas, morreu em 131, ou 748/9 E. V.

víduo no qual a divindade se estabeleceu". Esta crença corresponde à que os Cristãos professam a respeito de Jesus. Ali mandou queimar vivos muitos indivíduos que manifestaram esta crença. Muhammad, filho de Al-Hanifiya, sabendo que Mokhtar, filho de Abu Ubaid, adotou a mesma opinião, amaldiçoou-o pùblicamente e o excomungou. (Um outro descendente de Ali), Jafar As-Sadic, agiu da mesma maneira com outros indivíduos que proclamavam sua divindade.

Certos membros da seita ensinam que a natureza do imame é tão perfeita, que é impossível achar igual em qualquer outro indivíduo. "Assim, dizem, quando o imame morre, a sua alma passa para o corpo de seu sucessor, para que êste seja todo perfeito". É a doutrina da *transmigração* (*ou metempsicose*).

Entre os extravagantes acham-se pessoas que dizem: "O imamato deixa de se transmitir quando alcançou o indivíduo designado para ser o derradeiro dos imames". Chamam-se êstes sectários os *"Uakifitas"* (*os parados*). Há quem ensine que êste imame vive ainda, mas êle se eclipsou à vista dos homens, e, para demonstrar a possibilidade de semelhante fato, se referem à história de Al-Khidr (5). Igual opinião foi emitida a respeito de Ali. "Êle está nas nuvens, dizem; o trovão é a sua voz, e os raios, o estalido de seu azorrague". Diz-se a mesma coisa do filho de Al-Hanifiya, pretendendo que vive ainda, retirado no cimo de Ridua, montanha do Hijaz. Um dos seus poetas, Kotaier, disse:

*São quatro, todos iguais, os imames legítimos: Ali e seus três filhos, eis aí os imames cujos direitos são evidentes.*

*O primeiro é imame de fé e de virtude. O segundo é filho de Ali, cujos ossos a terra de Karbala oculta.*

*Em seguida, veio um imame que não provará a morte antes de comandar um exército que precede a bandeira triunfal.*

*Furtando-se à vista dos homens durante certo tempo, retirou-se para Ridua, tendo ao pé de si, mel e água.*

---

(5) — Al-Khidr, (cf, Alcorão s. XVIII:64). Êste santo personagem da hagiografia muçulmana, era contemporâneo de Moisés. Tendo bebido na fonte da vida, não conhecerá a morte senão no Dia de Juizo. (Nota dos Trad.).

Os Imami extremistas e os *Ithna-Achariya* (6) sobrètudo, professam igual opinião. Pretendem que seu décimo segundo imame, Muhammad, filho de Al-Haçan Al-Ascari e chamado por êles "Al-Mahdi" (o bem orientado), tendo sido prêso com sua mãe, entrou num subterrâneo sob a casa habitada por sua família em Hilla, desaparecendo de lá e nunca mais voltando. Reapareceria no fim dos tempos para fazer reinar a justiça sôbre a terra. É assim que aplicam a seu último imame a célebre tradição que se lê na obra de Tirmizi (7). Ainda hoje esperam a sua vinda, e, por esta razão, chamam-no de *Al-Muntazar* (o esperado). Tôdas as tardes, depois da oração do magrib (8) se dirigem para a entrada do subterrâneo, conduzindo consigo um animal de sela, e ali ficam a chamar o imame por seu nome, pedindo-lhe que saia. Quando as estrêlas começam a empalidecer, os adeptos se retiram, para recomeçarem o mesmo cerimonial na tarde seguinte. Esta prática conservou-se até os dias de hoje.

Uma parte dos *Uakifiya* acredita que o imame voltará ao mundo, depois de morto. Para justificarem sua opinião, citam as palavras do Alcorão, relatadas a respeito dos Moços da Caverna (9); os passos do mesmo livro sôbre o homem que passou perto de uma cidade; e o do Israelita assassinado, cujo corpo foi batido com os ossos da vaca imolada por ordem de Deus. Mas, todos êstes fatos sobrenaturais, que aconteceram para mostrar o poderio de Deus, não servem para demostrar a veracidade de uma doutrina com a qual não têm nenhuma relação. O poeta As-Sayid Al-Himyari (10), um dos partidários da seita, compôs êstes versos sôbre o assunto:

---

(6) — ou decimanos. Kotaier, autor dos versos, cujo nome é Abu Sakhr, foi célebre por seu amor a Azza, cujo nome tornou-se parte integrante do primeiro: Kothair-Azza. Morreu êste poeta chiita no ano 105 H. ou 723/4 E. V.

(7) — Nosso autor discute a autenticidade desta tradição num outro Cap. dos Prolegômenos. Sôbre o Tirmizi cf. p. 45 nota 32.

(8) — A oração do Magrib se faz cêrca de meia hora depois do pôr do sol.

(9) — Referem-se à Lenda dos Sete Dormentes, de Efeso.

(10) — Abu Hachim Ismail, apelidado As-Sayid Al-Himyari, aderindo à seita dos Kayçania, compôs grande número de poemas cheios de ataques contra Abu Bacr, Omar, Othman e os principais

*Quando os cabelos do homem começam a encanecer e as penteadeiras o consolam com suas pinturas, a alegria da mocidade fenece e desaparece. Levanta-te, amigo, e juntos choremos a perda de nossa mocidade. O que já se foi, não mais voltará; ninguém pode apanhá-lo até o dio do juízo, dia em que os homens voltarão a êste mundo antes de prestarem conta de suas ações.*

*Confesso que esta é a doutrina da verdade; não sou dos que duvidam da ressurreição.*

*O próprio Deus declarou que certos homens voltaram à vida depois que seus corpos se tornaram poeira.*

Os principais doutores da seita chiita pouparam-nos o trabalho de respondermos a êstes *"extravagantes"*; repelem suas opiniões e refutam as provas que lhes procuram dar como base.

Os *Kayçania* ensinam que o imamato se transmitiu de Muhammad, filho de Al-Hanifiya, a seu filho Abu Hachim, razão por que foram conhecidos pelo nome de Hachimitas. Depois dêste imame, não estão mais de acôrdo: uns dizem que o imamato passou das mãos de Abu Hachim para as de seu irmão Ali, depois para Al-Haçan, filho dêste último; outros dizem que Abu Hachim, voltando da Síria, faleceu no território de Chirat (11), legando o imamato a Muhammad, filho de Ali, filho de Abdallah, filho de Abbas. Muhammad o transmitiu a seu filho Ibrahim, chamado o Imame, que o legou ao irmão Abdallah, filho de Al-Harithyia, conhecido sob o nome de Saffah (o sanguinário) e primeiro dos califas abbassidas. Saffah deixou o imamato ao irmão Abdallah Abu Jafar, alcunhado de Al-Mansur, transmitindo-o depois os descendentes dêstes uns aos outros, por uma declaração formal em compromisso solene. Tal é o sistema dos *Hachimitas*, partidários da dinastia abbassida. Entre êles, destacam-se Abu Kuthair e Abu'l-Khallal. Para melhor provar os direitos da dinastia abbassida, alguns dêstes sectários declaram que

---

Companheiros de Muhammad. Morreu no ano da H. 171 ou 787/8.

(11) — Localidade sôbre a estrada que liga Damasco a Medina. A família de Ali, filho de Abdallah Ibn Abbas, habitava êste lugarejo

ela herdou o imamato de Al-Abbas, tio do Profeta; Al-Abbas, dizem, sobreviveu ao Profeta, e, segundo o liame social que resulta da qualidade de tio paterno, era quem mais direito tinha à sua herança, no imamato.

Segundo o sistema dos *Zaiditas,* o imame não tem o direito de designar seu sucessor; são os principais chefes que devem eleger o novo imame. Segundo os mesmos sectários, o imamato passou de Ali para seu filho Al-Haçan, depois a Al-Huçain, depois a Ali Zain Al-Abidin, depois a Zaid, indo de pai para filho. Zaid, fundador da dinastia à qual deu seu nome, pegou em armas, em Kufa, com o intuito de fazer valer seus direitos ao imamato, tentativa que lhe custou a vida. Seu corpo foi posto numa cruz em Kunaça (12). Segundo os Zaidia, sucedeu-lhe seu filho Iahya, que partiu para o Khoração e foi morto em Jauzajam; mas, antes de morrer, legou o imamato a Muhammad, filho de Abdallah, filho de Haçan, neto do Profeta. Êste personagem que tinha por alcunha *An-Nafs Az-Zakia* (*alma pura*), tomou o título de Mahdi (o bem orientado) e sublevou o Hijaz. Atacado por tropas de Al-Mansur, perdeu a batalha e a vida. Seu irmão Ibrahim, a quem legou o imamato, conseguiu sublevar seus partidários em Basra e recebeu a ajuda de Issa, filho de Zaid Ibn Ali. Atacados por tropas sob o comando de Al-Mansur ou de seus generais, sucumbiram no campo de batalha; como Jafar As-Sadik lhes tinha anunciado a sorte que os esperava, os Chiitas consideraram êste presságio como um de seus milagres.

Uma fração dos Zaiditas acredita que o imame *An-Nafs Az-Zakia* teve por sucessor Muhammad, filho de Cacim, filho de Ali, filho de Omar. Êste Omar era irmão de Zaid Ibn Ali. Muhammad, tendo pegado em armas em Talican, caiu entre as mãos de seus inimigos, que o mandaram para Al-Mutacim, vindo a morrer na prisão onde o califa o encerrou.

Outra parte da aludida seita declara que Iahya Ibn Zaid teve por sucessor seu irmão Issa, o mesmo que se achava com Ibrahim Ibn Abdallah quando da batalha que travou contra as tropas de Al-Mansur. Segundo os mesmos sectários, ficou

(12) — Kunaça, significa varredura, lugar onde se recolhe o lixo. Em Kufa havia uma praça com êste nome.

o imamato na posteridade de Issa a quem o chefe dos Zaiditas fazia remontar sua origem.

Segundo outros membros da seita dos Zaiditas, o imamato se transmitiu de Muhammad, filho de Abdallah, a seu irmão Idrís, o mesmo que se refugiou no Magrib e acabou seus dias neste país. Seu filho, Idrís filho de Idrís, seu sucessor, fundou a cidade de Fêz, e deixou o reino do Magrib a seus filhos. Após a queda dos Idrissitas, a seita dos Zaiditas se desorganizou.

Al-Haçan, o missionário chiita que se apoderou do Tabaristão, pertencia à seita dos *Zaiditas*. Era irmão de Muhammad Ibn Zaid, filho de Zaid, filho de Muhammad, filho de Ismail, filho de Al-Haçan, filho de Zaid, filho de Al-Haçan, neto do Profeta. Algum tempo depois, um Zaidita chamado Al-Haçan, e geralmente conhecido pelo apelido de An-Nasser Al-Otruch (o surdo compassivo), estabeleceu-se no Dailam como imame, e converteu ao islamismo os habitantes do país. Era filho de Ali, filho de Al-Haçan, filho de Ali, filho de Omar, irmão de Zaid Ibn Ali. Sua posteridade reinou sôbre o Tabaristão, e foi com o concurso desta família que os Dailamitas chegaram a fundar um império e fazer sentir aos califas de Bagdá o pêso de sua dominação.

Os sectários chiitas, chamados de Imamitas ensinam que Ali, a quem Muhammad legou o imamato, o transmitiu da mesma maneira a seu filho Al-Haçan. Êste o legou a seu irmão Al-Huçain, que o transmitiu ao filho Zain Al-Abidin. O legado continuou de Zain Al-Abidin para seu filho Muhammad Al-Bakir, e para Jafar As-Sadik, filho dêste último. A partir de Jafar, os *Imamitas* não chegam mais a um acôrdo. Os Ismailitas, uma das suas seitas, fazem passar o imamato de Jafar para seu filho Ismail, que chamam de Al-Imame. Uma outra seita ensina que Jafar deixou a autoridade a seu filho Muça-l--Khadim, e, como êles não contam senão doze imames, êstes foram chamados *Ithna Acharia* ou *Duodecimanos*. Acreditam que o último imame conserva-se oculto e que voltará a aparecer no fim dos tempos.

Os *Ismailitas* declaram que Ismail era imame porque seu pai, Jafar As-Sadic, tinha-o designado como sucessor. "Esta

designação, proclamam, teve um efeito real; porque, embora Ismail tenha morrido antes do pai, o direito ao imamato ficou na sua posteridade, assim como aconteceu com Arão relativamente ao que se passou entre o mesmo e Moisés" (13). Ismail transmitiu o imamato a seu filho Muhammad, denominado Maktum (oculto), e que foi o primeiro dos imames ocultos. Pode ocorrer que o imame não tenha nenhum poder; neste caso, êle fica escondido, mas os seus missionários aparecem para estabelecerem uma prova autêntica (suficiente para a condenação dos incrédulos). Quando estiver com a fôrça na mão, aparece e proclama seus direitos. Muhammad, o Oculto, teve por sucessor seu filho Jafar Al-Mossadik, cujo filho, Muhammad Al-Habib, foi o último dos imames ocultos. Em seguida, veio Obaid-Allah, cujo missionário Abu Abd-Allah, o Chiita, pregou sua doutrina entre os Kitama, fê-los aderir à causa de seu mestre, tirou seu patrono da prisão de Sigilmassa e se apoderou de Cairuão e do Magrib (14). Sabe-se que sua posteridade reinou sôbre o Egito. Êstes Ismailitas são assim chamados por reconhecerem o imamato de Ismail; são também chamados de *Bateni,* por acreditarem no *imame bateni* ou *oculto.* Chamam-nos, ainda, de *Mulhida* ou *heterodoxos,* sacrílegos, por causa de suas opiniões iníquas. São detentores de doutrinas antigas e de outras novas, que Al-Haçan Muhammad Ibn Sabah pregou em público, ao findar do século V. Apoderou-se de muitas fortalezas da Síria e do Iraque, onde seu partido se manteve durante certo tempo. Mas seu poderio acabou por ser aniquilado, seu império sucumbiu e os soberanos do Egito dividiram seus despojos com os soberanos Tártaros do Iraque. No *Kitab Al*

(13) — Moisés confiou o sacerdócio a seu irmão Arão. Êste morreu antes de Moisés, mas o sacerdócio ficou na sua posteridade. Êste fato era conhecido de Muhammad, que o relata no Alcorão, surat XX, v. 31 e S. XXV, v. 37.

(14) — Sôbre êstes fatos consultar Ibn Khaldun: Histoire des Berbères, t. II, p. 506, assim como S. de Sacy: Histoire des Druses, Introdução.

*Milal Ual Nihal,* de Chaharustani (15) acha-se uma exposição das doutrinas de Ibn Sabah (16).

Aos Duodecimanos, pertencentes a uma época mais recente dá-se o nome de Imamitas. Professam que Muça'l-Khadem tornou-se imame por designação expressa e escolha de seu irmão mais velho, Muça'l-Imame, que o designou para lhe suceder. Ismail morreu quando vivia ainda seu pai Jafar. Depois de Muça, a autoridade passou para seu filho Ali Rida, o mesmo que Al-Mamun (o califa abbassida) designou para seu sucessor. Esta nomeação em nada aproveitou a Rida, que morreu antes de Al-Mamun. Quem recolheu a sucessão de Rida foi seu filho, Muhammad At-Taki; e o imamato foi depois passando para Ali Al-Hadi, Al-Haçan Al-Ascari, Muhammad Al-Mahdi, que se deu como o imame esperado, de que falámos.

Visto ter curso entre os Chiitas, uma grande diversidade

---

(15) — Chaharustani (Abul Fath Muhammad), morreu em 1153. Seu **Kitab al Milal ual Nihal** foi publicado em Londres, em 1846, e traduzido para o alemão em 1581. A primeira ed. oriental, feita por Boulac em 1288 da H. veio melhorar uma anterior, feita em 1263 H. (respetivamente Era Cristã 1871 e 1846). É uma exposição detalhada de tôdas as religiões e seitas do Islamismo, diferente da de Ibn Hazm, e que não contém nem críticas, nem ofensas contra as outras religiões. As edições egípcias trazem as duas obras, uma à margem da outra: sistema péssimo porque impede tôda anotação. (Nota dos Tradutores).

(16) — Ibn Sabah, fundador da seita dos "consumidores de hachich" (Hachachin): (que deu "assassinos"). O Hachich é uma preparação de "Canabis Indica" que os místicos orientais costumavam usar para alcançar o estado de êxtase. Esta seita é um ramo da grande seita dos Ismaelitas; dela diferem por sua organização política em uma sociedade secreta, cujos membros deviam uma obediência cega a seu chefes religiosos. Ibn Sabah forneceu à seita dos Assassinos uma base sólida para seu poderio ao tomar, pela astúcia, a poderosa fortaleza de Alamut que se tornou seu centro de propaganda. Seus adeptos se apoderaram de um grande número de praças fortes nas montanhas da Pérsia e se desfizeram pelo assassinato de seus adversários. Uma de suas vítimas foi o vizir dos Seljukidas, Nizam al-Mulk. Ibn Sabah morreu em 1124, quando o poderio da seita era ainda enorme. Êsse poderio devia se perpetuar até os nossos dias nos Montes dos Nosairie (Líbano), na Pérsia e na Índia, cujo chefe religioso é o famoso Agha Khan. (Nota dos Trad.).

de opiniões, contentamo-nos com expor as doutrinas mais correntes. Quem quiser estudá-las e conhecê-las mais a fundo, pode consultar os tratados sôbre as religiões e as seitas, quer de Ibn Hazm, quer de Chaharustani, ou outros sábios. *Allah induz ao êrro quem quer, e dirige para o bem quem quer.* (Alc. XVI:95).

## XXVI CAPÍTULO

### COMO O CALIFADO (OU GOVÊRNO ESPIRITUAL) SE TRANSFORMA EM REALEZA (OU GOVÊRNO TEMPORAL)

O espírito de grupo, que anima um povo, o conduz naturalmente à aquisição da soberania, sendo esta o têrmo de seu progresso. O estabelecimento de um império, como já se demonstrou, não depende da vontade do povo, mas da fôrça e disposição natural das coisas. As leis, as práticas da religião, tôdas as instituições com que se procura agrupar uma comunidade, não têm nenhuma influência, a menos que um partido cheio de zêlo se empenhe em fazê-los prevalecer. Sem o apoio de um partido forte e poderoso, não se podem reprimir nem castigar as contravenções. O espírito de comunidade, pois, é indispensável numa nação; sem êle, não poderia cumprir sua missão.

Encontramos o seguinte no *Sahih*: *"Deus nunca mandou um profeta que não tivesse na própria nação um partido capaz de o defender"*. O legislador, entretanto, desaprovou o espírito de comunidade; recomendou mesmo que se renunciasse a êle, dizendo: *"Deus vos livrou da altivez que vos assoberbava nos tempos anteriores ao Islame, tirando-vos o orgulho do nascimento. Vós sois filhos de Adão, e Adão foi feito de barro"*. O Altíssimo disse ainda: *"O mais nobre dentre vós aos olhos de Deus é quem mais temor tiver para com Êle"*. (Alc. XLIX:13). Sabemos igualmente que o legislador desaprovou a realeza, censurando os soberanos de se entregarem aos prazeres, dissiparem seus tesouros sem propósito

útil e de se afastarem do caminho de Deus. Na realidade, quis o legislador concitar os homens a tornarem-se amigos pela religião, fugindo das contestações e da discórdia. Para o legislador, êste baixo mundo, com tudo o que lhe toca, não passa de um meio de transporte que nos leva para a outra vida; e, para chegar ao têrmo de sua viagem, todo o viajante deve dispor de um meio que o leve até à desejada meta. Ao proibir certos atos e ao aprovar outros, recomendando renunciar à sua prática, não pretende êle o abandono total dêstes atos nem a destruição das faculdades do corpo que os produzem; deseja sòmente que cada qual se esforce, na medida do possível, em dirigí-los no sentido e no interesse da verdade, visando sempre alcançar, e de maneira uniforme, um fim louvável e meritório. Disse o Profeta: *"Quem deixar sua pátria com a intenção de se tornar agradável a Deus e ao Profeta, agrada a Deus e a seu Profeta; quem deixar sua pátria para a aquisição dos bens dêste mundo, ou para desposar uma mulher, terá sòmente a vantagem do que cobiça".* Embora a intenção do legislador seja livrar-nos do apetite irascível, não condena êle esta paixão em absoluto: sem ela ninguém se animaria a manter o bom direito, nem a combater os infiéis, nem ajudar o triunfo da palavra de Deus. A íra é má quando prorrompe em brados censuráveis e emotivos, do agrado do demônio; mas é digna de louvores quando provocada pelo desejo de sustentar a causa de Deus ou de se lhe tornar agradável. A cólera era, pois, uma das qualidades excelsas que se achavam reunidas no Profeta.

Pode-se dizer o mesmo do apetite concupiscível. O legislador não quis a sua extirpação completa; seria fazer injúria a um indivíduo pretender livrá-lo dêle completamente. O que deseja o legislador é sòmente dirigir para um fim legítimo tudo o que esta paixão encerra de útil, para que o homem se torne um servidor, que, em todos seus atos, se mostre sempre submisso às ordens da divindade.

O mesmo se pode dizer do espírito de grupo. O legislador não quis censurá-lo. Quando disse: *"Não vos serão de nenhum préstimo e serventia os laços de sangue e a multi-*

*plicidade dos filhos"* (1), entendia, por estas palavras, dirigir seus queixumes contra êste espírito comunitário dominante antes do Islamismo, que unia os homens para o mal e suas manifestações ostensivas tais como se praticavam na Jahilya, para que ninguém tivesse o direito de se ufanar destas práticas, ou delas tirasse partido contra outro menos favorecido. Semelhantes práticas não procediam de pessoas criteriosas, e não eram de nenhuma valia para o outro mundo, a morada eterna. Mas enquanto se empregar o espírito de grupo no serviço da verdade e para a causa de Deus, deve ser favorecido e cultuado. Suprimi-lo, seria tornar inúteis as prescrições da lei; porque já o temos dito — elas não podem ser cumpridas se não forem apoiadas pelo espírito de grupo (de um partido poderoso). A realeza entra no mesmo círculo de considerações. Embora o legislador manifeste sua desaprovação, não pretende condenar o espírito de dominação que age no interesse da boa causa, nem o recurso da fôrça para obrigar os homens ao respeito da religião, e contribuir para a melhoria da sociedade. Vitupera a dominação quando praticada em vista de uma glória vã, empregando o povo para cumprir projetos ambiciosos, ou para satisfazer paixões desenfreadas. Se o rei mostrar claramente que suas conquistas serão feitas com o fim de se tornar agradável a Deus, uma tal conduta não será repreensível. Disse Salomão: *"Senhor! Dai-me um império que não convenha a ninguém mais depois de mim"*. Tinha a convicção íntima de que, dada sua qualidade de rei-profeta, não procuraria êle a vã glória. Quando o Califa Omar Ibn Al-Khattab visitou a Síria, achou ali Muawia, trajado de soberano, cercado de um séquito numeroso e à testa de um cortejo verdadeiramente real. Escandalizado com o aparato, interpelou-o, dizendo: "Ó Muawia! É a moda dos Cosroés que tu segues? — Ó Emir dos crentes! respondeu o governador da Síria, estamos na fronteira, face a face com o inimigo, e é uma necessidade para nós rivalizar com êle por nossa pompa e aparato guerreiro". Omar calou-se e deixou de censurá-lo. Alegando os altos interesses da boa causa e da religião, Muawia tinha-se justificado ple-

(1) — Isto é: no dia do Juizo Final.

namente. Se Omar tivesse a intenção de condenar, de modo absoluto, os usos e costumes da realeza, não se teria satisfeito com a resposta; ao contrário, teria forçado Muawia a pôr de lado todo *"Cosroismo"*. Por esta palavra, Omar queria referir-se aos hábitos repreensíveis a que os Persas se entregavam no exercício do poder real; deixavam-se exceder em vaidades, levar pelos caminhos da injustiça e do esquecimento do Deus verdadeiro. Na sua resposta, Muawia fêz-lhe entender que era outro o espírito que o movia, e que não se tratava nem de vaidade nem de *"Cosroismo"* que prevalecia entre os Persas; o que orientava, a êle, era o desejo de merecer o favor divino.

Da mesma maneira que Omar, os *Sahaba* (*Companheiros*) do Profeta, rejeitaram a realeza e tudo o que dela depende. Deixaram cair em desuso as práticas da soberania, por temerem manchar-se com as frivolidades inerentes às suas usanças. — O Profeta, estando no leito de morte, e querendo confiar a Abu Bacr as funções mais importantes da religião, ordenou-lhe (simplesmente) presidisse à oração pública na qualidade de seu vigário ou califa. Todo o mundo recebeu com prazer a nomeação de Abu Bacr para o vicariato (ou Califado), cargo que consiste em dirigir tôda a comunidade para a observância da lei. Por esta época, ninguém pensava em nomear um rei. A crença geral era então que a realeza constituia um fóco de vaidades, uma instituição própria dos infiéis e dos inimigos da religião. Abu Bacr preencheu suas atribuições sem se afastar dos usos seguidos por seu mestre; combateu as tribos que tinham renegado à nova fé e acabou por reunir todos os Árabes ao Islão. Omar, a quem transmitiu o Califado, conduziu-se como êle; combateu os outros povos, dominou-os, e autorizou os Árabes a despojarem os vencidos e a tiraram-lhes o império. Em seguida passou o Califado a Othman, depois, a Ali, chefes para quem a realeza e seus usos não tinham nenhum atrativo. O que serviu para fortificar nêles êste sentimento de aversão foi o grande hábito das privações que o Islão impõe, assim como a vida do deserto. Eram os Árabes os menos acostumados dos povos aos bens dêste mundo e os mais avêssos à moleza. De um lado, a sua religião inclinava-os a se absterem dos prazeres que

produz a abastança; e, de outro estavam acostumados a se isolarem no deserto, levando nêle uma vida de penúria e de privações. Jamais houve povo cuja nudez excedesse à miséria dos Árabes mudaritas. Viviam no Hijaz, país que não produz nem trigo nem gado. Não podiam transportar-se para os países fértis e ricos em cereais, por serem estas regiões muito distantes e afastadas e por estarem já na posse das tribos descendentes de Rabi'a ou das tribos iamanitas. Não podendo mesmo pretender nem aspirar a gozar da fartura que ofereciam estas regiões, viam-se os Árabes da Península reduzidos, muitas vêzes, a se alimentarem de escorpiões e de besouros; gabavam-se de poderem comer o *"Ilhiz"*, alimento composto de pêlo de camelo e de sangue, amassado por meio de pedra e cozido no fogo. Os Coraixitas estavam mais ou menos na mesma situação; seus alimentos e suas habitações eram miseráveis. Mas, tão logo o espírito de nacionalidade reuniu os Árabes em redor do Islame e Deus os ilustrou para sempre ao escolher entre êles seu Profeta Muhammad, marcharam contra os Persas e contra os Gregos, para ocuparem o país que Deus lhes tinha prometido. Apoderando-se dos reinos e dos bens de seus inimigos, viram-se sem demora nadando na opulência. Muitas vêzes, ao cabo de uma expedição, cada ginete da tropa recebia cerca de trinta mil moedas de ouro, como parte de despôjo. Resumindo, ganharam riquezas incalculáveis. Não obstante isso, conservaram-se fiés aos hábitos de simplicidade e de rudeza, seu antigo gênero de vida. Omar remendava sua capa com pedaços de couro. Ali, de vez em quando, exclamava: "(Moeda) amarela! (Moeda) branca! procurem algum outro que possam seduzir!" — Abu Muça (2) não comia galinha, por nunca ter visto esta ave

(2) — Abu Muça Abdallah, membro da tribo Imanita de Achar, veio para a Meca antes da Hegira e abraçou o Islamismo. Acompanhou Muhammad em muitas expedições, e foi nomeado, por êste, governador de Aden e de Zabid, no Iman. Omar confiou-lhe o govêrno de Kufa e de Basra. Comandou o corpo do exército que se apossou da província de Ahwaz, submeteu a cidade de Ispahan. Na conferência que se reuniu em Dumat-al-Jandal para representar Ali, não esteve à altura de sua missão e se deixou manobrar pelos representantes de Muawia, que conseguiram dêle a destituição de

entre os Árabes Beduínos, entre os quais era, de fato, muito rara. Os crivos e peneiras eram-lhes desconhecidos; e, por isso, comiam o trigo sem o limpar. Entretanto, nessa época, tinham ganho mais riquezas que qualquer povo do mundo.

"Sob o govêrno de Othman, diz Maçudi, os Companheiros do Profeta ganharam terras e dinheiro. Êste califa, no dia em que foi assassinado, tinha em seu poder, no seu tesouro, cento e cinquenta mil dinares e um milhão de dirhem; as fazendas que possuia em Uadi-l-Qura (3), em Hunaim e outros lugares, valiam duzentos mil dinares; o número de camelos e de cavalos que deixou para os herdeiros era considerável. — A oitava parte do legado deixado por Zubair (4) montava a cinqüenta mil dinares; possuia mil cavalos e mil criadas. Talha (5), retirava de suas terras do Iraque uma renda de mil dinares por dia; as que tinha em Cherat (6) lhe rendiam mais ainda. Abd Ar-Rahman Ibn Auf (7) possuia mil cavalos no piquete, mais um milheiro de camelos e dez mil carneiros. A quarta parte do legado que deixou ao falecer foi avaliada em oitenta e oito mil dinares. Zaid Ibn Thabit (8) deixou grande quantidade de blocos de ouro e de prata que precisou quebrar por meio de machado. As terras e o resto de seus haveres valiam bem cem mil dinares. Zubair mandou construir uma casa em Basra, uma outra em Misr, uma outra em Kufa e mais outra em Alexandria. Talha construiu uma

---

Ali, no ano 23 da H. (643-644 de J. C.). Al-Achari morreu no ano da H. 50, outros dizem que em 42 ou 43. A tradição recolheu dêle mais de trezentos "Hadith". (Nota dos Trad.).

(3) — Uadi-l-Qura, a meio caminho entre Medina e a Síria; Hunain, está na vizinhança da Meca.

(4) — Az-Zubair (Abu Abd Allah Ibn Al-Awam) um dos dez muçulmanos a quem declarou Muhammad que seriam predestinados para entrarem no paraizo; foi morto na batalha chamada do Camelo, no ano 656 de J. C.

(5) — Talha (Abu Muhammad), também um dos dez predestinados, morto com Zobair na batalha do Camelo.

(6) — Ver p. 361, nota 11.

(7) — Ibn Auf, um dos Companheiros do Profeta e um dos predestinados, morreu em 651/2.

(8) — Zaid Ibn Thabit, um dos principais Companheiros, morreu cêrca do ano 670.

casa em Kufa e uma outra em Medina. Esta era feita de tijolos, de gesso e de madeira de teca. — Saad Ibn Abi Uakass (9) edificou no Akik, em Medina, uma casa muito ampla, muito alta e encimada de belvederes. A casa que Micdad edificou em Medina era estucada por dentro e por fora. Yala Ibn Munia (10) deixou, quando morreu, cinqüenta mil dinares". Pela narrativa de Maçudi vê-se que os Muçulma-
dinares". Pela narrativa de Massudi vê-se que os Muçulmanos tinham juntado muito dinheiro. Aliás, isto não lhes era vedado pela religião, visto que estas fortunas foram legìtimamente adquiridas e procediam do despôjo dos inimigos. Empregavam estas riquezas sem exceder seus meios e recursos e sem fazer gastos extravagantes, ficando, por isso, isentos de tôda censura. Empilhar riquezas é desaprovado por lei, mas isso se deve ao mau uso que delas se faz. São os gastos excessivos e sem finalidade útil que merecem a reprovação do legislador, como acabamos de demonstrar. Mas quando a intenção fôr boa e as riquezas forem empregadas de tôdas as maneiras hábeis para o triunfo da boa causa, censura alguma merecem. Tesouros assim acumulados ajudam a manter a religião verdadeira e a merecer a felicidade na outra vida.

Quando existe em tôda sua fôrça a influência da vida nômade e da penúria, o espírito de corpo impulsiona naturalmente a tribo para o estabelecimento de um império, inspirando-lhe a paixão de dominar e avassalar. O regime imperial que resulta traz para o povo o bem-estar e a riqueza. Mas seu espírito de dominação, movido por motivos superiores continua sua ação benéfica quando a conquista o enche de riquezas; não se deixa assoberbar pelas vaidades dêste mundo, nem se desvia em esbanjamentos que não sejam inspirados por altos intuitos de religião ou para o triunfo da verdade.

Quando o espírito de partido fez eclodir a guerra civil entre Ali e Muawia, cada um dêstes dois príncipes acreditava

---

(9) — Saad, um dos dez predestinados, morreu cêrca do ano 50 da H.

(10) — Micdad Ibn Al-Assuad, da tribo de Kinda, um dos principais Companheiros, morreu em 33 da H. Yala Ibn Al-Munia, um dos Companheiros, foi morto na batalha de Siffin.

seguir o verdadeiro caminho e trabalhar para o triunfo da boa causa. Combatendo um ao outro, não pretendiam à posse dos bens dêste mundo, nem das suas vaidades; não os movia o ódio, como seria de supor, e como os ímpios e os levianos asseveram. Cada um dêles, com seu peculiar modo de encarar o bom direito, contrariava necessàriamente o outro; a guerra foi a conseqüência inevitável das suas dissenções. É verdade que a razão estava do lado de Ali; não é menos verdade que, ao pegar Muawia em armas, não o movia a ambição; acreditava fazer bem, e se enganou. Tanto Ali como Muawia tinham as melhores intenções(11). Como a posse do império leva naturalmente à autocracia, que é o govêrno de um único chefe, Muawia e seus amigos não puderam resistir a êste impulso, ao qual, aliás, o espírito de partido dá sempre uma grande fôrça. Os Omaiyas e mesmo as pessoas que não tinham seguido a fortuna dêste chefe, sentiram os efeitos dêste impulso, aderiram à causa de Muawia e afrontaram a morte para defendê-lo. Se o chefe omaiya tivesse procurado dar uma outra orientação aos espíritos e contrariar a opinião pública, desejosa de um govêrno autocrático, teria semeado a discórdia no seio da comunidade. Era mais importante para êle manter a união no meio da nação do que adotar uma solução que apresentava graves conseqüências.

Omar Ibn Abd Al-Aziz, (oitavo califa omaiya), vendo a Cacim, filho de Muhammad, neto de Abu Bacr, exclamou: "Se eu tivesse o poder, entregaria o califado a êste!" E, certamente o teria entregue, não fôsse seu receio de descontentar os Omaiyas, família dententora, então, de tôda autoridade. Não podia tirar a esta o poder sem provocar a desunião e a discórdia no império. A tendência em preferir a soberania de um só é o resultado inevitável da competição em redor do poder, que resulta do espírito de partido. Quando do estabelecimento de um império governado por um chefe único, se êste chefe aproveita sua alta posição para sustentar,

---

(11) — Temos aqui, sem dúvida, a opinião dos doutores ortodoxos expressa por Ibn Khaldun. Não ousava confessar que Muawia era um ambicioso e que sua luta com Ali tinha por escôpo fazer voltar para as mãos do partido aristocrático da Meca o poder que Muhammad lhe tinha tirado. Veja a seguir Cap. XXVIII, nota 4.

de tôdas as maneiras, a causa da verdade, não merece nenhuma censura, por isolar-se no poder. Salomão, como seu pai David, exercia sòzinho o poder e o alto comando entre os Israelitas. E todo o mundo sabe que ambos os monarcas eram profetas e homens de bem. — Muawia legou a autoridade soberana a Yazid, com o fim de evitar a guerra civil. Sabia que os Omaiyas jamais consentiriam em deixar cair o poder em mãos alheias. Se tivesse escolhido um outro, que não Yazid, teria levantado todos contra si, porque todos tinham uma boa opinião dos altos méritos dêste último. Não se deve, pois, pensar mal de Muawia, ao legar o poder a Yazid. Longe dêle o pensamento de deixar a suprema autoridade a Yazid, se soubesse que era um miserável e um desavergonhado.

Vejamos ainda o caso de Marwan Ibn Al-Hacam e de seu filho (Abd Al-Malic). Ambos os soberanos, ao exercerem a autoridade suprema, seu procedimento era outro e oposto ao modo de proceder dêstes príncipes que procuram as vaidades mundanas e transgridem as leis da justiça. Animados das melhores intenções, faziam tudo para realizá-las de fato. Foi devido a casos de extrema necessidade que êles se desviaram dêste caminho: preocupados com as infelicidades que resultariam de uma cisão entre os Muçulmanos, procuraram a todo custo conjurar o perigo. O cuidado com que se empenharam em trilhar o exemplo dos primeiros califas, e as informações que nos deixaram os antigos a seu respeito, bastam para demonstrar quanto foram sinceros. Também o imame Malic não hesita em trazer, como exemplos dignos de imitação, traços da vida de Abd Al-Malic que consigna no seu *Muatta*. O pai de Abd Al-Malic, Marwan, era entre os discípulos dos Companheiros, um dos primeiros Tabiun, discípulos conhecidos, todos êles, pela virtude e por sua alta equidade. A autoridade passou em seguida aos filhos de Abd Al-Malic. Êstes príncipes mostraram um zêlo pela religião à altura do cargo que ocupavam; dois dêles reinaram antes de seu primo Omar Ibn Abd Al-Aziz, e dois, depois dêle. Omar, durante tôda sua vida, empenhou-se em imitar e seguir, em tudo, a vida dos Companheiros e dos quatro primeiros califas. Os sucessores dêstes príncipes se constituiram como soberanos temporais; todos dirigiram seus desígnios e

intentos para os bens dêste mundo; esqueceram os exemplos de seus maiores, que tiveram sempre em mira seguir o caminho do bem e sustentar, com devotamento, a causa da religião e da verdade. Príncipes indignos, foram censurados por seu procedimento e acabaram por ser derrubados pelos Abbassidas. A soberania passou das mãos dos Omaiyas para os Abbassidas. Os primeiros soberanos da nova dinastia se distinguiram pelo alto padrão de justiça que implantaram no regime. Na sua administração, fizeram o melhor emprêgo da potência imperial. Ascenderam ao trono califal Ar-Rachid e seus filhos. Entre êles, uns eram virtuosos, outros eram maus e viciados. Seus descendentes e sucessores cederam às exigências do luxo e às tentações do poder. Voltando as costas à religião, entregaram-se aos prazeres e às vaidades dêste mundo. Permitiu Deus, então, a ruína desta dinastia, e, tirando o poder aos Árabes, entregou-o a um povo estrangeiro. *"Deus não agrava ninguém, nem mesmo com o pêso de um átomo"*. (Alc. IV:44).

Ao examinarmos o procedimento dêstes califas e soberanos, se observamos quão diferentes são nos atavios e nos cuidados de seguirem o caminho reto ou em correrem atrás dos bens dêste mundo, evidenciar-se-á a justeza de nossas observações.

Um traço que se relaciona com a matéria dêste capítulo, acha-se relatado por Maçudi nestes têrmos: "(O Califa abbassida) Abu Ja'far Al-Mansur chamou seus tios ao palácio, e a conversa veio cair nos Omaiyas". Abd-Al--Malic, disse Almansur, era um homem violento, que não media as conseqüências de seus atos. Sulaiman, se preocupava com a barriga e com as mulheres. Omar (Ibn Abd Al-Aziz) era um caolho vivendo no meio de cegos; Hicham era o único homem que contava na família. Os Omaiyas monopolizaram para si a soberania que outros tinham organizado. Vigilantes, conservaram a autoridade que Deus lhes tinha outorgado. Aspiravam a coisas grandiosas, desprezando as pequenas, até o dia em que seus filhos, educados no luxo, assumiram o poder. Erguidos tão alto, tiveram por única ambição, satisfazerem suas paixões, fartarem-se de prazeres e transgredirem a lei divina. Não imaginavam que Deus prepara paulatinamente

a queda dos ímpios, e que sua vingança dextramente dirigida, os atingiria um dia. Não obstante, descuravam a conservação da máquina governamental; não respeitavam a dignidade do comando, e, conseqüentemente perderam a fôrça de governador. Assim, Deus tirou-lhes o poderio e, cobrindo-os de ignomínia, despojou-os de tôda a prosperidade". Acabando seu discurso, Al-Mansur ordenou que se fizesse comparecer na sua presença Abdallah, filho de Marwan, (o último dos Califas Omaiyas) e ordenou-lhe que contasse o que lhe disse o rei da Núbia, quando procurou refugiar-se neste país fugindo aos Abbassidas. "Não demorou muito, disse Abdallah, para que o rei me viesse visitar. Sentou-se no chão, não obstante ter-lhe estendido um rico tapete, para servir-lhe de assento. — Porque não te sentas sôbre um objeto que me pertence?" — "Sou rei, respondeu o Núbio, e é obrigação de todos os reis humilharem-se perante a grandeza de Deus, por deverem a Êle a própria elevação. E vós, continuou o rei da Núbia, porque tomais vinho, mesmo quando vosso livro sagrado proíbe o seu uso?" Eu respondi: "Nossos escravos e nossos servidores têm bastante audácia para fazê-lo". — "Porque, continuou o rei, pisaste as searas e colheitas com as patas de vossos cavalos, não obstante a proibição de vosso livro de praticardes o mal?" — "Nossos escravos e servidores fizeram-no por idiotice". — "Porque trajais vestimentos de sêda e ornatos de ouro, quando isto é proibido por vosso livro?" — A esta pergunta, eu respondi: "Vendo a autoridade prestes a escapar-nos, chamámos em nosso socôrro os estrangeiros que tinham aderido ao Islamismo. Foram êstes que se trajaram de sêda contrariando nossa vontade". O rei, curvando a cabeça, pôs-se a traçar sinais no chão, murmurando estas palavras: "Nossos escravos! Nossos servidores estrangeiros que abraçaram o Islame!" Depois, fitando-me longamente, disse: "O que vós acabais de dizer não é exato; vós sois homens que desprezaram as proibições divinas; tocastes em coisas em que Deus vos proibiu de tocar; fostes tiranos de vossos súditos. Deus vos arrancou o poder e vos revestiu de opróbrio, por causa de vossos pecados, e a vingança e o castigo que Deus vos preparou não chegaram à proporção que vós merecestes. Receio que o castigo que foi reservado para vós, vos atinja enquanto esti-

verdes no meu país e me alcance a mim também. Vós sabeis que a hospitalidade deve ser dada por três dias; fazei, pois, vossas provisões de tudo o que precisais" — e guardou silêncio".

O que temos exposto deixa claro como o califado se metamorfoseou em realeza: existia primeiro como califado, e cada indivíduo dispunha dentro de si próprio de um monitor que o retinha no dever. Êste monitor era a religião; por esta, renunciava-se às riquezas e sacrificava-se a fortuna e a própria vida em benefício da comunidade. Vejamos, por exemplo, Othman, quando se achava cercado dentro da própria casa e vieram Al-Huçain, Abdallah Ibn Omar, Ibn Jafar e outros para defendê-lo. Temendo semear a desunião entre os Muçulmanos e quebrar a harmonia existente, proibiu-os de tirarem as espadas, mesmo para salvar-lhe a vida. Vejamos Ali; logo que foi nomeado califa, foi aconselhado por Moguira a conservar Zubair, Muawia e Talha nos respectivos comandos, até que tivesse assegurado a fidelidade do povo, e estabelecido o acôrdo entre os Muçulmanos. "Então, disse-lhe, tu farás o que julgares conveniente". Era um consêlho de boa política; mas Ali o repeliu para não proceder com duplicidade, coisa proibida pelo Islamismo. No dia seguinte, Moguira foi procurá-lo e lhe disse: "Ontem, dei-te um conselho, mas eu me arrependi de tê-lo dado; não era bom, e eras tu que tinhas razão". — Ali respondeu: "O conselho era excelente, sei-o bem; mas hoje, tu queres ludibriar-me. Porém o amor da verdade me impede de fazer o que me recomendaste". Era assim que os primeiros Muçulmanos sacrificavam seus interesses mundanos em benefício da religião. Quanto a nós:

*"Despedaçamos nossa religião para remendar nossa fortuna. Por isso, também a nossa religião se perde e o que remendamos não dura".*

Já expusemos como o califado se transformou em monarquia e conservou, ao mesmo tempo, suas funções essenciais, esforçando-se sempre o soberano por fazer observar os preceitos e as práticas da religião e procurando seguir o caminho da verdade. Nenhuma modificação se deixava perceber no sistema, exceção feita da autoridade moderadora a qual, exercida primeiro pela religião, veio a sê-lo pela fôrça de um par-

tido e pela fôrça da espada. Tal foi o estado das coisas ao tempo de Muawia, de Marwan, de Abd Al-Malic, filho de Marwan, e dos primeiros califas abbassidas. Sob o reino de Al-Rachid e de alguns de seus filhos, perdurou o mesmo espírito. Mas em seguida, a realidade do califado desapareceu, para sòmente ficar o nome dela. Tornou-se o govêrno uma pura monarquia, e o espírito de dominação, levado agora a uma agudez extrema, servia para a conquista dos prazeres e a satisfação das paixões do soberano. O mesmo fenômeno que se tinha passado com os descendentes de Abd Al-Malic, se reproduziu entre os Abbassidas nos reinos de Mutacim e de Mutawakil. O título de califa ficou para seus sucessores, tanto quanto puderam apoiar-se no sentimento nacional do povo árabe. O império, durante as duas primeiras fases de sua existência, confundia-se com o califado; mas, quando esgotou, com as guerras, as populações que formavam a nação árabe, o califado deixou de existir. Com o desaparecimento do espírito de grupo entre os Árabes e do seu prestígio, a autoridade suprema tomou a forma de uma monarquia pura. No Oriente, os soberanos estrangeiros que estavam ao serviço do império, reconheciam, por um sentimento de piedade, a supremacia dos califas, mas tinham-lhes tirado os títulos e as atribuições da realeza, reservando-os para si. No Ocidente, os reis dos povos de Zanata fizeram o mesmo: os Sanhaja usurparam, na Mauritânia, o poder temporal dos Obaiditas (Fatimitas); os Mograwa e os Banú Ifren usaram do mesmo trato com os califas Omaiyas, da Andaluzia, e os califas Obaiditas, de Cairuão.

Ficou assim demonstrado que o Califado se estabelece primeiro sem mistura de realeza; depois de certo tempo, se confunde com a monarquia, a qual, mais tarde, se desembaraça do califado e se isola, contanto que o partido que a sustenta seja diferente do partido que serve de base para o califado. *Determina Allah a sucessão da noite e do dia. Êlle é o único e o vencedor.*

# XXVII CAPÍTULO

## SÔBRE O QUE SIGNIFICA "BI'A" (OU JURAMENTO DE FÉ E HOMENAGEM)

O têrmo "Bi'a" significa "tomar o compromisso de obedecer". Quem empenhasse sua fé fazendo a "bi'a" reconhecia a seu emir o direito de o governar como a todo o povo muçulmano; prometia que, neste particular, não lhe resistiria de maneira alguma e que obedeceria a tôdas as suas ordens, fôssem agradáveis ou não. No momento de hipotecar sua fé ao emir, (amarrar o nó de sua licença, como diz o árabe), colocava sua mão na dêle para ratificar o contrato, tal como se pratica entre vendedor e comprador. Eis porque se designou êste ato pelo têrmo "bi'a", nome de ação do verbo "ba'a" (com dupla significação de vender e de comprar). A significação primitiva, de "bi'a" é pois, tomar-se pelas mãos. Tal é a acepção da palavra na linguagem usual, significado que lhe guardou a lei, sendo o mesmo nas tradições, quando se fala do juramento prestado ao Profeta na noite chamada "Noite de 'Acaba", e na reunião que se formou ao pé da árvore (1). Tal é a sua verdadeira significação em qualquer parte onde se apresenta. Daí vem o emprêgo da palavra "bi'a" para designar a tomada de posse dos califas. Diz-se também: juramento de "bi'a" ou de inauguração, porque

(1) — 'Acaba, colina entre Mina e a Meca. Foi ali que Muhammad teve seus encontros secretos com alguns habitantes de Medina, depois de sua tentativa inútil de converter os da sua cidade natal. Seis homens, primeiro, abraçaram o Islame, depois foram doze os que ali se renderam para lhe prestarem homenagem, sem entretanto se comprometerem realmente a proteger o Profeta. Os biógrafos chamam isto "Bai'at al-nissa" ou homenagem de mulheres, ou a primeira Acaba, para distingui-la da do ano seguinte, em que 70 Medinezes juraram de proteger Muhammad, se fôsse preciso, com a espada, "bai'at al-harb". Uma mesquita assinala o lugar dêste acontecimento mundial. (Nota dos Trad.).

os califas exigiam que a promessa de obediência para com êles fôsse acompanhada de um juramento reunindo as fórmulas que podem ser empregadas dentro de uma declaração solene. Não se prestava, ordinàriamente, a declaração solene, exceto quando se era constrangido a fazê-la. Também, o imame Malic declarou, por uma decisão jurídica, que todo o juramento feito a contra-gôsto era nulo. Mas, os oficiais do govêrno rejeitaram esta decisão como prejudicando o juramento de "bi'a", o que ocasionou para êste doutor os maus tratos de que foi vítima (2).

Em nossos dias, a "bi'a" é uma cerimônia que consiste em saudar o soberano da mesma forma que se praticava na côrte dos Cosroès: beijava-se o chão na frente dêle, ou então beijava-se-lhe a mão ou o pé, ou também a extremidade das vestes. A palavra "baia'a", que significa (prometer obediência) é tomada aqui no sentido metafórico; com efeito, o espírito de submissão que leva a usar semelhante forma de cumprimentar e a agüentar as exigências da etiqueta real é uma conseqüência inevitável e natural do hábito de obedecer. A forma de "bi'a", tal com a descrevemos, tornou-se agora de uma prática generalizada, que se assentou admití-la como válida, suprimindo o uso de se dar a mão, uso que antigamente constituia a parte essencial do ato de homenagem. Com efeito, tinha algo de aviltante para o príncipe dar a mão a todo o mundo; era uma familiaridade que destoava da dignidade do chefe e da majestade de soberano. Porém, um pequeno número de príncipes se conforma ainda com o uso antigo, levados por um sentimento de humildade; assim procedem para com seus principais oficiais, e com seus súditos, conhecidos por sua piedade. — Compreende-se agora o significado real do vocábulo "bi'a". É essencial saber isto, por nos permitir avaliar a extensão de nossos deveres perante o sultão ou o imame, e impedir que procedamos com leviandade e que cometamos imprudência. Recomendamos estas observações à atenção das pessoas que se acham em relação com soberanos. *Allah é o forte, o poderoso.* (Alc. XLII:18).

---

(2) — Malik foi chicoteado e despido; um de seus braços foi deslocado.

# XXVIII CAPÍTULO

## SÔBRE O DIREITO DE SUCESSÃO NO IMAMATO

A utilidade do Imamato é tão grande que fizemos preceder o presente capítulo pelo que trata desta instituição e de sua legalidade. O essencial no imamato, temos afirmado, é cuidar do bem temporal e espiritual da comunidade. O imame é o patrono, o fiel de todos os Muçulmanos, o guardião de seus interesses durante sua vida e mesmo depois de morrer, porque lhes indica a pessoa que deve dirigir-lhes os negócios com o mesmo cuidado que êles mesmos desenvolveram; escolha que devem aceitar com a mesma confiança que antes sempre mostraram. A lei reconhece ao imame o direito de se dar um sucessor, e se fundamenta no acôrdo unânime do povo de permitir tais nomeações. Abu Bacr, ao transmitir o imamato a Omar, na presença dos Companheiros, recebeu, para a escolha a aprovação dêstes, os quais se apressaram a tomar o compromisso de obediência ao novo imame. Omar, mais tarde, confiou aos seis sobreviventes dos Dez (Privilegiados) (1) o cuidado de escolher um imame para o govêrno dos Muçulmanos. Remeteu cada um dêles a seu colega a (honrosa) incumbência, que, por fim, veio recair nos ombros de Abd Ar-Rahman Ibn Auf. Querendo agir com equidade e consciência, interrogou os Muçulmanos, e, achando que reconheciam todos os merecimentos de Othman e de Ali, prestou ao primeiro o juramento de fidelidade. Ao dar a preferência a Othman, sabia que êste chefe estava de acôrdo com êle sôbre o princípio de que o imame deve seguir em tudo o exemplo los dois Cheiques (Abu Bacr e Omar), sem recorrer a seu próprio julgamento. Os principais Companheiros pre-

(1) — Entre os Companheiros, houve dez a quem Muhamad declarou solenemente que entrariam no paraizo: eis o nome dêstes privilegiados ou predestinados: Abu Bacr. Omar, Ali, Talha, Az-Zubair, Sad Ibn Abi Uaccas, Saíd Ibn Zaid, Abu Ubaida Ibn Al-Jarrah Abd Ar-Rahman Ibn Auf e (creio) Otham.

senciaram a nomeação de Othman, e assistiram a sua investidura sem desaprovarem nada do que se passava. O que demonstra que concordavam em considerar esta nomeação como válida e conforme à lei. Ora, sabe-se que o acôrdo dos Companheiros constitui um argumento irrefragável.

Nenhuma dúvida deve pairar sôbre o imame que delegue a autoridade a seu pai ou ao próprio filho. Como fôra merecedor da confiança púbilca quando vivo, cuidando com vigilância da comunidade, não se deve supeitar de suas intenções depois de morto. Esta máxima deve bastar para refutar a opinião dos que dizem: "Se um imame designar para lhe suceder o próprio pai ou filho, é justamente objeto de suspeita". Deve-se opor a mesma máxima aos que declaram que "o imame é justamente suspeito quando lega a autoridade a seu filho; mas, não o é legando-a ao pai". Em todos êstes casos, o imame está acima de qualquer suspeita, se tiver sido movido pelo desejo de servir o povo, ou de evitar alguma alteração social. Pôsto isso, tôdas as suspeições desfavoráveis ao imame devem ser repelidas de modo absoluto. Muawia designou o filho Yazid como seu sucessor; seu modo de agir no caso se justifica plenamente, porque agiu com o consentimento do povo, e dava a preferência a Yazid no próprio interesse do Estado. Para manter a ordem pública, devia-se conservar o bom enntendimento reinante nos espíritos e a harmonia que unia os grandes dignatários do império. Ora, todos êles eram Omaiyas, e, como Omaiyas, não queriam, nem admitiam outro imame que Yazid. Era uma família da qual faziam parte os chefes mais eminentes, família que, por seu espírito de classe, chefiava o resto da tribo de Coraix e comandava ao povo muçulmano. Todos êstes fizeram pender a balança para o lado de Yazid, se bem que Muawia tivesse debaixo da vista outros que pareciam mais dignos do poder; apartando-se do PREFERÍVEL para se apegar ao PREFERIDO, deixou-se guiar sòmente pelo interesse público, e não quis lançar a dúvida nos espíritos nem quebrar o laço de união da comunidade, cuja salvaguarda constitui a grande preocupação do legislador.

Outro conceito menos elevado não se pode ter a respeito de Muawia. Sua probidade notória e sua qualidade de Com-

panheiro do Profeta não permitiam outro conceito. Aliás, os principais Companheiros assistiram à nomeação de Yazid sem proferirem palavra alguma de desaprovação, o que evidencia a boa intenção que lhe atribuiam. Não eram pessoas que se calassem quando se tratava de prestigiar a causa da verdade, nem Muawia era homem que se deixasse arrastar pelo orgulho no exercício de seus direitos. A nobreza de sentimentos de todos e sua honradez de carácter os elevaram muito acima de semelhante procedimento.

Se o filho de Omar, Abd-Allah, não aceitou assistir a esta reunião, deve-se atribuir a sua ausência à disposição religiosa que se lhe conhecia, e que o induzia a fugir de tôdas estas manifestações de aparato, quer lícitas, quer proibidas. A nomeação de Yazid recebeu a aprovação unânime de todos os muçulmanos, com exceção do Zubair (Abdallah); o caso de uma oposição diminuta não modifica em nada a legalidade da nomeação, como é doutrina corrente.

Depois de Muawia, outros califas, de integridade reconhecida, agiram do mesmo modo. Tais foram Abd Al-Malic e Sulaiman, ent re os Omaiyadas; Safah, Al-Mansur, Mahdi, Ar-Rachid, da família dos Abbassidas, e outros mais, reputados por sua conhecida probidade e seu zêlo em benefício dos Muçulmanos. Não devemos vituperá-los por se terem afastado do caminho traçado pelos quatro primeiros califas e terem legado a autoridade a seus filhos e irmãos. Não se achavam mais nas mesmas condições que os primeiros califas; no tempo dêstes, o espírito de soberania não se havia ainda manifestado; a influência da religião era bastante grande para reter todo o mundo no dever; cada um guardava um monitor no próprio coração; por isso, deixaram a autoridade na mão de quem mais convinha para os interesses da religião, e mandaram os ambiciosos e pretendentes ao conselho da própria consciência. Mas, a partir de Muawia, a tendência do espírito de classe era para a monarquia, têrmo inevitável para onde o conduz a sua marcha natural, tanto mais que a influência da religião se tinha enfraquecido, e se impunha a necessidade de um soberano e de um poderoso partido para conter o povo. Se Muawia tivesse deixado a autoridade a um indivíduo que êste partido não favorecia, ter-se-ia anulado a nomeação, com

a agravante de lançar a desordem em tôda a parte e de ver quebrada a unidade da nação. Quando se perguntou a Ali: "Porque os Muçulmanos se opuseram à vossa autoridade?" — Respondeu: "Abu Bacr e Omar comandavam homens íntegros como eu sou; mas hoje eu comando a homens como vós". Por estas palavras dava a entender que a religião tinha perdido sua influência moderadora.

Vejamos o que aconteceu quando Al-Mamun designou, para lhe suceder, a Ali, filho de Muça, filho de Jafar As-Sadic, e lhe deu o título de Ar-Rida, (o bem escolhido). Todo o partido Abbassida se pronunciou contra esta nomeação, e (indo mais além) reconheceu como soberano a Ibrahim Ibn Al--Mahdi, tio do califa. Durante as perturbações e as desordens que se seguiram, os caminhos foram cortados pelos bandoleiros e as insurreições lavraram em tôda a parte. Para impedir que o império sucumbisse, Al-Mamun precisou de deixar precipitadamente o Khoração e vir a Bagdá, para repor tôdas as coisas no seu estado anterior. Eis aí em que se deve meditar quando se pretende nomear herdeiro ao trono; as gerações mudam de carácter segundo as modificações que afastam as tribos e transformam os partidos políticos: tudo isso deve influir sôbre a escolha dos meios que hão-de ser utilizados para manter a prosperidade da nação. Para cada finalidade há um meio próprio, graças à bondade de Deus para com suas criaturas. Se o imame designar seu sucessor com o intuito de tornar (o poder) hereditário na própria descendência, êle age por um motivo alheio à religião. Como a autoridade vem de Deus, e Êle a concede a quem quer, devemos, em casos como êsse, julgar o procedimento do califa tão favoràvelmente quanto possível, para não comprometer a dignidade de uma instituição religiosa.

Aqui se apresentam muitas questões que devemos examinar e, se possível, esclarecer. Encaramos, em primeiro lugar, os deboches e imoralidades de Yazid durante seu califado. A isso nós respondemos: É preciso abster-se de pensar que Muawia tenha tido conhecimento da perversidade de seu filho. Muawia era honrado de mais, era homem de bem em grau suficiente para não cerrar os olhos perante tamanho

vício. Aliás, sabemos que repreendeu vivamente a paixão de Yazid pela música oral, e o proibiu de cantar. Ora, o amor à música é muito menos repreensível que o deboche e a imoralidade, e os doutores divergem de opinião sôbre a legitimidade desta arte. Quando Yazid desmascarou suas inclinações viciosas, os Companheiros não estavam de acôrdo sôbre o que deviam fazer. Alguns declaravam que se deviam insurgir contra êle e derrubá-lo do trono. Al-Huçain, Abd-Allah Ibn Az-Zubair e seus respectivos partidários agiram de conformidade com esta opinião. Os outros desaprovaram tal conceito no intuito de evitar a guerra civil e a efusão de sangue. Tinham o pressentimento de que, semelhante tentativa era votada ao malôgro enquanto Yazid contasse com o apoio de tôda a família dos Omaiyas e de todos os Coraixitas que exerciam postos de comando. Sabiam que isso era o suficiente para lhes assegurar o apoio de tôdas as tribos de Mudar. Nada poderia resistir a um tão grande conjunto de fôrças. Por isso, resolveram se aquietar, rogando a Deus que convertesse Yazid ou que os livrasse dêle. A maioria dos Muçulmanos seguiu a mesma linha de conduta, na convicção de ser a única boa. Os que professavam uma ou outra destas duas opiniões estão igualmente isentos de censura; puras eram suas intenções e não desejavam outra coisa senão o bem, como todo o mundo sabe. Queira Deus, na sua bondade, ajudar-nos a seguirmos seus traços!

O segundo ponto a examinar é a declaração pela qual, a ter fé no que dizem os Chiitas, o Profeta teria designado a Ali como devendo ser seu sucessor e herdeiro do imamato. Esta declaração nunca fôra feita. Nas tradições provenientes das melhores autoridades, nada se acha que com ela se relacione. Lemos no *Sahih*, que o Profeta tinha pedido um tinteiro e um pedaço de papel para escrever suas últimas vontades, e que Omar a isso se opôs. Isso demonstra com evidência que o testamento a favor de Ali não foi feito. Outra prova temos disso numa palavra de Omar. Ferido de morte por um assassino, foi interrogado se faria seu testamento: "Alguém melhor do que eu (êle pensava em Abu Bacr) fez um, e um outro melhor do que eu não fez nenhum (isto é, o Profeta), eu poderia imitar um e outro". Os Companheiros que assistiram

a esta declaração, convieram em que o Profeta não tinha feito testamento. — Uma outra prova é fornecida pelo próprio Ali. Quando Al-Abbas o convidou para entrar consigo ao pé do Profeta a fim de lhe perguntar a quem dos dois legaria a autoridade, Ali recusou-se a acompanhá-lo e disse: "Se não a deixar para nenhum de nós dois, ambos deveriamos a ela renunciar para sempre!" O que prova que Ali sabia que o Profeta a ninguém tinha legado ou prometido o imamato.

O êrro dos Imamitas tem por causa um princípio que adotaram como certo e que de fato não o é: pretendem que o imamato é uma das colunas da religião, enquanto na realidade, é um ofício instituido para vantagem geral e pôsto sob a vigilância do povo. Se fôsse uma das colunas da religião, o Profeta teria tido o cuidado de delegar as suas funções para alguém, do mesmo modo que tinha feito para a oração pública, cuja presidência confiou a Abu Bacr; teria mandado publicar o nome de seu sucessor designado, conforme o tinha feito para o chefe da oração. Os Companheiros reconheceram Abu Bacr como califa, por causa da analogia que existia entre as funções de califa e as de chefe da oração. "O Profeta, diziam, o escolheu para zelar os nossos interesses espirituais; por que razão não havemos de o querer para que cuide de nossos interesses temporais?" O que demonstra que o Profeta não legou o imamato a ninguém, e que, portanto, ligava a êste ofício e à sua transmissão muito menos importância que em nossos dias.

Quanto ao espírito de grupo, que, em tempos ordinários, serve para unir os homens ou desuní-los, não chamava tanto a atenção. Na época, a religião muçulmana apresentava uma série de acontecimentos que derrogavam as leis da natureza. Todos os corações se haviam apressado a recebê-la; os homens tinham-se devotado até à morte para sustentá-la, e tudo por causa das coisas extraordinárias que então se viam. Os anjos vinham socorrê-los nos campos de batalhas; as notícias desciam até êles dos céus, comunicações lhes eram feitas da parte de Deus; cada vez que se pressentia qualquer negócio de vulto, mensagem lhes era comunicada. Naquela época não se precisava encorajar o espírito de corpo; podia-se muito bem dispensá-lo, porque era o povo perfeitamente submisso e obe-

diente. Além do mais, para os incitar, os muçulmanos eram favorecidos por uma série de milagres, de manifestações divinas, de visitas que lhes faziam os anjos, aparições que os obrigavam a baixar os olhos e os enchiam de temor e de admiração. Por isso, a questão de classe e de outras matérias semelhantes, ficam como absorvidas por êste oceano de maravilhas. Quando a cessação dos milagres privou o Islamismo do apoio que o acalentava até aí, quando a geração que testemunhou estas manifestações veio a desaparecer dêste mundo, o sentimento de obediência e de submissão fraquejou pouco a pouco, apagou-se a impressão deixada por tantas coisas extraordinárias, e, o curso normal dos acontecimentos retomou seu rítmo costumeiro. Com o reaparecimento do espírito de classe e a volta das ocorrências a seu curso habitual, como pode ser constatado pelo bem e o mal que a normalidade consigo trouxe, o califado, a soberania e sua transmissão tornaram-se para os Chiitas matérias de muito grave interesse, o que antes não acontecia. Vejamos o imamato no tempo do Profeta: ninguém dêle cogitava, e o Profeta não o legou a ninguém. Sob os primeiros califas, a importância que se ligava ao imamato tomou proporções um pouco mais amplas, porque havia necessidade de um chefe para a salvaguarda do império, para o combate dos infiéis, para impedir as apostasias e conquistar mais reinos. Nesta época, os califas designavam seus sucessores ou se abstinham de o fazer, dependendo o fato de seu bel prazer. Omar tinha manifestado sua opinião sôbre o assunto. Hoje em dia, liga-se uma importância extrema ao imamato, por ser o indivíduo revestido desta dignidade o único a poder unir todos os homens para defender o império e manter a nação num estado próspero; por isso, fazem grande caso do espírito de classe, sentimento cuja virtude não é mais um segredo. Como fôrça repressiva, o imamato impede as dissenções, obriga os homens à solidariedade e à defesa mútua, mantém o povo na união e em bom acôrdo, e favorece os fins do legislador cumprindo seus desígnios e executando suas decisões.

A terceira questão se relaciona com as guerras que se deram no seio do próprio Islamismo e das quais participaram tão ativamente os Companheiros e seus discípulos. Respondo

que a divisão se tinha introduzido no meio dêles a respeito de algumas matérias de interesse para a religião, divisão que resultou da discussão feita com consciência de certas provas autênticas e de diversas indicações importantes. Quando as pessoas empenhadas de boa fé em procurarem a verdade não chegam a um acôrdo, é a natureza das provas que motiva o desacôrdo. Se disséssemos que, nas questões então pendentes e cuja solução dependia de um exame consciencioso, um dos dois contendores devia estar com a razão e a verdade, e o outro devia estar no êrro, isso, pràticamente, nada provocaria, porque a opinião geral não interveio para decidir qual dos dois estava com a verdade. Deve-se, pois, admitir que a possibilidade de estar com a verdade cabia tanto a um como ao outro; e, nesse caso, não se pode indicar positivamente qual dos contendores estava errado. A opinião unânime dos casuístas é que, em casos semelhantes, não se pode inculpar nem um nem outro de ambos os partidos. Se nós disséssemos que cada partido estava com a razão e que à custa de esfôrço tinham ambos encontrado a verdade, ainda isso seria muito bem, porque evitar-se-ia, assim, a necessidade de confessar que um dos partidos se havia enganado ou agira de maneira culposa. Em resumo, o que introduziu a discórdia entre os primeiros muçulmanos, foram questões que êles acreditavam se relacionassem com a religião e para as quais esperavam conscienciosamente achar a solução. Eis, em verdade, o que se pode dizer com certeza sôbre o assunto que nos ocupa. Muitos conflitos desta natureza assolaram a nação muçulmana: o de Ali com Muawia; o do mesmo príncipe com Ibn Az-Zubair, Talha e Aicha; o de Al-Huçain com Yazid, e o de Ibn Az-Zubair com Abd Al-Malic. Falemos, primeiro, do negócio de Ali. Quando do assassinato de Othman, os Muçulmanos se achavam disseminados nas grandes cidades (para as ocuparem e as guardarem), de modo que só um pequeno número assistiu a inauguração da tomada de posse de Ali. Entre êstes, alguns prestaram-lhe o juramento de fidelidade, mas os outros tomaram o partido de esperar que um imame lhes fôsse designado pela escolha e acôrdo unânime de todos os muçulmanos reunidos. Entre os que se abstiveram, destacaram-se Saad Saíd Ibn Omar, Oçama Ibn Zaid, Moguira Ibn

Choba, Abdallah Ibn Salam, Codama Ibn Madhum, Abu Said Al-Khodrî, Kaab Ibn Ajra, Kaab Ibn Malic, Numan Ibn Bachir, Hassán Ibn Thabit, Maslama Ibn Mokhallid, Fudala Ibn Obaid, e muitos outros dos principais Companheiros. Os que se achavam dispersos nas grandes cidades cogitavam mais de vingarem o assassinato de Othman do que de reconhecerem a autoridade de Ali; também deixaram de lado a questão do imamato, para darem tempo aos Muçulmanos de entrarem em acôrdo sôbre a escolha de um chefe. Como Ali não tinha incitado seus amigos a protegerem Othman contra seus assassinos, atribuiu seu procedimento à indiferença; mas ninguém pensou em acusá-lo de cumplicidade neste homicídio. Muawia, mesmo quando altamente o exprobava, não o censurou senão de ter ficado apartado. Tempos depois o dissídio eclodiu. Ali sustentava que sua investidura, uma vez realizada, obrigava todos os Muçulmanos a prestarem-lhe obediência, mesmo os que não a presenciaram. "A obediência tornou-se obrigatória, sustentava êle, pelo consentimento unânime dos Muçulmanos reunidos em Medina, residência do Profeta e moradia dos Companheiros. Minha convicção é que, antes de pensar em castigar os assassinos de Othman, deve-se preservar a união dos fiéis e manter a concórdia entre êles; fazer justiça e castigar o crime seria então mais fácil". Seus adversários objetavam-lhe com a nulidade de sua inauguração: "Ela não foi consumada, disseram, porque os Companheiros encarregados dos altos comandos se achavam dispersos nos diversos países, e sòmente um pequeno grupo dêste corpo se achava presente à cerimônia. Ora, a investidura, para ser válida, deve obter a sanção unânime dos grandes oficiais do Estado. Aliás, ninguém fica ligado por um ato de outrem, ou pela decisão de uma minoria. Os Muçulmanos se acham agora entregues a si mesmos; que se ocupem de vingar a morte de Othman; reunir-se-ão depois em redor de um imame". Muawia adotou esta opinião, assim como Amr Ibn Al-Aci, Aicha, mãe dos crentes, Zubair e seu filho Abdallah, Talha e seu filho Saad Said, Numan Ibn Bachir, Muawia Ibn Khodaij e os outros Companheiros que se abstiveram de tomar parte na investidura de Ali em Medina.

No século II da H. os Muçulmanos concordaram todos

em dizer que fôra válida esta investidura, a qual impunha a todos os crentes a obrigação de reconhecer a autoridade de Ali, e que a opinião que emitiu era justa. Declararam que Muawia e seus partidários se enganaram, como o fizeram especialmente Talha e Zubair, porque, a crer na história, tinham-se revoltado contra Ali depois de lhe terem jurado fidelidade. Quanto ao mais, não se incriminavam as intensões de nenhum dos dois partidos, e reconhecia-se que, de ambos os lados, cada um agiu conforme sua consciência, procurando bem fazer.

Por aí se vê que a opinião universalmente recebida no segundo século (da H.) concorda com uma das duas emitidas pelos Muçulmanos do primeiro século. O próprio Ali dizia aos que o interrogavam a respeito dos que perderam a vida nas batalhas do Camelo e de Siffin: "Pelo Senhor de minha alma! Os que lá morreram com o coração puro, foram direitos ao Paraíso!", referindo-se aos que tombaram dos dois partidos. Esta anedota é relatada por Tabari e por outros historiadores. Não é, pois, permitido duvidar da pureza de suas intenções, nem atacar a sua reputação. Devemos julgar os antagonistas de acôrdo com seus atos e suas palavras, autenticamente constatados, e que serviram, aos olhos dos Sunitas, para sua perfeita integridade. Quanto ao que dizem os Mutazili a respeito dos que combateram contra Ali, nenhuma atenção lhes devem prestar os amigos da verdade. Quem se detiver no exame das coisas com imparcialidade, ver-se-á forçado a desculpar tôdas as pessoas que tomaram parte nas dissenções que a morte de Othman provocou; nem lhe faltará justificativa para a conduta dos Companheiros que mais tarde se rebelaram (contra Ali), e confessará que foi uma calamidade com que Deus quis provar os Muçulmanos. Durante essas comoções, dispersou seus inimigos e entregou aos crentes as terras e os haveres dos vencidos. Os Muçulmanos se esatbeleceram nas fronteiras dos países conquistados e ocuparam as cidades de Basra, Kufa, Damasco e Misr. A maior parte dos Árabes que formavam as guarnições destas metrópoles era composta de gente rude e grosseira que não teve muita convivência com o Profeta nem serviu sob as suas ordens. O exemplo de suas maneiras e da sua polidez e trato

tinha-se perdido para êles; não se haviam ensaiado em moldar o seu carácter sôbre o dêle. Aliás, antes do Islame, tinham-se distinguido pela rudeza de seus costumes, seu espírito de partido, seu orgulho de família e por um total desconhecimento dos hábitos de calma, de ponderação e de dignidade que a religião impõe. No momento em que o Império muçulmano adquiriu o predomínio, êstes homens se achavam sob as ordens dos Muhajir e dos Ansar (2), primeiros neófitos fornecidos ao Islamismo pelas tribos de Coraix, de Kinana, de Thakif e de Hudail, pelos países de Hijaz, e pela cidade de Yatrib (Medina). Suportavam com impaciência a subordinação em que se achavam, porque se lhes afigurava que sua fôrça numérica, a nobreza de sua origem e seus numerosos encontros com os Persas e os Gregos nos campos de batalha os tornavam dignos de ocuparem o primeiro lugar, e um lugar de destaque no cenário do Islame. Pertenciam êstes Árabes às tribos de Bacr Ibn Uail, e de Abd Al-Cais, fração de Rabia, de Kinda e de Azd, tribos estas iamanitas, de Tamim e de Caís, tribos mudaritas. Seu orgulho levou-os até a depredarem os Coraix e a manifestarem-lhes desprêzo, mostrando-se pouco dispostos a lhes obedecerem, e tomando como pretêxto para essa pouca disposição a injustiça do trato de que eram vítimas por certos membros coraixitas. Dirigiram contra êles ataques mais veementes, acusando-os de moleza quando se tratava de tomar parte nas expedições, e de se afastarem da equidade quando repartiam os despôjos. Estas pérfidas insinuações se espalharam, chegando até Medina, e sabe-se qual era, então, o carácter dos Medineses! Achando estas queixas de tanta gravidade, levaram-nas até Othman. O califa encarregou a Ibn Omar, Muhammad Ibn Maslama, Uçama Ibn Zaid e outros, de partirem para as grandes cidades a fim de averiguar o que havia e lhe comunicarem o resultado de suas investigações. Os emissários não acharam nada que censurar no procedimento dos comandantes, e disso informaram Othman. Mas nada adiantou, e a

(2) — Por Muhajir, entende-se os que, entre os primeiros muçulmanos, emigraram para a Medina. Os Ansar, são os Medinezes que tomaram o compromisso de sustentar o Profeta.

grita prosseguiu nas cidades onde os Muçulmanos estavam aquartelados. Até aumentaram as suas imputações caluniosas; circularam os boatos mais alarmantes e desagradáveis. Ualid Ibn Ucba, governador de Kufa, era acusado de afeiçoar-se ao vinho, vindo muitos muçulmanos a depor contra êle, o que obrigou Othman a tirar-lhe o comando, depois de lhe ter aplicado a pena correcional estabelecida por lei. Chegaram depois a Medina muitas deputações mandadas pelos estabelecidos nas grandes cidades e encarregadas de pedir a destituição dos respectivos governadores. Em representação de Ali, de Aicha, de Zubair e de Talha, a quem as delegações tinham levado suas queixas, Othman demitiu certo número de governadores. A medida não foi suficiente para tapar a bôca dos descontentes; e, encontrando êles Said Ibn Al-Aci, que voltava de Medina para retomar seu comando em Kufa, fizeram-no parar e obrigaram-no a retorceder. Algum tempo depois, insinuou-se a discórdia entre Othman e os Companheiros que se achavam perto dêle, em Medina. Censuraram-no, primeiro, por não querer distituir seus oficiais senão mediante uma declaração legal constatanda a sua falta; depois, levaram suas queixas sôbre outras gestões administrativas. Othman era, entretanto, dêstes homens que agem segundo os ditames de sua consciência; e devemos dizer a mesma coisa de seus adversários: uns e outros eram "mujtahid" (3). Algum tempo depois, um bando de desclassificados se juntou e foi a Medina procurar Othman, co o pretêxto de pedir-lhe justiça, mas com a intenção oculta de assassiná-lo. Vinham de Basra, de Kufa e do Egito. Ali, Aicha, Zubair, Talha e outros apoiaram as reclamações desta gente, na esperança de Othman modificar sua atitude, seguir-lhes a opinião e serenar os espíritos. Cedendo a seu pedido, Othman destituiu o governador do Egito. Os que vieram apresentar suas queixas deixaram então a cidade; mas, mal se tinham afastado, voltaram. Acabavam, diziam, de interceptar um correio portador de uma mensagem endereçada ao governador do Egito e con-

---

(3) — Mujtahid é quem admite o "Ijtihad", isto é: emitir uma interpretação tomando por base diretamente um texto do Alcorão, sem se preocupar das explicações tradicionais.) (Nota dos Trad.).

tendo a ordem de matá-los a todos. A carta era apócrifa. Othman, depois de jurar não ter escrito a carta, foi intimado de entregar-lhes seu secretário Marwan. Êste jurou que não tinha também escrito a carta, e Othman declarou então que a justiça nada mais tinha a ver com o caso. Os amotinados cercaram o califa na sua casa, e, penetrando no seu domicílio no momento em que seus amigos descuidavam sua guarda, tiraram-lhe a vida. Foi desta maneira que a porta da guerra civil se escancarou.

Todos os que tomaram parte nestas lamentáveis ocorrências tinham suas desculpas, porque tinham o espírito preocupado com o predomínio da religião e de tudo que com a mesma se relaciona. Depois dêstes acontecimentos, à reflexão sucedeu o arrependimento e conduziram-se como gente de bem. Deus conhece seus atos e sentimentos; nós não devemos reconhecer-lhes senão boas intenções, porque as circunstâncias de sua vida e as informações mais autênticas atestavam veementemente a seu favor (4).

Passamos a Al-Huçain. Quando a imoralidade de Yazid se patenteou aos olhos de todos os contemporâneos, os partidários da família do Profeta convidaram a Al-Huçain a vir ter com êles em Kufa, prometendo ajudá-lo, sustentando-lhe

---

(4) — Neste parágrafo e no seguinte, o autor tenta, por muito maus argumentos, desculpar os assassinos de Othman e os que, entre os Companheiros, tinham recusado seu apoio a Ali, seu califa legítimo, e a seu filho Al-Huçain. Nesta tentativa, segue Ibn Khaldun o exemplo dos doutores muçulmanos das quatro escolas ortodoxas, que se viram obrigados de justificar por todos os meios o procedimento escandaloso dos Companheiros durante as guerras civis. Com efeito, se tivessem recusado reconhecê-los como bons muçulmanos e homens de bem, ter-se-iam visto na necessidade de rejeitarem as tradições que êstes personagens lhes transmitiram. Como a maior parte das máximas de direito islâmico tem por base o texto do Alcorão e as informações fornecidas pelas tradições, segue-se que, rejeitando as provenientes dos Companheiros inimigos da família do Profeta, teriam sido forçados a suprimirem um grande número dos artigos que compõem o código do islamismo ortodoxo. Os doutores chiitas não se deixaram deter por esta consideração: repelindo tôdas as tradições fornecidas por êstes Companheiros, trocaram-nas por outras que receberam, quer de Companheiros partidários de Ali, quer de um ou de outro dos doze imames.

a causa e os direitos. Huçain pensava que a imoralidade de Yazid impunha aos Muçulmanos o dever de se insurgirem contra êle, principalmente se sentissem bastante fôrça para lhe resistir. Pensava que seus direitos e as fôrças de que dispunha eram suficientes para lhe assegurarem o triunfo. Os seus direitos, êle os tinha mais que suficientes. Quanto às fôrças, enganou-se redondamente. (Que Deus o trate com misericórdia!") O espírito de classe que animava tôda a raça de Mudar se achava sobretudo na grande família coraixita de Abd Manaf, e estava concentrado no ramo dos Omayias. Reconheciam todos os Coraixitas a sua autoridade e as outras tribos não mostravam muita disposição para lhes resistirem. No comêço do Islamismo, esqueceu-se a influência dêste espírito, tão enlevado estava o povo pelo espetáculo das maravilhas que se desenrolavam então à sua vista, das revelações que do céu vinham e da presença dos anjos que, com freqüência, acudiam a socorrer os Muçulmanos. Empolgados pelas coisas extraordinárias, não prestava nenhuma atenção às coisas ordinárias; o espírito de corpo, tão veemente nos tempos da ignorância, tinha desaparecido com as paixões que suscitava; olvidado, não se conservou dêle senão o sentimento natural que leva a se defender e repelir o inimigo, a zelar pela fé e a combater os inimigos da religião. Nesta época, a influência da crença predominava sôbre os acontecimentos e os desviava de sua habitual marcha. Mas assim que o profetismo cessou suas manifestações exteriores, e se foi apagando a lembrança de tantos milagres, as coisas do mundo começaram a retomar seu curso normal, e o espírito de corpo reapareceu tão vivo como era antes, manifestando-se nas mesmas tribos em que antigamente se manifestara. Todos os ramos da grande tribo de Mudar prestavam mais obediência aos Omaiyas do que a nenhuma outra família, porque lhes tinham reconhecido o poderio nos tempos anteriores.

Por aí se vê que Al-Huçain se enganou; mas, como a matéria era estranha à religião, seu êrro não pode ser-lhe prejudicial (no outro mundo). Encarada sob o ponto de vista legal, a opinião manifestada por êle, mostra que estava com a verdade: "Para agir, dizia, deve-se ter os meios hábeis". Quando tomou a resolução de se render em Kufa, Ibn Abbas,

Ibn Zubair, Ibn Omar, Ibn Al-Hanifyia, seu próprio irmão, e outras pessoas o advertiram, sabendo a grande culpa que ia cometer; mas êle não se deixou desviar de seu intento, devendo a vontade de Deus cumprir-se nêle. Os Companheiros e aquêles de entre seus discípulos que se achavam então no Hijaz, ou que tinham acompanhado Yazid na Síria e no Iraque, eram de opinião de que não se deviam rebelar contra êste príncipe, não obstante seus escândalos e deboches. Temendo a eclosão das desordens e a efusão de sangue, abstiveram-se de prestar juramento de fidelidade a Al-Huçain. Todavia, não lhe manifestaram nem aprovação, nem desaprovação, certos de que êle procedia segundo os ditames de sua consciência e era um exemplo para todos que procuravam a correção.

Não se deve incorrer no êrro de censurar os Companheiros que se tinham oposto aos propósitos de Al-Huçain e se tinham negado a prestar-lhe apoio. Formando a maioria do corpo dos Companheiros que se achavam com Yazid, acreditavam que rebelar-se contra êste não era coisa permitida. O próprio Huçain reconheceu a pureza de suas intenções; no combate de Karbala (5) convidou-os a prestarem testemunho em favor de seu carácter e de seus direitos: "Perguntai, dizia êle, a Jaber Ibn Abdallah; perguntai a Abu Said Al-Khodari, a Anas Ibn Malic, a Sahl Ibn Sad, a Zaid Ibn Arcam e aos outros". Não os censurou de lhe terem negado o seu apoio e deixou de fazer alusão a seu modo de proceder, sabedor que êles também agiam conforme sua consciência, como êle mesmo o fazia.

Não se deve justificar a morte de Al-Huçain dizendo que os que o mataram agiam também conforme a sua consciência, certos de que faziam bem, do mesmo modo que Huçain pensava, pretextando que no caso há uma analogia perfeita entre o magistrado chafeíta e o magistrado malikita, quando ambos punem um hanefita por beber nebid (6). O caso é comple-

(5) — Combate em que sucumbiu Al-Huçain, e lugar de grandes peregrinações chiitas.

(6) — O uso do nebid ou vinho feito de tâmaras é permitido pelos doutores do rito hanefita, e é proibido pelos doutores malikitas e chafiitas. Que um hanefita beba vinho e que um magistrado chafiita ou malikita lhe inflija uma pena, nenhum dêles comete mal algum.

tamente outro. Parte dos Companheiros não consideram com um dever combater a Huçain, ao mesmo tempo que tinham a sincera convicção de fazer bem quando recusavam secundar-lhe os projetos. Cabe a Yazid e a seus cúmplices tôda a culpa de tê-lo combatido. Se, não obstante a imoralidade de Yazid, êstes Companheiros do Profeta declararam que a revolta contra êste príncipe, não era coisa permitida, não se pode dizer que consideravam todos seus atos justos e válidos. Os atos de um homem viciado não podem ser justos a menos que estejam de acôrdo com a lei, e, segundo a opinião dêstes Companheiros, não se deviam combater os ímpios se não tivesse consigo um imame justo; ora, no caso pendente, faltava esta condição; deduz-se que Huçain não tinha direito de combater Yazid, nem Yazid de combater Huçain (7). Pode-se dizer que o procedimento de Yazid neste particular, o confirmou na sua preversidade, enquanto que Huçain ganhou na ocorrência o martírio e uma justa recompensa no céu. Huçain estava com a verdade e agia segundo sua consciência; os Companheiros que estavam com Yazid, estavam no mesmo caso.

A propósito dêste assunto, o cadi malikita Abu Bacr Ibn Al-Arabi (8) pronunciou um juízo errôneo no seu livro intitulado: *Al-Auassim wal Kawassim* (9), que nos dá a entender que Huçain fôra morto em virtude da lei promulgada por seu avô (Muhammad). Para cair num semelhante êrro, precisava olvidar o princípio de que, mesmo para combater os que professam opiniões heterodoxas, o concurso de um imame justo é condição essencial.

Ocupamo-nos agora de Ibn Az-Zubair. Acreditava, como Al-Huçain, que a rebelião (contra um imame) era um dever; mas, mais do que o próprio Huçain, enganou-se quanto às

---

(7) — O raciocínio dos causídicos se funda sôbre êste ponto: que Al-Huçain não era imame, e que Yazid não era imame justo.

(8) — Ibn Al-Arabi, um dos maiores sábios doutores da Andaluzia, nasceu em Sevilha em 1076 e morreu em 1148, em Maghila, perto de Fez.

(9) — Título pouco inteligível, e parece significar: Meios de dividir e meios de se tornar inespugnável.

fôrças que o apoiavam. Os Banu Assad (10) (sua família) jamais foram tão fortes que pudessem enfrentar os Omaiyas, nem antes nem depois da introdução do Islame, e não se pode condenar seu adversário se bem que se condenou Muawia, o adversário de Ali. Com efeito, a opinião geral é positivamente a favor de Ali. Ao contrário, não achamos que esta opinião pública tivesse condenado o adversário de Ibn Al-Zubair. A imoralidade de Yazid basta para condenar Yazid enquanto que o adversário de Zubair, Abd Al-Malic, era o homem mais íntegro do mundo. Basta dizer a êste respeito, que o imame Malic cita certos trechos de Abd Al-Malic para fundamentar suas doutrinas. A conduta de Ibn Abbas e de Ibn Omar testemunha em favor dêste príncipe; vieram ambos prestar-lhe juramento de fidelidade, depois de abandonarem a Ibn Zubair no Hijaz onde residiam. Aliás, muitos dos Companheiros opinavam que a tomada de posse de Ibn Az-Zubair não era válida, por não ter sido assistida pelos grandes dignatários do império, enquanto que assistiram à tomada de posse de Marwan (11). Digamos que todos êles agiram conforme sua consciência, e, sem fazermos agravo a ninguém, declaramos que uns como outros, pensavam sustentar a boa causa. Pôsto isto, acrescentemos que os princípios e as regras de direito justificam a morte de Ibn Az-Zubair, e que, não obstante, ao examinarmos os móveis de sua conduta, e ao vermos seu zêlo pela verdade, devemos considerá-lo como um mártir com direito à recompensa.

Eis aí como havemos de encarar os atos dos Companheiros do Profeta e dos seus discípulos, os homens mais virtuosos da nação. Se se deixar a sua reputação exposta às setas da íntegro? O Profeta disse: "Os homens mais virtuosos são calúnia e da maledicência, quem, poderia então, dizer-se os da geração atual, em seguida, os das gerações seguintes (em proporção decrescente); depois, a falsidade alastrar-se-á por tôda parte". Atribuiu, portanto, a virtude, isto é a integridade, à primeira geração e à seguinte; por isso, não nos devemos acostumar a pensar mal ou falar mal dos Companhei-

(10) — Os B. Assad formavam um ramo da família de Coraix.
(11) — Filho e sucessor de Abd Al-Malic.

ros, nem admitir em nossos corações nenhuma dúvida sôbre seu modo de proceder. Devemos procurar, na medida do possível, para tôdas suas ações, uma explicação favorável; devemos procurar por todos os meios e tôdas as artes, demonstrar a retidão de suas intenções. Ninguém o merece mais do que êles. Quando se puseram em desacôrdo, tinham justos motivos para se desculparem. Se mataram ou se deixaram matar, foi pela causa de Deus e da Verdade. Devemos crer que a misericórdia divina quis oferecer o exemplo de suas dissenções às gerações seguintes, para que cada indivíduo pudesse escolher entre êles um modêlo, um diretor e um guia. Quando convencidos disso, saberemos com que sabedoria Deus governa suas criaturas.

## XXIX CAPÍTULO

### DOS OFÍCIOS E DOS CARGOS RELIGIOSOS QUE DEPENDEM DO CALIFADO

Sabe-se que, na realidade, o califado é uma substituição; o califa substitui o legislador no que diz respeito ao cuidado da religião e ao govêrno dêste mundo. O legislador, sendo encarregado de fazer respeitar as obrigações impostas pela lei e de levar os homens a se submeterem a ela, exerce necessàriamente a autoridade espiritual; obrigado a cuidar do bem da sociedade, exerce igualmente a autoridade temporal. Temos já feito observar que os homens são inclinados forçosamente a se agruparem em sociedade, e que necessàriamente precisam de alguém que cuide de seu bem-estar e os impeça de perecerem por falta de cuidado. Já dissemos também que o poder soberano é suficiente, por si só, para assegurar ao povo as vantagens da civilização; mas êle age com maior eficácia quando se apoia sôbre os princípios da lei divina. A causa disso é que um legislador (inspirado) sabe melhor que um soberano (temporal) o que contribui para a felicidade dos

homens. Nos Estados muçulmanos, a soberania temporal está subordinada ao Califado; nos outros Estados, goza de sua independência. Mas em tôda parte, o poder temporal criou, para as necessidades de seu serviço, cargos e emprêgos que distribui pelos seus protegidos e pelos grandes personagens do império. Cada funcionário se encarrega de cumprir os deveres do ofício que o soberano lhe confiou, de modo que êste possa assegurar sua autoridade e administrar seus Estados.

Por sua vez, o califado, ao qual a soberania temporal está subordinada, sob o ponto de vista a que nos referimos, exerce sua influência espiritual por meio de ofícios e de emprêgos que lhe são estritamente específicos, e que não se encontram fora do Islamismo. Vamos abordar êstes cargos; depois, trataremos dos que existem nos governos temporais.

Os cargos fundados sôbre a religião e a lei e subordinados ao Grande Imamato, isto é, ao Califado, são os de presidente da oração, o de Cádi (juiz), de Mufti, o de diretor da guerra contra os infiéis e o de Hisba. O Califado é, pois, por assim dizer, a mãe de todos êstes cargos, o tronco do qual nascem êstes ramos e ao qual estão ligados. Desfruta desta superioridade por caber a quem ocupar tão alto pôsto a superintendência de tôda a nação, a direção sem contrôle dos negócios espirituais e temporais e a aplicação geral das prescrições da lei.

A PRESIDÊNCIA OU IMAMATO DA ORAÇÃO — O pôsto de imame da oração (ou sua presidência) é o mais alto de todos os cargos que acabámos de enumerar: por sua natureza particular, é mais alto que a soberania (temporal), e que, pelo mesmo título que o imamato, se acha subordinado ao califado. Temos disso a prova na declaração dos Companheiros, ao encarregar o Profeta a Abu Bacr de o substituir na presidência da oração. Esta nomeação pareceu-lhes provar que o teria também designado como (futuro) substituto na administração política. "O Profeta, disseram, o escolheu para cuidar de nossos interesses religiosos; porque não o queremos para o cuidado de nossos interesses temporais?" Ora, se a presidência da oração não fôsse superior à direção dos negócios políticos, o seu raciocínio estaria errado.

Estabelecido êste princípio, diremos que as mesquitas das grandes cidades são de duas espécies. As da primeira categoria, são grandes, podem conter grande número de pessoas e são dispostas para a celebração da oração pública. As da segunda, servem para o uso de certas pessoas (1) ou para o serviço de certos estabelecimentos. A oração pública não se faz nestas últimas.

A administração das grandes mesquitas pertence ao califa; mas êste a pode delegar no sultão, no vizir ou no Cádi. Instala nela um imame para presidir às cinco oração diárias, à oração de sexta-feira, à das grandes festas, às orações especiais que se fazem na ocasião dos eclipses, ou para pedir a chuva. Para preencher estas funções, dá-se a preferência a um homem que a mereça e seja o mais digno por seu mérito reconhecido. Com esta precaução tira-se aos seus (subordinados) a vontade de ocultarem o mínimo de seus atos à vigilância que êle deve exercer no interesse geral. Os que consideram a oração de sexta-feira como uma instituição divina, dizem outro tanto do cargo de imame.

Quanto às mesquitas destinadas ao uso particular ou ao serviço de certos estabelecimentos, pertence à vizinhança o cuidado de as vigiar; tal trato não cabe nem ao califa, nem ao sultão.

Para o perfeito conhecimento das leis que regem o imamato das mesquita, das condições que regulam a escolha de

---

(1) — Isto é, das comunidades ou confrarias. As grandes mesquitas (Jami) são por assim dizer, as catedrais; as pequenas (masjid) são simples capelas. A cerimônia da oração pública de sexta-feira não pode ser celebrada senão com a presença de pelo-menos 40 pessoas. As grandes festas muçulmanas são: o rompimento do jejum no fim de Ramadan, e a festa dos sacrifícios ou Adha, que se realiza no dia 10 do mês de Dul-Hijja, setenta dias depois de Ramadan,. A desaparição do sol ou da lua por eclipses é conjurada pela "Oração Kussuf" ou "de Khussuf", segundo se tratar da lua ou do sol. As rogações para a chuva "Al-Istisca", são precedidas de três dias de práticas pias e de jejum. No fim da khotba, os fiéis se desfazem de suas roupas, tornam-nas pelo avêsso e a vestem. Outras práticas populares acompanham estas cerimônias oficiais sem que o elemento oficial e religioso tome nelas parte. Ver: G. Demombynes: Institutions. Musulm. p. 77 ss. (Nota dos Trad.).

um imame e da autoridade que lhe outorga seus poderes, podem consultar-se os tratados de jurisprudência. Acham-se estas matérias detalhadamente expostas no livro de Al-Mawardi (2): *Princípios Administrativos Temporais* (*Al-Hucam Al-Sultanya*) e em outros tratados conhecidos; é inútil, pois, determo-nos mais tempo sôbre êste particular.

Os primeiros califas reservavam para si a presidência da oração e não a confiavam a ninguém. Vejamos, a respeito disso, os que foram assassinados na mesquita no momento em que se fazia o apêlo à oração; vejamos como êles estavam prontos para ali se acharem nas horas canônicas. Isso prova que êles presidiam à oração em pessoa e não se faziam jamais substituir. Os califas da dinastia dos Omaiya, seguiram-lhes o exemplo, querendo guardar para si um ofício cuja alta importância grandemente apreciavam. Conta-se que Abd Al-Malic, um dos mais célebres entre os Omaiya, disse a seu mordomo: "Eu te confio a guarda de minha porta; sem minha licença, não deves deixar entrar ninguém, com exceção sòmente de três indivíduos: o meu cozinheiro, porque um prato retardado (e frio) nunca é bom; o *muazin,* que nos lembra a hora da oração e nos chama para Deus; o correio, que nos traz a correspondência; fazendo-o esperar arriscaríamos perder uma província". Quando se introduziu no califado o espírito da realeza com todo seu habitual cortejo, como, por exemplo, o assomo altaneiro e o orgulho que impedem o soberano de reconhecer os outros homens por seus iguais, quer perante Deus, quer perante os homens, os califas se fizeram substituir na presidência da oração. Às vêzes, porém, cumpriam, por si, estas funções, sobretudo nas duas festas e nas sextas-feiras, para com sua presença, realçar a dignidade dêste ofício. Muitos califas abbassidas adotaram êste uso, e os Obaiditas (Fatimitas) fizeram o mesmo no primeiro período de sua dominação.

---

(2) — Al-Mawardi (Abu'l-Huçan Ali), legista do rito chafeita e autor de muitas obras, morreu em Bagdá, em 450 (1058 de J. C.), com a idade de 86 anos. O texto árabe de Ahkam, obra de muita importância, e a que já referimos, foi publicada em Bonn, no ano 1853, por Enger. Depois foi reeditada muitas vêzes no Oriente e está em tôdas as mãos.

O CARGO DE MUFTTI — O califa escolhe, entre os legistas e os professôres, a pessoa mais capaz de preencher as funções de Mufti (3). Essa pessoa tem o apoio califal, que repele os outros que se apresentam como mufti, sem merecimento e competência. Por ser um ofício instituido para beneficiar os Muçulmanos no que toca aos preceitos e às práticas da religião, deve-se mostrar grande vigilância em impedir que homens sem mérito empreendam a explanação da lei induzindo o povo ao êrro. Os professôres designados para propagarem, por meio do ensino, as luzes do saber devem fazer suas reuniões dentro das mesquitas. Se fôr uma das grandes mesquitas, cujo imame e administração estão sob a vigilância do sultão, o professor não pode ministrar o ensino, sem autorização do príncipe. Querendo dar aula dentro de uma mesquita menor, a licença não é necessária. Aliás, todo mufti, todo professor deve possuir dentro de si seu próprio monitor que lhe impeça empreendimentos acima de suas fôrças; proceder de modo diferente seria desemcaminhar os que o tomam por guia e extraviar-se a si mesmo. Existe uma tradição que diz: "Quem entre vós fôr o mais ousado em dar "fatwa" ou opinião jurídica, é o mais ousado também para correr para o fundo do inferno". Por isso é que o sultão deve ser vigilante e não deve nunca perder de vista os interesses da comunidade, quer quando autorizar os doutores a se pronunciarem sôbre questões de direito, quer quando os impedir de fazê-lo.

O OFÍCIO DE CADI — Êste cargo também depende do califado, por consistirem suas atribuições em decidir entre os indivíduos que estão em litígio, em fazê-los cessarem os debates e as reclamações, mas sòmente por meio da aplicação dos artigos da lei que fornecem o Alcorão e a Sunna. Por tal motivo, êste ofício entra, com razão, nas atribuições do califado. Nos primitivos tempos do Islame, os califas exerciam pessoalmente êste encargo, e não o delegavam em ninguém. O primeiro a confiar a outrem esta função foi Omar; em Me-

---

(3) — O Mufti é o expoente máximo da lei, o oráculo que se consulta para todos os casos não previstos pelo Código; sua opinião faz autoridade.

dina, tomou como colega Abu Darda (4); designou a Churaih para ser Cádi em Basra e a Abu Muça Al-Achari (5) para ministrar a justiça em Kufa. Foi a êste personagem que dirigiu a mensagem bem conhecida acêrca dos deveres de Cádi e que abrange a todos. Nesta epístola diz: "Administrar a justiça, é uma obrigação rigorosa, um uso e um costume que se devem seguir. Sê atento em ouvir os queixosos e pronto a satisfazê-los, porque de nada serve reclamar seus direitos e não ser atendido, e dar uma sentença sem lhe dar aplicação. No teu semblante, no teu tribunal e na tua justiça, que haja para todos igualdade perfeita, para que o homem poderoso não conte com tua parcialidade e o fraco não desespere da justiça. É ao querelante que cabe fornecer a prova, e ao defensor, purgar-se por juramento. Entre Muçulmanos, a transação é lícita, enquanto não autorizar o que fôr proíbido e não proibir o que fôr permitido. Se pronunciaste na véspera um julgamento e, depois de madura reflexão, no dia seguinte, foste levado a retificar tua opinião, não hesites em voltar à verdade, porque a verdade é eterna; é preferível retroceder do que persistir no êrro. Deves pesar com muita ponderação as opiniões que te passam pela mente, e que não têm nem o Alcorão nem a Sunna por fundamento. Deves familiarizar-te com as semelhanças entre as coisas e suas analogias, para que possas ajuizar de cada coisa, de conformidade com as outras que lhes são parecidas. Se o pleiteante declarar no momento não estar munido do título ou prova que estabelece seu direito, deves adiar a causa para audiência ulterior, dando-lhe prazo necessário para que procure a prova ou documento. Se apresentar a prova, decide em seu favor; não a apresentando, condena-o. É a melhor maneira de desfazer as dúvidas e dissipar a ignorância. Os Muçulmanos podem ser "adel" uns dos outros (6), salvo os que sofreram uma pena corporal, os que foram convencidos de falso teste-

---

(4) — Abu Darda, cujo nome é "Uaimir Ibn Zaid, nativo de Medina, foi Companheiro de Muhammad. Distinguiu-se pela austeridade de sua vida e seu conhecimento da lei. Morreu em Damasco, onde fôra nomeado cadi por Omar, no ano de 31 H. (651-652 de J. C.).

(5) — Abu Muça Al-Achari, cf. p. 255 (416).

(6) — Ver pág. 410, o que é "Adel" e "Adala".

munho e os que são suspeitos de se darem como clientes ou membros de uma família que não seja dêles. Deus, que seu nome seja glorificado! é o único juiz que pode dispensar juramento e prova testemunhal. Durante as audiências, não te deixes levar por movimentos de impaciência ou de aborrecimento; não trates os pleiteantes com desprêzo. Tens que te lembrar de que Deus guarda uma grande recompensa e reserva uma menção honrosa para quem restabelecer a verdade e a colocar no devido lugar. Salve!".

Embora os califas computassem as funções de Cádi fazendo parte de suas atribiuções particulares, confiavam-nas a outras pessoas quando sobrecarregados de ocupações. Governar o Estado, fazer a guerra santa, conquistar países, guarnecer e proteger as fronteiras, em suma, manter alto o prestígio do Islame, eram deveres de muita importância para serem entregues a alguém que não fôssem êles mesmos. Todo o seu zêlo e energia eram absorvidos por tais cuidados. Não ligavam a mesma importância ao ofício instituido para dirimir os litígios entre as partes. Para aliviar o serviço, confiavam esta tarefa a outros, mas sempre a homens que se ligavam ao soberano de muito perto, quer por laços de clientela, quer pelos do sangue.

Os deveres atribuidos a um Cádi, como as qualidades que deve possuir, são sobremodo conhecidos. Acham-se expostos nos livros de direito, sobretudo nas obras que tratam dos princípios da administração temporal. Sob o govêrno dos califas, o Cádi ocupava-se sòmente de julgar os litígios; mas, adquiria gradativamente outras atribuições, à medida que os cuidados da administração absorviam a atenção dos califas e dos soberanos temporais. Chegou-se ao ponto de, ao Cádi, não sòmente caber decidir entre particulares, mas também ocupar-se de negócios que interessavam à comunidade muçulmana. Devia administrar os bens dos insensatos, dos órfãos, dos falidos, dos pródigos e de outros interditados; cuidar da execução dos testamentos e das fundações piedosas; casar os órfãos quando lhes faltavam os tutores, no caso em que o Cádi fôsse de rito que permitisse tal prática; cabia ao mesmo o policiamento das ruas e das construções; fiscalizava o modo de se conduzirem os testemunhos legais, os síndicos, os procura-

dores, devendo empregar para se inteirar da verdade o meio chamado de *"justificação"* e certificar-se de sua moralidade, idoneidade e do grau de confiança que mereciam. Eis aí as atribuições de um Cádi e em que consistem suas funções.

Antigamente, designavam os califas a um Cádi o encargo de "Revisor das injustiças" ou *"Nadhar al-Madhalim"* (7). Neste ofício, o poder do sultão junta-se à equidade do magistrado, para que êste último disponha de mão forte e se faça temer. Deve castigar a parte que lesou a outra e castigar o transgressor; deve êste magistrado efetivar, numa palavra, o que os Cádis ordinários e outros funcionários estariam na impossibilidade de fazer. Discute as provas testemunhais, inflige castigos extraordinários, recolhe simples indicações e fatos acessórios; difere a sentença judicial até completo desenvencilhar da verdade; encoraja os litigantes ao acomodamento, e obriga as testemunhas a depor sob a fé do juramento. Vê-se, pois, que tais atribuições são mais amplas que as do Cádi. Todos os califas, até ao reino de Al-Mamun, o abbassida, exerciam pessoalmente êste ofício; mas, em casos muito raros, confiavam-no a seus Cádis. Ali fazia-se substituir por Abu Idris Khaulani; Al-Mamun, por Iahya Ibn Actam; Mutacim, por Ibn Abi Daud.

Acontecia também colocarem os Cádis no comando de suas tropas, que, cada ano, invadiam o território dos Gregos, em cumprimento da obrigação de fazerem a guerra santa. Iahya Ibn Actam chefiava estas expedições no reino de Mamun; Mundir Ibn Said, o Cádi de Abd Ar-Rahman An-Nacir, o Omaiya andaluz, comandava seus exércitos (contra os Cristãos). Em suma, as funções dêste ofício eram exercidas pelo califa ou por um vizir delegado para o dito ofício, ou por um chefe que se atribuira a autoridade temporal.

Sob o reinado dos Abbassidas, sob os Omaiyas andaluzes e sob os Obaiditas (*Fatimitas*) do Magrib e do Egito, o chefe

(7) — Literalmente: "exame das queixas dos oprimidos". — Se o opressor fôr um homem poderoso, o Cádi comum poderia dar uma sentença contra êle, mas seria impotente de fazer cumprir a sentença. Para dirimir negócios desta importância, precisava constituir uma côrte especial, presidida por um Cádi revestido de poderes verdadeiramente extraordinários.

da Chorta (8) se encarregava dos assuntos criminais e da imposição das respectivas penas. Seu ofício era também uma instituição que tinha a religião por base. Sob as dinastias que acabámos de citar, exercia funções um pouco mais amplas que as do Cádi: podia agir movido por simples suspeitas; infligir penas arbitrárias antes da prova do crime; aplicar a pena legal, uma vez o crime verificado; tomar conhecimento dos delitos, exigindo a pena de talião; impor um castigo arbitrário ou uma repreensão a quem, tendo premeditado um crime, não o consumara. Mais tarde, com o advento das dinastias que não reconheciam mais as atribuições do califado, olvidou-se o carácter destas duas instituições, e uma delas, o *reajustamento das injustiças,* voltou para as mãos do sultão, fôsse êle mandatário do califa ou não.

Quanto às funções da *Chorta ou Polícia Judiciária,* repartiam-se em duas categorias: as da primeira consistiam em estabelecer a culpabilidade das pessoas suspeitas de crimes; aplicar-lhes as penas determinadas por lei; executar a mutilação dos criminosos quando o exigia a lei ou o direito de talião. Sob as dinastias de nosso tempo, o magistrado designado para preencher as funções da primeira categoria, deve deixar de lado a lei divina para julgar em conformidade com prescrições da lei política. Aplica-se-lhe umas vêzees o nome de *"Uáli"* (prefeito), outras vêzes o de *Chefe da Chorta.*

Quanto às funções da segunda espécie, o Cádi as acumulava com as outras atribuições. Consistiam em infligir penalidades arbitrárias aos malfeitores e penas legais que exerce na sua qualidade de Cádi. Esta organização conservou-se até nossos dias.

O *reajustamento das injustiças* não é mais um dêstes ofícios que o soberano reserva aos partidários devotados ao império. Enquanto o govêrno era um califado puramente religioso, confiava-se o cargo, que era de instituição religiosa, a pessoas do partido, cujo talento e zêlo eram conhecidos; eram Árabes e clientes que se tinham ligado à causa, quer por juramento, quer por laços de libertação ou por benefícios. Após a ruína do poderio temporal do califado, o poder con-

(8) — Ou chefe da Polícia. Dispunha de um corpo de cavalaria.

verteu-se em monarquia, e, como os cargos de que tratamos não eram monárquicos nem de origem, nem de nome, perderam, aos olhos do sultão ou do rei, parte de sua importância. Mais tarde, o poder escapou completamente das mãos dos Árabes para passar às mãos dos Turcos e dos Berberes, povos que prezavam ainda menos os ofícios que se fundam no califado, pouco familiarizados com a marcha e o espírito de tais ofícios. Para os Árabes, a religião constituia a única lei; o Profeta era de sua raça; as opiniões e ordenações do Profeta serviram para fixar-lhes as crenças, moderar-lhes a conduta e distinguí-los dos outros povos. Os estrangeiros que tinham usurpado o poder não eram animados de semelhantes sentimentos; mas testemunhavam certo grau de consideração aos homens que desempenhavam êstes cargos, por trabalharem ùnicamente a serviço da religião. Quando se tratava de darem um substituto a um dêstes oficiais, escolhiam, não um seu compatriota, mas um indivíduo que, sob os califas anteriores, se tivesse mostrado digno dêste ofício. Ora, as famílias dos referidos personagens, tendo vivido durante séculos na abundância que proporciona um govêrno regular, haviam trocado os hábitos rudes e austeros da vida nômade pelos hábitos de luxo e de bem-estar que se desenvolvem na vida sedentária; assim, alçadas a êstes pôstos, tais famílias eram pouco capazes de se fazerem temer. Foi a esta classe de pessoas que os cargos de que se trata foram reservados pelos soberanos que se sucederam aos califas na autoridade temporal. Tais funcionários não podiam pretender a um alto grau de consideração; nem sua origem, nem seus hábitos de sedentários (e de burgueses) lhes davam semelhante direito. Por isso, ficaram sujeitos ao descaso que atinge os citadinos, que, vivendo na abundância e não fazendo parte do partido que sustenta o govêrno, se tornam um pêso para o Estado, o único capaz de os proteger. Se o govêrno lhes testemunhar sinais de respeito, é por manterem a religião e aplicarem os preceitos da lei divina, preceitos que conhecem de cor e sôbre os quais devem fundamentar suas opiniões jurídicas. Não é devido a suas pessoas que o govêrno os trata com consideração, mas para mostrar que, ao dar-lhes um lugar de destaque nas audiências reais, tem um grande respeito para com a

hierarquia religiosa. Nestas assembléias, não exercem nenhuma influência, e não assistem a elas senão por mera formalidade. Sòmente pode exercer influência quem possuir poder; os outros, nada podem. O que se lhes pede e o que se quer dêles, é sua opinião jurídica e que se manifestem sôbre as consultas que se lhes dirigem acêrca das prescrições da lei. *Allah é quem favorece por sua graça.*

É opinião de certas pessoas que êste modo de proceder das autoridades temporais não está isento de êrro; pensam que não se poderia aprovar o procedimento dos reis que excluem os legistas e os Cádis dos conselhos do govêrno. O Profeta, argumentam, declarou que os (homens) sábios (e conhecedores) da lei são os herdeiros dos profetas. É preciso saber que esta opinião não está bem fundamentada: a própria natureza da sociedade impõe ao rei ou ao sultão obrigações que deve cumprir, se não quiser afastar-se das regras da sã política; mas não exige que vantagens temporais sejam outorgadas a simples legistas. O direito de assistir ao consêlho, de aprovar ou rejeitar uma opinião, não pode pertencer senão ao homem que, apoiado por um poderoso partido, possui o poder de ligar e desligar, de agir ou não agir, segundo sua vontade. Quem se achar sem sustentáculo, quem não fôr senhor de sua própria pessoa e não dispuser de meios para a própria proteção, quem estiver afinal de contas, sob o encargo de outrem, em virtude de que direito entraria no conselho? Por que motivo se lhe deveria consideração, quando se consentisse em ali o admitir? Êle seria certamente capaz de emitir uma opinião, não há dúvida, mas sòmente sôbre pontos jurídicos; quanto à política e à administração, nada de útil poderia dizer, sem nada conhecer dos partidos e ignorando até os princípios mais elementares destas ciências. Não devem os legistas aos próprios méritos as demonstrações de respeito que lhes dão os soberanos e os grandes dignatários do Estado; devem-nos muito mais ao sentimento que leva êstes personagens a criarem uma reputação de devoção ao mostrarem deferência aos homens ligados à religião de qualquer modo que seja. Quanto à palavra do Profeta que se citou, diremos que, para a maior parte dos legistas do século anterior e os de nossa época, o conhecimento da lei se reduz a uma quantidade

de sentenças relativas às práticas do culto exterior e à maneira de resolver cada litígio que se der nas relações dos homens entre si. A cada um que vier consultá-los, recitam uma desta máximas; os mais hábeis entre êles não vão além disso. Não se lhes pode aplicar a qualidade de sábios no conhecimento das leis, por não conhecerem da lei senão certos princípios, aplicáveis em número reduzido de casos. Mereciam os primeiros Muçulmanos e os que posteriormente se distinguiram por sua piedade e sua virtude esta reputação de sábios conhecedores da lei, porque se tinham aprofundado no estudo dela sem terem emprestado sua ciência a outrem, e são êles os herdeiros de que se trata. Tais foram os doutores que menciona a *Riçala de Cochairi* (9). Os que conhecem a fundo a lei e cujo saber lhes granjeou a reputação de grandes legistas, êstes são os sábios de que trata a tradição, eis os herdeiros! Tais foram os legistas da época dos "Tabiun" (10), os antigos muçulmanos, os quatro Califas chamados "Rachidun" (11) e os que lhes seguiram os passos. Quanto aos indivíduos que sòmente possuem uma dessas vantagens citadas (o conhecimento real da lei e a reputação de grande legista), aquêle que entre êstes se destacar por sua piedade merece mais a herança dos profetas do que o legista não devoto. Com efeito, o homem devoto herdou uma qualidade (a piedade), enquanto o outro nada herdou. Êste possui apenas algumas máximas relativas ao modo de se conduzir (em certos casos), e as declama de viva voz. Tais são os legistas de nosso tempo, salvo os *Que tiveram fé e praticaram obras pias; mas êstes são poucos.* (Alc. XXXVIII:32).

---

(9) — Cochairi (Abul Cacim Abd Al-Karim Ibn Hawazen), doutor do rito chafiita, se destacava por seus conhecimentos jurídicos, teológicos, e exegéticos em matéria corância, nas tradições, belas letras e poesia. Escreveu um grande comentário sôbre o Alcorão e muitos tratados sôbre o Soufismo. Durante certo tempo exerceu o magistério em Bagdá, e morreu em Nisapor em 1072 E. V. Seu tratado intitulado **Riçala** foi composto no ano 465 da H. e forma dois volumes.

(10) — Os Tabium são os discípulos dos antigos Companheiros de Muhammad.

(11) — São os quatro primeiros califas; traduz-se geralmente Rachidum por Ortodoxos.

O OFÍCIO DE "ADALA" — Êste ofício relaciona-se com religião; depende do de Cádi e se coloca sob o contrôle dêste magistrado (12). Consiste em servir de testemunha às partes, nas suas mútuas obrigações, e isso com a autorização do Cádi; em prestar seu concurso quando se tratar de transcrever o depoimento; em depor em juízo, se o ato der lugar à contestação; em inscrevê-lo nos registros para garantir a conservação dos direitos dos particulares, de suas propriedades, de seus créditos e de tôdas suas transações.

Dissemos: com a autorização do Cádi, porque ficou a sociedade em nossos dias tão misturada que sòmente o Cádi dispõe de meios para distinguir o homem virtuoso do homem viciado; por isso, devemos crer que êle escolha pessoas de proibidade bem reconhecida (*adala*) para intervirem nos negócios e nas transações dos particulares, com o fim de garantir a conservação de seus direitos.

As condições exigidas para o exercício destas funções são: distinguir-se pela integridade definida pela lei, estar ao abrigo da censura, saber redigir as atas e os contratos de modo satisfatório no que se refere à expressão, à redação e à disposição dos parágrafos, como também no que se refere ao emprêgo das formas exigidas pela lei para a validade das convenções e das obrigações. Torna-se necessário, pois, conhecer a parte do Direito que se relaciona com o assunto. Foi devido a estas condições e à necessidade de apresentar certa familiaridade com as formalidades legais e o manuseio de suas práticas, que estas funções foram confiadas com exclusividade a certas pessoas escolhidas entre os homens de reconhecida probidade. Poder-se-ia crer que êste emprêgo confira aos homens que o exercem seu título de homens íntegros, quando a verdade é outra: a integridade é a condição necessário para sua nomeação. O Cádi deve controlar o modo de proceder dêstes funcionários, para se assegurar da sua perseverança observando uma perfeita integridade. Não pode o magistrado deixar-se esmorecer neste ponto, nem permitir-se

(12) — De Sacy deu o texto e a tradução dêste parágrafo na sua Chrest. Ar. I P. 38 ss. O "adel" é assessor do Cádi, escrivão e notário.

o menor descuido, visto que depende sòmente dêle manter os particulares no gôzo de seus direitos, sendo êle o seu fiador responsável (perante Deus). O estabelecimento dêstes servidores nas atribuições já mencionadas é de uma grande utilidade; é por seu intermédio que o Cádi chega a aquilatar da moralidade e da probidade de qualquer indivíduo que não é sempre fácil de descobrir, sobretudo nas grandes cidades, e porque as aparências são muitas vêzes enganadoras. Sendo obrigados os juízes a se pronunciarem entre as partes adversas conforme provas autênticas, as mais das vêzes é segundo a declaração dêstes funcionários subalternos que formam sua opinião sôbre a validade dos títulos produzidos pelos pleiteantes. Em tôdas as grandes cidades, êstes oficiais possuem lojinhas ou estrado onde tomam assento para ali serem procurados pelos que precisam de contratos feitos perante testemunhas e de porem suas convenções por escrito. Assim, o têrmo *"adala"* serve igualmente para designar as funções do ofício que se acaba de definir e a probidade exigida pela lei, probidade que numa expressão bem conhecida, se acha associada (por oposição) com o têrmo *"jarh"* (13). Assim, êstes dois significados podem às vêzes encontrar-se reunidos no mesmo indivíduo; outras vêzes, não estão (14).

DOS CARGOS CHAMADOS "HISBA" E "SICCA" — A Hisba ou polícia municipal é um ofício que tem ligação com a religião. Seus deveres fazem parte dos que incumbem ao diretor dos negócios do povo muçulmano e consistem em ordenar o bem e proibir o mal. Para preencher êste ofício, o soberano escolhe um homem que lhe parece possuir as qualidades necessárias. Êste funcionário, a fim de executar os deveres que lhe impõe seu cargo, designa outros homens para ajudá-los nas suas funções. Trata de sanar os abusos, repreende os delinqüentes ou castiga-os, segundo o grau da culpabilidade cometida. Entra nas suas prerrogativas obrigar o povo a observar tudo o que requer o interesse comum dos

(13) — Jarh ua adala é equivalente de Tarjrih ua Tadil. C. supra.

(14) — Isto é: há homens probos que são notários, e há notários que não são probos. O autor tinha um grande desprêzo pelos homens da lei, seus contemporâneos, e não deixava nunca passar a ocasião de lançar-lhes seu sarcasmo.

habitantes da cidade. O (Muhtacib) (15), impede a obstrução das vias públicas, proíbe aos carregadores e aos barqueiros o excesso de carga para os homens, bestas e barcos. Obriga os proprietários das casas que ameaçam desabar a demolí-las, evitando assim os acidentes que poderiam ocorrer aos transeúntes. Suspende de suas funções o mestre-escola que, nas escolas em que se aprende a escrever e outros lugares de ensino, bate com excesso nas crianças. Suas funções não se limitam a fazer justiça quando uma contestação se lhe apresenta ou quando se recorre à sua autordiade; deve pôr ordem em tudo que chegar ao seu conhecimento e em tudo que lhe fôr denunciado nesta ordem de coisas. Todavia, suas atribuições não se estendem até ao ponto de se poder pronunciar sôbre tôda a espécie de reclamações, nem lhe compete dar execução às sentenças judiciárias. Suas atribuições se estendem sôbre tudo o que se relaciona com as fraudes e falsificações no comércio das substâncias alimentícias e outras coisas semelhantes, ou no uso dos pêsos e das medidas de capacidade. Recomenda aos devedores retardatários satisfazerem a seus credores, e se ocupa de coisas parecidas, em que não há provas testemunhais a receber, nem autoridade judiciária a exercer. Poder-se-ia afirmar que são negócios que os Cádis desdenham tratar, por serem comuns e de fácil solução, deixando ao *Mohtacib* o cuidado de ordená-los. Disso resulta que a *"Hisba"* é por sua natureza subordinada ao ofício de Cádi. Sob um grande número de dinastias muçulmanas, por exemplo, os Obaiditas (Fatimitas) do Egito e do Magrib, os Omaiyas da Andaluzia, as atribuições do *"muhtacib"* eram compreendidas dentro da generalidade dos poderes conferidos ao Cádi, e êste os delegava a quem queria. Mas, desde que o sultanato e o califado ficaram separados, tornando-se poderes distintos, e desde que tudo o que se relaciona com a administração temporal passou a figurar entre as atribuições do sultão,

---

(15) — O muhtacib ou oficial encarregado da Hisba: têrmo árabe que deu origem ao português Almotacé ou Almotacél. Esta importante instituição do mundo islâmico, passou para o mundo ibérico, quasi com as mesmas prerogativas, que foram transmitidas para o Novo Mundo. São Paulo antigo conheceu seu motacél muito tempo antes de ter seus fiscais municipais. (Nota dos Trad.).

o ofício de *Muhtacib* é classificado entre os que dependem da realeza, formando um cargo especial que se confere diretamente.

O QUE SE ENTENDE POR SICCA — É um ofício cujas funções consistem em inspecionar as espécies que têm curso entre os Muçulmanos; em impedir que se lhes altere a qualidade ou o pêso quando pagas por peça, fiscalizando tudo o que se relaciona com o assunto de qualquer maneira. Deve cuidar que as moedas levem gravado o tipo do sultão, para atestar-lhes o título e o quilate, tipo que se imprime nas moedas por meio de uma cunha de ferro destinada a êste fim e que reproduz uma legenda condizente com seu emprêgo. Coloca-se a cunha sôbre a peça de ouro ou de prata, depois que a moeda recebeu o pêso determinado, e bate-se-lhe com um martelo, até receber a estampa. Esta marca atesta que a moeda recebeu o grau de pureza a que se devem limitar a fusão e a afinação, limite que depende do uso habitual de cada país, autorizado pelo govêrno. Não existe um tipo absoluto e invariável de fusão e de afinação; êste título é arbitrário. Quando, num país, foi ajustado um certo grau de fusão e de afinação, interrompem-se neste grau estas duas operações, e chama-se a isso "imame" ou padrão, e "iar" ou módulo. É segundo êste título que se devem verificar as moedas; julga-se de sua qualidade comparando-as com êste mesmo título, e se forem de título mais baixo, são declaradas más. A fiscalização de tôdas estas operações é da comptência de quem está revestido do ofício da *"Sicca"*. Depreende-se de nossas observações que a *"Sicca"* faz parte dos postos que dependem da autoridade espiritual e se ligam ao ofício de califa. Antigamente entrava nas atribuições do Cádi; mais tarde, foi delas apartada e constitui até nossos dias uma função especial, como se deu também com o ofício de Muhtacib.

Depois de expor os ofícios que dependem da autoridade do califado, devemos indicar muitos outros, alguns dos quais foram suprimidos por não existirem mais os motivos que determinaram sua instituição, e outros que agora passaram para o domínio da administração temporal; assim, o govêrno das províncias, o vizirato, o comando do exército e a administração das finanças pertencem às atribuições do sultanato.

Falaremos dêstes cargos em seu devido lugar. A direção da guerra santa foi suprimida, porque, a maior parte dos Estados muçulmanos interrompeu o hábito de invadir os países dos infiéis. Nos reinos que mantiveram êste hábito, tal direção está incluída entre as instituições que dependem do sultanato. O sindicato dos "Cherifs" não mais existe; instituido com o fim de verificar as genealogias (dos que se dizem descender de Muhammad), para autorizar suas pretensões ao califado ou verificar seu direito a uma pensão pagável pelo erário público, êste ofício deixou de funcionar desde a queda do califado. Em resumo, constatamos que, na maior parte dos reinos do Islame, as atribuições do califado e suas instituições se acham absorvidas nas da soberania e da administração temporal. *Allah dirige os acontecimentos como quer.*

## XXX CAPÍTULO

### SÔBRE O TÍTULO DE AMIR AL-MUMININ

O título de *Amir Al-Muminin* ou Comandante dos crentes é um dos atributos do califado. Seu uso não data de uma época remota, mas do tempo dos primeiros califas. Depois de terem empossado a Abu Bacr, os Companheiros e o resto dos muçulmanos o designaram pelo título de Califa (ou sucessor) do Enviado de Deus, e continuaram a chamá-lo dêste modo até que morreu. Tendo depois jurado fé e prestado homenagem a Omar, conformando-se assim com a vontade de Abu Bacr, que o tinha designado por sucessor, intitularam-no de "o califa do califa do Enviado de Deus". Mas, reconhecendo em seguida como se tornaria incômodo êste modo de designar os califas, por se alongar além de qualquer medida o título de califa após cada nova investidura, o qual, pela multiplicidade dos têrmos, não poderia mais servir como designação precisa, e se tornaria ridículo, inclinaram-se a trocá-la por outra denominação que tivesse certa relação com ela. Davam

aos generais comandantes das expedições militares o título de "Amir", palavra derivada de "amara", comando, forma que os gramáticos chamam de "faîl" (1). Os Árabes, antes de sua conversão ao islamismo, davam ao Profeta os títulos de "Amir da Meca" e "Amir do Hijaz". Os Companheiros chamavam a Saad Ibn Abi Uacass de "Amir Al-Muslimin" ou comandante dos Muçulmanos, porque tinha exercido o comando em chefe quando da batalha de Cadissiya. Tendo um dos Companheiros chamado Omar por "Amir al-muminin", foi esta denominação aprovada e adotada. O primeiro que lhe aplicou êste nome, dizem que foi Abdallah Ibn Jahch (2) ou, segundo outros, Amr Ibn Al-Aci ou Moguira Ibn Choba. Segundo uma outra versão, um mensageiro, trazendo notícia de uma vitória, chegou a Medina e perguntou: "Onde está o comandante dos crentes?" Os Companheiros que o ouviram, excalamaram: "Por Allah! tens razão; êle é de fato o comandante dos crentes!" Desde então chamaram a Omar por êste nome e o resto do povo seguiu-lhes o exemplo. O título passou como herança aos califas seguintes. Os da dinastia dos Omaiyas o reservaram para si de maneira especial e não permitiam que alguém o usasse. Resolveram então os Chiitas designar Ali pelo título de imame, para fazerem sentir que sòmente a êste pertencia a dignidade do imamato, denominação gêmea do califado, e que, segundo suas doutrinas heréticas, êle tinha mais direito ao imamato da oração que Abu Bacr. Deram também o título de imame aos que consideravam como seus sucessores no ofício do califa. Durante o tempo que trabalhavam às ocultas para fazerem valer os direitos de algum dêstes príncipes, designavam-no pelo nome de imame; mas, logo que o colocavam à testa do império, trocavam esta denominação e passavam a chamá-lo de *"amir al-muminin"*. Os partidários da família abbassida fizeram o mesmo: chamaram seu chefe de imame, até à época em que

---

(1) — Em árabe os vocábulos são formados segundo "moldes", que servem de "padrão" para a sua designação e o conceito geral que encerram.

(2) — Isto não podia ter acontecido: Abu Muhammad Abd-Allah Ibn Jahch, um dos mais antgios Companheiros, foi morto na batalha de Ohod, no ano 3 da H.

proclamaram os direitos de Ibrahim ao califado e organizaram tropas para combater seus inimigos. Morrendo Ibrahim, deram a seu irmão As-Saffah (O Sanguinário) o título de *Amir al-muminin*. Os Rafiditas (3) da Ifríkya seguiram o mesmo sistema: atribuiram o título de imame a certos príncipes descendentes de Ismail (4) e só quando do advento de Ubaid Allah Al-Mahdi é que aplicaram a êste o título de Amir al-muminin. Agiram da mesma maneira com seu filho e sucessor, Abu'l-Cacim; chamaram primeiro a ambos, pai e filho, de imame, e atribuiram-lhes o título de Amir al-muminin, quando subiram ao trono. No Magrib, os partidários de Idris designavam êste príncipe e seu filho, Idris II, pelo título de imame. Tal foi o uso dos Rafiditas.

Transmitiam os califas aos sucessores, como herança, o título de Amir al-muminin; faziam dêle o sinal distintivo com que se reconhecia o soberano do Hijaz, da Síria e do Iraque, regiões que formavam o domicílio da raça árabe, o núcleo central do império, o jardim onde a religião tomou raiz, assim como a vitória. O império muçulmano estava ainda em tôda sua pujança e poderio quando se introduziu o uso de novos títulos com o fim de distinguir um califa de outro, visto o título de Amir al-muminin ser comum a todos. Foi dos Abbassidas que partiu o exemplo; querendo impedir que seus verdadeiros nomes fôssem profanados e ofuscados pelo uso que a gente do povo dêles fazia, para os designarem adotaram sobrenomes tais como As-Safah, Al-Mansur, Hadi, Mahdi (5), Ar-Rachid e muitos outros, até findar a dinastia. Os Obaiditas (Fatimitas) de Ifríkya e do Egito, seguiram também o mesmo sistema; mas os Omaiyas não o adotaram. Os Omaiyas que ocuparam o trono no Oriente e que formavam a primeira dinastia da família conduziam-se em tudo com a simplicidade e a rudeza dos primeiros tempos; tinham con-

---

(3) — Rafiditas, os Chiitas partidários dos Fatimitas.

(4) — Ver supra.

(5) — Seguindo a ordem cronológica, Mahdi deve preceder Hadi. Eis a sua sucessão: Ar-Saffah, 750-754; Al-Mansur, 754-775; Mahdi, 775-785; Hadi, 785-786; Ar-Rachid, 786-809; Al-Amin, 809-813; Al-Mamun, 813-833; Al-Mutassim, 833-842; Wathik, 842-847; Mutawakil, 847-861; Muntasir, 861-862; etc. (Nota dos Trad.).

servado o carácter e os sentimentos que distinguem os Árabes nômades, e, entre êles, as marcas particulares reveladoras do hábito de viver nas cidades não tinham substituido os usos e costumes próprios aos habitantes do deserto. Os Omaiyas da Andaluzia seguiram o modêlo que lhes deixaram seus ancestrais do Oriente; negaram-se a usar o título de Amir al-muminin, por acreditarem não deverem atribuir-se o dito título enquanto não estivessem na posse do califado, que os Abbassidas lhes tinham arrebatado no Oriente, e também, enquanto não possuissem o Hijaz, berço do povo árabe e da religião. Viam-se muito afastados da sede do califado, do centro da nacionalidade muçulmana. Foi justamente com o fim de se garantir, contra os Abbassidas, que trabalhavam sempre para perdê-los, que procuraram estabelecer-se num país distante como a Andaluzia. Nos começos do século IV da H., Abd Ar-Rahman ascendeu ao trono e tomou o sobrenome de An-Nacer. Era filho de Abdallah, filho de Muhammad, filho de Abd Al-Rahman II. Durante o seu reinado, soube-se que os clientes dos califas do Oriente mantinham os soberanos sob tutela e os impediam de se comunicarem com quem quer que fôsse. Soube-se também que levavam a audácia até os maltratarem, depô-los, substituí-los, assassiná-los e furar-lhes os olhos. Abd Al-Rahman resolveu então adotar os usos que seguiam os califas do Oriente e os de Ifríkya. Tomou o título de Amir al-muminin e o soberano de *An-Nacir Li Din Allah* (A ajuda da religião de Allah). Seu exemplo tornou-se uma regra para os sucessores, mas era desconhecido entre seus antepassados no Oriente. Manteve-se êste uso na côrte andaluza até que a ruína total do partido árabe arrastou o califado para a derrocada final. Libertos de origem estrangeira arrebataram o poder aos Abbassidas. No Cairo, os protegidos dos Fatímitas trataram seus príncipes do mesmo modo. Os Sanhaja tornaram-se senhores da Ifríkya. Os Zanatas fundaram um império no Magrib. Os régulos na Andaluzia dividiram entre si os despôjos do Estado Omaiya; foi assim que se consumou o desmembramento do império muçulmano.

Os príncipes que assumiram o poder, tanto no Oriente como no Ocidente, tomaram primeiro o título de *sultão,* em

seguida, acrescentaram a êste título outros mais, que variavam segundo os países. Os soberanos de raça estrangeira, no Oriente, ostentavam títulos que os califas lhes tinham dado e que exprimiam a idéia de submissão, de obediência ou de fidelidade. Tais foram os sobrenomes de Charaf ad-Daula, (a nobreza do império), Adud-ad-Daula (o braço do império), Rokn-ad-Daula (coluna do império), Moizz-ad-Daula (o que exalta o império), Nacir-ad-Daula (que dá o triunfo ao império), Nizam-al-Mulk (ordenador do império), Baha-ul-Mulk (esplendor do império), Dakhirat-ul-Mulk (tesouro do império), etc.

Os Emires de Sanhaja, a quem os Obaiditas conferiram títulos de honra, não quiseram atribuir-se jamais outros títulos, mesmo quando usurparam a autoridade que lhes fôra confiada por êstes. Movidos por um sentimento de respeito, abstiveram-se de tomar os títulos que pertenceram especialmente aos califas. Foi assim que os usurpadores e os ministros que tiveram os soberanos sob tutela agiram em todos os tempos, como já o temos feito observar.

Nos últimos tempos do califado, quando o partido que o tinha sustentado ficou aniquilado, os soberanos de origem estrangeira que substituiram os califas no império do Oriente não se contentaram mais com os títulos que êstes lhes tinham conferido; logo que sua usurpação os alçou a tão alto pôsto e os investiu de tão grande autoridade no império, apressaram-se a apoderar-se dos títulos reais, como o de An-Nacir, (quem ajuda), Al Mansur (o ajudado por Deus na vitória). Querendo mostrar que se tinham emancipado do jugo da clientela, substituiram a palavra "din" (religião) à palavra "daula" (império) e fizeram-se chamar: Salah-ad-Din, (a prosperidade da religião), Açad-ad-Din (o leão da religião) e Nur-ad-Din (A luz da religião).

Os soberanos dos pequenos Estados andaluzes dividiram entre si os títulos consagrados ao califado. Pertencendo à mesma raça que os califas e ao mesmo partido (o dos Árabes), tinham-se aproveitado de sua posição para adquirirem uma grande influência que lhes permitiu tomarem conta do poder. Deram-se os títulos de An-Nacir, de Al-Mansur, de Al-Mutamid (que se apoia em Deus), de Al-Mudaffar ( o muitas

vêzes vitorioso), etc. Foi contra êstes "reizinhos" que Ibn Charaf disse no seu epigrama:

*O que me aborrece nas terras da Andaluzia são êstes nomes de Mutacim e de Mutadid; títulos imperiais mal empregados, que fazem pensar no gato, que se incha para parecer leão.*

Os Emires de Sanhaja, que receberam dos califas Obaiditas seus títulos de honra, como o de Nacir-ad-Daula, de Saif-ad-Daula (espada da religião), Muiz-ad-Daula (que torna o império glorioso), etc., não procuraram outros. Guardaram êstes mesmos títulos, mesmo quando deixaram a causa dos Obaiditas, para aderirem à dos Abbassidas. Tempos depois, tendo-se desligado do partido abbassida, acabaram por olvidar completamente os Abbassidas e deixaram cair no esquecimento os títulos que tinham levado. Desde então, contentaram-se com o de *sultão*. No Magrib, os Emires da tribo de Magraua, ainda conservando seus hábitos rudes e simples da vida nômade, tomaram o título de *sultão* e não procuraram outro. Apagada, no Magrib, a lembrança dos califas que não tinham mais ninguém para ali os representar, Yuçuf Ibn Taschefin, rei de um povo berbere chamado os "Lamtuna", apareceu neste país e conquistou-o, assim como a Andaluzia. Como era homem muito religioso e disposto a seguir os bons exemplos dos antigos, tomou a resolução de reconhecer a autoridade do califa e de cumprir com todos os deveres de um bom muçulmano. Dirigindo uma declaração de fé e de homenagem ao califa abbassida Mustadhir, encarregou de serem seus portadores Abdallah Ibn Al-Arabi e o Cádi Abu Bacr Ibn Al-Arabi, filho dêste e um dos principais doutores de Sevilha. Êstes mensageiros eram incumbidos de pedir para seu amo sua confirmação, por diploma, no govêrno do Magrib. Quando de volta, apresentaram-lhe o documento pedido, que o autorizava a usar vestes e ter bandeiras semelhantes às dos Abbassidas, e a tomar, como marca de honra tôda especial, o título de "Amir ul-Muslimin" (príncipe dos Muçulmanos). Conta-se que se tinha já anteriormente dado êste mesmo título, não querendo usar o de "Amir al-Muminin", por causa de seu grande respeito à dignidade califal, e por terem seus Almoravidas grande empenho em observar os

preceitos da religião e da Sunna. O Mahdi que apareceu em seguida aos Almoravidas, convidou os homens a sustentarem a causa da verdade, e censurou vivamente aos habitantes do Magrib seu alheamento para com as doutrinas de Al-Achari, teólogo de quem se tinha declarado partidário. Censurou-os também por seu apêgo ao princípio seguido pelos antigos Muçulmanos, os quais, em lugar de explicarem o Alcorão segundo o espírito, o tomavam no seu sentido literal, o que, segundo os Acharitas, conduzia a resultados gravíssimos, como o antropomorfismo, por exemplo. Deu a seus partidários o nome de *Al-Muahidin* (Almohadas ou Unitários), maneira indireta de condenar a doutrina dos Almoravidas. Professava a mesma teoria que os partidários da família do Profeta sôbre o *imame impecável* "cuja existência, dizem, é absolutamdente necessária, em todos os tempos, para a manutenção da ordem do universo". Começou por se fazer chamar de imame, para se conformar com o uso dos Chiitas, que designavam o califa por êste nome; em seguida, acrescentou a palavra "Ma'ssum" ou *impecável*, para significar que, na sua doutrina, o imame deve ser isento de pecado. Seus partidários abstiveram-se de o intitular de "Amir al-Muminin", por escrúpulo de se afastarem da prática seguida pelos Chiitas dos tempos antigos, além de que imaginavam que êste título o poria no mesmo nível dos homens ignorantes e dos jovens inconsiderados que formavam a posteridade dos califas, tanto no Oriente como no Ocidente. Abd-ul-Mumin, a quem legou o poder, tomou o título de Amir-ul-Muminin e transmitiu-o aos descendentes. Mais tarde, os Hafsidas da Ifríkya, procederam do mesmo modo. Reservaram-se êstes príncipes o dito título e não permitiam que ninguém mais o empregasse. Conformavam-se neste modo de proceder, com o que o Mahdi, fundador de sua seita, tinha prescrito, e com sua própria convicção de que êste personagem e seus sucessores eram os únicos que possuiam o direito ao exercício da autoridade suprema, desde que desaparecera o partido dos Coraix, sustentáculo do antigo Califado.

Quando o govêrno do Magrib se desorganizou, os Zanata (os Merinidas) tomaram conta do poder. Os primeiros soberanos da nova dinastia que conservavam ainda os costumes

rudes e simples da vida nômade, modelaram-se conforme o exemplo dos Lamtuna (os Almoravidas) e contentaram-se com o título de Amir-ul-muslimin. Agiam assim pela consideração que lhes inspirava a dignidade califal, cuja autoridade respeitavam, isto é, do califa descendente de Abd-al-Mumin, mais tarde, do califa hafsida. Os soberanos Zanatinos que ocuparam o trono nos últimos tempos não tiveram escrúpulo em se atribuirem o título de Amir-ul-muminin, título que usam até hoje. Desta maneira, satisfizeram às exigências da dignidade real, cuja ação se devia ampliar completando-lhe as atribuições.

## XXXI CAPÍTULO

### SÔBRE O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS: PAPA, PATRIARCA: TÊRMOS EMPREGADOS PELOS CRISTÃOS; E SÔBRE O DE COHEN, EM USO ENTRE OS JUDEUS

A religião tem necessidade de um chefe que a mantenha na ausência do Profeta. Êste chefe obriga o povo a conformar-se com as prescrições e as ordenações da lei revelada. É, por assim dizer, o lugar-tenente do Profeta, seu substituto, encarregado de cuidar do cumprimento dos deveres que êste impôs. Os homens, temo-lo dito, são obrigados a agruparem-se em sociedade, e, se desfrutam as vantagens de um govêrno regular, não poderão dispensar uma pessoa que os dirija para o que lhes seja melhor e que os obrigue a se afastarem do que poderia ser-lhes prejudicial. Esta pessoa chama-se *o Rei*. No Islamismo, a guerra contra os infiéis é de obrigação divina, por se endereçar esta religião a todos os homens e por terem êles a obrigação da a abraçar de boa vontade ou pela fôrça. Estabeleceu-se, pois, entre os Muçulmanos, a soberania espiritual e a soberania temporal, para que os dois poderes se empregassem no consecução dêste duplo fim. As outras re-

ligiões não se dirigem à totalidade dos homens; por isso, não impõem nenhum dever de combater os infiéis, mas, permitem sòmente que se combata para a própria defesa. Por esta razão, os chefes destas religiões não se ocupam em absoluto com a administração política. O poder temporal está entre as mãos de um indivíduo que o obteve por um acaso qualquer ou em conseqüência de um arranjo com o qual nada tem que ver a religião. Estabeleceu-se a soberania entre êstes povos, porque o espírito de classe os leva, por sua natureza, a procurar um chefe, como já dissemos; a religião não lhes impunha esta instituição, visto não lhes prescrever conquistar os outros povos, como ordena o Islamismo. Não são obrigados a cuidar da religião exceto no interior da própria nação. Os Israelitas, desde a época de Moisés e de Josué, passaram cêrca de quatro séculos sem pensar em fundar um reino, tendo por única preocupação manter a religião. O chefe que se incumbia desta vigilância e conservação da fé, levava, entre êles, o nome de *"cohen"*, substituto do Moisés, que por assim dizer, dirigia o cerimonial da oração e dos sacrifícios. Para se revestir destas funções, devia pertencer à posteridade de Arão, porque, segundo a revelação divina, estas atribuições pertenciam a Arão e seus filhos. Para darem consistência à administração política, instituição natural aos homens, escolheram setenta cheiques, (chefes ou velhos), aos quais confiaram a aplicação das leis que regulavam os interesses da comunidade. O Cohen, encarregado dos negócios da religião, livre dos embaraços da política, ocupava uma dignidade que o colocava acima dêstes funcionários. Em conseqüência desta organização, o espírito nacional tornou-se mais vigoroso, as fôrças que impulsionam na direção da realeza desenvolveram-se francamente, o povo judáico pôde arrebatar aos Cananeus o território de Jerusalém, país que Deus, falando pela bôca de Moisés, lhes tinha assegurado como herança. Fizeram então frente aos ataques dos povos da Palestina, como os Cananeus, os Armen (1), os Edomitas, os Amonitas e os Moabitas. Durante cêrca de quatrocentos anos, combateram sob

(1) — O têrmo Armen designa habitualmente os Armênios; mas aqui o Autor parece se referir aos **Amorreus.**

as ordens de seus Cheiques, e nenhum dêstes foi tentado a usurpar a autoridade suprema. Cansados, afinal, desta luta prolongada contra tantos povos, os Israelitas pediram a Deus, por intermédio de Samuel, um de seus profetas, a permissão de elegerem um rei. Saúl, a quem se deferiu a autoridade real, subjugou muitos povos, e Golias, rei dos Filisteus, perdeu a vida. Depois de Saúl, a realeza passou para David. Durante o reino de Salomão, que sucedeu a David, o império judeu tornou-se temível; prolongou-se através do Hijaz até às fronteiras do Iaman e, do outro lado, confinou com o território dos Gregos. Após a morte de Salomão, as doze tribos romperam os laços que as uniam e organizaram-se em duas nações distintas, resultado inevitável do espírito de partido em todos os impérios. Uma destas nações, composta de dez tribos, ocupava o território de Naplus; a sede de seu império era Sebasta (Samaria ou Sichem), cidade que, desde os tempos de Nabuchodonosor, ficou em ruínas. A outra, formada pelas tribos de Judas e de Benjamin, estava de posse de Jerusalém, na Síria. Mais tarde, o mesmo Nabuchodonosor, rei de Babilônia, tirou às dez tribos o reino que tinham em Sebasta; em seguida, conquistou a cidade de Jerusalém contra os descendentes de Judas, depois dêste reino ter durado mais de mil anos (2). Destruiu o seu templo, queimou o seu Pentateuco, aboliu a sua religião, e transportou para Ispahão e o Iraque as tribos que tinha vencido. Setenta anos mais tarde, um rei da família dos Caiani, que governava a Pérsia, os mandou de volta para Jerusalém. Recostruiram então o Templo, restabeleceram a religião na sua antiga forma, e puseram-na sob a direção dos Cohen; mas a administração temporal ficou entre as mãos dos Persas. Alexandre, o Grande, e os filhos dos Iônios (Helenos) vencendo os Persas, estenderam sua dominação sôbre os Judeus. Mais tarde, como o poderio dos Gregos veio a enfraquecer, os Judeus, fortes pelo espírito comunitário natural que os caracteriza, sacudiram o jugo do estrangeiro e entregaram aos Cohen da família

(2) — O reino de Judá durou trezentos e setenta e seis anos. O autor quiz sem dúvida se referir à nacionalidade Judáica e dizer que ela tinha durado cêrca de mil anos.

de Asmonea (3) as rédeas do govêrno. Combateram os Gregos até que seu poderio fôsse aniquilado (4), e, vencidos pelos Romanos, passaram a ficar sob o seu domínio. Tempos depois, os Romanos marcharam contra Jerusalém, onde residiam os descendentes de Herodes, que eram ligados por laços de casamento aos Asmoneus. Sitiando os Judeus na cidade de Jerusalém, último resto de tão grande império, tomaram-na de assalto e reduziram tudo a fogo e sangue. Jerusalém foi destruída e os habitantes, deportados para Roma e para os países situados para além dela. Assim foi destruído o Templo, pela segunda vez. Os Judeus dão a esta época o nome de *"a grande expatriação"*. Desde então, o povo judeu não possui mais reino algum; e, não sendo mais apoiado por nenhum espírito de grupo, ficou na dependência dos Romanos e das nações que vieram a suceder-lhes. É ao chefe chamado Cohen que cabe o cuidado de dirigir os negócios de sua religião.

O Messias trouxe para os Judeus uma doutrina religiosa e revogou muitas prescrições do Pentateuco. Operou milagres assombrosos, curando pessoas vítimas da loucura e fazendo os mortos voltarem à vida, a vista aos cegos e curando os leprosos. Uma grande multidão acudiu ao pé dêle e teve fé na sua missão. O número dos fiéis foi aumentado pelo esfôrço dos Apóstolos, seus discípulos, que eram em número de doze, e dos quais mandou muitos para as diversas partes do mundo para ensinarem e propagarem sua religião. Ocorreu isso sob o reino de Augusto, primeiro dos reis chamados Césares, e sob a administração de Herodes, soberano dos Judeus, que tinha tirado o poder a seus parentes, os Asmoneus. Os judeus invejaram o Messias e o trataram de mentiroso; Herodes denunciou-o a César Augusto, numa mensagem que lhe endereçou. Augusto deu-lhe autorização de o matar. Então, houve o que no Alcorão se lê a respeito do Messias. Os Apóstolos dispersaram-se pelo mundo para lhe ganharem mais adeptos, indo a maior parte dêles para o império romano a difundir a doutrina cristã. Pedro, o chefe dos Apóstolos, estabeleceu-se

---

(3) — Os Macabeus, em árabe Banu Hachmonai.

(4) — O que há de equívoco na tradução se acha no texto.

em Roma, capital dos Estados dos Césares. Em seguida, puseram por escrito o Evangelho, que Jesus recebera do céu. Fizeram quatro exemplares (ou redações) dêste livro, para representarem o texto tal como lhes fôra transmitido por diversas vias. Mateus escreveu seu evangélho na língua hebráica; João, filho de Zebedeu, traduziu-o em língua latina; Lucas, escreveu-o em latim, para a instrução de certos grandes personagens entre os Romanos. João, filho de Zebedeu, escreveu o seu em Roma. Pedro escreveu um evangélho em língua latina e o pôs sob o nome de Marcos, seu discípulo. Estas quatro redações do Evangélho não concordam entre si; aliás, não se compõem inteiramente de uma revelação pura: inseriram-se nelas os discursos pronunciados por Jesus e por seus Apóstolos. Encerram grande número de conselhos e de histórias, mas muito pouco de ordenações. Tempos depois, os Apóstolos reuniram-se em Roma para redigirem as regras da religião, e foi Clemente, discípulo de Pedro, que as consignou por escrito. Acham-se ali indicados os livros que devem ser aceitos (como inspirados) e com cuja doutrina se devem conformar as ações de cada um. Da antiga lei judáica, os ditos cânones mencionam os livros seguintes:

*O Penttateuco,* em cinco volumes; — *O livro de Josué;* — *O livro dos Juízes;* — *O livro de Ruth;* — *O livro de Yehude* (Judith?); — *Os quatro livros dos Reis;* — *Os Paralipômenos,* um volume; — *O livro dos Macabeus,* em três volumes, por Yussif Bem Gorion (5); — *O livro de Azra, o Imame,* (Esdras); — *O livro de Esther e a História de Haman;* — *O livro de Job, o sincero;* — *Os Psalmos de David;* — *Os cinco livros compostos por Salomão;* — *As Profecias dos 16 grandes e pequenos Profetas;* — *O livro de Yucha Bem Charekh,* vizir de Salomão.

No que se relaciona com a Lei de Jesus, os mesmos Cânones especificam:

*Os quatro Evangélhos transmitidos pelos Apóstolos;* —

(5) — São Jerônimo considerava Josefo como o autor do Livro dos Macabeus. Ibn Khaldun confundiu o autor das Antiguidades Judáicas com o falso Josefo, cuja obra em hebráico foi composta durante o século VII ou VIII de nossa era.

*O livro de Paulo, contendo catorze Epístolas; — O livro das sete Espístolas Católicas; — uma oitava Epístola, intitulada Praxis, e contendo os Atos dos Apóstolos; — O livro de Clemente, contendo as Máximas (as Constituições Apostólicas); — O livro da Apocalipse, contendo a Visão de João, filho de Zebedeu.*

Os Imperadores Romanos ora abraçavam esta religião e tratavam os Cristãos com honra, ora a rejeitavam e infligiam aos que a professavam a pena de morte ou o exílio. Êste estado de incerteza prolongou-se até o advento de Constantino e sua conversão ao Cristianismo. Desde então, todos os Romanos a êle aderiram e se fixaram neste credo. Quem está à testa desta religião e se encarrega de fazer observar seus preceitos chama-se "Batrak" ou Patriarca; os cristãos o consideram como chefe da religião e substituto do Messias. Aos agentes reprensentantes que envia até às nações cristãs mais distantes, dá-se o nome de "Oscof" (opíscopo) ou Bispo, que quer dizer substituto do patriarca. O imame que preside a oração e que se consulta sôbre questões religiosas tem o nome de "Cassis" ou Padre. Os que entre êles renunciam ao mundo para viverem no isolamento e se dedicarem às práticas da devoção recebem o nome de "Rahib" ou monge. Ordinàriamente encerram-se em celas ou tendas.

Pedro, o chefe dos Apóstolos, comandava a todos os discípulos que se achavam em Roma. Ensinou ali a religião cristã até que Nero, o quinto César, o entregou à morte, em companhia de outros patrícios e bispos. Arbus foi seu sucessor na sede pontifical de Roma. Marcos, o Evangelista, pregou durante sete anos no Egito, em Alexandria e no Magrib. Teve como sucessor Hanania. Êste foi o primeiro que,no Egito, usou o título de "Batrac" ou Patriarca. Instalaram-se em seu redor doze Padres, para que um dêles o substituisse em caso de morte, e deram ao novo eleito um sucessor escolhido na corporação dos fiéis. A nomeação do Patriarca estava, pois, entre as mãos dos sacerdotes. Mais tarde, graves dissenções surgiram entre os Cristãos a respeito dos dogmas e dos fundamentos da religião; foi preciso reunir em Nicéa, no reinado de Constantino, uma grande assembléia com o fim de fixar a verdadeira doutrina. Trezentos e dezoito bispos,

achando-se de acôrdo sôbre estas questões redigiram uma declaração de princípios, que intitularam "Amana" (a caução ou Símbolo), e que devia servir de regra de fé para o futuro. Um dêsses decretos estipulava que a escolha do Patriarca incumbido de cuidar da religião não devia ser deixada ao cuidado dos sacerdotes, não obstante Anania, o discípulo de Marcos, tivesse estabelecido êste modo de eleições, que a nomeação devia ser feita por uma assembléia composta de Imames e dos chefes dos fiéis. Esta regra continua em vigor até nossos dias.

Tendo certos dogmas da religião provocado controvérsias, houve muitas reuniões com a finalidade de fixar a verdadeira doutrina; mas a eleição dos Patriarcas não foi mais objeto de nenhuma contestação, até hoje; portanto, consideram-se sempre os bispos como os representantes do Patriarca. Os bispos davam a êste prelado o nome de pai, para lhe testemunharem seu respeito. Os padres davam o mesmo título de pai aos bispos, quando o Patriarca não estava presente. Com o andar dos tempos, o significado dêste têrmo perdeu sua precisão. Na época em que Heráclio (6) foi elevado à sede patriarcal de Alexandria, procurou-se um novo título com que distinguir os Patriarcas dos Bispos. Adotou-se a palavra "Baba" que significa *"o pai dos pais"*. Jorjos Ibn Al-Amid (7) nos ensina, na sua crônica, que êste título foi empregado em primeiro lugar no Egito. Foi aplicado, depois, ao prelado que ocupava a mais alta das sedes episcopais, a de Roma, que Pedro o Apóstolo tinha ocupado. O Patriarca de Roma conserva êste título ainda nos dias de hoje.

Os cristãos, tendo de novo divergido de opinião relativamente aos dogmas, dividiram-se em muitas seitas, cada uma das quais invocou o apoio do respectivo soberano entre os reis cristãos. Esta diversidade de opinião durou muitos séculos, dando uma seita nascimento a outra; mas acabou por não se distinguirem senão três principais: Os Melkitas, os Jacobitas e os Nestorianos. Não julgamos conveniente manchar

(6) — Segundo Eutíchios, a nomeação de Eráclio se deu no primeiro ano do reino de Alexandre Severo, 222 de J. C.

(7) — O historiador Elmacin, tinha por sobrenome o de Ibn Al-Amid.

nossas páginas relatando suas opiniões sacrílegas, que, aliás, são geralmente assaz conhecidas. Tôdas estas doutrinas são falsas, como declarou o Alcorão. Não temos que discutir ou argumentar com êles a êste respeito; o que temos a dar-lhes são três coisas: o islamismo, a capitação ou a morte.

Cada seita teve em seguida seu Patriarca; o de Roma tem o título de Baba, e professa a doutrina melkita. Roma pertence aos Francos e se acha sob a autoridade de seu rei. O Patriarca dos Cristãos tributários (do Islame) que habitam o Egito, pertence à seita dos Jacobitas e reside no meio das suas ovelhas. Como os Abissínios professam a mesma doutrina, o Patriarca faz-se representar naquêle país por bispos que mandam para dirigirem os Abexins no exercício da religião. Em nossos dias, o título de Baba não se dá senão ao Patriarca de Roma, porque os Jacobitas não o usam mais. O *b* dêste nome deve ser articulado com certo ênfase (8), e o segundo *b* redobrado. "O Papa" faz questão de incitar todos os Francos a receberem a autoridade de um só rei, que será o árbitro de suas dissenções. Êle espera, mediante êste ajuste, impedir que a desunião se instale na comunidade, e conseguir acalmar o espírito de partido, que é, entre êles, a paixão predominante, o que lhe permitirá ter, dêste modo, todos êstes povos sob seu contrôle. Chama-se êste soberano "Imperathor": o *th* dêste nome se pronuncia com uma espécie de ênfase e a uma mistura de som das letras *dz*. Recebe êste título na ocasião em que se lhe coloca a corôa na cabeça, com o fim de lhe assegurar a bênção divina. Pode-se, pois, chamá-lo de: coroado; e talvez seja êste o significado de "imperathor".

Eis aí o resumo de nossa exposição sôbre o significado dos dois títulos: Papa e Cohen. *Allah dirige quem quer e transvia quem quer.* (Alc. XVI:95).

---

(8) — Quer dizer, deve ser pronunciado como **p**, letra cujo son não existe na língua árabe.

# Apêndices

PLANISFÉRIO TERRESTRE DE IDRISSI, FEITO EM 1154

Como os mapas árabes aparecem com o norte colocado na parte inferior da página, preferimos seguir a disposição moderna para facilitar a comparação com o texto explicativo que segue.

## DESCRIÇÃO PORMENORIZADA DO PLANISFÉRIO TERRESTRE

### OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Nos sete capítulos que seguem, que o autor inseriu no corpo de seu livro e que transferimos para êste apêndice, **Ibn Khaldun** reproduz sòmente indicações que lhe fornece a obra geográfica de Idrissi, intitulada: **Nuzhat-ul-Muchtac.** Êste geógrafo divide o Quarto habitável de Terra em sete Climas, e cada Clima em dez seções. É esta a mais extensa obra geográfica dos Árabes, e, em contraste com as outras, contém valiosas informações sôbre os países cristãos, não obstante não faltarem nela incorreções e lendas, (por ex. nas descrições de Roma). Entretanto, no tempo do rei Rogério, sua obra não se limitou a isso. Em 1154, sôbre uma mesa de prata, Al-Idrissi, traçou um grande mapa mundial representando uma fase nova e diferente na cartografia árabe. Abandona o autor as formas geométricas até então adotadas para a confecção do Atlas do Islame, sem, todavia, seguir completamente o método de Ptolomeu, que havia encontrado um continuador no Al-Khuarizmi; quer dizer, deixa de utilizar a latitude e a longitude de cada lugar para construir, com êstes dados, seu mapa. Idrissi, ao contrário, trata de dar uma representação fiel das costas, do curso dos rios, da localização das cidades, dos lagos, das ilhas, das montanhas. E, se não explìcitamente, utiliza parcialmente o método de Ptolomeu, e encontramos indicados os graus em algumas partes da margem de seu "Grande Mapa". Neste Mapa, Idrissi divide a Terra habitada em sete Climas, divisão que havia sido adotada por muitos Geógrafos. O primeiro compreende tôda a zona situada abaixo de 23,5° ao Norte e ao Sul do Equador; os seis restantes compreendem cada um, faixas horizontais de seis graus, quer dizer, zonas limitadas pelos 23,5°; 29,5°; 35,5°; 41,5°; 47,5°; 53,5° e 59,5°. Além disso, cada Clima está dividido em dez partes, por meio de linhas paralelas, correspondentes aos meridianos.

Obtém-se, assim, uma espécie de projeção que se assemelha à que logo se denominará de Mercator. É dêste modo que a Terra habitada compreende 70 partes, e, tendo-se perdido o desenho original, foram as representações dêstes 70 Mapas parciais que nos ficaram em diferentes edições e números. (A. Mieli: El Mundo Islâmico, p. 158, ss). Voltemos agora ao texto de Ibn Khaldun.

Os filósofos da Antiguidade dividiram o Mundo habitável, ao Norte do Equador, em sete Climas, que indicam por meio de linhas imaginárias, tiradas do Ocidente para o Oriente, conferindo a cada Clima uma largura diferente, conforme vamos expor detalhadamente.

O primeiro Clima situa-se imediatamente ao Norte do Equador e segue a direção dêste. A região ao Sul do Equador não possui outras populações senão as indicadas por Ptolomeu; além delas, desertos e areias prolongam-se até ao círculo d'água chamado o Mar Circundante. Ao Norte do primeiro Clima vem o segundo, seguindo a mesma direção; depois, sucessivamente, os outros, até ao sétimo Clima. Forma êste último, do lado do Norte, o limite do Mundo habitável, além do que, e até o Mar Circundante, sòmente há solidões e desertos cujas extensões, porém, são menos consideráveis que as do Sul.

Nestes diversos Climas a duração do dia difere da da noite, diferença que tem por causa a declinação do Sol quando se afasta do Círculo Equinoxial, assim como a elevação do Polo Setentrional acima do horizonte; o que traz como resultado uma variação no arco diurno e no arco noturno. No extremo do primeiro Clima, a noite mais comprida tem lugar quando o Sol entra no signo de Capricórnio, e o dia mais longo, quando êste astro se acha no comêço de Câncer. Segundo Ptolomeu, êste comprimento, seja do dia, seja da noite, é de doze horas e meia. Na extremidade do 2.º Clima, é de treze horas para o dia e para a noite mais compridos. No fim do 3.º Clima, é de treze horas e meia; no fim do quarto, é de 14 horas; tem um acréscimo de mais meia hora, no fim do 5.º; no fim do 6.º, é de 15 horas; no fim do 7.º, de 15 e meia horas. Para saber qual o dia mais curto e a noite mais curta, toma-se o que resta, depois da subtração dêstes números que acabamos de dar, da soma de 24 horas que representa a duração de um dia e da noite correspondente. Êste espaço de tempo é equivalente ao tempo de uma revolução completa no céu. A diferença que existe entre os Climas, relativamente à duração mais longa do dia e da noite é, para cada

um dêles, de meia hora, diferença que vai aumentando depois do comêço de cada Clima, do lado do Meio-Dia, até à sua extremidade do lado Norte, e que é repartida pelas diversas frações desta distância.

Os Geógrafos de profissão dividem cada um dos sete Climas, no sentido do comprimento, em dez partes iguais que se seguem de Oeste para Leste. Enumeram tudo o que contém cada uma destas seções, como países, cidades, montanhas, rios, e as respectivas distâncias. Vamos expor sucintamente as diversas matérias que êstes mestres estudaram, fazendo menção, a seu exemplo, dos países, rios e mares mais notáveis contidos em cada seção. Nosso modêlo neste trabalho será a obra intitulada **"Nuzhat al-Muchtac"**. que Al-Idrissi, (duplamente nobre) por sua descendência de Hammud e de Ali(1), escreveu para Rogério, filho de Rogério, rei dos Francos da Sicília. Residia o autor na Sicília, na côrte dêste príncipe, para onde tinha ido depois que seus avós, os Idrissis, perderam o govêrno de Málaga. O livro foi escrito no meio do Século VI (da Heg.). O autor reuniu para o rei um grande número de obras, tais como a de Maçudi,

---

(1) — O geógrafo Al-Idrissi descendia dos Idrissitas da família de Hammud, que reinaram na Andaluzia, depois dos Omaiyas. O título inteiro no livro de Idrissi é: **Nuzhat al-Muchtac fi ikhtirac al-Afac** ou "Recreio de quem deseja percorrer o Mundo". Coisa estranha, diz A. Mieli, não obstante escrita em terra cristã, esta obra (feita com a colaboração do rei Rogério II) não teve na latinidade medieval a difusão que merecia. Todavia, a obra geográfica e cartográfica de Al-Idrissi trouxe notáveis elementos para a náutica Siciliana, e, por intermédio dos Genoveses, à Catalã e à Portuguesa. Deve-se, sem dúvida, observar que os Latinos, que se interessaram vivamente pelas outras ciências árabes, como também por sua Geografia matemática, deixaram de lado a Geografia descritiva, para a qual o interesse despertou sòmente durante a Renascença... Hoje mesmo não dispomos de uma edição do texto completo do Kitab Al-Rujari, mas de muitas parciais, das quais citaremos algumas. Uma tradução franceza completa em dois volumes de Amédée Jaubert, Paris, 1836 e 1840, é muito defeituosa. Ao contrário, são bôas as edições parciais seguintes: "África e Espanha", texto e trad. fr. por R. Dozy e De Goeje, Leiden. 1866; "Espanha", trad. espanhola, por A. Blasquez, Madrid, 1901; "Itália", (com a introdução geral da Obra), árabe e trad. italiana, por Michel Amari e C. Schiaparelli, Roma, 1883; "Síria e Palestina", árabe e trad. alemã, por J. Gildemeister, Bonn, 1885, e outra, árabe e sueca por R. A. Brandel, Upsala, 1894; "Finlândia e os outros países Bálticos Orientais" (com reprodução de todos os mapas, de todos os MS., etc., relativos a estas regiões); árabe e trad. franc., por O. J. Tallgren — Tuulio e A. M. Tallgren, Helsinki, 1930; "Alemanha e países limítrofes", trad. alemã, por W. Hörnerbach. Stuttgart, 1938; e poucas outras.

de Ibn Khordadbeh(2), de Ibn Haucal(3), de Adhari, de Ishac, o Astrônomo(4), de Ptolomeu e de outros.

Nós começaremos pelo primeiro Clima e acabaremos pelo sétimo e último.

**PRIMEIRO CLIMA**

Êste Clima contém, do lado do Ocidente, as Ilhas Khalidat ou Eternas (Ilhas Afortunadas(5), adotadas por Ptolomeu como ponto inicial de suas Longitudes. Estão situadas no Mar Circundante, fora da terra firme que faz parte dêste Clima, formando um grupo de ilhas numerosas, das quais as maiores e as mais conhecidas são três. Dizem que são habitadas. Segundo fomos informados, alguns navios dos Francos, abordando estas Ilhas, nos meados dêste século, (isto é: século VI da Hegira, ou 1350 de Jesus Cristo) atacaram os habitantes, carregaram prêsas e levaram prisioneiros que venderam, em parte, nas costas do Magrib-al-Acsa (Marrocos). Os cativos passaram ao serviço do Sultão, e, depois de aprenderem o árabe, deram informações sôbre as Ilhas. Disseram que os habitantes lavram a terra com chifres para semeá-la, sendo o ferro desconhecido por êles; alimentam-se de cevada; seus rebanhos compõem-se de cabras; combatem com pedras que arremessam por

---

(2) — Ibn Kordadbeh (Abu'l Casim Ubayd Allah B. Abdallah) (aprox. 825-912) autor de **Kitab al Massalik wal Mamalik** ou Livro das Estradas e dos Reinos. Fazendo abstração total da parte astronômica e matemática, cuida de descrever os países e assinalar especialmente os itinerários, com indicação exata das distâncias. Edit. em Leiden, em 1939, texto árabe c/ versão francesa, por De Goeje.

(3) — Ibn Haucal (Abul Casim Muhammad), falecido posteriormente ao ano 976. Originário de Bagdá, deixou esta cidade em Maio de 943, para percorrer sucessivamente os diversos países islâmicos, sem se aventurar em viagens marítimas. Consignou no seu livro: **Kitab al-Massalik wal-Mamalik** ou Livro das Estradas e dos Reinos, as observações recolhidas, que acompanhou de mapas. Foi editada a obra de Ibn Haucal na col. "Biblio. Geograph. Arabicorum (I e II) De Goeje, Leiden 1938. Quanto a Al-Adari, não se tem nenhuma indciação a seu respeito. Sua obra é citada por Idrissi e Cazuini.

(4) — Ishac, o Astrônomo, trata-se provàvelmente de Ibn Al-Haçan Al-Khazeni, autor de uma obra sôbre os Climas, que nós desconhecemos.

(5) — Idrissi escreveu 200 anos antes de Ibn Khaldun e nos diz saber que um navio, partindo de Lisboa, se tinha dirigido pelo Atlântico a dentro até alcançar estas Ilhas. Sôbre as Ilhas Afortunadas lêr a interessante obra de Joaquim José da Costa de Macedo: Memória em que se pretende **provar que os Árabes não conheceram as Canárias.** Lisboa, 1844.

detrás; sua única prática de devoção consiste em se prosternar perante o sol, no momento de êste nascer. Não conhecem nenhuma religião, e jamais missionários foram ensinar-lhes doutrina alguma.

É só por acaso que se chega às Ilhas Afortunadas, porque jamais aí se vai propositadamente. Com efeito, os navios navegando no mar não se movimentam senão ajudados pelo vento, e os marinheiros precisam conhecer os pontos donde cada vento sopra e saber a que país se chega ao seguir diretamente o curso dêste vento. Se o vento fôr variável e se souber onde se chga seguindo a linha reta, orienta-se as velas em conformidade com a direção do vento, dando-lhes a posição requerida pelo rumo em vista. Tôdas estas manobras obedecem a regras bem conhecidas dos marinheiros e dos navegadores versados na arte de navegar. Tôdas as localidades situadas sob as duas margens do Mar Romano (Mediterrâneo) estão desenhadas numa fôlha (de cartão ou de pergaminho) de harmonia com sua forma real e a seqüência regular das posições que ocupam à beira-mar. Os pontos donde sopram o ventos e as diferentes direções que sguem estão ali indicados sôbre estas folhas; chama-se a isso o "Al-combas"(6). Êste é o guia em que confiam os navegantes nas suas viagens. Ora, semelhante recurso não existe para o que se refere ao Mar Circundante; e os marinheiros não se atrevem a internar-se neste Oceano, porque, perdendo de vista as costas, não saberiam como dirigir-se para voltarem ao ponto de partida. Aliás, a atmosfera dêste Mar até à superfície das águas, está coberta por densos vapores que impedem os navios de seguirem sua rota e que, devido à distância, não podem ser atingidos nem dissipados pelos raios solares que reflete a superfície terrestre. Em conseqüência, torna-se difícil dirigir-se a estas Ilhas ou obter-se informações sôbre elas.

A 1.ª seção dêste Clima contém a embocadura do Nilo dos Negros, o qual, como foi indicado, tem nascente na Montanha de Al-Comr, e se dirige para o Mar Circundante, onde despeja suas águas perto da Ilha de Aulil(7). Nas margens dêste rio situam-se as cidades de

---

(6) — O autor parece confundir a rosa dos ventos com o compasso de mar ou bússula.

(7) — MS e livros impressos árabes trazem "Aulik", por Aulil, que é o certo. A Península de Aulil, chamada agora Arguin, está situada cêrca da 21º latitude Norte, perto do Cabo Branco. Está a cêrca de cento e oitenta léguas ao Norte da embocadura do Senegal, rio que os Geógrafos árabes sempre confudiram com o Niger, ou Nilo dos Negros.

Silla(8), de Takrur e de Gana, que, hoje em dia, estão tôdas reunidas sob o domínio da gente de Mali(9), povo de raça negra. Os mercadores do Magrib al-Acsa fazem regularmente a viagem para êste país. Imediatamente ao Norte dêsse país fica a região dos Lamtuna e de todos os outros povos que têm o rosto velado(10); é uma vasta extensão de desertos, onde estas tribos vivem entregues à vida nômada. Ao Sul dêste Nilo (dos Negros) existe um povo de côr, conhecido pelo nome de Lamlam(11): são infiéis que têm estigmas no rosto e nas fontes da cabeça. Os habitantes de Gana e de Takrur fazem excursões sôbre os territórios dêste povo para raptar cativos. Os mercadores que compram êstes cativos levam-nos para o Magrib, país cuja maior parte de seus escravos pertence a esta raça negra. Além do país de Lamlam, na direção do Sul, encontra-se uma população pouco numerosa; os homens desta região mais se parecem com animais selvagens do que com sêres racionais. Habitando pântanos cobertos de arbustos e cavernas, alimentam-se de ervas e de sementes sem nenhum preparo, devorando-se, não raro, uns aos ourtos, e não merecendo, portanto, serem contados entre os homens. As frutas sêcas que se consomem no país dos Negros têm sua procedência dos Ksur ou burgos que se acham no deserto do Magrib, com as povoações de Tuat, Tigurarin e de Uergla(12).

Dizem que em Gana houve um império cujos soberanos pertenciam à família de Ali (genro de Muhammad) e formaram a dinastia dos Banu Salih. Segundo Idrissi, Salih era filho de Abdallah, filho de

---

(8) — Silla está sôbre o Niger para cima de Tonboctu, e a sete graus Sul desta cidade. Para mais pormenores cf. Massalik Al-Absar, de Al-Omari, L'Afrique, trad. franc. de G. Demombynes. Paris, 1927, p. 27 e ss.

(9) — País situado a cento e cinqüenta ou duzentas léguas ao sudoeste de Tonboctu.

(10) — Os Tuareg e todos os outros povos berberes que habitam o grande deserto sahariano, levam ainda hoje em dia, um véu cobrindo o rosto e que não tiram nunca. Al-Bacri: Description de l'Afrique, tr. franc. p. 373 fala dêles, assim como outros viajantes modernos falam dos costumes dêstes povos.

(11) — O que Idrissi chama de Lamlam, Bacri (p. 183) chama de Demdem (antropófagos que possuem um ídolo com figura de mulher). Marquardt (Die Benin-Sammlung des Reichsmusems für Völkerkunde in Leiden): introdução, Leiden, 1913) opina que Demdem (ou Lamlam) não é nome de povo, mas indica, de um modo geral, os canibais africanos nús.

(12) — Ksur, pl. de Kasr, do latim castra, são aldéias com muros em volta para a defesa, e circundados de plantações de tamareiras. Estão situadas na parte do grande deserto que se avizinha da fronteira da Algéria.

Haçan, filho de Haçan (filho de Ali); mas não se conhece nenhum príncipe com êste nome na descendência de Abdallah, filho de Haçan. Além disso, não existe hoje mais esta dinastia, e Gana pertence ao sultão de Mali(13).

Ao Oriente desta região, e na 3.ª seção do primeiro Clima, fica a cidade de Gogo, situada à margem de um rio que nasce de uma das montanhas dêste país e que corre para o Ocidente, indo perder-se nas areias da 2.ª seção do mesmo Clima. O rei de Gogo era, primeiro, independente; depois, seus Estados caíram em poder do sultão de Mali, que os incorporou a seu reino; agora, estão despovoados por causa das guerras que assolaram êste país, e das quais trataremos na parte consagrada à História dos Berberes, que contém o relato sôbre o reino de Mali.

Ao Sul da região de Gogo situa-se a dos Kanem(14), também de raça negra. Vem depois o país de Uangara, nas margens setentrionais do Nilo. Ao Oriente de Uangara e de Kanem é o país de Zagaua e o de Tajua, contíguo à Núbia, na 4.ª seção dêste Clima. A Núbia é atravessada pelo Nilo do Egito que nasce perto do Equador e corre para o Norte até ao Mar Romano. Êste rio sai da Montanha de Al-Comr, situada a 16 graus além do Equador. Não há acôrdo sôbre a verdadeira pronúncia dêste nome. Uns dizem Al-Camar, na suposição de que a Montanha recebe êste nome, que significa "A Lua" por ter uma brilhante côr branca. No Livro **Al-Muchtarac**(15) de Yacut, êste nome está escrito Al-Comr, o que lembra um povo da Índia(16). Ibn Saïd(17) serviu-se desta mesma ortografia. O Comr

---

(13) — Sôbre Gana e Mali, consultar; Bull. Com. Etudes Histor. et Scient. de l'A. O.F. n.º de julho-setembro, 1924.

(14) — Os Kanem moram ao norte do Lago Tchad, situado a 15º E, de Gogo.

(15) — Yacut, Ibn Abdallah Al-Hamaui, célebre geógrafo, morreu em 1229-30. Deixou um **Dicionário Geográfico**, importantíssimo para a Geografia. **Al-Muchtarac** é o nome de um outro dicionário de Yacut que se limita aos nomes que se aplicam a muitos lugares ao mesmo tempo. Al-Muchtarac significa: Livro dos nomes que se escrevem da mesma maneira e que designam lugares diferentes. Existe um resumo do grande dicionário de Yacut, de autor desconhecido: é o **Maracid al-Ittila**.

(16) — Os Comor que habitavam a extremidade meridional da Índia. O Cabo Comorin traz ainda êste nome. Entretanto, nada mais incerto. Uma observação de G. Ferrand, que 15 anos de serviços entre a África Oriental e a China tornaram perito em assuntos geográficos orientais, fará compreender melhor a razão de nossas dúvidas. "Quelquefois, le hasard ou ce concours imprévu de circons tances défavorables qu'on a appelé "la malice des choses", ont fait que des toponimes à peu près identiques, homographes ou presque

dá nascimento a dez nascentes, cinco das quais desaguam dentro de um lago e cinco dentro de um outro, com uma distância de seis milhas separando uma bacia da outra. Três ribeiras saem de cada lago, para mais longe, tôdas irem reunir-se num pântano, que uma montanha transversal vem cortar na sua parte inferior, dividindo assim as águas em duas correntes: a ocidental, que se dirige para oeste, até ao país do Negros e que vai despejar suas águas no Mar Circundante; e a corrente oriental, que toma a direção Norte, atravessando a Abissínia, a Núbia e outros países intemediários. Esta, chegando ao Baixo Egito, divide-se em muitos braços, três dos quais se precipitam no Mar Romano, um perto de Alexandria, outro perto de Rachid (Roseta) e o outro perto de Damieta. O quarto braço desagua num lago salgado antes de atingir o Mar.

Ao meio dêste primeiro Clima, sôbre as margens do Nilo, situam-se as regiões da Núbia, da Abissínia, e a porção do país dos Oásis que se prolonga até Assuan. A capital da Núbia, Dongola, está situada à margem esquerda do rio. Mais abaixo acha-se Aloua, depois Bilac e a seguir, a Montanha dos Janadel (Cataratas), situada à distância de seis jornadas ao Norte de Bilac(18). É uma montanha cuja face que olha para o Egito se levanta abruptamente, enquanto que a voltada para a Núbia desce em suave declive. O Nilo atravessa a montanha e precipita-se num barranco profundo, numa queda pavorosa. Os barcos dos Negros, não podendo atravessá-lo, são descarregados e as mercadorias transportadas por terra, a lombo de animais, até Assuan, capital do Sayd (ou Alto Egito). Transporta-se do mesmo modo, até acima das Cataratas, a carga dos navios per-

---

homographes en transcription arabe, se retrouvent tantôt relativament voisins, tantôt aux deux extrémités de l'Océan Indien. Il existe, par exemple, deux Kakula, l'une en Indochine orientale, l'autre sur la côte occidentale de la peninsule malaise... Le nom de Khmèr est généralment écrit KMAR; Madagascar est l'île de Komr ou KOMOR, la montagne de la Lune, en Afrique orientale, d'ou était supposé sourdre de Nil, s'appelle la montagne Kmr, q u' on lit tantôt kamar, lune, tantôt komr comme le nom arabe de Madagascar. On a ainsi confondu fréquemment l'un avec l'autre le Khmèr, Madagascar et l'Afrique orientale dont les noms sont rendus par les mêmes phonèmes K M R". R. Ferrand: Relations de voyages et Textes geographiques T. I:IV. (Nota dos Trad.).

(17) — Ibn Said, geógrafo e historiador, morreu em Túnis, em 1276.

(18) — Em lugar de jornadas, deve-se ler milhas, por ser Bilac, a antiga Philea, aldéia situada no oasis de Al-Kharigeh, cêrca de 120 milhas geográficas ao N. O. das Cataratas; êrro que Ibn Khaldun deve à sua fonte, Idrissi, que confundiu Bilac com Boulac.

tencentes ao Sayd. Medeia, entre as Cataratas e Assuan, a distância de doze jornadas de marcha. Os Oásis se localizam ao Ocidente desta região, sôbre a outra margem do Nilo: hoje desertos, apresentam numerosos vestígios de antiga civilização. Ao meio dêste Clima, na quinta seção, situa-se a Abissína. É atravessada por uma ribeira, (o Nilo Azul), que vem do outro lado do Equador, e que, depois de passar perto de Macdachu, cidade situada ao Sul do Mar Índico, se dirige para a Núbia, onde se descarrega no Nilo que desce na direção do Cairo. Muita gente se enganou a respeito dêste rio, pensando que era a parte superior do Nilo de Al-Comr. Ptolomeu, que o menciona no seu Tratado de Geografia, declara que êste não tem nada de comum com o Nilo.

O Mar da Índia, que começa do lado da China, termina no meio da 5.a seção dêste Clima, cobrindo assim grande parte do mesmo. A diminuta população que habita o primeiro Clima, encontra-se quer nas ilhas dêste Mar, que são, ao que dizem, em número de mil, quer nas costas meridionais, que formam o limite do Mundo habitável(19) do lado do Sul, quer enfim, nas suas costas setentrionais. Destas referidas costas, o primeiro Clima encerra sòmente as que formam a extremidade da China do lado do Oriente, e o país do Yaman, situado na 6.ª seção do clima em questão, entre os dois mares que, destacando-se do Mar Índico, se dirigem para o Norte, queremos dizer o Mar de Colzom e o Mar de Fars. Entre êstes dois golfos, estende-se a Península dos Árabes, que compreende o Yaman, a região de Chihr (situada no lado oriental e banhada pelo Mar Índico), a província do Hijaz, a de Yamamat, e outras regiões vizinhas. Falaremos disto mais uma vez quando tratarmos do segundo Clima e dos que lhe seguem.

Sôbre a margem ocidental do Mar Índico, situam-se o país de Zaila(20), que faz parte das fronteiras da Abissínia, e os desertos onde os Beja levam uma vida nômade. Êstes desertos estão ao Norte da Abissínia, entre a Montanha de Al-Alak, no Sayd Superior,

---

(19) — Os geógrafos árabes e os geógrafos gregos, com eexceção de Estrabo, pensavam, com Homero, que a costa oriental da África, se dirigia para leste, desde o Cabo Gardafui, e que se prolongava até ao Oceano, em frente à China.

(20) — Zaila ou Zeyla, diz Aboulfeda, "é o nome de um dos portos da Abissínia, fora do 1.º Clima. Segundo Ibn Said, é uma cidade considerável e seus habitantes professam o Islamismo. Está situada no fundo de um pequeno golfo, numa planície... Pescam-se ali pérolas. (Georgr. D'Aboulfeda, II, I:231).

e o Mar de Colzom, braço do Mar Índico, que se dirige para o Egito. Neste Mar, abaixo de Zaila e do lado Norte, encontra-se o estreito de Bab-al-Mandib. Perto destas paragens, o Mar estreita-se devido ao obstáculo que lhe opõe a Montanha de Al-Mandib, erguendo-se no meio do Mar da Índia e prolongando-se sôbre as costas ocidentais do Yaman, indo do Sul para o Norte, com uma largura de cêrca de três milhas. O Estreito tem o nome de Bab-al-Mandib (ou Porta de Mandib). É por ali que passam os navios que rumam do Yaman para Suez, porto próximo do Cairo. Ao Norte de Bab-al-Mandib, acha-se a Ilha de Suaken e a Ilha de Dalhac. Bem em frente, e do lado Oeste estendem-se os desertos que percorrem os Baja, de raça negra. Na costa oriental dêste braço de Mar, está situado o Tihama de Yaman, onde se localiza também a cidade de Ali Ibn Iacub. Ao sul do território de Zaila, sôbre a margem ocidental, estendem-se as aldeias dos Berberes que se sucedem umas após outras, seguindo a margem ocidental do Mar, e formando uma curva que se prolonga até ao fim da 6.ª seção do 1.º Clima. Passada esta região, acha-se, do lado Leste, o país dos Zenj, depois a cidade de Macdachu, sôbre o Mar Índico, do lado sul. A cidade regorgita de habitantes; seu estado social é o da vida nômade e vê-se nela grande número de mercadores. Mais para Leste, encontramos o país de Sofala, marginando a costa meridional dêste Mar, na 7.ª seção do mesmo Clima. Ao Oriente de Sofala, na mesma costa meridional, situa-se o país de Wac-Wac que se estende sem interrupção até findar a 10.ª seção do 1.º Clima, na região onde o Mar Índico se destaca do Mar Circundante.

As Ilhas do Mar Índico são muito numerosas. A maior de tôdas é a de Sarandib. (Ceylão), que tem uma forma arredondada e contém uma montanha famosa, que dizem ser a mais alta do mundo. Esta Ilha está situada em frente de Sofala. Vem em seguida a Ilha de Comr, de forma arredondada e que, começando face a Sofala, se dirige para Leste com forte inclinação para o Norte. Desta maneira, ela se aproxima das costas superiores da China; ao Sul, ficam as Ilhas de Wac-Wac; a Leste, as de Sila. Outras ilhas em grande número, se acham neste Mar, produzindo perfumes, especiarias, e mesmo, ao que dizem, ouro e esmeraldas. Todos os habitantes são idólatras e obedecem a reis, cujo número é muito grande nestas regiões. Sob o ponto de vista social, apresentam estas ilhas certas singularidades que os geógrafos nos fazem conhecer. À margem se-

tentrional do Mar Índico, na 6.ª seção do 1.º Clima, encontra-se a região do Yaman. Nas paragens do Mar de Colzom, situa-se a cidade da Zabid, a de Mihjam, o Tihama, de Yaman, vindo, depois, a cidade, de Sada, residência dos Imames Zaiditas. Esta última localidade, está a uma distância bastante grande do Mar Ocidental e do Mar Oriental. Vem depois a cidade de Aden e ao Norte a cidade de Sanaa. Mais longe, para o Oriente, é a zona dos Ahcaf e de Dhafar, e em seguida, Hadramut, Chihr, entre o Mar Meridional e o Mar de Fars. Esta parte da 6.ª seção encerra o que o Mar deixou a descoberto na região central dêste Clima. Estão compreendidas, na nona seção, uma pequena porção de terras firmes, e, na décima, a maior porção delas. São estas as margens que formam as costas superiores (meridionais) da China. Vêem-se ali, entre outras cidades célebres, a de Khan-Khu em frente à qual, do lado do Oriente, ficam as Ilhas de Sila, já mencionadas. Aqui termina a descrição do I Clima.

## SEGUNDO CLIMA

Êste Clima confina do lado Setentrional com o 1.º Clima. Em frente à sua extremiddae ocidental, no Mar Circundante, acham-se duas das Ilhas Afortunadas, já referidas anteriormente. Na parte superior (meridional) da 1.ª e 2.ª seções dêste Clima, encontra-se o país de Camnuriya(21). Mais longe, do lado Leste estão as partes superiores (meridionais) do território de Gana; depois o país de Zagaua, povos negros, que viem como nômadas. Na parte inferior (setentrional) das mesmas seções estende-se o deserto de Nicer, que se prolonga sem interrupção do Ocidente para o Oriente, compreendendo vastas solidões, atravessadas por mercadores em trânsito comercial entre o Magrib e o País dos Negros. É nesta região que os Povos Velados, da grande raça de Sanhaja, levam sua vida de nômades, formando grande número de tribos, de que as principais são as de Guedala, de Lamtuna, de Messufa, de Lamta e de Utriga(22).

---

(21) — Segundo Cooley no seu "Negroland", o nome de Camnuriya se aplicava à parte do grande deserto que tem por limite, do lado do ocidente, o Oceano Atlântico, desde o Cabo Branco até o Bojador.

(22) — Falando destas tribos, na sua História dos Berberes, Ibn Khaldun diz: Os Mulattamin (ou os que se velam a face), povo de raça sanhajina, habitam a região estéril ao sul do Deserto arenoso. Desde tempos imemoriais, e muito antes do Islamismo, tinham-se

Sôbre a mesma linha dêstes desertos, do lado Leste está o Fezzan; vêm depois os países que percorrem os Azgar(23), tribos berberes, e que se estendem até ao limite oriental da parte meridional da 3.ª seção dêste Clima II.

Mais longe, na 3.ª seção, fica a região dos Kuar(24), povo pertencente à raça negra. Depois vem uma porção do país habitado pelos Tajua. Na parte inferior, isto é, setentrional desta 3.ª seção, acha-se compreendida uma faixa da região ocupada pelos Ueddan. Diretamente a Leste desta localidade é o território de Santeriya(25), denominado também Oásis Interiores(26).

A parte meridional da 4.ª seção contém o resto do país dos Tajua. O centro desta seção é ocupado pelo Sayd, sôbre ambas as margens do Nilo. Saindo do 1.º Clima onde tem sua nascente, êste Rio se dirige para o Mar, e, entrando nesta seção, corre entre duas cadeias de montanhas, que são, na margem ocidental, a Montanha dos Oasis, e na margem oriental, a Montanha de Al-Mocattam.

Na sua parte superior, passa perto de Esné e de Erment; atravessando territórios destas cidades, continua seu curso até Asiout e Cous, depois Soul(27). Chegando a êste lugar, forma dois braços: o da direita termina nesta seção do 2.º Clima, perto de Al-Lahoum;

---

acostumado a percorrer esta região onde encontravam tudo o que era suficiente para suas necessidades. Mantendo-se assim afastados do Tell e do país cultivado, substituiam os produtos dêste pelo leite e pela carne de seus camelos; esquivando-se das regiões civilizadas, acostumaram-se ao isolamento e, tão valentes como bravios, nunca se curvaram ao jugo de nenhuma dominação estrangeira. Ocuparam os lugares vizinhos do Rif da Abissínia e a região que separa o país dos Berberes dos Negros. Velavam o rosto com o litham, objeto de adôrno que os distinguia das outras nações. Tendo-se multiplicado nestas vastas planícies, formaram muitas tribos tais como os Guedala, os Lamtuna, os Messufa, os Utzila, os Targa, os Zegawa e os Lamta. Êstes povos são todos irmãos dos Sanhaja e habitam entre o Oceano Circundante do lado do Ocidente, e Gadams, localidade situada ao sul de Trípoli e de Barca, (do lado do Oriente).

(23) — Os Berberes Azgar formam um ramo da grande tribo dos Tuareg. Ocupam territórios na cercanias de Ghat, a oeste do Fezzan.

(24) — Kuar (o país dos) é ocupado agora pelos Tibbu

(25) — Santeriya, chamado também oasis de Siouh, era antigamente célebre por seu templo consagrado a Júpiter Ammon.

(26) — O autor confunde aqui duas localidades completamente distintivas (Ver Description de l'Afrique de Bakri, trd. de Slane, p. 36).

(27) — O Nnilo passa perto de Cous antes de chegar a Asiout ou Siout.

o da esquerda, perto de Delas(28). Entre êstes dois braços estão compreendidas as partes superiores do Egito.

A Leste do Monte de Mocattam, acham-se os desertos de Aidab, que, prolongando-se na 5.ª seção dêste Clima, vão terminar nas margens do Mar de Suez. Chamado ainda de Mar de Colzom, sai do Mar Índico e dirige-se do Sul para o Norte. Sua margem oriental, nesta seção, é formada pelo Hijaz, desde o Monte Ialamlam até o território dependente de Yathrib (Medina). A cidade de Meca, (que Allah a exalte!), está localizada no centro do Hijaz. Tem como porto de mar a cidade de Jiddah, em frente de Aidab, que ocupa a margem ocidental do Mar de Colzom.

Na 6.º seção dêste Clima, do lado do Ocidente, fica a região de Najd, cuja parte superior, do lado Sul, contém Jorach e Tebala até Ukaz, situada mais para o Norte. Em baixo da região de Najd, estende-se o resto do país do Hijaz. Na mesma região, para o Oriente, encontram-se os cantões de Najram e de Janad. Mais abaixo, fica o país de Iamama. Mais para Leste, e sôbre a mesma linha que Najran, encontramos a província de Saba e de Natib; depois, o território de Chihr, onde esta seção atinge o Mar de Fars. O Mar de Fars é o 2.º braço de mar que deriva do Mar Índico; correndo para o Norte, como já foi notado, passa por esta seção do Clima, desviando-se para o lado Oeste. No Nordeste da seção, o Mar de Fars cobre um espaço triangular, tendo na sua costa meridional, a cidade de Calhat, servindo de porto ao Chihr. Mais abaixo (para o Norte), estendem-se nas suas margens as províncias de Oman e de Bahrain.

Hijer de Bahrain localiza-se na extremidade desta seção. No alto da 7.ª seção, e na sua parte ocidental, vê-se uma parte do Mar de Fars, achando-se a outra parte na 6.ª seção. O Mar Índico cobre a parte meridional desta seção e banha as costas do Sind até ao Makran inclusive. Em frente ao Makran, fica o território de Tuberan, que faz parte do Sind. Tôda esta região se acha compreendida na parte ocidental da 7.ª seção. Vastos desertos interpõem-se entre a Índia e o Sind. Êste último país é atravessado por um Rio que tem o mesmo nome que o país e que provém das terras da Índia e despeja suas águas, ao Sul, no Mar Índico. A primeira das províncias da Índia que se acham depois sôbre o mesmo Mar, e diretamente a

(28) — O autor considera como sendo um braço do Nilo o grande canal chamado Bahr Yuçof.

Leste do Sind, é a Província de Belhara(29). Ao Norte, fica a cidade de Moltan, que possui o ídolo que os Indús têm em grande consideração; mais ao Norte, situa-se a parte meridional do país de Sigistan.

Na 8.ª seção, do lado do Ocidente, acha-se o restante da província de Belhara, que faz parte da Índia. Imediatamente ao lado Leste, estende-se o território de Candahar; seguindo-se o país de Manibar (Malabar), que se acha na parte superior (meridional) desta seção e que margeia o Mar Índico. Mais abaixo, do lado Norte, é a região de Cabul. A Leste do Malabar e de Cabul fica o país de Kanuj, que se prolonga até ao mar Circundante. A zona que se compõe do Cachemir interior e do Cachemir exterior se localiza na extremidade dêste Clima.

Na parte ocidental da 9.ª seção começam as regiões da Índia ulterior: prolongam-se até à costa oriental da mesma seção, cujo limite meridional seguem para se prolongarem dentro da décima seção do Clima. A parte setentrional da seção compreende uma porção da China, onde se situa a cidade de Khifoun(30). A China se prolonga daí através de tôda a 1.ª seção, até o Mar Circundante.

## TERCEIRO CLIMA

Êste Clima confina com o lado setentrional do 2.º Clima. Na sua 1.ª seção e a um têrço de sua largura, medida do lado meridional, localiza-se o Daran(31) (ou Atlas), montanha que a atravessa do Oeste para Leste e começa perto do Mar Circundante. A montanha é habitada por povos berberes, cujo número só Deus sabe, como se verá mais abaixo(32). A margem do Mar Circundante, no intervalo que separa Daran do 2.º Clima, está localizado o Ribat(33) de Massa

---

(29) — Belhara, Reinaud presume que seja alteração de "Malva raja" ou seja Raja de Malva.

(30) — A leitura correta é Khan-fu. (Renaud: Relation, cap. C IX, ss.

(31) — Daran, nome do Atlas, alteração de Idraren, plural berbere da palavra "Adrar", montanha. Plínio e Strabo ensinam-nos que no seu tempo os indígenas chamavam o Atlas de Dyrin. Os geógrafos árabes prolongaram o Daran até ao sul de Barca.

(32) — Aqui, o autor se refere à sua "Histoire dos Berbères" Cf 2.º ed, de 1925 T. I p. 28.

(33) — Ribat, significa posto militar sôbre uma fronteira de país muçulmano. Murabit designa quem ocupa o pôsto, é o que deu origem a Murabitum, que por sua vez se transfomou em Almoravidas e Maravedis.

que, do lado Leste, confina com os países de Sous e de Noul(34-5), Diretamente ao Oriente destas regiões, acha-se o país de Daran e o cantão de Sigilmassa, seguida de uma parte do deserto de Nicer, região de que se falou no 2.º Clima. Nesta seção, o Monte Daran domina tôdas estas regiões.

A parte ocidental desta cordilheira oferece poucos desfiladeiros e passagens; mas suas gargantas aumentam em número, à medida que a montanha se apróxima de Molouia, onde termina. Nesta parte (ocidental), confinando com o Mar Circundante, habitam as tribos de Masmuda e de Sekciua; depois, os Hintata, depois, sucessivamente os Timolel, os Guedmioua, os Heskoura; com os últimos acaba a população masmuda do monte. Vêm, em seguida, as tribos de Zanaga, que formam um povo Sanhajino. Na extremidade desta parte da montanha habitam algumas tribos de Zanata; e imediatamente ao Norte, eleva-se o Monte Auras, chamado de Montanha de Kitama(36); vêm depois muitos outros povos Berberes, que mencionaremos em nosso livro.

Na parte ocidental desta seção, o Monte Daran domina os países do Magrib-al-Acsa que estão em contato com êle, do lado norte. No sul da região, acham-se as cidades de Marrocos, de Agnat e de Tedla. O Ribat de Asfi e de Sla (Salé) estão localizados sôbre o Mar Circundante e pertencem ao Magrib-al-Acsa. A Leste da província de Marrocos, situam-se as cidades de Fêz, de Miknaça, de Taza e de Casr-Kitama(37). Tudo isso forma o país que os habitantes chamam de Magrib-al-Acsa (ou Extrêmo Ocidente). Fazem parte ainda dêste país, nas margens do Mar Circundante, as cidades de Asila e de Al--Araich. Diretamente para Leste, situa-se o Magrib-al-Ausat ou (Magrib Central), cuja capital é Tlemcen. Banhadas pelo Mar de Rum, elevam-se nas suas costas, as cidades de Honain(38), Oran e

---

(34-5) — Massa, seria o Masatat de Plínio; êste Ribat e sua mesquita situam-se perto da embocadura de um rio de mesmo nome e que desagua no Atlântico. É desta mequita que deve sair o Mahdi futuro. Os geógrafos e historiadores árabes escrevem êste nome com l (Loul). São os Europeus que escrevem com N.

(36) — O autor supõe que a cordilheira do Atlas se prolonga até à Cirenáica e que o Auras faz parte dela.

(37) — Chamado também Casr-el-Kbir, e, pelos Europeus, El-Cassar: cidade fortificada sôbre a estrada ligando Tânger a Fêz. (É a Alcácer Kibir onde, mais tarde iria perder a vida um jovem e ardoroso rei português, Dom Sebastião.

(38) — Honain era construída sôbre o Cabo que os mapas assi-

Alger (Al-Jazayer). Com efeito, o Mar Romano nasce do Mar Circundante, através do Estreito de Tânger, pasagem situada na extremidade ocidental da 4.ª seção dêste Clima. O mar se dirige para o Oriente e termina no litoral da Síria. Ao deixar o Estreito, não tarda em se alargar para o Sul e para o Norte até penetrar no 3.º Clima, de um lado, e no 4.º, do outro, achando-se assim, muitas cidades do 3.º Clima situadas nas margens dêste Mar. A primeira que encontramos é Tânger, depois Casr-es-Sguir, Ceuta, Badis e Gassaça(39). De lá, o Mar se estende até à cidade de Alger, Bejaia (Bougie) a Leste desta e como ela situada à beira-mar. Constantina está a leste de Bejaia e a uma jornada de marcha do Mar; situa-se do lado da extremidade da primeira seção do 3.º Clima. Ao Sul desta região, na direção do Magrib Central, acha-se a cidade de Achir, situada sôbre a montanha de Titeri(40); depois, a cidade de Al-Macila; depois o Zab, província cuja capital, Biskra, se localiza ao pé do Auras, monte que faz parte do Daran, como já se disse e onde termina o lado oriental da seção.

A 2.ª seção do 3.º Clima assemelha-se à primeira porque, perto do têrço de sua largura, medida do Sul, o Daran a atravessa de oeste para leste, dividindo-a em duas zonas. Uma parte considerável desta seção, do lado Norte, é ocupada pelo Mar de Rum. Tôda a parte ocidental na zona situada ao Sul de Daran é desértica; a parte oriental contém a cidade de Ghadamès. A Leste, sôbre a nossa linha, acha-se o país de Oueddan, de cujas orlas uma pertence ao 2.º Clima, conforme já foi dito. A parte desta seção que se acha ao Norte de Daran, entre esta cordilheira e o Mar Romano, encerra, do lado do Ocidente, o monte Auras, Tebessa e Lorbos. À beira-mar está situada a cidade de Bona (Bône). Do lado Leste e sôbre a mesma linha que estas regiões, acha-se a província de Ifríkya, a cidade de Túnis, situada à beira-mar, depois Souça, depois Al-Mahdiya. Ao Sul e ao pé do Monte Daran, erguem-se as cidades de Jerid, tais como Touzer, Cafsa e Nefzaoua. Entre esta região e o litoral, situam-se a cidade de Cairuão, a montanha de Ouchelat e Sobaitla. Ime-

---

nalam com o nome de Onai, Noé, Hone. (perto de Nemours). Quanto a Asila, é êste o nome que os autores árabes dão à Arzila dos Ocidentais, tão célebre nos Anais portuguêses.

(39) — Hoje Khassaça, cidade marítima a Oeste de Tarf-Herek, o Cabo das Três-Fôrcas.

(40) — Os vestígios da cidade de Achir estão visíveis sôbre o Kaf-al-Akhdar, monte situado entre a província de Fiteri e o deserto. (Cf Bakri, p. 144, e Hist. dos Berb. T. II, p. 490).

diatamente a Leste dêste país, estende-se a província de Trípoli, à margem do Mar Romano. Em frente, na direção do Sul, erguem-se as montanhas de Demmer (Ghorian). Os Meggara, ramo da tribo de Houara, habitam perto do Daran. Em frente destas montanhas, e na extremidade da parte meridional da seção, está a cidade de Ghadamès. Na extremidade oriental da seção, fica a Soueica de Ibn Matkoud, situada à beira-mar; ao Sul dêste lugar estendem-se as planícies do Oueddan, freqüentadas pelos Árabes nômades.

A terceira seção do 3.º Clima é atravessada, como as precedentes, pela cordilheira de Daran; mas, na sua extremidade, esta Montanha faz uma forte curva para o Norte prolongando-se assim até ao Mar Romano. Neste local, recebe o nome de Cabo Aouthan(41). Uma parte por uma distância mínima. Além desta Montanha, para o lado sul considerável desta seção, do lado Norte, é ocupada pelo Mar de Rum que avança até um lugar em que está separado do Daran sòmente e para o oeste estende-se o resto do país de Oueddan e da região percorrida pelos Árabes. Vem, a seguir a Zouila de Ibn Khattab; depois, sucedem-se areias e desertos que se prolongam até à extermidade oriental da seção. A cidade marítima de Sort fica situada entre o Daran e o Mar, do lado Sul; mais longe, são solidões e desertos percorridos pelos Árabes nômades. Sucedem-se Ajdabaiya, Barca, cidade situada no lugar ondo o monte faz a curva, e Tolmeitha, localizada à beira-mar. A Leste do lugar onde a Montanha muda de direção existem pastagens que percorrem os Haib e os Rouaha, e que se estendem até o fim desta seção do 3.º Clima.

Na quarta seção do 3.º Clima, do lado da extremidade ocidental do seu lado meridional, acham-se os desertos de Bernic e mais abaixo (para o Norte), a zona que percorrem os Haib e os Ruaha; depois, o Mar Romano ocupa uma parte desta seção e avança para o Sul, até o limite meridional da seção. O território que se prolonga até a extremidade da seção é formado de desertos, freqüentados por Árabes nômades. Sôbre o prolongamento desta linha, para o Oriente, está o país de Fayium, situado na embocadura de um dos dois ramos que derivam do Nilo. Êste ramo passa perto de Al-Lahoun, lugar da província de Sayd, situado na 4.ª seção do 3.º Clima, donde sai para desaguar no Lago de Fayum. Diretamente a Leste, situam-se o território do Egito e sua famosa Capital, que se ergue sôbre o

(41) — Extremidade setentrional da Cirenáica. Nos mapas, tem o nome Cabo Razat.

segundo braço do Nilo, e que passa em frente de Dalas, localidade situadas nas proximidades do Sayd, na extremidade da 2.ª seção. Êste braço devide-se uma segunda vez abaixo do Mar (O Velho Cairo) e forma dois ramais que partem de Chetnouf e de Zefta. O ramal da direita divide-se, em frente de Torout, em dois outros braços. Todos êles vão desaguar no Mar de Rum. Na embocadura do mais ocidental dêstes braços está situada a cidade de Alexandria; sôbre a do meio está construída a cidade de Rachid (Rosette), e sôbre a do braço oriental, a cidade de Dimiat (Damiette). O espaço compreendido entre Misr e o Cairo, de um lado, e do outro as margens do Mar que limitam as terras baixas do país do Egito, é completamente cheio de lugares habitados e de terras de cultura.

A 5.ª seção dêste Clima contém a Síria, ou, pelo menos, a maior parte dêste país, como será exposto. Com efeito, o Mar de Colzom termina ao Sudoeste da Síria, perto de Suez. Depois de se destacar do Mar da Índia para tomar a direção do Norte, desvia-se para o Ocidente. Resulta disso que uma parte muito alongada dêste Mar vem cair na seção de que nos ocupamos, o que sua extremidade ocidental se acha perto de Suez. Depois desta cidade encontra-se, sôbre esta parte do Mar, o Monte Faran, depois o de Tor (o Sinai), depois Aïla, cidade de Medina, e por fim, Al-Haura, situada na extremidade da seção. A partir da lá, a costa toma uma direção meridional marginando o país do Hijaz, como dissemos ao falar da 5.ª seção do 2.º Clima. Na parte setentrional da seção de que tratamos aqui, o Mar Romano ocupa um espaço considerável do lado do Ocidente e atinge as cidades de Al-Farma e de Al-Arich.

Sua extremidade se avizinha muito de Colzom. Entre os dois Mares não resta, por assim dizer, senão uma espécie de porta pela qual se deve passar para ir para a Síria. A Oeste desta passagem, estende-se a planície de Extravio, em que a erva não cresce e na qual, segundo o Alcorão, os Israelitas levaram uma vida errante durante quarenta anos, depois de seu êxodo do Egito e antes de entrarem na Síria. A porção de Mar Romano compreendida nesta seção do Clima, abraça parte da Ilha de Chipre, pertencendo o restante dela ao IV Clima, como dir-se-á mais abaixo. À beira desta porção de Mar, na parte em que mais se aproxima do Mar de Suez, erguem-se as cidades de Al-Arich, na extrema fronteira do Egito, e a de Ascalão. No intervalo que separa estas duas cidades se acha a extremidade do Mar Romano, que se encurva então para entrar

no 4.º Clmia, perto de Tarabulos (Trípoli) e Arca. Chegada a esta localidade, a parte de Mar de Rum compreendida nesta seção, deixa de se dirigir para Leste; é ali que estão localizadas tôdas as cidades marítimas da Síria. Assim, ao Oriente de Ascalão, e um pouco para o Norte, encontra-se a cidade de Caisarya (Cesaréa); depois, na mesma direção, a cidade da Akka (Saint-Jean-d'Acre); seguem-se Sour (Tyro), Saida e Arca. Mais adiante, a costa se volta para o Norte e penetra no 4.º Clima.

Atrás das cidades situadas sôbre a porção do Mar pertencente a esta seção, estende-se uma vasta montanha que, partindo da cidade de Aila, perto do Mar de Colzom, se dirige para o Norte, com um ligeiro desvio para Leste, até ultrapassar esta parte do Clima. Dão--lhe o nome de Jabal Al-Lokham; forma ela uma espécie de barreira entre o Egito e a Síria. Na sua extremidade, perto de Aila, é o desfiladeiro (Acaba) que atravessam os peregrinos que, do Egito, demandam a Meca. Mais longe, na direção Norte, está Hebron, a sepultura de Abrahão Al-Khalil (O Amigo de Deus). Está localizda perto da montanha de Charat, a qual, partindo do Monte Lokham, ao Norte de Acaba, toma a direção Leste, para fazer, em seguida, uma pequena curva. Ali, a Leste desta montanha, ficam o país de Al-Hijr, região dos Thamud, Teima e Dumat-al-Jandal, que formam a parte setentrional do Hijaz. Mais ao Sul, situam-se a montanha Radua e as fortificações de Khaibar. Entre o Monte Charat e o Mar de Colzom estende-se o deserto de Tabuk. Ao Norte do Charat, perto do Monte Lokham, está situada a cidade de Al-Cuds (Jerusalém), depois o Jordão, a seguir, Tabaraiya (Tiberíades). Ao Oriente, está a província de Al-Ghor, que se prolonga até Adraate e Hauran. Sôbre a mesma linha do lado Este, acha-se Daumat-al-Jandal, que marca o limite desta seção do Clima e do Hijaz. Perto da curva que o Monte Lokham faz para o Norte, na extremidade desta seção, fica a cidade de Damasco, situada em frente de Sidon e de Beirut, cidades banhadas pelo Mar. O Monte Lokham passa entre estas cidades e Damasco. Sôbre a mesma linha que Damasco, do lado do Oriente (do Norte) fica a cidade de Baalbek, depois a cidade de Homs (Emes), situada perto da extremidade setentrional desta seção, no lugar em que ela corta o Monte Lokham. A Leste de Baalbek e de Homs encontram-se a cidade de Tadmor (Palmyra) e um deserto que se prolonga até ao fim da seção e que habitam tribos nômades (42).

---

(42) — Parece que o autor não conhece o Monte Líbano, mesmo

A parte meridional da 6.ª seção é ocupada por desertos, onde os Árabes se entregam à vida nômade. Êstes desertos, situados abaixo (ao Norte) das províncias do Najd e de Yamama, entre o Monte Al-Arj e o país de Dmár, prolongam-se até Bahrain e Hijr, nas margens do Mar de Fars. Na parte setentrional desta seção, abaixo dos desertos freqüentados pelos nômades, encontram-se a cidade de Al-Hira, a de Cadecya, e os pântanos em que o Eufrates despeja suas águas. Mais adiante, do lado Leste, fica a cidade de Bassra (Bassora). É nesta seção que termina o Mar de Fars. Na sua parte setentrional estão localizadas Abadan e Obolla. Não muito longe de Abadan, o Tigre desagua neste Mar, depois de ter-se dividido em muitos braços e recebido outros, provenientes do Eufrates. Tôdas estas águas se reúnem perto de Abadan e vão lançar-se no Mar de Fars. Esta bacia é muito larga na parte meridional desta seção, cujo limite oriental ela estreita muito, para torná-lo mais estreita ainda no local onde a extremidade desta bacia atinge o limite setentrional da seção. Na sua margem ocidental estão os cantões inferiores de Bahrain, de Hijr e de Ahsa. A Oeste destas regiões, acham-se Al-Khatt, Dimare e o resto da província de Yamama. Na margem oriental desta bacia fificam as regiões marítimas da província de Fars. Os Montes Cofs, que fazem parte de Karman, situam-se além e ao Norte dêste braço de mar, na direção da extremidade oriental da mesma seção; dominam a parte do mar que se estende para Leste e passam por trás dela, do lado Sul sem sairem da seção. Abaixo (ao Norte) de Hormuz, à beira--mar, estão as cidades de Siraf e de Nejairem. A Leste ,na extremidade da seção e abaixo de Hormuz, acham-se muitas cidades da provín-

---

depois de sua estada em Damasco. Abulfeda, o príncipe geógrafo, melhor conhecedor do país, assim o descreve: "A montanha das Neves, o Monte Líbano e o Monte Lokham, estão ligados um ao outro, e formam uma única cordilheira, estendendo-se do Sul para Norte. Lê-se no **Rasm al Ard,** que a montanha das Neves (Ou Anti-Líbano) começa a 59°,45' de longitude e a 32° de latitude; prolonga-se para o Norte, além de Damasco, e recebe ao Norte desta cidade o nome de Monte Sanyr. O lado que domina Damasco chama-se Cassyoun. Para lá de Damasco, a cordilheira passa a Oeste de Baalbek; a que faz frente a Baalbek é chamada Lobnan (Líbano)... Passando Baalbek, e ao Oriente de Trípoli da Síria, recebe o nome de Monte de Akkar. Akkar é um castelo postado na montanha. A cordilheira continua a prolongar-se na direção Norte, ultrapassa Trípoli, chega perto do Castelo dos Kurdos e acha-se sob o mesmo paralelo que essa, à distância de uma jornada, do lado do Ocidente. Passa sucessivamente pelas cidades de Hamat, Schayzar e Apamea; é alí, então, que se lhe dá o nome de Monte Lokam. "Geographie d'Afulfeda, t. II, p. 89".

cia de Fars, tais como Sabour, Darabguird, Fesa, Isthakher, Chahdjan, e Chiraz, capital de todo o país. Abaixo da província de Fars, indo para o Norte e na extremidade dêste mar, situa-se o Khousistão, que contém Ahouaz, Toster, Jundi-Sabor, Sous, Ram-Hormuz e outras cidades. Arrajan fica sôbre o limite que separa Fars do Khousistão. A Leste desta última província erguem-se as montanhas dos Kurdos, que se prolongam até às cercanias de Ispahão. Aí habitam os Kurdos; mas as localidades que percorrem com seus rebanhos estão situadas mais além, na província de Fars. Esta região é conhecida pelo nome de Az-Zomoum(*).

A sétima seção dêste Clima contém, na parte sud-oeste, o restante dos Montes Cofs. Estendem-se ao pé dêles, ao Sul e ao Norte, as províncias de Kerman e de Mekran. Entre as cidades destas regiões distinguem-se as de Roudan, Sirjan, Jireft, Biredcire, Fehrej. Ao Norte, a província de Fars prolonga-se até às cercanias de Ispahão, cidade que se acha a Nordeste desta seção. O Sijistão, no Oriente de Kerman e de Fars, estende-se para o Sul, enquanto o país de Kouhistão se prolonga para o Norte. Entre o Kerman, o Fars, o Sijistão e o Kouhistão, no meio desta seção, existe um grande deserto, que, sendo quase impraticável, oferece apenas um pequeno número de caminhos. O Sijistão tem como cidade: Bost, Tac e outras. O Khouhistão faz parte do Khoração. A mais conhecida de suas cidades, chamada de Serakhs, ocupa a extremidade desta seção.

A 8.ª seção contém, a Oeste e ao Sul, os territórios freqüentados pelos Khildij, povo nômade pertencente à raça turca. Esta região confina, do lado Oeste, com a província de Sijistão, e, do lado sul, com Cabul, região da Índia. Ao Norte dêste deserto fica Gaur, país montanhoso, cuja capital, Ghazna é o entrepôsto do comércio com a Índia. Na extremidade setentrional do Gaur situa-se o Cantão de Asterabad. Mais para o Norte e até à extremidade desta seção, estende-se o território de Herat, situa-se no centro do Khoração e compreendendo as cidades de Isfarain, de Cachan, de Bouchenj, de Marv-er-Roud, de Talecan e de Jouzjan. No Khoração, sôbre a margem ocidental de Jaihoun está a cidade de Balkh, e, na margem Oriental, a cidade de Termid. Era Balkh, em tempos passados, a capital do Império dos Turcos. O Jaihoum tem sua nascente em

(*) — Zomoum, cujo singular é zamm, designa os acantonamentos dos Kurdos. Em cada zamm se acha certo número de aldéias ou cidades.

Oukhan (ou Oukhab), província que confina com a Índia. Nasce perto da extremidade oriental da parte meridional desta seção, para logo a seguir se encurvar para o Oeste, e, chegando ao meio da seção, receber o nome Kharbat (ou Khariab). Depois, dirigindo-se para o Norte, atravessa o Khoração, e continua a seguir a mesma direção até se lançar no lago de Kharizm, situado, como diremos, no 5.º Clima. Chegado a êste lugar, muda de curso no meio desta seção, e recebe, tanto do lado Norte como do lado Sul, as águas de cinco grandes afluentes que lhe chegam das regiões de Khotel e de Ouakhch; outros descem das montanhas de Battam, situadas igualmente a Leste do rio e ao Norte de Khotel, o que obriga a Jaihoum a se alargar extraordinàriamente. Entre as cinco ribeiras que vêm assim engrossá-lo, distingue-se o Ouakch-ab, que, saindo do Tibet, país situado ao Sudeste desta seção, se dirige para Oeste inclinando-se para o Norte. Ali, cruzando-lhe o curso, eleva-se uma cadeia de montanhas que, passando pelo meio da parte meridional desta seção, se dirige para leste, inclinando-se para o Norte, e entra na 9.ª seção do Clima, não longe do limite setentrional desta. A cordilheira acompanha o Tibete, e, ao chegar ao sudeste da seção, separa o país dos Turcos do de Khotel. Oferece sòmente uma passagem, que se apresenta no meio da parte oriental da seção. Foi nêste lugar que Fadl, filho de Yahya, o Barmakida, mandou construir uma muralha provida de uma porta, semelhante à muralha Yajuj (Gog). Quando o rio de Ouakhch-ab sai do Tibete e encontra esta montanha, corre por debaixo dela, por um subterrâneo de um comprimento imenso, depois atravessa o país de Ouakhch e vai desaguar no Jaihoun, perto de Balkh. Êste último rio toma a direção Norte, passa perto do Termid e outra no país de Jouzjan. A Leste da região de Gaur, entre ela e o Rio Jaihoun, estende-se o cantão de Bamian, parte integrante do Khoração. Ali, sôbre a margem oriental do Rio, situa-se o país de Khotel, formado em grande parte por montanhas, e a província de Ouakhch. Esta última é limitada, ao norte pelas montanhas de Bottam, que se estendem desde a fronteira do Khoração, a leste, passando a oeste de Jaihoun; alcançam então a grande montanha atrás da qual se situa o Tibete, e sob a qual correm as águas de Ouakhch-ab. As duas cordilheiras se reúnem perto do lugar em que Al-Fadl, filho de Yahia, construiu a porta. O Jaihoun passa entre estas montanhas e recebe muitas outras ribeiras, tais como a ribeira do país de Ouakhch, que desagúa neste rio na margem oriental, e ao Norte de Termid.

A ribeira de Balkh sai das montanhas de Bottam, perto de Jouzjan e despeja suas águas no Jaihoun, na margem ocidental. A oeste do rio fica situada a cidade de Amel, que faz parte do Khoração. Daí em diante, a margem oriental é formada pelos países de Soghd e de Osrouchna, pertencentes aos Turcos. A Leste, acha-se o país de Fargana, que se prolonga para o Oriente até à extremidade da seção. Tôda a região dos Turcos é limitada ao Norte pelas montanhas de Bottam.

Na parte ocidental da 9.ª seção do 3.º Clima estende-se o Tibete, que se prolonga até o meio da seção. Ao Sul acha-se a Índia, e, a leste, a China, que se estende até à extremidade da seção. Na parte inferior (setentrional) da seção, ao Norte do Tibete, fica a região dos Kharlokh, povo de raça turca. Seu país se estende para o Norte até ao fim da seção. A oeste, confina com a província de Fargana; a leste, com o país dos Taghazghaz, também povo turco, cujo território se estende até à extremidade oriental e setentrional desta seção.

Tôda a parte meridional da 10.ª seção é ocupada pela região setentrional da China. Ao Norte da seção situa-se o resto do território dos Taghazghaz, a oeste do qual fica o país dos Khirkhiz, outro povo de raça turca. Esta última região se estende até ao limite oriental da seção. Ao norte do país dos Khirkhis fica o dos Keimakum outro povo turco. Em frente destas duas regiões, no Mar Circundante, situa-se a península dos Rubis (Yacout), envolvida por um círculo de montanhas; não é possível atingí-la, porque a montanha não oferece nenhuma passagem, e porque é extremamente difícil escalar-lhes os flancos exteriores. Na ilha há cobras, cuja picada é mortal, e uma grande quantidade de cascalhos contendo rubis. Os habitantes das regiões adjacentes foram bem inspirados ao acharem o meio de retirarem parte destas pedrarias(43). Estas rgiões estão situadas na 9.ª e na 10.ª seção do Clima, além do Khoração e do país de Khotel; oferecem vasto campo de percurso aos Turcos, nação composta de uma multidão de povos nômades, criadores de camelos, carneiros, bois e cavalos; êstes rebanhos fornecem-lhes montaria e servem para alimentá-los. Sòmente Deus, que os criou, pode conhecer-lhes o número. Encontram-se, entre êles, muçulmanos, que habitam os arredores de Jaihoun; fazem guerra aos povos da mesma

(43) — Êste meio está indicado na 2.ª Viagem de Simbad.

raça entregues à idolatria, aprisionando-os e vendendo-os às nações vizinhas; algumas vêzes, deixam seu país para demandarem o Khoração, a Índia e o Iraque.

## QUARTO CLIMA

Êste Clima confina com o 3.º do lado Norte. A parte ocidental da 1.ª seção é ocupada por uma zona do Mar Circundante que se estende desde o limite meridional desta seção até seu limite sententrional. Ao norte da cidade de Tânger, que se ergue na costa meridional desta zona do mar, é o lugar em que o Mar Romano se separa do Mar Circundante e atravessa um canal estreito, cuja largura, tomada entre Tarifa ou Algezira, do lado setentrional, e Casr-al-Majaz ou Ceuta, do lado Sul, mede cêrca de doze milhas. Êste Mar se dirige para Leste até chegar ao meio da 5.ª seção do 4.º Clima. Na sua extensão alarga-se gradativamente, de maneira a ocupar as quatro primeiras secções do dito Clima e parte da 5.ª. Dos dois lados, invade igualmente parte do 3.º Clima e do 4.º. Êste Mar, chamado também Mar da Síria, apresenta grande número de ilhas, das quais as mais consideráveis, do lado do Ocidente, são: Yabiça (Iviça), Maiorca, Minorca, e em seguida, a Sardenha e a Sicília, que é a maior de tôdas, depois Belubonès (Peloponésio), Creta e Chipre. Falaremos destas ilhas ao tratarmos das seções do Clima em que estão situadas. Na extremidade da 3.ª seção, o Golfo de Veneza se destaca do Mar e se dirige para o Norte até ao meio da seção; desvia-se, então, para Oeste e acaba terminando na 2.ª seção do 4.ª Clima. Na extremidade oriental da 4.ª seção do mesmo Clima, o Mar Romano dá origem ao Canal de Constantinópla, que se dirige para o Norte e se vai estreitando até não medir mais que um tiro de flecha. Atingindo os limites dêste Clima, entra êste Canal na 4.ª seção do 6.º, para logo se desviar para o Mar de Pontos (Mar Negro) e, prolongando-se na direção do Oriente, ocupa tôda a 5.ª seção do 6.º Clima e metade da 6.ª. Mais tarde, voltaremos ao assunto.

Quando o Mar Romano sai do Mar Circundante acompanhando o Estreito de Tânger, e quando se alarga no ponto em que penetra no 3.º Clima, fica ao Sul dêste Estreito uma pequena parte desta primeira seção. Nela se localiza a cidade de Tânger, situada no local em que os dois Mares se reunem. Vem depois Sabta (Ceuta), localizada

sôbre o Mar de Rum, depois Titaouin (Tetouan), depois Badis; depois encontra-se o Mar que ocupa o restante desta seção do lado do Oriente, e que se estende mais além na 3.ª seção. A parte da 1.ª seção que contém a população mais numerosa é a que está localizada ao Norte do Estreito. Ela se compõe completamente das províncias da Andaluzia. Do lado do Ocidente, entre o Mar Circundante e o Mar de Rum, encontra-se, primeiro, a cidade de Tarif (Tarifa), situada no lugar da junção dos dois Mares. Mais para Leste, sôbre a margem do Mar Romano, fica Al-Jazirat-al-Khadrat (a Ilha Verde); depois vem Málaga, e a seguir Al-Monakkab (Almuñecar) e Al-Mariya (Almeria). Mais além, para o Ocidente e nas vizinhanças do Mar Circundante, encontra-se Cherich (Xeres) e Lebla (Niebla), diante das quais, neste Oceano, fica a Ilha de Cádis (Cadix). A Leste de Xeres e de Niebla, estão Ichbilia (Sevilha) Ecija, Cortoba (Córdova), Mortella (Montilla) Garnata (Granada) Jian, Ubeda, Ouadi Ach (Guadix) e Baza. Mais abaixo, do lado do Ocidente e perto do Mar Circundante, encontram-se as cidades Chant-Maria (Santa Maria do Algarve) e Chelb (Silves). Ao Oriente destas duas praças, estão Bataliaus (Badajós), Mérida, Iabora (Évora), Ghafic, Terjela (Trujillo) e Calat-Ribah (Calatrava). Mais abaixo, do lado do Ocidente e na proximidade do Mar Circundante, ergue-se a cidade de Achbuna (Lisboa), situada sôbre o Tejo. A Leste dela estão as cidades de Chantarem (Santarém) e de Coria, localizadas sôbre o mesmo rio, depois Cantara-as-Saif (ponte da espada, Alcântara). Diretamente a Leste de Lisboa, ergue-se Charat (Sierra), cadeia de montanhas que se dirige para Leste seguindo o limite setentrional da seção, e termina em Medinat Salin (Medina-Celi), situada além do meio desta seção. Ao pé destas montanhas se acha a cidade de Talabeira, situada a Leste de Coria, depois, Tulaitela (Toledo), Ouadi-l-Hijara (a ribeira das pedras, Guadalajara) e Madinat Salim. Entre o começo desta cadeia e Lisboa, está a cidade Colombriya (Coimbra). Tudo isso na Espanha ocidental. Passemos à Espanha oriental: na margem do Mar de Rum, além da Almeria, se acha Cartagena, depois Alicante, Denia, Balenciya, (Valença), e, finalmente Tarragena, cidade situada na extremidade oriental da seção. Abaixo desta cidade na direção Norte, estão Lorca e Chegura (Segura), situada nas vizinhanças de Basta (Baza) e de Calatrava, cidades da Andaluzia ocidental(44).

(44) — Aqui e mais adiante, o autor fiando-se em mapas mal feitos, forneceu posições inexatas de muitas cidades da Península Ibérica.

Do lado do Oriente se encontra Múrcia, depois Chateba (San Felipe de Xateba), situada abaixo de Valença, a Leste(45). Seguem-se Xucar, Tortosa(46), localizada abaixo (ao Norte) de Tarragona, na extremidade desta seção. Abaixo desta, para o Norte, estão as cidades de Jinjela e de Ubeda, que confinam, a Oeste, com Segura e Toledo. Abaixo de Tortosa, na direção nordeste, se acha a cidade de Afraga (Fraga). O Castelo de Ayoub (Calatayud) é situado a Leste de Madinat Salim. Mais afastada fica Saragoça, depois, Lérida, sôbre o limite desta seção, na direção do nordeste(47).

A 2.ª seção dêste Clima é ocupada pelas águas do mar, com exceção do ângulo de Nordeste em que parte da terra fica a descoberto. Ali se encontra a montanha de Al-Bortat (os portos, os Pireneus), cujo nome significa "monte de gargantas e desfiladeiros". Esta Cordilheira começa no fim da 1.ª seção do 5.º Clima, onde margina com o Mar Circundante, na extremidade Sudeste da seção, e se dirige para o Sul(48) com inclinação para o Oriente. Saindo da 1.ª seção do 4.ª Clima, penetra na 2.ª e apresenta passagens que conduzem ao Continente, isto é, a Gachcunia (Gasconha), país em que estão as cidades da Gironda e de Carcassuna. À beira mar, nesta seção, está situada a cidade de Barcelona, depois a de Arbuna (Narbona). A parte do mar que ocupa esta seção apresenta grande número de ilhas, muitas das quais desabitadas, em razão de sua exígua extensão. Para o Ocidente, fica a ilha de Sardenha, e, ao Oriente, a Sikiliya (Sicília), que ocupa uma extensão considerável: dizem ter um circuito de setecentas milhas. É semeada de um grande número de cidades das quais as mais conhecidas são: Siracusa, Palermo, Tarabna, Mazar e Messina. Esta ilha se situa em frente de Ifríkya. No intervalo que as separa, estão as Ilhas de Godoch (Gozzo) e de Malta.

A 3.ª seção dêste Clima está igualmente ocupada pelo Mar, como a precedente, com exceção de três pontos, do lado Norte. O ponto ocidental faz parte do território de Killauria (Calábria); o do meio,

(45) — A cidade de Chatiba fica a 35 milhas de Valença, ao Sul.

(46) — Tortosa, estando a S. O. de Tarragona, está acima desta cidade, conforme a terminologia adotada pelo autor.

(47) — Tôdas estas indicações estão erradas.

(48) — No Planisfério de Idrissi, a Espanha é localizada mais ao Oeste da França, e os Pireneus se dirigem de Nordeste para Suleste, para chegarem até ao mar, imediatamente a Oeste, isto é, ao Sül, de Barcelona. Acreditava Srabo que esta cadeia de montanhas tinha a direção Norte - Sul.

pertence a Ankabordiya (Lombardia), e o do Oriente (Albânia), pertence ao país de Veneza.

A 4.ª seção do Clima está ocupada pelo mar, como a precedente, e apresenta grande número de ilhas em grande parte desabitadas, como na 3.ª seção. As habitadas são o Peloponeso, situado na parte noroeste, e a Ilha de Ikritich (Creta) que se estende desde o meio da seção, dirigindo-se para o ângulo de Sudoeste.

Na 5.ª seção, ao Sul e a Oeste ,o mar ocupa um grande espaço triangular, cujo lado ocidental se prolonga até à extremidade setentrional da seção, e cujo lado meridional ocupa cêrca de dois têrços do comprimento da seção. O último têrço, situado do lado Leste, apresenta uma extensão do país cuja parte setentrional se dirige para o ocidente, seguindo as mesmas curvas que o mar: sua parte meridional compõe-se das regiões inferiores da Síria (regiões setentrionais). É atravessada pelo Monte Lokam(49), que avança para o Norte até à extremidade da Síria, e dirige-se, então, para o Nordeste. Após esta curva, toma o nome de Jabal as Silsila (Monte da Corrente, Taurus). Daí, esta montanha penetra no V Clima e, tomando a leste, passa perto de uma parte de Al-Jazirat (a Mesopotâmia). Do lado ocidental da dita curva, uma cadeia de montes se estende até o Golfo (o Arquipélago) que sai do Mar de Rum e que toca o limite setentrional da seção. Entre estas montanhas, se acham muitos desfiladeiros, chamados Ad-Dorub, que conduzem à Armênia. Esta seção compreende as partes da Armênia que separam estas montanhas das do Jabal-as-Silsila. A porção meridional, já dissemos, compreende as regiões inferiores da Síria; é atravessada pelo Lokam, monte que se ergue entre o Mar Romano e o limite oriental desta seção e que se dirige do Sul para o Norte. Sôbre a margem do mar que banha êste território, encontra-se a cidade de Antarsus, situada no comêço desta seção, do lado Sul; confina com as cidades de Arca e de Trablos (Trípoli), situadas sôbre a costa, no 3.ª Clima. Ao norte de Antarsus, acha-se Jabala e, a seguir Ladikiya; depois, Iskandaroun e Selukiya; e mais longe, para o norte, estende-se o país de Rum (Asia Menor ou Anatólia).

Quanto ao Monte Lokam, que se estende entre o mar e o limite oriental desta seção, e que atravessa as regiões da Síria, encontra-se nêle, na parte meridional da seção e a Oeste da montanha, uma for-

(49) — Como já fizemos observar o autor engloba o Monte Líbano e o Anti-Líbano no Lokam.

taleza chamada Al-Khuabi. Pertence aos Assassinos Ismaelitas(50), conrecidos hoje em dia sob a denominação de Fadaui(51).

Esta praça forte, chamada também Massiat, fica situada em frente de Antarsus, lado Leste; diante dela e a Leste da montanha, acha-se Salamiya, cidade do Norte de Homs. Ao Norte de Massiat, entre a montanha e o mar, fica a cidade de Antióquia; em face desta e a Leste da montanha, acha-se Al-Marrat; mais a Leste, está Maragha. Ao Norte de Antióquia fica a Al-Masisa (Mopsuesto); depois Adana, e a seguir, Tarsus, que está na extremidade da Síria. Em frente ao ocidente da montanha, acham-se Kinnasrin e Ain-Zarba (Anazarbe); em frente a Kinnasrin, e a Leste da montanha, situa-se Alepo; em frente a Ain-Zarba, sôbre os confins da Síria, encontra-se Mambij (Bambyce ou Hierapolis). Quanto aos Doroub ou Desfiladeiros, têm, à direita, entre si o Mar de Rum, o país de Rum (ou Anatólia), que hoje pertence aos Turcomanos, tendo por soberano Ibn Othman. Nesta região, à beira mar, estão as cidades de Antaliya, e de Alaya. Quanto à parte da Armênia que está situada entre o Monte dos Desfiladeiros e o Monte das Correntes, apresenta as cidades de Marache, de Malatiya, de Angora, e prolonga-se ao norte até sair desta seção do Clima.

O rio de Jihán sai da parte da Armênia que se acha na 5.ª seção (do 5.º Clima) e penetra neste; corre ao Oeste de Sihan, que procede do mesmo país, e se dirige primeiro para o Sul, atravessa os Doroub, passa diante de Tarsus e Hasiba encurva-se para sudoeste e precipita-se no Mar Romano, ao Sul de Selukiya. O Sihan corre paralelamente ao Jíhan; passa perto de Angora e de Marach, atravessa os Doroub até à Síria, passa diante de Ain-Zarba, depois, afastando-se do Jihan, volta-se para o Noroeste; chegando ao Ocidente de Massisa e perto desta cidade, reúne suas águas às do Jihán(52).

Quanto à região da Mesopotâmia que o Monte Lokam circunda ao se encurvar para alcançar o Monte das Correntes, tem, ao Sul, as cidades de Rafeca e de Racca, Harran, Seruj e Ar-Roha (Edessa); depois, Nisibin, Somaisat (Samosat) e Amid, situadas aos pés da montanha das Correntes, no ângulo nordeste da seção. Esta parte da seção é atravessada pelo Eufrates e pelo Tigre, que saindo ambos

(50) — No texto árabe: aos haichichia, em lugar de "hachachin", tomadores de hachich, que deu "assassino".

(51) — Fadaui, que oferece sua vida em holocausto, para defender uma causa; que se oferece para matar alguém.

(52) — Os dois rios não confluem.

do 5.º Clima, correm para o Sul, atravessando o território armênio e cortam o Monte das Correntes.

O Eufrates corre ao Oeste de Samosate e de Saruj; dirige-se depois para leste, passa a Oeste de Rafeca e de Racca e penetra na 6.º seção dêste Clima. O Tigre corre a Leste de Amid, e, logo depois, faz uma curva para leste, para, em seguida, passar à 6.ª seção. Na parte Ocidental da seção situa-se a região de Al-Jazirat (Mesopotâmia), a Leste da qual fica o Iraque, com que confina e que se prolonga para o Oriente até se aproximar do limite da seção. Neste lugar, a extremidade do Iraque é atravessada pela montanha de Ispahão, que, partindo do Sul da seção, se dirige em sentido oblíquo, para Oeste. Chegada ao meio do limite que cerca a seção do lado Norte, esta elevação continua a dirigir-se para o Ocidente, até sair da seção. Seguindo sempre a mesma direção, acaba por se juntar ao Monte das Correntes, na 5.ª seção. Na 6.ª divide-se em dois ramos, um ocidental e outro oriental. Ao sul do ramo ocidental, o Eufrates deixa a 5.ª seção dêste Clima; ao norte, fica o lugar em que o Tigre sai da mesma seção. Assim que o Eufrates entra na 6.ª seção, passa perto de Carkiciya, e manda para o norte um canal que despeja as suas águas na Mesopotâmia, onde a terra as absorve. A pouca distância de Carkiciya, encurva-se para o sul, passa a Oeste de Al-Khabur e de Raheba, manda um canal para o sul e deixa a Oeste a cidade de Siffin. Tomando, em seguida, a direção leste, divide-se em muitos ramos, passando um dêstes por Kufa e os outros por Casr Ibn Hobaira e por Al-Jamiain. Chegando ao Sul da seção ,êstes ramos entram todos no 3.º Clima e vão perder-se nas terras situadas a leste de Hira e de Cadeciya. Ao deixar Raheba, o Eufrates dirige-se para leste, como antes, passa ao Norte de Hit, corre, em seguida para o sul do Zab e de Anbar ,depois se lança no Tigre, perto de Bagdá.

Quanto ao Tigre, ao sair da 5.ª seção para entrar na 6.ª, continua sua direção para o oriente, correndo paralelamente ao Monte das Correntes que, seguindo a mesma direção, se vai juntar com a montanha do Iraque. O rio passa sucessivamente ao norte da Jazirat-Ibn-Omar, de Mossul e de Takrit. Chegando a Haditha, encurva-se para o sul, deixando esta cidade a leste, como acontece com o grande e o pequeno Zab. Continuando seu curso para o sul, corre a Oeste de Cadeciya, e, chegando a Bagdá, mistura suas águas com as do Eufrates. Seguindo sempre a mesma direção, passa a Oeste de Jarjaraya, entra no 3.º Clima e ramifica-se num grande

número de braços e de canais, que, depois de reunidos, desagúam no Mar de Fars, perto de Abadan.

O espaço compreendido entre o Tigre e o Eufrates, antes de sua junção perto de Bagdá, tem por nome "o País de Al-Jazirat" (Mesopotâmia). Depois de deixar Bagdá, êstes dois rios recebem as águas de um outro rio, que vem do nordeste, o qual chegando a Nahrawan, província situada em frente de Bagdá, do lado do Oriente, se encurva para o sul para despejar as águas no Tigre, antes que êste penetre no 3.º Clima. Entre êste rio e as montanhas do Iraque e da Pérsia (Al-Ajam), situa-se o cantão de Jaloula. A leste, perto da montanha, ficam as cidades de Holwan e de Saimara.

A parte ocidental desta seção é cortada por uma montanha que começa nas montanhas da Pérsia, se dirige para o oriente e se prolonga ao fim da seção. Seu nome é Monte de Chahrazur. A menor das duas partes da seção fica ao sul e nela está situada a cidade de Khunjan, a Noroeste de Ispahão. Esta parte é chamada "a província de Bahlus". No centro se acha a cidade de Nahawand, e ao noroeste, a de Chahrazur, situada perto do lugar em que se juntam as duas montanhas. Para Leste, no limite da seção, encontra-se a cidade de Dinaour. A outra parte da seção apresenta uma parte da Arménia, tendo como cidade principal Al-Maragha. A parte da montanha do Iraque que se estende em frente chama-se Monte Barma, e seus habitantes são Kurdos. Atrás da região do grande e do pequeno Zab, situada perto do Tigre, fica o país de Aderbeijão, que ocupa a extremidade oriental desta seção, onde estão as cidades de Tabriz e de Bailacan. No ângulo nordeste da seção, encontra-se parte do Mar de Pontos, conhecido também pelo nome de Mar dos Khazar(53).

Na 7.ª seção dêste Clima a oeste e ao sul, estende-se a maior parte da província de Bahluz, onde ficam as cidades de Hamadan e de Cazuin. O restante desta província situa-se no 3.º Clima. Ali é que se encontra a cidade de Ispahão. (Na 6.ª seção), o Bahluz tem por limite meridional uma montanha que sai desta seção a oeste desta província, passa na 6.ª seção do 3.º Clima e se encurva depois para entrar na 7.ª seção do 4.º Clima, onde se reune à parte oriental da montanha do Iraque, que, como já dissemos, serve também de limite à parte de Bahluz, que se acha na subdivisão oriental da seção. Esta

(53) — Esta denominação correspondia antigamente ao Mar Cáspio. Às vêzes, empregava-se para indicar o Mar Negro.

montanha, que envolve Ispahan, sai do III Clima e, dirigindo-se para o norte, penetra na 7.ª seção do Clima de que nos ocupamos, e serve de limite a província de Bahluz, do lado leste. Aí, ao pé da cordilheira, estão situadas as cidades de Cachan e de Comm. Chegando aproximadamente ao meio de seu comprimento, a montanha desvia-se um pouco para o ocidente, para logo depois voltar, formando uma curva e se dirigir para leste com inclinação para o norte, de modo a entrar no 5.º Clima. Na parte oriental da curva que descreve, contorna a cidade Al-Rai. Perto do ponto em que muda de direção, começa uma outra montanha que se dirige para o oeste, até à extremidade da seção. Nêsse ponto, ao sul da montanha, está Cazuin. Ao norte desta montanha e ao lado da de Rai que a ela se reúne para se dirigir, primeiro, para nordeste e alcançar o centro da seção, donde passa para o 5 .º Clima, situa-se a província de Tabaristão. Êste país ocupa o espaço que separa estas montanhas do Mar de Tabaristão, do qual uma parte sai do 5.º Clima, para ocupar cêrca de metade da parte setentrional desta seção, desde o ocidente até ao oriente. No local onde a montanha de Rai faz o desvio para o Sul, ergue-se uma outra montanha que se prolonga em linha reta para o oriente, com ligeira inclinação para o sul, e entra na 8.ª seção dêste Clima, do lado do Ocidente. Entre a montanha de Rai e esta última, perto do lugar em que ambas começam, estão, o país de Jorjan e a cidade de Bistam. Mais além, ao Sul, desta última montanha fica uma parte desta seção, contendo o resto do deserto que separa o Fars do Khoração. O deserto fica a oeste de Cachan; na sua extremidade, perto desta montanha, ergue-se a cidade de Asterabad. Dos dois lados da mesma cordilheira, na parte oriental da seção e até seu limite, estende-se o país de Nisabur, que faz parte do Khoração. Ao sul da montanha e a oeste do deserto, está situada a cidade de Nisabur, depois Mar-Chahjan, localizada sôbre o limite da seção. Ao norte da montanha e a oeste de Jorjan, acham-se as cidades de Mahrajan, de Khazroun e de Tous, esta última sôbre o limite oriental da seção. Todos êstes lugares estão abaixo (ao Norte) da montanha. Bem ao Norte da cordilheira fica a província de Neça, que está separada do ângulo nordeste da seção por desertos completamente inabitados.

Na 8.ª seção dêste Clima, do lado do ocidente, passa o Rio Jaihoun, dirigindo-se de Sul para Norte. Na sua margem ocidental acham-se as cidade de Zamm e de Amol, localizadas no Khoração,

assim como os cantões de Tahiriya e de Jorjaniya, que fazem parte do Kharizm. O ângulo Sudoeste da seção é rodeado pela montanha de Asterabad, que, depois de atravessar a seção precedente, penetra nesta pelo lado ocidental. Acha-se ali, também, uma parte do território de Herat. A montanha atravessa o 3.º Clima, entre Herat e Jouzjan, e vai juntar-se com a montanha de Bottam, como já foi dito. Ao Oriente de Jaihoun e ao sul desta seção, localiza-se o país de Boukhara, depois o de Sogd, cuja capital é Samarcand. Acha-se depois, o país de Osrouchna, com a cidade de Khojenda situada no limite oriental da seção. Ao Norte de Samarcand e de Osrouchna se estendem o país de Yalac e o país de Chach, que se prolonga para o Oriente até à extremidade da seção, e ocupa uma porção da 9.ª. Ao meio dia desta seção se acha uma parte do território de Fargana, ocupando (a outra parte o ângulo Sudoeste da 8.ª seção). Nesta região da 9.ª seção nasce a ribeira de Chach, que atravessa a 8.ª seção e se lança no Jaihoun, no local em que o rio sai da seção, do lado norte, para entrar no 5.º Clima. Antes de deixar o território de Yalac, a ribeira de Chach recebe uma outra, vinda do lado do Tibete, na 9.ª seção do 3.º Clima. No momento de sair da 9.ª seção, junta-se à de Fargana. A montanha de Jabragoun (ou de Jiragoun), que começa no 5.º Clima, dirige-se para sudeste paralelamente à ribeira de Chach, passa na 9.ª seção dêste Clima e segue o contorno do território de Chach. Em seguida, descreve uma curva na mesma seção, dirige-se para o Sul seguindo ainda o contorno do Chach e de Fargana, e penetra no 3.º Clima. No meio da 8.ª seção entre a ribeira de Chach e o flanco da montanha, localiza-se o país de Farab, separado das regiões de Boukhara e de Kharizm por desertos inabitados. No ângulo nordeste de seção, situa-se o país de Khojenda, que abarca os territórios de Isfija e de Taraz.

Após Fargana e Chach, acha-se, na 9.ª seção, ao sul de sua parte ocidental, a região dos Kharlokh. Na parte setentrional fica a região dos Kholkiya. A parte oriental desta seção, até sua extremidade, é ocupada pelo território dos Keimak, que se estende através de tôda a 10.ª seção até o Monte Coucaia(54). Esta cadeia forma

(54) — A palavra Coucaia parece ser uma alteração de Caucase. Os Árabes situaram esta montanha na extremidade nordeste da Terra Habitável, completamente ao Norte da China. Parecem ter confundido a barreira Derbend, à beira do Mar Cáspio, com a grande muralha da China.

o limite oriental da décima seção e domina uma parte do Mar Circundante: é o monte de Yajuj e de Majuj (Gog e Magog). Os povos que acabámos de nomear formam outros tantos ramos da raça turca.

## QUINTO CLIMA

A 1.ª seção dêste Clima é ocupada pelas águas do mar, excetuando-se uma pequena parte, ao sul e a leste. Com efeito, o Mar Circundante, do lado do Ocidente, penetra nos climas 5.º, 6.º e 7.º, deviando-se do círculo que descreve em redor da terra(55). A porção da terra que fica a descoberto nesta seção fica na parte sul, e forma um triângulo unido (pela base) com a Espanha. Êste canto da terra, sendo envolto pelo Mar, representa os dois lados de um triângulo e o ângulo intermediário. Na direção do limite sudeste da seção, esta parte da Espanha ocidental contém Monte-Maior, à beira-mar, depois Chalamanca (Salamanca), situada mais para o Oriente, e, ao Norte desta cidade, Semmura (Zamora). Ao Leste de Salamanca, e sôbre o limite meridional da seção, egue-se Abla(56), e mais a leste estende-se o país de Cachtala (Castilha). Esta região contém a cidade de Chegubia (Segovia); ao norte ficam os territórios de Leão e a cidade de Borgocht (Burgos). Atrás dêstes países, do lado norte, a região de Jillikia (Galícia) se estende até ao ângulo formado por esta parte do país. Sôbre o Mar Circundante, na extremidade do lado ocidental do triângulo, acha-se a cidade de Chant-Yacoub (Santiago). Êste nome é o mesmo que o nosso Yacoub (Jacó). A seção de que tratamos contém ainda muitas localidades da Andaluzia oriental, tais como Totila (Tudela), situada sôbre o limite meridional e a leste de Castilha. Ao Nordeste dêste país se encontra Huesca, depois Bambeluna (Pampelona), situada na parte nordeste desta seção. Ao oeste de Pamplona acha-se Castila (Estela), depois Najera (Naxera), situada entre esta cidade e Burgos. Uma grande cordilheira corta esta região, paralelamente ao mar, do qual se afasta muito pouco, seguindo o lado nordeste dêste triângulo. Na extremidade oriental do mar, nas cercanias de Pampeluna, esta montanha se

(55) — No texto está escrito: "em redor do clima".

(56) — Cinco léguas ao sudeste de Salamanca fica Alba de Tormes. Talvez seja a cidade que Idrissi designa pelo nome de "Alba".

junta a uma outra(57) que, como acima dissemos, toca por sua extremidade meridional o mar Romano, no 4.º Clima, e que, do lado do Oriente, serve de limite à Andaluzia. Formam seus disfiladeiros outras tantas portas servindo de entrada para o país dos Gascões, povo incluído entre os Francos. Desta parte da Andaluzia, a porção compreendida no 4.º Clima contém Barcelona e Narbona, situadas sôbre a margem do Mar Romano; vem depois Gironda e Carcassona, situadas mais ao norte. A parte contida no 5.º Clima apresenta Tulocha (Tolosa), ao Norte de Gironda.

A porção oriental da 1.ª seção compreende um segmento de terreno que as águas deixaram a descoberto e que tem a forma de um triângulo alongado, cujo ângulo agudo se localiza atrás das Portas (Pireneus). Na extremidade dêste segmento, perto das Portas e à margem do Mar Circundante, situa-se a cidade de Baiona. Na outra extremidade, ao nordeste da seção, fica o país dos Bithou (Poitou), povo franco. Esta região estende-se até ao fim da seção.

Na parte ocidental da 2.ª seção situa-se o país de Gachcuna (Gasconha), ao norte do qual se acham Poitou e Burgos (Bourges), regiões que já mencionámos(58). Ao Oriente de Gasconha existe um golfo do Mar de Rum que penetra nesta seção sob a forma de um dente(59) (o Golfo de Lião), com ligeira inclinação para leste. Também Gasconha, situada ao oeste dêste golfo, forma um istmo que segue para o mar. Na extremidade setentrional desta zona do mar fica o território de Gênova, e sôbre a mesma linha, para o norte, a montanha de Mont-Joun(60) (os Alpes). Mais para o norte e seguindo a mesma direção, fica o país de Borgonha. Ao Oriente do Golfo de Gênova, que sai do Mar de Rum, acha-se um outro golfo saindo também dêste mar, e entre ambos situa-se um premontório que avança para o mar(61). Sôbre a parte ocidental dêste promontório ergue-se Bicha (Pisa); mais para o Oriente, fica Rumat-Al-Adimat (Roma a Grande), sede do Império dos Francos e residência do Papa, patriarca supremo dêstes povos. Roma encerra, como todo o mundo sabe, edifícios imensos, monumentos imponentes e igrejas

(57) — Trata-se dos Pireneus.

(58) — O autor teria confundido Burgos, que já mencionou, com Bourges, na França.

(59) — No mapa, êste Golfo tem uma forma oval, tal como a superfície de um molar.

(60) — A edição de Boulac diz, no texto; Jabal: Tit (ou) Nit Joun.

(61) — O outro Golfo é o Adriático. O promontório é a Itália. No Planisfério de Idrissi, dirige-se para Leste.

antigas. Conta-se entre suas maravilhas, a ribeira que a atravessa do Oriente para o Ocidente, e cujo leito é pavimentado de lâminas de cobre(62). Vê-se nesta cidade uma igreja consagrada aos dois apóstolos Pedro e Paulo, cuja sepultura ali se encontra. Ao Norte dos Estados Romanos fica o país do Anbardiya (Lombardia), que se prolonga até à extremidade da seção. Sôbre a margem oriental do Golfo do Mar em cujas cercanias está situada Roma, ergue-se a cidade de Nabel (Nápolis), que toca nos confins de Killauria (Calábria), um dos Estados Francos. Ao Norte, estende-se uma parte do Golfo de Veneza, que sai do lado ocidental da 3.ª seção para entrar nesta. Êste golfo se dirige paralelamente ao lado setentrional da 2.ª seção e termina no têrço do comprimento da seção. A maior parte dos Estados Venezianos estão situados nas suas margens meridionais, entre êste Golfo e o Mar Circundante (Mar Romano). Ao Norte, no 6.º Clima, fica o país de Ankilaya (Aquileia).

Na 3.ª seção dêste Clima, do lado oeste, estende-se a província de Calábria, entre o Golfo de Veneza e o Mar Romano. Parte de seu território penetra no IV Clima e avança, sob a forma de um promontório, entre dois golfos formados pelo Mar Romano, dirigindo-se para o Norte, para entrar nesta seção(63). A leste da Calábria fica situada Ankibarda(64), península que se estende entre o Golfo de Veneza e o Mar Romano. Um cabo, que esta península envia na direção do 4.º Clima e no Mar Romano, é limitado, do lado do Oriente, pelo Golfo de Veneza, que, destacando-se dêste mar, se dirige primeiro para o norte, depois para oeste, com uma direção paralela ao limite setentrional da seção. Uma vasta cordilheira sai do 4.º Clima e se dirige da mesma maneira: primeiro, segue a direção do mar, que se orienta para o norte, volta-se, em seguida, para o Ocidente assim como o mar, entra no 4.º Clima e vai parar em frente e ao Norte do golfo, no território de Ankilaia (Aquileia), povo alemão, de que voltaremos a tratar. Enquanto o mar e a cordilheira se dirigem para o norte, reina entre ambos e a beira do golfo, uma extensão

---

(62) — Ibn Sayd diz que êste rio (o Tibre) tinha sido coberto de cobre, no fundo e nos lados, para impedir os movimentos do terreno. Idrissi acrescenta: "Êste rio é para os Romanos, um meio de computar as datas; porque dizem: "A Partir da era do cobre". Sôbre o equívoco que originou esta confusão, ler Reinaud: Geographie d'Aboulfeda, t. I, p. 310 e s.

(63) — O promontório é a Calábria, situada entre o golfo de Tarento e o Mar Tirrênio.

(64) — Ankibarda é a Lombardia, pela qual o autor designa aqui a Basilicata, a terra de Bari e a de Otranto.

do país que faz parte dos Estados vênetos(65). No lugar em que o golfo e a montanha dobram para o oeste, encerra-se o país de Gueruacia (Croácia), depois o dos Alemanniin (Alemães) situado na extremidade dêste braço de mar.

A 4.ª seção dêste Clima contém uma parte do mar de Rum que vem do 4.º Clima. Tôda a costa está cortada por braços de mar que se dirigem para o norte. Os golfos estão separados uns dos outros por promontórios que avançam do continente. Perto da extremidade oriental da seção acha-se o Canal de Constantinopla, que, destacando-se desta parte do Mar Romano, situada ao Meio-Dia, corre para o norte em linha reta. Logo que entra no 4.º Clima, encurva-se para leste, para se reunir na 5.ª seção, ao Mar de Pontos, que ocupa, também, parte da 4.ª e da 6.ª seções. Mais adiante falaremos dêle. A cidade de Al-Constantiniya (ou cidade de Constantino, Constantinopla) situa-se ao Oriente(67) dêste canal, sôbre o limite setentrional da 4.ª seção. Esta grande cidade, antigamente capital dos Césares, contém restos de antigos monumentos e de edifícios suntuosos que deram origem a muitas lendas. A parte desta seção situada entre o Mar Romano e o Canal de Constantinopla contém o país de Makedonia, que pertenceu, em tempos, aos Gregos e serviu de berço a seu Império. A leste do Canal, e em direção do limite desta seção, acha-se uma parte de Bathous(68), país que creio ser hoje do domínio dos Turcomanos nômades. Ali é o reino de Ibn Othman, e a sua cidade capital se chama Bursa (Broussa). O país pertenceu anteriormente aos Romanos; foi-lhes tirado por outros povos e caiu enfim entre as mãos dos Turcomanos.

O país de Bathous fica a sudoeste da 5.ª seção dêste Clima; ao norte, perto do meio da seção, acha-se o cantão de Ammoriya (Amorium). A leste, encontra-se o Cobacob(69), ribeira que nasce de uma montanha dêstes lados e que desagúa mais para o Sul, nas águas do Eufrates, antes que êste rio deixe esta seção para entrar no 4.º Clima. Ali, no Ocidente da seção, é a nascente de Sihân, e, depois mais para o Oeste a do Jihan, rios de que já atrás falámos e que

---

(65) — A Albânia e a Dalmácia.

(67) — Se o autor tivesse examinado com atenção o mapa de Idrissi, teria visto que Constantinopla está situada sôbre a margem ocidental do Canal.

(68) — É a versão dos MS. Talvez ler "Natous", isto é, Anatólia; Idrissi diz que êste nome significa Oriente. Provàvelmente, poder-se-ia ler Pontus.

(69) — Talvez o Cara-Sou.

seguem a mesma direção do Eufrates. A leste dêstes lugares fica a nascente do Tigre, rio que corre paralelamente ao Eufrates, dirigindo-se do mesmo lado até se reunirem perto de Bagdá. No ângulo sudoeste desta seção, além do monte onde nasce o Tigre, fica a cidade de Maiafaricain. A ribeira de Cobacob, já mencionada, divide esta seção de Clima em duas partes, das quais, a de sudoeste compreende o país de Bathous. Mais abaixo, sôbre o limite setentrional da seção, e atrás(70) da montanha onde nasce o Cobacob, fica o território de Ammoriya, cidade já mencionada. A segunda parte ocupa o têrço da seção dos lados Este, Norte e Sul. Neste último lado, estão as nascentes do Tigre e do Eufrates; ao Norte é a província de Bailacan, que confina com a de Ammoriya e que está situada além da montanha de Cobacob. É de uma largura considerável. Na sua extremidade, perto da nascente do Eufrates, situa-se a cidade de Kharchana. O ângulo nordeste desta seção cerca uma zona do Mar de Pontos, que recebe do Canal de Constantinopla parte de suas águas(71).

Na 6.ª seção dêste Clima, do lado Sudoeste, situam-se a Armênia, país que se prolonga para Leste até ultrapassar o meio da seção. Dêste mesmo lado, está a cidade de Erzen, e, do lado Norte, as cidades de Tiflis e de Daibel. A Leste de Erzen fica a cidade de Khalat, depois a de Bardaa; ao Sul, um pouco para Leste, acha-se a cidade de Armínia. Ali, o território da Armênia penetra no 4.ª Clima. Nesta localidade fica a cidade de Al-Maragha, ao Oriente do Monte dos Kurdos, chamado Marma. Já fizemos menção desta montanha ao tratarmos da 6.ª seção do 4.º Clima. Na seção de que nos ocupamos aqui e no 4.º Clima, já tratado, a Armênia tem por limite, do lado Leste, o país de Adherbeijan. Na sua extremidade, na parte oriental da mesma seção, está a cidade de Ardabil, situada sôbre a zona do Mar de Tabaristão (Mar Cáspio), que passa da 7.ª seção para a parte oriental desta. Na margem setentrional do Mar Cáspio, nesta seção, está a parte do país dos Khazares, povo Turcomano. Perto e ao Ocidente desta parte do Mar, do lado Norte, começa uma cordilheira que se estende para Oeste até à 5.ª seção dêste Clima. Esta cordilheira atravessa-a fazendo uma volta, contorna a província de Maiafaricain e passa ao 4.º Clima, perto de Amid. Chegada às províncias inferiores (setentrionais) da Síria, atinge o Monte das Correntes e vai confundir-se com o Lokam.

(70) — Isto é, ao Sul.
(71) — É o contrário que acontece.

As montanhas que ocupam a parte setentrional desta seção apresentam muitos desfiladeiros ou portas que os viajantes atravessam. Ao Sul, acha-se o país de Al-Abuab, que se estende, a Leste, até o Mar de Tabaristão. À beira dêste Mar, no país citado, ergue-se a cidade de Bab-al-Abuab (A Porta das Portas, ou Derbend). Imediatamente ao Sudoeste de Al-Abuab, acha-se a Armênia. Entre o limite oriental de Al-Abuab e os cantões meridionais do Adherbeijan, é a província de Árran que, se estende até o Mar de Tabaristão. A parte desta seção situada ao Norte destas montanhas apresenta na sua extremidade ocidental, o reino de Serir(72). O ângulo Noroeste da seção é ocupado todo êle por uma parte do Mar de Pontos, no qual o Canal de Constantinopla despeja suas águas. Esta parte do Mar de Pontos está cercada pelo país de Serir e banha as muralhas de Trebizonda, cidade desta região. O país de Serir estende-se para o Oriente, entre os montes de Al-Abuab e o limite setentrional da seção, até terminar numa montanha que o separa do país dos Khazares. Na sua extremidade situa-se a cidade de Soul. Além desta barreira estende-se uma região do país dos Khazares, que termina no ângulo Nordeste da seção, entre sua extremidade setentrional e o Mar de Tabaristão.

Tôda a parte ocidental da 7.ª seção é ocupada pelo mar de Tabaristão. A extremidade meridional do Mar passa no 4.º Clima e banha, como já dissemos, as costas de Tabaristão, assim como o pé da montanha dos Dailam, que se prolonga até Cazuin. Imediatamente a Oeste desta zona do Mar, existe uma outra parte situada na 6.ª seção do 4.º Clima; ao Norte desta mesma parte, uma outra se estende, tocando apenas o limite oriental da 6.ª seção. Um canto de terra fica a descoberto a Noroeste dêste Mar, e é por ali que recebe as águas do Itil (Volga). Na parte oriental desta seção, vê-se um espaço de terra não ocupado pelo Mar; ali estão os acampamentos dos Ghoz, povo de raça turca. (São chamados também Khazares, o que leva a crer que seu nome, ao passar para a língua árabe, sofreu uma modificação pela conversão das letras **kh** em **gh** pelo redobramento do z) (73). Esta porção de terreno é limitada, ao Sul, por um monte que sai da 8.ª seção e se dirige para Oeste, até acabar um pouco antes de chegar ao meio desta. Então, fazendo uma curva

(72) — Era situado êste reino ao Norte do Cáucaso e a Oeste de Derbend.

(73) — O passo entre parêntesis só consta num único MS.

para o Norte, atinge o Mar de Tabaristão, que ela contorna, seguindo suas margens até o 4.º Clima. No local em que o mar se encurva de direção, a montanha faz o mesmo e se afasta de suas margens. Neste lugar toma o nome de Monte Chiah(74). Seguindo a direção do Ocidente, passa na 6.ª seção do 4.º Clima, para se voltar depois para o Sul, onde entra na 6.ª seção do 5.º Clima. É esta a parte da cordilheira que, nesta seção, separa o país de Serir do país dos Khazares. Esta última região se estende, sem interrupção, de ambos os lados do Chiah, tanto na 6.ª como na 7.ª seção do Clima, como diremos mais adiante.

A 8.ª seção do 4.ª Clima se compõe ao todo de um território onde os Ghoz, povo de raça turca, levam uma vida de nômades. Para o Sudeste fica o lago de Kharizm (Aral), recebendo as águas do Jaihoun. O lago tem trezentas milhas de circunferência, e recebe as águas de muitos outros cursos d'água vindos do território dos Ghoz nômades. A Nordeste da seção situa-se o lago de Ghorgoun, que tem quatrocentas milhas de circuito, e cujas águas são doces. Na parte setentrional da seção, ergue-se uma montanha, cujo nome, Morghar, significa "montanha de Neve(75): assim chamada, porque a neve que a cobre nunca se funde. A montanha toca o extremo limite da seção. Ao Sul do lago de Ghorgoun localiza-se uma montanha de mesmo nome, que é um rochedo absolutamente nu e que não oferece qualquer vestígio de vegetação. Foi êste rochedo que deu nome ao lago. Desta montanha, assim como da de Moghrar, ao Norte do lago, nascem muitos ribeirões, cujo número é impossível avaliar, os quais vão lançar-se no lago, de ambos os lados.

A 9.ª seção dêste Clima contém o território dos Adcach, povo de raça turca. A região situa-se ao Oeste do país dos Ghoz e a Leste do dos Kaimak(76). Ao Oriente, do lado da extremidade da seção, o Monte de Coucaia separa esta região do país de Gog e de Magog. Esta cordilheira estende-se ali como uma barreira, do Sul para o Norte, após formar um cotovêlo no local em que sai da 10.ª seção para entrar nesta. Já tinha saido da 10.ª do 4.º Clima para entrar na 10.ª seção do 5.º. Aí serve de limite para o Mar Circundante, até à extremidade setentrional da seção; em seguida, toma

---

(74) — Chiah é o Siah-kouh, que significa Montanha negra.
(75) — "Car", em turco, significa neve; mas a palavra "mar" ou "mor" não existe nesta língua.
(76) — Com a inspeção de um mapa, vê-se que o autor enganou-se neste passo, pondo Oeste por Este e Este por Nordeste.

a direção do Oeste para chegar perto do limite meridional da 10.ª seção do 4.º Clima, e, desde sua origem até ali, envolve o país dos Kaimak. Entrando na 10.ª seção do 5.º Clima, atravessa-a até seu limite ocidental, deixando, ao Sul, um segmento que se alonga para o Ocidente e compreende a extremidade do país dos Kaimak. Penetrando então na 9.ª seção, que recebe a cordilheira por sua extremidade superior (meridional), encurva-se ràpidamente para o Norte, e avança na mesma direção até à 9.ª seção do 6.º Clima, onde se acha a barreira de que trataremos mais abaixo. O ângulo nordeste desta 9.ª seção compreende o território que circunda a montanha de Coucaia; êste território se prolonga para o Sul e faz parte do país de Gog e de Magog.

Na 10.ª seção dêste Clima, situa-se o país de Gog e de Magog, que a ocupa completamente, com exceção de uma pequena faixa de sua extremidade oriental, que, desde o Sul até ao Norte, é ocupada pelo Mar Circundante. Devemos excetuar também a porção de terra que o Monte de Coucaia isolou ao passar por ela e que é situada na parte Sudoeste da seção. Todo o resto forma o país de Gog e de Magog.

## SEXTO CLIMA

O mar ocupa mais da metade (ocidental) dêste Clima; depois, para alcançar o limite oriental da seção, descreve uma curva prolongando-se para o Norte, após o que se dirige para Sudeste e termina perto do limite meridional da seção. Dêste modo ,o mar deixa a descoberto, nesta seção, uma porção de terra que avança como se fôra um cabo, entre dois braços do Mar Circundante, e se estende muito, tanto em largura como em comprimento. Tôda esta região forma a Bertaniya (a Bretânia). À entrada dêste istmo, entre os dois Golfos e no ângulo Sudeste desta seção do Clima, acha-se a província de Seez, que confina com a de Poitou. Já falámos de Poitou ao descrevermos a 1.ª e a 2.ª parte do 5.º Clima.

Na 2.ª seção dêste Clima, o Mar Circundante entra pelo lado Oeste e pelo Norte. Ao Oeste, apresenta uma forma oblonga que ultrapassa a metade setentrional do lado oriental da Bretanha, país situado na 1.ª seção. Aí, do lado Norte, ela se une a outra porção do mar que se estende de Ocidente para Oriente. Na metade ocidental

da seção, êste braço de mar se alarga um pouco até envolver parte da Angeltara (Inglaterra). É uma ilha muito grande e muito larga, que apresenta muitas cidades, e forma um poderoso império. O resto do país é situado no 7.º Clima. Ao Sul dêste braço de mar e da ilha que forma, localiza-se a Normandia e Eflandes (Flandres), país situado sôbre êste mar. Ao Sul e a Oeste desta seção, estende-se o país de Ifrança (França), depois, a Leste, a Borgonha. O país dos Alimaniin é situado na metade oriental dêste Clima. Ao Sul fica a província de Ankilaya (Aquileia), e ao Norte, a Borgonha; depois, vêm a Lohrenea (Lorena) e o país de Sachunia (Saxônia). Sôbre a parte do Mar Circundante que ocupa o ângulo Nordeste de seção, está a província da Friza. Tôdas estas regiões são ocupadas por povos alemães.

No Sul da parte ocidental da 3.ª seção, situa-se a Boémia, e no Norte, o restante da Saxônia. Na parte oriental acha-se, no Sul, a região de Onkaria (Hungria), e ao Norte, a da Polônia. Ambos os países estão separados pelos Montes Beluat (Carpatos), que, entrando na 4.ª seção, se dirigem para Oeste com inclinação para o Norte, e terminam na Saxônia, sôbre o limite da metade ocidental (da 3.ª seção).

Na 4.ª seção, lado Sul, fica o país de Jethuliya (a Sérbia?) e abaixo, para o Norte, o país de Al-Russia. Estas regiões são separadas pelos Montes Beluat, que partem do comêço da seção do lado Oeste, para findarem na metade oriental da mesma seção. No Oriente do país de Jethuliya fica o país de Germânia. No ângulo Sudeste localiza-se o país de Constantinopla, cuja capital se acha no local em que o canal que se destaca do Mar Romano vai desaguar no de Pontos. A área sudeste desta seção é ocupada por uma parte do Mar de Pontos que recebe suas águas por êste Canal. No ângulo formado pelo mar e pelo canal fica situada a cidade de Mesnat.

A parte meridional da 5.ª seção do 6.º Clima é ocupada pelo Mar de Pontos que, ao deixar o estreito, na 4.ª seção, se estende diretamente para Leste, atravessa tôda a 5.ª seção e parte da 6.ª. Seu comprimento, desde o ponto de partida, é de mil e trezentas milhas, e sua largura, de seiscentas. Atrás dêste mar na parte meridional da seção, estende-se longa faixa de terra indo do Ocidente para o Oriente. Na parte ocidental desta faixa está a cidade de Heráclia, à beira do Mar de Pontos e sôbre os confins do território de Bailacan, país que se localiza no 5.º Clima. A leste fica o país dos Alanos, cuja capital

é Sinoboli (Sinope), à beira-mar. Ao Norte dêste Mar, na parte ocidental desta seção, é o país dos Borjan (Búlgaros) e, na parte oriental, a região dos Russos. Todos êstes países estão situados sôbre as margens do Mar de Pontos. A Rússia circunda o país dos Búlgaros, limitando-o a Leste nesta seção do Clima; ao Norte, na 5.ª seção do 7.º Clima; a Oeste, na 4.ª seção do Clima de que nos ocupamos.

A parte ocidental da 6.ª seção contém o restante do Mar de Pontos, que acaba de se encurvar um pouco para o Norte. Entre êste mar e o limite setentrional da seção, situa-se o país dos Comaniya (os Comanos). O resto do território dos Alanos, que ocupa a orla meridional da 5.ª seção, prolonga-se nesta, indo do Sul para o Norte, e alargando-se à medida que a margem do mar faz a curva já indicada. Na parte oriental desta seção, imediatamente a Leste do país dos Khazares, se acha o dos Barthas. No ângulo Nordeste da seção é o território dos Búlgaros, e, no ângulo meridional a região dos Balabjar. A montanha chamada Chiah-Houia (77) passa por êste local. Esta cordilheira segue as curvas que a costa do Mar dos Khazares dá na 7.ª seção dêste Clima; depois se afasta do mar para se dirigir para o Oeste, atravessa esta seção dêste Clima e entra na 6.ª seção do 5.º Clima, onde vai juntar-se às montanhas de Al-Abuab. De cada lado desta cadeia de montanhas, estendem-se os países habitados pelos Khazares.

Ao Sul da 7.ª seção dêste Clima fica a região que enquadra o monte Chiah, depois de se ter afastado do Mar de Tabaristão, e que consiste numa porção do país dos Khazares, prolongando-se para Leste, até ao limite desta seção. A Leste desta região, se acha a parte do Mar de Tabaristão, que esta montanha circunda a Leste e ao Norte. Além do Chiah, na parte Noroeste da seção, estende-se o território dos Barthas; na parte oriental da mesma seção, está a região dos Besguirt (os Bachkir) e dos Bajnak (os Petchenegues), povos de raça turca.

Tôda a zona meridional da 8.ª seção é ocupada pelo país de Khoulkh, povo turco. A sua parte setentrional, no Ocidente, contém a Ard-Al-Muntina (78), e do lado do Oriente, a região que dizem ter sido devastada por Gog e Magog, antes de ser construída a barreira para contê-los. É na Terra Fétida que o Itil (o Volga) tem sua nas-

(77) — É uma alteração das palavras persas Siah Kouh (monte negro).
(78) — Isto é: Terra Fétida.

cente. Êste rio, um dos maiores do mundo, atravessa o país dos Turcos e despeja suas águas no Mar de Tabaristão, na 7.ª seção do 5.º Clima. O rio apresenta muitos meandros. Saindo de uma montanha da Terra Fétida por três nascentes, que se juntam para formar um só curso d'água, o Itil corre para o Ocidente, passa na sétima seção dêste Clima, alcançando quase seu limite ocidental, volta-se depois para o Norte, penetra na 7.ª seção do 7.º Clima, cujo ângulo situado entre o Sul e o Oeste êle isola; entra depois na 6.ª seção do mesmo Clima e se dirige para Oeste; um pouco mais longe, faz um desvio para o Sul, entra, de novo, na 6.ª seção do mesmo Clima, e dá origem a muitos braços que se dirigem para Oeste e vão lançar-se no Mar de Pontos, sem abandonar esta seção. O rio pròpriamente dito atravessa um território situado ao Nordeste, da seção, no país dos Búlgaros; entra na 7.ª seção do 6.º Clima, volta-se para o Sul pela terceira vez, penetra no Monte Chiah, atravessa o país dos Khazares e entra na 7.ª seção do 5.º Clima. É lá que despeja suas águas no Mar de Tabaristão, ao atingir a zona desta seção que o mar deixa a descoberto, nas imediações do ângulo Sudoeste.

Na parte ocidental da 9.ª seção situa-se o país dos Khefchak ou Kebjak (Kiptchac), nação turca, assim como a região dos Terkech, outro povo turco. Na parte oriental fica o país de Gog e de Magog. As duas regiões são separadas pelo Monte Coucaia, monte que contorna uma parte da terra, como já dissemos. A montanha começa não longe do Mar Circundante, na parte oriental do 4.ª Clima; segue a orla do Mar, até à extremidade setentrional dêste Clima; depois, afasta-se na direção Noroeste e entra na 9.ª seção do 5.º Clima. Retomando então sua direção para o Norte, atravessa de Sul a Norte, com uma inclinação para o Oeste, a seção de que nos ocupamos. Ali, no centro da cadeia de montanhas, encontra-se a barreira construída por Alexandre. Em seguida, conservando a mesma direção, o Coucaia passa para a 9.ª seção do 7.º Clima, que atravessa partindo do Sul. Ao encontrar o Mar Circundante, ao Norte da seção, segue-lhe as margens, depois volta-se para Oeste e se vai prolongando até à 5.ª seção do 7.º Clima, onde mais uma vez encontra o Mar. No centro da 9.ª seção do 4.º Clima se acha a barreira construída por Alexandre. É o Alcorão que fornece, sôbre o assunto, os únicos informes autênticos(79). Abdallah Ibn Khordadbeh conta, na sua Geografia, que o califa Ouathic viu, em sonho, que esta barreira fôra

(79) — Alcorão, Sourate XVIII, 90 s.s.

rompida. Amedrontado, acordou e mandou o intérprete Sallam partir em viagem para investigar do estado das muralhas, e trazer uma relação. Mas isso é uma longa história que está fóra de nosso assunto(80).

A 10.ª seção dêste Clima contém o país de Magog, que se prolonga sem interrupção, até ao fim desta seção, onde está enquadrada, a Leste e ao Norte, por uma parte do Mar Circundante, que se estende em comprimento do lado Norte e que se alarga até certo grau do lado Este.

### SÉTIMO CLIMA

Do lado Norte, cobre o Mar Circundante a totalidade dêste Clima, até o meio da 5.ª seção, onde êste Oceano encontra o Monte Coucaia, contornando as terras de Gog e de Magog. A 1.ª seção dêste Clima é ocupada pelo mar, assim como a 2.ª com exceção de um terreno a descoberto que forma a parte mais considerável da Inglaterra e que se situa na 2.ª seção. Uma outra parte, situada na 1.ª seção, se dirige, depois de uma curva, para o Norte; o restante, assim como uma parte do mar que o emoldura, fica na 2.ª seção do 6.º Clima, como já foi indicado. Entre esta Ilha e o Continente há um trajeto de doze milhas. Atrás da Inglaterra e na parte setentrional da 2.ª seção, situa-se a Rislanda(81), ilha que se estende em comprimento de Oeste para Leste.

A 3.ª seção é ocupada pelo mar, com exceção do Sul, onde se acha um território de forma alongada e que se alarga do lado do Oriente. Nesta parte se estende a Fulúna (Polônia), país que ocupa também a parte setentrional da 3.ª seção do 6.º Clima, como dissemos. A parte ocidental do braço de mar que coincide com a 3.ª seção do 7.º Clima, contém uma grande ilha de forma arredondada(82), que comunica ao Sul com o Continente, por um istmo que se estende

(80) — Cf: Geografia d'Idrissi, A. II. p. 416. Kazwini: Cosmographie, éd. Wustenfeld II, p. 401. Iacut, Mujam, artigo Gog e Magog. A missão parte para Oeste do Mar Cáspio, do lado do Cáucaso e volta do lado Este, pelo Khoração. Os 18 meses de ausência fazem supor um longo percurso.

(81) — Sôbre o Mapa, a Ilha de Rislanda é marcada ao Norte da Escócia, (Scuciya), país representado por uma pequena península. Como Idrissi chama a Irlanda de Ghirlanda, a denominação de Rislanda deve aplicar-se à Islanda.

(82) — Esta ilha é a Dinamarca, que Idrissi chama de Darmacha.

até à Polônia. Ao Norte dêste braço de mar, a ilha (ou península) de Norbaga(83) se estende em comprimento do Ocidente para o Oriente, seguindo o limite setentrional da seção.

Tôda a parte setentrional da 4.ª seção é ocupada pelo Mar Circundante desde o Oeste até Leste; a parte meridional, deixada a sêco, compõe-se, partindo do Oeste, do país que habitam os Fimark(84), povo turco; o lado oriental é formado pela região de Tabest(85) e pela terra de Rislanda(86), que se estende até o limite da seção. Êste país está sempre coberto de neve; sua população é pouco numerosa; confina com a Rússia, na 4.ª e 5.ª seção do 6.º Clima.

Na 5.ª seção do 7.º Clima, do lado Oeste, estende-se a Rússia que se prolonga para o Norte até à parte do Mar Circundante que se encontra com o Monte Coucaia. Na zona oriental desta seção, situa-se o país dos Comanos, o qual, depois de tocar ao Mar de Pontos situado na 6.ª seção do 6.º Clima, vem acabar, nesta seção, no lago de Tarmi, cujas águas são doces. As montanhas situadas ao Norte e ao Sul do lago, enviam-lhe um grande número de ribeiras. Ao Nordeste da seção, e até sua extremidade, estende-se o país dos Benariya(87), povo turco.

A 6.ª seção, do lado Sudoeste, é inteiramente ocupada pelo território dos Comanos. No meio da região, fica situado o lago Ghanoun(88), cujas águas são doces. Ao Oriente do lago, as montanhas que o enquadram, enviam-lhe muitas ribeiras. Nesta zona o frio é tão intenso que o lago permanece constantemente gelado, com exceção de alguns dias no verão. Ao Oriente do país dos Comanos estende-se o país dos Russos, que parte do ângulo Nordeste da 5.ª seção do 6.º Clima. No ângulo Sudeste da seção, acha-se o resto da Bolgar (Bulgária), região que começa na parte Nordeste da 6.ª seção do 6.º Clima. No meio dêste território búlgaro, o rio Itil (Volga) faz seu primeiro desvio para o Sul, como já se disse. Sôbre o limite

---

(83) — Os MS trazem: Barkaga. É preciso corrigir com Idrissi: Norbaga, Norvega.

(84) — O texto traz: Fimazek. Em Idrissi, Fimark.

(85) — Talvez seja a cidade de Tavasthus, na Finlândia.

(86) — Mapa traz: Leslanda, êste nome parece designar a Estônia.

(87) — No Mapa de Idrissi lê-se Benariya, mas no texto explicativo, o mesmo autor escreve: Bolghar.

(88) — Tal é o texto de Idrissi, Ibn Khaldun traz "Uyun"

setentrional da 6.ª seção, lado norte, o Monte Coucaia se estende desde o Ocidente até ao Oriente.

Na 7.ª seção do 7.º Clima, e na sua parte ocidental, encontra-se o resto do país dos Petcheneg, povo turco. A região começa na parte oriental da seção precedente; atravessa o Sudoeste desta seção para rumar para o Norte e penetrar no 6.º Clima. A parte oriental da seção contém o resto dos Bachkir(89) e uma parte da Terra Fétida, região que se prolonga para Leste até à metade da seção. O limite setentrional desta seção é formado pelo Monte de Coucaia, que o cerca do Ocidente até ao Oriente.

Na parte Sudoeste da 8.ª seção encontra-se de novo a Terra Fétida, que se estende alí sem interrupção, e cuja parte oriental contém a Terra Raspada (Al Arda-al-Mahfura), que constitui uma das maravilhas do mundo. É uma enorme excavação que apresenta uma vasta largura e uma profundeza tal que é impossível descer nela; reconhece-se que está habitada pela fumaça que se vê durante o dia e pelos fogos que, durante a noite, brilham e se apagam alternativamente. Pode-se, às vêzes, descobrir alguma ribeira que atravessa esta terra, do Sul para o Norte. Na parte oriental desta seção fica a região devastada, vizinha da muralha (de Gog e de Magog). O limite setentrional desta seção é formado pelo Coucaia, desde Oeste até Leste.

A parte meridional da 9.ª seção dêste Clima é ocupada pela região dos Khefchakh, chamados também Kebjak (Kiptchac). A montanha de Coucaia enquadra êste país, depois de se ter voltado do Norte, perto do Mar Circundante; atravessa em seguida o meio da seção, dirigindo-se para o Sudeste, e entra na 9.ª seção do 6.º Clima, que atravessa também. Ali, no meio da Cordilheira, se acha a muralha de Gog e Magog. Na parte oriental desta seção, atrás de Coucaia e perto do mar, situa-se a região de Magog; tem pouca largura, mas estende-se muito mais em comprimento; envolve esta montanha do lado do Oriente e do Norte.

A 10.ª seção é ocupada inteiramente pelas águas do mar.

Aqui termina o que tinha a dizer sôbre a Geografia e sôbre os sete Climas. **E, na criação dos céus e da terra, nas vicissitudes das noites e dos dias, há sinais que devem chocar o espírito de tôdas as criaturas.** (Alc. III:187, com ligeira modificação).

---

(89) — Ao MS. trazem ortografias diversas. A de Idrissi é Basjert

## AUTOBIOGRAFIA DE IBN KHALDUN

A família Khaldun é de origem sevilhana; transportou-se para Tunes nos meados dos século VII (da H.), na época da emigração que se seguiu à tomada de Sevilha pelas tropas de Ibn Adfonso, rei de Galícia (1). O nome por inteiro do autor desta notícia biográfica é: Abu Zaid Ad'ul-Rahman, filho de (Abu Bacr) Muhammad, filho de (Abu Abd Allah) Muhammad, filho de Muhammad, filho de Al-Haçan, filho de Muhammad, filho de Jaber, filho de Muhammad, filho de Ibrahim, filho de Abd'ul-Rahman, filho de Khaldun (2). Para remontar até Khaldun, forneço aqui uma série de dez avós sòmente; mas sérias razões me levam a crer que a lista comportaria bem outros dez, que certamente caíram no olvido. Com efeito,

---

(1) — É Ferdinando III, filho de Afonso IX e soberano dos Reinos de Leão e de Castela, acabou de conquistar Sevilha em novembro de 1248. Foi em conseqüência dêste acontecimento que grande número de muçulmanos de Espanha emigrou para a África.

(2) — Na Mauritânia e na Espanha, as grandes famílias de origem árabe se distinguiam por nomes particulares que escolhiam nas suas listas genealógicas. Adotavam geralmente o nome menos usado, e, por conseguinte, o mais notável. Se a lista genealógica se compunha de nomes de emprêgo geral, escolhiam um que fôsse composto de três consoantes, ao qual ajuntavam o sufixo **ão**. Foi dêste modo que se formaram os nomes de Hafsun, Badrun, Abdun, Zaidun, Khaldun, Azzun. Na opinião de Dozy (Baiyan, t. II, p., 48) esta terminação é bem realmente o aumentativo espanhol que termina hombrón, (homem grande); perrón, cachorro grande; grandón, mugerona; etc., formas aumentativas de hombre, perro, grande muger. Inútil acrescentar que temos em português o mesmo aumentativo. Ibn Badrun, de Silves, deve seu aumentativo certamente a influências portuguêsas. (Esta última observação é da responsabilidade dos Tradutores).

se Khaldun, o primeiro antepassado que se estabeleceu na Andaluzia, alí penetrou na época da conquista (árabe), o espaço de tempo que nos separa dêle seria de setecentos anos: exatamente o equivalente a vinte gerações, à razão de três gerações por século (3). A nossa origem remota é de Hadramut, tribo árabe de Iaman; liames de sangue nos prendem a esta tribo na pessoa de Uail Ibn Hojr, chefe árabe que foi um dos Companheiros do Profeta. Abu Muhammad Ibn Hazm(4) relata na sua *Jamhara* o seguinte: "Uail era filho de Hojr, filho de Saad, filho de Masruc, filho de Uail, filho de An-Numan, filho de Rabiah, filho de Al-Harith, filho de Malik, filho de Chorahbil, filho de Hadrami, filho de Amr, filho de Abd Allah, filho de Auf, filho de Jochm, filho de Abd-Chams, filho de Zaid, filho de Luai, filho de Thabt, filho de Codama, filho de Ajab, filho de Malik, filho de Luai, filho de Cahtan. Teve um filho chamado Alcama Ibn Uail, e um neto de nome Abd Al-Jabbar Ibn Alcama".

Êste Uail está citado por Abu Omar Ibn Abd Al-Barr(5), no seu livro *"Al-Istiab"*, sob a letra "uau": "Uail foi prestar sua homenagem ao Profeta, e êste, tendo estendido no chão a sua capa, fê-lo sentar em cima dela e disse: Grande Deus!

---

(3) — Ver como o Autor chega a estabelecer esta equivalência, nesta mesma obra, p. 306-307.

(4) — Ibn Hazm (Abu Muhammad Ali) é chamado também Al-Dahiri, tradicionalista e historiador, nascido em Córdova em 994 E. V. e falecido perto de Niebla em 1064. O seu livro, **Jamharat Al-Ansab**, é uma coletânea de notícias genealógicas. Miguel Asin Palacios verteu para o espanhol a principal obra de Ibn Hazm, o **"Fisal"**, com o título: Aben Hazam De Cordoba y su Historia critica de las Ideas Religiosas, precedida de uma magistral introdução em que analisa a obra dêste filósofo andaluz, que foi também historiador, poeta, jurisconsulto, teólogo, exegeta, moralista, escritor, político e polemista. Em nossa Introdução à Obra de Ibn Khaldun, voltaremos a tratar dêsse seu precursor. (Nota dos Trad.).

(5) — Ibn Abdal-Barr, tradicionalista e historiador, nasceu em Córdoba e faleceu em 160 H. (1070 de J. C.). O **Istiab** é uma biografia geral dos Companheiros do Profeta. Chamamos a atenção do leitor sôbre as datas que inserimos nas notas: quando damos duas, trata-se naturalmente da Hegira e da Era Critsã, sem indicação. Quando dermos sòmente uma delas, será seguida de H., para a Hegira, ou de E. V. trantando-se da outra. (Nota dos Trad.).

derramai vossas bênçãos sôbre Uail e sôbre seus filhos e os filhos dos seus filhos até o dia da ressurreição. Ao despedir-se, foi acompanhado por Muawia Ibn Abi Sufian, que o Profeta encarregou de ensinar ao povo de Uail o Corão e o Islamismo. Desde então se ligou a Muawia por laços de grande amizade. Por ocasião da subida de Muawia ao califado, Uail foi prestar homenagem (a seu antigo companheiro de viagem); mas declinou aceitar o presente (6) que o príncipe lhe ofereceu. Quando do levantamento sedicioso de Hojr Ibn Adi Al-Kindi (7) na cidade de Kufa, Uail e outros chefes Yamanitas que obedeciam às ordens de Ziad Ibn Abi Sufian, uniram suas fôrças contra o perturbador". Sabe-se que, fiado na palavra dêstes chefes, entregou-se nas suas mãos, e, mandado para Muawia, foi executado por ordem dêste.

"Entre os descendentes de Uail, diz Ibn Hazm, contam-se os Banu Khaldun de Sevilha, família cujo antepassado Khalid chamado Khaldun, deixou o Oriente para se fixar na Andaluzia. Era filho de Othman, filho de Hani, filho de Al-Khattab, filho de Curaib, filho de Madi-Carib, filho de Al-Harith, filho de Uail, filho de Hojr". O mesmo autor diz: "Curaib Ibn Othman e seu irmão Khalid, neto de Khaldun, se assinalaram entre os chefes mais insubordinados da Andaluzia". "Muhammad, diz o mesmo autor, irmão de Othman, deixou descendentes, e um dêles foi Abu'l-Aci, Amr, filho de Muhammad, filho de Khalid, filho de Muhammad, filho de Khaldun. Abu'l Aci deixou três filhos: Muhammad, Ahmad e Abd Allah. Entre os descendentes de Othman, irmão de Muhammad, nota-se Abu Muslim Omar Ibn Khaldun (8), filósofo

---

(6) — O presente de que se trata é a gratificação ou indenização que se pagava a todo o combatente ao partir para a campanha.

(7) — Hojr, um dos Sahaba ou Companheiros de Muhammad, distinguiu-se por seu devotamento para com a família de Ali, genro de Muhammad. Tramando uma revolta contra Muawia, em Kufa, onde governava Ziad Ibn Abi Sufian, Hojr, mal socorrido pelos partidários, fugiu, escondendo-se na casa de um amigo. Tendo obtido um salvo conduto, deixou-se conduzir ao pé de Muawia, que ordenou fôsse executado. (53 H.).

(8) — Abu Muslim Omar Ibn Khaldun, geómetra, astrónomo e médico, nativo de Sevilha. Morreu em 1057 de J. C. Sôbre Maslama, ver supra p. 174, nota 27.

andaluz e discípulo de Maslama, de Madrid, filho de Khalid, filho de Othman (9), filho de Khaldun. Seu primo paterno, Ahmad, era filho de Muhammad, filho de Ahmad, filho de Muhammad, filho de Abdallah (10). O último da posteridade de Curaib, chefe já mencionado, foi Abul Fadl Muhammad, filho de Khalaf, filho de Ahmad, filho de Abd Allah, filho de Curaib".

## DE MEUS ANTEPASSADOS NA ANDALUZIA

Nosso antepassado, chegando à Andaluzia, estabeleceu-se em Carmona, com uma fração de sua tribo, os Hadramut. Sua descendência propagou-se nesta cidade, para muito depois se transferir para Sevilha. A família fazia parte do "Jund" do Iaman (11). Curaib e seu irmão Khalid, descendentes de Khaldun, notabilizaram-se na revolta que rebentou em Sevilha no reinado do Emir Abd Allah Al-Marwani (12). Omaiya

---

(9) — O MS da Bib. de Paris repete aqui a menção: "filho de Khalid, filho de Othman".

(10) — Impossível conciliar esta genealogia com a precedente.

(11) — Jund, colônia militar. Após a conquista da Síria e do Iraque, os Califas mandaram a êstes países tribos árabes, umas da raça mudarita, outras, da iamanita, e as estabeleceram como colônias militares, ou **Jund.** Na síria havia cinco **"jund"**: o de Kinnasrin, nas cercanias de Alepo; o de Homs; o de Damasco; o de Al-Urdun (Jordão); e o da Palestina. O Iraque possuia, pelo menos, duas destas colônias, a de Kufa e a de Basra. Grande parte das tropas que compunham os exércitos dos Califas era tirada dos Jund. No ano 51 H., os dois Jund reunidos de Kufa e de Basra, forneceram um contingente de cinqüenta mil soldados a Rabia Ibn Ziad, que se ia instalar no govêrno do Khoração. Foram os Jund da Síria que forneceram destacamentos para a conquista de Andaluzia: o de Kinnasrin estabeleceu-se em Jaen; o de Homs, em Sevilha; o de Damasco, na província de Elvira; o de Jordão, em Raya (província de Málaga; e o da Palestina, na província de Sidônia. Ver: Macarri, e Dozy: His. des Musul. d'Espagne, t. I, p. 268).

(12) — Al-Marwani, o Marwanida, o 7.º soberano da família omaiyada da Andaluzia. A dinastia foi chamada marwanida, por ser o fundador dela, Abd'ul-Rahman, bisneto do califa Ibn Marwan (Abd Al-Malik).

Ibn Abi Abda, depois de se apoderar do govêrno de Sevilha, guardou o poder durante alguns anos, até cair assassinado por Ibrahim Ibn Hajjaj, que se insurgiu contra êle por instigação do Emir Abd Allah Al-Marwani. Data êste acontecimento da segunda metade do III século da H. Quero dar uma notícia sumária do que se passou nesta revolta segundo as informações tiradas por Ibn Said (13) dos escritos de Al-Hijari (14), de Ibn Haiyan (15) e de outros historiadores: todos êstes, devem suas informações ao historiógrafo de Sevilha, Ibn Al-Achâth, cuja autoridade lhes serve de garantia.

Durante as comoções que agitaram a Andaluzia durante o reinado do Emir Abd Allah, as personagem de maior destaque aspiraram à independência e lançaram-se na revolta. A rebelião foi provocada por três chefes encabeçando as maiores famílias: — 1.º Omaiya, filho de Abd Al-Gaffar e neto de Abu Abda, o mesmo Abu Abda que fôra nomeado governador da cidade e da Província de Sevilha por Abd'ul-Rahman, o primeiro dos Omaiya que penetrou em Andaluzia. Omaiya ocupava alta posição na corte de Córdova e tinha governado as províncias mais importantes do império. — 2.º, Curaib, chefe da família Khaldun. Tinha como seu lugar-tenente seu mano Khalid. "A família Khaldun, diz Ibn Haiyan, é ainda hoje, uma das mais ilustres famílias de Sevilha. Ela sempre brilhou pela alta posição ocupada por seus membros nos comandos militares e nas ciências". — 3.º, Abd Allah Ibn Hajjaj, chefe da família dos Hajjaj. "Esta família, diz Ibn Haiyan, faz parte da família de Lakhm, e mora ainda em Sevilha. É um velho tronco bem enraizado cujos ramos continuam florescendo. Destacou-se sempre em produzir chefes e sábios de um talento superior. Mais ou menos pelo ano 280,

(13) — Ibn Said, historiador e geógrafo, nascido em Granada em 1214 E V, falecido em Túnis em 1287-88. Deve-lhe, entre outras obras, uma valiosa história do Magrib intitulada "Al-Mugrib fi Hula'l Magrib".

(14) — Al-Hijari, isto é, nativo de Guadaljara. Abu Muhammad foi tradicionalista, legista e historiógrafo; faleceu em Ceuta, em 1195 E. V.

(15) — Ibn Haiyan, ver p. 9, nota 14. Al-Achâth nos é totalmente desconhecido.

enquanto um espírito geral de rebelião agitava a Andaluzia, o Emir Abd Allah confiou seu filho, o jovem Muhammad, aos cuidados de Omaiya, filho de Abd Al-Gaffar, que acabava de nomear governador de Sevilha. Chegando ao novo pôsto, Omaiya tramou uma conspiração contra seu soberano, incitando em segredo os aludidos chefes a se revoltarem contra seu pupilo e contra si próprio. Tendo-se encerrado dentro da citadela com o jovem príncipe, deixou-se ali sitiar pelos rebeldes. Obtendo Muhammad, dos revoltosos, licença para sair e se juntar ao pai, Omaiya aproveitou-se da ocasião da ausência do príncipe para se atribuir o comando supremo. Mandou assassinar então Abd Allah Ibn Al-Hajjaj, e deu seu lugar a Ibrahim, irmão da vítima. Querendo firmar sua autoridade e assegurar-se da obediência das famílias Khaldun e Hajjaj, guardou junto de si como reféns os filhos de ambas as famílias. Constatando a pouca disposição que demonstravam para obedecer-lhe, obrigou-as a sujeitarem-se com a ameaça de lhes matar os filhos. Para obterem a liberdade dêstes, comprometeram-se, sob juramento, a serem-lhe fiéis; mas, logo em seguida, se revoltaram de novo e atacaram a Omaiya com tanto ímpeto que êste resolveu morrer de armas na mão. Depois de fazer degolar suas próprias mulheres, decepar os jarretes de seus cavalos, e lançar às chamas seus haveres mais preciosos, atirou-se para o meio dos assaltantes e combateu até sucumbir. Os vencedores entregaram sua cabeça aos insultos da populaça, e mandaram dizer ao Emir Abd Allah que tinham matado o governador por se ter revoltado contra a autoridade de seu soberano. Êste, premido pela necessidade de não lhes desagradar, aceitou a desculpa e lhes mandou como governador, um dos próprios parentes, chamado Hicham Ibn Abd'ul-Rahman. Instigados por Curaib Ibn Khaldun, prenderam o oficial e mataram-lhe o filho. Curaib apressou-se então a se apoderar do govêrno de Sevilha. Ibn Said relata o que segue firmado na autoridade de Al Hajari: "Depois da morte de Abd Allah Ibn Hajjaj, seu irmão Ibrahim quis apoderar-se do poder, e, para melhor sucesso, contratou aliança e matrimônio com a família de Ibn Hafsun (16), um dos revoltosos

(16) — Dozy contou as aventuras dêste homem notável, no II vol. da Hist. des Mus. D'Esp.

mais temíveis da Andaluzia, que se tinha assenhoreado da cidade de Málaga e de tôda aquela província até Ronda. Tendo depois abandonado seus novos aliados, voltou-se para Curaib Ibn Khaldun, grangeou sua amizade e tornou-se seu lugar-tenente no govêrno de Sevilha. Curaib oprimia os habitantes e lhes demonstrava ao extremo seu desprezo, ao contrário de Ibrahim, que os tratava com carinho e intercedia a favor dêles perante seu chefe. Depois de captar dêste modo a afeição do povo, na medida em que Curaib a perdia, mandou pedir secretamente ao Emir Abd Allah cartas de nomeação para o pôsto de governador de Sevilha, com o intuito de assegurar para si, por meio dêste documento, tôda a confiança de seus administrados. Obtido o diploma desejado, deu conhecimento de seu conteúdo aos principais chefes da cidade, que, sendo-lhe todos devotados, declararam-se contra Curaib, cujo procedimento os indignava. O povo se levantou, matou Curaib e mandou a sua cabeça ao Emir Abd Allah. Ibrahim tornou-se assim senhor de Sevilha".

"Ibrahim, diz Ibn Haiyan, residia umas vêzes em Sevilha, outras vêzes no castelo de Carmona, uma das praças mais fortes da Andaluzia. Era ali que tinha sua cavalaria. Arregimentou tropas, organizou-as, e, para cultivar a amizade do Emir Abd Allah, mandava-lhe dinheiro, ricos presentes e socorros em homens, sempre que havia barulho de guerra. Sua côrte constituiu um centro de atração; seus louvores estavam em tôdas as bôcas; os homens de boa estirpe que procuravam eram cumulados de ricos presentes; os poetas celebravam suas nobres qualidades e grangeavam valiosos prêmios; Abu Omar Ibn Abd Rabbihi, o autor do *Icd* (17), solicitava seu padroado exclusivo e o preferia a todos os outros chefes que se tinham insurgido contra os Omaiyas (18). Reconhecendo o alto mérito dêste autor, Ibrahim o cumulava de benefícios".

A família Khaldun conservou sempre, em Sevilha, a alta posição de que falam Ibn Haiyan, Ibn Hazm e outros escritores. Perdurou sem interrupção esta prosperidade todo o

---

(17) — Ver supra p. 37, nota 19.

(18) — No Baiyan, t. II, p. 137 e ss, achar-se-á a lista nominativa dêstes chefes.

tempo que durou o reinado dos Omaiyas, sòmente vindo a desaparecer na época em que a Andaluzia se viu esfacelada em muitos reinos independentes. A casa dos Khaldun, não tendo mais a multidão de clientes que fazia sua pujança, veio a perder também o comando. Quando Ibn Abbad consolidou sua autoridade em Sevilha, abriu para a casa Khaldun a carreira do vizirato e dos cargos administrativos. Os membros que dela faziam parte estiveram presentes com Ibn Abbad e Yuçuf Ibn Tachefin na batalha de Zellaca, e muitos dêles padeceram o martírio. Nesta jornada, o rei dos Galícios (Afonso VI, rei de Leão e de Castela) sofreu uma derrota completa. Durante a refrega, os Khaldun quedaram inabaláveis ao pé de Ibn Abbad, sucumbindo de armas na mão. Foi com a ajuda de Deus sòmente que os muçulmanos puderam arrebatar a vitória. Em seguida a êstes acontecimentos e à ocupação da Andaluzia por Yuçuf Ibn Tachefin e seus Almoravidas, o domínio dos árabes foi derrubado, e as suas tribos se desorganizaram.

## DE MEUS AVÓS EM IFRÍKYA

Os Almohadas, povo que teve por soberanos Abd Al-Mumin e seus filhos, arrebataram a Espanha aos Almoravidas e confiaram, em diversas ocasiões, o govêrno de Sevilha, da Andaluzia ocidental (19), ao dignatário mais eminente do seu império, o Cheikh Abu Hafs, chefe da tribo de Hintata. Mais tarde, elevaram a êste pôsto seu filho, Abd Ul-Uahid; depois, nomearam para o mesmo pôsto, o filho dêste último. Nesta época, nossos maiores de Sevilha faziam causa comum com os Almohadas, e um de nossos avós maternos, de nome Ibn Al-Muhtacib, presenteou o novo regente com uma jovem cativa da Galícia. Abu Zacaria a tomou por concubina e teve dela muitos filhos, a saber: Abu Yahia Zacaria, Omar e Abu Bacr. O primeiro foi seu sucessor designado, mas veio a falecer antes do pai. Esta mulher levou o título de Omm-Al-

(19) — Compunham a Andaluzia ocidental as províncias cujos rios desembocavam no Oceano Atlântico; a Andaluzia oriental compreendia os países cujos rios desaguavam no Mediterrâneo.

-Kholafa, Mãe dos califas. Posteriormente ao ano 620 H., Abu Zacaria passou a governar a província de Ifríkya; depois, no ano 625 H. (1228) E. V.), repudiou a soberania dos descendentes de Abd Ul-Mumin, declarou-se independente, e tornou-se senhor dêste país. Por volta da mesma época, o império dos Almohadas na Andaluzia se desmoronava, e Ibn Hud rebelou-se contra êles (20). Quando da morte dêste príncipe, tôda a Espanha muçulmana se achava subvertida; o rei cristão a atacou com encarnecimento, fazendo freqüentes incursões na fronteira (21), formada pela planície que se estende de Córdova e Sevilha até Jaen. Ibn Al-Ahmar se revoltava em Arjona, fortaleza situada na Andaluzia ocidental (22), esperando preservar os últimos restos da Espanha muçulmana. Recorrendo ao conselho municipal de Sevilha (23), corpo cujos membros pertenciam às famílias de Al-Baji, de Al-Jid, de Uazir, de Sayd Annas e de Khaldun, convidou-o a declarar-se contra Ibn Hud, e a deixar Frontera ao rei cristão, para se limitar a conservar a posse das montanhas do litoral e das praças fortes desta região, desde Málaga até Granada, e de lá até Almeria. Como êstes chefes não viram a necessidade de abandonar seu país, Ibn Al-Ahmar rompeu tôdas as relações com êles e com seu presidente Abu Marwan Al-Baji. Desde então, reconheceu ora a soberania de Ibn Hud, ora a do príncipe da família de Abd Ul-Mumin, reinante em Marrocos, ora a do Emir Abu Zacaria, soberano de Ifríkya. Estabelecendo-se em Granada, tornou-a capital de seu reino, e deixou Frontera sem defesa e as cidades que encerrava. A família Khaldun, apercebendo-se do perigo que as excursões do rei cristão lhe faziam correr, no futuro, abandonou Sevilha, e dirigindo-se para Ceuta na costa oposta do Mediterrâneo, estabeleceu-se nesta cidade. O rei cristão não tardou em se lançar contra as praças fortes de Frontera, e, no espaço de

---

(20) — Ver a **Histoire des Berb.** t. II, p. 379.

(21) — O texto árabe traz "frontera", reproduzindo o têrmo espanhol: frontera.

(22) — Entre Córdova e Jaen.

(23) — Sabe-se que nesta época Sevilha tinha se constiutído em república. Cf: Dozy: Hist. Musulm. Esp. t. IV, p. 7 ss.

vinte anos, apoderou-se de Córdova, de Sevilha, de Carmona e de Jaen, assim como das dependências destas cidades.

Chegando a Ceuta, a família Khaldun uniu-se por laços matrimoniais com a dos Al-Azafi(24), aliança que teve certo brilho e fama. Entre os seus membros emigrados para além do Estreito, se achava nosso avô Al-Haçan Ibn Muhammad, filho de uma filha de Ibn Al-Muhtacib. Querendo fazer valer os serviços que seus ancestrais prestaram outrora à família de Abu Zacaria, veio ter à côrte dêste Emir, que lhe dispensou uma acolhida honrosíssima. Depois do que, viajou para o Oriente, e, havendo cumprido o dever da peregrinação, retomou o caminho da África, onde o esperava, ao pé do Emir Abu Zacaría, então em Bona, a mesma fervorosa acolhida. Desde aquêle momento, até a sua morte, viveu na sombra tutelar do império Hafsida, desfrutando os favores do príncipe, que lhe tinha atribuído apontamentos e feudos (ictâ). Veio a falecer em Bona e ali foi enterrado. A mocidade de seu filho Abu Bacr Muhammad foi favorecida com a mesma proteção e cumulada das mesmas bondades régias. O falecimento do Emir Abu Zacaria, acontecimento havido em Bona no ano 647 (1249), não diminuiu em nada a prosperidade de que gozava. Mustansir Muhammad, filho e sucessor de Abu Zacaria, o manteve na posição avantajada de que usufruia. O curso dos acontecimentos seguiu seu rumo costumeiro: Mustansir morreu em 675 (1277) e seu filho Yahia (Al-Uathic) veio a lhe suceder; mas o Emir Abu Ishac chegou de Espanha, onde se tinha refugiado durante a vida de seu irmão Mustansir, e se apoderou de Ifríkya, depois de destronar o sobrinho. O novo soberano confiou a nosso avô as funções de Amir Al-Achgal (ministro das operações financeiras), investido das mesmas atribuições que os grandes dignatários almohadas outrora encarregados de desempenhar essas funções. Assim, cabia-lhe o direito de nomear os perceptores, de os destituir e de pedir-lhes contas com o emprêgo da tortura). Abu Bacr desincumbiu-se dêstes deveres do melhor modo. Mais tarde, quando o sultão Abu Ishac mandou a Bugia seu filho e su-

(24) — Para a história desta família distinta, ver **Hist. des Berbères**, t. IV p. 64, 198 ss.

cessor designado, pelo nome de Abu Fares, indicou-lhe como primeiro ministro (hajib) nosso bisavô Muhammad (filho de Abu Bacr, que, logo mais, pediu sua demissão e tomou o caminho da capital. O impostor Ibn Abi Omara, apoderando-se de Túnis, sede do império Hafsida, prendeu a Abu Bacr, e, depois de lhe ter arrancado tôda sua fortuna por meio de torturas, mandou estrangulá-lo dentro da prisão. O sultão Abu Ishac, acompanhado de seus filhos e de nosso bisavô Muhammad, filho de Abu Bacr, encaminhou-se para Bugia, onde esperava encontrar refúgio; mas, chegando a esta cidade, foi pôsto a ferros pelo próprio filho, Abu Fares. Êste último, pôs-se em seguida à testa de suas tropas, e levando consigo seus irmãos, marchou contra o pretendente, que se fazia passar por Al-Fadl, filho de Al-Uathic Al-Machluh. Após a batalha da Marmajanna (25), tão funesta para os Hafsidas, nosso bisavô Muhammad, presente nela, achou meios de escapar com Abu Hafs, filho do Emir Abu Zacaria; e, acompanhados de Al-Fazazi e de Abu'l Huçain Ibn Sayd Annas, foram refugiar-se em Calat-Sinan (26). Al-Fazazi era cliente de Abu Hafs e êste dispensava-lhe predileção marcada. Ibn Sayd Annas, que tinha ocupado uma posição mais elevada que Al-Fazazi em Sevilha, cidade natal de ambos, experimentou um tão vivo descontentamento desta preferência que foi juntar-se ao príncipe Abu Zacaria (filho de Abu Ishac) na cidade de Tlemcen, onde lhe aconteceu o que temos contado (na História dos Berberes) (27). Quanto a Muhammad Ibn Khaldun, ficou ao pé do Emir Abu Hafs, que, tornando-se senhor do império, concedeu "ictâ" a êste fiel servidor, o inscreveu sôbre a lista dos chefes militares, e, reconhecendo nêle mais habilidade que à maioria dos oficiais de sua côrte, escolheu-o para suceder a Al-Fazazi no cargo de primeiro ministro. Abu Hafs teve como sucessor Abu Acída Al-Mostancir, neto de seu irmão. Elegeu como ministro Muhammad Ibn Ibrahim-Dabbagh, antigo secretário de Al-Fazazi, e Mu-

---

(25) — Hist. des Berbers, t. II, p. 393.

(26) — Calat-Sinan: castelo da Tunísia, situado a Nordeste de Tebessa. A quatro léguas mais longe e na direção Este, situa-se a aldeia de Marmajanna, a Berremadjena dos mapas.

(27) — Hist. des Berbères, t. II, p. 399.

hammad Ibn Khaldun, que recebeu o título de vice-hajib, e conservou a função até à morte do soberano. Quando o Emir Abu'l Baca Khalid subiu ao trono, deixou a Ibn Khaldun as honras que desfrutava, mas não o empregou. Abu Yahia Ibn Al-Lihiani, que lhe sucedeu, favoreceu ainda mais Ibn Khaldun, e se felicitou dos serviços relevantes que êste lhe prestou, e da habilidade que demonstrou num momento em que os Árabes nômades iam tomar o poder. O Emir mandou-o defender a península (28) contra os Delaj, tribo de Árabes de Sulaim estabelecida nesta região, defesa em que, mais uma vez, Ibn Khaldun brilhou. Depois da queda de Al-Lihiani, partiu para o Oriente e cumpriu com o preceito de visitar Meca, no ano 718 H. (1319). Mais tarde, tomado do desejo de renunciar ao mundo, e voltar-se para Deus, empreendeu mais uma peregrinação surrerogatória, no ano 723, e recolheu-se na solidão de sua casa. O sultão conservou-lhe todos os favores e as honras anteriormente tributadas, e continuou a conceder-lhes grande parte dos emolumentos e pensões com que o Estado o tinha gratificado. O príncipe convidou-o muitas vêzes, mas inùtilmente, para tomar o lugar de primeiro ministro. Sôbre o assunto, Ibn Mansur Ibn Mozni (29) me contou os seguintes pormenores que passo a relatar: "O hajib Muhammad Ibn Abd Al-Aziz Al-Kordi, chamado Al- Mizuar (30), faleceu em 227 (1327) e o sultão chamou teu avô, para tomá-lo como hajib e conselheiro privado. Não conseguindo decidí-lo a aceitar êstes cargos, pediu-lhe conselho para a escolha de uma pessoa capaz de desempenhar condignamente o ofício de Hajib. Muhammad Ibn Khaldun indicou-lhe o governador de Bugia, Muhammad, filho de Abu'l-Haçan Ibn Sayd Annas, como pessoa bem qualificada, tanto por seus talentos como por sua habilidade, para tal dignidade. Lembrou-lhe também que, desde longa data, a família

(28) — Trata-se da grande península que se estende ao sul e a leste do golfo de Túnis. Antigamente chamada Cherik, agora chama-se Dakhol.

(29) — Al-Mozni, célebre emir de Biskra e do Msab (Cf, Hist. des Berb. t. III, p. 124 ss.

(30) — Mizuar, introdutor das visitas, de zara, ziarat: denominação magrebina.

dêste oficial tinha servido o soberano em Sevilha e em Túnis. É um homem, acrescentou êle, tão capaz quanto eu para ocupar êste ofício, por seu profundo sentimento religioso e pela influência que lhe outorga o número de seus clientes. O príncipe, gostando do conselho, mandou chamar Ibn Sayd Annas e deu-lhe a investidura de Hajib. "Tôdas as vêzes que o sultão Abu Yahia (Abu Bacr) se ausentava de Túnis, confiava a guarda da cidade a meu avô, cuja inteligência e devotamento inspirava uma confiança sem limites.

No ano 737 (1336-37), ao falecer meu avô, meu pai, Abu Bacr Muhammad, deixou a carreira militar e administrativa para dedicar-se à ciência (a lei) e à devoção. Era tanto mais inclinado a êste gênero de vida quanto tinha sido criado sob os olhares do célebre legista Abu Abd Allah Az-Zubaidi, o homem de Túnis mais notável por seu profundo saber e por seu talento de mufti, e que se tinha consagrado às práticas da vida devota, seguindo o exemplo do pai, Hoçain, e de seu tio Haçan, que foram ambos ascetas de nomeada. Desde o dia em que meu avô renunciou aos negócios, passava seu tempo ao lado de Abu Abd Allah, e meu pai, que tinha sido entregue aos cudados dêste doutor, aplicou-se ao estudo do Alcorão e da lei. Meu pai cultivou com paixão a língua árabe e era versado em todos os ramos da arte poética. Filólogos de profissão recorriam a seu critério — fato que testemunhei — e lhe submetiam seus escritos. Faleceu, arrebatado pela grande epidemia do ano 749 (31).

## DE MINHA EDUCAÇÃO

Vi a luz em Túnis no primeiro dia do mês de Ramadan do ano 372 (27 de maio de 1332 de J. C.) e fui criado e educado sob as vistas de meu pai até a época de minha adolescência. Aprendi a ler o santo livro, tendo por mestre de escola Abd Allah Muhammad Ibn Nazal Al-Ansari, oriundo de Jalla, localidade da província de Valência, na Andaluzia, que

(31) — Foi a epidemia chamada peste Negra do ano de 1349 de J. C.

fizera seus estudos com os primeiros mestres desta cidade e dos arredores, e sobrepujava a todos seus contemporâneos no conhecimento das diversas leituras corânicas (32). Um de seus preceptores nesta disciplina foi o célebre Abu'l Abbas Ahmad Ibn Muhammad Ibn Al Bataui, célebre Leitor, que tinha estudado com mestres de autoridade reconhecida. Depois de aprender de cor todo o texto do Alcorão, aprendi a sua leitura segundo as sete lições, com o mesmo Al-Bataui, aprendendo primeiro cada lição separadamente, e depois em conjunto, o que meu deu ocasião de reler o Alcorão vinte e uma vêzes, dedicando, em seguida, mais uma sessão para o conjunto das sete leituras. Terminei êste gênero de estudos pela leitura do Alcorão segundo os ensinamentos de Yacub (33). Duas obras que estudei com êste mestre, aproveitando-me de suas observações, foram o poema de Chatebi sôbre as lições corânicas, intitulado *Lamiya,* e um outro poema do mesmo autor sôbre ortografia do Alcorão e intitulado *Raya* (34). O mestre deu-me nesta matéria os mesmos ensinamentos didáticos que êle mesmo tinha recebido de Al-Betrani e outros mestres. Li igualmente sob sua direção o *Tafassi,* obra composta por Ibn Abd Al-Barr sôbre as tradições relatadas no *Muwatta* (35), no qual o autor seguiu o plano de sua outra obra sôbre o mesmo assunto, o *Tamhid,* limitando-se, todavia, na primeira ùnicamente às tradições (36). Estudei ainda com êle grande número de livros, entre outros, o *Thashil* de Ibn

---

(32) — Entre os primeiros muçulmanos que sabiam de cor o texto integral do Alcorão, havia sete cuja autoridade, como tradicionalistas corânicos, era universalmente reconhecida. Mas como divergiam na pronúncia de certas palavras, nas pausas e nas intonações, forçoso foi reconhecer que havia sete variantes de Leituras ou edições, tôdas autênticas, do Alcorão.

(33) — Yacub Ibn Ishac Al-Hadrami, leitor do Alcorão, morreu no ano 205 H. (820-21).

(34) — S. de Sacy deu uma notícia analítica dêste poema em **Notices et Extraits,** t. VIII, p. 333 e ss.

(35) — Coletânia de tradições feita por Malik Ibn Anas, que serviu de base ao sistema de jurisprudência (ou escola) malekita.

(36) — Tamhid tratava não sòmente da autenticidade das tradições, mas também dos princípios de direito derivados das mesmas.

Malik (37), e o *Mukhtaçar* ou Resumo de jurisprudência, da lavra de Ibn Al-Hajib (38); porém, cultivei a arte gramatical sob a direção de meu pai, assim como com a ajuda de muitos emientes professôres da cidade de Túnis, que passo a citar:

1.º O cheikh Abu Abdallah Muhammad Ibn Al-Arabi Al-Haçairi, doutor gramático e autor de um comentário sôbre o Tashil.

2.º Abu Abdallah Muhammad Ibn A-Chuach Az-Zarzali.

3.º Abu'l Abbas Ahmad Ibn Al-Cassar, gramático de vasto saber e autor de um comentário sôbre a Burda, poema célebre dedicado aos louvores do Profeta. Ainda é vivo e reside em Túnis.

4.º Abu Abd Allah Muhammad Ibn Bahr, o primeiro gramático e filólogo de Túnis. Assistia eu com assiduidade a seu curso, e reconheci que, de fato, era um verdadeiro Bahr (oceano) de sabedoria em relação a tudo que dizia respeito à língua árabe. Conformando-me com seus conselhos, decorei os *Seis Poetas* (39), o livro de *Hamaça* (40) (de Abu Tammam)

---

(37) — Ibn Malik (Jamal Ad-Din Abu Abd Allah), célebre gramático e autor do **Alfiya** e do **Tahsil**, faleceu em 672 H. (1273-4 E. V.). O Thasil fornece esclarecimentos sôbre tôdas as questões que pode suscitar cada regra da gramática; teve grande número de comentadores. Seu **Alfiya**, publicado por S. de Sacy, continua em tôdas as mãos.

(38) — Jamal Ad-Din Abu Omr Othman, nativo de Jaen, Espanha, e apelidado de Ibn Al-Hajib, era legista da escola de Malik. Seu Mukhtaçar e seu Kafiya (poema didático com K por única rima) são pequenos tratados de gramática, que tiveram muitos comentadores.

(39) — Coletânea das obras poéticas de seis antigos poetas árabes, dos mais famosos, a saber: Amru'l Cais, Nabiga, Alcama, Zuhair, Tarafa e Antara. Para maiores pormenores ver: A. Kahn: Lit. Árabe, passim, numerosos extratos. Huart: Litt. arabe, ch. II, Poésie anteislamique. Em vernáculo, numerosas e excelentes traduções do francês, etc. e nenhuma do original. (Nota dos Trad.).

(40) — Hamaça é outra coletânea de poesia épica, publicada por Freytag e traduzida em alemão por Ruckert; Abu Tammam, que a organizou, e que foi poeta, e um dos maiores, da língua árabe, nasceu em 180 ou 188., perto de Damasco. A Hamaça se divide em 10 livros e contém grande parte das melhores páginas da poesia árabe desde os tempos mais antigos até ao período abbassida. Morreu em 845-46 de J. C.

Habib, uma parte dos poemas de Mutanabi (41) e muitos outros trechos de poesias citadas no *Kitab Al-Agani* (42)

5.º Chams Ad-Din Abu Abd Allah Muhammad Ibn Jabir, autor de muitas obras sôbre suas viagens pelo Oriente. Era chefe tradicionalista de Túnis. Ouvi suas explicações de todo o *Muwatta,* assim como o livro de Muslim Ibn Hajjaj, (com exceção de uma pequena parte que trata da caça) (43). Ensinou-me também uma parte dos *Cinco Tratados Elementares* (44); deu-me a conhecer grande número de livros de gramática e de direito, e me deu uma *ijaza* (45) geral. Quanto aos ensinamentos que me comunicava, citava as autoridades com que tinha estudado a matéria, e cujos nomes tinha registrado num caderno. Um dos mais conhecidos entre êles, era

---

(41) — Mutanabbi, (915-955), uma das maiores glórias da poesia árabe, e cuja influência continua a se exercer sôbre a poesia mesmo atual. Ainda hoje é um dos poetas mais lidos na Síria, no Egito e em todo o mundo árabe, não sòmente por causa da ousadia de sua filosofia e do ardor de seus sentimentos pró-árabes, mas também por suas qualidades literárias. Ver Blachère: Un Poète arabe du X Siécle; F. Garielli: La Vita di Al-Mutanabbi; Nacif Al-Yazigi: Al-Urf at-Taiyb, etc. (Nota dos Trad.).

(42) — Kitab Al-Agani, a maior coletânea de poesia árabe e do que se relaciona com a música e a literatura árabe. Esta imensa compilação literária é a fonte mais importante do que se refere às circunstâncias e ao meio em que viveram os poetas dos primeiros séculos, e ao modo como compuzeram suas obras. (Nota dos Trad.).

(43) — O trecho entre parênteses não se acha na edi. de Boulac. (Nota dos Tradutores).

(44) — Os Cinco Tratados. Entre os livros explicados nas escolas primárias do Oriente e do Ocidente, ocupavam lugar importante cinco pequenos tratados de gramática; eram como fontes ou madres dos conhecimentos gramaticais. Eram êles: Maât Amil ou (Cem Agentes), de Jorjani; O Charh ou Comentário da mesma obra; O Misbah ou (Lanterna) de Mutarazzi; Hidayat An-Nahu ou Guia Gramatical; e Kafiyat de Ibn Al-Hajib. Tôdas estas obras foram impressas pelo Capitão Baillie, em Calicut, em 1802-1805.

(45) — Ijaza ou licença, é o certificado de capacidade dado pelo professor ao aluno, autorizando-o a ensinar as matérias explicadas em suas aulas. Cada disciplina tinha sua licença; a Ijaza geral, compreendia tôdas as disciplinas do curso.

Abu'l-Abbas Ahmad Ibn Al-Gammaz Al-Khazraji, Cádi da Comunidade (46) em Túnis.

6.º Estudei o direito na mesma cidade com muitos mestres, que foram: Abu Abd Allah Muhammad Ibn Allah Al--Jaiani (nativo de Jaen), e Abu'l-Cacim Muhammad Ibn Al--Cacir, que me ensinou também o resumo de *Mudawana* (47), composta por Abu Saíd Al-Bardai e intitulada *Tamhid,* assim como (outra) *Mudawana* ou (Digeste) das doutrinas particulares de jurisprudência malikita. Fiz um curso de direito sob sua direção, e freqüentava ao mesmo tempo, as reuniões de nosso cheikh Abu Abd Allah Ibn Abd As-Salam,, Cádi da Comunidade. Meu mano, Muhammad, agora falecido (48), assistia comigo a estas reuniões. Aproveitava muito das luzes de Ibn Abd As-Salam, de quem ouvi a leitura explicada do *Muwatta* do imame Malik. Havia êle aprendido, pela via tradicional, o texto dêste livro, visto ter procurado o ensinamento de um doutor de grande autoridade, Abu Muhammad Ibn Harun, o mesmo que mais tarde, caiu em demência.

Poderia ainda citar os nomes de diversos cheikhs tunisinos com os quais fiz meus estudos e dos quais obtive certificados lisongeiros. Todos faleceram ceifados pela grande epidemia.

No ano 748 (1347), Abu'l-Haçan, soberano de Marrocos, apoderou-se do reino de Ifríkya. Chegou à nossa cidade com

---

(46) — Cádi da Comunidade, título que se dava ao chefe dos cádis nos reinos africanos e andaluzes, equivalente ao Cádi'l Cudat atual.

(47) — Mudawna, ou Maçail mudawanat, ou digest, contém as decisões de Malik que formam a base do sistema jurídico da Escola de Malik. Seu redator Ibn Al-Cacim morreu no Velho Cairo em 806 de J. C.

(48) — Eram dois irmãos de Ibn Khaldun; Muhammad e Yahia. O primeiro parece ter falecido muito jovem; o segundo, Abu Zakaria, (nascido em Túnis cêrca do ano 734) partilhou da fortuna de seu mano Abu Zaid (nosso autor) e, como êle, compôs uma obra histórica sôbre a cidade de Tlemcen e a dinastia dos Abd Al-Uad... Foi assassinado no ano 780 H. (1378). Deixou uma obra histórica, muito inferior por seu conteúdo e por seus conceitos e espírito crítico à do irmão, mas que lhe é superior do ponto de vista literário. Bughyat Al-Ruad, foi traduzido e publciado por A. Bel. em 2 vol. em Alger (1904-1913). Cf. Abbé Bargès. Complément de l'histoire de Beni Zeiyan, 1887, Paris. (Nota dos Trad.).

grande acompanhamento de homens da lei, que tinha obrigado a seguí-lo, e que faziam o melhor ornamento de sua côrte. Destacavam-se os seguintes:

1.º O grande Mufti e chefe do rito malekita no Magrib; Abu Abd Allah Muhammad Ibn Sulaiman As-Sitti, doutor que freqüentei nas assembléias a que êle presidia e cujos ensinamentos me foram de grande utilidade.

2.º Abu Muhammad Abd Al-Muhaiman, Al-Hadrami, chefe tradicionalista e gramático do Magrib, secretário do sultão Abu'l Haçan, encarregado do parafo imperial abaixo de todos os documentos provenientes do príncipe. Freqüentando-o com assiduidade, aproveitei de suas aulas e recebi dêle a licença de lecionar as seis principais *Coleções* de tradições(49), além do *Muwatta, As-Siar* de Ibn Ishac(50), o tratado de Ibn As-Salah sôbre as tradições, assim como muitas outras obras de cujos títulos não me recordo. Na ciência das tradições, possuia êle conhecimentos que devia às melhores autoridades e fontes, e era evidente que se tinha empenhado muito para os aprender corretamente e guardar seu conteúdo. Possuia uma biblioteca de mais de três mil volumes, compreendendo obras sôbre as tradições, o direito, a gramática, a filologia, as ciências fundadas sôbre a razão, e outros assuntos; o texto de todos êstes livros era de uma grande correção, por causa do empenho que tinha exigido seu cotejo. Não havia um Diwan ou coletânia de poesia que não possuisse uma inscrição do próprio punho de cada um dos cheiques que, a partir do tempo do autor, tivessem ensinado o conteúdo da obra; mesmo os tratados de gramática, de direito, assim como as obras compostas de anedotas e raridades filológicas, traziam inscrições garantindo sua autenticidade.

---

(49) — Os autores destas Coleções eram Al-Bokhari, Moslim, Abu Daud, Termidi, Neçai, Ibn Maja; êste último substituído por alguns escritores pelo nome de Malik. A esta lista, junta-se o nome de Ad-Daracotni e outros autores de "mosnad" ou "Corpus" de tradições, mencionadas no Dict. Bibliographique de H. Khalifa, t. II, p. 550.

(50) — As-Siar, de Ibn Ishac, obra que contém grande número de tradições relativas às expedições de Muhammad, goza de grande autoridade. Ibn Hicham, autor da Vida de Muhammad (Sirat Ar-Rasul) o utilizou grandemente.

3.º Xeque Abu'l-Abbas Ahmad Az-Zuawi, primeiro Mucri ou leitor do Alcorão do Magrib. Li o Alcorão com êle, na grande mesquita, segundo as sete lições tais como foram transmitidas por Abu Amr de Denia e Ibn Churaih (51); todavia, não pude terminar esta leitura. Ouvi, do mesmo, a explicação de muitas obras e recebi uma licença geral.

4.º Abu Abd Allah Muhammad Ibn Ibrahim Al-Abelli (52), grande mestre para as ciências fundadas sôbre a razão. Pertencia a uma família de Tlemcen, cidade onde passou sua mocidade. Tendo estudado os livros de matemática, tornou-se mestre neste ramo de saber. Quando Tlemcen sofreu o grande cêrco (53), deixou esta cidade e fez a peregrinação a Meca. No Oriente encontrou-se com os doutores mais afamados; achou-se, porém, impossibilitado de aproveitar-se de suas luzes por causa de uma indisposição temporária que lhe perturbou o espírito. De volta ao seu país, estudou a lógica, os princípios fundamentais da teologia dogmática e os da jurisprudência canônica com o Xeque Abu Muça Iça Ibn Al-Imam (54). Em Túnis, assistiu conjuntamente com seu irmão Abu Zaid Abd' ur-Rahman, os cursos do célebre Talmid Ibn Zaidun (Discípulo de Ibn Zaidun). De volta para Tlemcen, se achava possuidor de conhecimentos vastíssimos nas ciências fundadas sôbre a razão e nas que têm por base a tradição (55). Reencentou o curso de seus estudos nesta cidade sob a direção de Abu Muça, o mesmo de quem acabamos de falar. Depois de certo tempo, passou para o Magrib, obrigado de fugir de

---

(51) — Ibn Churaih (Muahmmad) Morreu em Sevilha no ano 1083 de J. C.

52) — Al-Abelli: nativo de Abbela ou Abbeliya, localidade do norte da Espanha. Os antepassados dêste doutor tinham habitado nesta localidade até a grande emigração provocada pela tomada de Sevilha.

(53) — No ano de 1334-5, Abu'l Haçan, sultão merinida, pôs cerco a Tlemcen.

(54) — Ver Hit. des Berb. t. III, p. 386 e ss.; t. IV, p. 223.

(55) — Segundo os doutores muçulmanos, o homem tira seus conhecimentos de duas fontes: a razão e a fé. Em conseqüência, as ciências formam duas classes: Akliya ou fundadas sôbre a razão, e Uadiya ou positivas ou impostas. Designam-se estas últimas pelo têrmo Macalya ou fornecidas pela tradição.

Tlemcen, porque Abu Hammu Muça Ibn Yagmoracen, soberano desta cidade, queria constrangê-lo a tomar a direção geral das finanças e o contrôle das rendas dos impostos. Chegado a Marrocos, seguiu com assiduidade os cursos do célebre Abu'l Abbas Ibn Al-Banna e, tornando-se senhor de tôdas as ciências fundadas sôbre a razão, herdou o lugar que êste sábio ocupava na opinião pública, e uma reputação ainda mais vasta. Depois do falecimento dêste professor, foi ter nas montanhas dos Heskura (56), convidado por Ali Ibn Muhammad Ibn Terumit (57) que desejava fazer alguns estudos sob a direção de um mestre tão hábil. As lições de um mestre assim afamado não podiam deixar de ser proveitosas, e alguns anos mais tarde, quando Abu Said, sultão do Magrib, obrigou Ibn Terumit a abandonar as montanhas dos Haskura e a se fixar na Cidade-Nova (Al-Balad Jadid) (58), Al-Abelli o acompanhou. Em circunstâncias ulteriores, êste último foi admitido pelo sultão Abul Haçan no número dos sábios que recebia nas suas reuniões íntimas. Desde então dedicou-se à propaganda, no Magrib, das ciências fundadas sôbre a razão, e seus esforços foram muito bem sucedidos. Grande número de pessoas tiveram-no por professor, de modo que se tornou o laço de união entre os antigos sábios e os de sua época. Quando veio para Túnis em companhia do sultão Abu'l Haçan, decidi-me a freqüentá-lo com assiduidade, para estudar sob sua direção a lógica, os princípios básicos da teologia dogmática e os da jurisprudência, tôdas as ciências filosóficas e as matemáticas. Alcancei tanto sucesso nestas disciplinas que muitas vêzes êle me testemunhou sua alta satisfação.

5.º Outro sábio que o Sultão Abu'l Haçan trouxe em sua companhia para Túnis foi nosso amigo Abu'l Cacim Abd Allah Ibn Yuçuf Ibn Riduan, doutor em jurisprudência malikita. Era um dos secretários do soberano e exercia esta função

---

(56) — Os Haskura habitavam o Atlas, a Leste da cidade de Marrocos.

(57) — Ibn Terumit era chefe de uma grande fração da tribo berbere dos Haskura.

(58) — A Cidade - Nova, construída cerca de um Km. e meio ao Sudoeste de Fêz, era a residência do sultão e a sede da administração.

sob as ordens de Abu Muhammad Abd Al-Muhaiman. Êste último desempenhava as funções de secretário d'Estado e escrivão da *alama,* fórmula inscrita abaixo de tôdas as ordenações, manifestos, e outros documentos que emanavam do sultão e que o próprio soberano inscrevia de seu punho. Ibn Riduan foi um dos ornamentos do Magrib pela variedade de seus conhecimentos, a beleza de sua caligrafia e de seu físico, a moralidade de sua conduta, a destreza que demonstrava ao redigir os contratos, a elegância de seu estilo nas cartas que escrevia em nome do soberano, a facilidade com que compunha versos e seu talento de pregador. Com efeito, muitas vêzes desempenhava o papel de Imame quando o sultão assistia à oração pública. Entrei em relação com êle quando chegou a Túnis, e tive muito que me louvar por esta nossa intimidade. Não o tomei, todavia, por mestre, pois que éramos da mesma idade; mas, não obstante isso, aproveitei tanto de suas luzes quanto das dos meus preceptores habituais.

Ibn Riduan foi elogiado por nosso amigo, o poeta de Túnis Abul Cacim Ar-Rahui, que enalteceu seus méritos num poema com rima em N, e no qual pede ao secretário que lembre seu nome perante seu chefe de secretariado Abd Al-Muhaiman, para encaminhar um poema de sua lavra, com rima Y, até às mãos do sultão (59).

No começo do ano 749 (Abril, 1348 de J. C.), os Árabes nômades venceram o sultão Abul Haçan perto de Cairuão (60), e pouco tempo depois sobreveiu a grande epidemia da peste negra. Muitos dos doutores que acabo de citar, faleceram vitimados pelo mal; Abd Al-Muhaiman também sucumbiu, assim como meu pai.

Logo após a catástrofe de Cairuão, o povo de Túnis sublevou-se contra os partidários do sultão Abul Haçam e os obrigou a procurarem refúgio na cidadela, onde estavam asilados os filhos e as mulheres dêste príncipe. Ibn Tafraguin repudiou então a autoridade de Abul Haçan e, deixando Cairuão, juntou-se aos Árabes que bloqueavam a praça e que acabavam de

(59) — O autor reproduz trechos dêstes poemas, que deixamos de traduzir, por sua inocuidade e alambicados trocadilhos.

(60) — Hist. des Berb., t. III, p. 34, et. IV. p. 266 ss.

proclamar a soberania de Ibn Abi Dabus (descendente do último califa Almohada de Marrocos). Incumbido por êstes mesmos nômadas de submeter à fôrça a cidadela de Túnis, foi investir contra a praça, que resistiu a todos os ataques. No dia da rebelião, Abd Al-Muhaiman veio refugiar-se em nossa casa, e ficou nela escondido cêrca de três meses. O sultão Abul Haçan, conseguindo sair de Cairuão, dirigiu-se para Souça, onde embarcou para Túnis, donde Ibn Tafraguin tinha fugido para o Oriente. Abd Al-Muhaiman deixou então seu esconderijo e foi reintegrado pelo sultão no pôsto de secretário d'Estado e da *alama* ou parafo (61).

* * *

## SOU NOMEADO ESCRIVÃO DA ALAMA PELO GOVÊRNO DE TÚNIS; PASSO DEPOIS PARA O MAGRIB, PARA TORNAR-ME SECRETÁRIO DO SULTÃO ABU INAN

Desde minha mocidade, sempre me mostrei ávido de conhecimentos e me empenhei com grande zêlo a freqüentar as escolas e os cursos das diversas disciplinas. Após a grande epidemia que arrebatou nossos homens mais notáveis, nossos sábios, nossos professôres e que me privou de meu pai e de minha mãe, assistia regularmente ao curso do professor Abu Abd Allah Al-Abelli, e, dpeois de três anos de estudos sob sua direção, achei enfim que eu sabia alguma coisa.

Quando o sultão Abu Inan o chamou para perto de si, Ibn Tafraguin, que então era todo poderoso em Túnis, mandou me convidar para desempenhar o papel de escrivão da *alama* junto de seu soberano Abu Ishac. Êste príncipe acabava de terminar seus preparativos militares com vista a resistir à investida do Emir Abu Zaid, neto do Sultão Abu Tahia Abu Bacr e senhor de Constantina, que era secundado e instigado pela tribo árabe dos Ulad Muhalhal. Ibn Tafraguin fez

---

(61) — Deixamos de inserir, além dos versos de Abd Al-Muhaiman, em que agradecia aos Khaldun a sua hospitalidade, longa lista de personagens da companhia do sultão Abul Haçan, notícias idênticas às precedentes e que suprimimos para evitar delongas.

marchar conrta êle o sultão Abu Ishac e a tribo árabe dos Aulad Abi'l Lail. Terminava de pagar o sôldo da tropa e de organizar os diversos serviços da administração, quando me escolheu para substituir Ibn Omar, escrivão do parafo real, que acabava de destituir por ter exigido aumento de apontamentos. Desde então, escrevi o parafo em nome do sultão, isto é, traçava em grossas letras, sôbre os decretos e cartas imperiais, as palavras: *Louvores a Deus, gratidão a Deus,* que se colocavam entre a *basmala* e o resto do texto.

No comêço do ano 753 (março-abril de 1352 de J. C.) deixei Túnis com o exército, mas tinha firmado o propósito de abandonar as fileiras logo que encontrasse uma ocasião favorável, tal era meu desgôsto de me ver separado de meus professôres, e impossibilitado de continuar meus estudos. Desde já, quando a onda invasora dos Merinidas, tomando o caminho do Magrib, país onde tinha seus acantonamentos, reconduzindo com ela os sábios e os xeques que a tinham acompanhado na expedição contra Túnis foi se retirando do solo de Ifríkya, para voltar a seu leito, tinha eu tomado a resolução de ir juntar-me a êstes mestres. Mas meu mano mais velho, Muhammad convenceu-me a renunciar a meu propósito. Aceitei, pois, o cargo de escrivão do parafo, mas com a esperança de um dia realizar meu projeto e passar para o lado do Magrib. O que previa realizou-se. Saindo de Túnis, fomos acampar no país dos Hauwara; encontrámos o inimigo nas planícies de Marmajanna e foi ali que vimos a derrota de todo nosso exército. Refugiei-me em Oba, na casa do Xeque Abd'ul-Rahman Al-Usnafi, principal "marabout" desta localidade. De lá passei para Tebessa, e demorei-me durante alguns dias em casa de Muhammad Ibn Abdun, senhor da localidade. Como as estradas haviam-se tornado mais seguras, parti em companhia de alguns árabes que se tinham oferecido graciosamente para me acompanhar, e chegado a Gafsa, passei nela muitos dias esperando o momento em que a estrada não oferecesse mais perigo.

O Alfaquih Muhammad, filho de Mansur Ibn Muzni e irmão de Yuçuf Ibn Muzni, senhor da província do Zab, veio então me buscar. Achava-se em Túnis quando o Emir Abu Zaid foi sitiá-la, e tinha deixado a cidade para se pôr do lado

dêste príncipe. Então chegou-lhes a notícia de que Abu Inan, sultão do Magrib, acabava de tomar Tlemcen e de matar Abu Thabit e seu irmão Otman Ibn Abd'ur-Rahman, senhor desta capital; souberam mais que se tinha transportado para Medea, e depois, chegando debaixo dos muros de Bujaya, tinha convencido o governador Abu Abd Allah Muhammad, neto do sultão Abu Yahia Abu Bacr, a lhe entregar a cidade e marchar sob suas ordens. Souberam também que Abu Inan tinha dado o comando de Bujaya a Omar Ibn Ali, um dos chefes da tribo dos Uatas e membro da família Al-Uazir.

Sabedor dêstes acontecimentos, teve pressa o Emir Abu Zaid de levantar o sítio da cidade de Túnis e, na sua retirada, atravessou a cidade de Gafsa em companhia de Muhammad Ibn Muzni. Vindo êste último a nos visitar, e como pretendia passar pelo Zab, decidid-me a acompanhá-lo. Chegando em Biskra, hospedei-me na casa de meu mano Yuçuf e ali passei até o fim do inverno. Quanto a Muhammad, obteve uma pensão de seu irmão e foi se estabelecer numa das aldeias desta província.

Quando o sultão Abu Inan confiou a Omar Ibn Ali o govêrno de Bujaya, um cliente do Emir Hassida Abu Abd Allah, chamado Fareh, passou pela cidade para retirar para outro lugar a mulher e os filhos de seu patrão. Por instigação dêste liberto, um Sanhajiano descabeçado, assassinou a Omar durante uma audiência. Fareh tomou em seguida o comando da cidade e mandou Abu Zaid (primo de Abu Abd Allah), governador de Constantina, a socorrê-lo. Enquanto esperavam pela chegada dêste Emir, os notáveis de Bujaya deliberaram entre si, e, para se livrarem da vingança do sultão, pegaram em armas e tiraram a vida a Fareh. Restabelecida a autoridade de Abu Inan, mandaram buscar o governador de Tedellis (Dellis), para se submeterem às suas ordens. Êste oficial era chefe da tribo merinida de Ungacen e se chamava Tahyaten Ibn Omar Ibn Abd Al-Mumin. Recebendo o sultão, da parte dos habitantes, a segurança de sua submissão, mandou para Bujaya o seu mordomo, Muhammad Ibn Abi Amr, com forte destacamento de tropas e um grande número de pessoas de destaque do império.

Parti então de Biskra com a intenção de alcançar o sultão

Abu Inan, que se achava na ocasião em Tlemcen, e, chegando a Batha, encontrei ali Ibn Abi Amr. Êste oficial testemunhou-me tantas provas de honra que fiquei admirado, e me reconduziu em sua companhia para Bujaya, cuja tomada por êle eu presenciei. Tendo chegado à cidade numerosas delegações, vindas de Ifríkya, êle quis acompanhá-las até ao sultão. Juntando-me a elas fiquei surpreso com a deferência e os sinais de favor que o soberano me prodigalizou, a mim, jovem imberbe. Tendo voltado depois para Bujaya, com Ibn Abi Amr e as deputações, quedei perto dêle até o fim do inverno do ano 754 (março-abril 1353).

Quando o sultão voltou para Fêz e os sábios começaram a se reunir na côrte, falou-se a meu respeito durante uma das reuniões, e, como o príncipe queria escolher alguns estudantes para discutirem em sua presença questões versando sôbre Direito e Belas Artes, os doutores que tinham encontrado em Túnis me apontaram descrevendo minhas qualidades. Escreveu-me o Hajib (Ibn Abi Amr) chamando-me para me apresentar na côrte, onde cheguei no ano 755 (1354). Inscreveu-me no rol dos que faziam parte de suas reuniões científicas, e me impôs o honroso dever de assisitir com êle à oração. Mais tarde empregou-me como secretário e me encarregou de escrever suas decisões sôbre os documentos submetidos a seu julgamento.

Aceitei com repugnância esta colocação, visto que nenhum dos seus antepassados ocupou tal cargo. Continuava, entretanto, a me dedicar aos estudos e tomei lições com muitos Xeques magrebinos, assim como de Xeques andaluzes que vinham a Fêz em missões diplomáticas. Desta maneira, alcancei um grau de instrução que correspondia a meus anelos.

Entre os sábios que formavam a sociedade íntima de Abu Inan, devo mencionar:

1.º Ibn As Saffar Abu Abd Allah Muhammad, nativo da cidade de Marrocos e primeiro doutor na ciência das leituras corânicas; até a sua morte, continuou a ler o Corão para o sultão, segundo as sete lições.

2.º Al-Macarri Abu Abd Allah Muhammad, nativo de

Tlemcen, jurisconsulto e professor hábil; desepenhava as funções de grão-cádi de Fêz.

3.º O Charif Al-Haçani Abu Abd Allah Muhammad, alcunhado Al-Alui, nativo de Aluin, homem muito versado nas ciências filosóficas e tradicionais como o era na teologia dogmática e na jurisprudência.

4.º Al-Burji, Abul Cacim Muhammad Ibn Yahia, nativo de Borja, Espanha; servia o sultão Inan como secretário d'Estado e redator chefe da chancelaria, mais tarde veio a perder êstes lugares e foi nomeado Cádi militar.

5.º Ibn Abd Ar-Razzac Abu Abd Allah Muhammad, Xeque de grande saber.

## INCORRO NA DESGRAÇA DO SULTÃO ABU INAN

No fim do ano 756 (1355-6) me tomou o sultão a seu serviço dando-me emprêgo no seu secretariado. Distinguiu-me com um favor especial, permitindo que tomasse parte nas discussões literárias havidas em sua presença; me escolheu para transcrever (Tauki'), sôbre cada peça e documento submetido a seu exame, a resposta que julgava conveniente. Esta distinção suscitou muita inveja, e as delações se multiplicaram tanto, que o príncipe tomou-se por mim de uma verdadeira aversão que é difícil aquilatar. No fim do ano 757 caiu doente, e, pouco depois, mandou-me prender. Havia já certo tempo que uma ligação tinha-se formado entre mim e o príncipe hafsida Abu Abd Allah Muhammad, ex-emir de Bujaya, que, lembrando o devitamento de meus antepassados a sua família, me tinha admitido na sua sociedade íntima (62). Como descuidei-me das precauções que se devem tomar em casos como êste, atraí sôbre mim a ira do sultão. Muitos indivíduos, invejosos de minha alta fortuna, tinham dirigido ao sultão relatórios em que pretendiam que o príncipe hafsida pretendia fugir para Bujaya e que me tinha comprometido a facilitar-lhe a evasão, na certeza de me tornar seu primeiro ministro. O sultão mandou-me prender, maltratar e meter

(62) — Abu Inan tinha trazido o príncipe Hafsida para Fêz.

a ferros. O ex-emir, prêso como eu eu, logo foi relaxado. Mas a minha detenção se prolongou até à morte do sultão, acontecimento que se concretizou dois anos mais tarde.

Antes de falecer, tinha-lhe dirigido uma súplica em forma de poema, contendo cêrca de duzentos versos. Recebeu-o em Tlemcen e ficou tão emocionado que prometeu a minha liberdade tão logo entrasse em Fêz. Cinco dias depois de sua chegada caiu tão gravemente doente que faleceu quinze dias mais tarde (63). Êste acontecimento data de 24 do mês de Dul-Hijja 759 (28 de novembro de 1358). Al-Haçan Abu Omar, vizir e regente do império, apressou-se em me dar a liberdade e me reintegrar no meu cargo. Quis voltar para minha cidade natal, mas não pude obter seu consentimento; tive que me resignar a gozar os favores que me dispensava.

## O SULTÃO ABU SALEM ME NOMEIA SEU SECRETÁRIO DE ESTADO E CHEFE DE CHANCELARIA

Abu Salem (64), tendo passado da Espanha para a África com o intuito de tomar posse do trono, estabelceu-se na Safiha, montanha do país dos Gomara. Durante êste tempo, o pregador Ibn Marzuk agia sobrepticamente em Fêz angariando-lhe partidários, e, conhecendo os liames, de amizade que me prendiam aos principais chefes merinidas, recorreu a meus préstimos na esperança de ganhar êstes oficiais. E com efeito, acabei por persuadir a maior parte dêles a prometer seu apoio ao príncipe. Era eu então secretário de Mansur Ibn Sulaiman, que os chefes Merinidas acabavam de pôr à testa do Império (65), e que se ocupava com êles de

(63) — Morreu assassinado.

(64) — Abu Salem, filho do sultão Abul Haçan, foi deportado para Espanha por ordem de seu irmão, Abu Inan. Morto êste, entrou Abu Salem na África com o intuito de arrebatar o trono a seu sobrinho Said, proclamado soberano por Ibn Omar.

(65) — Mansur Ibn Sulaiman, bisneto de Abd-Al-Uahid, filho de Yacub Ibn Abd Al-Hak, 5.º soberano da dinastia merinida, acabava de ser proclamado sultão pelo vizir Ibn Rahu, que comandava em Tlemcen.

sitiar a Cidade Nova de Fêz, na qual se tinha encerrado o vizir Al-Haçan Ibn Omar, com seu sultão As-Said, filho de Abu Inan. Ibn Marzuk veio então me remeter um bilhete pelo qual o sultão Abu Salem solicitava que o segundasse, me prometendo as recompensas mais tentadoras e uma grande quantia em dinheiro. Procurei os chefes merinidas e os grandes oficiais do império, com o fim de decidí-los em favor de Abu Salem. Tão logo obteve sua adesão, Ibn Marzuk intimou a Al-Haçan Ibn Omar de reconhecer a autoridade de sultão Abu Salem, e êste vizir, cansado da prolongação do sítio, apressou-se em obedecer. Então, os outros chefes merinidas tomaram a resolução de abandonar Mansur Ibn Sulaiman e de ocupar a Cidade-Nova. Bem sucedido neste projeto, dirigi-me ao sultão Abu Salem com uma deputação composta de muitos grandes oficiais do Império. Entre êstes se achava Muhammad Ibn Othman Ibn Al-Kas, o mesmo que, mais tarde, exerceu uma autoridade ilimitada no Magrib. A pressa em nos acompanhar foi a origem de sua fortuna. Nessa ocasião, devido a meu empenho, obteve êle seu primeiro comando. Chegando a Safiha, comuniquei ao sultão o relatório dos acontecimentos que acabavam de ocorrer no Estado, e o informei que os Merinidas tinham deposto Ibn Mansur, como haviam prometido. Ao mesmo tempo, decidi-o a se pôr em marcha para a capital. Viemos a saber, quando em caminho, que Mansur tinha fugido rumo a Badis (Velez de Gomera), que os Merinidas tinham tomado posse da Cidade Nova, e que Ibn Omar acabava de proclamar a soberania de Abu Salem. Chegados a Kasr-el-Kbir, encontramos as tribos e as tropas que tinham reconhecido a autoridade do sultão; eram dispostas em filas sob as respectivas bandeiras, e com elas se achava Massud Ibn Rahu, ex-vizir de Mansur Ibn Sulaiman. O príncipe acolheu Massud com tôda a consideração devida a um homem de sua categoria, e o nomeou seu vice-ministro. Tinha escolhido como primeiro ministro a Al-Haçan Ibn Yuçuf Al-Urtajni, personagem que Mansur tinha mandado da capital para a Andaluzia, e que o sultão encontrou em Ceuta. Abu Salem, reunindo suas tropas, partiu de Al-Kasr e marchou sôbre Fêz. Ibn Omar saiu da cidade para recebê-lo e pôr-se às suas ordens. Era no meio do mês de

Chaban de 760 (julho 1359), quando o sultão efetuou sua entrada na capital (Fêz). Havia sòmente quinze dias que tinha aderido a sua causa, e agora me achava fazendo parte de seu cortêjo. Ficou-me grato pelo empenho com que abracei seu partido, e me tomou como seu secretário particular, encarregando-me de redigir e de escrever sua correspondência. Eu redigia a maior parte destas peças, empregando um estilo simples e fácil, sem nenhuma ajuda da parte dos que, na arte de escrever, empregam o rítmo que caracteriza a prosa rimada. Prendia-se isso ao fato de que êste gênero de composição era de qualidade inferior entre os Magrebinos, e consistia em expressões cujo sentido, a maior parte das pessoas não compreendia. O que era diferente com relação ao estilo comum: (era-lhes mais compreensível); mas, a gente do ofício, estranhava êste estilo, que era eu o único a empregar.

Mas logo me empolguei pela poesia, e compuz um grande número de peças em verso, dos quais posso dizer que iam da mediocridade até a excelência (66).

---

(66) — Ibn Khaldun reproduz cinco peças de versos declamados perante o sultão. De forma literária elegante, revelam um Ibn Khaldun bem nutrido da poesia clássica. Damos a seguir a tradução do primeiro trecho, sem garantir a completa exatidão da mesma, visto o texto estar longe de ser correto:

Levaram elas ao extremo o desejo de me evitarem e de me afligirem; se deleitaram em prolongar minhas lágrimas e gemidos. — Negaram-se, no dia da separação, a parar um instante, para dizer adeus a um coração preso de paixão e de temores. — Desapareceram no ocidente a minha vista, e minhas lágrimas candentes sòmente serviram para me afogar. — Ó tu! que tentas diminuir por tuas repreensões a dor lancinante que a saudade deixou, basta de crueldade em tuas reprimendas! Os amantes se deliciam nas censuras, mas para mim a censura é bebida que não posso engolir. — Não me entusiasma alegria nenhuma, e as penas do amor me são intoleráveis, enquanto não me lembrar da casa onde reside a bem amada. — Sento-me enlevado ao ver os vestígios da tenda, que era o oriente onde brilhava a lua de minha beldade, e o terreiro onde passeava a minha gazela. — As mãos da destruição se abateram sôbre esta morada; e quantas vicissitudes revolveram as suas ruínas. — Em vão o tempo procura apagar seus vestígios; ressuscitarão nos meus versos e na beleza de minha descrição. Quando a morada (da bem amada) se apresenta à vista do apaixonado, é a lembrança de sua beleza que inspira versos apaixonados. — etc., etc. ...

Ibn Marzuk, admitido na familiaridade do sultão, chegou a cativar-lhe o espírito. Desde então deixei de me salientar e me ocupei ùnicamente de cumprir com minhas obrigações de secretário privado, redator e escrivão da correspondência e das ordenações do soberano. Para o fim de seu reinado, Abu Salem me encarregou do ofício de *Madhalim* (reparar as injustiças) (67), me proporcionando assim a ocasião de atender as justas reclamações de muita gente; espero que Deus o levará em conta! Durante êste tempo, fui vítima das calúnias de Ibn Marzuk, que, levado pela inveja e pelo ciúme, procurava me prejudicar junto do príncipe, não sòmente a mim, mas também a tôdas as pessoas que desfrutavam de altos postos no Estado. Foi esta a causa da derrocada do soberano. O vizir Amar Ibn Abd Allah, apoderando-se da capital, reagrupou em redor de si todos os Merinidas e condenou Salem ao destêrro. Esta revolução custou a vida ao sultão, como foi contado por nós na História da dinastia meridina (68).

O vizir Omar, tomando a chefia dos negócios do Estado, confirmou-me nas minhas funções e me concedeu um aumento de "ictâ" e de emolumentos. Mas o ímpeto da mocidade me levou a olhar para mais alto e a contar de mais com a amizade de Omar. Nossa intimidade datava do reinado de Abu Inan, época em que me tinha ligado com o ex-emir de Bujaya, o príncipe Abu Abd Allah Muhammad. Omar então entrava como terceiro em nossa amizade, e a sua conversa constituia o encanto de nossas reuniões. Abu Inan, como já o afirmei, concebeu tão grande desconfiança, que me mandou prender e ao príncipe Muhammad, ao passo que fechava os olhos quanto ao comportamento de Omar, cujo pai era então governador de Bujaya. Agora que Omar era todo poderoso, presumi de mais da minha influência sôbre êle. Depois, achando que mostrava pouco desvêlo e vontade em me conceder o lugar que eu ambicionava, deixei de o visitar, e tal era meu descon-

---

(67) — Ver p. supra, p. 405, o capítulo que trata dos "**Madhalim**".

(68) — Omar colocou no trono um filho de Abul Haçan, de nome Tachefin. Contava poder governar o império em nome dêste príncipe, cujo espírito era normal. (Hist. des Berb. t. IV, p. 350).

tentamento que não me apresentei mais no palácio. Desde então, mudando completamente de sentimento a meu respeito, demonstrou tanta frieza para comigo, que solicitei licença de voltar para minha cidade natal. O favor me foi negado: a dinastia dos Abd Al-Uaditas acabava de reassumir o poder em Tlemcen e de estender sua autoridade sôbre todo o Magrib Central; temia-se que eu tivesse a cair no agrado do sultão Abu Hammu se me encontrasse como êle; por causa disso, receava o vizir aceder a minha solicitação. Entretanto, persisti no meu intento, e no primeiro do mês de Chaual de 763 (24 de maio 1362 de J. C.), obtive, graças aos bons ofícios de Massud Ibn Maçai, genro e lugar-tenente de Omar, a permissão de recitar, a êste último, um poema em que exprimia o desejo de deixar o país (69).

A tentativa foi coroada de êxito; obtive autorização de partir, com a condição de não passar por Tlemcen, podendo me dirigir para qualquer outro lugar. Decidi-me a embarcar para a Espanha, e no comêço de 764 (fim de outubro 1362) mandei minha mulher e meus filhos para casa dos tios maternos, os filhos do Cádi Muhammad Ibn Al-Hakim (70), em Constantina. Em seguida, puz-me a caminho de Ceuta. (O motivo da minha escolha da Espanha) é o seguinte: Abu Abd Allah (Muhammad V, rei de Granada), tendo sido destronado (por um de seus parentes, o Rais Muhammad), procurou a cidade de Fêz, tornando-se hóspede do sultão Abu Salem. A posição que ocupava na administração me permitiu prestar-lhe muitos serviços, secundando os intentos de seu vizir Ibn Al-Khatib. O rei (de Castela, Pedro o Cruel), tendo-se desentendido com o Rais, convidou (Muhammad V) a regressar à Espanha, para reconquistar seu trono. Muhammad partiu, deixando em Fêz os filhos e o séquito real. Mas foi mal sucedido na sua tentativa; e, descontente com o rei de Castela, por lhe ter negado a devolução de certas fortalezas tomadas aos muçulmanos, deixou a côrte cristã, passou para terras mouras, e se estabeleceu em Eciza. Daí, mandou uma

(69) — O Autor reproduziu aqui o poema citado, que deixamos de traduzir.

(70) — General chefe do exército hafsida.

carta a Omar Ibn Abd Allah, pedindo que lhe cedesse uma das cidades que os Merinidas possuiam na Andaluzia e que lhes serviam de ponto de apoio tôdas as vêzes que empreendiam a gurera santa. Dirigiu-me também uma carta, e, graças a meu empenho, obteve a posse da cidade e as dependências de Ronda. Esta fortaleza serviu-lhe de patamar para galgar o trono da Andaluzia Central. Voltou para sua capital, Granada, nos meados do ano 763 (abril 1362). Foi em seguimento a êstes acontecimentos que a desinteligência se introduziu entre mim e Omar. Também me decidi a visitar o soberano espanhol, na esperança de que não tivesse esquecido os serviços que eu lhe havia prestado.

## DE MINHA VIAGEM À HESPANHA

Chegando a Ceuta no começo de 764 (outubro 1362), recebi a acolhida mais fervorosa do cherif Abu'l-Abbas Ahmad Al-Huçaini, personagem principal da cidade e aliado por matrimônio com a família dos Azif. Recebeu-me como hóspede em sua casa, situada em frente da mesquita, e dispensou-me tratos que um soberano não poderia me dispensar. Na tarde de minha partida, deu-me mais testemunho de seu respeito, ajudando, com as próprias mãos, a lançar na água o barco que devia me levar à outra margem (71).

Desembarcamos em Gibraltar (Jabal Al-Fath), que pertencia na ocasião ao soberano dos Merinidas; escrevi a Ibn Al-Ahmar (72), sultão de Granada, e a seu vizir Ibn Al-Khatib, informando-os do que me tinha acontecido, e parti em seguida para Granada. Chegando a uma distância de "um correio" (ou 8 parasangas) desta capital, parei para passar ali a noite, e foi então que recebi a carta de Ibn Al-Khatib, em resposta à minha. Felicitava-se do prazer de me ver e dizia tôda sua

(71) — Suprimimos aqui pormenores dados pelo autor sôbre êste (cherif).

(72) — Muhammad V. Todos os soberanos da dinastia nassirida levavam o nome de (Filhos do Ruivo).

satisfação da maneira mais cordial (73). No dia seguinte, dia 8 de Rabi I 764 (27 de setembro 1362), aproximei-me da cidade, e o sultão, que se tinha apressado em aprontar e cobrir de tapetes um de seus aposentos para me receber, mandou ao meu encontro uma cavalgada de honra, composta dos principais oficiais de sua côrte. Chegado à sua presença, , acolheu-me de uma maneira que demonstrava quanto reconhecia meus serviços, e me revestiu de trajes de honra. Retirei-me, em seguida, em companhia de Ibn Al-Khatib, que me levou ao alojamento que me tinham reservado. Desde êste momento, o sultão me colocou no primeiro lugar entre as pessoas de sua sociedade, e me tornou seu confidente, o companheiro de seus passeios e de seus divertimentos.

No ano seguinte mandou-me em missão diplomática à côrte de Pedro, filho de Afonso, e rei de Castela. Era encarregado da ratificação do tratado de paz concluido entre êste príncipe e os Emires da Espanha muçulmana; em vista disso, devia-lhe oferecer um presente consistindo em sêdas magníficas e cavalos de raça, cujas selas e freios eram ricamente trabalhados em ouro. Chegando a Sevilha, onde pude contemplar inúmeros vestígios deixados pelos meus poderosos antepassados, fui apresentado ao rei cristão (73-A) que me recebeu com as maiores honras. Tinha já sido instruido por seu médico, o judeu Ibrahim Ibn Zarzar, sôbre a posição ocupada por meus maiores em Sevilha, e o mesmo tinha feito referência elogiosa a meu respeito. Ibn Zarzar, médico e astrônomo de primeira ordem, tinha se encontrado comigo na côrte de Abu Inan, que, tendo necessidade de seus préstimos, o havia mandado buscar ao palácio granadino. Depois da morte de Riduan, primeiro ministro na côrte de Granada, retirou-se para junto do rei cristão, que o inscreveu no rol de seus médicos familiares. O rei Pedro quis então me guardar perto de si; ofereceu-me devolver a herança dos meus avós em Sevilha, que ao tempo se achava nas mãos de alguns altos dignatários de seu Império. Desculpei-me de não poder aceitar a proposta, ao mesmo tempo que lhe agradeci calorosa-

(73) — Traz aqui o autor o têxto da carta: pomposo e metafórico, como sempre, o estilo dêste ministro.

(73-A) — Trata-se de Pedro o Cruel.

mente tão generoso oferecimento, e continuei merecendo suas boas graças. Quando de minha despedida, deu-me cavalo e provisões, e confiou-me uma excelente mula, equipada com sela e freio guarnecido de ouro, que devia entregar ao sultão de Granada.

Nesta ocasião, Ibn Al-Ahmar concedeu-me, por cartas patentes, em testemunho de sua alta satisfação, a aldeia de Al-Bira (Elvira) (74), situada nas terras de irrigação do Mar (Terras marecajosas) de Granada. Cinco dias depois de minha volta, celebrava-se a festa natalícia do Profeta; à noite houve regozijo público por ordem do soberano, e um grande banquete, durante o qual os poetas recitaram seus versos na presença do rei, da mesma maneira como se celebravam estas solenidades na côrte do Magrib. Tive ocasião de declamar um poema de minha lavra. No ano 765, celebrava-se a circuncisão de seu filho por um banquete para o qual muita gente foi convidada de tôdas as partes da Espanha. Tive oportunidade de ler, durante esta reunião, uma peça em verso condizente com a circunstância.

Tranqüilamente estabelecido neste país, depois de ter deixado a África, e desfrutando de tôda a confiança do sultão, volvi meus pensamentos para a terra longínqua onde os acontecimentos tinham lançado minha mulher e meus filhos, e a meu rôgo, o sultão encarregou um dos seus homens de ir buscá-los em Constantina. A família partiu para Tlemcen, donde foi embarcar num navio que o sultão expediu de Almeria, comandado pelo chefe de sua frota. No dia de sua chegada neste porto, fui esperá-lo, com autorização do príncipe, e conduzi mulher e filhos para a capital, onde tinha arranjado uma casa para os receber. A habitação dispunha de um jardim que lhe era anexo, terra arável e tudo o que era necessário para nossa subsistência (75).

Inimigos ocultos e caluniadores vis trabalharam, depois, com o fim de despertar as suspeitas do vizir, chamando sua atenção para a minha intimidade com o sultão, e para a

---

(74) — Cf, Dozy: Recherches sur l'histoire d'Esp. 2 ed. t. I, p. 328.

(75) — Aqui suprimo uma carta laudatória que o autor dirigiu ao vizir Ibn Al-Khatib.

3.º Xeque Abu'l-Abbas Ahmad Az-Zuawi, primeiro Mucri ou leitor do Alcorão do Magrib. Li o Alcorão com êle, na grande mesquita, segundo as sete lições tais como foram transmitidas por Abu Amr de Denia e Ibn Churaih (51); todavia, não pude terminar esta leitura. Ouvi, do mesmo, a explicação de muitas obras e recebi uma licença geral.

4.º Abu Abd Allah Muhammad Ibn Ibrahim Al-Abelli (52), grande mestre para as ciências fundadas sôbre a razão. Pertencia a uma família de Tlemcen, cidade onde passou sua mocidade. Tendo estudado os livros de matemática, tornou-se mestre neste ramo de saber. Quando Tlemcen sofreu o grande cêrco (53), deixou esta cidade e fez a peregrinação a Meca. No Oriente encontrou-se com os doutores mais afamados; achou-se, porém, impossibilitado de aproveitar-se de suas luzes por causa de uma indisposição temporária que lhe perturbou o espírito. De volta ao seu país, estudou a lógica, os princípios fundamentais da teologia dogmática e os da jurisprudência canônica com o Xeque Abu Muça Iça Ibn Al-Imam (54). Em Túnis, assistiu conjuntamente com seu irmão Abu Zaid Abd' ur-Rahman, os cursos do célebre Talmid Ibn Zaidun (Discípulo de Ibn Zaidun). De volta para Tlemcen, se achava possuidor de conhecimentos vastíssimos nas ciências fundadas sôbre a razão e nas que têm por base a tradição (55). Reencentou o curso de seus estudos nesta cidade sob a direção de Abu Muça, o mesmo de quem acabamos de falar. Depois de certo tempo, passou para o Magrib, obrigado de fugir de

---

(51) — Ibn Churaih (Muahmmad) Morreu em Sevilha no ano 1083 de J. C.

52) — Al-Abelli: nativo de Abbela ou Abbeliya, localidade do norte da Espanha. Os antepassados dêste doutor tinham habitado nesta localidade até a grande emigração provocada pela tomada de Sevilha.

(53) — No ano de 1334-5, Abu'l Haçan, sultão merinida, pôs cerco a Tlemcen.

(54) — Ver Hit. des Berb. t. III, p. 386 e ss.; t. IV, p. 223.

(55) — Segundo os doutores muçulmanos, o homem tira seus conhecimentos de duas fontes: a razão e a fé. Em conseqüência, as ciências formam duas classes: Akliya ou fundadas sôbre a razão, e Uadiya ou positivas ou impostas. Designam-se estas últimas pelo têrmo Macalya ou fornecidas pela tradição.

Tlemcen, porque Abu Hammu Muça Ibn Yagmoracen, soberano desta cidade, queria constrangê-lo a tomar a direção geral das finanças e o contrôle das rendas dos impostos. Chegado a Marrocos, seguiu com assiduidade os cursos do célebre Abu'l Abbas Ibn Al-Banna e, tornando-se senhor de tôdas as ciências fundadas sôbre a razão, herdou o lugar que êste sábio ocupava na opinião pública, e uma reputação ainda mais vasta. Depois do falecimento dêste professor, foi ter nas montanhas dos Heskura (56), convidado por Ali Ibn Muhammad Ibn Terumit (57) que desejava fazer alguns estudos sob a direção de um mestre tão hábil. As lições de um mestre assim afamado não podiam deixar de ser proveitosas, e alguns anos mais tarde, quando Abu Said, sultão do Magrib, obrigou Ibn Terumit a abandonar as montanhas dos Haskura e a se fixar na Cidade-Nova (Al-Balad Jadid) (58), Al-Abelli o acompanhou. Em circunstâncias ulteriores, êste último foi admitido pelo sultão Abul Haçan no número dos sábios que recebia nas suas reuniões íntimas. Desde então dedicou-se à propaganda, no Magrib, das ciências fundadas sôbre a razão, e seus esforços foram muito bem sucedidos. Grande número de pessoas tiveram-no por professor, de modo que se tornou o laço de união entre os antigos sábios e os de sua época. Quando veio para Túnis em companhia do sultão Abu'l Haçan, decidi-me a freqüentá-lo com assiduidade, para estudar sob sua direção a lógica, os princípios básicos da teologia dogmática e os da jurisprudência, tôdas as ciências filosóficas e as matemáticas. Alcancei tanto sucesso nestas disciplinas que muitas vêzes êle me testemunhou sua alta satisfação.

5.º Outro sábio que o Sultão Abu'l Haçan trouxe em sua companhia para Túnis foi nosso amigo Abu'l Cacim Abd Allah Ibn Yuçuf Ibn Riduan, doutor em jurisprudência malikita. Era um dos secretários do soberano e exercia esta função

---

(56) — Os Haskura habitavam o Atlas, a Leste da cidade de Marrocos.

(57) — Ibn Terumit era chefe de uma grande fração da tribo berbere dos Haskura.

(58) — A Cidade - Nova, construída cerca de um Km. e meio ao Sudoeste de Fêz, era a residência do sultão e a sede da administração.

sob as ordens de Abu Muhammad Abd Al-Muhaiman. Êste último desempenhava as funções de secretário d'Estado e escrivão da *alama,* fórmula inscrita abaixo de tôdas as ordenações, manifestos, e outros documentos que emanavam do sultão e que o próprio soberano inscrevia de seu punho. Ibn Riduan foi um dos ornamentos do Magrib pela variedade de seus conhecimentos, a beleza de sua caligrafia e de de seu físico, a moralidade de sua conduta, a destreza que demonstrava ao redigir os contratos, a elegância de seu estilo nas cartas que escrevia em nome do soberano, a facilidade com que compunha versos e seu talento de pregador. Com efeito, muitas vêzes desempenhava o papel de Imame quando o sultão assistia à oração pública. Entrei em relação com êle quando chegou a Túnis, e tive muito que me louvar por esta nossa intimidade. Não o tomei, todavia, por mestre, pois que éramos da mesma idade; mas, não obstante isso, aproveitei tanto de suas luzes quanto das dos meus preceptores habituais.

Ibn Riduan foi elogiado por nosso amigo, o poeta de Túnis Abul Cacim Ar-Rahui, que enalteceu seus méritos num poema com rima em N, e no qual pede ao secretário que lembre seu nome perante seu chefe de secretariado Abd Al-Muhaiman, para encaminhar um poema de sua lavra, com rima Y, até às mãos do sultão (59).

No começo do ano 749 (Abril, 1348 de J. C.), os Árabes nômades venceram o sultão Abul Haçan perto de Cairuão (60), e pouco tempo depois sobreveiu a grande epidemia da peste negra. Muitos dos doutores que acabo de citar, faleceram vitimados pelo mal; Abd Al-Muhaiman também sucumbiu, assim como meu pai.

Logo após a catástrofe de Cairuão, o povo de Túnis sublevou-se contra os partidários do sultão Abul Haçam e os obrigou a procurarem refúgio na cidadela, onde estavam asilados os filhos e as mulheres dêste príncipe. Ibn Tafraguin repudiou então a autoridade de Abul Haçan e, deixando Cairuão, juntou-se aos Árabes que bloqueavam a praça e que acabavam de

(59) — O autor reproduz trechos dêstes poemas, que deixamos de traduzir, por sua inocuidade e alambicados trocadilhos.

(60) — Hist. des Berb., t. III, p. 34, et. IV. p. 266 ss.

proclamar a soberania de Ibn Abi Dabus (descendente do último califa Almohada de Marrocos). Incumbido por êstes mesmos nômadas de submeter à fôrça a cidadela de Túnis, foi investir contra a praça, que resistiu a todos os ataques. No dia da rebelião, Abd Al-Muhaiman veio refugiar-se em nossa casa, e ficou nela escondido cêrca de três meses. O sultão Abul Haçan, conseguindo sair de Cairuão, dirigiu-se para Souça, onde embarcou para Túnis, donde Ibn Tafraguin tinha fugido para o Oriente. Abd Al-Muhaiman deixou então seu esconderijo e foi reintegrado pelo sultão no pôsto de secretário d'Estado e da *alama* ou parafo (61).

* * *

## SOU NOMEADO ESCRIVÃO DA ALAMA PELO GOVÊRNO DE TÚNIS; PASSO DEPOIS PARA O MAGRIB, PARA TORNAR-ME SECRETÁRIO DO SULTÃO ABU INAN

Desde minha mocidade, sempre me mostrei ávido de conhecimentos e me empenhei com grande zêlo a freqüentar as escolas e os cursos das diversas disciplinas. Após a grande epidemia que arrebatou nossos homens mais notáveis, nossos sábios, nossos professôres e que me privou de meu pai e de minha mãe, assistia regularmente ao curso do professor Abu Abd Allah Al-Abelli, e, dpeois de três anos de estudos sob sua direção, achei enfim que eu sabia alguma coisa.

Quando o sultão Abu Inan o chamou para perto de si, Ibn Tafraguin, que então era todo poderoso em Túnis, mandou me convidar para desempenhar o papel de escrivão da *alama* junto de seu soberano Abu Ishac. Êste príncipe acabava de terminar seus preparativos militares com vista a resistir à investida do Emir Abu Zaid, neto do Sultão Abu Tahia Abu Bacr e senhor de Constantina, que era secundado e instigado pela tribo árabe dos Ulad Muhalhal. Ibn Tafraguin fez

(61) — Deixamos de inserir, além dos versos de Abd Al-Muhaiman, em que agradecia aos Khaldun a sua hospitalidade, longa lista de personagens da companhia do sultão Abul Haçan, notícias idênticas às precedentes e que suprimimos para evitar delongas.

marchar conrta êle o sultão Abu Ishac e a tribo árabe dos Aulad Abi'l Lail. Terminava de pagar o sôldo da tropa e de organizar os diversos serviços da administração, quando me escolheu para substituir Ibn Omar, escrivão do parafo real, que acabava de destituir por ter exigido aumento de apontamentos. Desde então, escrevi o parafo em nome do sultão, isto é, traçava em grossas letras, sôbre os decretos e cartas imperiais, as palavras: *Louvores a Deus, gratidão a Deus,* que se colocavam entre a *basmala* e o resto do texto.

No comêço do ano 753 (março-abril de 1352 de J. C.) deixei Túnis com o exército, mas tinha firmado o propósito de abandonar as fileiras logo que encontrasse uma ocasião favorável, tal era meu desgôsto de me ver separado de meus professôres, e impossibilitado de continuar meus estudos. Desde já, quando a onda invasora dos Merinidas, tomando o caminho do Magrib, país onde tinha seus acantonamentos, reconduzindo com ela os sábios e os xeques que a tinham acompanhado na expedição contra Túnis foi se retirando do solo de Ifríkya, para voltar a seu leito, tinha eu tomado a resolução de ir juntar-me a êstes mestres. Mas meu mano mais velho, Muhammad convenceu-me a renunciar a meu propósito. Aceitei, pois, o cargo de escrivão do parafo, mas com a esperança de um dia realizar meu projeto e passar para o lado do Magrib. O que previa realizou-se. Saindo de Túnis, fomos acampar no país dos Hauwara; encontrámos o inimigo nas planícies de Marmajanna e foi ali que vimos a derrota de todo nosso exército. Refugiei-me em Oba, na casa do Xeque Abd'ul-Rahman Al-Usnafi, principal "marabout" desta localidade. De lá passei para Tebessa, e demorei-me durante alguns dias em casa de Muhammad Ibn Abdun, senhor da localidade. Como as estradas haviam-se tornado mais seguras, parti em companhia de alguns árabes que se tinham oferecido graciosamente para me acompanhar, e chegado a Gafsa, passei nela muitos dias esperando o momento em que a estrada não oferecesse mais perigo.

O Alfaquih Muhammad, filho de Mansur Ibn Muzni e irmão de Yuçuf Ibn Muzni, senhor da província do Zab, veio então me buscar. Achava-se em Túnis quando o Emir Abu Zaid foi sitiá-la, e tinha deixado a cidade para se pôr do lado

dêste príncipe. Então chegou-lhes a notícia de que Abu Inan, sultão do Magrib, acabava de tomar Tlemcen e de matar Abu Thabit e seu irmão Otman Ibn Abd'ur-Rahman, senhor desta capital; souberam mais que se tinha transportado para Medea, e depois, chegando debaixo dos muros de Bujaya, tinha convencido o governador Abu Abd Allah Muhammad, neto do sultão Abu Yahia Abu Bacr, a lhe entregar a cidade e marchar sob suas ordens. Souberam também que Abu Inan tinha dado o comando de Bujaya a Omar Ibn Ali, um dos chefes da tribo dos Uatas e membro da família Al-Uazir.

Sabedor dêstes acontecimentos, teve pressa o Emir Abu Zaid de levantar o sítio da cidade de Túnis e, na sua retirada, atravessou a cidade de Gafsa em companhia de Muhammad Ibn Muzni. Vindo êste último a nos visitar, e como pretendia passar pelo Zab, decidid-me a acompanhá-lo. Chegando em Biskra, hospedei-me na casa de meu mano Yuçuf e ali passei até o fim do inverno. Quanto a Muhammad, obteve uma pensão de seu irmão e foi se estabelecer numa das aldeias desta província.

Quando o sultão Abu Inan confiou a Omar Ibn Ali o govêrno de Bujaya, um cliente do Emir Hassida Abu Abd Allah, chamado Fareh, passou pela cidade para retirar para outro lugar a mulher e os filhos de seu patrão. Por instigação dêste liberto, um Sanhajiano descabeçado, assassinou a Omar durante uma audiência. Fareh tomou em seguida o comando da cidade e mandou Abu Zaid (primo de Abu Abd Allah), governador de Constantina, a socorrê-lo. Enquanto esperavam pela chegada dêste Emir, os notáveis de Bujaya deliberaram entre si, e, para se livrarem da vingança do sultão, pegaram em armas e tiraram a vida a Fareh. Restabelecida a autoridade de Abu Inan, mandaram buscar o governador de Tedellis (Dellis), para se submeterem às suas ordens. Êste oficial era chefe da tribo merinida de Ungacen e se chamava Tahyaten Ibn Omar Ibn Abd Al-Mumin. Recebendo o sultão, da parte dos habitantes, a segurança de sua submissão, mandou para Bujaya o seu mordomo, Muhammad Ibn Abi Amr, com forte destacamento de tropas e um grande número de pessoas de destaque do império.

Parti então de Biskra com a intenção de alcançar o sultão

Abu Inan, que se achava na ocasião em Tlemcen, e, chegando a Batha, encontrei ali Ibn Abi Amr. Êste oficial testemunhou-me tantas provas de honra que fiquei admirado, e me reconduziu em sua companhia para Bujaya, cuja tomada por êle eu presenciei. Tendo chegado à cidade numerosas delegações, vindas de Ifríkya, êle quis acompanhá-las até ao sultão. Juntando-me a elas fiquei surpreso com a deferência e os sinais de favor que o soberano me prodigalizou, a mim, jovem imberbe. Tendo voltado depois para Bujaya, com Ibn Abi Amr e as deputações, quedei perto dêle até o fim do inverno do ano 754 (março-abril 1353).

Quando o sultão voltou para Fêz e os sábios começaram a se reunir na côrte, falou-se a meu respeito durante uma das reuniões, e, como o príncipe queria escolher alguns estudantes para discutirem em sua presença questões versando sôbre Direito e Belas Artes, os doutores que tinham encontrado em Túnis me apontaram descrevendo minhas qualidades. Escreveu-me o Hajib (Ibn Abi Amr) chamando-me para me apresentar na côrte, onde cheguei no ano 755 (1354). Inscreveu-me no rol dos que faziam parte de suas reuniões científicas, e me impôs o honroso dever de assisitir com êle à oração. Mais tarde empregou-me como secretário e me encarregou de escrever suas decisões sôbre os documentos submetidos a seu julgamento.

Aceitei com repugnância esta colocação, visto que nenhum dos seus antepassados ocupou tal cargo. Continuava, entretanto, a me dedicar aos estudos e tomei lições com muitos Xeques magrebinos, assim como de Xeques andaluzes que vinham a Fêz em missões diplomáticas. Desta maneira, alcancei um grau de instrução que correspondia a meus anelos.

Entre os sábios que formavam a sociedade íntima de Abu Inan, devo mencionar:

1.º Ibn As Saffar Abu Abd Allah Muhammad, nativo da cidade de Marrocos e primeiro doutor na ciência das leituras corânicas; até a sua morte, continuou a ler o Corão para o sultão, segundo as sete lições.

2.º Al-Macarri Abu Abd Allah Muhammad, nativo de

Tlemcen, jurisconsulto e professor hábil; desepenhava as funções de grão-cádi de Fêz.

3.º O Charif Al-Haçani Abu Abd Allah Muhammad, alcunhado Al-Alui, nativo de Aluin, homem muito versado nas ciências filosóficas e tradicionais como o era na teologia dogmática e na jurisprudência.

4.º Al-Burji, Abul Cacim Muhammad Ibn Yahia, nativo de Borja, Espanha; servia o sultão Inan como secretário d'Estado e redator chefe da chancelaria, mais tarde veio a perder êstes lugares e foi nomeado Cádi militar.

5.º Ibn Abd Ar-Razzac Abu Abd Allah Muhammad, Xeque de grande saber.

## INCORRO NA DESGRAÇA DO SULTÃO ABU INAN

No fim do ano 756 (1355-6) me tomou o sultão a seu serviço dando-me emprêgo no seu secretariado. Distinguiu-me com um favor especial, permitindo que tomasse parte nas discussões literárias havidas em sua presença; me escolheu para transcrever (Tauki'), sôbre cada peça e documento submetido a seu exame, a resposta que julgava conveniente. Esta distinção suscitou muita inveja, e as delações se multiplicaram tanto, que o príncipe tomou-se por mim de uma verdadeira aversão que é difícil aquilatar. No fim do ano 757 caiu doente, e, pouco depois, mandou-me prender. Havia já certo tempo que uma ligação tinha-se formado entre mim e o príncipe hafsida Abu Abd Allah Muhammad, ex-emir de Bujaya, que, lembrando o devitamento de meus antepassados a sua família, me tinha admitido na sua sociedade íntima (62). Como descuidei-me das precauções que se devem tomar em casos como êste, atraí sôbre mim a ira do sultão. Muitos indivíduos, invejosos de minha alta fortuna, tinham dirigido ao sultão relatórios em que pretendiam que o príncipe hafsida pretendia fugir para Bujaya e que me tinha comprometido a facilitar-lhe a evasão, na certeza de me tornar seu primeiro ministro. O sultão mandou-me prender, maltratar e meter

(62) — Abu Inan tinha trazido o príncipe Hafsida para Fêz.

a ferros. O ex-emir, prêso como eu eu, logo foi relaxado. Mas a minha detenção se prolongou até à morte do sultão, acontecimento que se concretizou dois anos mais tarde.

Antes de falecer, tinha-lhe dirigido uma súplica em forma de poema, contendo cêrca de duzentos versos. Recebeu-o em Tlemcen e ficou tão emocionado que prometeu a minha liberdade tão logo entrasse em Fêz. Cinco dias depois de sua chegada caiu tão gravemente doente que faleceu quinze dias mais tarde (63). Êste acontecimento data de 24 do mês de Dul-Hijja 759 (28 de novembro de 1358). Al-Haçan Abu Omar, vizir e regente do império, apressou-se em me dar a liberdade e me reintegrar no meu cargo. Quis voltar para minha cidade natal, mas não pude obter seu consentimento; tive que me resignar a gozar os favores que me dispensava.

## O SULTÃO ABU SALEM ME NOMEIA SEU SECRETÁRIO DE ESTADO E CHEFE DE CHANCELARIA

Abu Salem (64), tendo passado da Espanha para a África com o intuito de tomar posse do trono, estabelceu-se na Safiha, montanha do país dos Gomara. Durante êste tempo, o pregador Ibn Marzuk agia sobrepticamente em Fêz angariando-lhe partidários, e, conhecendo os liames, de amizade que me prendiam aos principais chefes merinidas, recorreu a meus préstimos na esperança de ganhar êstes oficiais. E com efeito, acabei por persuadir a maior parte dêles a prometer seu apoio ao príncipe. Era eu então secretário de Mansur Ibn Sulaiman, que os chefes Merinidas acabavam de pôr à testa do Império (65), e que se ocupava com êles de

(63) — Morreu assassinado.

(64) — Abu Salem, filho do sultão Abul Haçan, foi deportado para Espanha por ordem de seu irmão, Abu Inan. Morto êste, entrou Abu Salem na África com o intuito de arrebatar o trono a seu sobrinho Said, proclamado soberano por Ibn Omar.

(65) — Mansur Ibn Sulaiman, bisneto de Abd-Al-Uahid, filho de Yacub Ibn Abd Al-Hak, 5.º soberano da dinastia merinida, acabava de ser proclamado sultão pelo vizir Ibn Rahu, que comandava em Tlemcen.

sitiar a Cidade Nova de Fêz, na qual se tinha encerrado o vizir Al-Haçan Ibn Omar, com seu sultão As-Said, filho de Abu Inan. Ibn Marzuk veio então me remeter um bilhete pelo qual o sultão Abu Salem solicitava que o segundasse, me prometendo as recompensas mais tentadoras e uma grande quantia em dinheiro. Procurei os chefes merinidas e os grandes oficiais do império, com o fim de decidí-los em favor de Abu Salem. Tão logo obteve sua adesão, Ibn Marzuk intimou a Al-Haçan Ibn Omar de reconhecer a autoridade de sultão Abu Salem, e êste vizir, cansado da prolongação do sítio, apressou-se em obedecer. Então, os outros chefes merinidas tomaram a resolução de abandonar Mansur Ibn Sulaiman e de ocupar a Cidade-Nova. Bem sucedido neste projeto, dirigi-me ao sultão Abu Salem com uma deputação composta de muitos grandes oficiais do Império. Entre êstes se achava Muhammad Ibn Othman Ibn Al-Kas, o mesmo que, mais tarde, exerceu uma autoridade ilimitada no Magrib. A pressa em nos acompanhar foi a origem de sua fortuna. Nessa ocasião, devido a meu empenho, obteve êle seu primeiro comando. Chegando a Safiha, comuniquei ao sultão o relatório dos acontecimentos que acabavam de ocorrer no Estado, e o informei que os Merinidas tinham deposto Ibn Mansur, como haviam prometido. Ao mesmo tempo, decidi-o a se pôr em marcha para a capital. Viemos a saber, quando em caminho, que Mansur tinha fugido rumo a Badis (Velez de Gomera), que os Merinidas tinham tomado posse da Cidade Nova, e que Ibn Omar acabava de proclamar a soberania de Abu Salem. Chegados a Kasr-el-Kbir, encontramos as tribos e as tropas que tinham reconhecido a autoridade do sultão; eram dispostas em filas sob as respectivas bandeiras, e com elas se achava Massud Ibn Rahu, ex-vizir de Mansur Ibn Sulaiman. O príncipe acolheu Massud com tôda a consideração devida a um homem de sua categoria, e o nomeou seu vice-ministro. Tinha escolhido como primeiro ministro a Al-Haçan Ibn Yuçuf Al-Urtajni, personagem que Mansur tinha mandado da capital para a Andaluzia, e que o sultão encontrou em Ceuta. Abu Salem, reunindo suas tropas, partiu de Al-Kasr e marchou sôbre Fêz. Ibn Omar saiu da cidade para recebê-lo e pôr-se às suas ordens. Era no meio do mês de

Chaban de 760 (julho 1359), quando o sultão efetuou sua entrada na capital (Fêz). Havia sòmente quinze dias que tinha aderido a sua causa, e agora me achava fazendo parte de seu cortêjo. Ficou-me grato pelo empenho com que abracei seu partido, e me tomou como seu secretário particular, encarregando-me de redigir e de escrever sua correspondência. Eu redigia a maior parte destas peças, empregando um estilo simples e fácil, sem nenhuma ajuda da parte dos que, na arte de escrever, empregam o rítmo que caracteriza a prosa rimada. Prendia-se isso ao fato de que êste gênero de composição era de qualidade inferior entre os Magrebinos, e consistia em expressões cujo sentido, a maior parte das pessoas não compreendia. O que era diferente com relação ao estilo comum: (era-lhes mais compreensível); mas, a gente do ofício, estranhava êste estilo, que era eu o único a empregar.

Mas logo me empolguei pela poesia, e compuz um grande número de peças em verso, dos quais posso dizer que iam da mediocridade até a excelência (66).

---

(66) — Ibn Khaldun reproduz cinco peças de versos declamados perante o sultão. De forma literária elegante, revelam um Ibn Khaldun bem nutrido da poesia clássica. Damos a seguir a tradução do primeiro trecho, sem garantir a completa exatidão da mesma, visto o texto estar longe de ser correto:

Levaram elas ao extremo o desejo de me evitarem e de me afligirem; se deleitaram em prolongar minhas lágrimas e gemidos. — Negaram-se, no dia da separação, a parar um instante, para dizer adeus a um coração preso de paixão e de temores. — Desapareceram no ocidente a minha vista, e minhas lágrimas candentes sòmente serviram para me afogar. — Ó tu! que tentas diminuir por tuas repreensões a dor lancinante que a saudade deixou, basta de crueldade em tuas reprimendas! Os amantes se deliciam nas censuras, mas para mim a censura é bebida que não posso engolir. — Não me entusiasma alegria nenhuma, e as penas do amor me são intoleráveis, enquanto não me lembrar da casa onde reside a bem amada. — Sento-me enlevado ao ver os vestígios da tenda, que era o oriente onde brilhava a lua de minha beldade, e o terreiro onde passeava a minha gazela. — As mãos da destruição se abateram sôbre esta morada; e quantas vicissitudes revolveram as suas ruínas. — Em vão o tempo procura apagar seus vestígios; ressuscitarão nos meus versos e na beleza de minha descrição. Quando a morada (da bem amada) se apresenta à vista do apaixonado, é a lembrança de sua beleza que inspira versos apaixonados. — etc., etc. ...

Ibn Marzuk, admitido na familiaridade do sultão, chegou a cativar-lhe o espírito. Desde então deixei de me salientar e me ocupei ùnicamente de cumprir com minhas obrigações de secretário privado, redator e escrivão da correspondência e das ordenações do soberano. Para o fim de seu reinado, Abu Salem me encarregou do ofício de *Madhalim* (reparar as injustiças) (67), me proporcionando assim a ocasião de atender as justas reclamações de muita gente; espero que Deus o levará em conta! Durante êste tempo, fui vítima das calúnias de Ibn Marzuk, que, levado pela inveja e pelo ciúme, procurava me prejudicar junto do príncipe, não sòmente a mim, mas também a tôdas as pessoas que desfrutavam de altos postos no Estado. Foi esta a causa da derrocada do soberano. O vizir Amar Ibn Abd Allah, apoderando-se da capital, reagrupou em redor de si todos os Merinidas e condenou Salem ao destêrro. Esta revolução custou a vida ao sultão, como foi contado por nós na História da dinastia meridina (68).

O vizir Omar, tomando a chefia dos negócios do Estado, confirmou-me nas minhas funções e me concedeu um aumento de "ictâ" e de emolumentos. Mas o ímpeto da mocidade me levou a olhar para mais alto e a contar de mais com a amizade de Omar. Nossa intimidade datava do reinado de Abu Inan, época em que me tinha ligado com o ex-emir de Bujaya, o príncipe Abu Abd Allah Muhammad. Omar então entrava como terceiro em nossa amizade, e a sua conversa constituia o encanto de nossas reuniões. Abu Inan, como já o afirmei, concebeu tão grande desconfiança, que me mandou prender e ao príncipe Muhammad, ao passo que fechava os olhos quanto ao comportamento de Omar, cujo pai era então governador de Bujaya. Agora que Omar era todo poderoso, presumi de mais da minha influência sôbre êle. Depois, achando que mostrava pouco desvêlo e vontade em me conceder o lugar que eu ambicionava, deixei de o visitar, e tal era meu descon-

---

(67) — Ver p. supra, p. 405, o capítulo que trata dos "**Madhalim**".

(68) — Omar colocou no trono um filho de Abul Haçan, de nome Tachefin. Contava poder governar o império em nome dêste príncipe, cujo espírito era normal. (Hist. des Berb. t. IV, p. 350).

tentamento que não me apresentei mais no palácio. Desde então, mudando completamente de sentimento a meu respeito, demonstrou tanta frieza para comigo, que solicitei licença de voltar para minha cidade natal. O favor me foi negado: a dinastia dos Abd Al-Uaditas acabava de reassumir o poder em Tlemcen e de estender sua autoridade sôbre todo o Magrib Central; temia-se que eu tivesse a cair no agrado do sultão Abu Hammu se me encontrasse como êle; por causa disso, receava o vizir aceder a minha solicitação. Entretanto, persisti no meu intento, e no primeiro do mês de Chaual de 763 (24 de maio 1362 de J. C.), obtive, graças aos bons ofícios de Massud Ibn Maçai, genro e lugar-tenente de Omar, a permissão de recitar, a êste último, um poema em que exprimia o desejo de deixar o país (69).

A tentativa foi coroada de êxito; obtive autorização de partir, com a condição de não passar por Tlemcen, podendo me dirigir para qualquer outro lugar. Decidi-me a embarcar para a Espanha, e no comêço de 764 (fim de outubro 1362) mandei minha mulher e meus filhos para casa dos tios maternos, os filhos do Cádi Muhammad Ibn Al-Hakim (70), em Constantina. Em seguida, puz-me a caminho de Ceuta. (O motivo da minha escolha da Espanha) é o seguinte: Abu Abd Allah (Muhammad V, rei de Granada), tendo sido destronado (por um de seus parentes, o Rais Muhammad), procurou a cidade de Fêz, tornando-se hóspede do sultão Abu Salem. A posição que ocupava na administração me permitiu prestar-lhe muitos serviços, secundando os intentos de seu vizir Ibn Al-Khatib. O rei (de Castela, Pedro o Cruel), tendo-se desentendido com o Rais, convidou (Muhammad V) a regressar à Espanha, para reconquistar seu trono. Muhammad partiu, deixando em Fêz os filhos e o séquito real. Mas foi mal sucedido na sua tentativa; e, descontente com o rei de Castela, por lhe ter negado a devolução de certas fortalezas tomadas aos muçulmanos, deixou a côrte cristã, passou para terras mouras, e se estabeleceu em Eciza. Daí, mandou uma

(69) — O Autor reproduziu aqui o poema citado, que deixamos de traduzir.

(70) — General chefe do exército hafsida.

carta a Omar Ibn Abd Allah, pedindo que lhe cedesse uma das cidades que os Merinidas possuiam na Andaluzia e que lhes serviam de ponto de apoio tôdas as vêzes que empreendiam a gurera santa. Dirigiu-me também uma carta, e, graças a meu empenho, obteve a posse da cidade e as dependências de Ronda. Esta fortaleza serviu-lhe de patamar para galgar o trono da Andaluzia Central. Voltou para sua capital, Granada, nos meados do ano 763 (abril 1362). Foi em seguimento a êstes acontecimentos que a desinteligência se introduziu entre mim e Omar. Também me decidi a visitar o soberano espanhol, na esperança de que não tivesse esquecido os serviços que eu lhe havia prestado.

## DE MINHA VIAGEM À HESPANHA

Chegando a Ceuta no começo de 764 (outubro 1362), recebi a acolhida mais fervorosa do cherif Abu'l-Abbas Ahmad Al-Huçaini, personagem principal da cidade e aliado por matrimônio com a família dos Azif. Recebeu-me como hóspede em sua casa, situada em frente da mesquita, e dispensou-me tratos que um soberano não poderia me dispensar. Na tarde de minha partida, deu-me mais testemunho de seu respeito, ajudando, com as próprias mãos, a lançar na água o barco que devia me levar à outra margem (71).

Desembarcamos em Gibraltar (Jabal Al-Fath), que pertencia na ocasião ao soberano dos Merinidas; escrevi a Ibn Al-Ahmar (72), sultão de Granada, e a seu vizir Ibn Al-Khatib, informando-os do que me tinha acontecido, e parti em seguida para Granada. Chegando a uma distância de "um correio" (ou 8 parasangas) desta capital, parei para passar ali a noite, e foi então que recebi a carta de Ibn Al-Khatib, em resposta à minha. Felicitava-se do prazer de me ver e dizia tôda sua

(71) — Suprimimos aqui pormenores dados pelo autor sôbre êste (cherif).

(72) — Muhammad V. Todos os soberanos da dinastia nassirida levavam o nome de (Filhos do Ruivo).

satisfação da maneira mais cordial (73). No dia seguinte, dia 8 de Rabi I 764 (27 de setembro 1362), aproximei-me da cidade, e o sultão, que se tinha apressado em aprontar e cobrir de tapetes um de seus aposentos para me receber, mandou ao meu encontro uma cavalgada de honra, composta dos principais oficiais de sua côrte. Chegado à sua presença, , acolheu-me de uma maneira que demonstrava quanto reconhecia meus serviços, e me revestiu de trajes de honra. Retirei-me, em seguida, em companhia de Ibn Al-Khatib, que me levou ao alojamento que me tinham reservado. Desde êste momento, o sultão me colocou no primeiro lugar entre as pessoas de sua sociedade, e me tornou seu confidente, o companheiro de seus passeios e de seus divertimentos.

No ano seguinte mandou-me em missão diplomática à côrte de Pedro, filho de Afonso, e rei de Castela. Era encarregado da ratificação do tratado de paz concluido entre êste príncipe e os Emires da Espanha muçulmana; em vista disso, devia-lhe oferecer um presente consistindo em sêdas magníficas e cavalos de raça, cujas selas e freios eram ricamente trabalhados em ouro. Chegando a Sevilha, onde pude contemplar inúmeros vestígios deixados pelos meus poderosos antepassados, fui apresentado ao rei cristão (73-A) que me recebeu com as maiores honras. Tinha já sido instruido por seu médico, o judeu Ibrahim Ibn Zarzar, sôbre a posição ocupada por meus maiores em Sevilha, e o mesmo tinha feito referência elogiosa a meu respeito. Ibn Zarzar, médico e astrônomo de primeira ordem, tinha se encontrado comigo na côrte de Abu Inan, que, tendo necessidade de seus préstimos, o havia mandado buscar ao palácio granadino. Depois da morte de Riduan, primeiro ministro na côrte de Granada, retirou-se para junto do rei cristão, que o inscreveu no rol de seus médicos familiares. O rei Pedro quis então me guardar perto de si; ofereceu-me devolver a herança dos meus avós em Sevilha, que ao tempo se achava nas mãos de alguns altos dignatários de seu Império. Desculpei-me de não poder aceitar a proposta, ao mesmo tempo que lhe agradeci calorosa-

---

(73) — Traz aqui o autor o têxto da carta: pomposo e metafórico, como sempre, o estilo dêste ministro.

(73-A) — Trata-se de Pedro o Cruel.

mente tão generoso oferecimento, e continuei merecendo suas boas graças. Quando de minha despedida, deu-me cavalo e provisões, e confiou-me uma excelente mula, equipada com sela e freio guarnecido de ouro, que devia entregar ao sultão de Granada.

Nesta ocasião, Ibn Al-Ahmar concedeu-me, por cartas patentes, em testemunho de sua alta satisfação, a aldeia de Al-Bira (Elvira) (74), situada nas terras de irrigação do Mar (Terras marecajosas) de Granada. Cinco dias depois de minha volta, celebrava-se a festa natalícia do Profeta; à noite houve regozijo público por ordem do soberano, e um grande banquete, durante o qual os poetas recitaram seus versos na presença do rei, da mesma maneira como se celebravam estas solenidades na côrte do Magrib. Tive ocasião de declamar um poema de minha lavra. No ano 765, celebrava-se a circuncisão de seu filho por um banquete para o qual muita gente foi convidada de tôdas as partes da Espanha. Tive oportunidade de ler, durante esta reunião, uma peça em verso condizente com a circunstância.

Tranqüilamente estabelecido neste país, depois de ter deixado a África, e desfrutando de tôda a confiança do sultão, volvi meus pensamentos para a terra longínqua onde os acontecimentos tinham lançado minha mulher e meus filhos, e a meu rôgo, o sultão encarregou um dos seus homens de ir buscá-los em Constantina. A família partiu para Tlemcen, donde foi embarcar num navio que o sultão expediu de Almeria, comandado pelo chefe de sua frota. No dia de sua chegada neste porto, fui esperá-lo, com autorização do príncipe, e conduzi mulher e filhos para a capital, onde tinha arranjado uma casa para os receber. A habitação dispunha de um jardim que lhe era anexo, terra arável e tudo o que era necessário para nossa subsistência (75).

Inimigos ocultos e caluniadores vis trabalharam, depois, com o fim de despertar as suspeitas do vizir, chamando sua atenção para a minha intimidade com o sultão, e para a

(74) — Cf, Dozy: Recherches sur l'histoire d'Esp. 2 ed. t. I, p. 328.

(75) — Aqui suprimo uma carta laudatória que o autor dirigiu ao vizir Ibn Al-Khatib.

mandado fechar a todos. Abd' ul-Rahman desembarcou em Gassaça, porto do Rif marroquino, situado a oeste do cabo Tês Forcas, e a tribo desta localidade, os Botua, o proclamou Sultão. Pouco tempo depois, o príncipe Abu'l-Abbas Ahmad, filho do sultão Abu Salem, recuperou a liberdade, e Abd' ul--Rahman apressou-se em reconhecê-lo como sultão do Magrib, reservando para si as províncias de Sijilmassa e de Dera. Puseram cêrco, então, a Vila Nova de Fêz e forçaram o vizir Ibn Gazi a se render. O novo sultão, Abu'l-Abbas, entrou na capital dos Estados Merinidas, no dia 20 de Junho de 1374, e, em conseqüência de um grande ajuste com êle, o emir Abd ur-Rahman obteve a soberania da cidade e da província de Marrocos.

Na época em que retomamos o fia da narrativa de Ibn Khaldun, o sultão de Fêz tinha como vizir Muhammad Ibn Othman, e o de Marrocos acabava de autorizar o seu, Massud Ibn Maçai, a se retirar para Espanha).

Desde a minha chegada junto do vizir Ibn Gazi, quedei--me na sombra tutelar do govêrno, e ao mesmo tempo dedicava-me ao estudo e ao ensino. Quando o sultão Ab'ul-Abbas e o emir Abd' ur-Rahman vieram acampar em Kodiat-Al-Arich, (colina situada a oeste da Vila Nova), todos os funcionários públicos, tais como os jurisconsultos, os homens da pena e os de espada, foram procurá-lo. Depois, permitiram a todo o mundo sem exceção, ir visitar os dois sultões, e eu aproveitei a ocasião par vê-los.

Já fiz menção de como procedi com o vizir Muhammad Ibn Othman; agora êle me demonstrou grande reconhecimento e me fez as promessas mais lisongeiras. Por sua vez, o emir Abd' ur-Rahman acaba de me demonstrar uma inclinação particular e consultava-me muitas vêzes a respeito de seus negócios. Isso descontentou a Ibn Othman, e instigou seu sultão, Ab'ul-Abbas, a me deter. Ao saber da notícia, o emir Abd' ur-Rahman, protestou, dizendo que era por causa dêle que me tinham tratado dêste modo, e declarou sob juramento que levantaria seu campo se não me soltassem. No dia seguinte, seu vizir, Massud Ibn Maçai, obteve minha libertação, e, três dias depois, os dois sultões se separavam. Ab'ul-Abbas

entrou na sua capital, e Abd' ur-Rahman tomava o caminho de Marrocos.

Eu acompanhei êste último, mas, não estando seguro de minha posição, resolvi embarcar em Asfi (no Atlântico) e passar para a Espanha. Ibn Maçai acabava de deixar o serviço de Abd' ur-Rahman; aprovou meu intento e me levou ao pé de Uanzamar Ibn Arif, que se achava nas imediações de Guercif (na Moluia), localidade em que ordinàriamente residia. Como êste personagem tinha prestado grandes serviços ao sultão Abu'l-Abbas, o vizir esperava obter para mim, por seu intermédio, a autorização de seguir para a Espanha. Um estafeta, expedido por Abu'l-Abbas veio nos chamar na residência de Uanzamar e nos levou para Fêz, onde, depois de muitos atrasos e de dificuldades opostas por parte de Muhammad Ibn Othman, de Solaiman Ibn Daud e de outros grandes oficiais da côrte, obtive a permissão solicitada.

Quanto a meu irmão Yahia, tinha deixado o sultão Abu Hammu quando êste abandonou Tlemcen, e tinha-se ido pôr ao serviço do sultão merinida Abd' ul-Aziz. Falecendo êste príncipe, continuou a exercer as funções de seu ofício com Said, filho e sucessor dêle. Quando da tomada da Vila Nova por Abu'l-Abbas, obteve dêste a licença de ir para Tlemcen, onde se tornou secretário particular do sultão Abu Hammu.

## SEGUNDA VIAGEM PARA A ESPANHA; VOLTO PARA TLEMCEN; MAIS UMA VEZ NAS TENDAS DOS NÔMADAS. FIXO RESIDÊNCIA ENTRE OS AULAD ARIF

Saindo de Fêz em companhia do emir Abd'ur-Rahman, deixei-o logo mais para ir me encontrar com Uanzamar Ibn Arif, que obteve para mim com muita dificuldade a autorização de passar para a Espanha. Foi sòmente no mês de Rabia de 776 (agôsto - setembro de 1374) que desembarquei neste país, em que tinha firmado o propósito de fixar residência e de passar o resto de meus dias no retiro e no estudo. Chegando a Granada, apresentei-me ao sultão Ibn Al-Ahmar, que me acolheu com sua bondade peculiar.

Passando por Gibraltar, encontrei-me com o juriscon-

sulto Ibn Zamarak, que tinha substituido Ibn Al-Khatib no Secretariado de Estado e que se achava em trânsito para Fêz, onde ia levar cumprimentos ao sultão Abu'l-Abbas por parte do rei de Granada. Na hora em que embarcou para Ceuta, roguei-lhe que me mandasse meus filhos e o pessoal de minha casa. Chegando à capital merinida, conversou com os ministros a êste respeito; mas êles não consentiram, temendo que, ficando eu na Espanha, fizesse pressão sôbre o sultão Ibn Al-Ahmar para que favorecesse os empreendimentos do emir Abd'ur-Rahman, na suspeita de que eu fôsse emissário dêste último. Pediram, mesmo, ao soberano espanhol que me entregasse nas mãos dêles, e, vendo sua negativa, pediram que eu fôsse desembarcado nas costas da província de Tlemcen. Deram-lhe também a entender que tinha tentado libertar a Ibn Al-Khatib, que guardavam detido depois da tomada de Vila Nova. É verdade que eu tinha solicitado em seu favor as personagens mais categorizadas do Estado e empregado para salvá-lo a intervenção de Uanzamar e de Ibn Maçai. Mas foi tudo em vão (90). O sultão já estava mal disposto comigo quando Ibn Maçai chegou a Granada, e, quando êste último lhe deu a conhecer meu procedimento no negócio de Ibn Al-Khatib, tomou-me de aversão, e, segundo os desejos de meus inimigos, mandou-me desembarcar em Hunain, na costa africana.

Já nas páginas anteriores contei como tinha instigado os Árabes do Zab a combaterem Abu Hammu, sultão de Tlem-

---

(90) — Quando Ibn Al-Khatib deixou o serviço de Ibn Al-Ahmar para passar para a África, fizeram acreditar ao soberano que seu antigo vizir ia lá para induzir o sultão merinida Abd Al-Aziz a empreender uma expedição contra o reino de Granada. Mais tarde, o sultão Abu'l Abbas mandou deter a Ibn Al-Khatib, a pedido do monarca espanhol, e Ibn Zamrak, vizir dêste, veio a Fêz para exigir a punição do trânsfuga. Em vista do quê, foi constituída uma comissão e Ibn Al-Khatib teve de comparecer perante ela. Para disfarçar a irregularidade do processo, acusou-se o prisioneiro de ter inserido nos seus escritos proposições mal soantes; procurou-se então, por meio de torturas, arrancar-lhe a confissão do crime imputado; depois disso, madanram-no de volta para a prisão, onde o vizir do sultão de Fêz o mandou assassinar. Pormenores em Hist. des Berb. t. IV, p. 411.

cen; também êste príncipe não olhou com muito bons olhos minha presença numa das suas cidades. Consentiu, todavia, em me chamar à sua capital, graças à intervenção de Muhammad Ibn Arif, que tinha vindo desempenhar-se de uma missão junto dêle. Chegando a Tlemcen, fui procurar o *"ribat"* chamado de "Al-Ubbad" para me recolher nêle. No ano 776, dia da festa da ruptura do jejum (5 de março de 1375), minha família e meus filhos vieram juntar-se a mim. Comecei então a dar aulas públicas; mas o sultão, julgando necessário ganhar para a sua causa os Árabes Zauawida, escolheu-me para ser seu agente no meio dêles. Como tinha renunciado aos negócios para viver no recolhimento, sentia grande repugnância em me encarregar desta missão; mas fingi aceitá-la com prazer. Partindo para Al-Batha, segui à direita, para alcançar Mendès, e, chegando ao sul do monte Guazul (91), encontrei-me com os Aulad Arif, que me acolheram com presentes e honras. Fixei residência no meio dêles, e êles mandaram em Tlemcen buscar minha família e filhos. Comprometeram-se também a representarem junto do sultão que eu estava impossibilitado de cumprir a missão que êle me confiára. E de fato, agiram de tal modo que êle aceitou minhas desculpas. Estabeleci-me então em Calat Ibn Salama (92), castelo fortificado no país de Banu Toujin e que os Zauawida desfrutavam como *icta'*, doado pelo sultão. Fiquei alí durante quatro anos, completamente livre de qualquer preocupação, longe das agitações da política, e foi ali que comecei a composição de meu trabalho (sôbre a História Universal). Neste retiro acabei os *Prolegômenos,* obra cujo plano é completamente original, e para cuja execução tinha tomado o melhor de u'a massa enorme de material e de informações.

Volto para Túnis, perto do Sultão Abu'l-Abbas, e me estabeleço nesta cidade. Residindo em Calat Salama, instalei-me

---

(91) — Guazul, monte que se situa a cerca de dez quilômetros a sudoeste de Tiaret. Mendès é um planalto do território dos Flita, a oeste de Tiaret.

(92) — As ruínas de Calât Ibn Salama, chamadas agora Taurzut ou Taugzut, (lugar onde se fazem razias), se acham a cinco ou seis km. a sudoeste de Frenda, posto francês situado sôbre o Uad et-Taht, um dos ramos superiores do Mina.

num grande e sólido pavilhão que Abu Bacr Ibn Arif tinha mandado construir. Durante minha longa permanência neste castelo tinha completamente esquecido o reino do Magrib e o de Tlemcen para me ocupar ùnicamente da presente obra. Quando passei à *História dos Árabes, dos Berberes e dos Zánota,* depois de ter terminado *os Prolegômenos,* desejava grandemente consultar muitos livros e coletâneas que se encontravam sòmente nas grandes cidades; tinha que corrigir e pôr a limpo um trabalho quase inteiramente ditado de memória; mas neste tempo, fui acometido de uma doença de tanta gravidade, que se, não fôsse uma graça particular de Deus, teria sucumbido.

Levado pelo desejo de ir ter com o sultão Abu'l-Abbas, e de rever a cidade de Túnis, morada de meus pais, na qual deixaram muitos vestígios de sua existência, e que encerra seus túmulos, solicitei dêste príncipe a permissão de voltar para a autoridade hafsida. Pouco tempo depois, recebi cartas régias e o convite de ir encontrar-me com êle sem demora. Apressando os preparativos da partida despedi-me dos Aulad Arif com um bando de Beduinos dos Riah, vindos a Mendès à procura de provisões de trigo. Partimos no mês de Rajab 780 (Outubro-Nov. de 1378) e seguimos a rota do deserto até Doucen, cidade limítrofe da província do Zab. Depois, segui pelos planaltos do Tell, acompanhado por alguns servidores de Yacub Ibn Ali que encontrei em Farfar, aldeia que êste chefe árabe tinha fundado no Zab. Conduziram-me perto de seu senhor, que se achava nas imediações de Constantina, no acampamento do emir Ibrahim, filho de Abu'l-Abbas, sultão de Túnis. Fui me apresentar a êste príncipe, que me acolheu com uma bondade que me deixou confuso; deu-me a autorização de entrar em Constantina, e de deixar ali minha família sob sua proteção enquanto eu fôsse ver o sultão, seu pai. Yacub Ibn Ali me forneceu uma escolta comandada por seu irmão Abu Dinar.

O sultão Abu'l-Abbas acabava de deixar Túnis com suas tropas, para ir castigar os Xeques das cidades do Jarid e fazê-los voltar ao caminho do dever. Foi nas imediações de Souça que nós pudemos alcançá-lo. Acolheu-me com benevolência e dignou-se consultar-me sôbre negócios muito im-

portantes. Depois mandou-me para Túnis, onde Farah, seu liberto e lugar-tenente tinha ordem de me testemunhar as marcas de distinção possíveis e de fornecer alojamento, tratamento e rações para meus cavalos. Cheguei a Túnis no mês de Chaban do mesmo ano (novembro-dezembro de 1378), e, tendo-me instalado alí sob a proteção do sultão, descansei o cajado da viagem. Vindo minha família juntar-se a mim, achámo-nos, finalmente, reunidos no campo da felicidade que êste príncipe nos abriu.

A ausência do sultão prolongou-se até que êle tivesse subjugado as cidades do Jarid e quebrado as fôrças dos insurretos. Yahia Ibn Yamlul (93), chefe principal da revolta, refugiou-se em Biskra, junto de seu cunhado, Ibn Muzni, e o sultão distribuiu aos próprios filhos as cidades conquistadas. Muntacir obteve os cantões de Nafta e de Nafzaua que tinham Touzer como sede de comando; seu irmão Abu Bacr estabeleceu-se em Gafsa. O sultão, de volta para Túnis, demonstrou-me muita consideração e admitiu-me, não sòmente nas suas audiências, como também nos seus colóquios privados.

Os cortezãos viram com inveja estas marcas de confiança e esforçaram-se por me perder no espírito do príncipe; mas, achando que suas delações não produziam efeito, empenharam-se em envenenar o ódio que por mim nutria Ibn Arafat, grande mufti e imame da grande mesquita. Quando moços, estudámos juntos com os mesmos mestres, e, apesar de ser êle mais velho que eu, tive muitas vêzes ocasião de demonstrar que eu era melhor aluno do que êle. Desde aquela época, não deixou de me odiar. Logo que cheguei a Túnis, os estudantes e até os alunos de Ibn Arafat vieram pedir-me que lhes ministrasse lições, e, como acedi a seu rôgo, êste doutor achou-se profundamente humilhado e ferido. Chegou, a fazer mesmo, intimações terminantes à maior parte dêles, para que me deixassem. Como não lhe prestaram nenhuma atenção, seu ódio para comigo duplicou.

Ao mesmo tempo, os cortezãos procuraram indispor o sultão contra mim, trabalhando, de comum acôrdo, para me

(93) — Yamlul, ortografia incerta. Em língua berbere, o têrmo Imlul significa branco.

caluniar e prejudicar-me. Porém, o príncipe não ligou nenhuma importância às suas intrigas. Como êle procurava sempre adquirir novos conhecimentos nas ciências e na história, tinha-me encarregado de trabalhar no remate de minha obra; por isso, logo que terminei a *História dos Berberes e dos Zanata,* e acabei de consignar por escrito tôdas as informações que pude colher sôbre as duas dinastias (dos Omaiyas e dos Abbassidas), assim como sôbre os tempos ante-islâmicos, fiz uma cópia para sua biblioteca.

Como tinha renunciado à poesia para me dedicar aos estudos sérios, meus inimigos acharam aí pretexto para dizer ao sultão que eu evitava compor poemas em sua honra, como o tinha feito em honra de outros soberanos, por não o achar digno de louvores. Tendo percebido a trama por obséquio de um amigo que tinha entre os cortezãos, aproveitei uma ocasião que se oferecia e apresentei ao sultão o exemplar de meu livro com a dedicatória, e recitei um poema no qual celebrava suas belas qualidades e suas vitórias, terminando por pedir-lhe que aceitasse o volume como sendo a melhor justificativa por ter eu deixado a poesia. (O autor dá longos trechos do poema).

Entretanto, os cortezãos, estimulados por Ibn Arafat, recorriam a todos os meios para me prejudicarem ante o sultão, e se concertaram para decidí-lo a me levar em sua companhia quando partisse em campanha. (Querendo a tôda fôrça afastar-me da cidade), fizeram entender a Farah, governador de Túnis, que teria tudo a temer de minha parte, se eu ali ficasse por mais tempo. Resolveram que Ibn Arafat representaria ao sultão que minha estadia na capital seria perigosa para o Estado. Êste homem falou com o sultão no assunto, numa ocasião que eu estava ausente, fazendo-lhe uma declaração formal para êste efeito. O sultão começou por dizer-lhe que não tinha razão; mas depois me preveniu de que iria empreender uma expedição e que eu teria que o acompanhar. Embora esta ordem me contrariasse muito, apressei-me a obedecer, não podendo proceder de outra maneira. Parti, pois, com êle para Tebessa, de onde devia dirigir-se a Touzer, com o fim de expulsar de lá, Ibn Yamlul, que, em 783, havia tomado Touzer ao filho do sultão.

No momento de deixar Tebessa, o soberano me deu ordem de partir para Túnis. Chegando à capital, fui para as minhas terras, chamadas *os Mirtos,* para proceder às colheitas. Voltando o sultão de sua expedição, após vencer tôdas as resistências, voltei também com êle para Túnis. No mês de Chaban 784 (outubro 1382) renovou os preparativos para invadir o Zab, país onde o emir Ibn Muzni dava sempre asilo e proteção a Ibn Yamlul. Receando ser obrigado a acompanhá-lo, e sabendo que havia no porto um navio pertencente a mercadores de Alexandria, o qual recebia mercadorias com destino àquêle porto, implorei do sultão que me deixasse partir para Meca. Obtido seu consentimento, dirigi-me para o porto, seguido de um mundo de estudantes e das pessoas de mais destaque da côrte e da cidade. Depois de ter feito a todos minhas despedidas, tomei o navio, no dia 15 do mês de Chaban (25 de outubro de 1382) e pude enfim achar sossêgo para os estudos.

## PARTI PARA O ORIENTE E DESEMPENHEI AS FUNÇÕES DE CÁDI NO CAIRO

No 1.º dia do mês de Chaual, chegámos ao porto de Alexandria, depois de uma travessia que durou cêrca de quarenta dias. Oito dias antes de nossa chegada, Malik Al-Daher (Barcuc) tinha tirado o trono da família de seus antigos senhores, os decendentes de Calaoun. O fato não nos surpreendeu de modo algum, porque a fama de sua ambição havia se expandido para longe. Passei um mês em Alexandria fazendo meus preparativos para a peregrinação. Mas as circunstâncias me impediram de cumprir meu intento e, seguindo caminho, dirigi-me para o Cairo.

Em primeiro de Dul'-hijja (5 de fevereiro de 1383), fazia minha entrada na metrópole do universo, o jardim do mundo, o formigueiro da espécie humana, o pórtico do islamismo, o trôno da realeza, cidade que regorgitava de magníficos palacetes e castelos, ornada de conventos de derviches e de colégios, iluminada por luminares de saber e estrêlas de erudição. Em cada margem do Nilo, estendia-se um paraíso; o curso de

suas águas desempenhava, aos olhos dos habitantes, o papel dos mananciais do céu, que lhes proporcionavam com abundância frutas e mantimentos (94). Atravessei as ruas da cidade atravancadas de uma azáfama de gente, e regorgitantes de tôdas as delícias da vida.

Não parávamos de falar de uma cidade que ostentava tantos recursos e apresentava tantas provas da civilização mais adiantada. Antigamente tinha perguntado a meus mestres e meus condiscípulos, quando voltavam de sua peregrinação ou de suas viagem comerciais, o que pensavam do Cairo; a resposta de todos êles, se diferente pela forma, era sempre a mesma pelo fundo. Assim meu professor Al-Macarri, grande Cádi de Fêz e chefe do corpo dos Ulemas, me disse: "Quem não viu o Cairo não conheceu a grandeza do islamismo"! Nosso mestre Ahmad Ibn Idrissi, chefe dos Ulemas de Bujaya, interrogado por mim, respondeu-me que os habitantes eram fora de conta, querendo dizer ao mesmo tempo, com isso, que seu número era incalculável, e que a felicidade que gozavam os impedia de fazer conta do futuro. Citarei ainda a palavra de nosso mestre Abu'l-Cassim Al-Burji, Cádi militar de Fêz, que, no ano 756, quando voltava de uma missão junto do soberano do Egito, respondeu ao sultão Abu Inan, que lhe perguntara o que pensava do Cairo: "O que se vê em sonho ultrapassa a realidade; porém, o que se poderia sonhar do Cairo (imaginar o que êle é) ficaria abaixo da realidade". O que deixou todos os presentes maravilhados.

Poucos dias depois de minha chegada, vieram os estudantes, em grande número, pedir-me que lhes desse aulas. Embora leve de saber, vi-me forçado aquiescer a seus desejos, e comecei a dar aulas na mesquita de Al-Azhar (95). Depois fizeram minha apresentação ao sultão que me acolheu com afabilidade e me determinou uma pensão sôbre o fundo de suas obras pias, como era seu hábito com os homens de ciência. Enfim, mitigou, com seus dons, as penas do ostracismo. Nutria a esperança de ver minha família vir sem demora

(94) — Há bastante diferença entre o texto de Al-Macarri e a edição de Boulac.

(95 — Al-Azhar é, ainda hoje, a primeira Universidade do Egito.

juntar-se a mim; mas o sultão de Túnis, impediu-a de seguir, esperando que eu voltasse para junto dêle. Afim de o fazer mudar de opinião, precisei recorrer aos bons ofícios do sultão do Egito. Nesta época, vagou uma cadeira no colégio d'Al-camha (96), com a morte do professor titular, e o Malek Al--Daher me escolheu para ocupá-la.

Era esta a minha posição, quando o sultão, num momento de ira, destituiu o Cádi do rito malikita. Há aqui um Cádi para cada um dos quatro ritos ortodoxos; todos êles levam o título de Cádi'l-cudat (juiz dos juízes); mas a proeminência pertence ao Cádi chafiita, não sòmente por causa da extensão de sua jurisdição, que se exercia sôbre as províncias orientais e ocidentais como sôbre o Said e o Fayum, mas também porque só a êle pertence o direito de fiscalizar a administração dos bens dos órfãos e dos legados testamentários.

No ano 786 (1384) o sultão desistiu o Cádi malikita, como acabei de dizer, e me fêz a honra de me nomear para o pôsto vago. Foi em vão que lhe supliquei que me dispensasse; não escutando senão a sua vontade, revestiu-me de trajes de honra e mandou os grandes oficiais da côrte instalar-me no tribunal estabelecido no *Colégio Salahiya,* situado na rua chamada Bain Al-Casrain.

No cumprimento dos deveres que me competiam, trabalhava com um zêlo digno de encômios, empregando todos os meus esforços para justificar a boa opinião do príncipe que me tinha confiado a aplicação dos preceitos divinos. Para não deixar nenhuma prêsa à maldade dos censores, esforçava-me por aplicar a justiça a todo o mundo, sem me deixar influir pela posição ou poderio de quem quer que fôsse; protegia o fraco da prepotência do forte; repelia tôda a ingerência,

---

(96) — O Colégio D'Alcamha (do Trigo) foi fundado no ano 566 (1171) pelo sultão Saladino, que o destinou ao ensino do direito malikita. Instalou quatro professôres neste colégio, que se tornou a principal escola dos malikitas. O estabelecimento possuia uma terra no Fayum, cujas colheitas de trigo (camh) eram regularmente distribuídas aos alunos. Daí, seu nome de Camhiya. Em 825 (1422) Barsbai apoderou-se de uma parte dos bens pertencentes à instituição e os concedeu a dois de seus mamelucos. Cf, Macrizi, Khitat, t. II, p. 364 ed. Boulac.

tôda a tentativa, quer de uma parte quer de outra, restringindo-me a ouvir as provas testemunhais. Preocupava-me também com examinar o procedimento dos *adel* (97), que serviam de testemunhas nas atas, e constatei que havia entre êles homens perversos e corruptos. Isto provinha da fraqueza do *hakam* (98), que, em lugar de investigar a fundo e com rigor o carácter dêste indivíduos, se contentava com as aparências, deixando-se influenciar pelo prestígio do alto patrocínio que parecia envolvê-los. Vendo-os empregados, quer como imames domésticos nas casas de pessoas de categoria, quer como preceptores encarregados do ensino do Alcorão aos filhos de gente rica, o hakam os considerava como homens de bem, e, para torná-los amigos seus, dizia nos relatórios informativos, que dirigia ao Cádi, que eram pessoas de probidade comprovada. O mal era inveterado; traços escandalosos de fraude e de prevaricação dêstes *adel* corriam de bôca em bôca, chegando muitos dêstes delitos ao meu conhecimento, o que me levou a castigar seus autores com a maior severidade.

Vim também a saber, sôbre alguns dêles, coisas que depunham contra a sua integridade moral, razão que me obrigou a impedí-los de servirem de testemunha. Entravam neste número certos escrivães agregados aos divans dos Cádi e encarregados

---

(97) — Os Adel desempenhavam as funções de tabelião, de acessor do Cádi, e de escrivão. Ver Prolegôm. I, p. 410 do presente volume.

(98) — Pelo têrmo "hakam" o autor certamente designava o oficial encarregado de fiscalizar a administração judiciária e de fazer executar as sentenças proferidas pelo Cádi. Pelo que segue, vê-se também que desempenhava o papel de "mozakki", isto é, purificador, que consistia em indicar ao Cádi as pessoas cujo testemunho podia ser recebido no tribunal. Quando o Cádi tinha certa dúvida sôbre a integridade da testemunha, dirigia-se em segredo ao mozakki do quarteirão, indagando se o indivíduo era ou não merecedor de fé. O mozakki fazia uma espécie de inquérito, para se inteirar sôbre se o homem era "puro" e virtuoso ou se era um homem viciado. Se o relatório era favorável, chamavam a isso "tazkiyat" ou purificação, ou "tadil", isto é, justificação. No caso contrário, usava-se a designação "tajrih": ferida, desaprovação, condenação. A raiz do têrmo significa ferir; com efeito, o relatório desfavorável lesava a reputação daquêle a quem se referia. Ver supra nota 97 e p. 410.

de registrar as sentenças pronunciadas na audiência; homens acostumados à redação das queixas, hábeis em formular julgamentos e que se faziam empregar por homens poderosos para lhes redigirem as atas e convenções. Isto os colocava numa posição privilegiada e acima dos seus colegas e confrades, e influia de tal modo nos Cádis que êstes magistrados não ousavam dirigir-lhes a menor observação. Certa categoria especializou-se em atacar as atas mais autênticas, com o fim de anulá-las como viciadas, quer quanto à forma, quer quanto ao fundo. O oferecimento de um presente, ou a perspectiva de qualquer vantagem material, bastava para os levar por êste caminho. Era particularmente o caso quando se tratava de *"Uakf"* (bens consagrados perpétuamente em benfício das mesquitas ou das obras pias), que existiam em número incalculável na cidade do Cairo. Como havia alguns bens cuja instituição era ignorada ou pouco conhecida, achava-se, na jurisprudência de uma ou da outra das quatro escolas jurídicas, algum meio para anular grande número delas. Quem desejava comprar ou vender um *"uakf"* fazia um arranjo com êstes trapaceiros, e obtinha dêles uma atuação eficaz. Isso se praticava com desprêzo da autoridade dos magistrados, que em vão tentavam pôr um paradeiro a estas prevaricações, impedindo o escárneo do bom direito.

Apercebendo-me de que, em conseqüência dos ataques dirigidos contra os *"uakf"*, o mesmo espírito de embuste voltava suas armas contra os títulos de propriedade, os contratos e os bens imóveis, implorei a ajuda de Deus e trabalhei para a extirpação dêstes abusos, sem me inquietar com o ódio que minha intervenção ia suscitar.

Prosseguindo, ocupei-me dos *mutfi* (legistas consultores) de nosso rito. Esta gente tinha colocado os juízes numa situação impossível por sua desobediência e seu afoitamento em ditar para os litigantes setenças jurídicas (*fatwa*) inteiramente contrárias aos julgamentos que os aludidos juízes acabavam de pronunciar. Entre êles se achavam homens de nada, que depois de se arrogarem o título de estudantes de direito e a qualidade de *"adel"*, aspiravam audazmente à posição de "mufti" e de professor, sem nenhum direito a qualquer dêstes títulos. Todavia, alcançavam os ditos postos,

sem muito trabalho e sem estudos preparatórios. Ninguém tinha a coragem de os repreender, nem de exigir dêles um exame de capacidade, porque formavam um corpo formidável pelo número. Por isso, nesta cidade, a pena do mufti era posta a serviço de todos os litigantes: êstes lutavam, brandindo cada qual uma sentença que condenava a outra parte, e cada qual fazendo valer seu direito, certo da derrota do adversário. O mufti indicava tôdas as voltas e rodeios da chicana; dando a cada um a sentença que desejava e que mais lhe agradava. As mais das vêzes, as sentenças se contradiziam, e, para aumentar a balbúrdia, eram emitidas depois da decisão. Por outro lado, as diferenças que ofereciam os códigos das quatro escolas jurídicas eram tão numerosas que mal se podia obter uma boa e honesta justiça. Aliás, por sua vez, o público era incapaz de apreciar o mérito de um mufti ou valor de uma fatwa. Embora as ondas dêstes abusos subissem cada vez mais, entretendo uma perpétua desordem, eu empreendi pôr um paradeiro (a tão grande mal).

Para mostrar que tinha resolvido com firmeza sustentar o bom direito, sem todavia sair dos limites da mais estrita justiça, puz um freio aos abusos dos ignorantes e dos interessados, recusando as pretensões e desmandos de uns e de outros; enfrentei a audácia de inúmeros charlatães, parte dêles vinda do Magrib, e que tinham apanhado, daqui e dalém, uma provisão (ou sortimento) de têrmos científicos que lhes serviam para deslumbrar os espíritos; gente essa incapaz de provar que tinha estudado com um mestre reputado, ou de mostrar uma só obra de sua lavra; impostores que zombavam da boa fé do público e que, nas suas reuniões e cambalachos, compraziam-se em caluniar os homens de bem e insultar tudo o que merecia respeito. Todo o seu ódio concentrou-se também sôbre mim. Foram juntar-se a outras pessoas de sua laia, os habitantes das Zawia (os derwiches), gente que ostenta a devoção para se fazer valer, ao mesmo tempo que insulta a Majestade divina; gente que, quando tomada por árbitro numa demanda, decide segundo a inspiração de Satanaz e com desprêzo da justiça, pondo-se em franca oposição com a lei divina, sem se deixar deter na sua temeridade por nenhum sentimento de religião.

A todos êstes intrigantes, tirei o apoio com que contavam; mandeio-os castigar segundo as ordenações de Deus, sem que os protetores com quem contavam pudessem subtraí-los à minha severidade. Assim, os lugares de seu refúgio ficaram abandonados, e a fonte donde jorrava tanta maldade foi estancada. Instigaram sujeitos maus a atacar-me na minha honra e a espalhar tôda a espécie de calúnia e de mentira a meu respeito. Faziam mesmo chegar aos ouvidos do sultão queixas e mumúrios atribuindo-me injustiças imaginárias, em que êste príncipe se recusou a acreditar.

Durante êste tempo, ofereci a Deus, como um título à sua honra, todos os desgôstos com que os inimigos me fartavam. Desprezei as intrigas miseráveis, e caminhava reto no caminho do dever, com a resolução firme e bem formada de manter o direito, de evitar tôdas as vaidades do mundo, e de me mostrar inflexível perante as pessoas de categoria que pretendiam influenciar-me.

Não era êstes os princípios dos Cádis meus colegas; por isso, censuraram a minha austeridade, aconselhando-me a seguir o sistema que tinham concertado seguir, a saber, agradar aos grandes, mostrar deferência para com as pessoas de destaque e julgar debaixo de sua influência tôdas as vêzes que se podiam salvar as aparências. "Ou então, diziam-me êles, despedir as partes quando há muitas causas para julgar; porque se pode, no caso, fundar-se sôbre a máxima que um Cádi não está na obrigação de ter as suas sessões quando há outro Cádi na localidade". Entretanto êles sabiam (tôda a iniquidade) da combinação feita entre si. Desejava saber como pensavam desculpar-se perante Deus de terem salvo as aparências, tendo a certeza de que, procedendo assim (lesavam gravemente a justiça). O Profeta já o disse: "Se arrogo a alguém o bem alheio, é um lugar no inferno que eu lhe arrogo".

Fechava, pois, os ouvidos às suas recomendações, firmemente decidido a cumprir tôdas as obrigações de meu cargo, assim como todos os meus deveres perante quem me revestiu de uma dignidade de tanta responsabilidade. Por causa disso é que tôda esta gente fez causa comum contra mim e apoiou os que se queixavam de mim. Alvoroçados em altos gritos, quiseram fazer crer àquêles a quem neguei idoneidade de

testemunhas que meu modo de proceder era ilegal. "Nesta matéria, êle se norteia pelo conhecimento pessoal que possui das regras de recusa, quando na verdade o direito de recusar ou desaprovar (longe de ser individual) é do consenso comum". Também as línguas se assanharam contra mim, e levantou-se um clamor geral que me envolvia. Certas pessoas, que me tinham pedido um julgamento a seu favor, vendo-se derrotadas, fizeram-se porta-vozes de meus inimigos e foram levar as suas queixas ao sultão. Uma assembléia numerosa, composta de cádi e de mufti, foi encarregado de examinar a questão, e saí dêste negócio tão puro e limpo como o ouro depois de passar pelo cadinho. A perversidade de meus inimigos ficou, assim, patente aos olhos do sultão, e eu, para os mortificar mais ainda, apliquei contra os mesmos as sanções estabelecidas por Deus.

Então *saíram êles de manhã com um desígnio bem determinado* (Corão: LXVIII, v. 25) e continuaram suas intrigas junto dos íntimos do sultão e dos grandes da côrte, fazendo-lhes ver quão odioso foi meu procedimento de não ligar a mínima consideração às solicitações das pessoas altamente colocadas, e que tal procedimento demonstrava, de minha parte, completa ignorância dos usos e costumes de meu cargo. Para fazer acreditar em tais falsidades, atribuiram-me ações abomináveis das quais bastava sòmente uma para me atrair a indignação do homem mais pacato e o ódio de todos os homens honestos. Um clamor de indignação levantou-se contra mim; mas Deus pedir-lhes-á conta de tanta calúnia, e é dêle que receberão a justa retribuição. Desde aquêle momento, os homens do govêrno não me mostraram mais a anterior benevolência.

Na mesma época um golpe cruel abateu-se sôbre mim: tôda a minha família tinha se embarcado num porto do Magrib para se juntar a mim; mas o navio sossobrou numa tempestade e todos que iam nêle pereceram. Assim, num só golpe, perdi para sempre riqueza, felicidade e filhos. Prostrado pelo infortúnio e pela desgraça, procurei consolação na oração, e houve um momento em que pensei demitir-me de meu cargo; mas, receoso de descontentar o sultão, ouvi os conselhos da prudência, e continuei no pôsto. O favor divino

não tardou em me socorrer nesta aflição. O sultão — que Deus o proteja! — pôs o remate às suas bondades ao permitir-me que descarregasse de meus ombros o fardo que eu não podia mais carregar, e que deixasse um pôsto, cujos usos, ao que se pretendia, eu não conhecia. Assim, remeti o cargo de cádi a quem o exercia antes de mim, e vi-me desembaraçado dos entraves que me prendiam. Voltando à vida privada, achei-me outra vez envolto da consideração geral: lastimavam o meu infortúnio; elogiavam-me; faziam votos para minha felicidade; todos os olhares exprimiam simpatia para comigo; e todos os votos se faziam para que fôsse reintegrado no meu ofício. O príncipe, sempre bondoso, deixou-me gozar das vantagens que me tinha outorgado, e continuou a ter-me sob sua alta proteção. Mas eu, limitando meus desejos à felicidade da vida eterna, ocupei-me de lecionar, de ler o Alcorão, compilar e redigir, na esperança de que Deus me permitiria passar o resto de meus dias no exercício da devoção e que faria desaparecer tudo o que se pudesse opor à minha felicidade na vida futura.

## MINHA PEREGRINAÇÃO A MECA

Três anos acabavam de transcorrer, desde minha destituição, quando tomei a resolução de cumprir minha peregrinação. Tendo-me despedido do sultão e dos emires, que proveram mais que abundantemente a tôdas as minhas necessidades, deixei o Cairo no meio de Ramadam 789 (outubro de 1387), dirigindo-me para o Tor (Sinai), porto situado na costa oriental do mar de Suez. No décimo dia do mês seguinte, embarcava em Tor, e depois de um mês de navegação chegava a Yambo. Tendo encontrado o Mahmal (99) neste lugar, acom-

---

(99) — Mahmal é uma espécie de caixão piramidal, coberto de enfeites e de inscrições, e carregado no lombo de um camelo. O soberano do Egito mandava um todos os anos para Meca, com a caravana dos peregrinos: o mahal era a liteira simbólica do soberano que organizava oficialmente a caravana portadora da Kiswou ou ornamentos riquíssimos que deviam guarnecer a Ka'ba. O mahmal africano servia de ponto de reunião para os peregrinos africanos vindos do Magrib,

panhámo-lo até Meca, onde fizemos nossa entrada no dia 2 do mês de Dul-Ca'da. Depois de cumprir com os deveres de peregrinação, eu estava, no mês seguinte, de volta a Yanbo, onde fiquei cinqüenta dias antes que o tempo tornasse possível ao navio tomar o mar. Partimos. Mas, chegados perto de Tor, um vento contrário impediu-nos de abordar, e nos obrigou à atravessar o mar e a desembarcar na costa ocidental, em Cosair. Dêste porto, fomos escoltados pelos Árabes até Cous, lugar do Alto Egito. Depois de alguns dias de folga e de descanso, seguimos viagem pelo Nilo; trinta dias mais tarde, no mês de Jumada (maio - junho 1381), chegámos ao Cairo. Apressei-me a levar meus cumprimentos ao sultão, informando-o de que tinha feito orações e votos para sua felicidade. Acolheu minhas palavras com agrado e continuou a me favorecer com sua proteção.

Tempos depois, êste príncipe foi submetido a uma rude prova(100) mas, tendo-o Deus colocado de novo no trono, continuei a gozar junto dêle da habitual benevolência. Desde que retornei da peregrinação, até êste momento, ou seja até ao comêço de 797 (fim de outubro de 1394), continuei a viver no retiro, gozando boa saúde e ùnicamente ocupado em es-

---

dos oasis saharianos ou mesmo do Niger e do Tchad. A caravana de Damasco, prolongada desde o século XVI até Constantinopla, era acompanhada do mahmal do sultão e seguia a sua rota tradicional a leste do Mar Vermelho, através da Arábia Petrea. Estas duas caravanas eram dirigidas por um personagem notável, o emir al-haj, que pertencia à família do sultão e era seu delegado. (Nota dos Trad).

(100) — No ano 791 (1389) Barcuc foi destronado por Ilboga que restituiu o trono a Malik Al-Achraf, príncipe que Barcuc tinha destituido da autoridade suprema. Alguns meses depois, Barcuc retomava o poder.

Antes desta passagem, Ibn Khaldun, referindo-se a Yanbo, fala longamente de seu encontro ali com o jurisconsulto Abu'l-Cacim Muhammad, filho de Ibrahim As-Saheli e neto de At-Tuaiji. Êste doutor, vindo também em peregrinação, era portador de uma carta para nosso autor, por parte de Ibn Zamrak, vizir e secretário particular de Ibn Al-Ahmar, rei de Granada, que êle se apressou em entregar. Nesta missiva, parte em prosa, parte em verso, o vizir lembra a Ibn Khaldun sua antiga amizade e lhe pede que apresente ao sultão Barcuc um poema feito em sua honra, que deixamos de traduzir por ser de pouco valor.

tudar e lecionar. Queira Deus dispensar-nos suas graças, estender sôbre nós sua sombra tutelar e ter nossas obras como meritórias.

## O QUE SUCEDEU A IBN KHALDUN DEPOIS DE SUA VOLTA DE MECA ATÉ A SUA MORTE (101)

"No dia 10 de Ramadan 801 (17 de maio de 1399), um correio foi expedido para Uali Id-Din Abd'ur-Rahman Ibn Khaldun, retirado na sua aldeia, situada na província de Fayum. Chamavam-no do Cairo para as funções de cádi malikita, lugar para o qual o Cádi Charaf ud-Din ofereceu a soma de setenta mil dirham, que o sultão recusou. No dia 15 do mesmo mês, Ibn Khaldun chegou ao Cairo e foi investido do cargo de Cádi malikita, em substituição de Nassir ud-Din At-Teneci, que acabava de falecer. Logo ao assumir o pôsto, mandou abrir um inquérito sôbre a moralidade dos indivíduos que serviam de testemunhas, e ordenou o fechamento de muitas tabernas de bebida, que foram reabertas mais tarde quando de sua deposição".

Na época, o govêrno egípcio parece ter seguido a norma de não conservar o mesmo cádi em exercício senão por um tempo assaz curto; quase cada mês havia destituições e nomeações de cádi, por isso, não demorou muito a substituição de Ibn Khaldun. Aliás, tinha êle perdido seu melhor apoio, o sultão Barcuc, que faleceu em 15 Chaual 801 (21 de junho de 1399).

"Quinta feira, 12 de Muharram 801 (4 de setembro de 1400) o Cádi supremo Ibn Khaldun foi substituído pelo Cádi Nur ud-Din Ali Ibn Jalal, em conseqüência de uma promessa feita a êste último".

Segundo Ibn Cádi Chohba, o motivo desta mudança foi a severidade de Ibn Khaldun e sua prontidão em aplicar penalidades. Nesta ocasião, foi citado perante o ministro de Estado

(101) — Terminando aqui a notícia escrita por Ibn Khaldun, tiramos os documentos que seguem de autores como Makrizi e Ibn Cádi Chohba, assim como de Ibn Arabchah, quê nos conta o encontro de nosso autor com Timur-Ling.

e pôsto em arresto. Algum tempo depois foi nomeado professor do colégio malikita, em substituição de Ibn Jalal.

No mês de Rabi I do mesmo ano (nov. dez. de 1400), Malik an-Nasser Faraj, filho de Baruc e sultão do Egito, recebia a notícia de que Timur Ling (102) acabava de tomar de assalto a cidade de Alepo. Temendo a mesma sorte para Damasco e as outras cidades da Síria, Faraj deixou o Cairo no mesmo dia e foi acampar perto de Raidaniya, mequita situada fora da porta de Bab-al-Fotuh. De lá, tomou o caminho de Damasco, levando consigo seus emires, o califa, os grandes cádis dos ritos chafeita, malikita e hanbalita, deixando o cádi hanefita, por estar doente. Ordenou ao emir Yachbek que partisse para o mesmo destino e que levasse consigo Ibn Khaldun.

É sabido que o govêrno egípcio aceitava a supremacia religiosa dos Abbassidas, e que guardava junto de si, no Cairo, um simulacro de califa pertencente a esta família.

Quinta feira, 6 do mês de Jumada I (24 de dezembro de 1400), o sultão fez sua entrada em Damasco e foi instalar-se na cidadela. Sabendo que a vanguarda de Timur Ling se aproximava da cidade, saiu, sábado, para ir ao seu encontro. Dois combates tiveram lugar, e Timur Ling quase decidiu evitar um terceiro encontro, quando muitos emires egípcios, e um grande número de mamelucos, abandonando o sultão, tomaram o caminho do Cairo. Ao que se diz, pretendiam pôr no trôno um oficial mameluco chamado Xeque Ladjin. Os outros mamelucos, consternados por esta traição, arrebataram o sultão, de noite, sem o exército saber, e o reconduziram ao Egito. O restante das tropas debandou, com exceção do pequeno destacamento que formava a guarnição da cidade. Os habitantes pensaram em fazer uma vigorosa resistência, mas, vendo-se envolvidos por tôda parte, decidiram mandar o grande Cádi, com uma deputação de doutores, de negociantes e de pessoas notáveis, para negociar com Timur. Como o comandante da guarnição egípcia não queria consentir em arranjo algum, nem permitir que a deputação saísse da cidade, os delegados se fizeram descer do alto das muralhas por meio

(102) — Timur Ling ou Tamerlan, o célebre conquistador tártaro: seu nome significa **Timur, o coxo.**

de cordas, e foram depois ao acampamento dos Tártaros. Timur, tendo-os recebido, consentiu em se retirar mediante uma contribuição de um milhão de dinares (doze milhões de francos ouro); mas quando a quantia lhe foi entregue, exigiu mais dez mil dinares. Cometeram a imprudência de o deixar ocupar uma das portas da cidade por um destacamento de tropas encarregadas de manter a ordem entre os Tártaros que entravam na cidade para fazer suas compras. Timur aproveitou-se da circunstâncias para se apoderar da praça. Arrebatou aos habitantes tôdas as suas riquezas, e mandou matar a muitos no meio de torturas. O resto dos habitantes foi levado para o cativeiro, e Damasco foi devorada pelas chamas.

Vamos narrar o que aconteceu a Ibn Khaldun durante estas ocorrências. "O cádi'l-cudat Uali ud-Din Abd'ur-Rahman Ibn Khaldun estava em Damasco quando da partida do sultão. Sabendo da notícia da sua volta para o Egito, Ibn Khaldun desceu do alto da muralha por uma corda e foi encontrar-se com Timur. Êste príncipe o acolheu com distinção e o hospedou junto de si; depois deu-lhe autorização de seguir para o Egito".

"Quando Ibn Khaldun estava encerrado em Damasco, desceu do alto da muralha por meio de uma corda, e, tendo ido ao meio das tropas de Timur, foi levado à presença de seu chefe. Timur, admirado de sua bela fisionomia, e encantado com suas palavras, o fez sentar-se e lhe agradeceu o ter-lhe proporcionado conhecer um homem de tanto saber. Reteve-o ao pé de si e dispensou-lhe as maiores honras, até o momento em que o autorizou a partir. Forneceu-lhe também provisões para sua viagem.

"Quinta feira, 1.º de Chaban (17 de março de 1401), Ibn Khaldun chegou ao Cairo, depois de deixar Damasco com a autorização de Timur, que lhe tinha dado um salvo conduto assinado do próprio punho. O escrito compunha-se dos seguintes têrmos: "Timur Gorgan" (103). Graças à intervenção de Ibn Khaldun, muitos prisioneiros tiveram licença de partir. Entre êles se achava o Cádi Sadr ud-Din Ahmad, filho do

(103) — Na opinião de Abul Mahacen, a palavra Gurghan significa aliado dos reis por matrimônio. O historiador de Timur, Ibn Arabchah confirma esta etimologia.

grande cádi Jamal ud-Din Al-Caisari, e inspetor do exército".

Eis como Ibn Cádi Chohba se manifesta sôbre os mesmos acontecimentos: "No primeiro dia do mês Chaban, o Cádi Uali ud-Din Ibn Khaldun chegou ao Cairo com o cádi Saad ud-Din, filho do Cádi Charaf ud-Din, o hanbalita. Eram do número dos que tinham sido deixados na Síria e a quem os inimigos tinham cortado a retirada. Ibn Khaldun se achava entre os outros Cádis quando sairam de Damasco para irem encontrar-se com Timur. Êste príncipe, tendo sabido quem êle era, o recebeu com grande honra, e pediu-lhe uma lista por escrito dos países e dos desertos do Magrib, assim como o nome das tribos que habitavam estas regiões. Depois de fazer explicar esta lista em língua persa, mostrou-se muito satisfeito com o trabalho do autor e perguntou-lhe se não tinha compôsto alguma história do Magrib. Ibn Khaldun respondeu: "Mais que isso, redigi a história do Oriente e do Ocidente e nela falei de todos os reis; compuz mesmo uma notícia sôbre vós, e desejaria fazer-vos a leitura de seu conteúdo, para poder corrigir os erros que possa conter". Timur deu-lhe a autorização e, ao ouvir a própria genealogia, perguntou-lhe como chegou a sabê-la. Ibn Khaldun disse que recebeu as informações da bôca de mercadores fidedignos que tinham visitado os países do soberano. Leu-lhe em seguida a narrativa das conquistas de Timur, de sua história pessoal, e origem de sua fortuna. Depois de ouvir esta leitura, o príncipe, externando sua satisfação, disse ao autor: "Quer vir comigo ao meu país?" Ao que êle respondeu: "Eu amo o Egito e o Egito me ama; é preciso absolutamente que me permitais que volte para lá, seja agora, seja mais tarde, afim de poder pôr meus negócios em ordem. Voltarei em seguida, a colocar-me sob vossas ordens". O príncipe deu-lhe licença de partir e de levar consigo as pessoas que desejava. Tenho esta narrativa do cádi Chihab Ad-Din Ibn Al-Eizz, que tinha assistido a uma parte dessa conversa".

Os extratos citados, registram, pois, que nosso autor teve uma entrevista com o soberano Mogol, e que o famoso conquistador o recebeu com agrado. Servem também, até certo ponto, de confirmação da narrativa de um outro historiador contemporâneo, Ibn Arab-Chah. Eis a tradução do passo,

tal como o conta êste historiador da *"Vida de Timur"*, intitulada *"Ajaib Al-Macdur"*.

Quando os habitantes de Damasco se viram decepcionados (pela partida inesperada do sultão do Egito), reconhecendo a grande desdita que isso significava, reuniram os grandes da cidade, os chefes e os estrangeiros de mais destaque, que ali se achavam, a saber: o grande cádi hanefita Ibn Al-Eizz; seu filho, o grande cádi Chihab ud-Din; grande cádi hanbalita Ibn Muflih, o grande cádi hanbalita de Naplous, Chams ud-Din; o cádi Ibn Abi Taiyeb, secretário particular do sultão; o cádi e vizir Chiab ud-Din Ibn As-Chahid, — o título de vizir conservava ainda certo brilho; o cádi chafeita Chihab ud-Din al-Jaiyani, o cádi hanefita Ibn al-Coucha e o Naib al-Hokm (lugar tenente do governador). Estas personagens saíram da cidade para irem pedir graça, depois de se terem concertado sôbre a conduta que deviam ter (diante do invasor).

Ao partir o sultão com as tropas egípcias, o cádi Ibn Khaldun viu-se envolvido pelas tropas de Timur. Era o cádi um homem distinto e um daquêles que tinham vindo a Damasco com o sultão. Quando êste desistiu de sua emprêsa, Ibn Khaldun não se apercebeu provàvelmente da retirada, de modo que ficou dentro da cidade, prêso como dentro de uma rêde. Tinha se hospedado no Colégio Adliya, e foi ali que as personagens aludidas foram procurá-lo para remeterem à sua prudência a conduta dêste negócio. Como as idéias de todos êles eram idênticas, confiaram a Ibn Khaldun a inteira direção da embaixada. Com efeito, não podiam dispensar seu valioso concurso: era malikita de escola e de aspecto, um segundo Asmai pela eloqüência e saber. Partiu com êles, levando na cabeça um leve turbante e envergando trajes elegantes e um burnus tão fino como seu espírito, e semelhante, por sua côr, às primeiras sombras da noite.

Foi escolhido para chefiar a deputação, indo todos perfeitamente dispostos a aceitar as condições, vantajosas ou não, que êle pudesse obter por suas palavras e diligências. Comparecendo à presença de Timur, ficaram de pé, cheios de temor e de apreensões, até que o príncipe se dignou acalmar sua inquietude permitindo-lhes que se sentassem. Então se aproximou dêles com afabilidade e passou de um para outro

sorrindo a cada um, e depois, começou a examiná-los com atenção, observando seus modos e estudando suas palavras. Admirado do aspecto de Ibn Khaldun, cujos trajes eram diferentes dos de seus colegas, disse: "Êste homem não é do país". O que levou a uma conversação, cujos pormenores daremos mais adiante. Acabada a conversa, foram servidos à delegação pratos de carne cozida pondo-se na frente de cada um uma porção conveniente. Alguns se abstiveram por escrúpulo de conciência; outros deixaram de tocar nêles, para se entregarem ao prazer de uma palestra; mas alguns, e entre êstes Ibn Khaldun, se puseram a comer com muito bom apetite...

Durante a refeição, Timur os examinava furtivamente, e Ibn Khaldun, de vez em quando, voltava os olhos para o príncipe, abaixando-os cada vez que o príncipe olhava para êle. Por fim, levantando a voz, disse o seguinte: Senhor e emir! Dou graças a Deus todo-poderoso; por minha presença neste mundo, dei a ilustação aos reis dos povos, e, por minha obra histórica, eu fiz reviver a lembrança de seus grande feitos. Vi muitos príncipes árabes, visitei as diversas côrtes; conheci os países do Oriente e do Ocidente; conversei com os emires e os governadores. Agora, graças a Deus, vivi bastante tempo para que meus olhos possam comtemplar um verdadeiro rei, um príncipe que sabe realmente governar. Se, nas outras mesas régias, os alimentos servidos garantem a vida do hóspede, os vossos (alimentos) enobrecem os que se sentem à vossa mesa, e os deixam orgulhosos". Encantado de ouvir tais palavras, Timur exultou de satisfação, e, voltando-se para o lado do orador, não prestou mais atenção a nenhum dos presentes, conversando sòmente com êle. Perguntou-lhe os nomes dos reis do Ocidente, sua história e a de suas dinastias, escutando com vivo interesse .

Ibn Khaldun, Cádi supremo malikita do Egito, compôs uma belíssima e grande obra histórica, a qual, na opinião de uma pessoa que a viu, leu e compreendeu, é redigida segundo um plano inteiramente original. O autor é um homem de uma grande habilidade nos negócios, e um literato de primeira ordem. Quanto a mim, nunca tive a ocasião de o ver. Vindo à Síria com o exército (do Egito), quando da retirada

dêste, ficou nas mãos de Timur. Como a afabilidade do príncipe o tivesse pôsto à vontade, disse a êste numa das suas conversas: Senhor e emir! eu vos peço a graça de me dar licença de beijar essa mão que deve subjugar o mundo! Uma outra vez, quando falava com Timur a respeito dos reis do Ocidente e lhe contava uma parte de sua história, o príncipe que sentia grande prazer em ler as obras históricas e em fazê-las ler, manifestou o desejo de o levar em sua companhia. A êste convite, Ibn Khaldun deu a seguinte resposta: Senhor e emir! não é mais possível que o Egito tenha outro senhor senão vós. Quanto a mim, vós tomais o lugar de riqueza, de família, de filhos, de pátria, de amigos e de parentes. Perto de vós, esqueço os reis, os chefes, os grandes e mesmo a espécie humana inteira, porque tôdas as qualidades que a tudo isso dão valor, se acham reunidas em vossa pessoa. Sinto sòmente um único pesar: o de ter passado tanto tempo de minha vida longe de vosso serviço, e de não ter tido mais cedo a ocasião de encantar meus olhos com a contemplação de vosso aspecto majestoso. Mas, enfim, o destino reparou o dano; eu vou poder trocar a ilusão pela realidade, e terei muita razão para repetir êste verso do poeta:

*Que Deus possa recompensar vossa intenção; mas, ai de mim! tarde chegastes.*

Cercado de vosso favor, vou entrar numa vida nova; queixar-me-ei da fortuna por me ter afastado durante muito tempo de vossa presença; passarei o resto de meus dias a vos servir; apegar-me-ei a vosso estribo, considerando-me cumulado de honras, e será o período mais brilhante de minha carreira. Nada me entristece, não fôssem meus livros, na composição dos quais passei tôda minha vida, trabalhando noite e dia. Depositei nêles os frutos de meus estudos: a História do Mundo, desde a criação, e a dos reis do Ocidente e do Oriente. Se voltar a ter êstes livros na mão, eu vos darei o primeiro lugar entre os soberanos; com a narrativa de vossas proezas, ajuntarei uma trama brilhante no tecido da História, e farei de vosso império o diadema que coroará o fronte do Tempo. Pois vós sois o homem das batalhas, cujos triunfos resplandeceram com o brilho mais intenso chegando até os confins do Magrib. Vós sois anunciado pela voz dos fa-

voritos de Deus; vós nascestes sob a grande conjugação dos planetas, vós sois o imame esperado no fim dos tempos. Minhas obras estão no Cairo, e, se pudesse reavê-las, não me afastaria um palmo de vosso estribo. Agradeço a Deus ter-me deixado ver um homem que me saiba apreciar, servir de patrão e de protetor, etc .

Timur pediu-lhe que descrevesse o Magrib, seus reinos, seus caminhos, cidades, tribos, e povos... Ibn Khaldun descreveu-lhe tudo, fazendo ver tudo como se estivesse debaixo de suas vistas, e ao contar os fatos, teve o cuidado de dar aos acontecimentos uma forma de harmonia com as idéias de Timur...

Timur autorizou-o a partir para o Cairo afim de trazer sua família, seus filhos e suas obras, fazendo-o jurar que voltaria sem demora, assegurando a Ibn Khaldun que na sua volta encontraria a sorte mais feliz. Ibn Khaldun partiu para a cidade de Safad, e se livrou de uma posição difícil".

Chegando ao Cairo, nosso autor não tardou em voltar à vida pública. No mês de Ramadan do mesmo ano (Abril--maio de 1401) foi êle nomeado grão cádi malikita do Egito, em substituição de Jamal ud-Din Al-Acfachi, e, no mês de Jomada II (Janeiro de 1402) foi substituido por Jamal ud-Din Al-Bisati. Depois de diversas substituições sucessivas, no meio de Ramadan 808 (5 de março de 1406) substituiu Al-Bisati, mas morreu vinte dias depois (15 de março de 1406), com a idade de setenta e quatro anos.

Tal foi a carreira de Ibn Khaldun.

* * *

Entregue contra vontade às ocupações contrárias a suas inclinações, e obrigado a sacrificar às exigências de sua posição de homem de Estado o amor que nutria pelo retiro e pelos estudos, procurou sempre esquivar-se às agitações políticas, conseguindo às vêzes seu intento.

Foi durante êstes momentos de curtos lazeres que pôde satisfazer seus gôstos favoritos e escrever muitas obras, das quais uma sòmente chegou até nós; obra que compreende a sua *História Universal, e os Prolegômenos,* que lhe servem de Introdução Geral, e que bastaram para imortalizar-lhe o nome.

A leitura da Autobiografia e de certos capítulos da História Universal, demonstram com clareza que, como homem de Estado e homem de côrte. Ibn Khaldun era dotado da qualidade rara de poupar seus amigos, e mais ainda a de os levar a retribuir-lhe, quando onipotentes e gozando dos favores do soberano. Soube guardar amigos, mesmo entre os inimigos dos diversos soberanos que êle serviu sucessivamente deixando uns após outros. Seu belo físico e simpática figura, a elegância de seu porte e de seus trajes contribuiram talvez para o seu sucesso como diplomata e como cortesão; mas foi certamente devido às suas qualidades de amabilidade e à sua grande instrução que deveu a vantagem de ser bem acolhido pelos grandes em tôda a parte onde se apresentava. É verdade que, no dizer do Al-Macarri, êle teve muitos inimigos, que se queixavam de seu humor intrigante e caviloso, sua mania de contradição, e de discussão a respeito de tudo e de nada, sua descortezia, seu espírito rígido e inflexível. Não se sabe ao certo até que ponto estas queixas eram fundadas, mas pode-se ver pela Autobiografia que êle tinha ofendido uma classe numerosa, a classe dos homens da Lei, cujo amor próprio e interesses tinha ferido, no exercício de funções muito importantes, pondo a claro sua ignorância e prevaricações.

A História não foi desde o comêço objeto de seus trabalhos. Antes de se ocupar dela, tinha compôsto muitos tratados sôbre diversas matérias, tratados que não possuimos.

O vizir Liçan ud-Din Ibn Al-Khatib, para quem nosso autor se mostrou sempre um amigo devotado, fala com admiração dêstes escritos e nos fornece a lista destas obras perdidas:

1.º Um comentário sôbre *Burda,* poema célebre compôsto por Al-Bosire em louvor de Muhammad;

2.º Um *Talkhis,* ou Epítome da maior parte dos Tratados de Averroés;

3.º Um tratado de Lógica;

4.º Um *Talkhis,* ou Epítome da Suma (Muhassal) de teologia composta pelo Imame Fakhr ud-Din Al-Razi;

5.º Um tratado de matemática;

6.º Um comentário sôbre um poema em verso técnico (rajaz) devido à lavra do vizir Ibn Al-Khatib e contendo uma exposição dos princípios fundamentais da jurisprudência...

A esta lista podem juntar-se muitas cartas e um grande número de poemas cujos fragmentos figuram na Autobiografia e na Biografia de Ibn Al-Khatib.

Mas a obra à qual Ibn Khaldun deve sua fama, é a História Universal, e os Prolegômenos que lhe servem de introdução. Tendo que analisar longamente *os Prolegômenos,* algures, digamos alguma coisa sôbre a sua História Universal.

Compõe-se esta vasta compilação de notícias, às vêzes muito extensas, sôbre todos os povos e todos os impérios que figuraram no mundo, desde os tempos mais remotos até aos últimos do século XIV. Redigida segundo um plano de todo novo, o que o próprio autor aponta com evidente satisfação, êle se afasta muito da forma ordinária das crônicas compostas anteriormente. Em lugar de se agarrar à ordem cronológica dos acontecimentos, desde o comêço do mundo até o tempo do autor, consagra uma seção especial, e às vêzes um quadro genealógico, a cada raça, a cada povo e a cada dinastia. Nestas notícias, reuniu o autor tôdas as informações até então esparsas em diversos livros. Êste sistema oferece, sem nenhuma dúvida, grandes vantagens; fornece sôbre cada povo e cada dinastia uma notícia mais ou menos completa. Para fazer esta Coletânea de monografias, o autor consultou a principais obras históricas, genealógicas e geográficas da literatura árabe, e foi consultando-as com cuidado, e condensando as

indicações obtidas, que compôs esta série de memórias. Sua primeira intenção não era escrever uma *História Universal.* Retirado num antigo castelo situado nas cercanias de Tiaret, tinha se limitado, nos primeiros tempos, a tratar das dinastias e das tribos que então conhecia melhor, as da Mauritânia. Deu a esta parte o título *História dos Berberes;* precedida de uma Introdução ou Prolegômenos. Mais tarde, completou seu trabalho, com uma nova série de memórias relativas aos povos e dinastias do Oriente.

Compondo *os Prolegômenos,* Ibn Khaldun tinha principalmente em mira traçar um quadro do progresso da civilização realizado até à sua época, e fornecer a seus leitores todos os conhecimentos preliminares que devem possuir para abordar, com fruto, o estudo da História Geral.

Ao terminar a edição dos Prolegômenos pretendemos completá-la por um estudo panorâmico desta obra que constitui a Filosofia Social de Ibn Khaldun.

# ÍNDICE

1.ª Parte

**2.ª Parte**

3.ª **Parte**

**Apêndices**

# ERRATAS

Não obstante a cuidadosa revisão desta obra, não foi possível evitar certo número de erros tipográficos que aos olhos do leitor sagaz não passaram despercebidos e que seguem na nota abaixo:

| Página | Linha | Errata | Corrigenda |
|---|---|---|---|
| 9 | 15 | espessos | espêssos |
| 34 | 31 | consequência | conseqüência |
| 33 | 9 | agusto | augusto |
| 36 | 8 | posto | pôsto |
| 44 | 4 | da | d' |
| 51 | 2 | escôpo | escopo |
| 52 | 3 | à | a |
| " | 5 | à | a |
| 53 | 5 e 6 | faceis | fáceis |
| 68 | 3 | à | a |
| 95 | 2 | estãã | estão |
| " | 10 | suprimir esta linha | |
| " | 30 | apresentaram | se apresentaram |
| 96 | 20 | cusando | causando |
| 100 | nota 12 | علنا | علمنا |
| 107 | 18 | péles | peles |
| 109 | 9 | projeta | proteja |
| 122 | 26 | Equdor | Equador |
| 123 | 20 | ao zenite | do |
| 129 | 22 | Hojaz | Hijaz |
| " | 34 | péles | peles |
| 138 | 11 | avêia | aveia |
| 147 | 29 | apôio | apoio |
| 150 | 26 | ambigua | ambígua |
| " | 29 | os operados | as operadas |
| 152 | 1 | a | à |
| 155 | 32 | naturea | natureza |
| 157 | 35 | fosse | fôsse |
| 165 | 22 | o | ao |
| 168 | 1 | Reconhe-se | Reconhece-se |
| 169 | 11 | forem | fôrem |
| 170 | 26 | apôio | apoio |
| " | 33 | foi vinte | foi de vinte |
| 174 | 32 | Graduz | Gradus |
| 175 | 24 | selvagem | selvagens |
| 178 | 14 | espêlho | espelho |
| 183 | 1 | enquato | enquanto |
| 196 | 3 | emprego | emprêgo |
| 199 | 6 | segredos | segrêdos |
| " | 20 | " | " |
| 203 | nota 1 | o resto da frase está incorporado ao texto e é o seguinte: doruri: indispensável. etc. | |

| Página | Linha | Errata | Corrigenda |
|---|---|---|---|
| 204 | 16 | porem | pôrem |
| 209 | 32 | acostumadas | acostumados |
| 212 | 9 | reconhece o dever | reconhece que o |
| 217 | 16 | apôio | apoio |
| 233 | 11 | ambém | também |
| 237 | 38 | segredo | segrêdo |
| " | " | fosse | fôsse |
| 242 | 18 | arrebatando-lhas | arrebatando-lhes |
| " | 19 | da | das |
| 247 | 20 | deixalos | deixá-los |
| 249 | 6 e 8 | imposto | impôsto |
| 254 | 18 | a pastagem | à pastagem |
| 255 | 20 | a rivalidade | à rivalidade |
| 256 | 29 | seu | seus |
| " | 36 | fosse | fôsse |
| 257 | 11 | sa | as |
| " | 29 | à | a |
| 273 | 14 | imposto | impôsto |
| 282 | 13 | classficar | classificar |
| 285 | 5 | começo | comêço |
| 288 | 10 | so | os |
| 289 | 32 | ante | antes |
| 295 | 24 | Mandarix | Mardanix |
| 297 | 14 | famillias | famílias |
| 300 | 33 | dar-lhe | dar-lhes |
| 301 | 15 | retorgrados | retrógrados |
| 304 | 7 | os | o |
| " | 15 | dêses | dêsses |
| 308 | 15 | passa | passo |
| 310 | 23 | pratas | prata |
| 312 | 28 | exetidão | exatidão |
| 318 | 16 | faculade | faculdade |
| " | 28 | forem | fôrem |
| 325 | 7 | reparei | reparai |
| " | 38 | adição | edição |
| 327 | 30 | soberana | soberano |
| 328 | 16 | monstra | mostra |
| 331 | 25 | e em | é em |
| 333 | 26 | satisfeitos | satisfeitos |
| 334 | 29 | engarregado | encarregado |
| 335 | 4 | começo | comêço |
| " | 12 | A | À |
| 336 | 15 | geniralizado | generalizado |
| 341 | 32 | vida, | vida. |
| 344 | 3 e 4 | necesidade | necessidade |
| 347 | 21 e 22 | consodiração | consideração |
| 357 | 6 | cheiques | xeques |
| " | 17 | " | " |
| 358 | 9 | " | " |

| Página | Linha | Errata | Corrigenda |
|---|---|---|---|
| 372 | 8 | suprimir tôda a linha | |
| 381 | 28 | cheiques | xeques |
| 382 | 24 | enntentendimento | entendimento |
| 390 | 34 | establecerm | estabeleceram |
| 396 | 11 | deviam | devia |
| 397 | 29 e 30 | estas duas linhas devem | ser invertidas |
| 402 | 26 | cadi | cádi |
| 403 | 18 | foste | fôste |
| 407 | 23 | pôstos | postos |
| 409 | 37 | Tabium | Tabiun |
| 410 | 32 | necesário | necessária |
| 412 | 3 | bestas | bêstas |
| 423 | 1 | cheiques | xeques |
| 425 | 22 | Penttateuco | Pentateuco |
| 426 | 2 | Espístolas | Epístolas |
| " | 16 | reprensentantes | representantes |
| 435 | 7 | (Ilhas Afortunadas (5) | (Ilhas Afortunadas) (5) |
| " | 21 | Kordadbeh | Khordadbeh |
| 436 | 9 | chga | chega |
| " | 9 e 10 | orienta-se | orientam-se |
| " | 17 | sguem | seguem |
| 437 | 15 | sêres | seres |
| 439 | 7 | do Negros | dos Negros |
| " | 20 | abruptamente | abrutamente |
| 440 | 5 | Abissina | Abissínia |
| " | 33 | eexceção | exceção |
| 443 | 43 | Nnilo | Nilo |
| 445 | 36 | posto | pôsto |
| 449 | 2 | situadas | situada |
| " | 18 | o que | e que |
| 450 | 1 | clmia | clima |
| 451 | 44 | Afulfeda | Abulfeda |
| 452 | 36 | Jaihoum | Jaihoun |
| 453 | 11 | " | " |
| 454 | 22 | Khirkhis | Khirkhiz |
| 459 | 2 | conrecidos | conhecidos |
| " | 29 | Jihán | Jíhan |
| 464 | 16 | Ao Leste | A Leste |
| " | 28 | Pampelona | Pamplona |
| " | 33 | Pampeluna | Pamplona |
| 470 | 24 | Moghrar | Morghar |
| 483 | 32 | Deve-lhe | Deve-se-lhe |
| 485 | 6 | desprezo | desprêzo |
| 486 | 24 | cheikh | xeque |
| 487 | 3 | (1228) E.V. | (1228 EV) |
| 491 | 9 | inspirava | inspiravam |
| " | 21 | cudados | cuidados |
| 493 | 5 | chiekh | xeque |
| " | 21 | Thasil | Tashil |

| Página | Linha | Errata | Corrigenda |
|---|---|---|---|
| 493 | 25 | Thashil | Tashil |
| 494 | 1 | Mutanabi | Mutanabbi |
| 495 | 11 | Cheikh | xeque |
| ,, | 19 | ,, | xeques |
| 496 | 26 | cheiques | xeques |
| 497 | 33 | cerco | cêrco |
| 498 | 9 | Heskura | Haskura |
| 500 | 21 | depeois | depois |
| 501 | 15 | decidid-me | decidi-me |
| 501 | 1 | conrta | contra |
| 505 | 1 | prêso como eu eu | prêso como eu |
| ,, | 18 | estabelceu | estabeleceu |
| ,, | 20 | sobrepticamente | sub-repticiamente |
| 506 | 22 | deposto | depôsto |
| 507 | 27 | preso | prêso |
| 510 | 4 | gurera | guerra |
| 514 | 7 | cedo | cêdo |
| ,, | 34 | ,, | ,, |
| 515 | 23 | indisposto | indispôsto |
| 515 | 33 e 34 | excelentes | excelente |
| 516 | 14 | que me recebeu | me recebeu |
| 518 | 30 | destestava | detestava |
| 519 | 5 | Hoçain | Huçain |
| 520 | 5 | ,, | ,, |
| ,, | 20 | sêbre | sôbre |
| ,, | 38 | supras | supra |
| 524 | 28 | Aulad àaia | Aulad Yahia |
| 525 | 10 | Abu, Zayan | Abu Zayan |
| ,, | 33 | significa | significam |
| 526 | 28 | Abd Al-Azziz | Abd Al-Aziz |
| 527 | 25/27 | de de | de |
| ,, | 21 | sube | soube |
| 528 | 3 | cedo | cêdo |
| ,, | 4 | encontramo-nos | encontrámo-nos |
| ,, | 12 | Rumamos | Rumámos |
| ,, | 19 | utrapassou | ultrapassou |
| ,, | 20/21 | fuções | funções |
| ,, | 22 | posto | pôsto |
| ,, | 32 | exposto | expôsto |
| 529 | 10 | Junho | junho |
| ,, | 14 | na época | (na época) |
| 531 | 19 | disposto | dispôsto |
| 536 | 33 | trôno | trono |
| 542 | 18 | era êstes | eram êstes |
| 543 | 27 | dêle | d'Êle |
| 544 | 33 | mahal | mahmal |
| 547 | 8 | mequita | mesquita |
| 550 | 14 | lugar tenente | lugar-tenente |

Nascido em Túnis, que também foi berço de Santo Agostinho, no ano de 1332, e falecido em 1406, Ibn Khaldun, homem de Estado, intelectual e fidalgo, como inúmeros outros que engrandeceram o Império Árabe no trato do pensamento e das artes, — foi fundamentalmente um pensador; hostoriador, sociólogo, filósofo ou jurista, notabilizou-se pela fôrça criadora e pela capacidade ensaística de seu pensamento.

Escreveu o Barão Carra de Vaux a seu respeito, em "Les Penseurs de l'Islam": "Nunca espírito algum teve concepção mais nítida do que pode ser a Filosofia da História. A psicologia dos povos, as causas de suas variações, o modo de formação e evolução dos Impérios, a diversidade das Civilizações, o que corrompe ou que lhes estorva a marcha, são questões que êle apresenta da maneira mais consciente em sua obra, — "Os Prolegômenos" ou "A Filosofia Social".

Precursor dos sociólogos como dos economistas, diante de sua obra, Baudin se surpreendeu ao verificar o rigor do método, baseado na lei da causalidade, e o número de conceitos expendidos, matéria que sòmente quatro séculos depois seria tratada por Adam Smith. Muito antes que qualquer outro, analisa a divisão do trabalho, e estuda a especialização profissional; admite o caráter produtivo dos serviços, coisa que o próprio Smith não chegou a admitir. E ainda se lhe deve uma teoria sôbre a moeda, sôbre o valor, sôbre a teoria dos fatos econômicos e sobretudo o que a primeira teoria relativa ao "optimun" de população. Historiador da grandeza árabe, foi Ibn Khaldun o primeiro a bater-se pela revisão da História em bases sociológicas: "Os acontecimentos que ocorrem na sociedade humana apresentam caracteres de uma natureza particular, caracteres que não se devem perder de vista quando se tem por tarefa contar os fatos e reproduzir narrativas e documentos relativos às sociedades passadas". "Na confecção e distribuição das matérias dêste livro, adotei um plano original, elaborei um método novo de escrever a História, escolhendo um caminho que certamente surpreenderá o leitor, e seguindo uma marcha e um sistema inteiramente próprios. Ao tratar do que se relaciona com a formação da Sociedade e o estabelecimento da Civilização, estendi-me, com razão, a descrever tudo o que a Sociedade Humana oferece como circunstâncias características. Apontei as causas dos acontecimentos e mostrei por que caminho os fundadores dos Impérios entraram. O leitor, não se achando mais na obrigação de crer cegamente nas narrativas, poderá agora conhecer melhor a História do passado e ficará habilitado a prever os acontecimentos que poderão surgir no futuro".

Isto em fins do século XIV. E dizer-se que ainda hoje a História não se livrou ainda do anedotismo consagrador de pessoalismos que parece terem adquirido cadeiras-cativas no stadium da História...

Êste, o genial pensador árabe Ibn Khaldun, êste o seu pensamento e esta a sua obra — "Os Prolegômenos" ou "A Filosofia Social", que acaba de ser publicada em nosso idioma, em tradução integral e direta do idioma original, pelo ilustre estudioso da cultura árabe, sr. José Khoury, do Instituto Brasileiro de Filosofia, com a colaboração de sua esposa, Prof.ª Angelina Bierrenbach Khoury, Catedrática de Ciências na Escola Normal Alexandre de Gusmão, desta Capital. Uma obra de beneditinos, que a sentiram, viveram e trabalharam pelo espaço de quarenta anos...

O poeta e ensaista Jamil Almansur Haddad, que muito influiu para a publicação da obra (Editora Comercial Safady Limitada — S. Paulo — 1958), em sua breve apresentação, em que ressalta, com justiça, a excelência do texto brasileiro, disse o suficiente para a merecida consagração do sábio Ibn Khaldun e de sua obra:

"Sem falsa modéstia, nem legítima, ficam estas considerações assim como rabiscos que um turista distraido deixa no mármore de um monumento venerável".

(Página Literária de "A Gazeta" de 17 de janeiro de 1959).

DOS MESMOS TRADUTORES
NO PRÊLO

IbN KHALDUN

OS PROLEGÔMENOS

OU

FILOSOFIA SOCIAL

TOMO II E III

EM PREPARAÇÃO

Uma edição em castelhano dos Prolegômenos
de Ibn Kh[illegible]un

La obra de Aben Jaldun, que puede considerarse como "sintesis y compendio de la Cultura musulmana de su tiempo", contiene una Introdución (PROLEGOMENOS) que es un verdadero tratado de sociologia y de doctrina históricas, non superado en importância hasta nuestros dias.

R. Altamira:
Historia de España y de la
Civilización Española, II, p. 360

À Venda

Em tôdas as boas Livrarias.
Caso não encontrar, escrever para a Rua Joaquim Antunes, 132 — São Paulo.